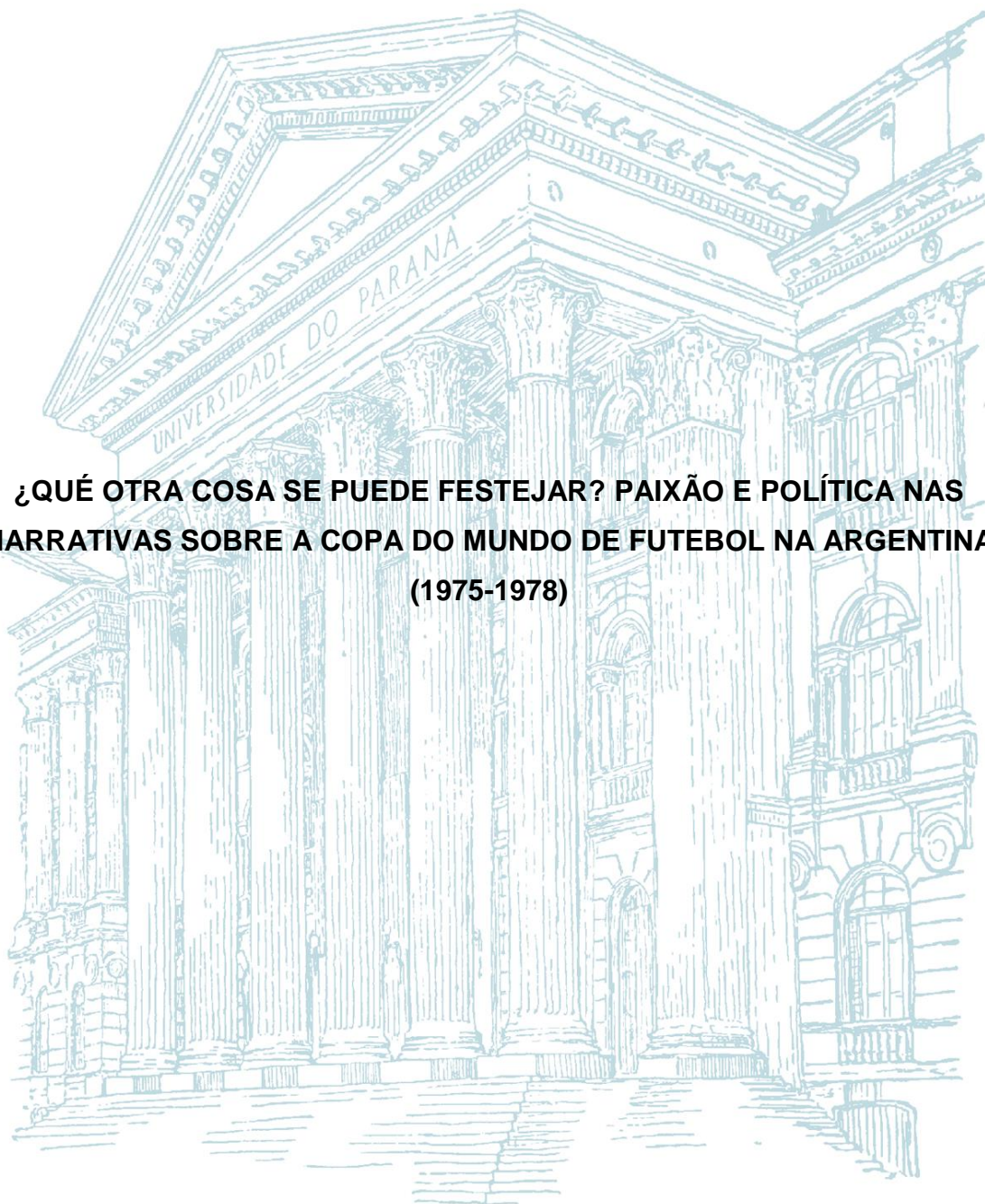


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ERNESTO SOBOCINSKI MARCZAL

**¿QUÉ OTRA COSA SE PUEDE FESTEJAR? PAIXÃO E POLÍTICA NAS
NARRATIVAS SOBRE A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL NA ARGENTINA
(1975-1978)**



CURITIBA

2016

ERNESTO SOBOCINSKI MARCZAL

**¿QUÉ OTRA COSA SE PUEDE FESTEJAR? PAIXÃO E POLÍTICA NAS
NARRATIVAS SOBRE A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL NA ARGENTINA
(1975-1978)**

Tese apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Doutor em História, no
Programa de Pós-Graduação em História, Setor
de Ciências Humanas, da Universidade Federal do
Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro
Co-orientador: Prof. Dr. Pablo Alabarces (UBA)

CURITIBA

2016

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Marczal, Ernesto Sobocinski

¿Qué otra cosa se puede festejar? Paixão e política nas narrativas sobre a Copa do Mundo de Futebol na Argentina (1975-1978) / Ernesto Sobocinski Marczal – Curitiba, 2016. 485 f.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro

Coorientador: Prof. Dr. Pablo Alabarces

Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Ditadura - Latino-Americanos. 2. Esportes e Estado. 3. Copa do Mundo (Futebol) – Sensibilidade e movimento. 4. Paixão – Representação. 5. Futebol – Torcedores - Aspectos sociais. I. Título.

CDD 796.334 64



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.


E-mail: cpghis@ufpr.br **Website:** www.poshistoria.ufpr.br


PARECER DA BANCA EXAMINADORA


Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **ERNESTO SOBOCINSKI MARCZAL** intitulada: **¿Qué otra cosa se puede festejar? : narrativas sobre futebol, política e ditadura ao redor da Copa do Mundo de 1978, na Argentina e no Brasil (1975-1978)**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Doutor em História**.

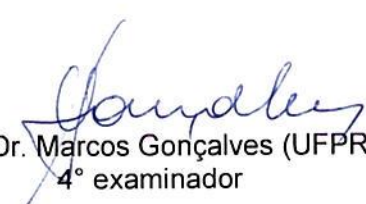
Curitiba, vinte e quatro de agosto de dois mil e dezesseis.


Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro (Orientador)
Presidente da Banca Examinadora


Prof. Dr. Carlos Fico da Silva Júnior (UFRJ)
1º examinador – (via Skype)


Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior (UEPG)
2º examinador


Prof. Dr. Adriano Codato (UFPR)
3º examinador


Prof. Dr. Marcos Gonçalves (UFPR)
4º examinador

AGRADECIMENTOS

Embora a diligência da escrita possa parecer um esforço solitário, o simples ato de escrever configura uma atividade com traços indelevelmente intersubjetivos: escrevemos para alguém e, na maioria das vezes, por alguém. Ainda que o presente estudo apresente uma autoria presunçosamente individual, sua construção deriva de uma experiência coletiva, fruto do intercambio de ideias, sentimentos e convicções. Um processo dinâmico e dialético, cuja tentativa de síntese se condensa nas próximas páginas. Aqueles que permearam, de alguma forma, esse processo são também responsáveis pela concretização desse trabalho. Ciente do risco latente e ingrato do esquecimento, são para alguns desses – graças a quem pude escrever – que dirijo meus sinceros agradecimentos.

A toda minha família pelo apoio e carinho constantes. Principalmente aos meus pais, Rogério e Jurema, e irmão, Eduardo, célula primeira de minha criação, cujo exemplo, estímulo e dedicação são responsáveis por grande parte de minhas convicções enquanto indivíduo. Também deixo uma menção especial a vó Maria que, mesmo em um período de dificuldades e sem lembrar direito o que eu fazia, se orgulhava pelo neto “estar estudando”. Ela continuará viva em minhas memórias.

Seu Moacir, Dona Rose, Marcelo e Flávia: vocês me abraçaram como se sempre houvesse sido um dos seus.

Aos amigos queridos, companheiros, críticos e conselheiros. Sejam aqueles de longa data, dos saudosos tempos de colégio e faculdade, ou aqueles com os quais me deparei no caminho. Vinícius, Fernanda, Nicolas, Mônica, Thaísa, Ivan, Vanessa, Débora, Carol, Osni, Blandina, Jackson, Mari, Cleverson, Carlos e Lêda, são alguns dos presentes até hoje.

Ao Programa de Pós de Pós-Graduação em História da UFPR pela acolhida do projeto e sustentação institucional à sua realização. Ao copo docente, em particular as professoras Ana Paula Vosne Martins, Karina Kosicki Bellotti, Rosane Kaminski e Andréa Doré, cujas disciplinas não só promoveram uma reflexão crítica do projeto, como descortinaram novos horizontes historiográficos. Aos professores Artur Freitas, com quem também tive aulas, e Vinicius Nicastro Honesko que trouxeram importantes questionamentos durante o exercício de qualificação. Também é imperativa a menção a *Dona* Maria Cristina Parzwski, secretária do programa, sempre preocupada em auxiliar nas mais espinhosas questões – honestamente, as vezes em que me salvou de enrascadas burocráticas são seguramente mais numerosas do que consigo me lembrar.

Ao Programa REUNI de Assistência de Ensino e a CAPES pelo amplo fomento da pesquisa. Além das condições privilegiadas das bolsas de estudos, esse apoio também oportunizou a realização de um período sanduíche em Buenos Aires, não só essencial para a investigação proposta, mas uma experiência singular de vivência acadêmica e pessoal.

Aos alunos do PPGHIS, companheiros de estudos, angústias e reflexões com os quais aprendi muito nesses últimos anos. Lembro com carinho dos companheiros das disciplinas de seminário, cuja tônica foi a amizade e a união: Jhonatan, André, Marilane, Néli, Eduardo, Thiago Ernesto, Naymme, Matheus, Sabrina, Pérola, Camila, Flora e Cristiane. Junto desses, Reginaldo e Everton – ou, para mim, Açaí e Perdido –, grandes amigos com quem tive o prazer de compartilhar essa trajetória pela historiografia desde a primeira aula de graduação na Universidade Tuiuti do Paraná.

Pamela, Noemi, Thiago de Paula, Lucas e Luiz Sereza, colegas e amigos que fiz nos corredores, eventos e disciplinas. Destaco também a Liz Andréa que me ajudou muito com as dicas com a bolsa e os atalhos de Buenos Aires.

Ao Professor Pablo Alabarces, da Universidad de Buenos Aires (UBA), pela inestimável orientação durante minha passagem pela Argentina. Para adiante das múltiplas indicações bibliográficas e materiais de pesquisa, me recebeu de braços abertos disponibilizou um diálogo franco decisivo para o desenrolar do projeto. Do mesmo modo, oportunizou espaço para que eu participasse do curso de *Seminario de Cultura Popular y Cultura Masiva*, na *Facultad de Ciencias Sociales* da UBA, uma oportunidade singular no meu esforço de tentar compreender um pouco melhor as particularidades culturais argentinas. Dentre a equipe de professores que integravam a disciplina, ressalto especialmente a professora Malvina Silba, com quem cursei as aulas do segmento de *prácticas* durante o semestre.

Durante essa passagem pelo vizinho platino é imperativa a menção a professora Mara Burkart. Além dos inúmeros materiais cedidos, também permitiu que tivesse acesso a diversas fontes guardadas em sua casa. Também foi por sua iniciativa que pude participar das primeiras reuniões do grupo de estudos *Cultura, Medios y Sociedad en América Latina*.

Aos peladeiros – dos mais variados lugares – que encontrei nos jogos organizados pelo BAFA, onde o futebol se tornou um importante mecanismo de sociabilidade, ajudando a tornar mais alegre a breve permanência desse acanhado curitibano por Buenos Aires.

Aos funcionários e colaboradores dos vários arquivos visitados no decorrer da pesquisa, não apenas pela guarda e conservação das fontes, mas pela presteza e auxílio na busca e compilação dos documentos. Em especial àqueles atuantes na Biblioteca del Congreso de La Nación Argentina, na Biblioteca Nacional de La República Argentina, na Biblioteca del

Círculo de Periodistas Deportivos, no Archivo General de la Nación, no CeDInCI e na Biblioteca Pública do Paraná.

Ao Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade, espaço onde se desenvolveram muitos dos debates e questionamentos dessa pesquisa. Destaco a colaboração em diversos projetos e eventos dos professores André Capraro e Miguel, além dos companheiros Rick, Bruno e Daniel. Em especial reforço a grande parceria da Natasha, na leitura crítica e revisão dos originais.

Aos professores Carlos Fico, Adriano Codato, Marcos Gonçalves e Miguel Archanjo de Freitas Júnior por suas leituras críticas e atentas, bem como às valiosas contribuições durante a defesa.

Ao professor Luiz Carlos Ribeiro. Mais do que o orientador crítico – e muito paciente – desse trabalho, foi seu principal incentivador, presente a cada passo do processo: da laboração do projeto à sua conclusão. Além da minha admiração acadêmica ao pesquisador e educador, não há como expressar plenamente a imensa gratidão ao grande amigo que me acompanhou nesses últimos anos.

E, finalmente, à Priscila, que, mesmo à distância, sempre esteve – e sempre estará – comigo. Sem ela essa jornada simplesmente não teria sentido; e sequer teria sido possível.

RESUMO

A Copa do Mundo de 1978 constituiu um dos exemplos limites das relações políticas tecidas a partir do futebol, durante os regimes autoritários na América Latina. A competição, realizada na Argentina sob a égide do autointitulado *Proceso de Reorganización Nacional*, delimitou um momento de inequívoca aproximação entre a ditadura comandada pela junta militar, então encabeçada pelo tenente-general Jorge Rafael Videla, e o futebol como fenômeno cultural massivo e midiaticado. Em sua configuração específica, mobilizou atenções que se prolongaram temporalmente desde os anos prévios de organização do evento e preparação esportiva das equipes. Também motivou intensos debates políticos e culturais que se propuseram a discutir o país e tensionar as apreciações construídas sobre o esporte para além do território argentino. Reflexões particularmente significativas em ambientes onde o futebol partilhava de singular apreço cultural e popular. Um desses lugares era o Brasil, vizinho sul-americano que vivia as complicações de sua própria ditadura civil-militar – sob uma atmosfera de crescente contestação interna –, almejava um bom desempenho na competição e detinha no futebol um importante elemento de representação imaginária nacional. Em ambos os espaços, os discursos produzidos sobre o futebol e a Copa do Mundo aglutinaram múltiplas leituras políticas que dialogavam com o público e com seus respectivos contextos sociais. Construções que flutuavam desde a adesão ideológica aos projetos autoritários oficiais, até reflexões que reivindicavam atitudes de crítica política e social. Nesse sentido, compreendemos o futebol enquanto importante aglutinador de paixões e afetos que possibilitaram a construção de narrativas polissêmicas. Locuções que buscavam operacionalizar sentimentos e emular a sensação de pertencimento nacional, com objetivos e sentidos distintos, de acordo com os problemas, perspectivas e interesses abordados por seus articuladores. A partir disso, o presente trabalho se propõe a analisar as múltiplas narrativas produzidas sobre o futebol e a Copa do Mundo de 1978 a partir de diferentes suportes documentais, sobretudo alguns veículos da imprensa periódica de cada país. Seja como manifestação cultural e afetiva de grande apelo popular; pressuposto lugar de alienação política, propaganda e instrumentalização; ou espaço inovador na articulação de uma crítica política capaz de sensibilizar os sujeitos dispersos em uma sociedade de massas. Para isso, examinamos discursos variados, textuais e imagéticos, propagados sobre a modalidade esportiva, os respectivos selecionados nacionais e ao evento em si, bem como de que formas tais enunciados se articulavam entre si e com as propostas políticas e ideológicas circulantes na época.

Palavras-chave: Ditaduras Latino-Americanas; Esporte; Sensibilidades; Paixão.

RESUMEN

La Copa del Mundo de 1978 constituye uno de los ejemplos límites de las relaciones políticas tejidas a partir del fútbol durante los regímenes autoritarios en América Latina. La competición cumplida en Argentina, bajo el control del *Proceso de Reorganización Nacional*, ha delimitado un momento de inequívoca aproximación entre la dictadura comandada por la junta militar, encabezada por el teniente-general Jorge Rafael Videla, y el fútbol como fenómeno cultural masivo y mediatizado. En su configuración específica, movilizó atenciones que se alargaron temporalmente desde los años previos de organización del evento e preparación deportiva de los equipos. También ha motivado diferentes debates políticos e culturales que se propusieron a debatir el país y tensionar las apreciaciones construidas sobre el deporte para adelante del territorio argentino. Reflexiones particularmente significativas en ambientes donde el fútbol repartía de singular aprecio cultural y popular. Uno de esos lugares era Brasil, vecino sudamericano que vivía los disgustos de su propia dictadura civil-militar – aún que en un atmósfera de creciente contestación interna –, miraba un buen desempeño en el torneo y tenía en el fútbol un importante elemento de representación imaginaria nacional. En ambos los espacios, los discursos producidos sobre el fútbol y la Copa del Mundo aglutinaron lecturas políticas múltiples que versaban sobre sus respectivos contextos sociales. Construcciones que fluctuaban desde la adhesión ideológica a los proyectos autoritarios oficiales, hacia reflexiones que reivindicaban actitudes de crítica política y social. En ese sentido, comprendemos el fútbol en cuanto fuerte aglutinador de pasiones y afectos, que han posibilitado la confección de narrativas polisémicas. Locuciones que intentaron activar sentimientos y emular la sensación de pertenencia nacional con objetivos y sentidos distintos, de acuerdo con los problemas, perspectivas e intereses abordados por sus articuladores. De esa manera, la presente investigación se vuelve para el análisis de las narraciones producidas sobre el fútbol y la Copa de 1978 a partir de diferentes soportes documentales, sobretudo algunos órganos de prensa de cada país. Sea manifestación cultural e afectiva de grande significación popular; presupuesto lugar de alienación, propaganda e instrumentalización; o espacio novedoso en la articulación de una crítica política capaz de sensibilizar los sujetos dispersos en una sociedad de masas. Para eso, examinamos discursos variados, textuales e imagético, propagados con respecto a la modalidad deportiva, las respectivas selecciones nacionales y al evento, bien como de que formas tales enunciados se relacionaban entre ellos y con las propuestas políticas e ideológicas en circulación.

Palabras clave: Dictaduras Latinoamericanas; Deporte; Sensibilidad; Pasión.

ABSTRACT

The 1978 World Cup is one of the limits examples of political relations established from football, during authoritarian regimes in Latin America. The competition realized in Argentina, under the control of *Proceso de Reorganización Nacional* (National Reorganization Process), has defined a moment of unequivocal approach between the dictatorship led by the military force, represented by Lieutenant-General Jorge Rafael Videla, and football as massive cultural phenomenon. In its specific configuration, the *Proceso* mobilized attentions temporarily lengthened from previous years of sports event organization and preparation of equipment. It has also motivated different political and cultural debates proposed to discuss the country and question the constructions about the sport beyond argentine territory. Significant reflections in environments where football spread out unique cultural and popular appreciation. One of those places was Brazil, South American neighbor that lived the troubles of its own civilian-military dictatorship, but looked for good performance in the tournament and had in football an important element of imaginary national representation. In both spaces, discourses produced about soccer and the World Cup put together many political readings, which dialogued with their respective social contexts. Constructions that ranged from ideological adherence to official authoritarian projects, even to reflections that demanded political and social criticism. In that sense, we understand football as a strong unifying of passions and emotions, which have enabled the production of polysemic narratives. Locutions that activated feelings and tried to emulate the impression of national belonging with goals and different ways, according to the problems, perspectives and interests addressed by their articulators. Thus, this research proposes for analysis of the narratives produced about soccer and the 1978 World Cup, from different documentary media, especially certain newspapers in each country. As a cultural and emotional manifestation of great popular significance; as a place of alienation, propaganda and manipulation; or as new space in the articulation of a political criticism able to sensitize the scattered individuals in a mass society. For that, we examined a sort of textual and imagetic discourses, published about the sport, the respective national teams and the event, as well as that forms such statements were related among themselves and with the political and ideological proposals in circulation.

Key words: Latin American Dictatorship; Sport; Sensitivities; Passion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O futuro presidente em <i>Veja</i>	107
Figura 2 – Capa de <i>Veja</i> de 31 de março de 1976.	113
Figura 3 – As tropas em Buenos Aires.	114
Figura 4 – No dia do golpe, assistindo ao futebol.	115
Figura 5 – O golpe em <i>Manchete</i>	117
Figura 6 – Menotti, Ardiles, Gallego e Carrascosa, em frente à estátua de Lênin.	137
Figura 7 – Dr. Alfredo Cantilo assume a presidência da AFA.	140
Figura 8 – Tras la muerte del General Actis.	150
Figura 9 – El Diario del Mundial n. 1, 31 ago. 1976.	156
Figura 10 – Quatro vezes Havelange.	159
Figura 11 – Boletins n. 1 e n. 2 do EAM’78.	164
Figura 12 – Havelange se reúne com Videla.	166
Figura 13 – Lacoste no Comitê Organizador do Mundial na FIFA.	167
Figura 14 – 25 millones jugaremos el Mundial.	173
Figura 15 – Campanha EAM e Coca-Cola.	175
Figura 16 – El país también juega en la tribuna.	176
Figura 17 – El Juego del Poder em <i>Chaupinela</i> n. 18.	182
Figura 18 – Caricaturas de Munoz e Panzeri em <i>Chaupinela</i> n. 20.	183
Figura 19 – ¡Deporte es salud!	183
Figura 20 – TV Color.	184
Figura 21 – Relatório Anistia Internacional sobre a Argentina – 1976.	207
Figura 22 – Capa e contracapa de encarte da Anistia Internacional com motivo do Mundial de 1978.	210
Figura 23 – Desenho representado a proximidade entre o Monumental de Nuñez e a ESMA.	211
Figura 24 – Proceso n. 81.	232

Figura 25 – Videla por Pancho, Efrén e Naranjo.	234
Figura 26 – Emblema da Copa do Mundo de futebol de 1978.	236
Figura 27 – Capa do Pasquim n. 465.	236
Figura 28 – No me tortures, por favor.	238
Figura 29 – No me tortures, por favor II.	239
Figura 30 – No me tortures, por favor III.	239
Figura 31 – No me tortures, por favor IV.	240
Figura 32 – Minuto de silêncio.	241
Figura 33 – Marcon.	242
Figura 34 – Imagens dos movimentos pelo boicote em <i>Veja</i> n. 502.	246
Figura 35 – A Copa Armada em <i>Movimento</i> n. 152.	249
Figura 36 – Cartaz de Montoneros e caricatura de Videla em <i>Movimento</i>	251
Figura 37 – 6 campos de futebol, 60 de concentração.	252
Figura 38 – Campanha “ <i>Defienda su Argentina</i> ” da revista <i>Para Ti</i> em <i>Somos</i>	255
Figura 39 – Capa de <i>Somos</i> n. 82.	255
Figura 40 – A carta de <i>Gente</i>	258
Figura 41 – Reportagem de <i>Gente</i> com os “jefes de la campaña antiargentina” do COBA em Paris.	258
Figura 42 – Pasta da Comisión Especial Mundial 78 do MPM.	262
Figura 43 – <i>La cara del Mundial: El Gráfico</i> anuncia o mascote oficial para 1978, maio 1977.	263
Figura 44 – O pampita montonero em duas ocasiões.	263
Figura 45 – Frente e verso da tabela de jogos confeccionada por MPM.	264
Figura 46 – <i>Estrella Federal</i> n. 4, abr. 1978.	265
Figura 47 – Do tipo “seleção”.	270
Figura 48 – Laerte e a linguagem de Coutinho.	280
Figura 49 – Quadrinho de Laerte à Placar n. 376.	281
Figura 50 – Laerte e o “torcedor” Heleno Nunes na fase final das eliminatórias.	282

Figura 51 – Coutinho fica (Isso é uma ordem).....	283
Figura 52 – Caricatura de Menotti por Perez D’Elías em <i>Chaupinela</i> n. 18, set. 1975.	308
Figura 53 – El equipo paralelo.	312
Figura 54 – Questionamentos a seleção nas capas de Goles n.1517, 1518 e 1519.	314
Figura 55 – Capa de <i>Somos</i> n. 74.	325
Figura 56 – Contrapontos da residência de Alemann com a partida entre Argentina x Peru em <i>Gente e Siete Dias</i>	334
Figura 57 – Tabela com os gastos do EAM e o comparativo com a Copa de 1982 publicado em <i>Gente</i>	334
Figura 58 – Reinaldo nas capas de <i>Movimento</i> n. 140 e n. 144.....	337
Figura 59 – <i>El Gráfico</i> a um dia do início do torneio.....	354
Figura 60 – A Argentina de Laerte em <i>Veja</i>	360
Figura 61 – estudantes reproduzem a logo do torneio durante a cerimônia de abertura, 1 jun. 1978.	361
Figura 62 – Apesar de.....	363
Figura 63 – Punto final.	371
Figura 64 – Capas de <i>Somos</i> n. 90 e <i>Gente</i> n. 672.	372
Figura 65 – As manifestações contra Coutinho na capa e no artigo de <i>Veja</i> n. 510.	374
Figura 66 – O tiro de Videla saiu pela culatra.	380
Figura 67 – Capa <i>Pasquim</i> n. 466; capa e contracapa <i>Pasquim</i> n. 467.....	386
Figura 68 – Exemplos de uso da logomarca do Mundial pelos cartunistas do <i>Pasquim</i>	388
Figura 69 – Agner.....	389
Figura 70 – A logo da Copa convertida em representação dos campos de concentração.	390
Figura 71 – Ziraldo.....	391
Figura 72 – Nani.....	392
Figura 73 – <i>Pasquim</i> -novela: Zecão.	394
Figura 74 – <i>Pasquim</i> -novela: Um povo em convulsão.....	395
Figura 75 – Cláudio Paiva.	396

Figura 76 – Daniel Senise.	397
Figura 77 – Pingente: Mafalda e Pelézinho.	398
Figura 78 – Futebol e o cenário sociopolítico nacional.	399
Figura 79 – Futebol e alienação.	400
Figura 80 – Capa do <i>Pasquim</i> n. 468.	400
Figura 81 – Limura.	403
Figura 82 – O mundial em <i>Hum</i> ® n. 1.	404
Figura 83 – El Gordo Muñoz sob o olhar dos cartunistas de <i>Hum</i> ®.	405
Figura 84 – Las fantasias del mundial.	406
Figura 85 – Capa de <i>Hum</i> ® n. 1: Menotti de Hoz.	407
Figura 86 – Clemente e os símbolos do Mundial.	409
Figura 87 – <i>Los papelitos</i> de Clemente.	410
Figura 88 – Sugestões a Masotti.	411
Figura 89 – Un antes y un despues del Mundial.	412
Figura 90 – Clemente e a campanha contra a Argentina.	412
Figura 91 – Ni de arquero.	413
Figura 92 – Aos sociologizadores do futebol: ¿Qué otra cosa se puede festejar?	413
Figura 93 – El Mundial de la especulación, 21 jun. 1978.	417
Figura 94 – El grito de la junta.	418
Figura 95 – <i>Gente</i> e a classificação argentina.	419
Figura 96 – <i>Somos</i> retrata Kissinger em Rosário: “um hincha más del equipo”.	420
Figura 97 – Shuto e a classificação argentina.	423
Figura 98 – Les afanamos el carnaval.	424
Figura 99 – Clemente após a classificação, 22 jun. 1978.	424
Figura 100 – Jaguar e a frase de Coutinho.	428
Figura 101 – Hélio.	429
Figura 102 – Que lindo es no ser campeón moral, 30 jun. 1978.	432

Figura 103 – Mañana damos el idiosincrazo, 20 jun. 1976.....	439
Figura 104 – Videla entrega a taça ao capitão da seleção argentina.	440
Figura 105 – Clemente no painel eletrônico da final: ¡tiren papelitos muchacos!	441
Figura 106 – Capas de <i>Goles</i> e <i>El Gráfico</i> ; capa e contra-capas de <i>Gente</i>	442
Figura 107 – Capa de <i>Somos</i> n. 93: un país que cambió.....	443
Figura 108 – Videla e os estudantes em <i>Somos</i> e <i>Gente</i>	444
Figura 109 – Cuando el fútbol reencontró al país.	447

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
 1 POR UMA INVESTIGAÇÃO POLÍTICO-AFETIVA DO FUTEBOL	43
1.1 O FUTEBOL SOB UMA INVESTIGAÇÃO AFETIVA E (INTER)SUBJETIVA	48
1.2 PERTENCIMENTO E IDENTIDADES: O FUTEBOL ENTRE APRECIACÕES CRÍTICAS DO SUJEITO E O LUGAR COMUM.....	58
1.3 O FUTEBOL COMO UM CATALIZADOR AFETIVO DAS MASSAS NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	70
 2 A DISPUTA PELA COPA MUITO ANTES DA COPA: DA ESCOLHA DA ARGENTINA COMO SEDE ÀS DÚVIDAS SOBRE SUA REALIZAÇÃO ÀS VÉSPERAS DO GOLPE	83
2.1 A ESCOLHA DA ARGENTINA PARA O MUNDIAL: UM DESEJO ANTIGO E PERONISTA	84
2.2 À BEIRA DO GOLPE: A COPA DO MUNDO NA REVISTA <i>EL GRÁFICO</i> NOS PRIMEIROS MESES DE 1976.....	95
 3 DA COPA NA ARGENTINA À COPA DA ARGENTINA: A IRRUPÇÃO DO GOLPE E A REIVINDICAÇÃO PÚBLICA DO MUNDIAL COMO UMA TAREFA DE ESTADO.....	105
3.1 UM MOVIMENTO ESPERADO: O GOLPE DE 24 DE MARÇO E A INSTALAÇÃO DO <i>PROCESO DE REORGANIZACIÓN NACIONAL</i>	105
3.1.1 No Brasil: a recepção imediata de <i>Veja</i> e <i>Manchete</i>	112
3.2 FALANDO DESPORTIVAMENTE: AS RECEPÇÕES DE <i>EL GRÁFICO</i> E <i>GOLES</i> E O DISCURSO PÚBLICO DA INTERVENÇÃO (AUTORITÁRIA) NO MUNDIAL	121
3.3 UM PASSO IMEDIATO: A REORGANIZAÇÃO DA AFA	128
3.4 A MATERIALIDADE DE UMA DECISÃO POLÍTICO-PÚBLICA: O EAM'78	142
 4 POR QUE (NÃO) DEVEMOS FAZER O MUNDIAL 78? AMOSTRAS DO EMBATE PÚBLICO SOBRE A REALIZAÇÃO DA COPA DO MUNDO NA ARGENTINA	171

4.1 NO MUNDIAL VOCÊ JOGA DE ARGENTINO: UMA AMOSTRA PUBLICITÁRIA DA NARRATIVA OFICIAL.....	172
4.2 UM PRECEDENTE IMPORTANTE: O DEBATE MUÑOZ X PANZERI.....	178
4.3 PANZERI X LACOSTE: LIÇÕES DE UM DEBATE NÃO PÚBLICO	194

5 PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS: O MUNDIAL DE 1978 ENTRE O BOICOTE E A CAMPANHA ANTI-ARGENTINA207

5.1 A EXPERIÊNCIA DO BOICOTE: A MOVIMENTAÇÃO DE UM DEBATE SENSÍVEL DESDE A EUROPA.....	212
5.1.1 Para além da França: algumas leituras sobre o boicote da imprensa internacional	225
5.2 NO BRASIL: ALGUNS EXEMPLOS DA RECEPÇÃO AO BOICOTE	235
5.2.1 Veja e Movimento.....	243
5.3 A DITADURA E A SUBVERSÃO CONTRA O BOICOTE: É PRECISO MOSTRAR A VERDADEIRA ARGENTINA	254

6 CONTRASTES ENTRE BRASILEIROS E ARGENTINOS: LEITURAS SOBRE COUTINHO E MENOTTI PELA IMPRENSA ESPORTIVA269

6.1 ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA: NARRATIVAS SOBRE O PROFESSOR COUTINHO.....	272
6.2 <i>EL FLACO</i> MENOTTI: O <i>PROCESO</i> PARA RECUPERAR <i>LA NUESTRA</i>	284
6.2.1 As narrações políticas de Menotti: entre a convivência com a ditadura e a despolitização do futebol	291
6.3 MENOTTISMO, IMPRENSA E DITADURA	299
6.4 NEM TODOS ERAM MENOTTISTAS: OS EXEMPLOS DE PANZERI, MOUZO E DE <i>GOLES</i> DE ROLANDO HANGLIN	306

7 ÀS VÉSPERAS DO MUNDIAL: O DISSENSO POLÍTICO NAS APRECIÇÕES PÚBLICAS DE JUAN ALEMANN E REINALDO319

7.1 UMA VOZ OPOSITORA? JUAN ALEMANN E O MUNDIAL INFLACIONÁRIO ...	320
7.2 UMA VOZ DISSONANTE CAPITANEADA PELA IMPRENSA BRASILEIRA: O CASO REINALDO.....	335
7.3 PARALELOS NARRATIVOS ARGENTINOS: CARRASCOSA, ALONSO E MARADONA	349

8 ARGENTINA 1978: NARRAÇÕES POLÍTICAS SOBRE O FUTEBOL	353
8.1 UMA FESTA MIDIÁTICA: A PREOCUPAÇÃO COM A IMPRENSA E A CERIMÔNIA DE ABERTURA.....	353
8.2 POLÍTICA E FUTEBOL NAS NARRAÇÕES DA PRIMEIRA FASE DA COPA NO BRASIL E NA ARGENTINA	364
8.3 O FUTEBOL COMO ESPAÇO DE DISCUSSÃO POLÍTICA NA IMPRENSA BRASILEIRA: <i>VEJA</i> , <i>MOVIMENTO</i> E <i>PASQUIM</i>	377
8.3.1 Pasquim: a estética política dos cartuns	385
8.4 APRECIACÕES DISSONANTES DESDE A ARGENTINA: OS CASOS DE <i>HUM</i> ® E CLEMENTE.....	401
8.4.1 Caloi e Clemente: alegria popular e <i>papelitos</i>	408
 9 NARRATIVAS DE ÊXITO E FRACASSO: O FINAL DO MUNDIAL DE 1978 E SEUS PROLONGAMENTOS POLÍTICOS NO BRASIL E NA ARGENTINA.....	415
9.1 UM EMBATE DE NARRATIVAS E PAIXÕES: ENTRE O 6x0 E O CAMPEONATO MORAL.....	415
9.2 ARGENTINA X PERU: A RESSIGNIFICAÇÃO POLÍTICO-AFETIVA DAS NARRATIVAS SOB O ESPECTRO DA MEMÓRIA.....	432
9.3 <i>¡ARGENTINA CAMPEÓN!</i> : REIVINDICAÇÕES NARRATIVAS DE UMA VITÓRIA NACIONAL	439
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	455
 FONTES	465
 REFERÊNCIAS	470

INTRODUÇÃO

O intervalo compreendido entre as décadas de 1960 e 1980 abrange um recorte simultaneamente paradigmático e terrível na história recente dos países latino-americanos. Envolto no contexto mais amplo das disputas político-ideológicas da Guerra-Fria, diversos países na porção sul do continente americano se depararam com a radicalização de seus próprios embates internos, com a eclosão de regimes ditatoriais civis-militares. Casos, por exemplo, do Paraguai (1954-1986), Brasil (1964-1985), Uruguai (1973-1985), Chile (1973-1990) e, em duas ocasiões, a Argentina (1966-1973 e 1976-1983).

Sem desconsiderar as singularidades espaço-temporais de cada país, a imposição de governos autoritários, mantidos com o emprego latente da violência, constituiu um traço comum. O que não significa dizer que tenham se estabelecido à revelia de um consentimento mínimo, já que não raramente sua introdução foi acompanhada de suporte de significativas parcelas da sociedade civil. As ditaduras inauguradas no Brasil e na Argentina, respectivamente em 1964 e 1976, conformam duas conjunturas em que constatamos a confluência dessas configurações.

Resguardadas as especificidades históricas de cada localidade, em ambos os casos, verificamos a busca por mecanismos de aproximação e legitimação junto à população, recorrentemente alinhados aos intentos de disciplinamento político-moral da sociedade. Em diferentes circunstâncias, o futebol, como fenômeno cultural massivo de particular apreço popular¹, foi foco de discursos que pretendiam emular essa legitimidade.

É justamente sobre as construções discursivas em torno de um desses momentos, que nos debruçaremos no decorrer desse trabalho. Mais especificamente, direcionamos nosso olhar para uma das experiências mais emblemáticas na relação futebol/política no período: a Copa do Mundo de Futebol de 1978. Naquele ano, o torneio quadrienal de seleções da FIFA² se desenrolou na Argentina, em um evento que não foi notabilizado somente pelo mérito da disputa travada nos gramados, mas particularmente pelos enlacs políticos que circundaram a competição, no cenário de sua realização, e se propagaram para muito além dele.

Desde 24 de março de 1976, o país platino encontrava-se sob o comando de uma junta militar formada pelo brigadeiro Orlando Ramón Agostí, o almirante Emilio Eduardo Massera e o tenente-general Jorge Rafael Videla, o qual também ocupava a cadeira de presidente. A implantação e manutenção da ditadura ocorreu sob a difusão da violência,

¹ GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni Lahud. (Org.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.

² Federação Internacional de Futebol Associado.

sobretudo no embate com organizações de esquerda e luta armada, tanto peronistas quanto socialistas, dando continuidade a diversas ações repressivas, que precederam o próprio golpe em vias institucionais e marginais.³

Embora a escolha da sede tenha ocorrido anos antes⁴, o mundial figurava como uma oportunidade ímpar para a administração militar recém-instituída. Mais do que a eventual conquista caseira de um título inédito, o reconhecimento de uma organização competente, com forte apoio popular e sem contestações flagrantes, serviria para demonstrar a capacidade de realização argentina, sob a administração do autointitulado *Proceso de Reorganización Nacional*⁵. Sob essa ótica, o governo gozava não apenas da expectativa de capitalizar o frenesi popular ao redor da festa futebolística e da seleção local, como da condição de anfitriã, algo que tomou para si como uma responsabilidade de Estado⁶.

Entretanto, em um movimento contrário ao planejado pela oficialidade, a competição também oportunizou a manifestação de vozes dissonantes, ao proporcionar uma maior visibilidade para manifestações contestatórias, principalmente desde o exterior, onde os debates em torno das violações aos direitos humanos e abusos repressivos encontraram novo folego no embalo da atenção angariada pelo Mundial, gerando uma vasta apreciação pública de temáticas sensíveis e uma incômoda politização do evento.

Sincronicamente, no Brasil, desdobrava-se a administração do general Ernesto Geisel e cresciam os questionamentos e pressões sociopolíticas internas ao hiato autoritário, imposto desde 1964. Diferentemente do contexto verificado no colega fronteiriço, rascunhava-se um processo de abertura política, no qual acenava-se com o recuo do aparato repressivo, a atenuação da ação censória e o debate em torno da anistia⁷. Os órgãos de imprensa reverberavam o eco público de movimentos contestatórios ao regime e experimentavam a possibilidade de adotar uma postura oposicionista mais contundente, inclusive entre veículos ideologicamente afinados com as lideranças militares, mas saturados do afastamento da sociedade civil das instâncias de comando político institucional.

³ NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. *A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: do Golpe de Estado à Restauração Democrática*. São Paulo: Edusp, 2007.

⁴ GILBERT, Abel; VITAGLIANO, Miguel. *El terror y la gloria: la vida, el fútbol y la política en la Argentina del Mundial 78*. Buenos Aires: Norma, 1998. p. 11; AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 174.

⁵ NOVARO; PALERMO, 2007, p. 202-208.

⁶ ARCHETTI, Eduardo. El mundial de fútbol de 1978 en argentina: victoria deportiva y derrota moral. *Memoria y Civilización*, n. 7, p. 175-194, 2004.

⁷ Apesar de muito reivindicada, a lei da anistia só foi lançada em agosto de 1979. A conturbada medida permitia o retorno de exilados, libertava prisioneiros políticos e absolvía os crimes tanto de militantes da luta armada quanto de agentes da repressão. ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-84)*. Baurio: Edusc, 2005. p. 320-321.

Entretanto, esse processo de distensão escamoteava o projeto de institucionalização do regime, com a incorporação dos mecanismos de controle político centralizados no poder executivo, delineados ao longo da ditadura, ao aparato jurídico do país. Desse modo, o processo de transição com vistas a implantação de uma democracia liberal, mesmo permeado de tensões, desenvolvia-se sob o olhar atento e esforço de regulação da ditadura. Exemplo disso é que, desde o início de 1978, debatia-se a confirmação do general João Baptista Figueiredo como sucessor de Geisel, com a manutenção da presidência sob o rígido comando militar para os próximos anos.⁸

Neste contexto específico, a competição no país vizinho não passou incólume. Frente à ampla significância cultural desfrutada pela modalidade e o interesse sobre a participação do selecionado brasileiro, a Copa fomentaria diversas leituras políticas através da metáfora esportiva, tanto em vista da conjuntura brasileira quanto do quadro visualizado na Argentina.

Cabe destacar que nas leituras comumente produzidas sobre esses cenários, o futebol foi muitas vezes compreendido como um elemento sob a tutela autoritária, cuja única apreensão de sentido político residia na condição inerente da alienação e da instrumentalização. Sob essa compreensão restritiva, alimentada por parte das críticas proferidas pela esquerda, delimitava-se que a politização dos sujeitos com relação ao esporte se dava predominantemente no sentido de sua negação e enfrentamento. Contudo, tal acepção não pode ser seguida como uma via única. A submissão automática dos sentidos políticos do futebol à simples ingerência dos Estados autoritários não só limita a análise, como descarta o próprio exame histórico de eventos como a Copa de 1978. Uma avaliação prévia, cujos riscos incidem na negligência de outros atores sociais, na ignorância de diferentes narrações e significados elaborados sobre o esporte e o mundial, bem como seus imediatos embates políticos.

A delimitação de um escopo de análise, estendido a essas conjunturas, se assenta sobre a possibilidade de efetuar uma investigação comparativa e multifacetada a respeito das articulações políticas delineadas junto ao futebol, em espaços nos quais sua prática adquiriu significativa conotação social e cultural. No caso, observa-se o Brasil e a Argentina como lugares em que essa modalidade desportiva foi incorporada enquanto elemento cultural tradicional⁹, cujo desenvolvimento histórico foi acompanhado de uma crescente e profícua mobilização afetiva, ressignificada e enquadrada como representante de perspectivas

⁸ NAPOLITANO, M. *História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

⁹ HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

identitárias nacionais¹⁰. Junto a isso, além das similaridades dos contextos ditatoriais militares, tal aproximação se fundamenta na participação de suas seleções no mundial de 1978, ponto culminante deste estudo, inclusive com o enfrentamento direto e decisivo entre as equipes, e pelo amplo interesse despertado pelo evento.

Sob esse viés, as competições da Copa do Mundo, em distintos momentos e sob variadas acepções, surgem como ocasiões exemplares na manifestação e exaltação de uma suposta nacionalidade¹¹. O torneio que envolve as diversas seleções mundiais se consolidou no decorrer do século XX, como palco para as manifestações de torcidas em todo o mundo, seja nos estádios, nas ruas, com os ouvidos colados ao rádio ou os olhos grudados em frente à televisão. Este apelo com as massas não contribui somente para o espetáculo esportivo, mas em diferentes momentos desempenha outras funções, exaltando personagens, símbolos, evocando certo sentimento nacionalista e servindo, inclusive, como instrumento de legitimação à determinada instituição política ou instância de poder¹².

Tanto o aspecto da tradição, quanto os valores culturais apregoados ao futebol estão presentes nas narrativas sobre a XI Copa do Mundo. O mundial de 1978 serviu como espaço de manifestação e interpelação políticas para brasileiros e argentinos, ainda que sob óticas distintas. Para os donos da casa, o torneio sinalizava não apenas um momento de triunfo e celebração desportiva, com a obtenção do primeiro título¹³, mas também de um incontornável debate ético-moral ao redor da conjuntura política vigente, com a implantação de um governo

¹⁰ ALABARCES, Pablo. Do que hablamos cuando hablamos de deporte? *Nueva sociedad*, 154, p. 74-86, mar. / abr. 1998; ARCHETTI, E. El Potrero y el Pibe. Territorio y Pertenencia en el Imaginario del fútbol Argentino. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 259-282, jul./dez. 2008.

¹¹ GASTALDO, Édison. *Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002. p. 23-24.

¹² Nesses termos, é interessante recuperarmos a análise realizada por Hobsbawm, em “Nações e Nacionalismo”, que, mesmo datada, traz uma síntese rica e competente sobre o desenvolvimento das competições esportivas em espaços de confrontação e afirmação de nacionalidades: “Entre as guerras, porém, o esporte internacional tornou-se, como George Orwell logo notou, uma expressão de luta nacional, com os esportistas representando seus Estados ou nações, expressões fundamentais de suas comunidades imaginadas. Foi nesse período que o *Tour de France* acabou dominado por times nacionais, que a Copa Mitropa fez se defrontarem os times líderes dos Estados da Europa central, que a Copa do Mundo foi introduzida no meio futebolístico e, como demonstrou o ano de 1936, que os jogos Olímpicos se transformaram indubitavelmente em ocasiões de auto-afirmação nacional. O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar com a nação, simbolizada por jovens que se destacavam naquilo que praticamente todo o homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz. A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time com onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação”. HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 171.

¹³ À luz da memória, a campanha foi recorrentemente questionada sobre a legitimidade dos resultados obtidos em campo. Mais especificamente, nos jogos da equipe na segunda fase da competição, em especial o célebre 6 x 0 contra o Peru, que definiu a classificação argentina para a final em detrimento do selecionado brasileiro. Até hoje, o resultado é motivo de polêmicas e desconfianças quanto a injunções externas, para garantir a necessária vitória para a seleção alviceleste.

militar ditatorial em 1976, em pleno processo de organização do país para recepcionar a competição. Entre os brasileiros, observa-se um novo fracasso após a conquista do tricampeonato em 1970, em paralelo ao desgaste da longa ditadura militar, estabelecida desde 1964 e de seu questionamento crescente.

A partir destes cenários, a pesquisa se propõe a analisar os significados e representações políticas articuladas a partir do futebol nesses dois países, diante dos contextos políticos singulares em questão. Nesse sentido, tendo em vista os recortes já estabelecidos, poderíamos dizer que este estudo se desenrola a partir de uma pergunta abrangente e um tanto genérica: quais foram as leituras e narrações políticas propagadas sobre o futebol e a Copa do Mundo de 1978 nesses espaços?

Como um caminho viável para confrontar algumas dessas narrações, voltamo-nos para a investigação, como suporte documental privilegiado, dos enunciados e imagens proferidos por determinados veículos de mídia impressa, entendendo-os como alguns dos lugares de atribuição e articulação de representações¹⁴ sobre o esporte junto à população. Tal como outros aparelhos de comunicação massiva – notadamente o rádio e a televisão¹⁵ –, os veículos impressos também mediavam a relação entre o esporte e a população. Configuravam-se como espaços de construção – consciente ou não – e de reprodução – intencional ou não – de imagens políticas e ideológicas sobre os mais diversos temas e aspectos da vida social do período, incluídos aí o futebol, a Copa do Mundo, e os cenários político-sociais em vigor nos dois países. Desse modo, o presente estudo se desenvolve, principalmente, como uma investigação sobre as narrativas políticas produzidas e propagadas por parte dos veículos de imprensa em circulação no período. Ao nos debruçarmos sobre as construções discursivas e locuções públicas dessa imprensa, ela própria passa a figurar como objeto privilegiado desse trabalho, assim como as relações entre futebol e política com as quais interage constantemente. Assim, podemos reconfigurar a abrangente pergunta inicial em um problema melhor lapidado: inquirir os principais modos político-discursivos de parcela da imprensa periodística argentina e brasileira referentes ao esporte e a Copa de 1978.

A partir desses recortes, delimitamos algumas questões mais específicas que norteiam o desenvolvimento desse trabalho: quais foram os discursos elaborados sobre o futebol e o mundial? Suas proposições estão em consonância com a construção político-

¹⁴ CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

¹⁵ Embora o recorte desse estudo tenha se estabelecido sobre os veículos de mídia impressa, até mesmo pela dificuldade de abordar adequadamente uma gama tão variável de fontes e pelo melhor acesso a documentação periódica nos arquivos, as abordagens produzidas pelos meios televisivos e radiofônicos ainda são carentes de análises, de forma a constituir uma importante e desafiadora lacuna a ser explorada.

cultural de uma identidade nacional correlata ao futebol? As interpretações construídas nos cenários brasileiro e argentino se assemelham entre si? De que modo o discurso, as imagens e as representações proferidas por estes veículos de imprensa convergem ou divergem do conjunto político-ideológico vigente nos dois países? Como se desenvolve o processo de apropriação e inter-relação simbólica entre as esferas política e esportiva, a partir das narrativas proferidas pelos diferentes veículos selecionados?

Com base nessas considerações, o presente estudo se volta para a análise das correlações políticas do futebol entre 1975 e 1978, no Brasil e na Argentina. Mais especificamente, preocupa-se com a investigação dos discursos articulados sobre a modalidade esportiva e a Copa do Mundo de 1978, em diferentes suportes e perspectivas, sobretudo aqueles postos em circulação por distintos veículos de mídia impressa presentes em cada país.

Como indicam algumas das reflexões propostas por Ribeiro¹⁶, são justamente as dimensões afetivas e subjetivas os fatores preponderantes aos usos e desdobramentos políticos correlatos ao futebol, sobretudo nas relações firmadas com atores localizados fora da estrutura esportiva. É o caso de instituições diversas, tais como governos e partidos, além de outras agrupações, que se acercam do esporte como um meio para promover seus projetos e capitalizar o apoio popular. Afinal, não são apenas os resultados ou os títulos decididos em campo os responsáveis em si pelo potencial político do futebol, mas, sobretudo, as reações que suscitam junto à população. Desse modo, a aproximação de atores externos, destacadamente o Estado, se situa antes nos termos de uma gestão dos afetos, emoções e paixões¹⁷, do que uma manipulação desmesurada dos sujeitos. Os laços políticos tecidos a partir do futebol se situam em uma rede relacional, permeada por múltiplos nós e pontos de tensão, ao revés de uma disposição linear de forças, onde o processo se situaria sob a rigidez do trinômio: apropriação, ressignificação, imposição.

Porém, ainda que os estudos venham buscando outras formas de interpretação política do futebol, não escapam de uma compreensão restritiva. A percepção dicotômica

¹⁶ RIBEIRO, Luiz Carlos. O futebol no campo afetivo da história. *Movimento*, Porto Alegre, vol. 10, n.3, p. 99-111, set./out. 2004; _____. Futebol: por uma história política da paixão nacional. *História: Questões & Debates*, Curitiba, Ed. UFPR, n. 57, p. 15-43, jul./dez. 2012.

¹⁷ ANSART, Pierre. Em defesa de uma Ciência Social das paixões políticas. *História: Questões & Debates*. Curitiba, Ed. UFPR, v.17, n. 33, p. 145-162, jul./dez. 2000.

entre a razão e a paixão, com uma nítida supremacia da primeira sobre a segunda, ainda mantém um enraizamento predominante, de maneira a sufocar a dispersão de outras probabilidades de compreensão. Mesmo com a ciência da abrangência da experiência política do futebol, sua apreciação permanece majoritariamente restrita a alguns momentos limites, em particular aos contextos ditatoriais e autoritários¹⁸.

Os quadros totalitários, verificados na Itália fascista de Mussolini e na Alemanha nazista de Hitler, ainda são guardados como exemplos paradigmáticos, basilares na apreciação de outros momentos, em particular daqueles compreendidos entre as ditaduras vigentes em variados países sul-americanos, ao longo da segunda metade do século XX.

Nas duas conjunturas citadas, a ação do Estado sobre o universo esportivo, e não apenas sobre o futebol, é resumido em movimento vertical, de cima para baixo, normalmente desprezando a perspectiva de outros atores e o envolvimento da própria sociedade. Os dois eventos centrais nesta linha de análise são, respectivamente, a Copa do Mundo de 1934, realizada na Itália e vencida pela seleção local, e os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936. Ambos são destacados como situações em que o uso político do esporte foi pleno e efetivo, submisso aos interesses dos Estados totalitários em vigor, seu projeto ideológico de propaganda e mobilização popular.

Essa mesma percepção pode ser visualizada em muitas das análises produzidas a respeito da Copa do Mundo de 1978. Por mais que o tema tenha sido abordado em diferentes frentes ao longo das últimas décadas, ainda é difícil extrapolar os limites de apreciação sobre o certame que transcendam sua compreensão política para além de sua redução ao aparelhamento do Estado. Compreensões estas que tanto se inspiram nos precedentes totalitários das experiências nazifascistas, quanto as tomam como medida de suas próprias reflexões, quase como se apenas as similitudes com aquelas conjunturas autorizassem os autores a elaborar uma reflexão política sobre o evento. Em obra recente, Pablo Alabarces faz a seguinte constatação sobre a produção ao redor da Copa do Mundo de 1978:

La metáfora de los “ríos de tinta” es aquí absolutamente inútil: sobre el infausto Mundial de 1978 no se ha escrito lo suficiente. Y mucho menos desde las ciencias sociales, que apenas lo han mencionado entre las marcas inolvidables de la dictadura o, lo que es más usual, como ejemplo máximo de una exitosa alienación de masas.¹⁹

¹⁸ Concomitantemente a essa percepção, notamos que ainda permanece uma extensa lacuna sobre estudos que se dediquem às relações entre futebol, política e nação em contextos de pretensa normalidade, isto é, em circunstâncias em que se desenvolviam governos democráticos, com bases de representatividade política-institucional mais sólidas e o fomento de um espaço público aberto ao debate.

¹⁹ ALABARCES, Pablo. *Héroes, machos y patriotas: el fútbol entre la violencia y los medios*. Buenos Aires: Aguilar, 2014. p. 71.

Entretanto, isso não quer dizer que não haja uma produção significativa e importante sobre o tema. Ao afirmar a carência de trabalhos, Alabarces remete principalmente à persistência de lacunas a serem enfrentadas, com o desenvolvimento de estudos sobre o futebol e a Copa, de forma a construir abordagens e reflexões para além de sua compreensão e simples retificação com uma das chagas da ditadura.

Nesse sentido, é importante destacar que não são poucas as obras elaboradas sobre o período que abordam a temática. Seja como um ponto de interesse por sua incontornável articulação com o *Proceso*, ou por se tratar de um evento marcante no período, com o qual diferentes sujeitos, em variados espaços e contextos, se viram envolvidos de alguma maneira. O extenso trabalho historiográfico de Marcos Novaro e Vicente Palermo sobre o intervalo ditatorial, *A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: Do Golpe de Estado à Restauração Democrática*, é uma das obras que dedica espaço em suas páginas para a Copa de 1978, entendendo-a não só como um evento singular no período, no qual contrastavam os abusos autoritários e a festa esportiva, mas como um elemento importante no projeto político e de legitimação popular delineado pela ditadura em seus primeiros anos²⁰.

A exemplo da obra de Novaro e Palermo, outros estudos e relatos sobre a ditadura também investiram direta ou indiretamente no assunto. É o caso do clássico livro de Jean-Pierre Bousquet, *Las Locas de la Plaza de Mayo*²¹, sobre o emblemático grupo de mães, pejorativamente desqualificadas como *Las Locas* no título, cuja luta pela obtenção de informações a respeito dos destinos de filhos, filhas, netos e netas desaparecidos se tornou um símbolo de resistência à violência estatal e da luta pelos direitos humanos. O autor relatava as experiências do grupo em meio ao torneio. Na contramão dos sentidos objetivados pelos militares, *Las Madres de la Plaza de Mayo* buscaram capitalizar a atenção de jornalistas e turistas estrangeiros para a sua causa: em meio a alegria e festejos populares autênticos, suas procissões se destacavam como um elemento perturbador às narrações oficialistas projetadas para o evento²².

Em um sentido semelhante, nos deparamos com a coletânea de relatos produzidos por Martín Caparrós e Eduardo Anguita sobre a militância política na Argentina, durante as

²⁰ NOVARO; PALERMO, 2007, p. 206-16.

²¹ BOUSQUET, Jean-Pierre. *Las locas de la plaza de mayo*. Buenos Aires: El Cid Editor, 1982.

²² A relação dúbia de não oposição e suporte ao mundial por um lado, e de denúncia sobre os desaparecidos e seu sofrimento por outro, é bem sintetizada em uma das falas apresentadas pelo autor: “todo lo que queríamos era que los que vinieran no fueran cegados por la propaganda oficial. Es verdad que la Argentina hizo un gran esfuerzo para organizar un buen Mundial. Es verdad también que tenemos buenos futbolistas y que esperamos vivamente que ganen esta Copa del Mundo. Pero es verdad también que hay desaparecidos y gente que sufre la ausencia de sus seres queridos, aunque las autoridades lo nieguen y quieran ocultarlo”. Id., p. 104.

décadas de 1960 e 1970²³. Os relatos sobre as experiências vividas por cada personagem no transcorrer da competição se confundem com os traumas da prisão e da tortura – muitos deles na ESMA²⁴ –, em um misto de terror pela situação vivida e euforia com a festa esportiva diante do êxito do selecionado local²⁵. Também o trabalho de Juan Gasparini²⁶ retoma o intervalo paradigmático do mundial, como um momento importante no tratamento da militância do período, desta vez, porém, para discutir as ações desatadas pelos Montoneros, o agrupamento mais destacado na oposição, armada ou não, ao regime naquele momento.

Nesses termos, a competição aparece como um dado significativo do período a penetrar inadvertidamente em diversos objetos de investigação²⁷, talvez alguns dos estudos que trazem perspectivas mais significativas e inovadoras sejam aqueles realizados pela historiadora Marina Franco²⁸, sobre os exilados políticos argentinos na França. Ao analisar o processo de adaptação e o desenvolvimento conflituoso da prática política desses sujeitos no país europeu, a autora se deparou com o impacto dos debates aglutinados ao redor do mundial, sobretudo com a organização de movimento local de solidariedade e de boicote à competição, como um dos eixos de discussão e denúncia sobre as violações aos direitos humanos. Um trabalho que, mesmo despropositadamente, se viu diante de desdobramentos da Copa do Mundo como um ponto de tensão nos posicionamentos políticos e culturais, adotados por sujeitos que se encontravam deslocados desde o exílio.

Entre as apreciações especificamente voltadas ao torneio, verificamos uma profusão relativamente tardia de estudos. Em sua maioria, frutos de investigações jornalísticas, ou seja: sem um necessário compromisso com uma rigidez teórico-metodológica acadêmica e, portanto, mais afeitos a flutuações da opinião, mas nem por isso menos impactantes e

²³ CAPARRÓS, Martín; ANGUITA, Eduardo. *La voluntad*. Una historia de la militancia revolucionaria en la Argentina. Tomo 3: 1976-1978. Buenos Aires: Planeta, 2013.

²⁴ *Escuela Mecanica de la Armada*, um dos principais centros de detenção clandestino da ditadura, localizada nos arredores do principal palco esportivo do mundial: o Monumental de Nuñez, casa do River Plate.

²⁵ Em um sentido semelhante, podemos destacar o projeto *Memoria Abierta*, criado como uma ação coordenada de diversos grupos de defesa dos direitos humanos, com o intuito de reunir documentos, criar arquivos sobre o terrorismo de Estado e cultivar uma cultura democrática. Entre suas iniciativas está a reunião de testemunhos dos sujeitos submetidos às violências e detenções na época, muitos dos quais trazem recordações e relatos ao redor do mundial de 1978. Para mais informações: <<http://www.memoriaabierta.org.ar/>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

²⁶ GASPARINI, Juan. *Montoneros: final de cuentas*. La Plata: De la Campana, 2008.

²⁷ A interessante obra de Martin Malharro e de Diana Lopes, sobre a grande imprensa gráfica argentina durante os anos da ditadura, *La tipografía de plomo: los grandes medios gráficos en la Argentina y su política editorial durante 1976-1983*, também concede um capítulo específico para o mundial: PUGA, Lidia. El Mundial y la ditadura em los medios gráficos. In: MALHARRO, Martín; GIJSBERTS, Diana López. *La tipografía de plomo: los grandes medios gráficos en la Argentina y su política editorial durante 1976-1983*. La Plata: EPC, 2003. p. 145-164.

²⁸ FRANCO, Marina. Derechos humanos, política y fútbol. *Entrepasados*, ano 14, n. 28, p. 27-46, Buenos Aires, 2005; _____. *El Exilio: argentinos en Francia durante la ditadura*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008.

competentes no resgate e interpretações que sugerem sobre o evento. Ainda que tenhamos verificado algumas iniciativas anteriores²⁹, talvez a primeira obra a enfrentar diretamente o mundial como fenômeno socialmente significativo para compreender o período foi o livro de Albel Gilbert e Miguel Vitagliano, *El terror y la gloria*³⁰, que se tornaria uma referência imediata e fonte de inspiração às produções posteriores. No mesmo ano, o ensaísta Juan José Sebreli lançou seu *La era del fútbol*, porém, à luz das teorias sociológicas que interpretavam o futebol sob o clássico esquema da alienação e instrumentalização de massas³¹.

No rastro desses, outros estudos publicados por jornalistas sobre o mundial também ganharam forma na década seguinte. *La vergüenza de todos*, de Pablo Llonto, em 2005, trouxe algumas interpretações distintas sobre episódios sintomáticos e controversos, com uma ênfase maior sobre os vínculos políticos que permearam a organização do evento e o seu questionamento³². Em 2008, a obra de Ricardo Gotta, *Fuimos campeones*, propôs um olhar mais apurado para as relações tecidas com a ditadura e, principalmente, para a fatídica partida contra o Peru³³; enquanto o estudo de Fernando Ferreira, *Hechos Pelota*³⁴, buscou resgatar a história – e, principalmente, a memória – dos jornalistas esportivos na época, incluindo como um traço marcante e predominante suas impressões sobre o futebol e a Copa de 1978³⁵.

Nas humanidades, também nos deparamos com trabalhos, principalmente da sociologia e da história, que se propuseram a desenvolver análises sobre o tema a partir do entendimento do futebol como importante fenômeno social e cultural, cujas significações servem para examinarmos contextos e relações mais amplas, como o quadro ditatorial e a elaboração de discursos sobre o ser nacional. É o que faz o próprio Alabarces em *Fútbol y*

²⁹ Caso do livro de Gasparini e Ponsico, *El director técnico del Proceso*, lançado em 1983, focado na trajetória do técnico da seleção no período, César Luis Menotti. O texto se desenvolve como uma dura crítica, em certa medida até mesmo panfletária, a postura e posicionamento ambíguos de Menotti como personagem central ao futebol e à sociedade argentina durante os anos do *Proceso de Reorganización Nacional*. GASPARI, Roberto; PONSICO, José Luiz. *El director técnico del proceso*. Buenos Aires: El Cid, 1983.

³⁰ GILBERT; VITAGLIANO, 1998.

³¹ SEBRELI, Juan José. *La era del fútbol*. Buenos Aires: Debolsillo, 1998.

³² LLONTO, Pablo. *La vergüenza de todos: el dedo en la llaga del Mundial 78*. Buenos Aires: Ediciones Madres de Plaza de Mayo, 2005.

³³ GOTTA, Ricardo. *Fuimos Campeones: la dictadura, el Mundial 78 y el misterio del 6 a 0 a Perú*. Buenos Aires: Edhasa, 2008.

³⁴ FERREIRA, Fernando. *Hechos pelota: el periodismo deportivo durante la dictadura militar 1976-1983*. Buenos Aires: Ediciones Al Arco, 2008.

³⁵ Além desses, também podemos destacar as iniciativas levadas a cabo por outras mídias e suportes, especialmente no formato de documentários, produzidos de maneira independente ou para a televisão. Entre os mais importantes, podemos salientar *Mundial 78: la historia paralela* (2003), produzido por Cuatro Cabezas, com direção de Gonzalo Bonadeo, Diego Guebel e Mario Pergolini, com roteiro de Ezequiel Fernández Moores, reconhecido jornalista esportivo, que se dedicou a investigar o evento. No Brasil, merece destaque a série *Memórias do chumbo: o futebol nos tempos do Condor* (2013), roteirizado, produzido e dirigido pelo jornalista Lúcio de Castro, que aborda de forma episódica as relações entre futebol e ditadura nos anos 1970 e 1980 no Brasil, na Argentina, no Chile e no Uruguai.

pátria, de 2002, em que dedica um dos capítulos para tratar especificamente das operações articuladas sobre o futebol, como representante de uma determinada concepção nacional em meio ao sintomático torneio de 1978. Em 2014, em nova produção sobre o futebol no país platino, *Heroes Machos y Patriotas*, o pesquisador revisitou o assunto à luz de abordagens mais recentes, que apresentam configurações multifacetadas do evento, as quais tornam complexas, confrontam e complementam as narrativas articuladas pela oficialidade, visitadas em sua primeira obra.

O antropólogo Eduardo Archetti e o historiador Diego Roldán também enfrentaram o tema em respectivos artigos. O primeiro procurou demonstrar como a genuína paixão pelo futebol se articulou diante de eixos de compreensão, que flutuava entre a tradição e o valor cultural atribuídos ao esporte, inclusive com a defesa de um estilo de jogo característico, e a imposição de uma ideologia de nação que se afirmava através do combate ao comunismo e à subversão. Desse modo, atentou para as formas como a conflituosa relação entre essas concepções desencadeou certa ambiguidade moral entre os sujeitos, ainda hoje motivo de reflexões e indagações inconclusas à luz da rememoração do torneio³⁶.

Já o segundo investiu sobre as associações entre futebol, nação e autoritarismo. Nesse processo, observou vínculos traçados entre a afirmação de certa “essência futebolística” narrada esportivamente e os projetos políticos da ditadura. Assim como esta foi eficaz no intuito de programar as reações populares em decorrência do evento, em um processo que denominou de “espontaneidad regulada”, com uma profícua associação entre o êxito esportivo e a celebração cívica, de modo a incutir o sentido da festa e converter a tomada eufórica das ruas não em uma breve retomada do espaço público, como sugerem outras leituras, mas em uma desejável exortação nacional. Nas palavras do autor:

Durante *Argentina '78* la Dictadura pretendió programar la espontaneidad popular y alcanzó un indudable éxito. Si bien probablemente no obtuvo a través del campeonato un consenso activo, consiguió nutrirse de una cierta adhesión pasiva o indiferencia momentánea frente a actos aberrantes.³⁷

Outros trabalhos também concederam espaço para a temática. É o caso da coletânea *Fútbol, hitória y política*, lançada em 2010, que trazia dois capítulos com foco na competição,

³⁶ ARCHETTI, 2004.

³⁷ ROLDÁN, Diego. La espontaneidad regulada. Fútbol, autoritarismo y nación en Argentina '78. Una mirada desde los márgenes. *Prohistoria*, Rosario, Argentina, ano XI, n. 11, p.125-147, 2007. p. 146.

ambos voltados à análise das memórias e experiências relatadas pelos sujeitos da época, particularmente os torcedores³⁸.

No Brasil, também encontramos produções que visitaram a competição. O pioneiro livro de Gilberto Agostino, *Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*, é um dos materiais que perpassa a competição. Contudo, ainda que apresente uma descrição interessante, basicamente reproduz apreciações prévias e limita seu exame a reiterar a compreensão do momento como um dos exemplos limites na ingerência do esporte pelos regimes autoritários na América-Latina. Exemplos semelhantes são as abordagens de Hilário Franco Jr.³⁹ e Marcos Guterman⁴⁰, voltadas principalmente à participação brasileira no certame e cujas análises pecam ao não proporem leituras que fujam de entendimentos já sedimentados, ou mesmo apoiadas em certo senso comum. Limitação inerente à própria construção desses trabalhos, antes como obras mais abrangentes de divulgação da história do esporte a um público mais amplo – o que não representa nenhum demérito, muito pelo contrário –, do que como investigações comprometidas em aprofundar a crítica acadêmica sobre o futebol como fenômeno social, cultural e político.

Sob essa ótica, localizamos em dois estudos mais recentes a preocupação em investir sobre o quadro da Copa do Mundo de 1978, sob vieses novos ou pouco explorados, com um olhar apurado sobre diferentes fontes e perspectivas. Referimo-nos, particularmente, às teses de doutorado defendidas, em 2009 e 2013, por Euclides de Freitas Couto – “Jogo de extremos: futebol, cultura e política no Brasil (1930-1978)” – e Livia Gonçalves Magalhães – “Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina”⁴¹. Couto aborda um intervalo temporal interessante, no qual o desenvolvimento do esporte no país conviveu com um período de recorrente turbulência política, cujos desdobramentos e interpelações também se fizeram sentir no futebol como fenômeno sociocultural, convertido em um importante espaço comunicativo de debate político-ideológico, à direita e à esquerda. A partir disso, aborda o mundial de 1978 com base em vozes dissonantes, inclusive de

³⁸ No caso, os textos de Diego Sazbón e Santiago Uliana, “‘No podía dejar de ir’: El Mundial de 1978 en la perspectiva de los hinchas”, e o de Lia M. Ferrero, “Reflexiones acerca del Mundial de Fútbol 1978”. Ambos resultados de um mesmo projeto coletivo de investigação. FRYDENBERG, Julio; DASKAL, Rodrigo. (Org.). *Fútbol, Historia y política*. Buenos Aires: Aurelia Rivera, 2010.

³⁹ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁴⁰ GUTERMAN, M. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.

⁴¹ Ambas as teses foram revisadas e lançadas na forma de livro em 2014: MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014; COUTO, Euclides de Freitas. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

personagens singulares ao esporte na época, que manifestaram posicionamentos políticos contrários aos desejados pela ditadura, caso do atacante Reinaldo, destaque do Clube Atlético Mineiro e da seleção brasileira na época.

Já Magalhães realiza um exame comparativo de dois momentos singulares do futebol, em meio aos intervalos mais duros de cada ditadura, respectivamente a conquista do tricampeonato pelos brasileiros em 1970, durante a gestão Médici, e o evento emblemático da Copa de 1978 para os argentinos. Em ambos os recortes, busca extrapolar a análise para adiante do esquema reducionista, que enxerga na estratégia de instrumentalização do esporte por parte dos estados autoritários vigentes uma estratégia plenamente eficaz, bem como a única alternativa para se compreender politicamente esses episódios. Para isso, propõe-se a explorar distintas formas de manifestação e memórias construídas pelos sujeitos, como forma de analisar as próprias relações sociais tecidas durante as respectivas ditaduras⁴².

No decorrer deste trabalho, dialogaremos constantemente com essas produções. Uma conversa que se dá tanto no sentido da referência – na busca de dados, informações e perspectivas de análise –, quanto no debate crítico, e por vezes divergente, a respeito dos vieses traçados, especialmente no tocante às interpretações políticas construídas sobre o futebol e às leituras que lhe são atribuídas naquele contexto. Desse modo, buscamos contribuir com a sugestão de um novo ângulo sobre a temática, sob a compreensão de que o futebol não é apenas um fenômeno cultural em relação com a política, mas também um espaço de política, de construção de narrativas, afetos e paixões que se dão dentro de uma rede de relações intersubjetivas e não à parte delas. Nesse sentido, mesmo quando tratamos dos acontecimentos transcorridos dentro do campo de jogo, eles nunca são apenas esportivos, pois articulam construções mais amplas e mobilizam os sujeitos de diferentes formas – ética e esteticamente.

A partir do recorte focando Brasil e Argentina, na segunda metade da década de 1970 – momento em que o futebol já havia se consolidado como fenômeno esportivo de massas e de grande apelo social e midiático –, verifica-se a existência de um vasto arcabouço

⁴² Além desses trabalhos, há um outro estudo em desenvolvimento com uma proposta de análise comparativa entre os dois países. Trata-se da tese de Álvaro do Cabo, no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ, voltada à investigação das Copas de 1978 e 1982.

documental passível de investigação⁴³. Entretanto, como pontuado anteriormente, diante dos objetivos específicos desta pesquisa, optou-se por um recorte primário entre as fontes oriundas da mídia impressa.

Para desenvolver uma pesquisa de caráter historiográfico as fontes nas quais nos esmeramos são mais do que necessárias, são imprescindíveis. Embora esta afirmação pequena pela sua obviedade, não nos parece, às vezes, tão evidente um desdobramento intrínseco e incontestável da submissão do trabalho do historiador às suas fontes. Se elas são a janela temporal que nos permite acessar nossos objetos, ou ao menos os seus vultos, no passado, configuram também, simultaneamente, nosso próprio objeto de estudo. Assim, se pensamos em uma análise política do futebol através da imprensa, ou de parte desta, é necessário, primeiro, pensar em um estudo da própria imprensa que nos interessa. Ou seja, a análise política do esporte, quando tomada a partir das leituras produzidas por diferentes veículos de comunicação, exige o exame destes atores, bem como das maneiras como se pronunciam sobre o esporte em relação ao espaço nos quais se manifestam e seus interesses particulares.

Um dado palpável e recorrente nos estudos é que os diferentes jornais e revistas acompanharam de perto a trajetória do esporte, sua progressiva popularização e espetacularização. Além disso, em espaços como o brasileiro e o argentino, o desenvolvimento da modalidade em gradativa associação ao nacional perpassou pelas narrativas veiculadas na imprensa. Nestes lugares, seus representantes atuaram, muitas vezes e em diferentes níveis, como intermediários entre o âmbito esportivo e a esfera pública. Nesses termos, os veículos de imprensa figuram como um dos principais articuladores da tradição atribuída ao futebol, pois lidam diretamente com as estruturas simbólicas difundidas no espaço social. Como destacam Soares e Salvador, “a mídia, em sociedades letradas como a nossa, tornou-se guardiã da memória. Ela aciona o passado para dar significado aos eventos que veicula no presente”⁴⁴.

Desse modo, a opção por estudar este corpo documental perpassa pela percepção dos meios de imprensa como mecanismos basilares na transmissão de informações, formulação de opiniões e debates públicos. Seja no tocante aos acontecimentos eminentemente políticos – como a erupção do golpe e as medidas adotadas pela nova gestão –; esportivos – treinamentos, escalações das equipes, resultados e debates sobre as partidas –; ou na junção de

⁴³ Contemplando o futebol profissional enquanto espetáculo de massas, é possível elencar grande variedade de fontes, tais como as locuções radiofônicas dos jogos, as transmissões e comentários televisivos, relatos orais e entrevistas concedidas por jogadores, torcedores e pessoas ligadas ao esporte, além de extenso material jornalístico produzido pela imprensa da época.

⁴⁴ SALVADOR, Marco Antonio; SOARES, Antonio Jorge. *A memória da copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 2.

ambos – como a organização do mundial e a ingerência do Estado sobre o evento –, os veículos de comunicação atuavam como interlocutores principais junto à parte significativa da população. A maioria dos acontecimentos eram submetidos a diferentes filtros, muitos deles inerentes às configurações dos mecanismos de comunicação, que modulavam tanto os elementos que chegavam ao conhecimento público como os vieses de debate.

Ainda delimitando uma primeira escolha sobre a análise da imprensa gráfica, é preciso destacar que esta constitui uma área ampla e diversificada. Apresenta variações tanto no que tange a frequência de seus exemplares – diária, mensal, semanal –, quanto a forma de apresentação do conteúdo. Isto sem mencionar as particularidades de cada uma das publicações, variadas em sua linha editorial, temáticas privilegiadas, linguagem, público alvo, dentre outros fatores. Atentando para a impossibilidade de trabalhar com um número excessivo de edições, inclusive pelo grande fluxo de informações, optamos por focalizar algumas publicações brasileiras e argentinas de periodicidade mais ampla como escopo central de análise, deixando os diários como suportes menos frequentes e secundários.

Entre as publicações brasileiras, atentou-se para a revista de informação *Veja*, o semanário esportivo *Placar*; e para os alternativos *Movimento* e *Pasquim*. A primeira compunha uma das publicações de destaque na grande imprensa da época, partilhando de um escopo político-ideológico com algumas similaridades com a ditadura e em afinidade com boa parte da sociedade brasileira, isto é: economicamente liberal, politicamente alocada mais à direita – anticomunista e antissubversiva – e afeita à defesa de parâmetros socioculturais mais conservadores.

Placar, colega de *Veja* na *Editora Abril*, ainda que pudesse ser visualizada sob configurações semelhantes às anteriores, buscava um maior distanciamento dessas questões, para investir de forma mais evidente sobre os acontecimentos majoritariamente esportivos. Mesmo assim, seus articulistas estavam atentos às interpelações do esporte com o poder público, fosse na defesa de novos investimentos ou nos debates a respeito da regulamentação do desporto no país.

Movimento e *Pasquim* distanciavam-se diametralmente das demais, sobretudo por sua categorização como alternativos, eminentemente opositores à ditadura. De acordo com Kucinski⁴⁵, *Movimento* era um dos principais representantes da gama política dos alternativos, engajado nos projetos da esquerda de inspiração marxista, com ligações com o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), além de outros movimentos sociais, devidamente

⁴⁵ KUCINSKI, B. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Página Aberta, 1991. p. XIV.

contemplados em suas páginas. Já *Pasquim* seguia por uma linha distinta, com uma apurada crítica cultural e aos costumes, uma organização editorial mais livre e horizontal, junto a uma postura irreverente com amplo espaço ao humor e a produção gráfica. De acordo com o estudo elaborado por Braga, em 1978 o *Pasquim* experimentava os momentos finais de sua fase liberal⁴⁶. Na classificação elaborada pelo autor, esta fase se estendeu entre abril de 1975, momento em que o alternativo deixou de enfrentar a censura prévia em sua redação, até o final de 1978, quando intensificou seu combate político à ditadura diante das pressões civis, que permeavam a defesa pela liberdade de imprensa, a cessação do AI-5 e a futura implantação da anistia⁴⁷. Bandeiras também compartilhadas por *Movimento*, que só experimentou a liberação da censura durante a Copa.

No tocante às fontes privilegiadas na Argentina, a documentação reunida deriva tanto de um processo prévio de seleção quanto das experiências durante um período de investigação em Buenos Aires, onde pudemos nos debruçar sobre arquivos documentais distintos e nos encontramos com outros aportes documentais. Entre os principais arquivos visitados estão a *Biblioteca Nacional de la República Argentina*⁴⁸, a *Biblioteca del Congreso de la Nación Argentina*⁴⁹, o *Archivo General de la Nación*. Além desses, também podemos destacar a *Biblioteca Luis Carlini* do *Círculo de Periodistas Deportivos*⁵⁰ e o *Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas en la Argentina* (CeDInCI)⁵¹, bem como outros acervos particulares.

A priori, o conjunto de publicações buscado nas hemerotecas abarcava os seguintes periódicos: a revista semanal ilustrada de variedades *Gente y la actualidad*; a informativa de análise política *Somos*; a especializada em esportes *El Gráfico*; e a publicação de humor gráfico, sátira política, social e cultural *Humor Registrado* – ou simplesmente *Hum®*. Com exceção desta última, lançada em junho 1978 e de tiragem mensal, as demais possuíam uma

⁴⁶ O pesquisador divide a trajetória de *O Pasquim* em seis fases distintas, distribuídas entre a fundação do jornal em junho de 1969 e dezembro de 1982, marco final de sua pesquisa. Para mais informações consultar: BRAGA, J. L. *O Pasquim e os anos 70*: mais pra epa que pra oba. Brasília: UNB, 1991.

⁴⁷ Ibid., p. 65-83.

⁴⁸ Mais informações disponíveis em: <<http://www.bn.gov.ar/>>. Acesso em: 07 abr. 2015.

⁴⁹ Mais informações disponíveis em: <<http://www.bcnbib.gov.ar/>>. Acesso em: 07 abr. 2015.

⁵⁰ Biblioteca integrada a Escuela Superior de Periodismo Deportivo José R. López Pájaro, fundada em 1960. Junto a isso, o Círculo de Periodistas Deportivos, da qual a escola faz parte, representa uma associação dos profissionais do jornalismo esportivo no país. Mais informações: <<http://www.escuelacirculo.edu.ar/>>. Acesso em: 07 abr. 2015.

⁵¹ Um dos principais espaços de referências no interior do campo de estudos sobre as esquerdas na América Latina. Localizado em um típico casarão no bairro Flores, o Centro surgiu em 1997, momento em que o historiador Prof. Dr. Horácio Tarcus, um dos fundadores, decidiu tornar público o acesso a seu vasto arquivo particular. Desde então, o espaço cresceu exponencialmente, com o estabelecimento de parcerias e doações, transformando-o tanto em um centro de investigação quanto em um amplo fundo documental. Para maiores informações: <<http://www.cedinci.org/>>. Acesso em: 07 abr. 2015.

periodicidade semanal. As três primeiras, *El Gráfico*, *Gente* e *Somos*, pertenciam ao mesmo grupo, o *Editorial Atlántida*, notoriamente conhecido por adotar uma postura favorável ao regime autoritário, inaugurado pela junta militar em março de 1976⁵².

No decorrer da pesquisa, adicionamos o semanário esportivo *Goles*, do *Editorial Julio Korn*, como um contraponto e complemento à visão hegemônica apresentada por *El Gráfico*, publicação dominante no segmento no período. Também foram consultados alguns itens de legislação, como leis e decretos, bem como a verificação pontual de alguns diários como elementos de apoio/contraste às narrativas apresentadas nas revistas em distintos momentos. Além desses, voltamos nosso olhar rapidamente para *Chaupinela*, uma das inspirações de *Hum*®. A revista teve uma duração curta, somou apenas 20 números no total e foi tirada de circulação ainda em 1975, alguns meses antes da eclosão do golpe. Suas edições finais traziam diversos artigos que discutiam a realização do mundial de futebol no país, diante do complicado quadro social e econômico verificado no período, com um alto índice inflacionário, a crescente insatisfação da população e a pressão exercida a partir de múltiplas frentes sobre o governo de Maria Estela Martínez de Perón⁵³. Em outros termos, a publicação trazia precedentes discursivos que se mostrariam caros para a análise posterior do evento durante a ditadura.

Contudo foram nos dois últimos arquivos que nos deparamos com outros tipos de fontes logo incorporadas à investigação. No *Círculo de Periodistas Deportivos* tivemos contato com uma série de publicações e boletins produzidos pelo EAM'78⁵⁴ e pela AFA (*Asociación de Fútbol Argentino*). Em ambos os casos, tratavam-se de materiais de cunho oficial, cujos discursos podem ser confrontados com as abordagens adotadas nos veículos de comunicação. No CeDInCi, encontramos algumas pastas que agrupavam vários documentos do *Movimiento Peronistas Montonero* (MPM), um dos principais grupos de esquerda em oposição à ditadura, com motivo do vindouro mundial de 1978. A coletânea do arquivo reunia diversos tipos de fontes, como cartas, boletins, cartazes e folhetos produzidos pelo MPM, bem

⁵² ULANOVSKY, Carlos. *Paren las rotativas* (1970-2000). Buenos Aires: Emecé, 2011.

⁵³ Isabelita, como era conhecida, assumiu a presidência após o falecimento de Juan Domingo Perón, seu marido, em julho de 1974, e enfrentou o esfacelamento das bases de apoio do movimento peronista e a radicalização de suas diferentes correntes. Ainda que o país já estivesse enfrentando uma série de problemas ao longo dos últimos anos, durante a sua administração a situação geral se agravou, inclusive com a inauguração da repressão institucionalizada e o enfrentamento aos focos de guerrilha e grupos revolucionários armados de esquerda. Para mais informações, consultar: FRANCO, Marina. *Un enemigo para la nación: orden interno, violencia y subversión, 1973-1976*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

⁵⁴ Ente Autárquico Mundial 1978, organismo criado pela ditadura para centralizar a organização da Copa no país. Sua criação e configuração será explorada no capítulo 3.

como recortes e fotocópias de reportagens de veículos de imprensa estrangeiros – mexicanos e espanhóis –, que versavam sobre as posturas do MPM e outros focos de contestação.

De forma geral, a escolha desse arcabouço documental enfoca um recorte empírico sobre publicações relativamente semelhantes no Brasil e na Argentina, durante o período estudado. Paralelamente, estas escolhas objetivam uma diversificação, tanto de publicações quanto de enfoques.

Os semanários informativos e de análise política *Veja* e *Somos*, assim como a revista de atualidades e entretenimento *Gente*, figuram como revistas oriundas da grande imprensa liberal, voltadas para um público mais amplo, com um destaque singular para o uso da imagem e da fotorreportagem. As esportivas *Placar*, *El Gráfico* e *Goles* dialogavam na atenção destacada ao esporte em si, particularmente ao futebol. A partir de suas apreciações, buscamos tomar contato com as visões apresentadas pelas narrativas inerentes à crônica especializada.

Movimento, *Pasquim*, *Hurm*® e *Chaupinela* aproximavam-se tanto pela crítica política e social, quanto pela contestação política aos regimes ditatoriais vigentes, sendo, inclusive, em diferentes momentos, alvos dos mecanismos de censura. Outro aspecto comum, era o espaço cedido ao humor, tanto na produção escrita quanto no grande volume de charges e tiras veiculadas na arte gráfica de suas páginas. Tais publicações demarcavam um ponto de tensão em relação aos discursos políticos, recorrentemente convergentes das demais publicações.

Resguardadas suas especificidades, os periódicos selecionados compõem profícua documentação, quanto ao cenário investigado e se investem do papel de agentes ativos do processo histórico⁵⁵. De um lado, como um dos principais canais de veiculação das notícias políticas e esportivas junto à população, de outro, como sujeito atuante no espaço político e social, divulgador de ideias e formador de opiniões.

O presente trabalho se divide em nove capítulos. O primeiro incorre em um esforço de reflexão teórica e metodológica, a respeito das possibilidades de análise construídas sobre futebol. Uma tarefa necessária para fundamentar as reflexões propostas, mas também imperativo no sentido de delinear novas vertentes de compreensão da modalidade esportiva,

⁵⁵ LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 118.

em vista de suas dimensões políticas e de seu entendimento como um fenômeno cultural historicamente construído. Uma tentativa de conferir uma contribuição teórica para a análise político-social do futebol, que transcenda esquemas explicativos tradicionais a partir de referenciais pouco explorados nos estudos da área.

Diante da própria configuração da Argentina como sede da competição, os capítulos seguintes se voltam majoritariamente para discussões atinentes ao país platino, com um aporte mais tangencial das fontes brasileiras. No segundo capítulo, retomamos o processo que levou a escolha da Argentina como casa do mundial de 1978, bem como as diversas configurações políticas e sociais que a acompanharam durante esse período. Ali discutimos como a relação política com o evento precede, em muito, a instalação do *Proceso de Reorganización Nacional* e como parte dos debates que se desenrolaram posteriormente ao golpe já se encontravam em cena nos meses que o antecederam.

No tópico seguinte, abordamos a implantação da ditadura, a recepção de algumas das publicações investigadas e, principalmente, sua rápida investida sobre a estrutura gerencial do futebol – a AFA – e da Copa do Mundo. Um processo que não se desenvolve de forma unilateral, apenas pela imposição, mas pressupõe a negociação e a convergência de interesses com diferentes atores. Em especial, enfoca o processo de criação e organização do EAM 78, como órgão oficial e única instituição responsável pela Copa no país, em consonância com a reivindicação pública do evento como um compromisso de Estado.

Na sequência, voltamo-nos para a investigação de algumas vozes dissonantes. No quarto capítulo, observamos essas vozes a partir de alguns embates travados internamente, com especial atenção a alguns personagens, em particular, o radialista José Maria Muñoz e o jornalista Dante Panzeri.

Já no quinto, observamos as apreciações proferidas no exterior. Focamos principalmente no intenso debate instalado em torno das acusações sobre as violações dos direitos humanos, que impulsionaram diversos movimentos em defesa do boicote à competição, sobretudo pela Europa. Nesse capítulo, também observamos as distintas reações postas em movimento pela iniciativa, a reverberação da campanha entre os periódicos brasileiros, a alternativa de ação proposta por Montoneros e a releitura interna e oficialista, que acusava um movimento de desprestígio articulado por focos da subversão no exterior.

O capítulo seis mira especificamente os discursos produzidos pelos respectivos países, sobre as passagens de Claudio Coutinho pela escrete verde e amarelo, e de César Luis Menotti pela seleção alviceleste. Enfoca, também, em como se deu o relacionamento desses personagens com a imprensa e seus posicionamentos político-públicos particulares, diante dos

quadros políticos vigentes, sobretudo do técnico argentino, personagem destacado no país durante o período.

No sétimo capítulo, analisamos dois episódios de contestação interna, com motivo do futebol e do mundial. Na Argentina, observamos a profusão do debate a respeito da crítica político-econômica aos custos de evento proferida por Juan Alemann, secretário de fazenda do governo do general Videla. No Brasil, observamos a voz contestatória de Reinaldo – jovem atacante que despontava como uma das esperanças da seleção para a Copa – contra a ditadura brasileira, emulando diversas falas da esquerda. Em ambos os casos, observamos qual foi o tratamento dispensado e os discursos articulados pelos veículos de imprensa investigados.

Por fim, nos dois últimos capítulos, debruçamo-nos sobre o mundial de 1978 em si, para os múltiplos discursos produzidos pelos veículos investigados. Atentamos, paralelamente, para as abordagens proferidas ao redor das equipes de Menotti e Coutinho no decorrer do torneio, sobretudo diante da disputa direta por uma das vagas na grande decisão, durante a fase semifinal. Abordamos as variadas locuções construídas em relação aos festejos, ao entusiasmo popular em torno da vitória argentina e ao questionamento sobre o desempenho da equipe brasileira. Paralelamente a esse processo, enfocamos as múltiplas narrações e interpretações políticas, produzidas sobre a mobilização passional incitada pelo torneio, bem como sobre as análises divulgadas quanto às articulações políticas do futebol, diante dos respectivos quadros político-sociais autoritários, com uma latente disputa na atribuição de sentidos.

1 POR UMA INVESTIGAÇÃO POLÍTICO-AFETIVA DO FUTEBOL

Nos últimos anos, temos verificado o crescimento flagrante do volume de estudos acadêmicos sobre o futebol⁵⁶. Pesquisadores de áreas diversas têm se voltado para investigação deste esporte, em relação às suas acepções socioculturais. Entretanto, tal constatação não constitui propriamente uma novidade⁵⁷. Do mesmo modo, assinalar este reconhecimento não significa dizer que a temática tenha se enraizado plenamente no interior dos diferentes campos de pesquisa ou, tampouco, superado as dificuldades teóricas e metodológicas que viabilizem sua análise como fenômeno socialmente relevante.

Entre os múltiplos enfoques de leitura do futebol, em relação ao tecido social, a análise de suas inter-relações políticas é uma das vertentes que tem apresentado relativa dificuldade. Não pela falta de um trabalho empírico dos pesquisadores, mas pela carência de um maior número de reflexões teóricas / metodológica no sentido de um rompimento efetivo com perspectivas de apreciação acadêmicas previamente estabelecidas. Explica-se: embora a própria interpretação do futebol enquanto objeto de interesse político seja bastante presente, nem sempre os horizontes que norteiam seu estudo corroboraram uma inovação com relação ao entendimento de seu papel sociopolítico. Mais precisamente, nos referimos a uma tradição interpretativa, principalmente marxista e frankfurtiana, que observa na eclosão da cultura de massas, fruto da incapacidade dos grupos sociais tradicionais em desenvolver uma consciência política de classe, o espaço para a supressão da capacidade crítica dos indivíduos⁵⁸. Nesse cenário, os esportes, tal como o futebol, seriam tomados enquanto lugar de mera alienação das massas, sem espaços para o desenvolvimento pleno de manifestações políticas, para além de determinações externas.⁵⁹

Essa visão não só restringe a inteligibilidade da relação futebol / política, como também limita consideravelmente as possibilidades de análise crítica, ao reduzir o futebol a um espaço de manipulação simples. Apropriando-se da leitura de Luiz Carlos Ribeiro,

⁵⁶ GIGLIO, S. S.; SPAGGIARI, E. A produção das Ciências Humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). *Revista de História*. São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010.

⁵⁷ O pesquisador argentino Pablo Alabarces (2012, p. 19-20), em uma breve retrospectiva sobre os estudos focados na temática esportiva nas últimas décadas na América-Latina, já afirmava que não havia mais lugar para as queixas a respeito da pouca abertura para o estudo da temática na maior parte do continente.

⁵⁸ Essa leitura já aparecia no exame proposto pelo sociólogo francês Jean Marie Brohm, nas décadas de 1960-70. A visão do autor sobre a massificação dos esportes, inspirada nas reflexões sobre a indústria cultural e sociedade do espetáculo delineada por autores frankfurtianos, não só os desqualificava como lugar de debate político para além da alienação, submissão ideológica e econômica de grupos dominantes, como pregava a oposição as competições e práticas esportivas como forma de combate político.

⁵⁹ RIBEIRO, 2004, p. 100-101.

Trata-se, na verdade, de uma variável da leitura marxista tradicional que atribui um caráter alienante ao esporte. No limite, marxistas ortodoxos e sua variável frankfurtiana, partem de uma mesma base de raciocínio, qual seja a de que o esporte, enquanto um produto de consumo de massa da sociedade contemporânea, gera a alienação, a falta do discernimento crítico, sendo por isso facilmente manipulado politicamente.⁶⁰

Embora esta leitura pareça superada, ao menos no que tange à percepção dos esportes enquanto objeto de interesse social, ainda não conseguimos observar um rompimento analítico expressivo com esta interpretação política reducionista do futebol. Roberto Da Matta, em um dos primeiros trabalhos no Brasil a propor a observação do futebol sob um novo prisma, já anunciava as limitações destas considerações⁶¹. Mesmo em se tratando de uma interpretação comprometida com um projeto de nação – devido a seu próprio ineditismo, ao tomar o futebol como exemplo metafórico da comunhão democrática no país e suposta harmonia social, desconsiderando os aspectos inerentes à organização interna do âmbito esportivo –, o antropólogo criticava a interpretação do futebol como

[...] ópio da sociedade brasileira, do mesmo modo que o domínio do econômico é a sua base. Como se futebol e economia fossem realidades exógenas, que pudessem existir em isolamento da sociedade. Deste ângulo, o futebol é visto como um modo de desviar a atenção do povo brasileiro de outros problemas mais básicos.⁶²

Em cizânia com esta leitura, afirmava a necessidade de pensar “no futebol do Brasil e no esporte em geral, como uma atividade da sociedade e não como uma atividade em oposição ou competição com a sociedade”⁶³. Ainda nos primeiros esboços de uma proposta em defesa da análise acadêmica do futebol, Da Matta já apontava para a necessidade de (re)problematizar os possíveis caminhos de apreciação do tema.

Sem dúvida, variados trabalhos que se debruçaram sobre o futebol incorporaram esta perspectiva crítica no tratamento da modalidade em suas relações sociais. Porém, este exercício se tornou mais nítido quando os estudos focalizaram, prioritariamente, aspectos socioculturais, apenas tomando suas relações políticas de forma tangencial. Em muitos dos estudos centralizados nesse viés, o ponto de vista interpretativo não conseguiu romper com as limitações apresentadas ainda nos primeiros textos de Da Matta. Embora esta leitura crítica esteja presente entre os pesquisadores, ainda persiste certa dificuldade em incorporá-la, tanto no aspecto analítico quanto teórico-metodológico, em trabalhos que privilegiem as relações

⁶⁰ Ibid., p. 101.

⁶¹ DA MATTA, Roberto et al. *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1982.

⁶² Ibid., p. 21-22.

⁶³ Ibid., p. 24.

políticas do futebol, especialmente em face de atores políticos tradicionais, como o Estado. Em algumas produções, tal como os exercícios propostos por Agostino⁶⁴ e Franco Jr.⁶⁵, o futebol é percebido enquanto fenômeno social e cultural significativo de importância singular à população. Contudo, ao lançarem mão da análise de suas inter-relações com o espaço político mais amplo, continuam a reduzir sua participação à ação e ingerência do Estado, tomando-o apenas sob o viés da manipulação das massas.

Certamente, a instrumentalização política do futebol, muitas vezes sob o viés do alheamento da consciência crítica das massas, pelos atores políticos tradicionais, tem sido um dos aspectos recorrentes no exame relacional entre a política e o esporte. Trabalhos como os de Negreiros⁶⁶, Drummond⁶⁷, Guterman⁶⁸ e Couto⁶⁹ demonstraram, através da densa apreciação empírica, não só o interesse de governos e regimes políticos sobre os eventos esportivos, como também evidenciaram a implantação de diversos mecanismos institucionais que possibilitaram uma intervenção mais efetiva do aparelho estatal em circunstâncias históricas específicas⁷⁰. Em se tratando deste enfoque, ainda nos deparamos com vastas lacunas pouco ou nada exploradas. Exemplo disso, no caso brasileiro, são as documentações sobre os CRD, Conselhos Regionais de Desportos, aparatos locais análogos a sua contraparte nacional. Boa parte da documentação sobre estes órgãos permanece intocada e uma história específica sobre estas instituições ainda está para ser contada. Até o momento, um dos poucos esforços e trabalhos de resgate e organização de seus registros vem sendo realizada no caso paranaense, em um projeto conjunto do Arquivo Público do Paraná e do Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade. Alguns de seus integrantes já começaram a afrontá-los em seus estudos específicos⁷¹.

Não se trata, portanto, de desqualificar os estudos que observam o interesse do Estado em apropriar-se do esporte, mas pensar a investigação política deste para além de uma

⁶⁴ AGOSTINO, 2002.

⁶⁵ FRANCO JÚNIOR, 2007.

⁶⁶ NEGREIROS, Plínio. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 39, 2003.

⁶⁷ DRUMMOND, M. da S. Futebol e política na era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (Org.). *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2006.

⁶⁸ GUTERMAN, 2009.

⁶⁹ COUTO, Euclides de Freitas. *Jogo de extremos: futebol, cultura e política no Brasil (1930-1978)*. 317 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

⁷⁰ Exemplo sintomático é a criação do CND, Conselho Nacional de Desportos, em 1941, ainda durante o Estado Novo Vargasista. Alguns dos trabalhos supracitados evidenciam justamente como este novo veículo institucional agiu na regulação do esporte, aproximando-o dos interesses governamentais no contexto de sua criação.

⁷¹ A exemplo da dissertação de Eduardo Pereira: PEREIRA, Eduardo Fabiano. *Entre amadores e profissionais: os agentes políticos da oficialização do futebol profissional paranaense*. 173 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

interpretação reducionista – carregada por certa tradição acadêmica, política e ideológica –, que toma o futebol como mero lugar de afastamento e desinteresse político.

Nesse sentido, questionamos se a percepção do futebol enquanto tal – inclusive por parte de seus próprios agentes – não seria fruto de construções históricas, sociais e culturais específicas; e se o interesse de instituições e atores políticos tradicionais não configuraria um desdobramento deste processo. Concomitantemente a estas observações, refletimos se esta relação estaria estabelecida de maneira tão rígida, que impossibilitaria a produção e manifestação de posições políticas discrepantes, paralelas àquelas consideradas como dominantes. De certa maneira, um primeiro indício de resposta a tais indagações estaria presente entre os próprios pressupostos, que abriram espaço para o exame do esporte sob um olhar academicamente renovado. Como destaca Ribeiro,

[...] o futebol só pode ser abordado na sua complexidade se o compreendermos como um fenômeno social e historicamente produzido. Isso quer dizer que, mesmo quando discutimos táticas e regras, condicionamentos físicos etc., eles sempre deverão ser compreendidos como táticas, regras e condicionamentos socialmente produzidos.⁷²

Tal compreensão sobre as acepções sociais do futebol não pode ser tomada inocentemente, uma vez que está fundamentada nas discussões que permearam a revisão do processo de inteligibilidade e produção do conhecimento ao longo do século XX. A falência da capacidade dos modelos macroexplicativos, em contemplar fenômenos e questões insurgentes, foi um dos gatilhos flagrantes para a abertura dos espaços de pesquisa para novos objetos e temáticas – entre elas, o esporte. No meio historiográfico, a revisão do conceito de fontes e do próprio ofício do historiador, vitimou de forma quase imediata os pressupostos de pesquisa tradicionais, cujo principal expoente seria retratado através de uma concepção de História Política factual e restritiva – tributária de uma concepção hegemônica da disciplina ainda no século XIX, a qual tomava como legítimo apenas o estudo de grandes personagens e instituições através de documentações consideradas oficiais⁷³. Diante do debate intenso e da constante redefinição de suas atribuições, a historiografia assumiu uma postura de progressivo intercâmbio disciplinar. Movimentos tensivos de aproximações e distanciamentos, ao longo dos quais lançou mão de enfoques sociais, econômicos e, posteriormente, culturais.

Em consonância com este processo, a própria História Política enfrentou o árduo esforço de revisão, algo que se desenvolveu simultaneamente à rediscussão de uma de suas

⁷² RIBEIRO, 2004, p. 99.

⁷³ FALCON, F. História e Poder. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). *Domínios da História: Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p. 61-89.

noções intrínsecas fundamentais: o conceito de poder. O historiador José D'Assunção Barros, ao discutir as modificações da disciplina histórica, salienta o papel central e impactante das relações de poder na investigação política:

É o Poder, com as suas apropriações e as relações por ele geradas, com os seus mecanismos de imposição e transmissão, com a sua perpetuação através da Ideologia, com a sua organização através das redes de atores sociais e com as suas possibilidades de confrontação através de fenômenos coletivos como as Revoluções ou as resistências individuais no âmbito dos micro-poderes, e com tudo o mais que ao Poder se refere, o que constitui mais propriamente o território do historiador político.⁷⁴

A partir das reflexões sobre o próprio conceito de poder e como este se manifesta, se interliga e se relaciona com os sujeitos que compõem o tecido social, a História Política, sobretudo a partir dos anos 1980, desenvolveu novo fôlego, permitindo-lhe direcionar o olhar para objetos inusitados a partir de uma perspectiva renovada.

De acordo com René Rémond, a compreensão dos vários aspectos, que levaram à revisão do campo político, estaria relacionada à percepção deste enquanto espaço integrado e encarregado de “gerir”, por assim dizer, a sociedade⁷⁵. A própria política, a qual também se configura enquanto um produto construído historicamente, não é imutável, de forma que o retorno e a renovação da História Política também são resultados das mudanças apresentadas no decorrer de sua longa trajetória histórica, sobretudo da observação de sua experiência recente. Ao revisar a própria conceituação do poder e elencá-lo como objeto central da análise política, ampliou-se e organizou-se o espaço de investigação para além das limitações de uma exclusividade da centralidade estatal, ou da imposição retilínea de grupos sociais tidos como dominantes.

Com a expansão das fronteiras limítrofes da História Política para além das macrounidades, tais como os Estados e Instituições, as relações políticas inerentes a diversos grupos sociais foram incorporadas como objetos relevantes. Neste sentido, movimentos políticos e sociais – tais como revoluções – e “ideologias” – que a princípio já polarizavam parte do interesse de investigação política no decorrer do século XX –, dividem as atenções com análises de cunho interindividuais e subjetivas, a exemplo do exercício dos micropoderes no interior e entre os grupos⁷⁶. Igualmente, abriu-se margem para o âmbito das representações políticas, das construções simbólicas, dos mitos políticos, do teatro do poder e do discurso.

⁷⁴ BARROS, J. D. História Política, Discurso e Imaginário: aspectos de uma interface. *Saeculum: revista de História*, João Pessoa, n. 12, p. 128-141, jan./jun. 2005. p. 128.

⁷⁵ RÉMOND, R. Uma história presente. In: _____. (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 23-24.

⁷⁶ BARROS, p. 129-130.

Domínios de análise que, não raramente, evidenciam sua relação com outras vertentes da pesquisa histórica, como a História Cultural, a História Econômica e a História Social⁷⁷.

É justamente em decorrência destas fissuras que o estudo político do futebol se viabiliza: para além de uma imposição determinista de agentes mais abrangentes, particularmente, estatais. Ao tomarmos o futebol à luz destas correntes teóricas, reconhecendo sua dimensão histórica e social, avistamos a expansão de suas relações políticas. A partir da abertura gradual destes caminhos de investigação – não só – historiográfica, observamos algumas das possibilidades para transcender os limites de sua visão como espaço, apriorístico, de alienação.

1.1 O FUTEBOL SOB UMA INVESTIGAÇÃO AFETIVA E (INTER)SUBJETIVA

Desde o último quartel do século XX, as humanidades vêm se abrindo para olhares renovados em seus estudos. Disciplinas já consolidadas, como a Sociologia, a Antropologia e a História, verificaram a erosão de seus terrenos sólidos de estudo diante da própria imponderabilidade da experiência humana. A eclosão de novos problemas sobre objetos já consolidados, ou a emergência de outros anteriormente invisíveis, ressaltaram fissuras, até então, insistentemente ignoradas nas investigações das múltiplas relações construídas entre grupos e indivíduos. O sujeito centrado, coeso e ciente de si, herdeiro do iluminismo foi desnudado de sua pressuposta unidade⁷⁸. Concorrendo com uma espécie de racionalidade reguladora e normativa, assumia lugar a indeterminação das subjetividades, das construções psíquicas, das emoções e dos sentimentos que permeiam o reconhecimento dos indivíduos como tais, bem como a afirmação de suas identidades⁷⁹.

A percepção desta construção múltipla e difusa dos indivíduos já estava manifesta na reflexão de pensadores contemporâneos ao iluminismo⁸⁰, havendo se estendido no trabalho de vários outros ao longo do século XX. Todavia, foi somente com a conjunção de transformações políticas, com o estouro de movimentos socioculturais e com a carência de categorias epistemológicas capazes de lidar com os novos problemas insurgentes, que as diferentes áreas de estudo foram forçadas a avançar para além de categorias fixas, sectárias do racionalismo estrito e determinante. A inteligibilidade do homem racional – adulto, branco e

⁷⁷ Id.

⁷⁸ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

⁷⁹ Id.

⁸⁰ BURKE, P. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

heterossexual –, seguro de si, civilizado, consciente de seu papel social e de suas ações já não era suficiente para explicar as diferentes formas de organização grupal, os fenômenos históricos ou mesmo as experiências da vida cotidiana.

O impacto das duas guerras mundiais, do espectro totalitário e mortífero dos regimes nazifascistas, foram alguns dos episódios que impulsionaram a reflexão política de diversos autores, para além dos limites de neutralidade ou objetividade perpetrados pelo ideal científico dominante desde o século XIX. Hannah Arendt, Walter Benjamin e Norbert Elias são alguns dos autores que lançaram olhares diferenciados sobre estes acontecimentos, superando as restrições epistemológicas que permeavam as humanidades.

Não por acaso, a preocupação com a subjetividade dos indivíduos esteve muito mais presente, até então, na narrativa literária, na qual a produção de mulheres foi marcante⁸¹, bem como nos estudos provenientes da Psicologia e da Psicanálise.

Contudo, foi somente com a falência – ou insuficiência – dos arquétipos paradigmáticos de elucidação, como o estruturalismo e o marxismo, nas décadas de 1970/1980 que as humanidades se abriram para novas possibilidades epistemológicas. A rigidez das interpretações políticas tradicionais, econômicas ou embasadas nos conflitos sociais entre grupos previamente categorizados e definidos, não era mais capaz de prover respostas (satisfatórias) sobre fenômenos, que desafiavam a lógica estabelecida a partir do conhecimento científico neutro e objetivo. A eclosão de movimentos de nítida contestação social como o feminismo, o movimento negro, a juventude contestatária insurgente de maio de 1968, ou mesmo a mobilização de diversos grupos em defesa da liberação sexual, são alguns exemplos de manifestações inéditas, que demandavam um novo esforço de compreensão. Ainda assim, a temática correlata à subjetividade e ao sentimento só foi enfrentada de modo mais franco ao final do século XX, quando a preocupação com a elaboração de um campo de estudo focado na investigação das subjetividades e dos afetos se tornou mais evidente.

Com a História não foi diferente. Somente com a consolidação da chamada História Cultural, ao final do século XX⁸², junto à paralela renovação de sua variante Política⁸³, como afirmamos anteriormente, abriu-se espaço na disciplina para objetos e questionamentos até então renegados, vistos como irrelevantes ou marginais.

⁸¹ FLAX, J. *Psicoanálisis y feminismo: pensamientos fragmentários*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

⁸² BURKE, P. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

⁸³ RÉMOND, 1996, p. 13-36.

Mais eclética do que outras formas precedentes, a História Cultural ampliou o intercâmbio disciplinar tanto quanto a abrangência de olhares possíveis a serem direcionados sobre o indivíduo e a coletividade. Sociologia, Filosofia e Antropologia constituíram algumas das áreas do conhecimento, em que a busca por aportes seguros para reflexões historiográficas se tornou mais recorrente. Autores como Mikhail Bakhtin, Norbert Elias, Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Clifford Geertz, entre tantos outros, passariam a ser leitura corrente entre os historiadores interessados no estudo da cultura⁸⁴. Do mesmo modo, os historiadores passaram a se aproximar de outras correntes teóricas pouco exploradas no interior da disciplina, como as teorias feministas – as quais contribuiriam majoritariamente para a fundação de uma categoria epistemológica própria: o gênero –, os estudos da Psicologia e da Psicanálise, com os historiadores revisitando os estudos de Sigmund Freud e Jacques Lacan, por exemplo.

Peter Burke, ao debater as particularidades da nova corrente historiográfica, assinala algumas de suas características generalizantes, mas distintivas em relação a outros modelos de investigação, que se ocuparam previamente de estudos correlatos à cultura:

A palavra “nova” serve para distinguir a NHC⁸⁵ – como a *nouvelle histoire* francesa da década de 1970, com a qual tem muito em comum – das formas mais antigas já discutidas anteriormente. A palavra “cultural” distingue-a da história intelectual, sugerindo uma ênfase em mentalidades, suposições e sentimentos e não em ideias ou sistemas e pensamento. A diferença entre as duas abordagens pode ser verificada em termos do famoso contraste de Jane Austen entre “razão e sensibilidade”. A irmã mais velha, a história intelectual, é mais séria e precisa, enquanto a caçula é mais vaga, contudo também mais imaginativa.⁸⁶

Mesmo timidamente, Burke marca a temática dos sentimentos como um dos aspectos concernentes à História Cultural. Além disso, destaca maior abrangência desta modalidade de pesquisa, embora demarque, simultaneamente, a fragilidade de sua imprecisão, bem como sua potencialidade imaginativa. Ao mesmo tempo em que se torna difícil delimitar quais sejam os objetos de estudo específicos da História Cultural, a amplitude de sua abordagem possibilita a reflexão sobre fenômenos até então segregados na pesquisa histórica.

É precisamente a partir desta brecha imaginativa que o futebol encontrou espaço no interior da especialidade histórica. Contudo, tal como a disciplina em questão, a modalidade desportiva também se caracterizou por sua percepção fronteiriça e transdisciplinar. Antes de

⁸⁴ BURKE, 2000, p. 70-71.

⁸⁵ Abreviação de Nova História Cultural. Termo utilizado por Burke para se referir à corrente de estudos, inaugurada no final da década de 1980, a partir da obra homônima organizada pela historiadora norte-americana Lynn Hunt a respeito da produção historiográfica francesa.

⁸⁶ BURKE, 2008, p. 69.

se tornar temática de relativa atenção para os historiadores, já havia suscitado trabalhos em outras áreas do conhecimento, tal como a Antropologia, a Sociologia e, primeiramente, a Educação Física⁸⁷. Sintoma disso, é que o próprio impulso aos estudos sobre o futebol, sob o prisma da abordagem cultural no Brasil, se desenvolveu a partir das reflexões antropológicas de Roberto Da Matta⁸⁸, na passagem dos anos 1970 para 1980; ao passo que, na Argentina, esse papel de pioneirismo acadêmico coube a outro antropólogo, Eduardo Archetti⁸⁹. Ainda assim, é importante salientar que, antes de adentrar o bojo das humanidades, tal esporte já despertava o interesse de outros segmentos menos comprometidos com o rigor da narrativa científica⁹⁰. Memorialistas, jornalistas esportivos e pesquisadores amadores, ajudaram a conceber um amplo espaço de saber a respeito do futebol, que precedeu e influenciou sua apreciação acadêmica.

De qualquer maneira, em ambas as circunstâncias, é possível pensar que o olhar direcionado sobre o futebol dialogou com as dimensões afetivas comumente atribuídas à modalidade. Mesmo quando visualizado sob lentes mais restritivas, particularmente de inspiração marxista e frankfurtiana, citadas anteriormente, os sentimentos arrolados pelo esporte foram o foco basilar de análise. Sob o efeito de perspectivas arraigadas em leituras demasiadamente cientificistas e/ou nacionalizantes, as sensibilidades correlatas ao futebol foram apontadas como uma de suas fragilidades mais evidentes. Nestes casos, os sobressaltos passionais, irracionais e emotivos, despertados pelo embate esportivo, seriam alguns dos fatores que impediriam o discernimento crítico dos indivíduos, tornando o esporte um artefato de fácil manipulação política sob uma sociedade de massas⁹¹. Em certo sentido, seria a capacidade de capitalização do sensível, o motivo de sua percepção como forma de alienação. As emoções evocadas pelo futebol sobre a população teriam a capacidade de enublar o raciocínio, obscurecendo o próprio juízo dos indivíduos – efeito catalizador que o constituiria como novo ópio do povo. Não se trata do esporte em si, mas da incompreendida/inexplicada mobilização passional que proporciona.

É precisamente com o intuito inicial de romper com esta compreensão limítrofe e preconcebida que se desenvolveu parcela significativa dos estudos sobre o futebol. Mesmo que os trabalhos produzidos não tenham focado intencionalmente nos aspectos afetivos que

⁸⁷ RIBEIRO, 2012, p. 16-17.

⁸⁸ DA MATTA, 1982, p. 19-42.

⁸⁹ ARCHETTI, E. *Masculinidades: fútbol, tango y pólo en La Argentina*. Buenos Aires, Editorial Antropofagia, 2003.

⁹⁰ RIBEIRO, 2012, p. 34.

⁹¹ RIBEIRO, 2004, p. 100-101.

circundam a modalidade, foi a gradual ressignificação destes elementos que viabilizaram o esforço de renovação na abordagem acadêmica desta temática.

Em consonância com um viés que valorize as subjetividades e sensibilidades, direcionamos o olhar para as dimensões afetivas e estéticas⁹² do futebol, como um horizonte plausível e pertinente de pesquisa. Apreendemos a modalidade esportiva enquanto um desses espaços nos quais se desnudam nuances da própria subjetividade dos indivíduos, em um contexto histórico específico. A curiosa capacidade de mobilização passional é um dos aspectos inerentes às possibilidades de apropriação e mobilização política, a partir do campo esportivo. Ao analisarmos as manifestações perpetradas por meio do futebol, ou dos discursos produzidos sobre ele, podemos identificar distintas construções socioculturais que autorizem seus usos e manifestações políticas. Em outros termos, são exatamente os sentimentos expressos através do esporte, que permitem a articulação de diferentes significados políticos a sua volta – a instrumentalização tanto como mecanismo de alienação quanto como forma de contestação, ou mesmo, legitimação política de um indivíduo, grupo, ordem, discurso ou instituição.

A partir destas considerações, verificamos a urgência de buscar alternativas de inquérito para além das limitações de uma interpretação determinista, assentada sob um racionalismo pragmático previamente estabelecido. Uma possibilidade viável e imperativa, sobretudo como mecanismo efetivo no rompimento de barreiras fronteiriças, consiste na proposta de uma História Social das Emoções Políticas. O termo, extraído de um artigo do historiador francês Christophe Prochasson⁹³, remete a um esforço de reflexão mais extenso, proveniente das incursões de um volume crescente de pesquisadores com o alvo comum de expandir as perspectivas da História Política, agregando-lhe dimensões simbólicas e afetivas, sem renunciar a suas facetas cognitivas ou restringir sua análise a elas⁹⁴.

Vertentes historiográficas mais tradicionais, ou melhor consolidadas, como a História Social e mesmo uma História Política mais conservadora, enxergavam com desconfiança procedimentos de pesquisa que se aproximassem de aspectos subjetivos. A acusação comum consistiria no intercâmbio indevido com a Psicologia, condenada a uma relativização excessiva do fenômeno histórico. Sob sua tutela, o processo de pesquisa perderia a validade crítica, submerso no domínio do irracional, com procedimentos negativamente

⁹² Como domínio responsável pelo contato e intercâmbio sensível dos sujeitos.

⁹³ PROCHASSON, Christophe. Emoções e política: primeiras aproximações. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 305-324, jul. 2005.

⁹⁴ Ibid., p. 307.

psicologizantes e individualizantes. Em oposição a esta leitura, Prochasson destaca que a inquirição histórica social dos afetos

[...] teria não apenas a vantagem de colocar em funcionamento um protocolo razoável, que de forma alguma leva ao posicionamento do indivíduo no centro dos processos sociais, e nem tende a reduzi-lo à condição de máquina produtora de um determinismo isento de falhas. Ela também teria a virtude de pôr em dia aquilo que normalmente é mais rechaçado, que propriamente contestado, pelo modo de atuar dos historiadores.⁹⁵

Entre os articulistas que se dedicaram a construir um olhar renovado, podemos destacar o longo trabalho realizado por Pierre Ansart. Desde a década de 1970, o autor publicou diversos estudos que procuraram se debruçar sobre conexões culturais, ideológicas e simbólicas pouco exploradas⁹⁶. O sociólogo francês é um dos pensadores que atentam para a análise do político a partir de suas dimensões afetivas, fixando neste viés um contraponto ao racionalismo pragmático, que imperava nas formas de investigação e análise das Ciências Sociais ao longo do século XX. Em acordo com algumas das vertentes de estudo delineadas anteriormente, o autor destaca que muitas das questões atinentes às motivações subjetivas, inerentes à mobilização dos indivíduos, foram, por muito tempo, margeadas pela produção acadêmica de analistas políticos e sociais.

[...] As Ciências Sociais e Políticas não elaboraram, senão raro ou excepcionalmente, uma reflexão sobre os fatores relativos à sensibilidade política, como se os esforços de explicação e racionalização dentro do conhecimento conduzissem, inevitavelmente, a uma negligência das dimensões afetivas e passionais.⁹⁷

Para o autor, “as emoções, os sentimentos, as paixões encontram-se presentes nas instituições, nos fatos políticos e fazem parte da experiência cotidiana”⁹⁸, de modo que não poderiam ser desconsideradas nos esforços de compreensão da experiência política. Ao contrário, as afetividades desempenham um papel fundamental na articulação e envolvimento dos indivíduos. Apesar de ainda permanecerem veladas sob um manto de obscuridade, as inexauríveis figuras de amores e ódios se fazem permanentemente presentes nas ações dos sujeitos. Como exemplifica Ansart,

⁹⁵ Id.

⁹⁶ Ao longo de sua produção podemos destacar obras como *O nascimento do anarquismo* (1970) e *Ideologias, conflitos e poder* (1977). Contudo, foi em *La gestion des passions politiques* (1983), ainda sem tradução para o Português, que manifestou de modo mais incisivo a inclinação pelo exame psicológico e emocional.

⁹⁷ ANSART, 2000, p. 146.

⁹⁸ Id.

Las emociones, los sentimientos y las pasiones no dejan de acompañar la vida política: desde la irritación de una modesta discusión sobre la designación de un candidato electoral hasta las angustias y embriagueces de una victoria militar, en todo momento entra en juego la afectividad individual y colectiva. A veces una situación de conflicto revela sentimientos que parecían olvidados y se reconstituyen la prueba; otras, una emoción súbita parece invadir a una población y llevarla a la revuelta; otras más, un movimiento de simpatía o de afecto rodea a un jefe carismático; en otras ocasiones, al contrario, se cristaliza una representación de odio que hace de un jefe o todo un grupo un chivo emisario.⁹⁹

Tal postura reverbera também na apreciação de Prochasson, segundo o qual “a longa história da política contemporânea se desenrola sob o império desta dialética entre a razão, a paixão e os interesses, cujo jogo sutil convém esclarecer”¹⁰⁰. A respeito da configuração dos estudos do político – seja sob a primazia de um recorte historiográfico ou no âmbito mais abrangente das humanidades –, ambos os autores salientaram o domínio do afetivo como uma dimensão fundamental do político, tanto ignorada quanto negligenciada. A negação ou reconhecimento tardio desta dimensão se deve a um duplo processo de construção disciplinar. Por um lado, a autoridade de uma tradição cientificista e racional; por outro, de forma complementar, a consolidação, bem como a manutenção de espaços de poder, necessários ao reclame ou à defesa de determinadas posições e status sociais. Tais facetas, cada uma a sua maneira, são tributárias do iluminismo como vertente da perspectiva humanista comum. Tanto o cientificismo acadêmico, do qual se tornava paradigmático, quanto o modelo e percepção do político, surgiam como afirmação da primazia da razão. Ainda que não pudessem explicar ou refutar a influência dos afetos e emoções, visível no próprio desenvolvimento histórico da política, era necessário localizá-la fora de seu raio de ação, ao menos como elemento preponderante. Restava alocá-los como um fator secundário, não só menor como submisso e conduzível.

Tal identificação do político com o racional acabou por colocar as emoções como lugar de alienação, do não-político. Algo que também se estendeu, restringindo os objetos e fontes de sua investigação. O rompimento desta apreciação da política, em particular dos mecanismos e expectativas de estudo, sugeridos pela proposta de uma História Social das Emoções Políticas, é o que nos permite vislumbrar uma análise política do futebol. É importante salientar este “do”, pois ele concerne a sua compreensão como lugar “de política” e não somente como um de seus artifícios ou instrumentos – algo a ser usado por um outro externo, devidamente ciente de suas ações.

⁹⁹ ANSART, Pierre. *Los clínicos de las pasiones políticas*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1997. p. 7.

¹⁰⁰ PROCHASSON, 2005, p. 308.

Embora não se detenham sobre a temática desportiva, a ênfase que estes autores atribuem ao exercício de análise dos sentimentos, em relação às sensibilidades políticas, pode se aproximar de uma reflexão conexa a respeito das afetividades despertadas pelo futebol. Se Ansart elenca a efervescência de sentimentos nas mais ínfimas discussões, ou aglutinadas ao redor de um líder ou grupo político determinado, também podemos visitar emoções análogas, motivadas de distintas formas pelo futebol. A excitação de uma torcida diante de um gol e a comemoração efusiva de um título são exemplos dessa comoção passional, do mesmo modo que os arroubos de violência nos estádios ou os debates promovidos pelos órgãos de imprensa, em torno do desempenho das equipes, dos jogadores, ou sobre a realização de um evento esportivo.

Tanto no futebol quanto na política, são as paixões os pontos de inflexão que permitem sua relação. Apresentam-se sob configurações fluídas, instáveis, com um desenvolvimento próprio que escapa à determinação. Ainda assim, encontram-se entrelaçados a uma rede histórica, cultural e social, permeada por memórias, construções discursivas e disputas de poder. Nesses termos, é importante destacar que não há uma divisão precisa, muito menos uma hierarquia definida entre domínios tidos como especificamente políticos ou esportivos, como se estes elementos fossem facilmente classificados e distanciados. Se o futebol pode figurar como lugar de alienação e instrumentalização política, ou de mobilização, contestação e debate críticos, isso se deve à gestão de suas articulações sensíveis. E, ainda que não haja um resultado prévio sobre os destinos de suas conexões afetivas e seus desdobramentos políticos, isso não significa que os mesmos não possam ser mapeados.

Nesses termos, a compreensão dos afetos sob uma perspectiva sociocultural, atinente às dimensões cognitivas da política e das próprias ciências humanas, é fundamental. Especialmente, na conformação de categorias que possibilitem a apreensão de seus rastros espaciais, simbólicos e temporais. Indícios que nos possibilitam o exercício de reconstrução histórica dos sistemas comoventes.

Embora integrem conjuntamente tais sistemas, as emoções, as paixões e os sentimentos não compreendem categorias análogas, ainda que muitas vezes sejam apresentados como interdependentes ou complementares. Para Ansart, as emoções compreendem arroubos afetivos fugazes e temporalmente limitados¹⁰¹. Já as paixões,

¹⁰¹ ANSART, 2000, p. 153.

variáveis e ambíguas, designam tanto as afetividades vivenciadas quanto a intensidade das ações desencadeadas (postas em movimento). Nas palavras do sociólogo,

“Pasión” es, desde los antiguos, el término comúnmente empleado para calificar esos estados afectivos, sea que se entiendan con ello las intensidades que inducen comportamientos excepcionales, la energía de la violencia o el valor, sea que se designen los estados afectivos ligados a las insatisfacciones y los sufrimientos.¹⁰²

É interessante notar que o autor utiliza a ideia de estado afetivo, variável em sua intensidade, para classificar a paixão. Um sinal das barreiras de sua duração, uma vez que o termo indica uma condição adquirida e, portanto, igualmente passageira. A pluralidade dos sentimentos arrolados pelo termo evoca a amplitude das configurações aplicáveis às afetividades políticas. Contudo, Ansart adverte que, se os instantes de exacerbação extrema das paixões são indubitavelmente significativos, as fases de resignação, amargura e apatia são igualmente importantes em seus efeitos¹⁰³. A exasperação ou a morosidade nas manifestações afetivas são dimensões parcialmente distintas, mas complementares, das afetividades que devem ser similarmente consideradas e inquiridas.

Prochasson, por sua vez, não se preocupa em distinguir emoções de paixões, enxergando os termos de maneira sinônima. Ainda assim, sua definição conjunta aproxima-se bastante das propostas de Ansart, sobretudo no tocante aos domínios contíguos da manifestação dos afetos com o confronto de uma conjuntura. Além disso, sua colocação também exalta um aspecto fundamental a ambos os autores – a percepção do “caráter coletivo dos afetos”¹⁰⁴:

Emoção encontra seu equivalente no velho sentido da palavra paixão, que designa o conjunto de movimentos afetivos, mais ou menos estáveis, engendrados pelo choque de um estado individual com a análise de uma situação. Isto implica em duas consequências importantes: as emoções não resultam de um encaminhamento puramente individual, mas se inscrevem em uma perspectiva social e cultural; elas não se opõem à cognição.¹⁰⁵

Já os sentimentos, segundo a análise de Ansart, compreenderiam sistemas mais longos, perenes, menos visíveis, organizações afetivas mais complexas e duradouras¹⁰⁶. De certo modo, seriam mais racionalizáveis, pois contariam com um grau de consciência dos sujeitos, mesmo quando incapazes de produzir qualquer definição ou classificação plena do

¹⁰² ANSART, 1997, p. 8.

¹⁰³ Ibid., p. 7-8.

¹⁰⁴ ANSART, 2000, p. 154.

¹⁰⁵ PROCHASSON, 2005, p. 313.

¹⁰⁶ ANSART, 2000, p. 154.

que sentem. Prochasson, por outro lado, prefere não estabelecer uma classificação específica. Em sintonia com a nomenclatura da proposta de estudo histórico-político que delinea, o autor afirma que a predileção pelo termo emoção, em detrimento de sentimento, afasta ainda mais os riscos de cultivar uma “história da sinceridade dos atores”¹⁰⁷. Isso porque a expressão dos sentimentos não denotaria seguramente o estado psíquico de quem os professa. Sob os cuidados adequados, normalmente de atores cientes do peso dos afetos na vida política, seu manejo pode incutir efeitos e comoções desejáveis¹⁰⁸.

Tais proposições convergem para algumas das dificuldades de se abordar os afetos. Em consonância com um dos obstáculos comuns da disciplina histórica, somente podemos nos deparar com seus rastros, ou no caso, os vestígios de sua exposição. Não é possível abordá-los diretamente. É necessário, portanto, ater-se aos sinais, aos signos de sua expressão e das práticas que os motivam¹⁰⁹.

Desse modo, como enfatiza Ansart, deparamo-nos com o exercício imperativo de redescobrir e investigar as afetividades, em lugares antes dominados por perspectivas analíticas racionalmente restritivas e excludentes¹¹⁰. Porém, não se trata somente de buscar nas paixões uma explicação geral a respeito dos comportamentos políticos, mas também a respeito de quais agentes sociais, quais dispositivos estão envolvidos na imposição de determinado modelo afetivo, bem como o modo com que esses elementos interagem na renovação e mutação de sensibilidades coletivas. Em consonância com estas considerações, partilhamos da leitura dos sistemas afetivos enquanto conjuntos dinâmicos, em transformação contínua em relação à sua realidade e contexto sociais específicos. Ou seja, em um sentido estrito, não devemos tomar os sentimentos de modo essencialista ou natural, mas nos esforçarmos para compreendê-los e problematizá-los, cientes de sua própria historicidade. Da mesma maneira, não se trata de defender uma análise política desprendida de vínculos racionais mais amplos, com os quais, de distintas maneiras, dialogam e se confrontam as emoções, trocando simplesmente um paradigma por outro. Tal como salienta Prochasson: “advogar a favor de uma história das emoções políticas não é nem defender a ideia da autonomia dos atores, nem crer que o emocional constitua o vínculo político, em detrimento de todo o cognitivo”¹¹¹.

¹⁰⁷ PROCHASSON, 2005, p. 313.

¹⁰⁸ Id.

¹⁰⁹ ANSART, 2000, p. 153.

¹¹⁰ ANSART, Pierre. *La gestion des passions politiques*. Lausanne (Suisse): Editions L’Age d’Homme, 1983. p. 6-8.

¹¹¹ PROCHASSON, 2005, p. 323.

Ribeiro, em diálogo com as propostas defendidas pelo pesquisador francês¹¹², avalia a necessidade de “nos abrir para a afetividade em lugares inusitados”¹¹³, e atesta no futebol um dos espaços fecundos à manifestação da afetividade política, para além de uma racionalidade pragmática.

Fortemente contido de paixão – individual e coletiva – o futebol não se prende exclusivamente às determinações de classes, na medida em que, tomadas de forma clássica, elas são excessivamente redutoras. Nesse sentido, a dimensão afetiva da vida esportiva é também marcada pela paixão e pelo ressentimento. É, portanto, o lugar da inconsciência, no sentido oposto daquela consciência racional determinada e imposta de cima e de fora dos sujeitos e dos grupos. É um espaço privilegiado do inconsciente coletivo, dos indivíduos e das massas. O lugar por excelência da indeterminação.¹¹⁴

Ao notar, tanto no futebol quanto na política, o espaço profícuo de exaltação de emoções, percebe-se, nestes, as consequentes manifestações de aspectos inconscientes e irracionais, que permeiam a constituição de significados particulares e coletivos. Suas afinidades com o cenário político, portanto, relacionam-se diretamente à investigação de suas construções subjetivas. Ao propormos uma reflexão que transcenda o viés da alienação, enxergamos nestas considerações não só como um caminho viável, mas que também deve ser contemplado no procedimento analítico. Pois é precisamente nos desafios de transpor o pensamento para o campo da empiria, que resultam, talvez, os maiores desafios desta proposta.

Mas quais seriam os sentimentos aglutinados em torno do esporte que fecundariam estas aproximações? Em uma primeira hipótese, a sensação de pertencimento aparece como uma alternativa interessante. Esse laço afetivo, também construído social e culturalmente ao longo do tempo, torna-se um elemento potencial para expressão de outras emoções.

1.2 PERTENCIMENTO E IDENTIDADES: O FUTEBOL ENTRE APRECIACÕES CRÍTICAS DO SUJEITO E O LUGAR COMUM

Enquanto espetáculo, não podemos restringir o futebol aos personagens atuantes dentro das canchas. Antes disso, contempla e cativa um sem número de indivíduos, ligados direta ou diretamente ao esporte, que passam a integrar de diferentes sentidos o espetáculo

¹¹² O pesquisador é um dos primeiros a investir no diálogo teórico metodológico de uma investigação histórica das paixões com uma proposta renovada de apreciação política do esporte ou, mais estritamente, do futebol.

¹¹³ RIBEIRO, 2004, p. 107.

¹¹⁴ Id.

esportivo. Quase como se fizessem parte do jogo e partilhassem com aqueles que disputam as contendidas, os deleites e dissabores descobertos em campo. Assim, sentimentos como alegria, euforia e satisfação são experimentados coletivamente, durante os instantes de vitória, enquanto, na outra extremidade, enfrenta-se a tristeza, a raiva e a frustração. Retomando as proposições de Ansart, sensações estas análogas àquelas degustadas na política: “entusiasmo quando se proclama uma vitória nacional ou humilhação quando se proclama uma derrota”¹¹⁵.

Tal aproximação nos permite supor que são precisamente as emoções despertadas pelo futebol, que possibilitam sua capitalização política. De todo modo, em variadas situações, seja na esfera esportiva, política ou na aproximação de ambas, a manifestação de sentimentos se estrutura a partir de construções socioculturais e discursivas, estabelecidas entre os indivíduos no contexto em que vivem. São tais construções, historicamente fundamentadas, que fomentam a sensação de pertencimento.

Esse anseio de pertença constitui uma formulação social-afetiva e dialoga com a própria concepção de identidade. Em consonância com o processo de abertura das humanidades, para a apreciação das dimensões subjetivas dos indivíduos, tal conceito passou por um processo de revisão e de resignificação. Distanciando-se de uma percepção unitária, verificou-se sua difusão e pluralidade. No lugar de uma identidade fixa, os pesquisadores atestaram para a multiplicidade de identificações, concernentes a um mesmo indivíduo¹¹⁶. Em momentos diferentes de sua vida, estas identidades múltiplas podem assumir pesos distintos, se tornando mais ou menos relevantes para os sujeitos. Por vezes, ostentam até mesmo posturas conflitantes e contraditórias, ao ponto de serem negadas e rejeitadas pelos indivíduos. Stuart Hall, por exemplo, assinala como a pós-modernidade influenciou neste processo, destacando inúmeras identificações culturais possíveis a um mesmo indivíduo¹¹⁷. As subjetividades e sentimentos são fundamentais na afirmação ou refutação destas identificações, em diferentes momentos e cenários. Beatriz Sarlo, ao tratar do intrincado tecido, envolvendo a reconstrução do passado por meio do relato e da memória, atenta para uma “guinada subjetiva”, nos anos 1970/1980, que reordenou as formas de compreensão da sociedade e de seus personagens, em seu desenvolvimento temporal¹¹⁸. Como sugere a autora argentina,

¹¹⁵ ANSART, 2000, p. 145.

¹¹⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

¹¹⁷ Id.

¹¹⁸ SARLO, B. *Tempo passado*. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 18.

A ideia de entender o passado a partir de sua lógica (uma utopia que moveu a história) emaranha-se com a certeza de que isso, em primeiro lugar é absolutamente possível, o que ameniza a complexidade do que se deseja reconstruir; e, em segundo lugar, de que isso se alcança quando nos colocamos na perspectiva de um sujeito e reconhecemos que a subjetividade tem um lugar, apresentado com recursos que, em muitos casos vêm daquilo que, desde meados do século XIX, a literatura experimentou como primeira pessoa do relato e discurso indireto livres: modos de subjetivação do narrado.¹¹⁹

Esse processo de valorização do testemunho, do reconhecimento da narrativa subjetiva do vivido, como caminho preponderante para investigar o passado, coincide com a renovação dos estudos centrados na temática cultural, de modo a realocar o interesse sobre a(s) identidade(s) dos sujeitos, no lugar anteriormente ocupado pelas estruturas na década 1960¹²⁰. O olhar revigorado, direcionado às subjetividades, trouxe à tona novos sujeitos, anteriormente margeados pela investigação acadêmica, com práticas culturais, princípios de rebeldia e iniciativas de conservação auto assertivas de identidades mais independentes do que pensavam diferentes teorias de inspiração marxista¹²¹.

Em consonância com essa perspectiva, Rosi Braidotti¹²² reflete sobre a multiplicidade de sua própria experiência, a partir da qual delineia a ideia de uma constituição nômade do sujeito. Ao longo do trabalho, observa o impacto de diferentes vertentes de pensamento, como as teorias feministas, psicanalíticas e da filosofia pós-moderna. Durante o exercício de análise, a autora atenta para o impacto das dimensões subjetivas e afetivas, como elementos basilares na elaboração do pensamento. Enfatiza que o desejo, forma libidinal dos afetos, não é apenas inconsciente, pois compõe também a força que sustenta a atividade mesma de pensar¹²³. Tal apreciação se reflete sobre o processo de construção e organização das identidades, de maneira que, para compreendê-las em sua multiplicidade, se torna necessário deter-se na inquirição dos desejos, ou seja, dos processos inconscientes. O peso dessas aspirações afetivas sobre o sujeito seria tamanha que

Nuestros deseos son aquellos que se nos escapa en el acto mismo de impulsarnos hasta adelante, dejándonos como único indicador de *quiénes* somos, las huellas de *dónde* hemos estado ya, o sea, de aquello que ya no somos. La identidad es una noción retrospectiva.¹²⁴

¹¹⁹ Ibid., p. 18.

¹²⁰ Ibid., p.18-19.

¹²¹ Ibid., p. 16-17.

¹²² BRAIDOTTI, Rosi. *Sujetos nómades: corporización y diferencia sexual en la teoría feminista contemporánea*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2000.

¹²³ Ibid., p. 44-45.

¹²⁴ Ibid., p. 45.

A expansão do conceito de identidade, em expressões plurais, não só desvelou novos sujeitos e expôs a preponderância das subjetividades em sua formação, como autorizou a observação de práticas culturais anteriormente esquecidas. Manifestações que ganharam significância no processo de constituição de grupos e indivíduos. Os esportes, articulados por intermédio de aspectos socioculturais e afetivos, se tornaram um dos apoios possíveis na construção de significados singulares, bem como coletivos. Desse modo, podemos visualizar no futebol a ampla gama de construções identitárias. A escolha, até mesmo o encaminhamento, em torcer por determinado clube ou agremiação desportiva, por exemplo, carrega também motivações subjetivas, inerentes ao desenvolvimento de laços afetivos – os quais, não raramente, suscitam a sensação de pertencimento e moldam segmentos de identidade.

Tomando o caso específico das seleções nacionais, os êxitos e fracassos obtidos pelas equipes nos gramados somente reverberam entre a população na medida em que esta, de alguma forma, se sinta representada pelas equipes que atuam em campo. Sob tal configuração, as seleções se tornam elementos representativos da nação, na medida em que o esporte, bem como as articulações narrativas elaboradas ao seu redor, consegue provocar o sentimento de pertencimento, sob a égide da nacionalidade, junto às massas. Mais do que qualquer apoio estrutural, ou financiamento oficial, é o envolvimento afetivo comumente partilhado pelos indivíduos que legitima e dá sentido à sua conotação nacional.

Uma das vertentes teóricas, que permite elaborar um primeiro esboço para entendimento dessa relação entre esporte e identidade nacional, é o conceito de Comunidades Imaginadas, cunhado pelo historiador inglês Benedict Anderson. De acordo com o autor,

Dentro de um espírito antropológico, proponho, então, a seguinte definição para a nação: ela é uma comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana. Ela é imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora a mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão.¹²⁵

Tais considerações são bastante interessantes, entre outros fatores, por não submeter o processo cultural de formação da nação somente à ingerência de aspectos econômicos e políticos, projetados a partir do Estado nacional moderno. Além disso, o conceito elaborado pelo autor abre espaço para apreciação da nação, a partir da constituição de um sentimento de comunidade, cuja concepção articula-se ao arranjo, muitas vezes consciente, de um

¹²⁵ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 14.

determinado sentido no passado, uma espécie de legitimidade afetiva da organização político-cultural que a compõe. Tanto quanto outros aspectos culturais, como a língua, a religião e os costumes, os esportes, entre os quais o futebol, podem estimular a criação de um vínculo emocional que credencia o sentimento comunitário sob um caráter nacional¹²⁶.

Em consonância com as leituras apresentadas até o momento, é importante considerarmos que as dimensões subjetivas dos indivíduos, suas emoções e desejos, não são simplesmente descartados. Ao contrário, o êxito dessa empreitada reside na gestão dos afetos e subjetividades, em prol da incubação de um sentimento, coletivamente partilhado, de identificação com certos signos representativos da nação.

Desse modo, as construções culturais que modelam a ideia de nação, em um contexto e temporalidade precisos, se emolduram a partir de disputas simbólicas de poder, as quais buscam naturalizar uma sensação comum de pertencimento, que ampare determinada construção identitária. No universo esportivo, verificamos esta ação de modo mais nítido nos períodos de Copa do Mundo, cenário onde a pressuposta identificação popular com o futebol, não apenas no Brasil, ganha contornos mais fortes e definidos. Nesses instantes, ressalta-se a ideia da modalidade como uma paixão popular, que agrega diversos valores culturais da população em questão. Recursos como a retórica discursiva dos veículos de mídia reforçam esta significação. De variados ângulos, são construídas narrações, exercícios de flexibilização de uma memória que solidifica o papel do futebol, e particularmente das respectivas seleções, como representantes da nação. Tais construções imaginárias se legitimam por meio do envolvimento passional de parcela significativa da comunidade.

Nos casos brasileiro e argentino, lugares que despertam nosso interesse de forma particular, a percepção do futebol como fenômeno cultural significativo na elaboração de respectivas identidades nacionais foi abordada por diferentes vieses, acadêmicos ou não. Aglutinando reflexões de cunho étnico-raciais¹²⁷, que visualizavam o futebol como um espaço de integração das diferenças e/ou tomando-o como forma de dramatização das relações sociais¹²⁸, diversos autores observaram nessa prática esportiva o espaço de elaboração de

¹²⁶ Ao pensarmos o futebol em relação a esta caracterização, é interessante notar como o senso de formação de uma nação está arraigado na cultura esportiva, para além da representatividade das seleções pátrias. Em acordo com a construção imaginária apresentada por Anderson, verificamos diversos exemplos de identificação comum de torcedores de um determinado clube ou agremiação, sob a terminologia nação. Aparte da abrangência limitada ou associação da equipe com determinada localidade ou região, a definição sugere a criação de um grupo particular, cujos laços principais de seus integrantes referem-se ao reconhecimento dos vínculos afetivos partilhados, não desconexos de determinadas práticas, signos e rituais, que balizam a sua afirmação e distinção mútua.

¹²⁷ FILHO RODRIGUES, Mário. O negro no futebol brasileiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

¹²⁸ DA MATTA, 1982.

respectivas identidades nacionais. A antropóloga Simoni Lahud Guedes, por exemplo, observa o futebol como um significante privilegiado, em um processo semântico, em que a característica central seria transformar os inúmeros eventos produzidos em “eventos narrativos, cujo sentido nunca está dado”¹²⁹. A partir das afirmações de Hobsbawm, sobre o esporte como espaço de enfrentamento simbólico dos Estados-Nação, no período entre guerras¹³⁰, a autora reitera a percepção do futebol como um espaço privilegiado para a articulação de identidades e sua variável nacional:

Na proliferação de discursos, a partir do jogo, várias dimensões identitárias são disputadas, negociadas e construídas, como muitos autores vêm demonstrando. Uma delas seria a da nação. A observação, já clássica, de Hobsbawm (1990, p. 169), sobre o tema, amplia ainda mais a perspectiva, situado os esportes como uma espécie de “reduto” do nacionalismo moderno, particularmente através da possibilidade de reificação da nação em um competidor ou time, encurtando os caminhos para o processo através do qual o futebol tornou-se, indubitavelmente, o esporte mais praticado e assistido na modernidade, transforma-se também no grande palco das nações.¹³¹

Na Argentina, a apreciação do futebol enquanto elemento agregador da identidade nacional também reverbera entre os pesquisadores. Eduardo Archetti, um dos precursores desses estudos no país platino, afirmou que “el fútbol en la Argentina es una arena privilegiada para el análisis de la formación de la identidad nacional y a construcción de masculinidades”¹³². Já Pablo Alabarces, em uma obra considerada clássica na produção local focada na temática esportiva, refletiu sobre a utilização do futebol como uma máquina cultural produtora de nacionalidade no país. De acordo com o autor,

En la historia de la invención de una identidad nacional argentina [...] él fútbol funcionó a lo largo del siglo XX como un fuerte operador de nacionalidad, como constructor de narrativas nacionalistas pregnantes y eficaces, en general con un alto grado de coherencia con las narrativas estatales de cada período.¹³³

Ao salientar que a criação de uma identidade nacional, correlata ao futebol, perpassa por uma organização narrativa, Alabarces nos fornece um indício importante para a investigação da modalidade, em vista da gestão de suas dimensões afetivas. Embora não

¹²⁹ GUEDES, S. L. De criollos a capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: GASTALDO, E; GUEDES, S. L. (Org.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006. p. 128.

¹³⁰ HOBBSAWM, 1990.

¹³¹ GUEDES, 2006, p. 129.

¹³² ARCHETTI, E. El Potrero y el Pibe. Territorio y Pertenencia en el Imaginario del fútbol Argentino. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 259-282, jul./dez. 2008. p. 260.

¹³³ ALABARCES, 2002, p. 20.

possamos negar que o futebol seja um importante artefato cultural na articulação e reconhecimento de certas comunidades nacionais, é necessário que nos mantenhamos cientes de que o envolvimento subjetivo dos indivíduos com a modalidade não ocorre de forma inata ou essencialista. Os laços emocionais, tecidos pelos sujeitos em relação ao esporte, não são dados a priori, mas desenvolvidos social e culturalmente ao longo do tempo. A sua configuração como elemento agregador de identidade resulta, portanto, da elaboração de intrincadas narrações sobre os sentimentos exaltados através do envolvimento passionai com o esporte. Especialmente, de sensações partilhadas de pertencimento e produtoras de identificações.

O sociólogo também enfatiza a recorrente convergência destas narrativas com as propostas estatais, projetadas em diferentes contextos e períodos. Embora seu ponto focal seja o caso argentino, tal constatação nos remete a algumas reflexões mais amplas que podem ser estendidas a outros contextos, como o brasileiro. Uma delas é a permanente busca por um sentido de identidade, traduzido a partir de projetos constantemente remodelados, mas inconclusos. Quando muito, sua realização, sobretudo no plano esportivo, ocorre de maneira parcial e efêmera, esvanecendo-se diante de uma nova derrota¹³⁴.

De certo modo, as dificuldades e obstáculos a serem superados, sejam eles adversários enfrentados nos gramados, ou os inimigos do desenvolvimento elencados fora deles¹³⁵, aquiescem uma espécie de condição obrigatória à constituição da nação. Quase como se ela necessitasse ser falha para manter sua validade. O senso comunitário desejado depende da alocação dos sujeitos e de suas paixões, em torno de objetivos comuns, por vezes inalcançáveis. Carece da permanente delimitação de antagonistas narrativos, sem os quais não seria possível manter uma pressuposta união. Normalmente, a concepção de nação delineia-se ao redor de uma percepção tautológica, eminentemente utópica, a qual, se alcançada plenamente, prescindiria de uma compreensão comum. Como elenca o clássico binômio identidade/alteridade, o exercício de afirmação depende da delimitação do oposto, um outro estranho sem o qual não podemos pensar.

¹³⁴ O sistema de competição esportiva é fundamental nessa percepção. Geralmente, os títulos conquistados atuam como validações transitórias, colocadas à prova diante de um novo torneio ou campeonato. As glórias e fracassos imediatamente passados são logo incorporados à memória, de onde servem à contínua elaboração e reformulação de discursos, que justificam o lugar ocupado por um clube, agremiação ou seleção, afirmam sua tradição e delineiam o sentido corrente de identidade de seus integrantes.

¹³⁵ Aqui a categoria assume uma grande elasticidade, que chega mesmo a esvaziá-la. Não há um algoz claro e definido. Sua apreciação varia enormemente, sobretudo, em vista dos narradores do momento, dos lugares de poder que ocupam e dos mecanismos que dispõem como locutores públicos formadores de opinião. Assim, dependendo de onde se projeta o discurso e como este reverbera em seu público, o inimigo, o outro, pode ser a subversão, o comunismo, a ditadura, o terrorismo, a miséria, o subdesenvolvimento, o capital estrangeiro, a direita, a esquerda, etc. As possibilidades são infinitas.

Por outro lado, os apontamentos dos estudiosos argentinos nos indicam a partilha de um arcabouço comum, de onde se extraem as compreensões do ser nacional, da qual se alimentam tanto as narrativas construídas a partir do Estado, quanto aquelas provenientes do futebol. Leituras que nos remetem a uma dupla percepção sobre a relação política e discursiva, articulada com motivo da modalidade esportiva. Em um primeiro aspecto, fornece justificativa à conformidade das narrativas nacionais que envolvem o futebol e o Estado, uma vez que, em ambos os polos, as referências tomadas se situam sobre uma base comum de argumentos, ideias e teorias.

Alabarces, ao ponderar sobre a coerência entre as narrativas nacionais futebolísticas e estatais tratadas no decorrer de seu estudo, destaca que, à exceção dos intervalos ditatoriais, as narrações sobre o esporte se localizam como práticas paraestatais; via de regra provenientes dos meios de comunicação com um caráter privado. Ainda assim, salienta que, em sua maioria, estes produtores acabam por prestar tributo a uma visão preeminente, construída pelos aparatos reguladores do governo vigente¹³⁶. Em consonância com essa percepção, salienta-se a urgência de atentar para estes espaços, mapear minimamente seus autores, posicionamentos políticos e condições de produção, com o intuito de localizar os códigos linguísticos, sociais e culturais que embasam sua compressão do nacional, aproximando-os ou distanciando-os de uma proposição estatal hegemônica.

Contudo, ao mesmo tempo em que esta leitura pinça um ponto de convergência significativo, um conjunto de referências sobre a nação, assinala uma debilidade política do Estado, particularmente no caso argentino, como aglutinador de um senso identitário nacional amplo e comum. Incapaz de legitimar-se por si só, mobilizar a população a contento, angariar seu apoio e adesão ao redor de seus projetos, acaba impelido a buscar outros operadores em fenômenos sociais e culturais, que se encontram fora de seu raio de ação direta, a exemplo do esporte¹³⁷. Nos momentos nos quais as tentativas de apropriação são mais evidentes, habitualmente em meio a governos autoritários, notamos o enfraquecimento do Estado como ator público representativo de uma pressuposta nacionalidade. Embora verifiquemos o exercício de inflexão do Estado sobre estes operadores como sinônimo de simples ingerência, não podemos desprezá-los como espaço de disputa política privilegiado. Afinal, nos instantes em que os lugares convencionais do político encontram-se inertes ou submissos, em geral

¹³⁶ ALABARCES, 2002, p. 20.

¹³⁷ Nesses termos, também podemos atentar para outras expressões culturais como a música, o cinema e as artes. Neste último, por exemplo, não são raros os casos em que determinado artista, estilo ou obra, após sua profícua difusão é incorporada a um discurso estatal. Ou, em outro sentido, quando a produção artística passa a ser financiada ou mesmo encomendada por determinada administração.

suprimidos pela violência, os embates acabam por deslocar-se para áreas marginais. Isso não significa que estes lugares sejam menos políticos em outros instantes, mas de fato suas dimensões são pouco visíveis, pois se encontram longe dos pontos focais, onde se desenrolam choques mais diretos e evidentes.

Nesse sentido, os discursos sobre a nacionalidade – confeccionados em relação ao futebol ou a partir dele, organizados pelo Estado ou por outros atores sociais com voz pública, ou mesmo por agentes do próprio campo esportivo – são essencialmente lugares de política. Colocam em cena diferentes leituras sobre a compreensão do nacional, colaborando no processo de imaginação de uma comunidade, nos termos apresentados por Anderson¹³⁸, capaz de reunir os sujeitos em torno de um senso comum de pertencimento¹³⁹. Um espaço dinâmico, marcado pelo perene tensionamento de forças. Uma compreensão que nos impele a questionar a eficácia da instrumentalização política da modalidade esportiva, principalmente como estratégia de aproximação e manipulação massiva. Mesmo em períodos mais densos de repressão, ainda que o Estado emergja como um articulador discursivo privilegiado, está longe de figurar como um narrador único, até porque seu próprio discurso – mesmo nos regimes autoritários – é um produto socialmente produzido. Embora não possa ser subestimada, sua pressuposta primazia narrativa não converge na automática adesão popular. Paralelamente, a própria volatilidade dos resultados esportivos, efêmeros por excelência, coloca em xeque a durabilidade dos sentidos identitários – também políticos e ideológicos – propostos.

Tais constatações, elaboradas com base nos trabalhos delineados por Alabarces e Archetti¹⁴⁰, nos remetem a alguns cuidados ao nos debruçarmos sobre a modalidade com interesse acadêmico. Talvez um dos perigos mais flagrantes e, paradoxalmente, difíceis de desvencilhar, resida na naturalização do futebol como lugar de afirmação nacional. Ao desprezarmos o processo histórico, incorremos no risco de transformá-lo em uma espécie de clichê amplamente difundido, mas vazio em significado, nas áreas de conformação de identidades presumidamente homogêneas.

Ao propor a análise de variadas visões elaboradas sobre o processo de construção de uma identidade nacional, por diferentes intérpretes do Brasil, a historiadora Stella Bresciani deparou-se com uma espécie de ressentimento compartilhado diante um projeto ainda

¹³⁸ ANDERSON, 2008.

¹³⁹ É interessante notar como esse processo de identificação perpassa pela introjeção de um vínculo afetivo e intersubjetivo, o qual é comumente compreendido como um traço cultural inato e comum. No caso do futebol, tal percepção é mais evidente ao nos depararmos com indivíduos que não se interessam ou não torcem pela equipe nacional. Tais atitudes não só são vistas com estranheza pelos demais, os quais questionam sua identificação, como recorrentemente impelem o sujeito a justificar-se para reivindicar sua posição comunitária, devidamente naturalizada.

¹⁴⁰ ALABARCES, 2002; ARCHETTI, 2003; 2008.

inconcluso¹⁴¹. Bresciani constatou que, mesmo sob perspectivas críticas, as distintas interpretações se embasaram em um mesmo conjunto de convicções, ideias e teorias comuns, tais como a determinação do homem pelo meio tropical adverso, as características atribuídas às raças constituintes e uma persistente descrença em nossa própria capacidade de realização¹⁴². Nesse sentido, a autora delimitou que

[...] a identidade nacional, qualquer uma, oferece-se enquanto *lugar-comum*, possibilitando à pluralidade de falas formuladas em lugares “diferentes” estabelecer diálogo, comparações e posições contrastantes, a despeito da instabilidade e dos múltiplos deslocamentos das imagens e representações que as constituem. Lugar-comum, a imagem resultante, *fundo-comum*, o material com o qual é elaborada e cuja genealogia necessita ser interrogada.¹⁴³

Em acordo com as ideias apresentadas por Bresciani, as análises de uma identidade nacional, perpetrada através do futebol, correm o risco constante de alocar um novo lugar-comum. Tomar a assertiva do futebol como uma paixão nacional, congênita ao indivíduo de determinada nacionalidade, de maneira incontestada apenas reifica um novo projeto político de construção identitária. Desta vez, sintetizada através da ligação cultural e afetiva de parte da população com esse esporte. A não problematização das dimensões subjetivas em sua historicidade, bem como das disputas envolvidas e das narrações formuladas ao longo do processo de elaboração de um determinado discurso de atribuição de identidade, incorre em uma simplificação tanto do fenômeno quanto de sua análise. Decorre na reprodução de estereótipos e incide no lugar-comum.

Ribeiro, em sintonia com o projeto de construção de uma “história social das paixões políticas”¹⁴⁴, empenha-se na reflexão sobre os instrumentos teórico-metodológicos, que viabilizem a investigação do futebol em perspectiva de suas dimensões social-afetivas. Ao longo de suas reflexões, o historiador dialoga com as proposições de diferentes autores, atestando a dificuldade de consolidação de um campo de pesquisa da modalidade esportiva, que valorize suas particularidades culturais, históricas e sensíveis, sem recair em um engajamento político na explicação da nação ou suas variantes regionais. Nesse aspecto, as considerações tecidas por Ribeiro, sobre o estudo do futebol, se aproximam das ressalvas delineadas por Bresciani, quanto às leituras ressentidas de uma identidade nacional recalcada:

¹⁴¹ BRESCIANI, S. Identidades inconclusas no Brasil do século XX. Fundamentos de um lugar-comum. In: _____; NAXARA, M. (Org.). *Memória e (res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. Unicamp. 2004.

¹⁴² Ibid., p. 420.

¹⁴³ Ibid., p. 403.

¹⁴⁴ ANSART, 1983; 1997; 2000; PROCHASSON, 2005.

A sobreposição das mensagens comoventes com o social e o cultural não pode soterrar as experiências afetivas dos sujeitos históricos. As frases recorrentes – lugares-comuns – de que o futebol “explica o Brasil”, que o futebol é “paixão nacional” ou de que “o amor ao clube é incondicional” são afirmações tautológicas e reprodutoras de discursos autocentrados. Por isso, precisam ser demonstrados historicamente.¹⁴⁵

O estudo das relações entre futebol e política no Brasil e na Argentina, seja no quadro singular da Copa de 1978 ou em outro cenário específico, perpassa pela apreciação dos afetos e subjetividades, que permeiam os indivíduos em seu envolvimento com o esporte. Tal como tentamos explorar até o momento, o sentimento de pertença, as motivações subjetivas, bem como as formulações narrativas elaboradas sobre os significados culturais atribuídos ao futebol, são alguns dos elementos que não podem ser desconsiderados no processo de análise das aproximações com a esfera política.

Uma das construções que permeia de modo mais flagrante a interpelação de elementos subjetivos, afetivos e também políticos, é a constituição de uma identificação nacional a partir do futebol. Em acordo com os debates que permearam a fragmentação do sujeito e que atentaram para uma constituição multifacetada e plural dos indivíduos, tomamos a modalidade como um dos lugares de produção de identificações, inclusive na elaboração imaginária de uma comunidade nacional.

Sob vieses um tanto diferentes, autoras como Braidotti e Sarlo¹⁴⁶, atentaram justamente para o impacto das subjetividades, decorrentes da experiência dos indivíduos na edificação retrospectiva de sua autoimagem. De maneira semelhante, o entendimento do futebol como elemento catalizador de identidades deve ser visualizado sob uma perspectiva análoga, já que sua consolidação como tal se desenvolve a partir de narrações e discursos, tecidos sobre os significados culturais. Estes são elaborados com base nos vínculos afetivos, temporalmente estabelecidos pelos indivíduos com a modalidade desportiva.

Um exercício de análise, que deve se preocupar com as dimensões históricas dos afetos, atuando na desconstrução de pressupostos sedimentados e naturalizados. Um cuidado epistemológico e metodológico necessário para apurar as forças, inclusive políticas, em disputa na construção de determinadas identidades. Afinal, ao ignorarmos a própria construção temporal e simbólica dos aspectos subjetivos, corremos o risco de reificar lugares-comuns sobre o futebol e suas decorrentes acepções políticas.

¹⁴⁵ RIBEIRO, 2012, p. 38.

¹⁴⁶ BRAIDOTTI, 2000; SARLO, 2007.

Nesses termos, é importante destacar que a elaboração e a vinculação de sentimentos a um determinado fenômeno, sejam em suas acepções culturais ou sociais, se trata de um processo narrativo simultaneamente perene e dinâmico. Perene quanto à necessária reafirmação dos sentidos de identidade projetados, a fim de manter atualizada sua capacidade de mobilização em torno de um anseio comum. E dinâmico devido à contínua mutação de suas expressões, o tensionamento de sua trajetória recente em relação às memórias dominantes, nas quais assenta sua pressuposta tradição¹⁴⁷. Em ambas dimensões, observamos o embate, eminentemente político, dos diferentes narradores que buscam não só veicular uma leitura particular, como reivindicar em seu favor, ou de seus projetos e ideais, os sentimentos de pertença, as paixões e as identificações análogas.

Embora tratemos da construção histórica de elementos afetivos e subjetivos correlatos ao futebol, a relação dos sujeitos com a modalidade está longe de figurar como uma experiência privada ou individual. Antes disso, desenvolve-se sob um âmbito coletivo e multifacetado, ainda que submisso a diferentes sensibilidades. Em grande parte, o próprio contato com o futebol, ou seus eventos mais relevantes, se dá sob um condicionante restritivo: as lentes focais de um mediador. Para nós, justamente um dos locais em que as extensões políticas e afetivas do esporte aparecem de forma mais evidente. Atuam como condicionantes e, não excepcionalmente, buscam modular olhares e opiniões. Também são um dos poucos espaços em que nos deparamos com os registros desse processo, os quais nos deixam, inadvertidamente, os vestígios das operações políticas e afetivas tecidas.

Entre esses mediadores, interessa-nos, de modo particular, os veículos de comunicação de massas. Quando as construções afetivas articuladas sobre o futebol são propagadas através de alguns de seus exemplares, a abrangência de seus possíveis sentidos também é potencializada. Os sentimentos, as mobilizações passionais dos indivíduos a partir do esporte se expandem nos momentos em que uma partida é transmitida pela televisão, reportada pelo rádio ou mesmo quando os órgãos de imprensa escrita repercutem os acontecimentos esportivos, prolongando seus desdobramentos.

Através desses, os discursos políticos diversos produzidos a partir ou sobre o futebol ganham dimensões públicas. Transcendem os limites de uma significação particular, para serem difundidos em um espaço de interpretação partilhado coletivamente.

¹⁴⁷ No tocante ao futebol, podemos observar os esforços de associação de um determinado time ou selecionado nacional à memória elaborada sobre eventos míticos e paradigmáticos. É o caso, por exemplo, do Brasil em relação à equipe tricampeã em 1970; ou do Uruguai e o *Maracanazo* de 1950.

1.3 O FUTEBOL COMO UM CATALIZADOR AFETIVO DAS MASSAS NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Um dos aspectos fundamentais para que o futebol se convertesse em um importante articulador discursivo, junto aos veículos de imprensa, é a sua percepção enquanto uma prática cultural, cujo desenvolvimento histórico ao longo do século XX adquiriu a projeção de um fenômeno de massas. Embora as massas e sua cultura tenham sido amplamente estudadas desde o final do século XIX, a percepção de seu potencial político foi reiteradamente escamoteada pelo projeto emancipatório da modernidade. A partir deste ideal, a capacidade de ação dos sujeitos se restringia a sua aptidão para reconhecer-se enquanto tal, bem como de refletir criticamente sobre sua própria realidade. Em ambos os casos, a razão iluminista emergiu como suporte central do ato político-público, legando os sentimentos, medos, desejos e frustrações ao domínio menos visível, ou oculto, do privado.

Sob essa lógica, como sugere certa tradição do pensamento moderno, a eclosão da sociedade de massas subsiste com o próprio temor da aniquilação do sujeito, de sua sublimação ante uma conformação social, na qual desaparecem os indícios de individualidade. Dessa forma, desvanecem as condições para uma formulação da política como agora, onde os cidadãos, constituídos unitariamente ou como representantes de seus pares, propõem ideias, estimulam o debate e estabelecem consensos.

Jürgen Habermas foi um dos pensadores tributários dessa tradição a propor uma reflexão sobre a refuncionalização da esfera pública, entendida como uma construção histórica burguesa, em vista da transformação dos órgãos de imprensa em veículos de massa. Para o filósofo alemão, esse processo desencadeou um duplo movimento na esfera pública. Por um lado, ampliou-a nos termos dos sujeitos que passaram a integrar seu raio de ação. Por outro, deslocou e esvaziou seu sentido político, de modo que esta esfera passou a servir à locução de interesses privados, em espaços de abrangência pública:

Em comparação com a imprensa da era liberal, os meios de comunicação de massa alcançaram, por um lado, uma extensão e uma eficácia incomparavelmente superiores e, com isso, a própria esfera pública se expandiu. Por outro lado, também foram cada vez mais desalojados dessa esfera e reinseridos na esfera, outrora privada, do intercâmbio de mercadorias; quanto maior se tornou a sua eficácia jornalístico-publicitária, tanto mais vulneráveis se tornaram à pressão de determinados interesses privados, sejam individuais, sejam coletivos. Enquanto anticamente a imprensa só podia intermediar e reforçar o raciocínio das pessoas

privadas reunidas em um público, este passa agora, pelo contrário, a ser cunhado primeiro através dos meios de comunicação de massa.¹⁴⁸

Tais considerações sobre o papel dos veículos de imprensa, no contexto da sociedade de massas, comprometem a sua perspectiva enquanto lugar de observação do debate político, para além da soma de interesses privados. Sob tais acepções, a esfera pública capitalista moderna se esvaziaria do debate público, para tornar-se o local de manipulação de opiniões em favor de interesses particulares. Em outras palavras, trata-se da ingerência – privada – sobre a própria opinião pública como instrumento de legitimação política forjada.

Naturalmente, o consenso fabricado não tem a sério muito em comum com a opinião pública, com a concordância final após um laborioso processo de recíproca “*Aufklärung*”, pois o “interesse geral”, à base do qual é que somente seria possível chegar a uma concordância racional de opiniões em concorrência aberta, desapareceu exatamente à medida que interesses privados privilegiados a adotaram para si a fim de se auto-representarem através da publicidade.¹⁴⁹

Embora as reflexões de Habermas, sobre o papel da imprensa na esfera pública burguesa, nos sejam caras, seu esfacelamento ante a transformação da imprensa liberal em veículos de massa se apegam a uma percepção política restritiva, engajada no projeto racional-iluminista do indivíduo esclarecido. Sob tal perspectiva, a esfera pública, em sua configuração contemporânea correlata à instauração de uma sociedade de massas, acarretaria em um espaço onde a discussão política se dilui, a ponto de suprimir o debate coletivo, substituindo-o por imposições de sucessivas elucubrações particulares. Em certo aspecto, tal juízo nos remeteria à imprensa como um corpo quase homogêneo – no tocante à submissão dos periódicos a pressões comerciais –, cuja capacidade de subverter a opinião pública, em prol de interesses convenientes e restritivos, fundamentaria a simples alienação, obscurecendo grande parte de sua expressão política.

Sem conseguir enxergar o espaço necessário para a livre expressão crítica, Habermas acaba por negligenciar o potencial político das massas e dos veículos de mídia, para além da manipulação. Sabendo que a esfera pública se converteu em um espaço dominado pelos meios de comunicação massivos, para analisar suas acepções políticas se faz necessário buscar reflexões que não restrinjam a análise apenas à instrumentalização – ignorando a própria força de aglutinação da cultura de massas e o envolvimento afetivo dos sujeitos – e que busquem

¹⁴⁸ HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. p. 221.

¹⁴⁹ Ibid., p. 228-29.

debater as particularidades históricas, bem como as indeterminações dos fenômenos de massas sob perspectivas diferentes.

Ao se converterem em meios massivos, os meios de comunicação passam a versar sobre/para as massas e não mais para o público enquanto um conjunto de indivíduos que, mesmo separados, são identificados singularmente. Essa percepção está presente nas apreciações de Gabriel Tarde, cuja produção observava, já ao final do século XIX, a conformação do público como uma espécie de multidão espacialmente dilatada e segmentada: “de fato o *público* [...] é uma multidão dispersa, em que a influencia dos espíritos uns sobre os outros tornou-se uma ação à distância, a distâncias cada vez maiores”¹⁵⁰. Sob tais configurações, podemos afirmar que nesses casos o público é a própria massa, ou anseia sê-la.

Muito antes das considerações de Habermas, sobre a degradação da esfera pública em vista do desenvolvimento dos veículos de comunicação como meios próprios da cultura de massa, Tarde já havia visualizado na formação dos públicos uma nova configuração coletiva psicossocial dos indivíduos que ganhava projeção política. Para o estudioso francês, desde a invenção da imprensa, a idade moderna verificou o surgimento de um agrupamento social variado e crescente, marcado pela sugestão à distância entre os indivíduos que, mesmo apartados, reconheciam traços comuns na confluência entre seus interesses, paixões e preconceitos.

Coisa estranha, os homens que assim se empolgam, que se sugestionam mutuamente, ou melhor, que transmitem uns aos outros a sugestão vinda de cima, esses homens não se tocam, não se veem nem se ouvem: estão sentados cada um em sua casa, lendo o mesmo jornal e dispersos num vasto território. Qual é, pois, o vínculo que existe entre eles? Esse vínculo é, juntamente com a simultaneidade de sua convicção ou de sua paixão, a consciência que cada um deles possui de que essa ideia ou essa vontade é partilhada no mesmo momento por um grande número de outros homens. Basta que ele saiba disso, mesmo sem ver esses homens, para que seja influenciado por estes tomados em massa, e não apenas pelo jornalista, inspirador comum, ele próprio invisível, desconhecido e, por isso mesmo, ainda mais fascinante.¹⁵¹

Em vista disso, o estudioso francês salientou que mais do que uma era das multidões, enquanto agrupamento presencial, seu tempo se tratava de uma era dos públicos e que estes eram os grupos sociais do futuro¹⁵². Com outros termos, o autor já apontava a formação de

¹⁵⁰ TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 2.

¹⁵¹ Ibid., p. 7.

¹⁵² Ibid., p. 14.

uma sociedade de massas, de públicos que representavam uma espécie de “multidão virtual”¹⁵³, permeada e aglutinada através das correntes de opinião emitidas desde a imprensa.

Tarde, contudo, não via nesse processo os sujeitos de maneira simplesmente estática e receptiva, mas salientava que na organização dos públicos se desenvolvia dupla seleção e adaptação. Tanto do leitor em relação ao jornal, que melhor representaria seus sentimentos e convicções; quanto do publicista, em vista de seu público – os leitores de seu agrado a que buscava conservar, bem como impressionar¹⁵⁴. Embora a influência do articulista sobre o público fosse mais perene, pela frequência e atualidade das produções, este também mantinha uma força de ação sobre os redatores, localizados nas revistas e jornais. Mesmo que Tarde não a enuncie dessa maneira, percebemos uma associação dialética entre os sentimentos expressados pelas massas, enquanto públicos, e as narrativas produzidas nos meios de comunicação.

Ao versarem sobre o futebol, os discursos propagados pelos órgãos de imprensa se dirigem para massas/públicos variáveis, de acordo com o contexto e o interlocutor elegidos – basicamente de onde se fala e para quem se fala. Em um quadro local, sob o cenário de um enfrentamento entre duas agremiações distintas, por exemplo, determinadas produções discursivas podem se voltar para o conjunto de torcedores de uma das equipes, ou para nenhum deles em particular e focar-se nos aficionados pelo esporte em geral.

Essa situação é verificável quando observamos as coberturas produzidas, a partir do confronto de clubes regionalmente distintos. Nas cidades de origem de cada agremiação, onde normalmente ocorre uma maior concentração de torcedores desta do que de seu adversário, as narrativas construídas tendem a enfocar o clube local, como uma espécie de protagonista de sua história, dirigindo-se majoritariamente para o público identificado e preocupado com este. Em um contexto no qual os agentes esportivos se confundem com as próprias representações nacionais comunitárias – caso clássico das seleções e dos embates proporcionados por competições como a Copa do Mundo –, as narrativas produzidas se dirigem para uma configuração mais ampla da massa, na qual os sentimentos predominantes, que lhes assegura a coesão, circulam ao redor da sensação de pertencimento e identificação nacionais. Nesses casos, os discursos produzidos sobre o futebol, a partir de sua mobilização afetiva, permitem aos enunciadores proporem interpretações sobre questões correlatas à nacionalidade, com o intuito de atribuir-lhe características e significados, eminentemente políticos, de acordo com

¹⁵³ Ibid., p. 15.

¹⁵⁴ Ibid., p. 18-19.

seus interesses e compreensões particulares. A eficiência desses discursos, entretanto, depende também do público para quem se direcionam e de sua acomodação enquanto massa.

Elias Canetti é um dos pensadores do século XX que, inspirado por suas próprias experiências, se propôs a discorrer sobre a massa. Embora também seja inspirado pelo pensamento moderno que, como destaca Peter Sloterdijk¹⁵⁵, parte do projeto Hegeliano de desenvolver a substância como sujeito – no que incide sobre a perspectiva da subjetivação da massa –, busca dissecá-la em vista de sua indubitável presença nas sociedades humanas como algo que não apenas se impõe aos indivíduos, dissipando qualquer traço de personalidade, mas do qual estes almejam participar. De acordo com Canetti, a conformação da massa em sua forma plena, isto é, aparentemente espontânea, densa e irrestrita, manifesta como traço físico essencial à inversão do temor do contato, do toque de uns com outros que viola o corpo e agride psiquicamente o sujeito, pois lhe invadia um espaço íntimo e exclusivo. Na massa, essa preocupação desaparece e o ajuntamento é tanto buscado quanto desejado:

Somente na massa é possível ao homem libertar-se do temor do contato. Tem-se aí a única situação na qual esse temor transforma-se no seu oposto. E é da massa *densa* que se precisa para tanto, aquela na qual um corpo comprime-se contra o outro, densa inclusive em sua constituição psíquica, de modo que não atentamos para quem é que nos “comprime”. Tão logo nos entregamos à massa não tememos o seu contato. Na massa ideal, todos são iguais. Nenhuma diversidade conta, nem mesmo a dos sexos. Quem quer que nos comprima é igual a nós. Sentimo-lo como sentimos a nós mesmos. Subitamente, tudo passa então como que no interior de um único corpo.¹⁵⁶

Para Canetti, o elemento mais importante para a completa concretização da massa é a descarga. É através desta que os homens de fato se entregam àquela, dissolvendo as múltiplas barreiras hierárquicas, sociais e econômicas, que permeiam seus componentes e os apartam. É com a eclosão da descarga, que se dissipam as diferenças entre os sujeitos, que estes se oferecem plenamente à excitação e se desprendem de sua subjetividade particular, de modo a compor uma coisa só. Os indivíduos têm a sensação de ultrapassar as próprias fronteiras que os limitam e os distanciam dos demais. Nesse sentido, a descarga produz um efeito fictício de igualdade, que arrebate temporariamente seus integrantes. Passada a descarga e desintegrada a massa, a ilusão se desfaz e as múltiplas diferenças rapidamente se reestabelecem. O desejo de experimentar novamente o arrebatamento emotivo, livrar-se dos grilhões e pressões sociais

¹⁵⁵ SLOTERDIJK, Peter. *O desprezo das massas: ensaios sobre lutas culturais na sociedade moderna*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p. 11.

¹⁵⁶ CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 14.

diversas, faz com que maioria dos indivíduos deseje, em algum momento, confiar-se novamente a ela.

Somente a união de todos é capaz de promover-lhes a libertação das cargas da distancia. E é precisamente isso o que acontecesse na massa. Na *descarga*, deitam-se abaixo as separações, e todos se sentem *iguais*. Nessa sua concentração, onde quase não há espaço entre as pessoas, onde os corpos se comprimem uns contra os outros, cada um encontra-se tão próximo do outro quanto de si mesmo. Enorme é o *alívio* que isso provoca. É em razão desse momento feliz, no qual ninguém é *mais* ou melhor do que os outros, que os homens transformam-se em massa.¹⁵⁷

Ao refletir sobre essa passagem, Sloterdijk chama a atenção para um aspecto importante do igualitarismo promovido pela descarga. A equiparação dos sujeitos não se dá através do consenso individualmente discutido e estabelecido, ou seja, do reconhecimento de si e do outro como iguais, em acordo com o projeto emancipatório que constitui um dos cerne da modernidade. Nas palavras do autor, o indivíduo assume uma figura heterodoxa, pois “não pensa o motivo da igualdade a partir da igualdade de direitos, mas do concomitante deixar-se ir da maioria”¹⁵⁸. Sob esse aspecto, são os sentimentos, os afetos e a indeterminação da excitação psíquica das massas que seduz e liberta o sujeito, diluindo-os na multidão amorfa, com uma inegável potência política.

Mais do que isso, é preciso reforçar que, por mais que os indivíduos se abstenham da reflexão no instante de sua agregação social como massa, isso não significa que eles estejam desprovidos de vontade. Os sujeitos desejam fazer parte da massa, deixar-se levar pela maioria. Mas não se trata de um agrupamento qualquer. Deve haver algo nele que os seduza que lhes provoque algum sentimento comum e lhes evoque a imagem de pertença. Esse movimento é evidente principalmente no contexto dos meios de comunicação de massas, no qual as narrativas produzidas a seu público tentam atribuir algum sentido a esse agrupamento social disperso, manter certa coesão e, eventualmente, incitá-lo a agir.

Entre as principais propriedades da massa, Canetti destaca quatro elementos: a ânsia pelo crescimento constante, a igualdade em seu interior, a busca pela densidade e a necessidade de uma direção – ou de uma meta – que a mantenha unida. Entretanto, a premência dessas características apresenta variações, de acordo com a composição da massa e suas especificidades. Uma das distinções propostas pelo autor relaciona-se à limitação espacial e ao movimento de propagação das massas, separando-as em abertas e fechadas. Em sua leitura, é na primeira situação que a massa apresenta sua expressão natural, quando não

¹⁵⁷ Ibid., p. 17.

¹⁵⁸ SLOTERDIJK, 2002, p. 18.

experimenta fronteiras ao seu crescimento e pode seguir propagando-se em todas as direções, com uma aglomeração cada vez mais intensa em seu centro. Embora poderosa, essa constituição da massa também é frágil em sua formação, pois logo que cessa de crescer também rapidamente pode perder seu sentido, tendendo para a desagregação.

O segundo caso se aproxima mais de nossas ambições neste estudo. Trata-se das massas fechadas, que não têm a mesma ambição de crescimento infinito, ou ao menos postergam este desejo. De acordo com o autor: “essa renuncia ao crescimento, visando sobretudo a durabilidade. O que primeiro salta aos olhos é, em primeiro lugar, sua fronteira. A massa fechada se fixa. Ela cria um lugar para si na medida em que se limita [...]”¹⁵⁹. Ao optar pela contenção as massas fechadas, perdem parte de sua energia de descarga, mas ganham em sua capacidade de conservação e reativação, sustentando certa unidade e se protegendo de influências externas.

Ao pensarmos o futebol, sob a égide de sua formação massiva e espetacularizada, é esta última configuração que adquire forma predominante. Em sua relação cultural e afetiva com a população, o futebol age como um catalizador de mobilização de diferentes formas de massas, normalmente delineadas tanto por fronteiras materiais quanto imaginadas, simbólicas. A organização dos estádios, por exemplo, impõe uma série de limitações, a começar pelo número de lugares disponíveis, que já pressupõe um ponto máximo de concentração. Nesse mesmo sentido, seu desenho circular orienta a disposição dos espectadores como anel, encerrado e voltado para si mesmo. Além disso, como sugere a própria redação de Canetti, uma das características das massas fechadas é busca pela repetição, uma expectativa também alimentada pela existência de lugares criados para sua reunião, como é o caso das arenas desportivas:

Aquilo, porém, com que ela conta muito especialmente é a *repetição*. Graças à perspectiva de voltar a reunir-se, a massa sempre se ilude quanto a sua dissolução. O edifício espera por ela, existe por sua causa, e, enquanto ele existir, as pessoas voltarão a reunir-se de modo semelhante. Mesmo na maré baixa o espaço lhes pertence e, vazio, ele lembra a época da cheia.¹⁶⁰

Entre os exemplos utilizados por Canetti, o esporte, em particular o futebol, também é elencado como uma das principais expressões das massas nas sociedades modernas. Além de aglutinarem diferentes tipos de agrupamento, os embates esportivos operam como sistemas duplos, já que pressupõem o duelo de duas massas distintas e opostas. Sob a

¹⁵⁹ CANETTI, 1995, p. 15.

¹⁶⁰ Ibid., p. 16.

representatividade nacional, estes operam também como um substituto simbólico do confronto bélico¹⁶¹, conjuntura emblemática da Copa do Mundo. Segundo o autor, os espetáculos esportivos contribuem destacadamente na organização de massas estanques, nas quais os sujeitos encontram a expectativa perene da descarga e a possibilidade de repetição:

Nossas modernas competições esportivas são mais funcionais. Os espectadores podem *sentar-se*; a paciência de todos exhibe a si própria. As pessoas têm os pés livres para batê-los, mas permanecem no mesmo lugar. E têm as mãos livres para bater palmas. Uma certa duração está prevista para o espetáculo; em geral não se supõe que ela seja abreviada; ao menos por esse período de tempo é certo que todos permanecerão reunidos. Mas nesse espaço de tempo tudo pode acontecer. Não há como saber antecipadamente sem quando e de que lado será marcado um gol, e, mesmo paralelamente a esses ansiados acontecimentos principais, há diversas outras coisas que podem conduzir a ruidosas erupções. A voz faz-se ouvir com frequência e em ocasiões variadas. A predeterminação temporal, porém, retira algo do caráter doloroso da desagregação final, da separação. Ademais, dá-se aos perdedores a oportunidade de uma revanche, e nem tudo terminou para sempre. Nesses espetáculos, a massa pode pôr-se realmente a vontade: ela pode aglomerar-se nas entradas e, posteriormente, estancar nos assentos; pode gritar de todas as maneiras, quando o momento certo se apresenta; e, mesmo estando já tudo acabado, pode nutrir a esperança de, no futuro, voltar a ter oportunidades semelhantes.¹⁶²

Embora as massas fechadas e minimamente organizadas sejam as que melhor enquadram a mobilização proporcionada pelo esporte-espetáculo, essa condição não é uma certeza. Mesmo restritas fisicamente e aglutinadas ao redor dos cristais de massa¹⁶³, que compõem os times de futebol – clubes e seleções uniformizadas –, as massas esportivas podem passar pela *erupção*, instante súbito no qual uma massa fechada irrompe em descarga convertendo-se em uma aberta¹⁶⁴.

Exemplos desse fenômeno dentro do futebol não faltam. Sob variadas cargas afetivas, há ocasiões nas quais as torcidas deixam as limitações das arquibancadas para invadir o gramado, seja no enfrentamento violento contra aqueles que consideram seu inimigo naquele instante, ou na explosão festiva da conquista de um título há muito aguardado. Esse mesmo efeito também pode ser visto quando, diante de algum feito surpreendente, como uma classificação inesperada ou uma vitória inédita, as pessoas não apenas deixam os limites do estádio, mas também de quaisquer lugares em que se encontram unitariamente como

¹⁶¹ Ibid., p. 467.

¹⁶² Ibid., p. 34-35.

¹⁶³ De acordo com o autor, os cristais de massa são compostos por pequenos grupos humanos relativamente homogêneos, facilmente identificáveis e de longa durabilidade, que podem dar ensejo aos agrupamentos massivos. A percepção da unidade do grupo é fundamental, seus membros devem ser treinados em suas atividades para desenvolvê-la em conjunto e, por vezes, um uniforme também pode delimitar sua reunião. Ibid., p. 72-73.

¹⁶⁴ Ibid., p. 19-21.

espectadores – casas, bares, etc. –, para integrar-se à festa que invade e reivindica para si os espaços públicos da cidade: ruas, praças e avenidas.

Segundo Sloterdijk, Canetti desenvolve uma interessante “fenomenologia do espírito das massas”, na qual atenta para múltiplos aspectos que percorrem a sua formação, seus estímulos e conteúdo predominantes, com a proposição de diferentes categorizações. Sua atenção, contudo, se volta principalmente para a conformação das massas como grupos de ajuntamento, isto é, aqueles que surgem da reunião presencial dos indivíduos e levam à formação das multidões¹⁶⁵.

Em consonância com o desenvolvimento dos meios de comunicação como veículos de massa, Sloterdijk propõe uma atualização do pensamento de Canetti, pois entende que a reunião corporal já não representa mais o aspecto predominante das massas¹⁶⁶. No seu lugar, ganharam premência as composições coloridas ou moleculares sob influência das mídias, próprias das sociedades pós-modernas¹⁶⁷. Ao invés do agrupamento sólido e coeso dos ajuntamentos, verifica-se uma disposição gaseiforme, onde as partículas oscilam à distância em espaços próprios¹⁶⁸.

A massa de ajuntamento tornou-se uma massa relacionada a um programa – e esta se emancipou, de acordo com a definição, da reunião física num local comum a todos. Nela, como indivíduo se é massa. Agora se é massa sem que se veja os outros. A consequência disso é que as sociedades de hoje – ou se pode dizer: as pós-modernas – não mais se orientam primariamente pelas suas próprias experiências corporais, mas se observam apenas por meio de símbolos das comunicações de massa, de discursos, de modas, programas e celebridades.¹⁶⁹

Estilhaçadas, as massas pós-modernas, deixam de ter como principal efeito de coesão a corrente mimética ou força de um líder para seguir um programa, narrado e transmitido pelos veículos de mídia: “o caráter de massas não se expressa mais na reunião física, mas na participação em programas de meios de comunicação de massa”¹⁷⁰. Embora Sloterdijk desconfie do potencial político dessa massa difusa e subjetiva, em que parte da experiência da

¹⁶⁵ SLOTERDIJK, 2002, p. 11; 14.

¹⁶⁶ De certa forma, esse diagnóstico já havia sido realizado por Tarde, quando em vista da profusão da imprensa afirmava o surgimento dos públicos, atentos às opiniões emitidas desde os jornais, quase que em substituição a aglomeração das pessoas ante um condutor. Embora não se detenha sobre essa situação, Canetti também reconhecia essa conformação de uma massa diluída e estável no público leitor dos jornais, mas seu interesse particular se voltava, sobretudo, para a sua expressão mais crua como um fascinante agregado humano. TARDE, 2005; CANETTI, 1995, p. 51.

¹⁶⁷ SLOTERDIJK, 2002, p. 23.

¹⁶⁸ Ibid., p. 21.

¹⁶⁹ Ibid., p. 20.

¹⁷⁰ Id.

descarga foi substituída pelo entretenimento, e veja nela o imperativo da indiferença¹⁷¹ ao invés da igualdade, ela ainda mantém latente sua força política e capacidade de mobilização em torno de causas comuns, que podem servir como catalisadores de sua manifestação. O futebol, cujo desenvolvimento histórico o imbuíu de forte carga afetiva e cultural, conserva essa capacidade de mobilização e agregação dos indivíduos que, muitas vezes, outros setores mais sérios da sociedade, como a política-institucional, não conseguem incutir nas mesmas proporções. Por isso mesmo, ele se torna um espaço profícuo de construções narrativas, que tentam atribuir-lhe novos sentidos e proporcionar uma direção à massa.

Nos espaços onde o futebol encontrou profícua disseminação – como na Argentina e no Brasil –, ambos os fenômenos, a massa densa de gente de Canetti e sua composição molecular e gasosa sugerida por Sloterdijk, não somente coexistem como se relacionam mutuamente. Há tanto uma multidão de expectores-torcedores que segue os jogos em loco, quanto outra, ainda mais ampla que acompanha as partidas à distância, mediada pelos meios de comunicação. Em comum entre elas há uma formulação imaginária, simbólica e sensível, que lhes confere um sentido mínimo de unidade entre seus componentes. Mesmo aqueles que não estão presentes se identificam com os que lá estão; assim como a massa aglutinada também verifica, nos ausentes, símbolos e sentimentos que lhes são comuns.

Do mesmo modo, ao delinear suas narrativas e análises sobre a modalidade esportiva, os veículos de imprensa e os interlocutores públicos se dirigem para o público-massa tendo em vista suas múltiplas configurações: os torcedores que se concentram nas arquibancadas e aqueles territorialmente isolados, mas igualmente apaixonados. Tais descrições se preocupam menos com as distinções, antes disso, buscam os signos de identificação e pertencimento comuns que lhes permitam propagar seu discurso ao público como um todo.

No caso específico investigado aqui, as narrativas produzidas ao redor do mundial de 1978, notamos que os veículos de imprensa instigam diferentes leituras para o esporte. Algumas delas questionam sua configuração como um fenômeno massivo, apenas para desqualificá-lo como um instrumento de alienação, em consonância com a interpretação emancipatória moderna dominante. Outros buscam capitalizar os sentimentos e emoções que mobiliza em prol de causas específicas, como a legitimação e propaganda de determinado

¹⁷¹ Segundo a análise Sloterdijk, em sua composição pós-moderna, a massa transforma as diferenças verticais entre os sujeitos em diferenças horizontais, nas quais os indivíduos querem existir um ante os outros diante de suas próprias diferenças. Por isso mesmo sua definição como “colorida”. Nas palavras do autor: “A cultura de massas pressupõe o fracasso de todo fazer-se interessante, e isto quer dizer fazer-se-melhor-do-que-os-outros. E isto com razão, pois é seu dogma que somente nos diferenciemos entre nós sob o pressuposto de que nossas diferenças não façam diferença”. Ibid., p. 108.

governo ou a construção de laços de afeto, que estreitem a relação de lideranças políticas com a população.

Em um sentido inverso, mas que recorrentemente emprega subterfúgios discursivos semelhantes, também reverberam discursos que se utilizam do apelo massivo do esporte para reivindicar visibilidade e representatividade para movimentos de contestação à ordem estabelecida. Com intenções similares, outras construções narrativas, textuais ou imagéticas, buscam capitalizar seus signos massivos, para propor algum tipo de crítica política ante o público.

Nessas últimas situações, são menos importantes a compreensão política que seus narradores delineiam sobre o esporte, do que a tentativa de operacionalização de seus símbolos e carga emotiva. Em todas essas situações, mesmo quando as articulações políticas e sociais do esporte são negadas ou contestadas, a fim de manter invisíveis e inquestionadas as múltiplas relações de poder, sua potencialidade político-afetiva se faz presente.

Diante de nosso recorte de análise, também cabe uma ressalva quanto às possibilidades de manifestação pública dos veículos de imprensa, em relação aos contextos de regimes autoritários, como aqueles verificados no Brasil e na Argentina no período. Em consonância com a compreensão da esfera pública, como um espaço próprio de sociedades modernas e democráticas¹⁷², seu entendimento enquanto lugar de manifestação política, mesmo de caráter privado, perderia parte significativa de sua conotação, uma vez que estaria submetida, na maioria dos casos, à supervisão e regulamentação estatais.

No nosso entendimento, entretanto, uma vez que os meios de comunicação não estejam totalmente sob o controle do Estado, ou seja, não constituam empreendimentos exclusivamente estatais, este espaço de expressão ainda existe, embora sob sérias restrições – o que não significa que elas não possam ser burladas. Apesar de vigiados, os veículos de comunicação ainda detêm possibilidades de manifestação pública, mesmo que, em diversos casos, de forma velada. Nesse sentido, não podem ser desvalorizados os silêncios, sejam eles como a impossibilidade de fala, ou como estratégia de resistência, quando em desacordo com algo que não podem contestar. A opção se dá pela negativa em dizer qualquer coisa que possa ser ressignificada como apoio.

Em acordo com esta leitura, os órgãos de imprensa mantêm a sua função como agentes formadores de opinião. Suas ações podem ser tanto em um sentido de legitimação da ordem instituída – quando partilham de um mesmo campo político e ideológico –, quanto de

¹⁷² HABERMAS, 1984; LUBENOW, J. A. A esfera pública em Jürgen Habermas: para uma reconstrução autocrítica. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, São Paulo, v. 10, p. 103-123, jan. 2007. p 104.

uma pressão parcial tolerável ou mesmo de oposição. Nas últimas circunstâncias, a ação estatal pode ser mais incisiva e violenta, utilizando desde mecanismos como a censura prévia, até mesmo o fechamento dos veículos de comunicação e o aprisionamento de seus idealizadores. De qualquer modo, o espaço comunicativo da esfera pública persiste, embora evidentemente cerceado. Nestes contextos, a manifestação política dos periódicos, principalmente ao se rebelarem contra o regime estabelecido, depende de sua habilidade discursiva, das táticas que utilizam para se pronunciarem publicamente.

A circularidade dos discursos atinge públicos variados. Mesmo tentando se dirigir para as massas, ou para o máximo de integrantes possível, seu espectro de influência é limitado justamente pelo embate com outras correntes de opinião. De certo modo, eles falam mais dos objetivos dos seus enunciadores do que do público-massa que buscam atingir. Mesmo quando determinadas narrativas adquirem certa hegemonia no espaço público, sua eficácia política não pode ser comprovada automaticamente e, quando submetida à reflexão individual, ela não revela os mesmos significados de sua apreciação massiva.

Exemplo disso são as narrações que reivindicam um status político de suporte às ditaduras, em vista das vitórias esportivas. O sentimento de identificação com a representação nacional não significa um apoio obrigatório ao regime estabelecido. Assim como o desinteresse por essa mesma conquista não constitui uma necessária manifestação de repúdio. São os discursos produzidos e veiculados publicamente que buscam, com maior ou menor grau de aceitação, atribuir sentidos sociais e políticos distintos aos sentimentos e afetos massivos, aglutinados pelo esporte de acordo com seu contexto de produção singular.

É com base nessa dialética entre a interlocução com um determinado público, a construção de opiniões e a conformação de uma massa, que os discursos produzidos sobre o futebol, a partir de suas acepções histórico-culturais, adquirem nova densidade enquanto linguagem política. Em acordo com o momento, foco e lugar de produção, reconfiguram-se narrações sobre o esporte, de modo a abordar problemas que não lhe são comumente impostos ou exaltados. Não se trata de negar ao esporte um conteúdo político-afetivo prévio – mesmo oculto, ele está sempre presente; mas de torná-lo visível e discuti-lo, bem como de sugerir novas interpretações. Em outros termos, os discursos correlatos ao futebol são chamados para o debate e disputa públicos, de seus significados e usos políticos. Como afirmamos anteriormente, em sua configuração histórica como fenômeno de massas, é justamente a inflexão das paixões e sentimentos que lhe confere potencialidade política, permitindo o tensionamento polissêmico de suas narrativas político-públicas.

2 A DISPUTA PELA COPA MUITO ANTES DA COPA: DA ESCOLHA DA ARGENTINA COMO SEDE ÀS DÚVIDAS SOBRE SUA REALIZAÇÃO ÀS VÉSPERAS DO GOLPE

Ao tratarmos de acontecimentos espaçados e pontuais, como é o caso de eventos esportivos massivos como a Copa do Mundo de futebol e os Jogos Olímpicos, não é incomum que a abordagem adquira uma conotação episódica e singular, como se o curto intervalo no qual se desenvolvem encerrasse suas articulações políticas, sociais e culturais. Sem dúvida, durante o período de realização desses eventos, os múltiplos desdobramentos experimentam uma projeção descomunal, em um efeito que tanto potencializa sua área de abrangência quanto expõe relações até então pouco perceptíveis.

Contudo, ainda que o desenrolar da Copa do Mundo aglutine expressões e atenções, não podemos esquecer que a competição em si – o período no qual se desenvolve e durante o qual experimenta uma intensa efervescência – constitui o ponto culminante de um processo mais longo. Ao pensarmos a competição adiante do pontual embate esportivo, como fenômeno sociocultural particular, percebemos que muitas expressões e entrelaçamentos precedem o evento e se prolongam a este. Ao atentarmos para o famigerado mundial da Argentina, sobretudo quando direcionamos nosso olhar especificamente para o país sede, é fundamental atentarmos para a Copa do Mundo como um processo mais longo. Isso porque antes das disputas levadas a cabo dentro dos gramados, do desempenho da seleção local, cuja vaga no certame já estava assegurada pela condição de anfitriã, a preocupação primeira estava em viabilizar a competição.

Se o mundial de 1978 se sedimentou na memória devido às desconfianças quanto à ingerência da ditadura liderada pelo tenente general Jorge Rafael Videla, é importante constataremos que muitas das relações políticas que cercam um evento desse nível, especialmente, nas instâncias institucionais, se estabeleceram antes de sua realização. Englobam o período de escolha do país sede e, principalmente, o processo de organização. Desse modo, não podem ser restritas apenas ao período ditatorial, inaugurado em março de 1976, ainda que durante esse intervalo tenham se reconfigurado e assumido novas feições. É justamente para esse desenrolar prévio que atentamos no decorrer deste capítulo. Não para compreender esse intervalo como um prelúdio à Copa, mas como um elemento particular de seu desenvolvimento, com articulações históricas específicas, que impactam decisivamente o espetáculo esportivo e suas relações com o espaço público.

2.1 A ESCOLHA DA ARGENTINA PARA O MUNDIAL: UM DESEJO ANTIGO E PERONISTA

De acordo com Gotta¹⁷³, a vontade de levar o campeonato de seleções da FIFA para a Argentina já se fazia presente desde as primeiras edições do certame, ainda durante a década de 1930. Segundo o autor, a participação da seleção Argentina na Copa do Mundo de 1934, realizada na Itália fascista de Mussolini, teria como motivação semioculta somar méritos com os mandatários da Federação Internacional de Futebol e levar a competição de 1938 para o país. Contudo, diante das pressões políticas que permeavam o cenário político europeu – as quais vislumbravam o acirramento de rivalidades ideológicas internacionais e avistavam um conflito eminente –, o presidente da entidade esportiva e principal responsável pelo campeonato, o francês Jules Rimet, teria concentrado seus esforços no interior da organização, para fazer de seu país natal o destino do próximo torneio.

A eclosão da Segunda Guerra Mundial não só postergaria a realização das grandes competições esportivas internacionais, como colocaria em cheque sua própria continuidade diante da incerteza do confronto¹⁷⁴. No caso sul-americano, onde o alcance físico do confronto foi praticamente nulo, esse momento de profunda crise e ruptura acompanhou tanto a reorganização sociopolítica dos países, quanto contribuiu para o acirramento de rivalidades regionais no meio desportivo, especialmente futebolístico, já que os enfrentamentos pelas competições intercontinentais ganhariam o peso de representar os principais choques esportivos internacionais daqueles anos.

Em um instante em que o futebol já havia se consolidado como esporte popular e massivo em diversos países da América do Sul, os embates entre os selecionados de cada representação nacional assumiam as tonalidades das rivalidades perpetradas pelos próprios países. Tal situação se dava nos âmbitos mais amplos de suas relações internacionais, em acordo com os parâmetros de concorrência e competitividade que permeavam o processo de autoafirmação e consolidação identitárias, intrínsecos ao modelo de Estados-Nação. Ao dialogarmos com o entendimento postulado por Pablo Alabarces¹⁷⁵, do futebol como um importante operador cultural de nacionalidades, carregadas de forte carga emotiva, não podemos deixar de notar que os enfrentamentos entre as equipes de cada país contribuíram

¹⁷³ GOTTA, 2008, p. 19-20.

¹⁷⁴ A título de exemplo, cabe destacar que os Jogos Olímpicos experimentaram um hiato de doze anos, entre as edições de Berlim, em 1936, e de Londres, em 1948; assim como as Copas do Mundo de futebol que verificaram o mesmo intervalo entre os torneios realizados na França, 1938, e no Brasil, 1950.

¹⁷⁵ ALABARCES, 2002.

para aprofundar as rivalidades, também esportivas, entre os países da porção sul do continente.

De certa maneira, como retrata Agostino¹⁷⁶, os campeonatos sul-americanos serviram de interlúdio às competições intercontinentais de futebol. Embora não sejam motivo suficiente para explicar o desenvolvimento nem as supostas origens das rivalidades regionais, que extrapolam o âmbito esportivo¹⁷⁷, tais torneios foram importantes no acirramento dos antagonismos futebolísticos entre países de destaque na modalidade, particularmente entre três vizinhos do Cone Sul: Uruguai, Brasil e Argentina.

Na esfera política e institucional, a ascensão e consolidação de Perón, como principal liderança política argentina, representa a transformação mais impactante. Isso se deve, em grande parte, aos profundos prolongamentos e ramificações que se estendem para além do período no qual o general esteve no poder, sobre as mais diversas esferas da vida social e cultural da Argentina. Não exageramos ao afirmar que as investigações preocupadas com o passado recente do país platino, ou mais precisamente a década de 1940 do século passado, perpassam obrigatoriamente por uma apreciação do peronismo. Com o futebol, como significativa instância cultural popular e massiva, não foi diferente.

Para Alabarces¹⁷⁸, foi durante os dez anos que cercam a primeira passagem de Perón pelo governo, entre 1945 e 1955, que se produziram as narrativas nacionalistas mais inovadoras. Ainda que durante os últimos anos de sua administração, no rastro do falecimento precoce de Eva Perón – esposa do general e talvez símbolo maior da comoção afetiva e passiona l que cercava o peronismo –, tenha-se deflagrado um progressivo processo de burocratização e autoritarismo, manifestos nos esforços de imputar um controle ideológico no ensino, na perseguição aos opositores e na imposição da censura, o caráter amplo da política social trabalhista implementada foi capaz de abarcar setores políticos muito distintos sob a bandeira peronista. Junto ao partido peronista, mais tarde chamado de Justicialista, e outras organizações simpáticas ao general, confluíram socialistas e radicalistas desencantados, grupos clericais nacionalistas, militares industrialistas, radicais descontentes com seu partido, além de uma nova burguesia interessada no desenvolvimento da indústria de bens de consumo para o mercado interno.

A política econômica adotada pelo governo – com medidas voltadas ao incentivo à industrialização; à defesa do mercado interno; à substituição de importações; à diversificação

¹⁷⁶ AGOSTINO, 2002.

¹⁷⁷ As rivalidades entre esses países remetem a antigas e recorrentes disputas políticas e culturais, como a disputa de territórios e de uma hegemonia político-econômica no continente.

¹⁷⁸ ALABARCES, 2002, p. 65.

da economia com uma menor dependência das exportações agropecuárias; e a valorização do setor trabalhista – foi fundamental para congregação de grupos tão distintos, mas não era suficiente para delinear a imagem de nação desejada pelo peronismo. A tarefa de elaborar narrativas e sínteses sobre a nacionalidade, inclusive no que concerne ao sentimento de pertença à pátria, era uma atividade que cabia antes ao universo cultural e sua capacidade de tornar públicos os discursos sobre a nacionalidade. Uma área na qual o peronismo também soube investir.

O crescimento da economia, bem como o aumento do poder de compra da população em geral colaboraram para a expansão da indústria e do consumo cultural de massas durante o período. Esta situação também contribuiu para a propagação de uma série de expressões e produtos culturais, identificados com o peronismo ou que acabaram associados a ele. Nesse período, cresceram as tiragens dos meios gráficos, multiplicaram-se as gravações de disco – com o tango dividindo sua posição hegemônica tradicional com as músicas folclóricas –, os cinemas, restaurantes, bailes e casas de espetáculos funcionaram com grande lotação. Cenário semelhante é observado nos estádios esportivos, com cifras recordes na venda de entradas e grandes médias de público para as partidas de futebol¹⁷⁹.

O aprimoramento da indústria cultural foi acompanhado pela notória expansão de seus suportes midiáticos, o rádio se consolidou como suporte predileto e a televisão deu seus primeiros passos no país, com a criação, sob a tutela estatal, do primeiro canal local em 1951. Ao longo do tempo, o governo peronista tomou conta de emissoras radiofônicas, jornais e subsidiou diversas produções cinematográficas. O incremento da postura autoritária também levou à marginalização de veículos opositores, de jornalistas e comunicadores avessos às políticas peronistas, além de acentuar a propaganda estatal nas variadas mídias.

Em acordo com as propostas de Anderson¹⁸⁰, sobre o processo de construção da nação como um exercício de criação imaginativa de uma comunidade capaz de se reconhecer, mesmo à distância, Alabarces¹⁸¹ exalta que o populismo peronista, na associação clássica entre povo e nação, pode ser considerado um processo de inclusão das grandes massas populares na cultura urbana argentina. Nesses termos, a nacionalidade peronista exhibe uma narrativa própria, que reivindica a fundação de novas ideias de nação e de povo mutuamente relacionados; em conformidade com os preceitos políticos delineados pelo governo, pela

¹⁷⁹ Ibid., p. 70.

¹⁸⁰ ANDERSON, 2008.

¹⁸¹ ALABARCES, 2002, p. 72-73.

representatividade do Estado e de seus líderes, como integrantes e condutores legítimos da nação.

Em consonância a esse processo, o esporte se instituiu como importante mecanismo de construção de um ponto de referência nacional, um dado que confirma, em um universo distinto e complementar, o duplo movimento de expansão da perspectiva de nação e da inclusão dos grupos populares. O espetáculo esportivo inaugurou uma nova possibilidade de ritual nacional, de maneira até então impraticável pela comunidade política local. Além disso, ampliou o repertório simbólico comum, contribuindo para a associação das massas – especialmente suas porções populares – a uma concepção de povo, e para a conversão deste último em nação. Como assinala Alabarces, os anos da primeira administração peronista consolidaram uma relação estreita entre os esportes, os setores populares e as operações político-culturais do Estado, na conformação de uma “*pátria desportiva*”. Como sintetiza o pesquisador argentino,

El deporte opero así sobre la articulación de las modalidades y los mecanismos de consenso civil y político, porque se trata de un conjunto de emociones, necesidades y subjetividades relacionadas con las modalidades narrativas de un sentimiento patriótico. [...] el espectáculo desportivo aparecia por primera vez como válido para integrar el repertorio nacionla y que su legitimidade estaba dada por su vínculo con lo popular.¹⁸²

Contudo, ainda que a ação do estado peronista sobre o universo esportivo tenha sido intensa, isso não incidiu em uma necessária sequência de êxitos futebolísticos, tanto dentro quanto fora dos gramados¹⁸³. Ao analisar comparativamente as relações tecidas entre o futebol e a políticas esportivas na era Vargas, no Brasil, e no peronismo, Marcelo Drumond¹⁸⁴ constata que o futebol argentino não se fez presente em muitas competições internacionais naquele período. Após o longo interstício imposto pela guerra, o selecionado ficou de fora dos dois primeiros mundiais pós-confronto, respectivamente em 1950 e 1954. O autor também salientou que, nesse mesmo período, o futebol profissional argentino enfrentou uma de suas maiores crises internas, com a paralização do Campeonato de Argentino de 1948, devido a uma série de divergências entre a Futbolistas Argentinos Agremiados (FAA) – espécie de

¹⁸² Ibid., p. 73-74.

¹⁸³ À parte de alguns bons momentos, em meados da década de 1940, a seleção argentina não teve grandes resultados durante a administração peronista. Contudo pode gozar de êxitos notórios em outras modalidades. Foi nesse período, por exemplo, que Juan Manuel Fangio emergiu como o grande piloto da Fórmula 1. Além disso, em 1950, em um momento de profundo entusiasmo peronista, Buenos Aires recebeu os jogos Pan-Americanos, que terminaram com a Argentina bastante à frente no quadro de medalhas. AGOSTINO, 2002, p. 144.

¹⁸⁴ DRUMOND, M. O futebol e a política esportiva de Vargas e Perón: um estudo comparado. In: ARMUS, D.; RINKE, S. (Org.). *Del football al fútbol / futebol: histórias argentinas, brasileiras y uruguayas em el siglo XX*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vrevuert, 2014.

sindicato dos jogadores – e a Asociacion de Fútbol Argentino (AFA) – entidade gestora da modalidade no país. Segundo o autor, a greve foi a primeira enfrentada por Perón e durou quase seis meses, forçando o encerramento do campeonato com jogadores amadores. A crise também teria aberto o caminho para evasão dos principais futebolistas argentinos da época, como Adolfo Pedernera – um dos líderes do movimento –, Alfredo Di Stéfano, Pipo Rossi, Julio Cozzi, dentre outros¹⁸⁵.

Embora Drumond traga dados relativamente contrastantes em vista das afirmações de Alabarces, que havia salientado a alta afluência de público nas partidas e uma grande venda de ingressos, isso não significa que os intentos de aproximação com o futebol tenham falhado ou que este tenha perdido popularidade no período, algo que representaria sim um problema para o desenrolar de uma política esportiva para a modalidade. Além de se tratar um intervalo temporal relativamente volátil, se pensarmos nas mudanças que permeiam as competições esportivas ao longo de um intervalo de dez anos, as questões apresentadas por ambos os autores tratam de situações que não são obrigatoriamente excludentes, já que presença dos torcedores nos estádios, bem como as receitas de entradas não podem ser subordinadas apenas à participação de determinados jogadores.

Se o esporte apresentado nos gramados não era o mais vistoso, o acostamento com o futebol pode ser percebido através de outros meios. Drumond¹⁸⁶ destaca, por exemplo, a ação sobre competições amadoras, inclusive com a disputa da Copa infantil “Doña Eva Duarte de Perón”, iniciada em 1948 e cujo sucesso fez com que o certame se expandisse nos anos posteriores. Já no âmbito profissional, o autor assinala que os impactos mais evidentes se deram no aporte financeiro aos principais clubes do país. A partir da Lei 12.932 de 1946, o Estado viabilizava, através da Comissão Nacional Honorária de fomento ao Esporte, mecanismos de empréstimo para a construção de estádios, campos e outras instalações desportivas, que logo beneficiaram a transferência de grandes somas para diversos clubes. Não por acaso, diversos estádios e outras praças esportivas foram batizados com homenagens aos líderes do governo e a primeira dama.

Do mesmo modo, a exemplo do que já havia se passado no Brasil durante a Era Vargas, muitos dos principais palcos esportivos da época foram utilizados na realização de cerimônias cívicas, com festejos ao redor do chefe de Estado. Além disso, a influência do

¹⁸⁵ Drumond salienta que muitos desses jogadores tiveram como destino a Colômbia que, por não ser filiada à FIFA, não seguia as restrições contratuais próprias do sistema de passe, de modo que as agremiações locais podiam negociar diretamente com os jogadores sem passar por seus clubes de origem. Não por acaso alguns autores designaram o país nessa época como espécie de “El Dorado” do futebol sul-americano. DRUMOND, 2014, p. 137.

¹⁸⁶ Ibid., p. 138.

peronismo em diferentes instâncias foi notória. Em 1947, foi criado o Conselho Nacional de Educação Física, como órgão regulador e fiscalizador das atividades físicas e esportivas no país. Além disso, a Confederação Argentina de Desportes – Comitê Olímpico Argentino (Cadcoa) foi incorporada à entidade. Mais tarde, em 1954, um novo decreto presidencial designou ao Ministério da Educação o cuidado com a Educação Física, enquanto a Confederação Argentina de Desportes se tornava a responsável pela gestão do esporte¹⁸⁷. Ainda de acordo com Drumond, o alinhamento com a política estatal peronista já havia se estabelecido de tal maneira que, desde 1952, o presidente da Cadcoa era proveniente de uma indicação do mandatário do país. Essa mesma influência foi notória na AFA, com uma ampla predominância de dirigentes peronistas no comando da entidade.

Segundo Gotta e Llonto¹⁸⁸, o futebol não era uma das modalidades pela qual o primeiro desportista, como também era apelidado Perón, era mais afeito. Nutriria antes um maior apreço pelo boxe, basquete, esgrima e equitação, ainda que a maioria dessas modalidades não fosse tão arraigada entre as massas trabalhadoras. Mas, diante do inegável apelo popular da modalidade, a administração peronista também acabaria por encampar o desejo de levar um evento como o mundial para a Argentina. Ainda que os autores que apresentem essas afirmações pequem pela falta de fontes comprobatórias, ou que tragam subsídios que sustentam a argumentação para além das afirmações de seus autores, a ideia da Copa passou a figurar como um desejo também peronista. Ou seja, para além dos dirigentes esportivos, não pode ser ignorada, até mesmo porque o projeto peronista não tinha um final no horizonte, para que eventos desse tipo ocorressem fora de sua tutela.

Em acordo com as leituras efetuadas por Agostino e Gotta¹⁸⁹, a própria escolha do Brasil como sede do primeiro mundial do pós-guerra, em 1950, já teria ocorrido com a superação da concorrência argentina. Em seu relato sobre o episódio, Gotta assinala a participação decisiva de Valentín E. Suárez¹⁹⁰, então delegado do Club Atlético Independiente e um colaborador próximo de Evita na Secretaria de Trabalho e Previsão, na apresentação do projeto ao presidente. Para o jornalista¹⁹¹, o quadro de crise no campeonato local e a evasão de atletas para a liga colombiana – fatores que teriam prejudicado a formação de uma seleção

¹⁸⁷ Ibid., p. 148-149.

¹⁸⁸ GOTTA, 2008, p. 20; LLONTO, 2005, p. 12.

¹⁸⁹ AGOSTINO, 2002, p. 137; GOTTA, 2008, p. 21.

¹⁹⁰ Pouco depois, Suarez seria designado para encabeçar a AFA, entre 1949 e 1953, justamente em um momento de crise do futebol argentino, com a greve dos jogadores. Anos mais tarde, o dirigente se notabilizaria pela ligação com um outro clube, o Banfield, em que ocuparia por várias vezes a cadeira de presidente. Também voltou à chefia da AFA por um curto período, entre 1966 e 1967, quando foi designado como interventor pelo tenente general Juan Carlos Onganía, pouco tempo após o golpe de Estado que levou o militar ao poder.

¹⁹¹ GOTTA, 2008, p. 25.

competitiva – foram apenas desculpas para a não participação dos argentinos na Copa de 1950, no Brasil, e 1954, na Suíça.

De acordo com Llonto¹⁹², foi Antonio Rotili, representante argentino e sul-americano na entidade, quem sugeriu a mudança do estatuto da FIFA para que os mundiais passassem a ser disputados alternadamente nos continentes europeu e americano. Com base no retrospecto esportivo das equipes sul-americanas – Argentina (1930), Brasil (1950) e Uruguai (1930 e 1950) já haviam alcançado a final e o último carregava os títulos de bicampeão olímpico (1924-1928) e mundial (1930 e 1950) –, no bom desempenho da organização dos eventos precedentes, bem como na qualidade dos estádios levantados para o certame – especialmente, o Maracanã e o Centenário –, o representante não teve grandes objeções junto à entidade. Ainda assim, as duas próximas edições já estavam devidamente agendadas para países europeus, com o mundial de 1958 programado para ocorrer na Suécia, iniciando o processo de alternância somente para o evento a ser realizado em 1962. Contudo, foi somente no congresso realizado em 1954, em Berna, por ocasião do cinquentenário da entidade, que Rotili apresentou oficialmente o pedido, também peronista, da Argentina em receber a Copa. Segundo Llonto, os membros da entidade optaram por negar uma resposta definitiva no momento e postergou a decisão para 1956, momento em que Perón já havia sido destituído do poder e encaminhado ao exílio.

Ainda que sem o suporte do governo peronista, mas sob o espectro do retorno da liderança política do país, os dirigentes argentinos não recuaram na vontade de levar para casa um mundial. O campeonato de 1962 acabou aos cuidados de outro vizinho, com menos tradição na modalidade, o Chile. Contudo, para o próximo congresso da FIFA, realizado em Tóquio em 1964, já um indício evidente da franca expansão da instituição esportiva e do flagrante crescimento de seu principal produto esportivo – a Copa do Mundo –, almejavam abocanhar o próximo evento a ser realizado no continente americano, em 1970. A essa altura, Rimet já havia deixado a presidência da FIFA e o comando da entidade se encontrava nas mãos do inglês Stanley Rous¹⁹³.

¹⁹² LLONTO, 2005, p. 14-15.

¹⁹³ Rous foi uma figura importante na condução do futebol na Inglaterra, tida como pioneira no desenvolvimento e institucionalização da modalidade. Teve participação fundamental para o ingresso da federação nacional, a FA (The Football Association, ou simplesmente “Associação de futebol”, em tradução livre) na FIFA. O ingresso da federação inglesa não só representava um fortalecimento institucional da FIFA, como demonstrava a consolidação da entidade internacional como principal organismo diretivo do futebol a nível mundial, assim como o sucesso de seu principal produto: a Copa do Mundo de seleções. Não por acaso, a competição de 1966 ocorreria na própria Inglaterra e Rous travaria uma intensa disputa com João Havelange, na primeira metade da década de 1970, para se manter no comando da instituição futebolística.

Segundo a apreciação de Gotta¹⁹⁴, os representantes argentinos, liderados por Daniel R. J. Piscielli, buscaram angariar o apoio regional sul-americano à candidatura. Ainda que tenham se inteirado de outros postulantes ao evento, entre os quais o México, estavam bastante otimistas em finalmente levar a competição para casa. Assim, previram um orçamento para a realização de amistosos preparatórios para a seleção; pediram o apoio da imprensa especializada na divulgação e suporte do projeto; decidiram realizar uma exposição do futebol argentino no prestigioso hotel Hilton, em Londres, durante o mundial de Inglaterra em 1966, além de organizarem uma “*Comisión Permanente Pro Campeonato Mundial 1970*”. Ao longo de 1963, também se mobilizaram para trazer ao país dirigentes, representantes de federações estrangeiras – entre os quais, o brasileiro João Havelange, então mandatário da CBD, e o próprio Rous –, junto a conhecidos jornalistas esportivos internacionais, a fim de divulgar o país, cultivar um clima favorável à candidatura e coletar votos.

Entretanto, segundo a narrativa de Gotta¹⁹⁵, a estratégia teria falhado, principalmente, porque os argentinos não teriam dado a atenção política devida aos confederados europeus, optando por investir em áreas de menor expressão e prestígio. O resultado, desalentador para o investimento dos representantes da AFA, foi a derrota para o México que assegurou a Copa de 1970 para si com um placar de favorável de 56 votos contra 36 aos argentinos. Além disso, Gotta sinaliza que o desenrolar inesperado levou os representantes da AFA a desconfiarem de uma traição de Rous nos bastidores, elementos que os aproximariam de João Havelange, que logo manifestaria o intuito de assumir a liderança da entidade futebolística internacional. Como um efeito colateral atenuante, os argentinos teriam saído do encontro com a promessa de que, caso mantivessem esse desejo, a competição de 1978, próxima a ser realizada fora do continente europeu, lhes estava assegurada.

Por outro lado, Llonto¹⁹⁶ apresenta uma versão bastante distinta para os eventos que permearam o congresso de Tóquio em 1964. Na versão apresentada pelo autor, a disputa entre argentinos e mexicanos, que levou à escolha das duas próximas sedes americanas, não se deu por um jogo escuso de traições, mas por um acordo realizado entre os representantes dos dois países e sancionado por Rous. Após se enfrentarem até o último instante para ver quem teria a primazia sobre o evento de 1970, ambas as delegações acordaram que o vencedor nas urnas receberia a sustentação do rival para levar adiante o evento, enquanto o perdedor seria o único candidato americano para 1978. Com o êxito mexicano na votação, o pacto de honra teria sido

¹⁹⁴ GOTTA, 2008, p. 23.

¹⁹⁵ Ibid., p. 24.

¹⁹⁶ LLONTO, 2005, p. 15.

selado pelo mandatário da FIFA, que anunciou a Argentina como sede da Copa do Mundo ao final da década de 1970.

Ao resgataremos essas diferentes narrativas, que acompanharam o interesse dos dirigentes argentinos pelo evento e os meandros de sua consolidação, buscamos atentar para alguns contrastes, bem como elementos comuns, que serão importantes no debate da apreciação do futebol, na figura bastante particular da Copa de 1978, como lugar do político. Ainda que as várias versões que dão conta do processo – em sua maioria frutos de trabalhos de investigação jornalística, com raras exceções, carentes de fontes comprobatórias para além da argumentação de seus autores – apresentem diferentes compreensões e discrepâncias, elas não podem ser ignoradas ao trazer uma trajetória particular que permeia a escolha do evento. A primeira, e mais óbvia constatação, é de que o desejo de organizar o evento esportivo é muito mais longo e não estava atrelado a uma vontade política específica, que o conecte ao contexto autoritário sob o qual tomou forma definitiva.

Antes disso, trazem-nos o importante indício de que os embates e esforços, que permearam a recorrente candidatura do país para sediar a competição, ocorreram, sobretudo, em um âmbito esportivo, em que a capacidade de articulação dos dirigentes esportivos era fundamental. Nesse contexto, é a partir da esfera administrativa e gerencial do esporte, uma dimensão interna tradicionalmente política, que se gesta o evento. Isso não significa que haja uma plena autonomia na decisão ou que esta não se relacione com aspectos sociais, políticos e econômicos mais amplos, imprescindíveis para sua efetivação, mas que a proposta de realizar o mundial não foi uma imposição externa, que poderia ser atrelada diretamente à ingerência de um governo ou força política em particular.

Nesses termos, o intento primeiro de aproximação ocorreu justamente com o peronismo, cuja ação política sobre os esportes foi notória. Archetti, por exemplo, um dos investigadores pioneiros e inovadores na abordagem do futebol e outras práticas corporais, culturais e esportivas na Argentina, sintetizou da seguinte maneira o impacto da política peronista sobre os esportes, durante a década em que se manteve no poder:

Esos diez años fueron ejemplares y no hubo, posteriormente, otros intentos sistemáticos de vincular el deporte con la nación a través de políticas estatales claras y articuladas. Se podría decir que a partir de 1955 la relación entre deporte y nación se da cada vez más fuera del Estado.¹⁹⁷

Enquanto episódio singular, o campeonato mundial de futebol levado a cabo em 1978 marcou uma exceção à apreciação de Archetti, já que a investida da ditadura militar em

¹⁹⁷ ARCHETTI apud. ALABARCES, 2002, p. 65.

vigor na época foi tão ou mais intensa do que os esforços peronistas de aproximação com o esporte. Apesar de este não ter se descolado do Estado no plano político-institucional, inclusive se tornando objeto de crescente interesse público, é certo que os mecanismos de ação sistêmica e organizada colocados em ação pelo peronismo não encontraram escala equivalente nos governos posteriores. Inclusive por isso, o desejo de realizar um evento como o mundial não poderia ser desvinculado do suporte peronista naquele momento. Se antes o projeto de realização do evento era intento aparentemente deslocado do Estado, ou de uma ideologia política em particular, algumas das análises visitadas dão conta de que receber a competição internacional e orientar sua organização, passaram a ser objetivos do Estado liderado por Perón. Sob esta ótica, a vinculação da Copa com o peronismo antecipa os intentos de aproximação político-ideológica, levados a cabo pelo regime militar comandado pelo general Videla, a partir de 1976.

Mesmo com a destituição do general e seu encaminhamento ao exílio, assim como a expectativa de seu retorno¹⁹⁸, não é exagero observarmos que a proposta de realização do campeonato na Argentina passou a conviver com o espectro do peronismo. Em certa medida, poderíamos constatar que havia uma aspiração de que a Copa seria, de algum modo, peronista, inclusive quando o objetivo era se contrapor a ele. Em *La vergüenza de todos*, Llonto inicia sua argumentação justamente com a constatação do interesse peronista e de sua sombra sobre o evento, um posicionamento que sintetiza em parte essa leitura de uma associação velada, mas não invisível, entre o mundial e o movimento político. Nas palavras do autor:

Es algo que todos saben, aunque no se diga. La sombra omnipresente de Juan Domingo Perón se extiende sobre todo lo que sucede en Argentina. Fue Perón quien quiso el Mundial de Fútbol, fue durante el tercer gobierno de Perón que el Estado argentino ratificó la decisión de realizarlo, fueron los brazos de Perón el logo de Mundial 78 y fue la marcha peronista, camuflada bajo el “Dale campeón / dale campeón”, la que una multitud cantó cuando la selección argentina dio la vuelta olímpica el 25 de junio de 1978.¹⁹⁹

¹⁹⁸ A partir de sua posição no exílio, Perón sustentou sua força como referência e liderança política para um movimento que se apresentava cada vez mais amplo e disforme. Nesse processo, acenou com uma aproximação com perspectivas socialistas, o que convergia com a fagulha revolucionária de diversos grupos argentinos, sobretudo a juventude estudantil formada no rastro da passagem de Perón, que visualizava como horizonte possível a sedimentação de um peronismo social orientado à esquerda. Ao mesmo tempo em que via a diversificação do movimento, de um extremo político ao outro, o peronismo se sustentou sempre como um elemento político presente na Argentina, inclusive nos momentos em que sua representação institucional mais significativa, o Partido Justicialista (PJ), estava afastado do campo de atuação político-partidária. Ao longo do período em que se manteve distante das terras banhadas pelo Prata, Perón não deixou de cultivar a esperança do retorno e de ver frutadas algumas vezes seus intentos efetivos de volta.

¹⁹⁹ LLONTO, 2005. p. 13.

Contudo, apesar de ressaltar como o peronismo, na perspectiva de um sentimento identitário que estava introjetado tanto na política – no sentido de grande política tradicional – quanto no campo esportivo, percorre o mundial, o autor não deixa de observar, já à luz da memória, que sua potencialidade como instrumento junto às massas também havia sido notabilizada por outros atores políticos do período, particularmente aqueles que acabariam efetivamente a cargo da situação, os militares:

Sin embargo, en los cuarteles, incluidos los de los tempos de Perón, siempre se habló de lo útil que podía ser un Mundial de Fútbol para un gobierno. Lo que los uniformados nunca advirtieron fue que aquel Mundial 78, con los años, provocaría en los argentinos el menos feliz de los sentimientos tribuneros, el arrepentimiento.²⁰⁰

Outro fator a considerar remete à distância imposta entre os instantes que permearam as primeiras tentativas de candidatura para organizar o evento, o anúncio de que teria o direito de sediar a edição de 1978 e a Copa em si. O longo intervalo entre cada uma dessas situações, ainda mais sob o cenário de intensa volatilidade nas lideranças e orientações institucionais, não permitia que os dirigentes políticos tivessem condições de estabelecer vínculos estáveis e duradouros, mas apenas projeções. Tal situação fica mais evidente no que tange ao cumprimento das crescentes exigências levantadas pela FIFA, que se prolongaram, cada vez mais, para além da alçada estritamente esportiva e exigiam a cooperação estatal, portanto, dos governos da ocasião. Se a vontade em realizar a Copa do Mundo parte de uma iniciativa, também passional, oriunda das instâncias internas de organização do esporte; em se tratando do meio político-institucional, as expectativas ao redor de sua efetivação prática demandam o desenvolvimento de tonalidades político-públicas mais amplas, com o envolvimento mais efetivo da sociedade civil e seus níveis gerenciais.

De maneira mais clara, o postulado da candidatura à sede do mundial surge como iniciativa política eminentemente interna, ainda que se sustente sobre um campo de expectativas postulados para além do esporte. Contudo, diante das proporções, a concretização do evento em si, ou seja, realizar a Copa do Mundo – mobilizar e deslocar recursos financeiros, técnicos, pessoais; elaborar órgãos e mecanismos de organização e fiscalização; construir estádios, arenas, centros esportivos; implementar obras de infraestrutura em áreas diversas, como as de comunicação, transportes; etc. – depende de tessituras mais vastas às quais o futebol, em suas diferentes facetas, está vinculado, bem como

²⁰⁰ Ibid., p. 14.

submisso. Nesse caso, os processos de debate e tomada de decisão já não cabem somente ao esporte.

2.2 À BEIRA DO GOLPE: A COPA DO MUNDO NA REVISTA *EL GRÁFICO* NOS PRIMEIROS MESES DE 1976

No início de 1976, as dúvidas sobre a realização do mundial eram preocupantes. Enquanto a crise política e institucional da administração peronista de Isabelita era amplamente debatida entre os diversos veículos de comunicação, o avizinhamento eminente da Copa de 1978 insidia na preocupação crescente entre os meios especializados com a sua organização. Afinal, desde a declaração da Argentina como sede, em 1966 durante o congresso da FIFA, paralelo à Copa da Inglaterra²⁰¹, as obras com motivo do torneio pouco haviam avançado desde então²⁰².

A revista *El Gráfico*, talvez a principal publicação esportiva do país, incorporava a defesa intransigente do evento. Entre os representantes da mídia segmentada, não há exagero em afirmar que o semanário se sobressaía como principal defensor do certame entre as empresas gráficas. Contudo, diferentemente do embate arrolado em outros espaços, o periódico não focava, naquele momento, nos debates sobre as condições econômicas e políticas do país para organizar o evento, mas se preocupava com a lentidão das obras necessárias à sua realização.

Na edição n. 2936, de 14 de janeiro de 1976, o editorial do periódico, então sob os cuidados de Carlos Fontanarrosa, trazia a Copa como assunto central. A redação se desdobrava a partir de um boletim da AFA, que reportava a convocação de uma série de jogadores para um período de treinamentos com a seleção, bem como uma programação das

²⁰¹ De acordo com GILBERT; VITAGLIANO, 1998, p. 24.

²⁰² Cabe destacar que nesse mesmo período se desenvolveu o golpe que introduziu a apregoada “Revolução Argentina”, governo ditatorial militar centralizado na figura do tenete-general Juan Carlos Onganía, com um alinhamento ideológico e funcionamento similar ao de diversos vizinhos do Cone Sul submetidos ao rígido comando de um Estado autoritário. Depois de múltiplas tensões, duras resistências da sociedade civil, sobretudo em 1969, Onganía foi destituído pelas forças armadas, substituído pelos generais Roberto Levingston, em 1970, e Alejandro Lanusse, em 1971. Lanusse reafirmou o compromisso de realizar o mundial, declarando-o inclusive de “Interesse nacional”, através do decreto-lei n. 19.468 de 1972, mas mesmo com medidas de apoio legal, pouco foi feito. Em 1973, com o retorno do processo eleitoral e a abertura para a volta de Juan Domingo Perón do exílio, Héctor Cámpora venceu a disputa pelo Partido Justicialista e logo abdicou do cargo sob a convocação de um novo pleito que permitiu o retorno de Perón à presidência, com Maria Estela Martinez como vice. Para mais informações sobre o período consultar: O'DONNELL, G. *El estado burocrático autoritário*. Buenos Aires: Prometeo, 2009; ANSALDI, W.; NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina: 1955-2010*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011; GIORDANO, V. *América Latina, la construcción del orden: de las sociedades de masas a las sociedades en proceso de reestructuración*. Buenos Aires: Ariel, 2012.

atividades a serem desenvolvidas com a equipe, entre os dias 2 de fevereiro, quando iniciaria as atividades, e 10 de junho. O título do texto já trazia em si um sentido crítico – *Créalo: Hay argentinos que trabajan para el mañana*²⁰³. Diante do complicado contexto local, é difícil não atribuir a essa frase uma conotação política mais ampla, seja à sociedade argentina como um todo ou a seus representantes políticos e institucionais, encarregados, em diferentes instâncias, de gerir o futuro do país.

O primeiro parágrafo do texto dá sequência ao tom fatalista do título, ao remeter ao universo futebolístico, sobretudo a seus âmbitos organizativos, à falta endêmica de organização e planejamentos. É interessante observar como uma característica comumente atribuída ao futebol argentino²⁰⁴, a improvisação, experimenta uma inversão quando atribuída como uma característica cultural que se estende para além dos gramados:

Es un viejo lugar común que el fútbol argentino improvisa como ningún otro fútbol del mundo. Dentro de la concha y, sobre todo, fuera de la cancha. Esa capacidad tan nuestra para la desorganización ha sido, hasta ahora, la gran responsable de muchas decepciones y muchos fracasos internacionales, sin que esas lecciones hayamos sacado otras consecuencias que las mismas frases grandilocuentes e vacías de siempre: **esta experiencia nos enseñara a el camino a seguir, etc., etc**²⁰⁵. Frases que no obstaron para que volviéramos a insistir una y otra vez en los mismos viejos errores por falta de planificación y orden.²⁰⁶

Aos vícios do improviso, o editorial contrapõe a ordem e o planejamento. No âmbito do esporte, esses valores seriam identificados, de acordo com a revista, com um personagem em particular: César Luís Menotti, o técnico da equipe nacional. Ao lado do assistente técnico, Rodolfo Kralj, era Menotti o responsável pela planificação contida no informe, com todos os passos a serem cumpridos pelo escrete ao longo do semestre. Estavam detalhados os momentos de treinamento e de folga, os compromissos contra os vizinhos sul-americanos pela Copa América, bem como no continente europeu, quando realizaria uma excursão preparatória com diversos amistosos, além das datas e partidas nas quais os jogadores elencados estariam novamente disponíveis aos seus clubes.

²⁰³ Algo como: “Acredite: há argentinos que trabalham pelo amanhã”.

²⁰⁴ Apesar de salientar que essa percepção se trata de um senso-comum, não há uma contestação do imprevisto como um traço característico. Nesse sentido, é interessante relembrar que essa mesma preponderância é atribuída ao futebol brasileiro, em alguns instantes como um valor positivo e em outros como um mal a ser extirpado da cultura brasileira. De certo modo, essa ambivalência sobre os valores específicos associados ao esporte, prolongados como um rasgo cultural e identitário coletivo, representa um ponto de interlocução entre as apreciações construídas internamente, entre brasileiros e argentinos, em diferentes momentos.

²⁰⁵ Grifo no original.

²⁰⁶ FONTANARROSA, C. *Créalo: Hay argentinos que trabajan para el mañana*. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 2936, p. 3, jan. 1976.

Como abordaremos adiante, *El Gráfico* foi um dos grandes apoiadores do trabalho do técnico à frente do selecionado, desde sua escolha para o cargo. Porém, o suporte ao treinador não significava uma convivência automática com o andamento da preparação da Argentina como sede ao mundial, ou com os responsáveis pelo processo. Mesmo que a exasperação do seu trabalho não seja uma surpresa – o texto enaltecia que seu planejamento havia detalhado “absolutamente todo” sobre o ano da seleção –, não deixa de ser peculiar a sugestão de Menotti como exemplo de argentino que, contrariando a sensibilidade geral, investia sobre suas atividades de uma maneira diferente. Em um momento tão tenso, o técnico do escrete era retratado como um personagem público no qual se podia confiar, sendo um contraponto à ineficiência que ameaçava o país como sede do próximo mundial. Por isso, além do enaltecimento do técnico, há também o alerta para que outras instâncias esportivas colaborassem e seguissem o exemplo: os clubes e a principal representante do país na efetivação do certame esportivo: a AFA.

No hay improvisación, no hay detalles librados al azar, no hay desorden. Por el contrario el plan Menotti traduce seriedad, organización, previsión, deseos de trabajar de una vez por todas como corresponde para que el fútbol argentino borre su vieja y estereotipada imagen de desorganización. Esto es muy positivo. Nos alegra realmente que haya argentinos que trabajen en el mañana para borrar los errores de ayer. Lo destacamos con honda satisfacción. Después vendrán la actuación de los jugadores, su integración dentro de un equipo, el rendimiento colectivo y, finalmente, las confrontaciones. Pero este trabajo de planificación elaborado por el cuerpo técnico es la base de todo lo demás. Y esa base es seria, positiva, concreta. Lógicamente, este plan debe ser respetado por los que deben entregar sus jugadores para que trabajen toda la semana con la selección – LOS CLUBES –, y ese respeto debe ser asegurado por la entidad matriz que asume en nombre del país la responsabilidad de organizar el Mundial de 1978: LA AFA.²⁰⁷

Nessa mesma edição de *El Gráfico*, um artigo assinado pelo cartunista Carlos Basurto, também faz uma menção semelhante ao trabalho de Cesar Luis Menotti à frente da equipe. Por ocasião do início do ano, o autor elaborou um horóscopo esportivo, com cada um dos signos do zodíaco remetendo a um esporte, atleta, clube ou fato esportivo. Caso, por exemplo, do piloto Carlos Roitman, representante do país na Fórmula 1; do aclamado tenista Guillermo Vilas; e do ídolo do boxe Carlos Monzón, então campeão mundial entre os médios, além de Boca Juniors e River Plate. Em nível nacional, o futebol foi abordado em dois momentos, em ambos com um olhar crítico e um tom satírico sobre a lentidão e a incerteza da realização da Copa.

²⁰⁷ Id.

No primeiro momento, Basurto emula suas previsões sobre o ano da seleção nacional. O planejamento da equipe liderada por Menotti é novamente tematizado e serve como gatilho às críticas ao evento. Porém, diferentemente da abordagem da abertura, os jogos e excursões previstas, mesmo enaltecidos, não estavam imunes a observações mais sutis do autor:

Dijo Menotti que hará giras por Europa para preparar al equipo para el Mundial 78. Que por otro lado es lo único que se esta preparando para el 78. Según señalan los astros, habrá subse-des en Mendoza, Rosario, Córdoba y Mar del Plata. Y otra subse-de en España por las dudas. El seleccionado jugará partidos de práctica en Polonia y la Unión Soviética. Cuando los campeonatos eran en Europa, las prácticas se hacían acá. Ahora que se va a jugar acá, las prácticas se hacen en Europa.²⁰⁸ Los clubes no van a prestarle sus jugadores a selección, porque dicen que se los devuelven sin bañar.²⁰⁹

Embora o tópico trate da seleção, são as alfinetadas sobre o mundial que ganham destaque, porque todo o processo de preparação da equipe tem no compromisso de 1978 seu objetivo final. Fator que converge com a observação do autor sobre disputar partidas amistosas na Europa. Porém, é o processo de elaboração do torneio, a passos excessivamente vagarosos, que compõe a preocupação mais evidente do autor. Nesse sentido, Basurto sugere que a equipe de Menotti é a única coisa no país que efetivamente está se aprontando para o certame. Além disso, elenca entre as “subsedes” – os lugares que receberiam as partidas – a Espanha, casa da Copa seguinte, que naquele momento contava com melhores condições de infraestrutura para receber o evento, do que o país platino.

Essa mesma crítica está presente no tópico específico concedido ao campeonato de 1978, como evento, no horóscopo. Se a inspiração do artigo é justamente a capacidade de previsão atribuída aos astros, Basurto não hesita em pontuar a Copa como um fracasso eminente, sobretudo, diante da quantidade de tarefas importantes ainda por fazer:

Se está organizando a ritmo acelerado nuestro primer desastre vía satélite. Lo que ocurra en el Mundial de fútbol del 78 en la Argentina no sabemos si tendrá algo que ver con el fútbol, pero que será mundial no nos cabe ninguna duda. Somos optimistas. Ya se están fabricando remeras con el logotipo del mundial del 78, zapatillas, gorras, juguetes, caramelos, revistas, peines y mamaderas. Solo nos falta construir seis estadios, doce playas de estacionamientos, instalar la televisión en colores, inaugurar 14 hoteles y formar el equipo.²¹⁰

²⁰⁸ BASURTO. Horóscopo deportivo 1976 de Basurto. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 2936, s/p., jan. 1976.

²⁰⁹ Id.

²¹⁰ Id.

De certo modo, o comentário do cartunista condensa as dificuldades que se apresentavam à Argentina para levar adiante o mundial, assim como o crescente ceticismo interno com a conclusão da tarefa. Como assinala o autor, enquanto os símbolos do evento, o emblema e o mascote, já estampavam uma ampla gama de produtos, ainda permaneciam por fazer uma série de obras fundamentais – como os estádios –, muitas delas exigências da FIFA para o certame – caso do sistema de televisão a cores. Além disso, os comentários iniciais do autor representam algumas constatações importantes sobre o evento e seus desdobramentos, com a clara impressão de que este atraía as atenções para o país, que a sua não realização e os motivos que a cercassem, inclusive políticos, passariam sob os olhos de todos.

Na edição seguinte de *El Gráfico*, o enfoque foi novamente os preparativos para a Copa. Em “*Esto también es empezar a jugar el Mundial 78*”, Fontanarrosa abordou a movimentação da AFA para estabelecer parcerias com empresas de turismo, com o intuito de viabilizar a venda de pacotes, alojamentos, traslados, ingressos para as partidas e outros serviços para dentro e fora do país. De acordo com o autor, esse era um passo importante, já que recaía às essas empresas fornecerem uma imagem exemplar da organização turística argentina, que servisse como forma de promoção do país²¹¹. Ao longo do artigo, o autor sinaliza uma mudança nos rumos da organização, ao syndicar que as decisões não se encontravam mais centralizadas na área de esporte e turismo do Ministério de Bienestar Social, sob o comando de Lopez Rega, mas sim sobre os cuidados da própria AFA.

Contudo, ainda que o editorial trate a notícia com uma conotação positiva, como um exemplo de que a Copa da Argentina começava a caminhar fora dos gramados, que já começava a ser jogada, o primeiro parágrafo retoma as críticas apresentadas na edição anterior, além de ressaltar o suporte da publicação ao evento:

Más allá de la formación de un gran equipo de fútbol y la construcción o acondicionamiento de grande estadios, una Copa del Mundo exige la concreción de hechos que hagan a la infraestructura del país en materia de turismo, comunicaciones internas y comunicaciones externas. Cuando sostenemos que el Mundial 78 demandará gastos, pero que esos gastos serán en realidad una inversión para el país, pero que esos gastos serán en realidad una inversión para el país, pensamos en todo lo que debe hacer-se para mejorar esa imagen de la Argentina que transmitiremos a todo el mundo desde el puntapié inicial de la Copa. Y también pensamos, para que negarlo, EN TODO LO QUE NO SE ESTA HACIENDO.²¹²

²¹¹ FONTANARROSA, C. Esto también es empezar a jugar el Mundial 78. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 2937, p. 3, jan. 1976.

²¹² Id.

A apreensão com o não andamento das obras era uma constante nas publicações, durante os primeiros meses de 1976. Tal qual nos exemplos previamente elencados, a falta de cuidado com o campeonato continuou a figurar nos textos do editorial. O assunto foi abordado através da seleção de Menotti, da venda ou negociação de algum jogador selecionável, em alguma medida tomada pela AFA ou diante de qualquer imprevisto ou novidade com relação aos bastidores da preparação. A preocupação com o evento era notória, o que contribuía para que a publicação apurasse sua crítica sobre os envolvidos no processo, com a cobrança recorrente da AFA e dos clubes, para que colaborassem com o processo. No entendimento do periódico, tal organização se referia a uma oportunidade de importância para o esporte e para o país. Não se tratava de afrontar os dirigentes, no sentido de questionar suas posições de poder, mas de confrontar hábitos e costumes comumente atribuídos ao esporte argentino, com o intuito de sensibilizá-los diante de um acontecimento de valor singular, que exigia a cooperação de todos: jogadores, técnicos, autoridades desportivas, clubes e federações.

Diante do conturbado contexto sociopolítico argentino, que passava à margem das observações do semanário, a preocupação quanto ao desenvolvimento do principal esporte do país era notória. Ainda que se concentrasse sobre as esferas esportivas, *El Gráfico* empregava a percepção de um objeto de interesse nacional, no âmbito da promoção e propaganda do país, como argumentação recorrente. Elementos que não só ultrapassavam as atenções com o desenrolar específico das partidas, das seções de treinamento e escalação das equipes ou dos bastidores administrativos da modalidade, como necessitavam de uma articulação política e social mais ampla para se efetivar. De maneira semelhante, a defesa dos gastos com o mundial, como forma de investimentos legados ao país em diferentes setores de infraestrutura e da econômica, pontuava tanto o posicionamento político do periódico quanto sua preocupação com os rumos da nação, particularmente na efetiva capacidade de concretizar o certame internacional. Uma preocupação justificada tanto pelo quadro de crise mais ampla, quanto pela inoperância no atendimento das exigências da FIFA para sediar o torneio. De certa forma, independentemente de quem estivesse à frente da empreitada naquele momento, fosse a AFA ou o Ministério de Bienestar Social de Lopez Rega, a exigência principal de *El Gráfico* recaía sobre o imperativo de levar adiante o projeto. A esse intuito somava-se um senso de urgência, afinal, a pouco mais de dois anos para a Copa ainda havia muito a fazer e a desconfiança sobre a capacidade do país em sediar o evento já era colocada em xeque em múltiplas frentes.

Nesse mesmo período, no Brasil, a revista *Veja* trazia em sua primeira edição de 1976, um artigo do jornalista e escritor Plínio Marcos, com uma série de previsões para o esporte naquele ano, uma pauta similar ao horóscopo de Basurto na revista argentina. Entre os diversos temas abordados, o mundial de 1978 teve espaço entre as suas previsões, amplamente desfavoráveis ao vizinho platino:

A situação política e econômica na Argentina estará na base do agrião, o que levará vários países a acharem que não vai dar pedal realizar nenhuma Copa do Mundo de Futebol lá. O Brasil vai querer entrar na vaga da Argentina pra bancar a Copa. Aí o senhor João Havelange, para deixar claro que somos patriotas, mas não subdesenvolvidos, como presidente da FIFA fará tudo para levar a sede da Copa do Mundo pra Europa.²¹³

Embora o texto de Plínio Marcos estivesse redigido no futuro, em acordo com a proposta de elaborar previsões para o novo ano, suas conclusões estavam fundamentadas em percepções alocadas no presente, nos indícios, rumores e conjecturas que se desenhavam naquele momento. Nesse sentido, o autor reproduzia as dúvidas com relação à Copa, ao mesmo tempo em que especulava para onde a competição da FIFA de Havelange poderia se encaminhar. Mais significativo, talvez, seja o breve comentário sobre o complicado quadro sociopolítico do país vizinho, o qual movia parte dos questionamentos sobre a capacidade deste em sediar o evento. Como anteviu Marcos, através da metáfora desportiva própria do linguajar futebolístico brasileiro, a Argentina ficaria na “zona do agrião”, diante de um risco iminente, cuja penalidade, já à vista no horizonte, seria o golpe de estado que alavancaria os militares novamente ao poder.

Ciente da ampla atenção destinada ao evento, com os olhares de diferentes veículos de mídia de vários países, o semanário esportivo buenairense via na FIFA, detentora dos direitos, a principal ameaça da realização do evento. Afinal, por mais que o mundial fosse objeto de múltiplos interesses, atraísse as atenções de aficionados ao redor do globo, exigisse a confecção de redes colaborativas entre poderes públicos e iniciativa privada – incluindo patrocinadores e prestadores de serviço –, cabia à entidade futebolística internacional o poder final de decisão. Embora o país sede pudesse declinar à organização do evento, não sem prejuízos ante empresas e colaboradores, não poderia levar adiante a Copa sem anuência e suporte da Federação Internacional de Futebol. Por isso, uma das preocupações centrais era com o cumprimento dos prazos e das exigências acordados com a entidade, cujo descumprimento ou temor poderia levar ao cancelamento do compromisso.

²¹³ MARCOS, P. As previsões para o novo ano. *Veja*, São Paulo, n. 383, p. 45, jan. 1976.

O editorial da edição n. 2940, de 11 de fevereiro de 1976, tratava da notícia a respeito da paralização dos trabalhos, na construção do complexo esportivo Chateaux Carreras, a casa cordobesa para a Copa. A parada dos operários havia se dado devido à demora nos pagamentos para a empresa responsável pela obra. A revista repercutia os rumores, mas também se adiantava em tranquilizar os leitores sobre o rápido reinício das obras, após a resolução dos “erros técnicos”, alegados pelas instâncias oficiais como motivos dos atrasos nos repasses financeiros. Diante do ocorrido, o texto de Fontanarrosa também constata como imprevistos dessa ordem alimentavam a descrença, dentro e fora da Argentina, quanto ao andamento mundial:

Este tipo de episodios, aparentemente minúsculos y exentos de gravedad, son los que generan y alientan el escepticismo de adentro y afuera del país. Porque todos sabemos que los plazos nos corren con la inexorable sentencia del tiempo. No es ser alarmista, ni fatalista, decir que no nos queda ni un minuto de margen para pararnos o equivocarnos. Es, simplemente, enfrentar una realidad que nos exige el esfuerzo de hacer muchas cosas es muy poco tiempo. La FIFA es en estos momentos nuestro implacable fiscal y la Argentina debe cumplir los compromisos asumidos.²¹⁴

Logo na sequência desses comentários, o editorial reforçava a chamada para que os “problemas técnicos”, causadores do impasse, não se repetissem mais. Nesses termos, os cuidados quanto aos valores a serem repassados eram mínimos, se não pouco relevantes no momento. Para a publicação, era preciso manter o fluxo de recursos necessários ao cumprimento da tarefa, em acordo com as exigências e prazos estabelecidos. Tal qual a passagem acima evidencia, o semanário estava preocupado com as impressões da FIFA, a quem as autoridades desportivas argentinas não deveriam desagradar, sob o risco de perder a tutela do evento.

Na visão do periódico, cabia à AFA o papel central no processo de organização: ela não só era a grande responsável pela modalidade esportiva no país, o que incluía a formação da seleção que representaria a Argentina no certame, como devia estruturar o evento e servir de ponte entre as entidades envolvidas, principalmente o poder público e a própria FIFA. Diante do complicado quadro político e social, sobre o qual a publicação esportiva evitava ao máximo abordar – em acordo com a leitura do esporte como um elemento culturalmente significativo, mas associado ao lazer e ao entretenimento, por isso mesmo supostamente alocado à parte dos setores mais sérios da sociedade e sob uma lógica de funcionamento própria –, o periódico se esquivava de uma abordagem mais ampla, que revelasse seus

²¹⁴ FONTANARROSA, C. El susto que nos dio Córdoba. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 2940, p. 3, fev. 1976.

posicionamentos específicos e focava suas apreciações, censuras e cobranças, quase que invariavelmente na AFA, nos clubes e em seus dirigentes.

Essa postura ficou evidente no editorial da edição 2942, de 25 de fevereiro. Ao invés da redação de pouco menos de uma lauda, assinada pelo editor chefe Carlos Fontanarrosa, o periódico trazia um texto que se estendia por três páginas, creditado ao próprio semanário, abordando com indignação mais uma série de desentendimentos e polêmicas envolvendo a seleção, clubes e jogadores. No caso, o estopim da matéria foi o pedido de renúncia dos jogadores do River Plate à convocação para a equipe nacional, devido ao conflito entre o calendário de jogos da equipe, inclusive pela Libertadores, e o planejamento de treinos e amistosos do selecionado. Contrariando aos reiterados pedidos de união, em torno da preparação para o mundial, a revista reprovava a capacidade da AFA em gerenciar o futebol, manejar as diferenças entre os clubes e a seleção e dar prosseguimento a um planejamento organizado²¹⁵.

Entre os temas abordados, estava também a organização da Copa do Mundo. Mais uma vez, a federação esportiva era acusada como grande responsável pelas falhas na organização do evento, assim como pela falta de informação pública, que nutriam o receio sobre os rumos do mundial:

Muchas veces se há dicho y debemos repetir que para la FIFA es la Asociación de Fútbol Argentino la entidad responsable del Mundial 78. EL PERIODISMO, NO SÓLO NACIONAL SINO INTERNACIONAL, VIVE HUÉRFANO DE COMUNICACIÓN SOBRE EL TEMA. Muchos colegas nos escriben o nos hablan queriendo saber cómo marchan las obras, pero no sabemos qué responder. Nadie se encarga de hacer boletines periódicos, y hay versiones según las cuales las reuniones del Comité Organizador no tiene ni la asistencia ni el ritmo de trabajo necesarios. Es fácil hacerse eco de esas versiones porque nadie informa. Mientras Brasil (ejemplo de difusión y diplomacia) ya juega a ser nuestro eventual reemplazante con argumentos contundentes, desde aquí nadie responde, nadie dice, nadie explica.²¹⁶

Os comentários do editorial soavam como uma espécie de desabafo. Se nas edições anteriores, o tom preocupado se misturava a certa complacência, ao misturar as cobranças sobre a entidade esportiva ao incentivo e defesa do evento, agora a revista expunha tanto sua revolta quanto desconhecimento com relação ao real andamento do processo de organização do evento. De certa maneira, assim como os representantes da imprensa no exterior, grande

²¹⁵ Em parte, essa postura crítica voltada sobretudo à AFA se deve pelo fato de tanto Menotti (por parte da seleção) quanto de Ramón Cabreara (presidente do River), haverem manifestado o desejo de estabelecer um entendimento mútuo, inclusive com um encontro entre ambas as partes na sede do periódico. Além disso, não podemos descartar o amplo apelo dos clubes junto ao público nem o prejuízo que uma oposição direta a uma das principais agremiações de Buenos Aires poderia causar. Por isso, a AFA e os dirigentes, sem uma nomeação específica, se converteram também aos principais alvos do discurso crítico do periódico.

²¹⁶ ¿Hasta cuándo? ¿Hasta dónde?. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 2942, p. 3-5, fev. 1976, p. 4.

parte das informações sobre as obras e seu desenvolvimento se situava no terreno das suposições e incertezas, seja por parte da AFA ou pelas limitações políticas e sociais do momento. Não é ao acaso, por exemplo, que em uma das edições posteriores, já às portas do golpe, a revista empreendesse uma visita às obras de cada um dos estádios construídos ou reformados para a competição, fora de Buenos Aires – respectivamente em Mendoza, Córdoba, Rosario e Mar del Plata –, a fim de aclarar a situação, bem como tranquilizar seus leitores na estratégia de defesa do campeonato²¹⁷. Também não deixa de ser interessante constar que a revista incorpora parte dos rumores ventilados naquele instante, como as pretensões brasileiras de levar a competição para o país, com a visualização do vizinho como modelo de organização em um contexto de conquistas esportivas e administração militar. Em ambas as situações, é notória a insatisfação do periódico, assim como os esforços de manter um discurso favorável à Copa na Argentina, em que a reorganização e empenho das autoridades responsáveis, sobretudo a AFA, eram fundamentais.

O parágrafo final do editorial resumia o sentimento do periódico. Diante do episódio dos pedidos de dispensa dos jogadores do River à seleção, os quais serviram de estopim para o texto, a revista indagava, provocativamente, se as renúncias não deveriam vir de outros lugares. Para a publicação, a AFA já havia dado mostras suficientes de sua falta de capacidade na condução do futebol. O futebol argentino só se manteria vivo ainda devido à qualidade de seu “material humano”, entendido nos termos de público e jogadores, capazes de “sacar reservas de onde não existem”. A indagação final, “pero, ¿hasta cuándo?, ¿hasta dónde?”, já presente no título, remetia tanto ao esgotamento do esporte local quanto ao imperativo de reestruturação do modelo administrativo que o cercava.²¹⁸

Embora os embates políticos e sociais mais amplos estivessem fora da área de interesse do periódico, seria justamente um movimento originado nesses espaços que atenderia parte das expectativas da revista, com relação à gestão da modalidade esportiva no país, com modificações na AFA e no comprometimento com o projeto da Copa do Mundo. Tratava-se do golpe de Estado, deflagrado pelas forças armadas em 24 de março de 1976. O abrupto fim do governo de Isabelita, bem como o rápido domínio dos militares sobre os mais diversos setores da sociedade, logo se abateram também sobre o futebol, com consequências evidentes, sobretudo, para o mundial de 1978. Os reiterados pedidos de transformação, levados pela publicação tinham se consolidado de maneira abrupta e muito mais rápido do que suas lamúrias poderiam supor.

²¹⁷ Así marchan las obras del Mundial. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 2946, s/p., mar. 1976.

²¹⁸ ¿Hasta cuándo? ¿Hasta dónde?. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 2942, p. 3-5, fev. 1976.

3 DA COPA NA ARGENTINA À COPA DA ARGENTINA: A IRRUPÇÃO DO GOLPE E A REIVINDICAÇÃO PÚBLICA DO MUNDIAL COMO UMA TAREFA DE ESTADO

3.1 UM MOVIMENTO ESPERADO: O GOLPE DE 24 DE MARÇO E A INSTALAÇÃO DO PROCESO DE REORGANIZACIÓN NACIONAL

Enquanto *El Gráfico* reportava sua frustração e preocupação com o mundial nos primeiros meses de 1976, Maria Estela Martinez experimentava os momentos derradeiros de sua administração. Se ao final de 1975 já se especulava sobre o destino da nação, no ano seguinte, o golpe de Estado já era visualizado em um horizonte próximo, como algo latente, na iminência de sua efetivação. O complicado quadro político-social não era perceptível apenas entre a imprensa local, mas ecoava também em veículos de comunicação estrangeiros.

No Brasil, entre os periódicos visitados para este trabalho, podemos verificar na cobertura empreendida pela revista *Veja*, então com correspondentes alocados no vizinho sul-americano, as suspeitas sobre o destino político do país platino. Na edição de n. 393, de 17 março de 1976, a revista já reportava no artigo “Fórmula pronta?”, produzido pelo correspondente Antonio Rodríguez Villar, o planejamento de um golpe por parte das forças armadas. Segundo a publicação, o governo de Isabelita se via mergulhado em um quadro de “esvaziamento de poder, de crescente caos político e social, e de uma das mais agudas crises econômicas da história recente argentina”²¹⁹. Sob esse cenário, a revista tratava da profusão de reuniões de oficiais e da crescente movimentação das lideranças militares nos bastidores. Independente do posicionamento político da publicação – supostamente neutro, mas com uma evidente restrição ao peronismo –, é interessante destacar o retrato que apresenta da ação planejada pelas forças amadas:

Duas etapas – Segundo revelou a VEJA uma alta fonte militar, já há uns cinco meses as Forças Armadas, “compreendendo a inevitabilidade de terem de assumir a condução do governo”, começaram a se preparar para isso. E, ante o que nos círculos militares se qualifica de “incapacidade do governo para enfrentar o caos que ele próprio criou”, a decisão de intervir “já foi tomada e é irreversível”, segundo o mesmo informante. Pelo menos de acordo com a fórmula que certos setores militares gostariam de ver aceita, não se trataria de um golpe típico no tradicional estilo latino-americano. Mais: não seria também um golpe à peruana ou à chilena, mas sim uma *revolución nacional*, como se batizaria não só a revolução como também o governo dela oriundo.²²⁰

²¹⁹ VILLAR, A. R. Fórmula pronta? *Veja*, São Paulo, n. 393, p. 42-44, mar. 1976. p. 42.

²²⁰ Nesse trecho é válido observar a menção de um “estilo latino americano”, uma referência aos numerosos golpes levados a cabo pelas forças armadas em diferentes partes do continente, inclusive no Brasil. Contudo não há nenhuma menção específica ao cenário brasileiro, então em pleno estado de exceção propagado pelas sucessivas gestões militares desde 1964. Tal como na intenção anunciada pelo informante, a ditadura brasileira

A revolución nacional, de acordo com as revelações daquele oficial, teria duas etapas. A primeira, de não mais de dez dias, seria chefiada por uma junta composta pelos atuais comandantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, respectivamente, general Jorge Rafael Videla, almirante Emílio Massera e brigadeiro Orlando Agosti. Todos os ministros seriam militares da ativa, selecionados nas três Armas. Igualmente militares da ativa seriam os interventores das 22 províncias argentinas.

[...]

Já na segunda etapa, o general Videla assumiria a presidência da República e convocaria civis de diferentes tendências para ocupar os ministérios. E o plano econômico a ser então posto em execução já teria sido elaborado por um economista ligado ao Movimento de Integração e Desenvolvimento do ex-presidente Arturo Frondizi.²²¹

Neste trecho, o semanário informativo brasileiro não só ventilava os rumores do golpe na Argentina, como pintava detalhadamente os traços do governo militar que se instalaria na sequência da ação. Além do texto, a revista também trazia em suas páginas uma foto do general Videla, provavelmente ajoelhado em uma igreja, com a seguinte legenda: “Videla: num golpe, talvez presidente” (Figura 1). Como provariam as semanas e meses seguintes, grande parte daquilo que retratava *Veja* acabaria por se concretizar na Argentina. Amostras de que o golpe, e seu formato, se não eram totalmente conhecidos e esperados também estavam longe de constituir uma surpresa, dentro e fora do país. A partir de sua fonte oculta, o informativo reproduzia, até mesmo, um dos traços mais marcantes do discurso do futuro regime: a afirmação de um movimento nacional e patriótico, cujo principal inimigo era a temível – mas indefinida – subversão.

Ao definir para *VEJA* qual seria o caráter do suposto futuro governo, o mesmo oficial afirmou que “não será uma revolução antiperonista nem antinada, mas uma revolução sensata, moderada, que aglutine todos os argentinos e que não se guiará por qualquer forma de revanchismo absurdo, como em 1955”. Apenas os atos qualificados como subversivos seriam submetidos à Justiça Militar, com juízos sumaríssimos que incluiriam a pena de morte. Isabelita, enfim, poderia ir para qualquer país de sua escolha, com todos os seus bens e pessoal de serviço que desejasse. O que estariam cogitando outros setores militares sobre o destino da presidente é algo que permanece desconhecido.²²²

O cenário de caos generalizado expresso por *Veja*, assim como pelos meios de comunicação argentinos, não estava longe da realidade do país vizinho. Ao final de 1975 e início de 1976, o governo de Isabelita agonizava, ao passo que aumentavam as conjecturas a

também se via como uma necessária ação revolucionária, o que por si só estimularia a comparação. Ainda que o silêncio possa ser explicado pela repressão, controle e censura perpetrados pela ditadura, a ausência de um paralelo contribuiu para uma leitura de que imperava no Brasil algo diferente, à parte dos casos citados, já no caminho rumo à normalidade democrática.

²²¹ VILLAR, A. R. Fórmula pronta? *Veja*, São Paulo, n. 393, p. 42-44, mar. 1976. p. 44.

²²² Id.

respeito de sua continuidade. Uma mudança brusca nas lideranças políticas e institucionais do país não só era esperada, nos termos de uma ação em vias de execução, como também ansiado por diversos setores da sociedade. Fosse esta transformação como forma de encerrar o ciclo peronista, inaugurado por Hector Cámpora, de estabelecer bases de governo mais sólidas e conservadoras, ou mesmo de definir um quadro político que contribuísse para a ignição de uma revolução social e popular. Isso era o que esperavam diversos grupos localizados à esquerda, inclusive aqueles de orientação peronista, cujo enfrentamento na atual administração se dava sob o formato do confronto armado e guerrilheiro. Antes mesmo da tomada do poder, as forças armadas intensificaram o combate aos grupos considerados terroristas com o aval do Estado, emergindo publicamente como um dos setores mais preparados para assumir a tarefa de sanar o país e reestabelecer a ordem. Do mesmo modo, os grupos para policiais clandestinos, sobretudo a temível “Triple A” – Aliança Anticomunista Argentina, com ramificações entre a direita peronista encabeçada José López Rega e os militares –, apuravam a perseguição violenta de seus adversários políticos.

Figura 1 – O futuro presidente em *Veja*.



Videla: num golpe, talvez presidente

Fonte: VILLAR, A. R. Fórmula pronta? *Veja*, São Paulo, n. 393, p. 42-44, mar. 1976. p. 42.

Tal como observa Franco²²³, a organização desses grupos e os reportes de atos violentos dessa ordem não eram recentes, mas passavam praticamente ao largo da cobertura da grande imprensa, abordados principalmente por publicações específicas e militantes, logo suprimidas de uma circulação aberta. Foi somente a partir de meados de 1974, que o tema

²²³ FRANCO, 2012, p. 211-212.

passou a circular entre os veículos mais abrangentes de maneira escassa e aleatória. Ainda de acordo com a autora, é apenas ao final de 1975, com a saída de Lopez Rega do governo e as denúncias proferidas por grupos políticos de maior visibilidade que estavam sendo ameaçados – entre eles artistas de renome e membros da UCR –, que as informações a respeito da Triple A se multiplicaram nos meios de divulgação. Ainda assim, com raras exceções – especialmente no caso do jornal *La Opinión* –, as abordagens sobre a violência de direita assumiram um tom pouco denunciativo, condenatório e relevante diante das ameaças vindas de perigosas correntes à esquerda que motivavam a sua ação.²²⁴

Em 1976, as denúncias sobre o agrupamento paramilitar tomaram as páginas de diferentes periódicos com afiliações políticas e ideológicas distintas (assim como com o peronismo e o oficialismo), em especial o jornal *Crónica*, que até então praticamente não havia tratado do assunto. Porém, em um cenário de profundo dano político, social e econômico – “*el descalabro*”, como ressoavam os mecanismos de mídia e os comunicadores locais –, as crescentes denúncias sobre os organismos paramilitares, sua vinculação com setores do governo, em particular o Ministério de Bienestar Social à época de Lopez Rega, atuavam principalmente como mecanismos de aprofundamento da crítica ao governo de Isabel. Tal situação, por certo, alimentava certa compreensão pública do imperativo de uma mudança, nem que fosse por meio, novamente, de vias institucionais em que as forças armadas emergiam como única alternativa.

Sobre a profusão das notícias e acusações sobre a Triple A, naquele momento em específico, Marina Franco observa que não se trata apenas de desvelar os crimes do agrupamento, que estavam longe de ser recentes ou desconhecidos da imprensa, mas também de acentuar o ataque ao combalido governo peronista, seja por suas vinculações com as ações paraestatais ou pela incapacidade em lidar com a violência originária de múltiplos espectros políticos:

En cualquier caso, la centralidad que el problema de la Triple A adquirió en febrero de 1976 para la prensa debe leerse no sólo como parte de la actualidad informativa y de la denuncia de los crímenes de esa organización, sino también como parte del proceso final de socavamiento de la última legitimidad de origen que podía sostener

²²⁴ Segundo Franco, as construções discursivas da época ao redor da violência de direita praticamente não ultrapassavam a figura da Triple A, que se manteve associada a um culpado em particular: Lopez Rega, um alvo político fácil e ligado à situação. As ações engendradas de forma semelhante pelos militares permaneceram praticamente silenciadas, o que contribuiu para que as forças armadas não fossem visualizadas como parte do problema, mas da solução para superar o caos e violência desenfreados. Além disso, Franco afirma que ainda mais importante é o fato de que no âmbito das representações políticas circulantes, os reportes sobre a “violência da direita” e a Triple A foram sempre secundários e subsidiários em relação à centralidade concedida às ações da esquerda guerrilheira. FRANCO, 2012, p. 223-224.

aún al gobierno peronista. Para entonces, denunciar a la Triple A era atacar los restos del gobierno de Martínez de Perón.²²⁵

De acordo com o levantamento empreendido por Novaro e Palermo, o diário *Lá Opinión* registrava durante o mês de março um assassinato político a cada cinco horas e a explosão de uma bomba a cada três²²⁶. A escalada da violência, ou ao menos de sua visibilidade pública, era acompanhada também pelo incremento dos números de fatalidades registradas por motivos políticos: em dezembro de 1975, foram contabilizadas 62 mortes violentas, número que se elevou a 89, em janeiro, e a 105 em fevereiro – a maioria delas decorrente das investidas destemidas dos grupos paramilitares clandestinos, sob a silenciosa anuência das autoridades.

Além disso, a falência e estagnação da economia repercutiam no acirramento da crise institucional, estimulando diferentes setores da população, tanto a esquerda socialista e peronista quanto a direita liberal, a pleitear alterações profundas na condução político-econômica. O aumento do preço do petróleo e a desvalorização dos alimentos prenunciavam o agravamento da situação, com um maior desequilíbrio na balança de importações do país. O resultado foi o notório disparo da inflação: no intervalo de março de 1975 a março de 1976, a inflação havia chagado a 566,3%, com o temor constante da explosão da hiperinflação, com a pulverização do poder de compra da moeda. Em março, esses temores quase se concretizaram com um recorde de 56% de perda inflacionária no mês. Ao final de 1975, o déficit público atingiu o patamar de 12,6% do PIB, enquanto o índice de desemprego superou os 6% – também marcas históricas. Além disso, o esgotamento das reservas financeiras colocava em dúvida a capacidade do país em honrar os pagamentos dos juros da dívida externa.²²⁷

De acordo com Novaro, os dados eram indicadores patentes da perda do controle do Estado sobre os diferentes setores da economia. Os diversos atores políticos e econômicos agiam, de forma desmedida, na defesa de seus interesses mais urgentes e tentavam tirar proveito da situação, independente dos prejuízos mais amplos que inevitavelmente causavam sobre a sociedade. Na apreciação do historiador, a política se extinguia como espaço institucional de convivência e tendia a se converter na imposição violenta de uns sobre os outros²²⁸. O monopólio da força, seja ela econômica-institucional ou policial, havia escapado do controle estatal e extrapolado qualquer forma de regulação legal.

²²⁵ FRANCO, 2012, p. 219.

²²⁶ NOVARO, M.; PALERMO, 2007, p. 24.

²²⁷ NOVARO, 2011, p. 133.

²²⁸ Id.

Ante o cenário de crise, o terreno para a intervenção militar já estava devidamente semeado. Ao final de 1975, o tenente general Jorge Rafael Videla sufocava a guerrilha deflagrada pelo ERP²²⁹ em Tucumán, de onde emitiu a mensagem do exército para o Natal. Em seu conteúdo, o general advertia o governo de que somente a expansão do combate à subversão e a cessão do controle dos mecanismos policiais e de segurança às forças armadas não bastavam, também era necessário se purificar da “imoralidade e da corrupção [...], da especulação política, econômica e ideológica”²³⁰. Em fevereiro de 1976, o diário buenairense *La prensa* também repercutia a potencial movimentação dos militares nos bastidores. O discurso apresentado pelo jornal retrata a defesa empreendida pelos militares, tratando-os como baluartes políticos do país, simultaneamente defensores de uma normalidade democrática e institucional, bem como atores proeminentes no caso de uma inevitável intervenção sobre um Estado decadente e fragilizado:

[...] as fontes militares destacam reiteradamente que ninguém poderá dizer no futuro que as Forças Armadas não fizeram todo o possível para impedir a interrupção do regime institucional. Mas também advertiam que, ao contrário, se continuassem abstendo-se de preencher o vazio de poder que o estado de coisas parecia estar determinando, poderiam ser acusados pelo julgamento da história de abstenção culposa.²³¹

Na madrugada do dia 24 de março de 1976, o golpe, finalmente, se desatou. Os edifícios do governo, como a Casa Rosada e o Congresso Nacional, foram tomados pelas Forças Armadas, assim como as administrações provinciais. Destacamentos militares se apossaram das emissoras de rádio e televisão da capital, bem como das principais cidades do interior do país; tropas cercaram complexos industriais, investindo sobre as sedes dos sindicatos, cuja capacidade de mobilização e vinculação com o peronismo não poderiam ser ignorados. A presidente Maria Estela Martínez de Perón foi detida pelas forças armadas e levada sob custódia, com a acusação de ter atentado contra a nação. Logo nos primeiros momentos do dia, os mecanismos de imprensa e comunicação massiva atualizavam a população sobre o andamento da ação, ao mesmo tempo em que reproduziam os comunicados emitidos pelo comando do movimento golpista. A primeira mensagem, amplamente

²²⁹ O *Ejército Revolucionario del Pueblo*, organizado em 1969, constituía uma organização armada e revolucionária ligada ao *Partido Revolucionario del Pueblo* (PRT), de inspiração marxista-trotskista, que ao longo da década de 1970 passou a investir na guerrilha – sobretudo na província de Tucumán – e na luta armada. Ao lado de Montoneros, configurou um dos principais grupos de esquerda confrontados pelo regime, sendo praticamente aniquilado pelas forças repressivas estatais entre 1975 e 1977. Para mais informações consultar: CARNOVALE, Vera. *Los combatientes: Historia del PRT-ERP*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

²³⁰ NOVARO; PALERMO, 2007, p. 25.

²³¹ *La Prensa* apud NOVARO; PALERMO, 2007, p. 25.

reproduzida e repetida pelos diversos órgãos de imprensa, anunciava aos argentinos a nova tomada do poder por parte das Forças Armadas e exigia a colaboração da população, que desde aquele momento já deveria assumir uma atitude vigilante:

Se comunica a la población que a partir de la fecha, el país se encuentra bajo el control operacional de la Junta de Comandantes Generales de las FF.AA.

Se recomienda a todos los habitantes el estricto acatamiento a las disposiciones y directivas que emanen de autoridad militar, de seguridad o policial, así como extremar el cuidado en evitar acciones y actitudes individuales o de grupo que puedan exigir la intervención drástica del personal en operaciones.²³²

Na capital, os principais diários estampavam o golpe de Estado de maneiras diferentes nas manchetes. Enquanto parte deles saudavam a chegada da Junta de Comandantes, que assumia o controle do país ou evidenciavam a movimentação das forças armadas, outros preferiam enfatizar a queda do governo de Isabelita e da administração peronista que representava. Em suas páginas, buscavam apurar os eventos transcorridos e registrar cada um dos comunicados lançados pela Junta ao longo do dia. A cada informe, dado ou acontecimento, os veículos de imprensa enviavam às bancas uma nova edição, com atualizações sobre as demandas do governo instituído e o andamento da situação política e social.

Em sua edição de 25 de março, o jornal *La Opinión*, como toda a imprensa argentina, ecoava os eventos do dia anterior. O periódico procurava remontar os passos basilares da ação, os principais anúncios sobre a condução do país – como as alterações nos cargos ligados ao poder executivo, a dissolução do Congresso, a suspensão das atividades políticas/gremiais, a intervenção sobre as principais organizações sindicais, como a CGT e a CGE²³³ – e as informações sobre os desdobramentos do avanço militar no interior – cujo andamento teria se dado sem maiores dificuldades. Além de anunciar o governo da Junta de Comandantes, formada por Videla, Massera e Agosti, *La Opinión* reproduzia os “propósitos e objetivos básicos” enunciados pelo autointitulado *Proceso de Reorganización Nacional*. Em meio ao discurso, um tanto genérico, que propunha resgatar os valores necessários à condução integral do estado e reconstituir a imagem da nação, como forma de sedimentar a posterior instauração de uma democracia republicana, representativa e federal, elegia como principais projetos a erradicação da subversão – nomeada como a grande inimiga – e o desenvolvimento econômico.

²³² Los comunicados de La Junta Militar preservan la tranquilidad y el orden. *La Opinión*, Buenos Aires, ano V, n. 1448, 25 mar. 1978. p. 12.

²³³ Respectivamente a *Confederación General del Trabajo* e a *Confederación General Económica*.

Ao enumerar seus objetivos mais amplos, o *Proceso* assinalava no segundo item a sua disposição em defender a vigência da moral cristã, da tradição nacional e da dignidade de ser argentino, comportamento incorporado pelas lideranças militares e que deveriam se estender para toda a sociedade. Já no terceiro item, afirmava a necessidade zelar pela segurança nacional, o que se consolidaria com a eliminação da subversão e das causas que favoreciam a sua existência. Ainda que não estivessem nomeados, a repressão e a perseguição aos adversários políticos, sobretudo localizados à esquerda socialista ou peronista, já estava prevista nas próprias diretrizes do movimento. Nesse sentido, o *Proceso* não irrompia como algo inédito, mas agudizava o enfrentamento franco e institucionalizado, seja nas ações oficiais ou na omissão quanto aos operativos clandestinos, que já havia se desenhado durante o último período peronista.²³⁴

No quinto item, em que sublinhava suas preocupações socioeconômicas, o *Proceso* manifestava a intenção de manter sob o controle do Estado áreas vitais, ao mesmo tempo em que promoveria à iniciativa privada, aos capitais nacionais e estrangeiros, as condições necessárias para que pudessem se beneficiar dos processos de exploração dos recursos do país, sem a interferência de sujeitos alocados no poder público.

Enquanto, por um lado, o *Proceso* acenava com a conformação de uma sociedade mais conservadora e combativa aos comportamentos desviantes, facilmente alocados sob o signo da subversão; por outro, sinalizava com a abertura do mercado ao fluxo de capitais internacionais e uma redução do papel interventor do Estado, em acordo com uma proposta capitalista liberal.

3.1.1 No Brasil: a recepção imediata de *Veja* e *Manchete*

No Brasil, os semanários *Veja* e *Manchete* também deram ampla repercussão ao golpe de Estado, que alçou os militares novamente ao poder na Argentina. A primeira revista não só traria uma longa reportagem sobre o tema, como a capa da edição n. 395, de 31 de março de 1976 – estampava o rosto do general Videla, já designado pela Junta de Comandantes como o novo presidente do país – com a legenda “ARGENTINA: os militares no poder” (Figura 2). O tema também dominou o editorial da edição que, retomando a reportagem publicada algumas semanas antes, afirmou que a ação golpista das forças armadas

²³⁴ Propósitos y objetivos básicos. *La Opinión*, Buenos Aires, ano V, n. 1448, 25 mar. 1976. p. 1.

não chegou a surpreender, “mais surpreendente, até, era que Isabelita estivesse conseguindo prolongar por tanto tempo, de desastre em desastre, a agonia do seu governo”²³⁵.

Figura 2 – Capa de *Veja* de 31 de março de 1976.



Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 395, mar. 1976.

O artigo destinado ao tópico constituía o destaque central da edição, estendia-se por sete páginas e buscava remontar o processo que desencadeou o levante, bem como os acontecimentos ao longo de sua efetivação. Ao longo da redação, a revista analisava a deposição do governo de Isabel como um fracasso peronista definitivo, recordando os diversos momentos da destituição do falecido mandatário, também por meio de intervenção militar em 1955. Em sua apreciação, a disputa de poder, entre o peronismo e as forças armadas, resumiria a história recente da Argentina das últimas três décadas. O movimento dos militares sobre o alquebrado governo de Isabel era retratado não só como algo iminente, mas necessário. Como afirmava ainda em suas primeiras páginas: “para solucionar os problemas acumulados desse país à deriva [...], as Forças Armadas necessitarão impor a si mesmas e aos demais argentinos uma verdadeira disciplina de tempo de guerra”²³⁶. Sobre a figura do novo presidente, o tenente-general Jorge Rafael Videla, a revista organizou um quadro à parte do texto principal, no qual buscou realizar um breve levantamento biográfico e caracterizar seu

²³⁵ GUZZO, J. R. Carta ao leitor. *Veja*, São Paulo, n. 395, p. 17, mar. 1976.

²³⁶ Um esforço de guerra. *Veja*, São Paulo, n. 395, p. 28-34, mar. 1976. p. 29.

perfil²³⁷. Nesse processo, a principal avaliação foi a de que o novo mandatário da Argentina era, por formação e convicção, “um profissionalista – isto é um firme partidário da manutenção dos militares fora da política”, o qual havia sido impelido contra vontade e diante das circunstâncias a assumir um “papel cada vez mais político”.

Figura 3 – As tropas em Buenos Aires.



Fonte: Um esforço de guerra. *Veja*, São Paulo, n. 395, p. 28-34, mar. 1976. p. 28, 32, 33.

Além do texto principal, dividido em vários tópicos, a revista também trazia uma série de imagens, principalmente retratando a Junta de Comandantes e a mobilização dos soldados em diferentes pontos da capital (Figura 3). Entre as imagens que destoavam um pouco desses registros, estava o afluxo de diversas pessoas à vitrine de uma loja para assistir a uma partida de futebol (Figura 4). Embora a revista fizesse uma referência a um jogo do Club Atlético River Plate, pela Libertadores no Monumental de Nuñez, disputada na noite anterior, e relatasse o cruzamento da massa apaixonada de torcedores com as tropas em deslocamento na madrugada, a imagem provavelmente se referia à partida disputada pela seleção nacional durante o fatídico dia 24. De todo modo, a mobilização em torno de esporte seria vista como uma forma de apatia política e indiferença de grande parte da população com relação a então situação do país e à administração deposta. Um exemplo da falta de conexão da gestão de Maria Estela Martinez com o resto do país – por isso mesmo sem grandes reações ao movimento golpista.

²³⁷ Um ponto bastante curioso e recorrente em quase todos os materiais que buscavam apresentar o general, assim como outros personagens do processo, era a apresentação de sua composição familiar, basicamente como alguém casado, com um determinado número de filhos. A apresentação pública do “pai de família” repercutia o peso atribuído aos valores sociais tradicionais/conservadores, como espécie de sustentáculo ético-moral.

Figura 4 – No dia do golpe, assistindo ao futebol.



Fonte: Um esforço de guerra. *Veja*, São Paulo, n. 395, p. 28-34, mar. 1976. p. 31.

Por último, *Veja* também traria um curto artigo no qual descrevia as impressões iniciais do governo brasileiro acerca da ação dos militares no país vizinho. De maneira geral, a revista afirmava que ainda se sabia pouco sobre o perfil de Videla, mas que a ação também já era esperada pelo Itamaraty, inclusive com o pronto reconhecimento do novo governo. Além disso, destacava que o governo via com bons olhos a ascensão das Forças Armadas na Argentina, que “sempre foram simpáticas ao Brasil”, além de que a mudança permitiria ao país reativar e desenvolver ações mais estreitas com o vizinho platino. O entusiasmo com a medida era notório e esperado, pela configuração semelhante do governo brasileiro, sob a administração autoritária militar desde 1964, bem como pela convergência ampla de projetos políticos e ideológicos, sobretudo no intenso controle da sociedade, no combate aos adversários políticos à esquerda e na implantação de modelos econômicos mais abertos ao capital internacional.

A exceção ao otimismo relatado ficava por conta da reação de alguns políticos, tanto da base governista composta pela ARENA²³⁸ quanto do opositor MDB²³⁹, preocupados com a repercussão do golpe como um incentivo aos grupos contrários ao retorno da normalidade constitucional. Interessante notar como a postura dos políticos – na maioria civis e afastados havia mais de uma década do livre comando institucional do país – divergia da postura

²³⁸ Aliança Renovadora Nacional.

²³⁹ Movimento Democrático Brasileiro.

apresentada pelo governo. Mesmo aqueles alinhados com a proposta de sociedade e nação, originalmente propostos pelos militares²⁴⁰, viam com preocupação os acontecimentos no país vizinho, como um perigo para o processo de distensão política e transição democrática. Ou seja, a própria passagem do poder para a sociedade civil, uma das plataformas anunciadas pelo presidente-general Ernesto Geisel, da qual os agentes políticos institucionais já constituídos se beneficiariam diretamente. A partir do episódio argentino, alguns dos principais atores políticos brasileiros refletiam sobre a sua própria realidade.

Manchete, por sua vez, também repercutiu o acontecimento em suas páginas. O n. 1251, datado de 10 de abril de 1976, trouxe a reportagem “Argentina: a volta dos militares” (Figura 5), produzida por Hector Luis Zabala, jornalista de *Editorial Atlántida*, uma das principais companhias da Argentina. A matéria, permeada por fotos diversas, reproduziria a visão do golpe como algo inevitável e postergado ao máximo pelos militares, sobretudo pelo próprio general Videla. Repercutiria a cantiga da falência do projeto peronista que, em quase três anos, arrastou o país para uma aguda crise política, social e econômica. Elementos que justificariam a serenidade e complacência com que a intervenção militar foi majoritariamente recebida:

[...] depois da destituição de Maria Estela Martínez de Perón e a tomada do poder por uma junta de comandantes-em-chefe das três Armas, não houve guerra nem festa. Apenas instalou-se um sentimento de maturidade, de serenidade e alívio que parecia estender-se por todo o território argentino. Jamais em outro caso seria possível aplicar tão bem a sentença de Spinoza: ‘em política não há que rir nem chorar, apenas compreender’.²⁴¹

²⁴⁰ Ao longo da nota, a revista reproduzira algumas falas proferidas no senado, entre elas as de personagens como os então senadores arenistas José Sarney, Teotônio Vilela e o vice-presidente da legenda, o ex-ministro da educação do governo Médici, Jarbas Passarinho. Sarney afirmou que a instalação de uma ditadura militar na Argentina “pela fraqueza do governo e insensatez dos homens” exigia meditação; já Vilela declarou diretamente que os problemas ocorridos na Argentina poderiam ser usados “por aqueles que não querem a democracia no Brasil”. Já Passarinho teria refletido da seguinte maneira sobre as considerações de um senador do MDB, sobre o quadro de fragilidade política herdada por Isabel do peronismo, que teria motivado o golpe: “Vossa Excelência volta-se para as causas remotas dos acontecimentos de ontem e não fica apenas admitindo que a ditadura militar possa ser uma consequência da falta de patriotismo, da ambição ou qualquer outro tipo de defeito humano pertinente aos grupos militares”.

²⁴¹ ZABALA, H. L. Argentina: a volta dos militares. *Manchete*, Rio de Janeiro, ano 21, n. 1251, p. 12-15, abr. 1976. p. 13.

Figura 5 – O golpe em *Manchete*.

Fonte: ZABALA, H. L. Argentina: a volta dos militares. *Manchete*, Rio de Janeiro, ano 21, n. 1251, p. 12-15, abr. 1976. p. 12-13.

Nessa matéria, *Manchete* não apresentava uma perspectiva própria, mas reproduzia uma leitura local, constituída justamente por um, dos muitos, setores favoráveis ao golpe e, mais adiante, integrante da base de sustentação pública do regime autoritário implantado. As leituras mais particulares ficariam por conta de dois importantes colunistas da publicação, ligados umbilicalmente à confecção da revista ao longo dos anos: os jornalistas David Nasser e Murilo Melo Filho, este último um dos diretores da Bloch Editores S.A. Nasser recapitularia de maneira bastante peculiar e bastante crítica, a longa trajetória de Perón na história recente argentina. Em determinado momento, por exemplo, definiria assim o peronismo:

O peronismo não era uma ideologia. Era um embuste grosseiro, uma falsidade ideológica, o endeusamento de uma mulher elevada quase a condição de santa, Evita, e de um ditador sorridente, simpático e vazio. Sem ídolos, sem ideias, sem símbolos, os jovens da nova década [1960], marcados pelos primeiros sintomas do retrocesso argentino, reagiram indo buscar a solução em ideologias importadas da Rússia China e outros países, sem perceber que as mesmas estavam inspiradas no interesse nacional de suas origens e assim esta geração ludibriada as abraçou apaixonadamente, transladando ódio e divisões a que eram estranhos os argentinos, dificultando o exame lucido das dificuldades nacionais. O mesmo fenômeno tentaria se repetir no Brasil, mas Deus é Baiano.²⁴²

Nasser explicitava suas filiações ideológicas, ao mesmo tempo em que adjudicava ao peronismo a culpa pela decadência argentina e pela aproximação nociva com o comunismo e a subversão. Já sobre a indicação final de Maria Estela Martinez, declarou: “tenho

²⁴² NASSER, D. Argentina à média luz. *Manchete*, Rio de Janeiro, ano 21, n. 1251, p. 16-18, abr. 1976. p. 17.

intimamente a convicção de que o nosso Perón já estava gagá quando a fez vice-presidente e o povo argentino, anestesiado quando aceitou a palhaçada”²⁴³.

Diante do levante militar na Argentina, cujo paralelo brasileiro era vigente desde a década anterior, o jornalista atribuiria um papel fundamental às Forças Armadas como protetoras da soberania nacional no mundo contemporâneo, algo que não só legitimaria suas intervenções, em ambos os países, como muitas vezes seria algo necessário:

A história contemporânea demonstra que a independência dos países e a sua capacidade para realizar uma política nacional depende nesta época de guerra fria, da presença de Forças Armadas poderosas. Debilitar militarmente um país equivale a extinguir sua vontade soberana e torna-lo um campo fértil à guerra revolucionária. O objetivo desta é sempre dobrar a vontade política do país agredido, destruindo a sua soberania.

[...] A função específica das Forças Armadas é preservar a soberania nacional. A soberania de uma nação para determinar livremente seu destino e muitas vezes uma nação pode perder a sua soberania antes que um só soldado estrangeiro haja pisado em seu solo.²⁴⁴

Nesse trecho, o discurso de Nasser, mesmo revestido de certa racionalidade, não deixa de apresentar uma apreciação apaixonada e dúbia sobre o tema. Não há contestação à ação militar. As Forças Armadas constituem uma espécie de fiel da balança, supostamente neutras, cuja intervenção automática se dá no sentido de proteger o país ante qualquer ameaça a sua pretensa liberdade e soberania – ambas submissas a um entendimento arbitrário de seus significados pelos representantes militares que, em última instância, são os responsáveis por avaliar o desequilíbrio e tomar as rédeas da situação. O que acontece, na grande maioria das situações, com a perseguição aos elementos perniciosos e o esforço de reestabelecer o *status quo*. Nesse sentido, há também o emprego de uma lógica dualista reducionista e afetiva, com a determinação de um defensor do bem – as Forças Armadas, com quem se identifica e simpatiza – contra um mal – a temível guerra revolucionária, antagonista ideológica de um determinado entendimento de nação, um outro que serve tanto como alvo de ódio quanto de repulsa.

O artigo seguinte ao de Nasser foi o de Murilo Melo Filho. Especializado na cobertura e análise políticas, com anos de trabalho em Brasília, o jornalista optou por uma reflexão mais ampla, como já prenunciava o título: “A guinada do Cone Sul”. O texto introdutório já denotava o tom da reportagem e alguns dos apontamentos, aos quais buscaria responder:

²⁴³ Id.

²⁴⁴ Ibid., p. 16.

Há alguns anos, todo o Cone Sul da América Latina parecia irremediavelmente destinado à adoção de governos esquerdistas. O Brasil de João Goulart e Argentina de Juan Domingo Perón tendiam para republicas do tipo sindicalistas. O Uruguai de Bordaberry parecia naufragar sob as pistolas dos tupamaros. O Chile de Allende caminhava para um governo de cunho marxista. A Bolívia de Juan José Torres e Juan Lechin já ensaiava os seus **soviets**. De repente, todo o Cone Sul desta parte do Hemisfério deu uma guinada rumo exatamente oposto. Por quê?²⁴⁵

A redação se desdobraria em torno da confecção dessa resposta mais ampla, assim como sobre a análise da atual conjuntura argentina, que despertou novamente o debate. Para o autor, um elemento central na construção e uma argumentação satisfatória estavam na força e centralidade, angariadas pelos militares no interior do processo político. Mesmo em governos civilistas constitucionais e consolidados, o apoio sobre bases militares foi bastante significativo, de modo que a sustentação militar era fundamentada inclusive para enfrentar momentos cíclicos de crise, que irromperam diferentes governos. No quadro presente, das décadas de 1960/70, era o espectro ameaçador do comunismo que se erguia como o adversário da vez.

No decorrer de sua arguição, Melo Filho evocaria o exemplo brasileiro, desde a primeira deposição de Getúlio Vargas em 1945, demonstrando como o pronunciamento e intervenção das Forças Armadas, em diferentes momentos – na maioria dos casos, com intervenções pontuais que marcaram a transferência do poder institucional, mas não sua completa tomada ou apropriação. A exceção bastante peculiar seria o caso do golpe de 1964, cuja movimentação das Forças Armadas, na interpretação do autor, teria se dado muito mais no sentido de uma contrarrevolução, que impedisse o país de cair em um regime comunista, do que de uma apoderação sobre o comando do país; “tanto isso é verdade que, quando se viram com o poder na mão não sabiam muito bem o que fazer com ele. Não possuíam sequer qualquer programa ou filosofia de governo. Mas, desta vez, decidiram ficar com o poder”²⁴⁶.

Comparativamente, para Melo Filho, o panorama adotado na Argentina foi bem mais radical do que no caso brasileiro. Uma série de medidas em que se alocavam oficiais de cada arma em quase todos os postos de comando institucional; além do fechamento imediato do Congresso, do Supremo Tribunal, de sindicatos e órgãos de comunicação, assim como a instituição da pena de morte, aproximavam o caso argentino, antes, de um modelo chileno.

²⁴⁵ MELO FILHO, M. A guinada do Cone Sul. *Manchete*, Rio de Janeiro, ano 21, n. 1251, p. 19, abr. 1976.

²⁴⁶ Id.

Ainda que sua análise não fosse necessariamente contrária à intervenção²⁴⁷, muitas vezes compreendida como uma ação necessária e justificada pela própria tradição política atribuída aos militares no continente, o autor questionava a sequência das administrações após a intervenção no cenário político-social. À luz da própria experiência brasileira e latino-americana, afirmava que os militares em todo o Cone Sul deveriam estar cientes de que sua investida sobre o poder não se tratava de um fato permanente e definitivo. Passadas as necessidades e emergências agudas, contra as quais armas figuravam como último recurso para devolver um clima de ordem, trabalho e tranquilidade, era necessária a devolução ou a transição do poder à sociedade e lideranças civis:

Mas cessada a causa, cessaria o efêto: na sequência de governos **militares** (ou de militares) e de governos **autoritários** (ou de autoridade), teriam as águas de refluir para seu estatutário normal, que é do retorno das lideranças civis, devidamente recuperadas em prestígio e confiança, após vários anos no sereno e no ostracismo. O anticomunismo, **que lhes é comum**, não pode ser um fim em si mesmo, mas um meio de se fazerem às reformas e de satisfazerem os anseios das grandes massas desprotegidas, que são exatamente as banderías desfraldadas pelos comunistas. Justamente por manipularem [poderes] **executivos fortes**, eles detêm nas mãos todos o instrumental eficaz para cumprir excelentes **performances**, que os sistemas democráticos puros, com o livre jogo da oposição e da opinião pública, encontram maiores dificuldades em executar. O Cone Sul da América Latina constitui hoje um compacto bloco de **anticomunismo**. É preciso, porém, que ele não permaneça apenas **contra** os comunistas, mas sim **a favor** de muitas reformas e correções, que aí estão chamando por implantação urgente.²⁴⁸

Nesse sentido, Melo Filho ecoava, a partir da análise da situação latino-americana, os problemas e questões atinentes à realidade brasileira. O jornalista não era um opositor dos militares. Longe disso, sua argumentação sustentava a atuação política das Forças Armadas e convergia na composição de um determinado modelo político-ideológico, tanto conservador quanto reacionário. Mas, vencidos os desafios e ameaças iniciais, defendia a progressão da atuação desses governos militares/autoritários, no sentido de promover o desenvolvimento do país e viabilizar o retorno à normalidade institucional. Este último elemento constituiria um desejo em que, sob diferentes óticas, convergiriam esforços de sujeitos alocados em diferentes graduações no espectro político, tanto à direita quanto à esquerda no Brasil. A Argentina, entretanto, havia apenas recém-inaugurado uma nova intervenção militar, em muito similar à caracterização descrita por Melo Filho, mas que ainda estava longe de qualquer perspectiva de

²⁴⁷ No caso argentino, por exemplo, o autor sugeriu que a hesitação em romper prontamente à ordem política e institucional se devia à preocupação de seus líderes em não parecerem meros “seguidores do caudilhismo militar sul-americano”, e que o movimento golpista só foi finalmente autorizado, quando o país alcançou o “fundo do poço”. MELO FILHO, M. A guinada do Cone Sul. *Manchete*, Rio de Janeiro, ano 21, n. 1251, p. 19, abr. 1976.

²⁴⁸ Id.

um debate público minimante autorizado, quanto aos rumos do governo e de sua distensão. Antes disso, havia uma deliberação comum de que a ditadura de Videla, Massera e Agosti deveria assumir o controle e sanar o país. Em todos os setores, os anos seguintes seriam de autoritarismo e terror, sobretudo para aqueles, comunistas ou não, que não se enquadravam no projeto de sociedade que os novos mandatários se dispunham a defender.

3.2 FALANDO DESPORTIVAMENTE: AS RECEPÇÕES DE *EL GRÁFICO* E *GOLES* E O DISCURSO PÚBLICO DA INTERVENÇÃO (AUTORITÁRIA) NO MUNDIAL

A mesma edição de 25 de março de 1978, de *La Opinión*, reproduzia todos os comunicados emitidos pelos militares ao longo das ações empreendidas no dia anterior. As mensagens davam conta de vários informes, inclusive sobre a suspensão de espetáculos públicos, atividades esportivas e culturais. Com as estações transmissoras sob o controle militar, as programações normais das rádios e canais de televisão estavam suspensas em prol de uma difusão unificada. Mas o comunicado n. 23 abria uma interessante exceção: “se pone en conocimiento público que se ha exceptuado de la transmisión por cadena nacional de radio y televisión, la propalación programada para el día de la fecha del partido de fútbol que sostendrán las selecciones nacionales de Argentina y Polonia”.²⁴⁹

Deste comunicado é possível extrair múltiplas considerações, sob a percepção do *Proceso* a respeito do futebol. Entre elas, a compreensão da modalidade esportiva como um elemento cultural de apelo massivo, que sob a representatividade da seleção nacional poderia captar a atenção de parte significativa da população, em torno de um sentimento patriótico também desejado pelos militares. Essa vinculação entre o futebol, por meio do selecionado, e a nação se dava à margem de vinculações políticas tradicionais; ou seja, à parte do espaço de conflitos partidários e ideológicos que afluíam naquele momento. Desse modo, o futebol não representava qualquer ameaça. Livre do espectro subversivo, poderia servir aos intuitos do regime, como aliviar a tensão diante do complicado instante do golpe. Embora o interesse político sobre o futebol já pudesse ser visualizado – segundo a apreciação de Alabarces²⁵⁰, como um importante operador de narrativas sobre a nacionalidade –, o esporte em si era visto como algo à parte do universo político e, justamente por isso, passível de instrumentalização. Liberar a transmissão do jogo não traria prejuízo algum, pelo contrário, contribuiria para

²⁴⁹ Los comunicados de La Junta Militar preservan la tranquilidad y el orden. *La Opinión*, Buenos Aires, ano V, n. 1448, 25 mar. 1978. p. 12.

²⁵⁰ ALABARCES, 2002.

distrair a população naquele momento, com algo que não fosse “político” ou, de forma mais significativa, “subversivo”, por isso mesmo aceito e desejável.

A atenção com a modalidade esportiva seria uma constante nos primeiros anos do *Proceso*, em grande parte graças ao mundial de 1978. Contudo, como vimos nos tópicos anteriores, naquele momento a manutenção do evento na Argentina era motivo de dúvida, fosse pela instabilidade do quadro institucional e econômico do país, que poderia ser agravado pelo golpe, ou pela ineficiência e desorganização no processo de preparação, na construção das obras, cumprimento dos prazos e das exigências da FIFA para a competição. O regime havia se colocado à frente das ações no país, mas a Copa era uma herança que, a princípio, não lhe competia e estava vinculada de maneira mais expressiva à última administração peronista, até então falha em levar adiante o evento. Nesses termos, uma decisão sobre o evento era também aguardada e necessária ante as desconfianças sobre o país. Em ambos os casos, de uma assertiva favorável ou contrária ao mundial, a deliberação incorporava compromissos políticos e econômicos, que poderiam ser canalizados em prol da ditadura recém-instituída.

Por um lado, reconhecer a falta de condições do país, para levar adiante o evento, poderia ser encarado como forma tornar públicas as dificuldades, reforçar um discurso que prometia reorganizar a economia, reduzir a inflação e equilibrar as finanças; além de atribuir o ônus da decisão à falta de compromisso do governo peronista que o precedeu. Em contrapartida, levar adiante a competição significava manter associação com interesses econômicos e capitais internacionais, sobretudo das marcas e companhias vinculadas à FIFA e ao mundial. Além disso, seria preciso manter o foco dos veículos de comunicação internacionais sobre a Argentina, em uma temática que se concebia como distante dos problemas sócio-políticos e que permitiria a construção e propagação de imagens positivas do país sob a nova administração. Ao mesmo tempo, a opção pró Copa do Mundo poderia ser convertida discursivamente na afirmação da capacidade de realização da Argentina, com a superação das dificuldades recentes e a expressão de suas potencialidades nacionais, devidamente coordenadas pelos militares, que expurgavam o país de suas debilidades políticas e ideológicas.

De todo o modo, o investimento no futebol e no campeonato, mesmo sem constar, de qualquer forma, como uma prioridade naquele momento, exigia a movimentação rápida do *Proceso*. A expectativa sobre os destinos do mundial permanecia, sendo necessário tranquilizar os críticos e os responsáveis pelo evento de alguma maneira. Desse modo, apenas instaurada a Junta Militar que conduziria o país pelos próximos anos, a Copa do Mundo de

1978 passou a figurar como tema de debate entre seus representantes. De acordo com os relatos de Gilbert e Vitagliano²⁵¹, a competição foi logo incluída entre os eixos de debate da Junta, sobretudo através da insistência do almirante Emílio Eduardo Massera, que via a potencialidade do esporte como espaço de promoção política e desejava coloca-lo sob os cuidados da marinha²⁵². Segundo o relato de Llonto, o general Videla, em acordo com a planificação econômica de José Alfredo Martínez de Hoz – personagem ligado aos grupos tradicionais no poder, com vínculos entre setores agropecuários e industriais, logo oficializado como Ministro da Economia –, não via a competição com tamanha relevância, ainda mais que o custoso evento não estava incluído nas projeções econômicas iniciais de Martínez de Hoz. Independente das conjecturas a respeito das posturas inicialmente resistentes de Videla e Martínez de Hoz, ou da defesa empreendida por Massera, sobre como a Copa poderia ser interessante para o *Proceso*, o fato é que o mundial foi rapidamente alocado entre os planos da recém-instaurada ditadura, obtendo papel de destaque entre as ações públicas do governo nos anos seguintes²⁵³.

A irrupção do golpe, assim como os rumores a respeito da disposição dos militares em levar adiante a Copa do Mundo de futebol, mexeu inclusive com a revista *El Gráfico* – até então propositadamente alheia ao panorama sociopolítico. Diante dos acontecimentos recentes, mesmo a revista esportiva se viu impelida a emitir algum tipo de apreciação. A edição que chegava às bancas no dia 31 de março, a primeira produzida após a tomada do poder pelos militares, trazia como destaque de capa a partida entre Polônia e Argentina, mas o editorial se voltava para o novo panorama que se abria neste país, comentando sob o ponto de vista que melhor convinha à publicação: o esportivo.

Vamos a hablar “deportivamente” sobre el tema que conmovió a la Argentina y a los argentinos. Nos referimos al nuevo gobierno. Vamos a afrontar el caso con el “egoísmo” a que nos obliga nuestra condición de revista **deportiva**. Después de estos años que terminamos de vivir, dónde se declamo permanentemente que lo deportivo era importante (PERO QUE NI SIQUIERA SE REGLAMENTO

²⁵¹ GILBERT; VITAGLIANO, 1998, p. 16-19.

²⁵² Além do trabalho de Gilbert e Vitagliano (1998), os estudos posteriores de Llonto (2005) e Gotta (2008) também reiteram o interesse e o esforço imediatos do comandante da armada sobre a Copa do Mundo, inclusive apontando-o como o grande responsável pela rápida decisão da Junta de levar o evento adiante.

²⁵³ Nesse sentido, Gotta (2008, p. 42) reproduz um suposto diálogo da reunião em que a decisão teria ocorrido. Após a defesa que teria realizado sobre o evento, Massera teria estimado os custos do evento em no máximo 70 milhões de dólares. Diante de alguns questionamentos dos presentes, sobre a cifra absurda para realizar o evento, o próprio Videla teria retrucado os comentários com a afirmação de que o campeonato deveria ser feito, mesmo que custasse 100 milhões. Ainda que a conversa não tenha se desenrolado dessa maneira, ou com os mesmos argumentos, o debate em torno dos custos evidencia a importância que o projeto passou a ocupar dentro do *Proceso*, mesmo em um período de crise econômica, em que o controle sobre os gastos deveria constar como uma prioridade dentro do plano econômico traçado. Nesse sentido, o mundial não só rompia com o proposto, como fugia de qualquer tipo de regulação mais rígida.

LA LEY DEL DEPORTE YA SANCIONADA) y sin que se haya cubierto **una sola** de muchísimas necesidades de infraestructura que sufre el deporte, quisiéramos repetir, en estos momentos, con palabras cortas y concretas, que es lo que debe terminar y qué es lo que debe comenzar. Por ejemplo:

Que se promueva el deporte en todos los niveles de la enseñanza. Sin que esta actividad venga teñida de nombres políticos.

Que se construyan gimnasios, piletas e pistas en todo el país.

Que la Ley del Deporte no sea una frase hueca.

Que se la ponga en marcha.

Que se convierta la A.F.A. en una institución seria.

Que se erradique el salvajismo, el atropello y la incivildad de las tribunas de fútbol. Total y drásticamente.

Que el baño de seriedad y responsabilidad llegue a todos los sectores del deporte.

Que se respete la Selección de Menotti.

Que se resguarde a los jugadores afectados, hasta 1978, sin que puedan ser transferidos antes de esa fecha.

Que se defienda al Instituto Nacional de Educación Física (totalmente desposeído desde el momento en que fue desalojado de Republichetas), ya que de allí parte la posibilidad de dota de Educación Física en serio a escuelas e institutos de enseñanza.

Que el COMITÉ EJECUTIVO (A.F.A.) y el COMITÉ ORGANIZADOR (Campeonato Mundial del'78) y la COMISIÓN DE APOYO AL MUNDIAL del'78 sean entidades eficientes, con FUNCIONARIOS QUE FUNCIONEN. BASTA DE MIEMBROS QUE ACUMULAN PUESTOS Y HACEN DE ESTOS COMITES COMICIONES (LOS DEL MUNDIAL) UN LUGAR AL QUE SE VA CUANDO SE TIENE TIEMPO.

Sabemos que en la lista de prioridades lo deportivo no puede pretender preeminencia. Pero en la reorganización no puede quedar demorado lo que se refiera al deporte. Estamos en eso: en hacer recordar que el esfuerzo que se vuelque al deporte se volcará al final a toda la sociedad.

Hasta la próxima...²⁵⁴

Assinado por Carlos Fontanarrosa, o texto, sintomaticamente intitulado “Deportivamente hablando...”, expunha as expectativas da publicação sobre as ações do *Proceso* no meio esportivo. Ainda que o texto reconhecesse a pertinência de outras questões prioritárias à frente do esporte, não nomeadas, mas dedutíveis, salienta que a temática exigia a atenção do governo o mais rápido possível. Nesse processo, fica evidente não só o apoio e otimismo com a administração militar, mas também a reprovação da gestão anterior, incapaz de atender às demandas esperadas pela publicação.

Nesse sentido, é interessante notar como a preocupação com o futebol, através da AFA e a vindoura Copa do Mundo, são preponderantes. O futebol, o comportamento da torcida nos estádios, a seleção de Menotti e a competição de 1978 são devidamente nomeados, ao passo que outras modalidades e problemas são citados apenas tangencialmente. Do mesmo modo, talvez já em sintonia com os indícios de continuidade e apoio da Junta, a publicação sequer cogita ou questiona a sequência do desenvolvimento da Copa do Mundo, em acordo com postura apresentada pelo periódico já antes do golpe. Ao invés disso, o editorial defende a reorganização das instâncias responsáveis, de forma a garantir o seu

²⁵⁴ FONTANARROSA, C. Deportivamente hablando... *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 2.947, p. 3, mar. 1976.

efetivo funcionamento, sem indagar a respeito dos custos necessários para concretizar o evento. Mais do que acenar com um voto de confiança ao *Proceso*, a postura da publicação parece corroborar ou, até mesmo, pleitear pela intervenção do Estado militar sobre o âmbito esportivo, tomando-o sob sua tutela e reponsabilidade. Se algumas edições atrás, ao final de fevereiro, *El Gráfico* questionava quanto tempo perduraria a situação de desordem e desorganização do esporte, sobretudo no futebol através da AFA, o golpe de Estado parecia figurar como uma reposta possível às demandas da revista. Os movimentos seguintes do *Proceso* sobre o mundial convergiriam, com parte significativa das reivindicações de *El Gráfico*, como objeto de interesse da nação e, portanto, também do Estado.

Assim como a publicação do *Editorial Atlántida*, líder no segmento naquela época, outra revista voltada ao esporte também repercutiu as mudanças no comando do país, na edição imediatamente posterior à rápida tomada do poder pelas forças armadas. *Goles*, como o próprio nome já indicava, tinha no futebol o mote central e dominante de suas edições. Em meio aos constantes rumores e debates sobre o campeonato de 1978 – se a competição seria mantida na Argentina, se o país possuía condições de realizá-lo ou se a conturbada situação política poderia acarretar o cancelamento do evento por parte da FIFA ou do novo governo –, a revista optou por tratar diretamente o tema e assegurar aos leitores que, como enunciava o título, “Sí señor, el Mundial se hace”. Ainda antes do texto, na parte superior da página, a publicação trouxe uma fala atribuída a João Havelange, em que o mandatário da FIFA parece responder às críticas e especulações, por meio da desvinculação do futebol (em clara referência à Copa do Mundo) aos desdobramentos políticos do país: “no se preocupen por la política de Argentina, preocupense por su fútbol”²⁵⁵.

Nos dois primeiros parágrafos do editorial, *Goles* reportava a visita de uma pequena comitiva da FIFA, liderada pelo alemão Hermann Neuberger, presidente do Comitê Organizador da Copa do Mundo na entidade²⁵⁶, acompanhada também pelo técnico da seleção Alemanha, Helmut Schoen, que estaria verificando os locais que poderiam abrigar a atual campeã durante o torneio. A recepção aos visitantes teria ficado a cargo do delegado militar encarregado da *Subsecretaria de Deportes*, o capitão de corveta Marcelo Joy, no papel de representação oficial dos militares; ao passo que a AFA estaria representada por Martín Noel, que integrava o comitê da FIFA e servia de ponte entre as duas entidades esportivas.²⁵⁷

²⁵⁵ Sí señor, el Mundial se hace. *Goles*, Buenos Aires, ano XXVI, n. 1419, p. 3, mar. 1976.

²⁵⁶ MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. 221 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013. p. 183.

²⁵⁷ Sí señor, el Mundial se hace. *Goles*, Buenos Aires, ano XXVI, n. 1419, p. 3, mar. 1976.

Segundo a publicação, Noel era sem dúvida alguma o dirigente argentino de maior prestígio a nível global naquele momento. A vinda da comissão, mesmo diante dos acontecimentos recentes, a fala de Havelange e os membros indicados para receber os visitantes foi vista pela publicação como um primeiro argumento de confirmação da competição no país, da manutenção do apoio da FIFA, bem como do interesse manifesto de levar o evento adiante por parte do novo governo.

Entendemos que esta nueva visita servirá para demostrar cabalmente la vocación y la capacidad de los argentinos para hacer nuestro mundial. Es más, creemos que ya en Europa muy pocos dudan en la concreción por parte de Argentina de este evento de tremenda envergadura. Prueba de ello es el arribo del técnico del técnico alemán para activar todo lo que hace al lugar en que se habrá de concentrar su equipo. Sin embargo, a nivel de consumo interno, sigúen circulando las más variables versiones en el sentido de que peligraría la realización del grande safo que Argentina debe asumir en 1978. Tal vez sean los últimos y no dudamos que estériles esfuerzos de viejos dirigentes aferrados tozudamente a sus sillones, que piensan que faltando ellos el fútbol Argentino queda desprotegido y el Mundial tambalea. Son los que se empeñan en querer seguir dando vigencia a una vieja y repetida política de incoherencias.²⁵⁸

Como uma publicação de circulação local, é interessante notar como o discurso propagado por *Goles* toma o debate a respeito da Copa, principalmente como uma celeuma interna, em que os argentinos jogariam uns contra os outros. Na leitura que procura incutir como mais precisa e verdadeira, o periódico enfatiza que a desconfiança externa estaria praticamente superada, enquanto as especulações sobre os destinos do evento seriam resultados de versões ventiladas internamente, por sujeitos preocupados com seus próprios interesses políticos e esportivos. Para a revista – em conformidade com um vínculo afetivo/nacional à modalidade e com as possibilidades do evento como mecanismo de forte apelo massivo e midiático –, realizar a Copa do Mundo era algo de interesse para o país, em especial como forma de propagar uma imagem desejada de nação.

Nesse ponto, assim como *El Gráfico*, *Goles* pareceu receber com entusiasmo a chegada do novo governo, no que concerne à realização da Copa do Mundo. Em sua parte final, o editorial é enfático, ao afirmar o compromisso da recém-instaurada administração militar em concretizar o evento. Ainda antes de qualquer medida específica ser tomada pelo governo de Videla, a percepção da competição como um desejo e compromisso do Estado Militar já estava presente e era vista com ânimo pela publicação. Mesmo sem medidas concretas, que balizassem sua arguição para além dos indícios da visita, da fala do presidente da FIFA e do aceno positivo dos militares, *Goles* reiterava que o *Proceso*, ou as novas

²⁵⁸ Id.

autoridades, realizaria a Copa do Mundo de 1978, independentemente de qualquer oposição. Aqui, a revista já indicava a vinculação definitiva do evento com o Estado autoritário instaurado, uma ligação cuja dimensão política simplesmente não poderia ser ignorada pelos sujeitos e veículos com locução pública.

Sin embargo, nosotros sabemos que en el pensamiento de las nuevas autoridades existe la firme convicción de que el Mundial es necesario para la Argentina, que es importante para que el país se muestre sin deformaciones caprichosas a los ojos del gran público del mundo. Y que lo van a hacer. Pese a los que desde adentro luchan para boicotearlo, sin darse cuenta que en el extranjero ya no les creen, sin darse cuenta que están quedando irremediabilmente solos.

Esta nueva comisión que visita a la Argentina se llevará la convicción de que Argentina, su pueblo, sus autoridades, están firmemente empeñados y decididos a realizar el Mundial'78. Y lo hará.²⁵⁹

Uma das peculiaridades dessa passagem, e que indica a proximidade ou ao menos simpatia ao movimento golpista, algo que não era uma particularidade de *Goles* mas que se estendia por diferentes setores da sociedade, é a percepção de que o mundial daria as condições do país se mostrar ao mundo “sem deformidades”. Tais deformidades poderiam ser compreendidas de diferentes maneiras, mas, provavelmente, incluíam o complicado quadro de violência, crise política e econômica, do qual o governo fragilizado de Isabel e, sobretudo, a vasta subversão, eram considerados como principais culpados. Essa postura revelava mais sobre o comportamento político conservador e reacionário de grande parte da sociedade, em que poderíamos incorporar publicações como *El Gráfico* e *Goles*, do que sobre um real desconhecimento das ações repressivas levadas por setores militares, cuja atuação brusca e autoritária no meio político não constituía um comportamento inédito ou excepcional – afinal, a chamada revolução Argentina havia chegado há apenas três anos. Ao verificar essa potencialidade de mostrar uma imagem verdadeiramente argentina, a revista também subentendia que os militares tinham condições de representar e reproduzir essa representação desejada.

Esses discursos não se encontravam à margem da sociedade, mas estavam publicamente explicitados. Fosse nos momentos finais do governo de Isabelita ou nos instantes iniciais da ditadura de Videla, o futebol, mais particularmente a Copa do Mundo, já contava com a exposição de suas vinculações e interesses políticos, como um elemento importante da sociedade argentina, elemento capaz de promover o país externamente e estimular um desejado sentimento de agregação nacional interna. Em ambos os casos, conta-

²⁵⁹ Id.

se com argumentos que não eram inéditos ou exclusivos do regime que acabara de se instaurar, mas que encontravam eco em parte da imprensa, aqui retratada por meio de *El Gráfico* e *Goles*, e também do público a quem se reportava e representava.

3.3 UM PASSO IMEDIATO: A REORGANIZAÇÃO DA AFA

Durante a breve excursão que realizou pela Europa, a equipe de César Luíz Menotti enfrentou respectivamente as seleções da URSS, Polônia e Hungria e dois clubes, o Herta Berlim, da Alemanha e o Sevilla, da Espanha. Após duas vitórias, duas derrotas e um empate, justamente a fatídica partida contra a Polônia, em Chorzow, havia sido eleita pela imprensa especializada como o melhor jogo da equipe de Menotti, durante o giro pelo continente europeu. *El Gráfico*, por exemplo, afirmava que “ese 24 de marzo debe quedar registrado como el momento cumbre de la gira. Porque frente al mejor oponente se realizó la mejor actuación”²⁶⁰. Mesmo com a inconstância nos resultados, a publicação manteria o apoio, quase incondicional, ao trabalho de Menotti. Já a revista *Goles* reconhecia o bom desempenho na vitória contra os poloneses, mas questionava a inconsistência da equipe com a alternância entre jogos bons e ruins, além de comentários sobre a venda de atletas da seleção e rumores constantes sobre a saída de Menotti do comando técnico da equipe – fosse por supostas ofertas vindas do exterior ou pela insatisfação com relação ao seu trabalho até o momento. Nesse aspecto, a revista apresentava uma postura diferente de *El Gráfico*, justamente por apresentar uma abordagem bastante volátil com a gestão do treinador, com momentos de apoio e outros de oposição, bem como duros questionamentos à manutenção do técnico à frente da equipe que disputaria o mundial.

As dúvidas sobre o trabalho do selecionado, aliás, seriam um dos temas abordados pela revista após o retorno da delegação ao país. Ao sinalizar com a investida sobre o futebol nacional e, particularmente, a próxima Copa do Mundo, a reformulação – ou melhor, a reconfiguração da *Asociación del Fútbol Argentino*, no sentido de alinhamento com as intenções não só gerenciais, mas, principalmente, políticas e ideológicas do *Proceso* – passava a figurar entre as metas do regime. Isso não significava efetivamente uma mudança nas estruturas de entidade, cuja relação estreita com o oficialismo reinante era muito anterior e não poderia ser vista como novidade, mas sim uma nova adequação dos personagens que assumiriam as funções diretivas.

²⁶⁰ ONESIME, H. La selección a la hora del repaso. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 2948, p. 4-6, abr. 1976. p. 4.

Até o instante em que as forças armadas assaltaram o poder, a AFA se encontrava sob a presidência do Sr. David L. Bracutto. Ao lado da *Comisión Ejecutiva*, compunha a direção da entidade, então identificada com o peronismo, inclusive com ligações de seus membros não só com administração anterior, mas também com organizações sindicais, ambos adversários imediatos do *Proceso*. Segundo o relato de Gotta, Bracutto estava à frente da obra social da *Unión Obreira Metalurgica* (UOM), sob a liderança peronista à direita de Lorenzo Miguel²⁶¹. Outro integrante do Comitê Executivo, a chamar a atenção dos militares, segundo Llonto de maneira muito mais incisiva do que o presidente²⁶², era Paulinio Niembro, então representante do Club Atlético de Nueva Chicago e antiga liderança dentro da UOM. Se a subversão era a inimiga declarada, o peronismo figurava como um adversário imediato a ser neutralizado e expurgado das posições de poder ou, em casos específicos de proximidade, subjugado e incorporado à situação vigente.

Em anos anteriores, como nos golpes de 1955, 1966 e durante parte do último período peronista, a designação de interventores por parte do Estado para assumir a AFA já havia se estabelecido como prática corrente, de modo que a intervenção política sobre a organização não era algo estranho, mas bastante familiar. Entretanto, de acordo com a leitura proposta por Gotta, a iminência do mundial da FIFA impunha uma restrição formal à intervenção direta à instituição²⁶³. Por isso, ao invés do velho mecanismo, optou-se por uma transição menos evidente, revestida de um contorno legal, mas ainda sob a clara impulsão do *Proceso*. Antes do final de março, as contas da AFA no Banco Central foram congeladas e, pouco depois, cedendo à pressão e atendendo aos desejos dos novos governantes, Bracutto e os membros da *Comisión Ejecutiva* apresentaram suas renúncias. Com isso, um novo presidente poderia ser escolhido através do sistema eleitoral da entidade, para preencher a lacuna em um simulacro de legitimidade.

Os estudos produzidos até o momento são praticamente unânimes em apontar que, entre as forças militares, a armada despontava como grande interessada no futebol e na Copa de 1978. A vontade e a primazia das ações, de fato, estariam centralizadas em dois atores em particular: o almirante Massera e o capitão de navio Carlos Alberto Lacoste. Este último era homem de confiança do comandante da marinha e nutria uma vaga relação de parentesco com

²⁶¹ Um dos defensores do governo de Isabelita, e com alegadas associações com Lopez Rega, *El Loro*, como era conhecido Miguel, foi um dos detidos logo da irrupção do golpe.

²⁶² De acordo com a leitura proposta por Llonto (2005, p. 21-25), Niembro era visto como uma ameaça ainda maior, com vinculações mais estreitas com o peronismo e como mandatário de fato da associação de futebol.

²⁶³ GOTTA, 2008, p. 51.

Videla, por parte da esposa do general. Segundo o relato de Llonto²⁶⁴, Lacoste não era uma pessoa estranha ao evento e, ainda durante a administração Peronista, integrava a *Comisión Pró-Mundial*, da qual também faziam parte Paulino Niembro e Lorenzo Miguel, então como representantes da massiva *Confederación General del Trabajo* (CGT) – a principal central sindical do país e uma espécie de coluna vertebral do sindicalismo peronista. Logo na sequência do golpe, Lacoste teria sido designado como o personagem à frente das ações sobre o futebol, em acordo com a intenção manifesta pelo líder da armada de assumir as rédeas da condução da Copa do Mundo da Argentina, adiante das outras armas. Ainda que a participação do oficial da marinha só tenha se tornado mais evidente meses depois, sua atuação já teria sido definitiva desde os primeiros momentos do golpe, inclusive na investida empreendida sobre a AFA.

Atenta às mudanças em curso, *Goles* repercutiu o tema na edição de 13 de abril. No lugar do editorial, a revista trouxe o artigo “El Nuevo rumbo del fútbol argentino”, no qual debatia os próximos passos da reformulação, como os possíveis postulantes à presidência – sobretudo, os presidentes do River Plate, Aragon Cabrera e do Boca Juniors, Alberto J. Armando –, as deliberações sobre o selecionado, a organização do campeonato nacional, a Copa de 1978 e os debates nos bastidores, envolvendo o novo governo militar. Logo no início do texto, a revista citava a passagem de Bracutto e Niembro, como exemplos de uma influência setorial sobre a entidade, não especificada como peronista ou sindical, mas vista de forma prejudicial pela publicação – o que reforça a percepção destes como alvos centrais na reformulação imposta à entidade futebolística:

Pocos deben ignorar que la designación del doctor David Bracutto como presidente de AFA no se debió a la libre expresión de los clubes afiliados, sino a una escala sectorial que encontró adhesiones. No es casual que durante todo el período, la secretaria general de la casa de fútbol – un puesto clave – fuera ejercida por el señor Paulino Miembro.²⁶⁵

Na sequência, a revista abordava as conversas e os rumores a respeito do próximo presidente. De acordo com a publicação, a participação dos clubes no procedimento eleitoral seria importante, mas ocorreria em exata relação com a política esportiva delineada pelo novo governo, de modo que a votação não faria mais do que tornar público aquilo que já estaria acordado anteriormente. Segundo as informações levantadas pelo periódico, o nome mais comentado para o cargo era o de Rafael Aragon Cabrera, presidente do River Plate e um dos

²⁶⁴ LLONTO, 2005, p. 20-21.

²⁶⁵ El nuevo rumbo del fútbol argentino. *Goles*, Buenos Aires, ano XXVI, n. 1421, p. 3-5, abr. 1976. p. 3.

opositores da gestão anterior. Em meio às movimentações nos bastidores, uma das reuniões mais importantes teria se dado precisamente com um militar:

Sin embargo, otras fuentes dignas de crédito indicaron que durante la semana, y a partir del sábado 3, Aragón sostuvo una serie de reuniones de gran importancia, una de ellas – considerada decisiva – con un **capitán de navío**²⁶⁶ vinculado estrechamente a los problemas del fútbol, y con exacta noción de la terapia por aplicar.²⁶⁷

A menção a um capitão de navio com grande importância no futebol, mesmo sem citar diretamente o nome do personagem, corrobora com a percepção da influência profunda dos militares no futebol e, de modo mais específico, do papel central de Lacoste. Além disso, os comentários da publicação demonstram que as ações levadas a cabo pelo regime, especificamente pelos membros da armada, inclusive com as negociações articuladas nos bastidores, não eram desconhecidas e contavam até com certo eco público. Ou seja, já nos primeiros momentos, os mecanismos de ingerência autoritária, direta ou indiretamente, eram tanto conhecidos quanto, muitas vezes, validados por parte dos veículos de imprensa, em prol de um apregoado desenvolvimento do esporte. De modo mais evidente, podemos constatar que a atenção ao futebol e a sua reivindicação como uma preocupação do Estado não se tratava de algo oculto, mas propagado no espaço público.

A mesma movimentação também foi observada pela reportagem de *Goles*, no que se referia à Copa do Mundo. Porém, se no caso da AFA, a estratégia se dava na reformulação da entidade no sentido de alinhamento, sobre o mundial a revista reportava uma modificação ainda mais incisiva, com a criação de um novo organismo para cuidar do evento, sob o cuidado militar, sem o envolvimento direto dos futuros diretores da entidade futebolística:

Si bien la AFA es la única entidad reconocida por FIFA como organizadora del campeonato del mundo, el presidente de AFA y los miembros de comité ejecutivo no serán integrantes de la comisión respectiva. Se nombrará otro cuerpo, totalmente autónomo en cuanto a funcionamiento, que sí será el único organizador. Lo que se procuraría evitar es el choque de las dos comisiones actuales (la Organizadora e ya Nacional de Apoyo). Han sido frecuentes los criterios duales.

En la investigación pudo recogerse que todo el espectro mundial 78 ha sido analizado por **miembros de la armada** y que las pautas de organización son tan minuciosas que permiten asegurar la realización de una competencia altísimo nivel.²⁶⁸

²⁶⁶ Grifo meu.

²⁶⁷ El nuevo rumbo del fútbol argentino. *Goles*, Buenos Aires, ano XXVI, n. 1421, p. 3-5, abr. 1976. p. 4.

²⁶⁸ Ibid., p. 5.

Além de reiterar a atuação dos militares, em especial da marinha, sobre o futebol, um aspecto bastante interessante levantado pela revista é a substituição da AFA por um outro organismo na gestão da Copa, o que demonstrava a alteração na dinâmica com a própria FIFA. Ao invés de uma representação criada pela federação filiada, o contato com relação ao evento passaria a ser, explicitamente, através de uma entidade criada pelo governo. De forma prática, era o próprio Estado quem assumiria o relacionamento com a FIFA sobre o mundial. O que significava tanto a tomada do evento para si, quanto uma concordância institucional da FIFA com o novo quadro político que se desenhava.

A configuração da FIFA como um organismo internacional fazia com que seu funcionamento, bem como suas bases de poder dependessem da adesão de agremiações nacionais de futebol independentes e de patrocinadores/parceiros comerciais – em sua maioria empresas multinacionais –, ambos interessados na consolidação global da modalidade, assim como na sua principal competição. Nessa equação, uma variável importante a ser considerada é que o produto, ou o objeto de atenção da federação internacional – o futebol –, se trata de uma prática cultural, sobre a qual a entidade se projetava e reclamava para si o papel de principal ou única representante válida, embora não detivesse a modalidade de forma alguma como um bem próprio e específico. Desse modo, o aval e a legitimidade da instituição se dão a partir do respaldo e autoridade, eminentemente públicos, concedidos e negociados com seus integrantes e apoiadores. Nesse sentido, como afirma Eduardo Archetti, nem a FIFA, seus integrantes e principais parceiros/patrocinadores (a exemplo da Coca-Cola), colocavam a política no centro de seus compromissos, ou adotavam critérios morais e sociais para deliberar sobre as qualidades dos países postulantes e, assim, valorar suas condições de sediar um mundial. Como sintetiza o antropólogo, a junta de comandantes à frente da ditadura sabia que FIFA não estava preparada para declinar à celebração da Copa de 1978 na Argentina, a partir de uma argumentação ética²⁶⁹.

Desde 1974, sob a gestão de João Havelange, dirigente brasileiro ex-presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), a FIFA verificou o crescimento de seus filiados, muitos deles provenientes de países em circunstâncias de profundas desigualdades socioeconômicas, situações políticas adversas e conflituosas. Caso, por exemplo, de diversos países do continente africano, então enfrentado as dificuldades da emancipação colonial, com intensos conflitos étnicos e civis. A intenção das associações esportivas desses países, ao integrar a FIFA, se relacionava tanto com a possibilidade de inserção em um mercado

²⁶⁹ ARCHETTI, 2004, p. 180.

esportivo global e estruturado, quanto de participar e mesmo flertar com a organização de um dos eventos da entidade. Ainda assim, é importante destacar que as principais bases da instituição, ao menos os pontos de apoio que lhe garantiam maior força e representatividade institucional, vinham dos lugares onde o futebol já estava consolidado como uma das práticas esportivas de maior apreço, com o reconhecimento da qualidade dos jogadores e equipes atuantes, além de contar com um público consolidado e massivo: os continentes europeu e americano.

Naquele período, em meio à bipolaridade da guerra-fria, esses espaços encontravam-se muitas vezes cindidos, não apenas politicamente. Na Europa, prevaleciam as diferenças entre os países alinhados com o capitalismo e o socialismo, cujo exemplo mais evidente era o da dividida Alemanha, nas porções ocidental e oriental, com ambas participando dos certames mundiais, inclusive com um enfrentamento direto na Copa de 1974. Durante as décadas de 1960 e 1970, os países do bloco socialista também tiveram participação regular expressiva na competição, sobretudo com a URSS, Iugoslávia, a Tchecoslováquia e a Polônia. Esta última havia vencido os brasileiros na disputa do terceiro posto em 1974, enquanto os tchecos foram derrotados pela seleção liderada por Garrincha na final de 1962. Já entre os representantes americanos, sobretudo na porção sul do continente, não podemos esquecer que, tal qual a Argentina, diversos países se encontravam sob a administração de ditaduras civis-militares.

Desse modo, a exclusão de um debate político-público correlato ao futebol era um dos alicerces na composição da entidade. A “despolitização” da modalidade esportiva, com um discurso em que figurava simultaneamente como espécie de agregador cultural e simples entretenimento – por isso mesmo alocado em um âmbito menos sério e eticamente comprometido –, compunha uma estratégia já consolidada, que viabilizava uma maior circularidade da entidade no âmbito internacional. Portanto, a aceitação da manutenção da Copa de 1978 na Argentina *procesista*, ainda mais com a pré-disposição dos novos governantes em assumir a concretização do evento e atender as exigências mais imediatas, não deve ser encarada como algo surpreendente, mas sim um exemplo da postura política fluída e descompromissada da entidade, cuja maleabilidade política permitiria aproximações, bem como distanciamentos de acordo com seus interesses particulares mais imediatos. O que surge, sim, como novidade é o aumento do questionamento público dessa decisão, em um contexto em que a defesa dos direitos humanos e a cobrança sobre a constituição de modelos de governança democráticas, especialmente em meio ao bloco capitalista ocidental, ganham crescente relevância. Ou seja, a postura de neutralidade e mesmo de desvinculação política da

FIFA passa a ser motivo de indagação, com a exigência de um posicionamento ético-político contundente.

Os comentários de João Havelange, frente aos questionamentos a respeito do mundial de 1978, podem ser tomados como amostras da postura da entidade e de seu principal representante. Seja no intervalo relativo à concretização do campeonato, entre 1976 e 1978, ou no período posterior, quando a memória sobre a Copa e a ditadura potencializaram os questionamentos, os posicionamentos do antigo mandatário reproduziam a flexibilidade política da entidade. Em entrevista à Folha de São Paulo, em 2008, o mandatário respondeu da seguinte maneira as perguntas de seu interlocutor sobre a Copa de 1978:

FOLHA – E em 1978, a Copa na Argentina do presidente Videla? Houve armação nesse Mundial?

HAVELANGE – Nada disso. Se você veio tratar de política, não aceito. Quando cheguei à Fifa, quem decidiu que a Copa ia ser na Argentina não fui eu nem o Comitê Executivo. Foi o Congresso [da Fifa], e você não pode mudar uma decisão do Congresso. Pode falar o que quiser. Eu só apertei o governo anterior, que era da senhora do Perón [Isabelita]. Fui a ela, depois ela caiu. Faltavam dois anos para a Copa. Fui ver o presidente Videla, não o conhecia. Ele me disse: "Senhor Havelange, não vou lhe dar a melhor Copa, mas vou lhe dar uma das melhores, pode estar certo". E fez tudo.²⁷⁰

Em tese recente sobre as Copas do Mundo de 1970 e 1978, Livia Gonçalves também se debruçou sobre as configurações da FIFA, durante o período dessas competições, com atenção particular à gestão de Havelange. Ao longo do processo de pesquisa, a autora entrevistou o velho mandatário e também o inquiriu sobre o célebre evento. Ao expor sua compreensão sobre o contexto que levou à manutenção do certame em terras platinas, o discurso formava uma narrativa bastante similar ao apresentado anteriormente ao jornal:

Eu fui ver a Isabelita, segunda mulher do presidente Perón, eu lhe disse: "Nós estamos a dois anos e meio da Copa, e nós estamos com problemas" – não, estávamos a três anos –, e ela me disse: "Não, eu vou ver, presidente Havelange...", não sei o que. O tempo passou, veio a revolução, e aí eu fui a Buenos Aires. Fui recebido pelo presidente Videla, e eu disse a ele: "Presidente, o senhor tem que me garantir que vai fazer, senão tem que tomar uma providência". "Senhor Havelange, eu não lhe dou a melhor Copa do Mundo; mas vou lhe dar uma das melhores Copas. O senhor pode estar tranquilo". E me deu. Agora, o que ele fez e o que não fez eu não tenho nada a ver com isso. A decisão da Copa na Argentina foi do Congresso [da FIFA], não era minha e antes de eu chegar. Então, eu tinha que respeitar.²⁷¹

Em ambos os comentários, no primeiro de forma mais ríspida, Havelange procura se desvencilhar de um posicionamento compreendido por ele como político. Como se o futebol e

²⁷⁰ HAVELANGE, João. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 jun. 2008, Caderno de Esportes, p. 3.

²⁷¹ Havelange apud MAGALHÃES, 2013, p. 80-81.

sua administração à frente da entidade não lidassem com este elemento, apenas e puramente com o esporte. A convergência das falas, com construções muito semelhantes, sobretudo nas citações dos diálogos e das conclusões subsequentes, demonstra um discurso já reificado na memória do dirigente e evocado de maneira quase automática, quando o assunto é resgatado. A afirmação de que esteve tanto com Isabel quanto com Videla, vem no sentido de mostrar o trânsito com os diferentes governos, ainda que ressalte este segundo não como resultado de um golpe, mas de uma “revolução”. Da mesma maneira, ao lembrar a escolha da sede como resultado de uma ação majoritária do Congresso dos membros da entidade, o dirigente reveste a questão com uma aura institucional e democrática, à qual não poderia se opor, mesmo se quisesse. A despolitização da FIFA e da Copa do Mundo, no sentido de um comprometimento com determinada ideologia, governo ou autoridade, emerge como estratégia preponderante, publicamente propagada na justificativa da manutenção da Argentina como sede. A única preocupação era viabilizar o evento, algo em que, como o próprio dirigente faz questão de reiterar, a ditadura mostrou disposição. Sobre querelas sociais, econômicas, políticas do país sede pouco sabia, pouco importava saber e, principalmente, pouco importava repercutir²⁷².

²⁷² Llonto (2005, p. 35) sugere uma explicação distinta, para o apoio concedido por Havelange à Copa da Argentina. Segundo o relatado pelo autor, o presidente teria tido participação decisiva na liberação de dois brasileiros detidos na Argentina, por razões políticas ainda durante o governo de Maria Estela Martinez, em 1975, como resultado do acordo de cooperação repressiva, perpetrado entre os países do Cone Sul, sobretudo na perseguição aos militantes comunistas e acusados de subversão. No caso, tratava-se Maria Regina Jacob Pilla e de seu companheiro Paulo Antônio Paranaguá, filho do diplomata Paulo Henrique Paranaguá e de Glorinha Leite Paranaguá – esta, por sua vez, filha de Antônio Leite, ex-presidente do Fluminense e amigo pessoal de João Havelange. A irrupção da ditadura, com a implantação do estado de sítio e o acirramento do aparato repressor, complicou a situação dos detidos e a possibilidade de seu encaminhamento para o exílio. Esgotados os caminhos internos e atalhos institucionais, a família procurou Havelange para que este intercedesse junto às autoridades argentinas. Segundo a apreciação de Llonto, o mandatário da FIFA teria trocado a liberação do casal pelo suporte na confirmação da Copa no país. Além do trabalho de Llonto, a história também é relatada por Glorinha Paranaguá, no documentário “Memórias do chumbo: o futebol nos tempos do condor”, dirigido por Lucio de Castro, assim como na biografia “Jogo Duro: A História de João Havelange”, de Ernesto Rodrigues. Na entrevista concedida à Folha de São Paulo em 2008, o próprio Havelange atesta a história e descreve seu encontro com o presidente Videla e, na sequência, com o general Viola, que apurou a situação. Embora relate o caso, em sua fala Havelange não faz nenhuma menção ao mundial e enfatiza sua disposição em não se envolver com política, tomando o caso apenas como um favor pessoal. O decreto n. 3401/1976, já a 23 de dezembro, relatava a expulsão de Paulo e Maria Regina, com a suspensão dos decretos de sua prisão no momento em que deixassem o país. No início de 1977, os dois foram embarcados com destino à França. O episódio singular nos fornece vários indícios importantes sobre o período, a postura de Havelange e da própria FIFA. Primeiro, é preciso desconstruir a ideia de que a simples troca de favores teria garantido a realização do mundial no país platino. Sem dúvida, o fato de a situação dos prisioneiros ter sido revista está diretamente relacionado à posição do dirigente brasileiro na entidade esportiva, bem como à vontade da ditadura em realizar a competição, fatores que colocavam Havelange em uma posição de poder bastante específica e viabilizava seu acesso ao general Videla e outras autoridades do governo militar. Por outro lado, a disposição em atender o pedido, também demonstra o interesse específico e o intento de assegurar a proximidade e o compromisso do dirigente com o projeto. Além disso, o caso demonstra a ciência política de Havelange sobre o complicado quadro político e institucional, com os sequestros e aprisionamentos a mando do estado autoritário. De todo modo, essa situação se insere em um âmbito mais amplo, em que a realização do evento no país já havia tomado um novo rumo, não só aceito como favorável aos interesses e objetivos da FIFA. Como lembra Magalhães (2013), a competição na Argentina foi a primeira da gestão de Havelange, ainda comprometido com promessas e acordos que

Se no tocante ao mundial, a ditadura se valia tanto de certa convergência quanto da falta de um filtro político da federação internacional, ou ao menos da alta porosidade de seus critérios, o mesmo não se passava no relacionamento com as estruturas internas do esporte, até porque havia um óbvio desbalanceamento de poder. Diante da operação sobre a AFA, com a saída dos antigos mandatários, o comando de Menotti à frente da seleção também estava ameaçado, afinal, sua contratação havia ocorrido sob os cuidados de Bracutto e Niembro, e sua manutenção dependia da vontade e planejamento dos novos mandatários. Essa questão foi explorada por *Goles*, que nos meses seguintes, em diferentes ocasiões e circunstâncias, repercutia os rumores a respeito da permanência do técnico. Na mesma matéria em que tratava dos rumos na gestão do futebol, a revista reportava os destinos do técnico. Ainda na primeira página, o semanário colocava uma foto do treinador com a seguinte legenda: “Menotti, ¿el adios?”. No decorrer da redação, um dos tópicos do texto, “Menotti em la cuerda floja” – Menotti na corda bamba –, se voltava especificamente para a questão. Nesse trecho, a revista reproduzia uma das falas obtidas com o treinador e alguns dos possíveis fatores que permeavam os boatos de sua saída:

El martes 6, cuando Goles se reunió con Luís César Menotti (y los jugadores Olguin, Carrascosa e Bochini) en un almuerzo, pareció sugestiva una respuesta del técnico: **“No sé qué pasará conmigo. No sé si las nuevas autoridades de la AFA querrán que siga o que vaya. En todo caso, quiero subrayar aquí lo que menos importa es Menotti. Lo que haya que defender es al seleccionado nacional”**²⁷³.

[...]

Sin que pudieran conocerse las causas reales, es auténtico que en altos círculos existe la intención de pedirle la renuncia a Menotti. Parecía que algunas declaraciones suyas causarían profundo malestar. Al margen de esto, no es menos cierto que varios clubes (River, Boca, independiente, Racing y San Lorenzo entre otros) están en absoluto desacuerdo con la política de **“seleccionado permanente”** que sustenta el coach. Esto también influiría para su generar su despido.²⁷⁴

Para além dos conflitos com os dirigentes – afinal, a defesa de uma seleção permanente, com o veto à venda de jogadores listados na convocação e o serviço prioritário à equipe nacional, ia contra os interesses esportivos e financeiros dos principais clubes –, a revista também traz dois dados pertinentes: a defesa do selecionado por parte de Menotti e o desacordo “nos altos círculos” com alguns posicionamentos do treinador. Este último elemento vai ao encontro com uma série de relatos sobre o posicionamento político do

circundaram sua eleição, inclusive com federações sul-americanas, e era necessário que o evento ocorresse a contento, sobretudo no que se relacionava à composição do espetáculo. Ao assumir o evento para si, a ditadura também se comprometia em concretizá-lo nos moldes desejados pela FIFA e seu novo presidente.

²⁷³ Grifo no original.

²⁷⁴ El nuevo rumbo del fútbol argentino. *Goles*, Buenos Aires, ano XXVI, n. 1421, p. 3-5, abr. 1976. p. 4.

treinador como socialista, com vinculações ao Partido Comunista e contrário ao golpe. A menção às declarações incômodas do treinador teria ocorrido justamente em função do posicionamento deste, com relação à tomada do poder pelos militares. Gotta, por exemplo, relata uma passagem bastante conhecida, mas sem registros para além das transmissões da memória, em que o treinador teria manifestado sua desaprovação aos eventos ocorridos no país, enquanto a seleção fazia a paralela série de amistosos na Europa. Nesse episódio, diante da indagação de um dos repórteres argentinos que acompanhava a equipe, Menotti teria respondido o seguinte: “los golpes militares retrasarán em 100 años al país”²⁷⁵. Ainda que não haja uma nota específica dessa afirmação, a passagem anterior de *Goles* nos permite conjecturar que o desacordo quanto à manutenção de Menotti no cargo se dava também pela posição política divergente do técnico em relação à ditadura. Curiosamente, na mesma edição em que *Goles* recepcionava o novo governo, com a assertiva de o que o mundial da Argentina se realizaria, uma das reportagens que trazia diversas fotos da passagem do selecionado por Moscou, mostrava uma imagem de Menotti e alguns jogadores posando em frente a uma estátua de Lênin na capital soviética (Figura 6):

Figura 6 – Menotti, Ardiles, Gallego e Carrascosa, em frente à estátua de Lênin.



Fonte: VOLCO, César. Argentina assombra Europa. *Goles*, Buenos Aires, n. 1419, p. 4-13, mar. 1976. p. 8.

Em outra edição, já no começo de junho, *Goles* retomou o tema no artigo “¿Quien no quiere a Menotti? ¿Quien no quiere a la seleccion?”. Como sugere o título, matéria atentava

²⁷⁵ GOTTA, 2008, p. 45.

para as especulações em torno da permanência do técnico, assim como para alguns desentendimentos recentes com a nova direção da AFA, que estimulavam os comentários. Além disso, a revista buscava indícios sobre quais seriam os opositores de Menotti e qual seriam os principais motivos de suas restrições ao técnico. Com esse intuito, o periódico resgatou um diálogo prévio com um dirigente não nomeado, segundo a publicação integrante do comitê executivo na atual gestão e na anterior, em que o componente político é novamente citado no questionamento ao técnico:

En los días previos a la designación de presidente de la AFA, cuando postulaban y se autopostulaban nombres, un dirigente muy importante del medio (presidente de club y miembro del anterior y del actual Comité Ejecutivo) dialogó de esa manera con nosotros:

GOLES: – Si usted es presidente de AFA, ¿qué haría con Menotti?

Dirigente: – No sé... Particularmente no coincido con Menotti, ni creo en sus planes de equipo estable, porque no contempla las necesidades de los clubes. Además, no sólo yo estoy en contra, sino otros y por distintas razones. Algunos dicen que hay problemas de tipo político...

GOLES: – ¿Qué tipo de política?

Dirigente: – Bueno, eso a mí no me consta. Pero hay algunas apreciaciones tuyas que exceden el ámbito futbolístico [...]²⁷⁶

A preocupação e os rumores expostos por *Goles*, ainda em 1976, corroboram a compreensão de uma preocupação inicial com a postura do técnico. Apesar de as menções serem escassas e imprecisas, ecoadas de forma indireta como ruídos nos bastidores, os comentários da publicação assinalam que a posição política do treinador era uma questão presente, diante da mudança drástica na condução do país e imposição de um regime autoritário com bases ideológicas opostas às de Menotti. Porém, embora hajam traços de um componente político específico, é preciso considerar que outros elementos em jogo também pesavam contra o treinador, como as discrepâncias com os dirigentes esportivos e a proximidade com a gestão anterior.

O discurso de compromisso com o selecionado pode ser considerado um dos fatores que contribuíram para sua permanência no cargo, assim como a defesa de diversos setores simpáticos ao seu trabalho, sobretudo na imprensa – postura perceptível tanto em *Goles* como em *El Gráfico* em 1976. Enxergava-se em Menotti uma primazia pelo futebol, sintetizada pelo intuito de recuperar um determinado estilo de jogo característico aos argentinos, com um planejamento rígido e organizado, cuja meta de preparação não se voltava para resultados imediatos, mas enfatizava a preparação para o mundial. De certa forma, o próprio Menotti

²⁷⁶ ¿Quién no quiere a Menotti? ¿Quién no quiere a la selección? *Goles*, Buenos Aires, ano XXVI, n. 1429, p. 4-7, jun. 1976. p. 4.

havia deixado claro que, mesmo diante das mudanças bruscas na condução do país, em um quadro cuja violência institucional e a ação de grupos armados de diversos espectros políticos já havia se agudizado nos anos anteriores, sua prioridade residia no resgate do futebol e do prestígio do selecionado, legítimo representante nacional e popular, junto à população. Cabe lembrar que o próprio Partido Comunista, no qual o treinador teria militado em sua juventude e com o qual ainda manteria relações, havia se colocado em uma postura de apoio crítico ao golpe e ao novo governo militar. De certo modo, ao desvincular seu papel de técnico de uma necessária postura política, favorável ou contrária aos militares, Menotti construía uma imagem pública, que convergia em interesses com a ditadura e a nova direção da AFA: valorizar o futebol e preparar a seleção como representante nacional, mesmo que as partes tivessem um entendimento distinto de como se configurava, ética e esteticamente, essa representação.

Após diversas especulações entre os veículos especializados, sobre a quem se destinaria a presidência da AFA, até mesmo com a possibilidade do cargo ficar com um militar²⁷⁷, o escolhido para o posto foi o advogado Alfredo Francisco Cantilo, homem sem vinculações clubísticas – em entrevista concedida a *El Gráfico*, afirmou que “nunca podría ser dirigente de club”²⁷⁸ – e cuja passagem de maior destaque pela administração do futebol foi como responsável pelo colégio de árbitros, em 1969, quando foi designado para o posto pelo interventor da ditadura de Onganía na associação de futebol, Oneto Ganoa. Segundo apontam alguns trabalhos²⁷⁹, Cantilo era bastante próximo aos militares, principalmente, do capitão Lacoste.

A nomeação de um personagem alinhado aos interesses do novo governo e externo aos clubes, demonstrava a preocupação em manter certo equilíbrio no comando da entidade, de modo a amenizar os confrontos que permeavam os embates constantes entre os dirigentes dos clubes e a equipe técnica responsável pela seleção. Em uma entrevista que buscava apresentar o “homem” Cantilo ao leitor, *El Gráfico*, afirmava que as preocupações do presidente da AFA poderiam ser alocadas em três temas centrais: “Copa del Mundo 78, torneos locales y seleccion nacional”. As falas do presidente repercutiram tanto o cuidado com a seleção – “ya tuve una charla con Menotti, y me impresionó bien su persona y su

²⁷⁷ No editorial da edição que precedeu o ritual eleitoral, *Goles* não só reportava essa possibilidade como citava o desconforto de setores do governo e da própria AFA, ante a especulação do nome de Gregório Trimarco, irmão do general Antonio Trimarco.

²⁷⁸ ONESIME, H. De Sevilla a la AFA una línea recta. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 2954, p. 4-6, maio 1976. p. 6.

²⁷⁹ GILBERT; VITAGLIANO, 1998, p. 19.
GOTTA, 2008, p. 57.

enfoque del asunto” –, quanto com a colaboração dos clubes – “tendremos que estudiarlos a fondo, pero los clubes deben comprender que todos deben aportar con su cuota de sacrificio para encontrar una salida”.²⁸⁰

Goles também repercutiu a escolha no editorial posterior à eleição. O texto intitulado “En esa gente se puede creer” retratava com otimismo as mudanças no comando da entidade esportiva, principalmente a chegada de Cantilo e a nomeação/manutenção de Martin Noel, na comissão responsável por manejar a Copa dentro da entidade. A revista destacava a austeridade de ambos os dirigentes e enfatizava que, diferentemente de momentos anteriores, Cantilo (Figura 7) assumia a presidência da AFA e não sua intervenção:

Sobrio, enemigo de las estridencias, el Doctor Alfredo Cantilo – 51 años, casado, tres hijos – asumió el lunes de la semana pasada a la presidencia – “jamás la intervención” – del organismo más polémico del fútbol, la AFA. Si bien es innegable la importancia del cargo en cualquier momento, no hay dudas que éste resulta fundamental: por todo el camino desandado y por la proximidad del Campeonato Mundial 1978.

Casi con simultaneidad a su nombramiento, se produjo el de Martin Noel como presidente de la Comisión Organizadora de la Copa del Mundo. No se hizo otra cosa que proceder con sensatez: Noel es el dirigente más reputado en Europa y América. Ni uno ni otro eligieron el camino de la espectacularidad. Impregnados de los problemas del fútbol, profundos conecedores de la materia, prefirieron estudiar la línea política antes de anunciarla.

Te todos modos, aseguraron dos certezas: el respecto y el apoyo por el seleccionado nacional (Cantilo) y el ingreso a una etapa decisiva en la organización del Mundial (Noel).²⁸¹

Figura 7 – Dr. Alfredo Cantilo assume a presidência da AFA.



Fonte: En esta gente se puede creer. *Goles*, Buenos Aires, ano XXVI, n. 1425, p. 3, maio 1976.

²⁸⁰ ONESIME, H. De Sevilla a la AFA una línea recta. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 2954, p. 4-6, maio 1976. p.

²⁸¹ En esta gente se puede creer. *Goles*, Buenos Aires, ano XXVI, n. 1425, p. 3, maio 1976.

Junto à reformulação da AFA, já adequada ao novo panorama político e sob um simulacro de legitimidade, o *Proceso* se voltou para a organização das novas bases institucionais, sobre as quais se desenvolveria a Copa do Mundo. Embora a ditadura tenha herdado das gestões anteriores a escolha do país como sede, a decisão de levar o evento adiante, sobretudo em um contexto de crise econômica e social, na qual se questionava o impacto dos gastos sobre as contas públicas, constituiu uma decisão eminentemente política. Tanto no sentido de afirmar o desejo de realizar o evento, e manter os compromissos comerciais que o circundavam, quanto de reivindicá-lo como uma atribuição exclusiva do estado recém-instituído. Este último elemento incorporava um duplo movimento. Primeiro, a dissociação do mundial do peronismo, o que implicava o desmanche das estruturas prévias organizadas durante a administração de Isabel – particularmente os comitês associados ao Ministério de Bienestar Social de Lopez Rega –; e, segundo, a intenção de mostrar que a nova gestão tinha condições de viabilizar um evento massivo e de grande apelo popular, algo em que o peronismo havia falhado até o momento, como símbolo da capacidade de realização nacional. Certamente, essa nação que se procurava reportar o êxito, e a qual buscava representar, se tratava de uma projeção imaginada pela administração ditatorial: ordeira, trabalhadora, liberal, cristã, ufanista, disciplinada e, principalmente, livre do espectro subversivo e do peronismo.

Embora a afirmação de levar adiante a Copa de 1978 tenha se dado de maneira muito rápida, um ponto interessante a ser observado é que uma eventual negativa em dar continuidade à preparação para o certame poderia ser, também, capitalizada como uma falha da gestão peronista. Isto é, uma medida necessária diante do quadro de crise institucional e econômica. Uma possibilidade que podia ser visualizada ante as dúvidas levantadas, logo da eclosão do golpe, sobre a permanência da Argentina como sede. Em ambas as situações, de manutenção ou cancelamento, o componente político e o contraste com o peronismo constituiriam uma base discursiva essencial. Ao levar adiante a Copa sob sua tutela, a ditadura não apenas delimitava uma posição sobre o tema, como demonstrava seu interesse na projeção potencial que o evento poderia proporcionar à gestão militar. Uma forma de aproximar-se internamente da população, estimular um sentimento de pertencimento e envolvimento proporcionados pelo futebol, do qual poderia se beneficiar na elaboração de sua narrativa nacional, bem como em construir e propagar externamente uma imagem específica da Argentina, que removesse eventuais desconfianças quanto à nova gestão, afirmasse a capacidade de realização do país e de sua população, agora livres da influência danosa do peronismo, da subversão e capaz de superar as dificuldades e retomar o desenvolvimento.

Como atesta Diego Roldán²⁸², enquanto utilizava da violência institucional e clandestina para controlar os diferentes aspectos da vida nacional, bem como tirar seus adversários de circulação, não raramente de forma definitiva, a ditadura também buscava controlar os sentidos da Copa do Mundo, a começar por sua produção. O *Proceso* não se privou de se servir da planificação anterior, a exemplo de muitas das obras de infraestrutura, remodelação urbana e das praças esportivas, mas não sem atribuir-lhes um novo propósito narrativo.

3.4 A MATERIALIDADE DE UMA DECISÃO POLÍTICO-PÚBLICA: O EAM'78

O grande movimento da ditadura, no intuito de assumir a direção da Copa no país, foi a criação do Ente Autárquico Mundial 1978 (EAM 78). Criado oficialmente em julho de 1976, o organismo substituíra todas as comissões anteriores e dava, finalmente, forma institucional definitiva a um mecanismo cuja criação já havia sido prevista e divulgada pelos órgãos de imprensa, desde os primeiros momentos do golpe. Mais do que isso, o EAM representava uma mudança na dinâmica da condução do mundial. Se antes, os assuntos pertinentes ao evento passavam pela AFA, agora era o próprio EAM, como representante direto do Estado, quem assumia esse papel. Construção de estádios, gestão de contratos, estabelecimentos de parcerias, contato com as cidades sede, gestão de recursos, emissão de credenciais e o próprio relacionamento com a FIFA, compunham algumas das tarefas de responsabilidade exclusiva do órgão.

A entidade foi lançada através da lei 21.349, a mesma que declarava a Copa do Mundo de 1978 como de interesse nacional. Contudo, muito mais significativas eram as bases de funcionamento da entidade, com uma vasta gama de atribuições e ampla autonomia na gestão de fundos e recursos. Os primeiros itens do documento versavam sobre os objetivos centrais do órgão:

Art. 1º – Declárase de interés nacional la organización y realización del XI Campeonato de Fútbol por la Copa Mundial de la F.I.F.A. 1978, a disputarse en el país en el año indicado.

Art. 2º – Créase el Ente Autárquico Mundial 1978, en jurisdicción de la Presidencia de la Nación con carácter de organismo autárquico, con plena capacidad para ejercer derechos y contraer obligaciones.

²⁸² ROLDÁN, 2007.

Art. 3º – El Ente Autárquico Mundial 1978, tiene por misión plantear y/o replantar las políticas específicas relacionadas con el evento; coordinar la labor de los distintos entes y organismos que entendieran en el tema; operar como control de gestión; supervisar las áreas descentralizadas; suscribir y/o refrendar convenios, aprobar, proyectar, contratar, ejecutar, financiar por cuenta propia o de terceros obras de infraestructura y/o la prestación de servicios relacionados y realizar toda otra tarea necesaria tendiente al cumplimiento del objetivo.

Art. 4º – El Ente Autárquico Mundial 1978 estará integrado por un (1) presidente y un (1) vicepresidente, con cuatro (4) gerencias, quedando facultada la presidencia para ampliar el número de las mismas, cuando su mejor funcionamiento así lo aconsejare.

El presidente y el vicepresidente serán designados por el Poder Ejecutivo Nacional.²⁸³

Embora o primeiro item seja recorrentemente lembrado como prova cabal da importância creditada ao evento por parte da ditadura, é notável que ele apresenta um impacto majoritariamente discursivo, como uma espécie de afirmação oficial e pública do interesse do Estado sobre a matéria. Contudo, nem sempre essa declaração de apoio adquire uma conotação prática, ou seja, que produza medidas de suporte concretas para além do apoio anunciado textualmente. Exemplo disso é que outras atividades esportivas, culturais e científicas também foram declaradas de interesse nacional, como o congresso mundial de combate ao câncer e o campeonato mundial de hóquei na grama, mas não receberam suporte específico notável. Dessa maneira, muito mais pertinentes e significativos eram os itens subsequentes, que delimitavam a criação e as bases concretas de funcionamento do EAM, preenchendo com um conteúdo prático, para além da simples enunciação, o apregoado interesse nacional.

Os artigos 2 e 3 fazem justamente esse papel, ao apresentar a nova entidade, suas atribuições e objetivos gerais. Um ponto bastante pertinente a ser destacado, que explicita tanto a importância concedida à organização do evento, quanto o alto grau de autonomia concedido ao ente em meio um governo autoritário, é a sua definição como um organismo autárquico; isto é independente e autossuficiente na comando e financiamento de suas ações, vinculado diretamente à presidência e ao poder executivo nacional, ou seja, subordinado apenas ao general Videla e à Junta de Comandantes. Essa relação direta com a instância gestora do país está explicitada no artigo 4, que não só apresenta os principais cargos gerenciais, como estabelece que os dirigentes da instituição, basicamente o presidente e o vice-presidente, são frutos de um desígnio direto do poder executivo; ou, de forma mais especificada, dos membros da junta militar, naquele momento formada por Videla, Massera e Agosti. Se no caso da AFA, uma associação privada, portanto, externa ao Estado, o processo

²⁸³ Ley 21.349/1976. *Anales de legislacion argentina*. Tomo XXXVI-C, p. 1995-1997.

de intervenção se deu de forma indireta e relativamente negociada, muito mais nos termos de um alinhamento político-ideológico do que de uma submissão estrita, o estabelecimento do EAM orientou-se por uma lógica distinta: tratava-se de um órgão criado pelo Estado, com objetivos explícitos e amplamente identificado como um projeto do novo governo. De maneira simples, a associação não só era evidente como revestia-se de uma estrutura legal, sendo desejável que se tornasse de notoriedade pública. O EAM era o responsável pela organização da Copa do Mundo da Argentina, havia sido criado pela ditadura, com vastos poderes e subordinado apenas núcleo mandatário do país. Eram estas as informações amplamente conhecidas e divulgadas desde o momento de seu estabelecimento. Desse modo, na Argentina, a Copa do Mundo de Futebol da FIFA também passava a ser a Copa do Mundo de Futebol produzida pelo *Proceso de Reorganización Nacional*.

Essa apropriação do evento por parte do regime aparecia de diversas formas, uma delas se dava por meio do domínio sobre os símbolos criados para o evento. O item 11, por exemplo, reafirmava a posse do Estado sobre o logotipo criado para representar oficialmente o mundial, incluído aí os direitos de propriedade e exploração comercial através da nova instituição:

Art. 11. – El logotipo oficial que identifica simbólicamente al XI Campeonato de Futbol por la Copa Mundial de la F.I.F.A. 1978, es propiedad del Estado Argentino y como tal el Ente Autárquico Mundial 1978 establecerá las condiciones exigibles para su uso y/o explotación comercial de cualquier índole que fuere.²⁸⁴

No total, a lei era composta por 30 artigos. Em sua grande maioria, eles versavam sobre trâmites específicos, que estipulavam as fontes de recurso para o funcionamento da entidade²⁸⁵; afirmavam a urgência das atividades e a necessária colaboração de órgãos estatais em níveis federal, estadual e municipal; regulavam isenções fiscais para os empreendimentos promovidos pelo ente – como os estádios, obras de infraestrutura, segurança, telecomunicações e as importações relacionadas a tais atividades –; além de abonar as

²⁸⁴ Ibid., p. 1996.

²⁸⁵ “Art. 14. – Para el cumplimiento de su misión el Ente Autárquico Mundial 1978, dispondrá de los siguientes recursos: a) Una participación equivalente al cinco por ciento (5%) del producido del Concurso de Pronósticos Deportivos (PRODE); b) Los porcentajes que F.I.F.A. abone sobre los ingresos por venta de entradas y en concepto de impuesto y alquileres de estadio; c) Los fondos que la Asociación de Fútbol Argentino (AFA) reconozca a su favor sobre su participación en los beneficios económicos que arroje el evento deportivo; d) El porcentaje que correspondiere sobre la explotación comercial del logotipo, mascotas y propaganda estática en los estadios; e) Los fondos que el Estado nacional asigne en cada presupuesto para el desarrollo de las obras de infraestructura y adquisición de equipamiento, pago de servicios de seguridad, etc.; f) Los ingresos y aportes de origen privado y/o de cualquier otra naturaleza que se puedan percibir en el futuro; g) Los fondos provenientes de tasa e impuestos que el Estado nacional establezca y destine para el desarrollo y la ejecución en la infraestructura”. Id.

transferências de recursos e lucros para a FIFA e suas confederações filiadas²⁸⁶, medidas que convergiam com os interesses comerciais da federação esportiva internacional. Os itens que compunham a lei demonstravam a preocupação com os prazos para concretizar o evento, bem como a intenção de realizá-lo à revelia dos altos gastos que poderia demandar. Nesses termos, o campeonato de 1978 contrariava a própria política de austeridade econômica, defendida por Martinez de Hoz a partir do Ministério da Economia, um dos pilares da administração de Videla à frente da presidência. Os artigos 12 e 13 sintetizavam essa ansiedade com o rápido andamento das obras geridas pelo ente, o que implicava a ampla colaboração por parte dos demais órgão públicos e oficiais²⁸⁷:

Art. 12. – Las obras, trabajos en general e servicios que resultaren objeto de la contratación correspondiente, como a aquellos que, a los mismos fines, ya estuviesen en construcción, quedan calificados como prioritarios y de reconocida urgencia, debiendo el Ente adoptar los recaudos del caso para su conclusión en tiempo oportuno.

Art. 13 – Los ministerios, secretarías de Estado, reparticiones autárquicas, empresas del Estado, bancos oficiales y demás organismos públicos nacionales, provinciales y municipales, serán impuestos de la calificación enunciada en el artículo precedente, debiendo facilitar en todo lo posible la acción del Ente Autárquico Mundial 1978.²⁸⁸

Nessa mesma lógica, o tópico 18 deliberava sobre a flexibilização de barreiras burocráticas e aparatos institucionais, tratando as atividades realizadas pelo EAM com motivo do mundial, como um caso excepcional e prioritário com suporte do próprio Ministério da Economia, o que dava o tom da vasta abertura gerencial, financeira e fiscal concedida à nova instituição,²⁸⁹ por cima das bases e regramentos econômicos estipulados pela ditadura:

Art. 18. – Para el mejor cumplimiento de sus funciones y la ejecución de todas las obras y trabajos en general y prestaciones de servicios contratados el Ente Autárquico Mundial 1978 deberá gozar de franquicias y trámites de excepción en materia cambiaria, bancaria, aduanera, impositiva y administrativa en general, que, en cada caso, serán establecidas con intervención del Ministerio de Economía de la

²⁸⁶ “Art. 26. – Los ingresos que obtengan las asociaciones deportivas participantes, la F.I.F.A. y las confederaciones continentales asociadas a ésta, con motivo de celebración de la Copa Mundial de la F.I.F.A. 1978, quedan exentos de cualquier clase de impuestos”. Ibid., p. 1997.

²⁸⁷ A pressa em iniciar os trabalhos, e dar logo prosseguimento com as obras, aparecia também na nota assinada pelo Contra-almirante Julio J. Bardi, Ministro de Bienestar Social, que acompanhava o projeto de lei enviado para a sanção de Videla: “dado que se está en tiempo límite para continuar y/o iniciar las obras y tareas correspondientes a la erección de la infraestructura necesaria y a los distintos trabajos de organización y comercialización, solicito de V. E. el pronto tratamiento y despacho del adjunto proyecto de ley”. Ibid., p. 1995.

²⁸⁸ Ibid., p. 1996.

²⁸⁹ Outro exemplo bastante interessante consistia nos artigos 21 e 22, que isentavam de tributos e demais imposições aduaneiras as importações realizadas pelo ente, tendo como única exigência, para a liberação e despacho desses benefícios, a apresentação de um certificado outorgado pelo próprio EAM.

Nación y que deberá quedar taxativamente establecidas en la reglamentación de esta ley.²⁹⁰

Essas passagens prévias são apenas uma amostra dos vastos poderes e concessões previstos no texto legal, que apresentava o EAM e, concomitantemente, atribuía um formato institucional ao apregoado interesse dos militares pela Copa do Mundo de Futebol, em especial diante do apelo massivo e midiático do evento esportivo²⁹¹. Contudo, outro artigo do documento trazia um elemento distinto, que buscava incorporar o apoio e, dentro do possível, a participação de representantes específicos da sociedade civil, por meio de um conselho assessor:

Art. 5º – Dependiente del Ente Autárquico Mundial 1978 actuará un consejo asesor, que tendrá por funciones dictaminar en todas las cuestiones sometidas a su consideración. Este consejo asesor podrá actuar en forma plenaria o en salas especializadas por materia.²⁹²

Com uma função consultiva, o conselho podia emitir pareceres sobre qualquer tema que fosse levado a sua consideração, mas estava submisso ao ente e não possuía um poder efetivo de decisão. Contudo, ao incorporar atores sociais externos, coniventes com os rumos políticos do país, o organismo garantia o apoio de importantes lideranças setoriais, algumas delas com voz pública ativa, e aportava um senso de aprovação às medidas e operações colocadas em prática pelo organismo estatal. De acordo com algumas publicações e materiais produzidos pelo próprio EAM, especialmente os boletins oficiais lançados pelo organismo a partir de novembro de 1976 – sem uma periodicidade regular –, o conselho era composto pelo Dr. Reinaldo Augusto Bovone, Sr. Carlos Alberto Fontanarrosa, Sr. José Maria Muñoz, Dr. Benito Noel, Sr. Santiago Saccol, Sr. Mario Roldán²⁹³.

Bovone matinha relações próximas com os militares, entre os quais o futuro presidente do EAM, o general da reserva Antonio Luis Merlo, e, mais tarde assumira também

²⁹⁰ Ibid., p. 1996.

²⁹¹ Além da lei que originava o EAM, uma série de outras medidas legais foram lançadas nos anos seguintes. Um dos mais importantes foi o decreto 1820, de agosto de 1976, que regulamentava o funcionamento do projeto de lei e ampliava ainda mais os poderes da entidade, garantindo a colaboração de outros órgãos e instituições oficiais, eximindo-o de normas que poderiam impedir a contratação de serviços diversos e a aquisição de equipamentos, assim como de entraves no manuseio de fundos públicos e a flexibilização na prestação de contas. O mesmo documento seria referendado também pelos ministros do interior, justiça, economia e bem-estar social, o que ampliava ainda mais as bases de apoio e suporte institucional ao organismo.

²⁹² Ibid., p. 1995.

²⁹³ *Boletín EAM* '78, n. 2, dez. 1976.

importantes cargos executivos na Argentina Televisora Color²⁹⁴. Já Noel, como vimos anteriormente, presidia o comitê organizado pela AFA com motivo do mundial e era o representante da entidade na FIFA. Saccol e Roldán também integravam o comitê ao lado de Noel, respectivamente como vice-presidente e secretário. Por último, Muñoz e Fontanarrosa se destacavam como nomes de referência entre a mídia especializada do período. Como relator da Rádio Rivadavia, Muñoz havia se consolidado como um dos principais locutores do país; tinha grande apelo popular e, desde as cabines e estúdios de transmissão, havia se transformado em uma das vozes mais destacadas na defesa intransigente da Copa de 1978, pregando tanto a realização do campeonato quanto o suporte e adesão massivos da população, sob a égide da nacionalidade. Fontanarrosa, por sua vez, ocupava havia mais de uma década a direção de *El Gráfico*, a revista esportiva de maior destaque do período, contumaz defensora do selecionado de Menotti e do mundial²⁹⁵. A participação do radialista e do editor no conselho remetia tanto ao apoio de determinados segmentos da imprensa, quanto implicava na ciência e conivência com a criação do EAM, assim como a apropriação da ditadura sobre o evento esportivo. Amostra disso é que o anúncio da nova lei foi recebido majoritariamente com entusiasmo. Ao longo dos anos seguintes, ao menos até a realização a Copa, intervalo durante o qual a ditadura encabeçada por Videla se manteve absoluta no comando do país e consolidou seu projeto repressivo fundador, grande parte da imprensa não só foi quase isenta de críticas, como deu visibilidade às medidas tomadas pelo EAM com entusiasmo.

Se no contexto vigente de controle, violência e censura não havia espaço para profusão de críticas abertas e contundentes, a mesma lógica não pode ser aplicada na profusão de discursos favoráveis às ações da ditadura sobre o mundial, sobretudo quando se recorre à justificativa da negação e desconhecimento do complicado quadro político do país. Ainda que as denúncias quanto às detenções arbitrárias, execuções e torturas em prisões clandestinas, além dos infames desaparecimentos, não fossem de pleno conhecimento da população, embora os rumores circulassem sobretudo entre os membros da imprensa, os desmandos institucionais e as ações autoritárias eram públicas e notórias, inclusive na ingerência discursiva e institucional sobre a Copa do Mundo. Nesse sentido, a admissão e suporte de

²⁹⁴ Como passaria a se chamar a Argentina 78 TV Color após o mundial, emissora criada pelos militares para cuidar da transmissão do campeonato e garantir o envio do sinal a cores para o exterior, uma das principais exigências da FIFA. Voltaremos ao tema adiante.

²⁹⁵ Cabe lembrar que *El Gráfico* era uma publicação do *Editorial Atlántida*, cuja linha político-ideológica foi de convergência e suporte ao novo governo, inclusive na solidificação do argumento da guerra contra subversão.

parte da imprensa – como veículos de comunicação privados com voz pública –, assim como de diferentes setores da sociedade, era algo consciente²⁹⁶.

Apenas alguns dias após da sanção do projeto que criava o EAM, *El Gráfico* saudava a medida tomada pelo governo militar em seu editorial, assinado justamente por Carlos Fontanarrosa. Como prenunciava o título, “Qué esta Ley tenga vida”, o texto assumia um tom de aprovação elogiosa à ação do governo. O primeiro parágrafo resumia os mais recentes, como o nome da organização, sua ligação direta com a presidência e os nomes dos futuros mandatários do órgão, assim como as impressões da revista:

El Poder Ejecutivo Nacional sanciono y promulgó la ley n. 21.349 por la cual se crea en ENTE AUTARQUICO MUNDIAL 1978 con dependencia directa de la Presidencia de la Nación. Dicho organismo será presidido por el general de Brigada (RE) Omar Actis y como vicepresidente el capitán de Navío Carlos Lacoste. En las próximas horas se designarán los encargados de las distintas áreas para que este instrumento legal tenga vida. En ese momento veremos a nuestro Mundial definitivamente en marcha. A menos de dos años de su realización el acontecimiento cumbre del fútbol encuentra en el Gobierno Argentino un respaldo serio y decidido. Es justamente lo que se necesitaba.²⁹⁷

O resto do editorial se ateu a reproduzir, integral ou parcialmente, alguns dos artigos mais destacados do projeto. Entre os quais estavam a declaração do ente como organismo independente e com liberdade de ação; a constatação da urgência de suas atividades; a exigência da colaboração dos organismos públicos nos diferentes níveis; as fontes de recursos previstas; o suporte do Ministério da Economia; e a regulamentação da eventual transferência de valores a FIFA e a seus filiados. Ao elencar alguns dos principais tópicos da legislação, *El Gráfico* demonstrava conhecer o texto e, mais importante, o teor do conteúdo, além de contribuir com sua propagação entre os leitores. O entusiasmo do semanário esportivo com a tomada do evento pelos militares era latente, à revelia de qualquer ponderação sobre os gastos que o evento demandaria ou reflexão sobre as intenções da ditadura. O vínculo direto com a presidência e o respaldo do governo eram vistos como trunfos na realização da competição, como se a intervenção autoritária sem mais debates intermediários fosse, tal qual sintetiza a

²⁹⁶ É importante destacar que o apoio ao evento e a torcida pela seleção, liderada por Menotti, possuem pontos de aproximação e distanciamento que não podem ser considerados da mesma maneira. O suporte à seleção a partir do vínculo cultural e afetivo com o futebol, bem como a representação associada ao selecionado, não é mesma em relação ao evento que passa a ser organizado pelo Estado. Desse modo, ser contra ou a favor da Copa não remete um mesmo posicionamento, contra ou a favor da seleção. Em diferentes momentos e circunstâncias, é certo que essa relação se confunde, sobretudo para os sujeitos, o que implica também a mistura de um sentimento de apoio à equipe com o de apoio, ou omissão, aos desmandos e abusos autoritários da ditadura. Sentimentos estes que se tornam mais evidentes, sob o exame da memória e as acusações posteriores sobre a legitimidade do resultado obtido dentro dos gramados. Voltaremos a esse assunto nos capítulos posteriores.

²⁹⁷ FONTANARROSA, C. Qué esta ley tenga vida. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 2962, jul. 1976. p. 6.

última frase do parágrafo citado, exatamente o que a combalida Copa da Argentina necessitava para acontecer.

Embora a revista celebrasse a criação da lei, o organismo ainda estava em uma fase de organização e não havia iniciado plenamente seus trabalhos, embora fosse notório que, desde março, a armada, especialmente por meio da representação de Lacoste, mantivesse uma movimentação ativa nos bastidores. O lançamento oficial ocorreria no dia 19 de agosto, com uma entrevista coletiva que deveria ser conduzida pelo general da reserva, Omar Actis, convocado por Videla para assumir a presidência do EAM 78. O fato é que Actis jamais realizou a entrevista. Na manhã daquele mesmo dia, o militar foi morto em um atentado creditado a uma ramificação dos Montoneros, organização da esquerda peronista revolucionária e guerrilheira, já bastante desarticulada no país durante o ano de 1976, mas ainda assim um dos alvos prioritários da ação da ditadura.

O episódio, contudo, ganhou diferentes compreensões nos estudos produzidos posteriormente sobre o mundial, em especial a partir da década de 1980, já com a falência da ditadura e à luz das crescentes denúncias, quanto à violência e terror estatais. A partir das conjecturas sobre uma série de elementos contraditórios no atentado²⁹⁸ e as supostas desavenças entre Lacoste e Actis – quanto a gestão da entidade e a administração dos recursos, com o segundo mais afeito à proposta de austeridade e controle econômicos –, surgiu a versão de que o assassinato do general havia sido, na realidade, um caso de disputa interna entre as próprias forças armadas, mais especificamente uma investida de homens da marinha sobre o oficial do exército, sob o disfarce de uma organização subversiva armada. Pablo Llonto, contudo, reiterou a versão oficial de uma operação da guerrilha, a partir de uma série de entrevistas com Roberto Perdía, um dos líderes dos Montoneros em 1976, em que teria admitido o envolvimento de militantes na organização da ofensiva. Segundo o autor, as razões para o ataque a Actis eram simples: o general se tratava de um oficial de alto escalão. Como presidente do EAM, estava à frente de um importante projeto estatal de modo que sua morte alcançaria uma grande repercussão, além de ser um dos poucos militares desse grau que se movimentava sem algum tipo de escolta.²⁹⁹

²⁹⁸ Entre os principais indícios levantados pelos defensores da hipótese, figuram: a nomenclatura atribuída ao grupo, Ejército Revolucionario Montonero, uma força desconhecida; a demora da polícia de uma delegacia próxima em atender o caso; o não comparecimento de Massserra e Lacoste no velório; e a não incorporação do caso de Actis em uma lista que deveria conter todos os atentados atribuídos a organizações guerrilheiras.

²⁹⁹ É interessante notar como as versões conflitantes também se fazem presentes na memória dos militantes. No volume três de *La Voluntad*, obra organizada por Martín Caparrós e Eduardo Anguita (2013), que reúne uma série de testemunhos e narrações em torno da militância argentina das décadas de 1960-70, o atentado é relatado em dois momentos, cada um deles sob uma das versões. O primeiro, na página 97, reproduz um relato de Maria Depino sobre um diálogo com Rodolfo Galiberti, um dos líderes do ramo juvenil de Montoneros, dias após o

Figura 8 – Tras la muerte del General Actis.



Fonte: Tras la muerte del general Actis. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 2968, p. 27, ago. 1976.

O assassinato de Actis repercutiu nos variados veículos de imprensa. A vinculação direta do general com o EAM e, por extensão, ao mundial de futebol, fez com que o tema fosse abordado também nas páginas de *El Gráfico*. Em acordo com o discurso da defesa intransigente do evento, a nota “Tras la muerte del general Actis”, ao lado de uma foto do general (Figura 8), refletia o atentado como um ato que visava atingir principalmente a organização da Copa no país, um projeto que se estendia para além de uma simples contenda esportiva:

Las balas asesinas apuntaron directamente al cuerpo del alto militar inmolado. Su muerte era la de un leal soldado, un entusiasta deportista, un honesto patriota y un hombre de honor. Pero la intención era obvia: ASESINAR AL MUNDIAL DE

assassinato de Actis, em que Galiberti lamenta o fato de os jornais atribuírem a ação ao grupo: “ahora resulta que para los diarios fuimos nosotros. Son joda: cuando hacemos algo no dicen una palabra, y esto, que no lo hicimos, nos lo adjudican”. Já em outro momento, ao reproduzir o informe do célebre jornalista e militante Rodolfo Walsh em 1976, “Historia de una guerra sucia em Argentina”, contextualizava o tema da seguinte forma: “después de las operaciones guerrilleras de envergadura, los militares argentinos ejecutaran a grandes cantidades de presos políticos como advertencia y represalia. Los episodios más espectaculares de este tipo se produjeron el 3 de julio y el 20 de agosto, luego de los atentados contra la Superintendencia de Seguridad, SS, de la Policía Federal, y el general Omar Actis, presidente de la Comisión Organizadora del campeonato mundial de fútbol de 1978”. O informe da delegação da Anistia Internacional, enviada ao país em 1976, também corroborava com a visão de uma ação guerrilheira, ainda que sem atribuí-la especificamente ao ERP ou a Montoneros, e reportava a represália brutal das forças de segurança: “Después del asesinato [...] del General Omar Actis, presidente de la comisión estatal organizadora del Campeonato Mundial de Fútbol 1978, se encontraron cerca de la población de Pilar, fuera de Buenos Aires, 30 cuerpos dinamitados y con numerosas heridas de bala. La policía no permitió que familiares de personas desaparecidas vieran los cuerpos, pero testigos oculares han sostenido que los cadáveres parecían ser de gente detenida desde un cierto tiempo atrás: no llevaban corbatas, cintos o cordones de zapatos (artículos todos que habitualmente la policía retira al efectuarse un arresto). Se cree que las víctimas de Pilar habían estado detenidas en la Superintendencia de Seguridad en Buenos Aires”. AMNESTY INTERNATIONAL PUBLICATIONS. *Informe de una misión de Amnistía Internacional a la República Argentina*: 6-15 de noviembre de 1976. Barcelona: Editorial Blume, 1977. p. 46.

FUTBOL. Demostrar ante el mundo que Argentina no está en condiciones de realizarlo. Destruir los intentos sanos y las voluntades resueltas a hacer de la Copa del Mundo 1978 un hecho cierto, un ejemplo de imaginación, una clara demostración de seriedad.³⁰⁰

Ao tomar a morte de Actis como um ataque ao campeonato em si, a revista adotou um posicionamento político contundente, que não era comum em suas páginas. Afinal, sua área de interesse se limitava quase que exclusivamente aos eventos esportivos como formas de entretenimento, quase como se estivessem alocados à parte da sociedade, de problemas e questões mais sérias. Os poucos momentos de aproximação com outras questões, sobretudo ao universo político tradicional, se davam quando os temas de seu interesse eram tocados de alguma maneira, a exemplo de ações do poder público e do aparelho institucional, como era o caso da Copa de 1978. Porém, raramente a revista saía de sua zona de conforto e apresentava algum tipo de apreciação mais profunda ou crítica sobre os temas considerados externos ao seu espectro de trabalho. Nesse sentido, *El Gráfico* se apoiava na estratégia corrente de despolitizar as modalidades desportivas, em particular o futebol, e se eximir de apresentar reflexões e análises mais profundas, para além das análises dos jogos e práticas em si. Ainda que a motivação fosse o vínculo com o esporte, o breve artigo sobre o atentado ao general – aproximadamente meia página – explicitou questões que eram apenas margeadas, jamais citadas diretamente: a violência e a temida subversão.

Quienes acechan, desde afuera y desde adentro, el fracaso de la organización prevista para el máximo acontecimiento futbolístico, habrán recibido con alegría, con renovadas esperanzas, de llevarse NUESTRO MUNDIAL, a otro país, esta trágica noticia. Para ellos, la inmolación de un ser humano, la desaparición física de otro argentino condenado a morir en nombre de no sabemos qué, habrá sido un episodio más de este drama que desangra a nuestra tierra. Para ellos lo trascendente, lo que es noticia en el mundo, es que la más alta figura del Mundial 1978 fue ultimada sin la mínima posibilidad de defensa. Y eso se magnifica hacia afuera. Agrega unas paladas de tierra a la tumba de nuestro desprestigio como país capacitado para organizar seriamente acontecimientos importantes.

Por todos ellos, los asesinos de adentro, los que acechan desde afuera, los argentinos cuyo deporte preferido parece ser LA NEGACION DE TODO LO ARGENTINO, sólo puede haber una respuesta: seguir trabajando para hacer del mundial de 1978, NUESTRO MUNDIAL. El que todos soñamos.

Será no sólo una respuesta a las balas, la sangre, el luto y la angustia. Será el mejor homenaje que podamos rendir a quienes, como el general Omar Carlos Actis, han muerto enarbolando una idea positiva. La idea de hacer, de intentar, de construir. En última instancia, la idea de soñar.³⁰¹

É interessante notar que, no discurso empregado pelo periódico, não só há uma convergência ideológica com a ditadura – na apregoada tragédia da violência, da subversão,

³⁰⁰ Tras la muerte del general Actis. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 2968, p. 27, jul. 1976.

³⁰¹ Id.

dos inimigos internos e externos, em que os militares se sobressaíam, literalmente, como salvadores da pátria –, mas também à proposta de transformar a Copa em uma realização coletiva e nacional, na qual o novo governo emergia como espécie de guardião legítimo. Assim, a publicação esportiva reforçava a leitura do mundial como uma inestimável oportunidade de projeção nacional, bem como o projeto político de vincular o evento como um êxito do novo governo. Se a revista se destacava como um importante construtor de narrativas articuladas ao esporte no país, sua participação e postura, voluntárias, no discurso de suporte à Copa, colaboravam na construção de um enredo público favorável à aproximação afetiva entre a população e o *Proceso*. A abordagem convertia o general Actis em um mártir improvável, reivindicava enfaticamente o evento como um bem nacional, espécie de direito adquirido – “nuestro mundial” – a ser defendido, aportando ao tema uma alta carga emotiva associada a um sentimento latente de nacionalidade. Na visão veiculada pelo semanário, defender o mundial era defender o país: seus opositores eram inimigos da nação ou, ao menos, pessoas que jogavam contra ela. Um posicionamento de combate indistinto – quem era o inimigo? –, alinhado ao projeto e à narração oficiais.

A conferência de imprensa, com representantes da mídia local e estrangeira, ocorreu somente no dia 23 de agosto, sob o comando de Lacoste. Contudo, o representante da armada não ascendeu de posição, permaneceu como vice enquanto outro representante do exército foi designado para a presidência: o também general da reserva, Antonio Luis Merlo. Mesmo com a morte de Actis, era a arma encabeçada por Videla quem permanecia oficialmente no posto de maior prestígio da organização. Ainda assim, a movimentação nos bastidores e a centralidade assumida por Lacoste, nas ações empreendidas pelo ente, foi tamanha que os estudos produzidos posteriormente são praticamente unânimes em afirmar que foi ele (Lacoste) quem exerceu o comando de fato sobre o EAM e o futebol nacional, no período que precedeu a Copa. Elemento que contribuiria de forma decisiva na afirmação da leitura do atentado como uma ação da marinha, com o intuito de assegurar o domínio ao homem designado por Massera para cuidar do mundial. Mesmo Llonto, um dos poucos a sustentar a tese de uma investida da guerrilha, assinalou a primazia do capitão, ao afirmar que a cadeia Merlo-Lacoste-Cantilo seria logo reelaborada no formato Lacoste-Cantilo-Merlo.³⁰²

Ainda que Lacoste tenha se consolidado como protagonista no enredo do evento, os problemas em afirmar que esse poder se deu como resultado de uma ofensiva violenta reside em algumas conclusões, que devem ser melhor tensionadas e consideradas. Primeiro, na

³⁰² LLONTO, 2005, p. 30.

apreciação um tanto apressada e sem um maior debate, de um certo antagonismo entre o capitão e o general Actis no comando da entidade, muito mais conjecturada do que demonstrada – como se a manutenção do general na presidência fosse um impedimento imperativo ao desempenho pleno de seus objetivos. Segundo, a suposição implícita de que a nomeação de Merlo, tido como um personagem a mercê de Lacoste, remetesse a uma espécie de submissão do exército na questão, inclusive na investida direta e brutal a um de seus membros, esquecendo que na história argentina era justamente esta a arma de maior tradição política-institucional, inclusive contando com um de seus membros na presidência do país. Além disso, a própria participação de Merlo no EAM, em especial a partir de sua identificação pública como principal representante da instituição, recorrentemente convidado a depor em nome do organismo, também não pode ser desconsiderada, como se o personagem fosse apenas um peão a mais no tabuleiro, alheio às ações em movimento.

O envolvimento do novo presidente pode ser observado na edição n. 5 do semanário de informações e análise política *Somos*, lançado pelo *Editorial Atlántida*, no segundo semestre de 1976 no rastro do golpe militar. O artigo “Mundial’78: así se prepara la argentina” abordava o desenvolvimento do processo a 19 meses do evento, com o foco voltado a obras em execução e atividades a serem realizadas em diversos setores: estádios, comunicações – sobretudo a implantação do sistema de transmissão de tv a cores –, transportes, turismo, acomodação da imprensa e a venda de entradas.

O discurso, amplamente favorável ao evento sob liderança do EAM, assumiu o formato de um grande informe sobre as atividades em andamento – relatando o trabalho intenso dos operários nos canteiros de obras em todas as cidades sedes – e as ações previstas, sem quaisquer objeções sobre a viabilidade financeira ou mesmo sobre o curto prazo para o cumprimento das tarefas; além de enfatizar o Poder Ejecutivo Nacional, ao “declarar el torneo de Interés Nacional y reconocer implícitamente su responsabilidad directa em la materia”, o suporte concedido pela FIFA, federações filiadas e também João Havelange. Junto à matéria, a publicação trouxe, em um quadro à parte, uma entrevista com Merlo, como o principal representante da entidade criada para gerir a Copa. Como tal, reiterava a homilia de prioridades e compromissos com o mundial, conclamando a participação e colaboração de todos na realização da tarefa: “el éxito o el fracasso del mundial es responsabilidad de todos”. Os temas mais polêmicos, muitos sequer mencionados na redação do artigo, como os custos do evento e o relacionamento com a AFA, foram abordados na entrevista e oportunizaram ao dirigente reforçar o discurso oficial como grande interlocutor do EAM:

- Se ha comentado que entre la AFA y el EAM'78 puede haber superposición de funciones. ¿Qué opina al respecto?
 - Que es absolutamente falso. El EAM'78 fue creado por el Estado para coordinar a los organismos estatales o privados que trabajan para el Mundial. Asimismo, para administrar bienes financieros del propio Estado y otorgar apoyo económico a las obras de infraestructura que se encaren en cualquiera de las áreas previstas.
 - ¿Y la AFA qué hace?
 - La Asociación de Fútbol Argentino es la signatura de una especie de contrato con la FIFA, de la cual es afiliada. Es el interlocutor oficial de la Federación Internacional de Fútbol Asociado y se encarga de toda la organización técnica y deportiva. Lo subrayo, las funciones están perfectamente delimitadas y las relaciones claras y sin obstáculos.
 - General, ¿qué le diría a quienes se oponen a la realización del Mundial?
 - Que si no lo hacen por dudas financieras están equivocados, porque EL CAMPEONATO EN SI SE AUTOFINANCIA; me refiero a su parte operativa. En cuanto a las inversiones de infraestructura, reeditarán con el tiempo en sus dos fases, la económica y la social. Son todas obras tendientes al desarrollo nacional, que de cualquier manera había que encarar. No hacemos más que aprovechar la oportunidad.
 - Para finalizar, general: ¿cuánto le cuesta el Campeonato al país?
 - No quiero aventurar cifras sin sentido ni base cierta. Lo que puedo asegurar es que no habrá pérdidas en el operativo, aun dejando un margen en contra en los cálculos previos de hasta un 20 por ciento.
- El Campeonato del Mundo de 1978 está en marcha. Es responsabilidad de todos que sea digno de la Argentina.³⁰³

Embora *Goles* não tenha demonstrado o mesmo envolvimento de *El Gráfico* e os demais produtos do *Editorial Atlántica*, a revista também externou seu apoio à criação do EAM, como a formatação institucional de um controle do Estado sobre a competição, já alertada em suas páginas desde os primeiros instantes pós-golpe. Assim como sua concorrente mais destacada nas bancas, também faria coro público da compreensão da competição como uma tarefa coletiva e nacional. O sintomático editorial “El Mundial es de todos”, na última edição de agosto, apresentava um discurso bastante semelhante à narração proposta pela ditadura e compartilhada por muitos dos apoiadores do evento. No texto, que exigia também uma atenção particular para o selecionado de Menotti, o primeiro parágrafo focava na organização do evento sob a tutela da entidade criada pelo governo, com motivo de celebrar a Copa. Nesse processo, retomaria apreciações que se tornariam comuns no espaço de locução pública do evento, como a declaração dos opositores deste como inimigos da pátria e o reclame da competição como uma conquista nacional e popular, uma espécie de direito adquirido que devia ser protegido ante qualquer ameaça³⁰⁴.

³⁰³ Mundial'78: así se prepara la Argentina. *Somos*, Buenos Aires, ano 1, n. 5, p. 28-32, out. 1976. p. 31.

³⁰⁴ Essa percepção pode ser observada em vários espaços e momentos, com o emprego do pronome “nosso” para tratar do evento. O termo “nuestro mundial”, por exemplo, foi usado em diferentes circunstâncias pelos defensores do certame, inclusive *El Gráfico* e *Goles*, e se tornaria um argumento comum na defesa da realização do evento no país. Não era mais a Copa de Futebol da FIFA na Argentina, mas a própria Copa do Mundo da Argentina, uma propriedade da nação, um projeto de todos os argentinos. Um discurso que buscava capitalizar o apelo cultural e afetivo do futebol, assim como o sentimento de pertença atribuído às competições entre

ARGENTINA'78 se ha lanzado definitivamente. Es nuestro compromiso, nuestra responsabilidad, nuestro orgullo. El Ente Autárquico (EAM'78) ha fijado claramente sus puntos de vista y su manera de encarar el trabajo. El general de brigada (R) Antonio Luis Merlo ha sido designado nuevo presidente y de inmediato se ha puesto a trabajar en base al plan largamente estudiado, elaborado y analizado por el Gobierno. De ahora en más, todo se hará por y para NUESTRO MUNDIAL. Por eso pensamos que QUIEN ESTE CONTRA EL MUNDIAL SERA UN ENEMIGO DEL PAIS. Porque es mucho más que una simple competencia deportiva. Porque es mucho más que una simple competencia deportiva. Porque puede y debe lanzar a la Argentina más allá de sus fronteras para hacernos recorrer el mundo entero. ARGENTINA SERA NOMBRE POPULAR Y REPETIDO ANTES, DURANTE Y DESPUES DEL MES DE FUTBOL. Es un patrimonio que debemos cuidar y defender. Porque es de todos y para todos. Porque es deporte, y es turismo, y son divisas, y es comercio exterior, y es economía en sus múltiples facetas y es, y es, y es...³⁰⁵

Tal qual destacava *Goles*, foi a partir da criação do EAM e principalmente de sua efetiva apresentação para imprensa que o projeto da Copa 78, delineado pela ditadura, se lançava efetivamente. A entrevista coletiva concedida por Lacoste, ao final de agosto, pode ser considerada um marco na afirmação pública da proposta, pois sinalizava que os elementos e mecanismos previstos deixavam de ser conjecturas abstratas – como havia acontecido durante boa parte dos governos anteriores, quando muitas das medidas anunciadas não se desenvolveram para além do papel³⁰⁶ – para adquirir uma materialidade institucional. Para grande parte dos partidários da Copa e da intervenção do Estado no processo, a movimentação do novo organismo representava uma ação concreta, há muito esperada, no sentido de abordar as carências e dar prosseguimento objetivo à produção do evento.

Um grande exemplo da recepção concedida à medida foi a postura adotada por *El Gráfico*, após a entrevista liderada pelo representante da armada. A partir da edição n. 2965, de 31 de agosto, a revista organizou uma nova seção, presente até o momento da Copa, em 1978: “El Diario del Mundial”. Como já sugeria o nome, a ideia era emular o formato de um jornal específico sobre o evento, quase um suplemento à parte, inclusive com a tradicional legenda, em que figuravam os dados da edição: o ano, número, cidade, dia da semana e a data. Em geral, a seção ocupava apenas duas páginas no meio do semanário, em impressão preto e branco, com as notas e artigos bastante curtos, moldados em diferentes quadros e colunas.

representações nacionais, como as seleções de futebol, como forma de conchamar o apoio massivo da população e da manutenção de uma opinião pública favorável ao evento, mesmo em meio às amplas dificuldades sociais, políticas e econômicas.

³⁰⁵ El Mundial es de todos. *Goles*, Buenos Aires, ano XXVI, n. 1441, p. 3, ago. 1976.

³⁰⁶ Podemos visualizar isso no próprio uso feito pela ditadura de planejamentos anteriores, antes sob a tutela do Ministério de Bienestar Social de Lopez Rega, com a incorporação e execução de muitos dos elementos previstos, bem como a reorganização e aperfeiçoamento de outros dentro dos novos objetivos do Estado autoritário vigente.

Ainda que o espaço trouxesse notícias sobre o selecionado argentino – o primeiro exemplar trazia, por exemplo, uma entrevista com Menotti –, o foco central era sobre o evento em si e todo o processo de organização, afinal o trato particular das partidas, dos jogadores, de conceitos técnicos e táticos e dos principais personagens constituíam o mote da revista em si.

Desse modo, a nova seção tinha por objetivo manter um informe constante ao público do semanário sobre o andamento das obras, serviços e outras determinações e deliberações nos preparativos para a Copa. Com a centralidade assumida pela ditadura, a partir do EAM, um dos fatores que motivaram a criação do segmento, “El Diario del Mundial”, flertaria permanentemente com o discurso e narração oficiais, com o relato perene, normalmente acrítico, das ações engendradas pelo ente e seus responsáveis. O primeiro volume abordava o andamento das obras nas cidades sedes. Como não poderia deixar de ser, o primeiro volume do suplemento (Figura 9) trazia como destaque principal a entrevista, que lançava em definitivo a entidade:

A partir de las 18.25 horas, el vicepresidente del EAM, **capitán de navío Carlos Alberto Lacoste**, explicó – como único orador y frente a la vacancia de la presidencia – la misión, filosofía y estructura del organismo que organizará el Mundial 1978 no sin antes aclarar que “**esta es la conferencia de prensa del general Actis**, víctima de una inútil violencia para reemplazar lo que sirve por lo que no sirve”.³⁰⁷

Figura 9 – El Diario del Mundial n. 1, 31 ago. 1976.



Fonte: *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 2969, p. 32-33, ago. 1976.

³⁰⁷ De aquí en más, EAM'78. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 2965, p. 32, ago. 1976.

Depois de introduzir o tema, a revista reproduziria alguns dos principais comentários de Lacoste, ante as perguntas dos jornalistas presentes. Entre os assuntos abordados estavam a construção e reforma dos estádios – com a óbvia afirmação de que os prazos seriam cumpridos sem grandes prejuízos aos custos previstos –; as estruturas administrativas da nova entidade; o papel e relacionamento com a AFA; o impacto dos gastos e os benefícios do evento para o país. Nesse sentido, o discurso geral reproduzia uma argumentação comum, reafirmada sempre que possível, de que os gastos com o evento se converteriam em benfeitorias – “todo lo que se haga en este sentido será para usufructo de los argentinos una vez terminado el evento”³⁰⁸ – e de que o principal benefício seria colocar o país em evidência, em proveito da grande potencialidade midiática do torneio – “poner al país, mediante la televisión, los diarios y las revistas del mundo entero, ante a 2 mil millones de personas”. A sintonia só parecia desafinar um pouco, quando Lacoste respondeu uma questão sobre a segurança, na qual se limitou a afirmar que essa área não lhe competia, mas o setor correspondente abordaria o problema, de modo que, durante o torneio, as medidas seriam as máximas. Porém, talvez a principal novidade fosse no tocante à AFA, alocada em uma função específica e em clara subordinação às deliberações do EAM:

Se reestructurará el Comité Organizador de AFA del Mundial’78 y pasa a denominarse Comité Técnico Deportivo AFA Mundial’78. Se encargará de los campos de juego, inspectores, recepción de delegaciones, alojamientos, selección nacional, programa y calendario de partidos, equipos para la rueda final todo en estrecha relación con el EAM’78.³⁰⁹

Com essa medida, o ente alocava definitivamente a AFA como responsável apenas pelo desenvolvimento dos aspectos concernentes à prática esportiva e à realização do torneio em si; mas afastava a associação de futebol da gerência de decisões sobre o evento como um todo, agora uma preocupação prioritária do Estado. Talvez uma amostra mais significativa, mesmo sutil, estivesse no tom da comunicação da incorporação de Martin Noel e Santiago Saccol – respectivamente presidente e vice-presidente do então Comitê Organizador da AFA – ao conselho assessor do EAM: até que “la AFA decida otra cosa, también participarán en las labores del Comité Técnico Deportivo”. Uma decisão tomada independentemente do posicionamento do órgão responsável pela gestão do futebol.

Além de encorpar as afirmações discursivas sobre o mundial – não se tratava mais de afirmar a necessidade de fazê-lo, mas fazê-lo de fato –, o lançamento do EAM buscava

³⁰⁸ Id.

³⁰⁹ Id.

sedimentar de vez as dúvidas sobre a capacidade de se concretizar o projeto no prazo, angariar o apoio definitivo da FIFA e demover as especulações constantes sobre a retirada da competição do país. O segundo exemplar do suplemento criado por *El Gráfico*, de agora em diante intitulado apenas como “Diário El Mundial”, trazia um dado importante nesse sentido: a contratação de Pedro Valdés, como chefe do departamento de imprensa da organização. Valdés era ao então presidente do Circulo de Periodistas Deportivos, importante agremiação de jornalistas especializados, que contava também com uma escola de jornalismo. A escolha mostrava a sintonia de muitos profissionais do meio com o projeto da ditadura, assim como a preocupação de aportar uma visão familiar ao trato com o esporte nos meios de comunicação. Não seria ao acaso, portanto, que o Circulo de Periodistas contribuiria na confecção de diversos materiais com motivo da Copa do Mundo. Segundo afirmava a publicação, Valdés se dispunha a jogar o “mundial da imprensa” e, como estratégia inicial, planejava organizar um boletim informativo e publicitário do EAM:

Para iniciar las tareas haremos la mayor difusión de todas las obras y trabajos ya realizados. Para ello elaboraremos un Boletín de Difusión mensual, que en el '77 se hará quincenal y en el '78 se hará semanal. Se repartirá a todas las instituciones afiliadas y a los medios periodistas del mundo. Estará redactado en castellano, inglés y francés. Y será acompañado por distintas tarjetas con motivos argentinos; las tarjetas tendrán el tamaño del boletín doblado.³¹⁰

O intuito de demover as dúvidas sobre manutenção do certame e ressaltar a ação do Estado, por meio do EAM, seria bastante visível na terceira edição do diário criado por *El Gráfico*. Uma das notas pincelava alguns dos principais comentários do general Merlo, em uma entrevista coletiva concedida em Córdoba. A defesa da ação da ditadura sobre o campeonato era clara: “hasta el 24 de marzo estuvimos perdiendo; ahora, comenzamos a ganar” e, no geral, repetia argumentos já conhecidos e citados em momentos anteriores. A exceção ficava por conta do seguinte comentário:

Se está concibiendo una campaña internacional de promoción y publicidad para desvirtuar las informaciones tendenciosas en el exterior. Para dar cumplimiento a esta campaña se utilizarán todos los elementos de las relaciones exteriores del país, más el aporte de empresas nacionales, exposiciones, conferencias y viajes.³¹¹

Além da crítica a abordagens supostamente tendenciosas, propaladas fora do país, a observação do general também contemplava o combate e o controle sobre a locução do

³¹⁰ Será el torneo de la prensa. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 2970, p. 32, set. 1976.

³¹¹ Id.

evento, bem como o emprego de diversos mecanismos para elaborar uma campanha internacional. Um projeto que englobava, sem dúvidas, a produção e divulgação de materiais diversos, fossem eles produzidos por encomenda a empresas privadas, como a agência internacional de publicidade e relações públicas Burson-Masteller – recorrentemente indicada como grande articuladora de um plano de modelagem e difusão da imagem do país internacionalmente³¹² – ou produzidos pela equipe de imprensa do próprio EAM. De todo modo, Merlo já divulgava a intenção de remodelar a imagem do país através do mundial, empregando instrumentos diversos para isso, até mesmo no campo institucional diplomático. Ou seja, simultaneamente ao reconhecimento de que havia outras compreensões circulantes, estava a preocupação de desqualificar qualquer informação adversa indesejável, com uma campanha que buscava controlar os sentidos das narrações produzidas sobre o evento e o país.

Figura 10 – Quatro vezes Havelange.



Fonte: Cuatro veces Havelange. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 2971, s/p, set. 1976.

Entretanto, o destaque principal da edição ficava para uma série de declarações de João Havelange, compiladas como legendas de quatro imagens com expressões do mandatário da FIFA, provavelmente captadas durante o momento da entrevista ou, ao menos, emulando as reações durante o diálogo. Com o título de “Quatro vezes Havelange” (Figura 10), a montagem reunia uma série de afirmações contundentes com relação a questões sensíveis,

³¹² MAGALHÃES, 2013.

como as dúvidas da capacidade argentina em cumprir os prazos e exigências estipulados pela federação internacional; os rumores de que havia o desejo em determinados setores do esporte no Brasil em sediar o evento; e os temores da segurança, ainda mais diante dos relatos de atentados recentes – como o que vitimou Actis – ou a investida de grupos classificados como “terroristas”.

Neste último aspecto, a fala de Havelange invocaria o episódio ainda recente dos Jogos Olímpicos de Munique, na Alemanha Ocidental em 1972, quando um comando da organização Setembro Negro invadiu a Vila Olímpica, sequestrou e assassinou 11 membros da delegação de Israel. Dois anos depois, a mesma Alemanha sediou também a Copa do Mundo de futebol. Embora se tratasse de uma situação bastante distinta da Argentina, o chamado Massacre de Munique se deu a partir de tensões entre palestinos e israelenses, portanto, externas ao país sede; enquanto a dúvida com relação à Copa de 1978 se dava no confronto violento com a guerrilha. O caso foi empregado pelo dirigente, na argumentação de que o temor da violência e do terrorismo eram ameaças constantes em qualquer lugar e situação. Não eram exclusividades argentinas e, mais importante, não deveriam ser preocupações do esporte.

As colocações de Havelange também foram repercutidas na revista brasileira *Veja* algum tempo depois. No artigo “A briga pela Copa”, o semanário ainda duvidava da manutenção da competição no país vizinho mesmo com a criação do EAM³¹³. Segundo o semanário, as argumentações do mandatário da FIFA não faziam nada além de “reproduzir afirmações anteriores”, ao passo que destacava que “o coro das críticas a uma eventual incapacidade argentina para organizar o Campeonato Mundial de Futebol tem soado cada vez mais alto, embora de fontes nem sempre detectáveis”³¹⁴. Em consonância com essas argumentações, a revista também repercutia os rumores do Brasil como possível suplente para o certame, sobretudo a partir de declarações do atual presidente da CBD, o almirante Heleno Nunes, a um dos repórteres da revista. Nos trechos reproduzidos pela revista, Nunes não só exaltava a suposta capacidade do Brasil, em concretizar o evento sem maiores esforços em contraponto às dificuldades argentinas, como contestava o posicionamento público de Havelange:

³¹³ No texto, a revista apresentava da seguinte maneira o organismo: “elevada ao nível dos assuntos de interesse nacional, a Copa do Mundo de 1978 tornou-se uma espécie de plataforma política do governo argentino, que chegou a criar um órgão oficial, a EAM’78 (Ente Autárquico Mundial 1978), dirigido por militares das três Armas e responsável pela supervisão de todos os trabalhos relacionados com o Campeonato, desde os assuntos meramente esportivos até problemas complexos envolvendo as comunicações e questões fiscais”. (A briga pela Copa. *Veja*, São Paulo, n. 424, p. 96; 98, out. 1976. p. 98).

³¹⁴ *Ibid.*, p. 96.

Acho difícil a Argentina reunir condições de patrocinar a próxima Copa do Mundo no tempo e segundo as normas impostas pela FIFA. Já o Brasil tem amplas condições de organizar o torneio sem grandes atropelos. Precisamos apenas seis meses para a campanha internacional de divulgação [...]

[...] Havelange é um sujeito muito hábil, um excelente político. Ele, obviamente, não pode sair por aí gritando que o Brasil será o patrocinador da Copa de 1978. Fica esperando os acontecimentos; quando chegar a hora, fará o anúncio oficial. E somos candidatos fortes em qualquer circunstância: temos as condições comerciais, comunicações principalmente, e a estrutura devidamente pronta. Afinal, quem organizou um campeonato nacional com 54 clubes que já conseguiram voar o equivalente a uma viagem à Lua não pode ter medo de uma Copa do Mundo.³¹⁵

Entretanto, na sequência do texto, os assessores do presidente da FIFA negaram veementemente as afirmações de Nunes, inclusive com o argumento de que deslocar a sede em favor do Brasil, não só alteraria as regras do jogo – sobretudo uma série de contratos e parcerias comerciais já firmadas pela entidade esportiva, com o que concordaria a própria revista: “de fato, o Campeonato Mundial de Futebol é, antes de tudo, um investimento altamente rentável” –, como poderia abalar severamente as relações entre os dois países. Diante dessas conjecturas, *Veja* ainda via o destino do mundial como algo aberto e que dependia de uma deliberação final da FIFA, após uma nova visita de uma comissão da entidade ao vizinho platino.

Caso a conservação do torneio no país se efetivasse, a revista não deixava de pontuar as múltiplas dificuldades a serem superadas, para concluir as obras a tempo e atender satisfatoriamente às exigências da FIFA e de seus parceiros comerciais. Para a revista, os obstáculos eram penosos, mas a tarefa de transpassá-los até junho de 1978 não era impraticável. Entretanto, para a revista as maiores preocupações, ao menos para aqueles que se deslocariam para a Argentina, estavam alocadas em torno da conturbada situação política do país, principalmente no enfrentamento violento com a subversão. Diante dos episódios recentes, também lembrados pela edição, a preocupação se voltava para eventuais atentados e explosões. Ou seja, a questão, naquele momento, não girava em torno do governo autoritário ou da ação da ditadura, mas sim sobre a capacidade do governo vigente em suprimir a subversão e garantir a segurança contra atos de terrorismo:

Mais difícil será tranquilizar alguns visitantes – adversários ou turistas –, preocupados não só com a fama dos jogadores e torcedores locais como também quanto à situação política do país. Só este ano a escalada da violência na Argentina provocou 1032 mortes e centenas de milhares de prejuízos. No dia 20 agosto, o general-de-brigada Omar Carlos Actis, então presidente da EAM’78, foi assassinado por terroristas. E, no começo de outubro, as bombas forneciam mais argumentos

³¹⁵ Id.

para os adversários da realização da Copa na Argentina: uma tentativa quase matou o próprio presidente Jorge Rafael Videla no interior do pretensamente inexpugnável Campo de Mayo, uma fortaleza a 40 quilômetros de Buenos Aires.³¹⁶

Além do atentado contra Actis, a revista se lembrava de uma outra ação reivindicada por Montoneros³¹⁷, levada a cabo no dia 2 de outubro, durante uma cerimônia militar no Campo de Mayo, a principal guarnição militar do país em tamanho e importância, que por um pequeno lapso de tempo não atingiu o atual presidente e mais uma série de oficiais de alto gabarito. Um episódio repercutido pela própria *Veja*, em sua edição anterior, relatando o temor com o terrorismo no país vizinho³¹⁸.

A posição apresentada nas páginas de *Veja*, quanto ao temor da segurança, convergia para uma das preocupações iniciais de *El Gráfico* no segmento criado especialmente para o mundial. Ciente da repercussão pública dos atentados e os danos potenciais, que a propagação de uma sensação de temor e insegurança poderiam acarretar à promoção da Copa no país, a revista investiu indiretamente sobre o tema como forma de demover as dúvidas e descaracterizar o problema. Uma das estratégias visíveis nos primeiros números de seu “Diário El Mundial”, consistia em repercutir qualquer declaração favorável ao certame, seja das autoridades locais, como nos exemplos dos representantes do EAM, ou das falas de Havelange e de jornalistas estrangeiros alocados no país ou em eventuais notas na imprensa estrangeira. Esse esforço chegou até ao controverso cronista brasileiro João Saldanha, com a reprodução de alguns elementos de uma de suas colunas para o *Jornal do Brasil*, em setembro daquele ano. Com o título “João Saldanha versus Holanda”, a nota do semanário argentino trazia algumas das críticas de Saldanha à federação Holandesa diante dos rumores, não oficiais, de que a seleção local não concorreria ao mundial caso ele permanecesse na Argentina. No texto, a revista evocava principalmente um dos trechos do texto de Saldanha, em que afirmava o seguinte: “é mais tranquilo tomar um avião em Ezeiza, Buenos Aires, do

³¹⁶ Ibid., p. 98.

³¹⁷ No início de 1977, a primeira edição de Estrella federal, uma produção do *Ejército Montonero*, braço armado do grupo, e uma das diversas produções circulantes entre os militantes da organização, abordava da seguinte maneira o episódio: “nos metimos hasta Campo de Mayo y volamos el palco oficial durante una ceremonia militar, errándole a Videla y su plana mayor por cinco minutos”. (En las madrigueras del enemigo. Estrella Federal, n. 1, maio 1977).

³¹⁸ Por cinco minutos. *Veja*, São Paulo, n. 424, p. 36-38, out. 1976.

Ao longo da reportagem, a revista levantava hipóteses sobre a possível infiltração de pessoas ligadas ao terrorismo entre as forças de segurança e relatava uma crescente sensação de medo e insegurança com os acontecimentos recentes, entre os quais um ataque a bomba na própria Superintendência de Segurança na capital (um dos principais centros do aparato repressivo da ditadura), segundo o semanário, com 27 mortos. Novamente, a revista repercutia a preocupação com o terror, como uma atribuição exclusiva dos grupos tidos como subversivos sem qualquer crítica ou preocupação com ações paramilitares da direita ou do próprio Estado. O olhar crítico, por assim dizer, da publicação se dava em torno da capacidade do governo instituído em sanar essa situação.

que em Amsterdã. Em Amsterdã a gente nunca sabe se vai descer em Paris ou na Líbia”. O recorte estipulado pelo jornal, contudo, ecoa apenas uma impressão parcial do texto de Saldanha como um exemplo de defesa ao vizinho sul-americano, em relação às críticas proferidas à situação do país advindas do exterior. Quando observamos o texto original, notamos uma ênfase na contrariedade ao discurso atribuído aos holandeses, na apreciação do jornalista mais preocupado em levar os benéficos comerciais da competição para a Europa do que com eventuais bombas, e não necessariamente favorável a atual situação política do país sede.

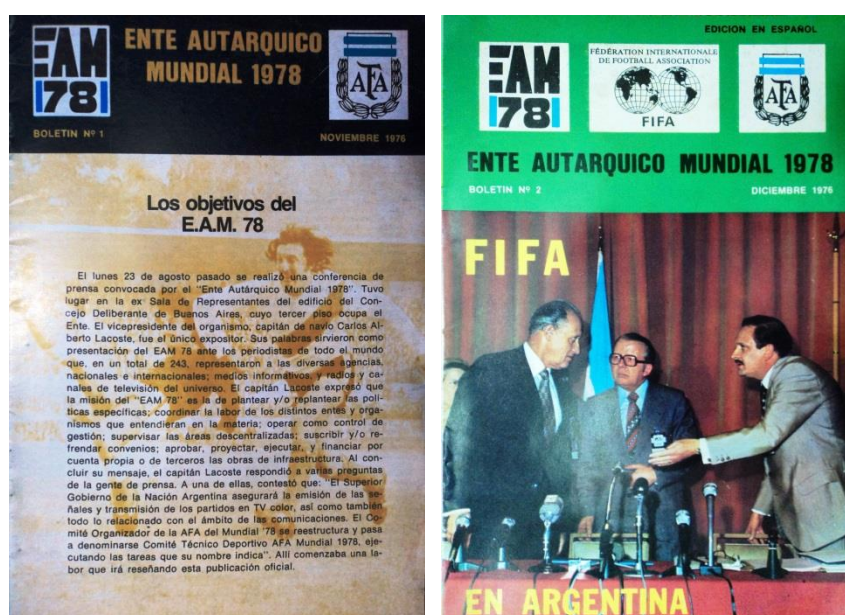
Já disse que ando na rua menos preocupado em Córdoba do que em Londres. Em Londres, a turma do IRA bota umas bombas meio chatas: num supermercado, na porta de uma loja qualquer ou dentro de um automóvel de um inglês que está trabalhando. E, na hora de explodir a bomba, os que a colocaram não estão preocupados com quem vai passando. As vezes até pode ser um grupo de garotinhos que vai visitar um museu, conduzido pela professora. Lá na Espanha, onde a turma da TV e os europeus querem a Copa, o negócio anda mais calmo. Mas uma vez um automóvel foi parar no quinto andar de um edifício, que não era edifício-garagem e tinha só uma escada estreita e um elevador de passageiros. Foi uma bomba que levou o carro e os que estavam dentro ao quinto andar. Mas os holandeses não se importam de jogar nem em Londres nem em Madri. Então o caso é outro. [...] A jogada é político-esportiva. [...] De qualquer modo, a Holanda, já que aceita a eliminatória para os jogos na Argentina, deveria esperar o resultado de seus jogos com a Bélgica, Islândia e Irlanda do Norte. E se eles têm peito para ir a Belfast, não se pode compreender a atitude anti-Argentina. Em Belfast a turma acerta relógio pelas bombas e não pelo Big-Ben.³¹⁹

As passagens da redação de Saldanha não demonstravam antipatia ou reprovação às ações dos grupos guerrilheiros argentinos, implicitamente mais “humanitários” do que as organizações europeias, nem exaltavam o esquema de segurança armado pelos militares. Apenas constatava que o risco de as ações atingirem civis e pessoas ligadas à ditadura era, em sua opinião, comparativamente menor. Não se tratava de questionar ou não a realização da Copa na Argentina sob a ditadura, mas em desqualificar o argumento da segurança atribuído ao país europeu e analisar outros elementos, que poderiam estar por trás dessa postura. De certa maneira, a forma como o discurso de Saldanha foi, rapidamente, abordado em *El Gráfico* pressupunha uma apropriação e um rearranjo narrativo no sentido de conceder um aporte a mais à confecção de uma locução pública. Esta estaria apoiada por diversos agentes internos e externos, que sustentassem uma imagem positiva da Argentina para receber o evento, afastando do universo esportivo o perigo da violência associada ao quadro político mais extenso.

³¹⁹ SALDANHA, J. Futebol e bombas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 set. 1976, p. 40.

As dúvidas sobre o apoio institucional e definitivo da FIFA logo seriam sanadas. Ao menos esta era a impressão que os primeiros boletins oficiais, produzidos pela entidade, buscavam transmitir. O exemplar n. 1, datado de novembro de 1976, trazia como principal destaque a criação do EAM 78, como impulso definitivo do país rumo ao mundial de 1978. Essa ideia estava explícita já na capa (Figura 11), em que figurava o texto “Los objetivos del EAM 78”, que repercutia os principais pontos da apresentação efetuada por Lacoste, na conferência de imprensa realizada em agosto como lançamento definitivo da entidade:

Figura 11 – Boletins n. 1 e n. 2 do EAM’78.



Fonte: *Boletín EAM'78*, n. 1, nov. 1976; *Boletín EAM'78*, n. 2, dez. 1976.

Logo na sequência, em seu interior, a publicação seguia com um artigo de apresentação do general Merlo, novo presidente da entidade, e suas impressões sobre o trabalho do organismo para cumprir as metas de preparação propostas. Segundo a redação, com uma política de franqueza e portas abertas, com o intuito de fornecer todo tipo de informações e esclarecimentos aos membros da imprensa nacional e estrangeira, bem como demonstrar que, em todas as áreas sob a gerência da instituição, a marcha da Copa era um feito visível.

Essa proposta seguiria pelo restante do boletim que, de acordo o relatado no exemplar, era editado em seis idiomas: inglês, francês, alemão, italiano, espanhol e português. Os informes abarcavam as cidades sedes e seus estádios, o sistema de transmissão a cores da Argentina 78 TV e a expectativa sobre o elevado número de espectadores ao vivo ao redor do mundo – de acordo com o texto, um total estimado de “quatro mil millones de ojos”. Também

trazia informações sobre o credenciamento dos representantes da imprensa e um quadro específico, em que apresentava e exaltava a tradição das publicações esportivas no país.

Porém, era o artigo “Hacia las finales de 1978” uma espécie de editorial do boletim, que sintetizava a proposta narrativa da entidade, e da ditadura, para o mundial. Como uma ode ufanista, reproduzimos o texto na íntegra, a fim de demonstrar os sentidos que buscava incutir ao evento: um feito nacional de uma nação específica, projetada sob a liderança de sua máxima representação institucional – o Estado, que buscava saudar a competição internacional como um momento de comunhão e júbilo esportivos:

Argentina, con sus 25 millones de habitantes, se apresta a recibir a los futbolistas clasificados para las finales de la XI Copa del Mundo. Y así como el prefacio de su Carta Magna, proclama el generoso llamado a todos los hombres de buena voluntad que quierán habitar su suelo, el fútbol, su deporte más popular, el Gobierno argentino, sus instituciones representativas, el pueblo que incluye a cuantos dirigen, estudien e trabajan con fe e patriotismo para afianzar su prosperidad y su grandeza aguardan a los mensajeros del futbol para confraternizar y hacerlos partícipes de su grato vivir.

La Asociación del Futbol Argentino aceptó en su oportunidad el cometido por F.I.F.A. para realizar el Mundial de 1978 y desde ese momento comenzó a gestarse la ilusión de todos los aficionados al hermoso deporte, de ver en su tierra un torneo de esta naturaleza. Ahora con la disposición del Superior Gobierno, declarando al torneo de interés nacional y la creación por ley 21349 del ENTE AUTARQUICO MUNDIAL 1978, este anhelo colectivo alcanza un panorama efectivo y realista.

Tal vez nunca un acontecimiento de esta importancia haya despertado tanto interés internacional como el que ha podido advertirse en los últimos tiempos. Argentina, consciente de su responsabilidad, ha trabajado silenciosamente, dentro de una ordenada planificación para responder con sus obras a la creciente expectación mundial. Porque se ha convenido, en primer lugar, que la Copa del Mundo debe ser una fiesta jubilosa, una convocatoria para los mejores futbolistas clasificados en difíciles eliminatorias cuyo premio habrá de ser la visita inolvidable al país de todos los climas, al descubrimiento de un pueblo que ama la paz y la belleza, que desde siempre tiene sus puertas abiertas para el mundo. Argentina se sentirá honrada con con la presencia de cuantos lleguen a sus playas atraídos por la emocionante promesa de las grandes jornadas futbolísticas, pero también será feliz compartiendo su techo y su pan.

Este país joven, que espera a las legiones deportivas esta nutrido con las sangres de todas las razas y conformado con el aporte de viejas y nuevas culturas adelanta su saludo mediante este primer contacto periodístico que habrá de mantener hasta que en el mes de junio de 1978 comience el XI Campeonato Mundial de Fútbol organizado por la F.I.F.A.³²⁰

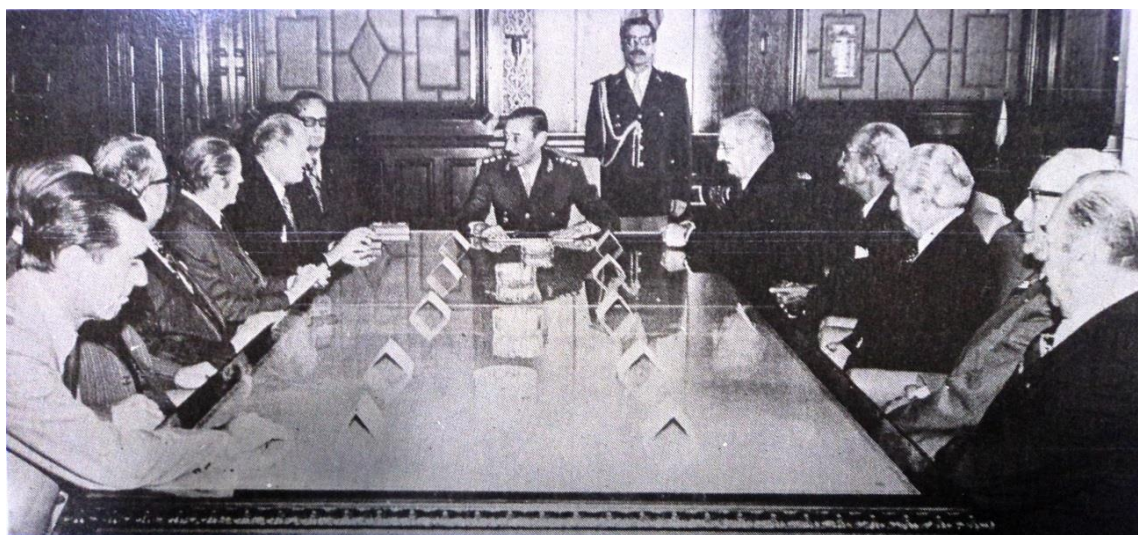
Se no primeiro volume do informativo produzido pelo EAM o objetivo era apresentar o organismo estatal, o mecanismo através do qual o “Superior Governo” assumia o evento para si, seria o segundo volume que assinalaria a anuência definitiva da federação esportiva a cargo do futebol mundial. Os indícios estavam já na capa (Figura 11).

³²⁰ Hacia las finales de 1978. *Boletín EAM*’78, n. 1, nov. 1976. p. 3.

Além de anunciar a “FIFA na Argentina”, na legenda da foto da conferência de imprensa concedida pela entidade em Buenos Aires, na qual também figurava João Havelange, havia um outro detalhe na composição do material que sinalizava a aprovação da entidade gestora do futebol. Tratava-se da logomarca da FIFA, que dali por diante seria um constante nas suas publicações. O exemplar anterior contava apenas com os escudos do EAM, no canto superior esquerdo, e da AFA, à direita.

Internamente, o foco da publicação girava ao redor da passagem dos representantes da FIFA pelo país. Ao longo da reportagem, a revista abordou a vinda dos membros da Comissão Organizadora da Copa do Mundo a cidades sedes, nas quais foram acompanhados de representantes dos consórcios internacionais, que adquiriram os direitos de transmissão universal da Copa do Mundo de 1978³²¹. Também repercutiu os comentários e impressões, amplamente favoráveis, emitidos pelos visitantes. O grande destaque da edição, inclusive com a ênfase de uma página dupla colorida, foi para a coletiva de imprensa concedida pela FIFA. O relato assumia um tom genérico e reproduzia o apoio e satisfação dos mandatários da federação internacional, com o andamento das obras e o novo ritmo da organização.

Figura 12 – Havelange se reúne com Videla.



Fonte: *Boletín EAM* '78, n. 2, dez. 1976. p. 2.

O sentido geral era reforçar o apoio e suporte da entidade. Contudo, foram outros elementos que demonstraram o estreitamento das relações. O primeiro artigo da edição, “Visita al presidente de la nación”, reportava uma breve reunião travada entre Havelange e

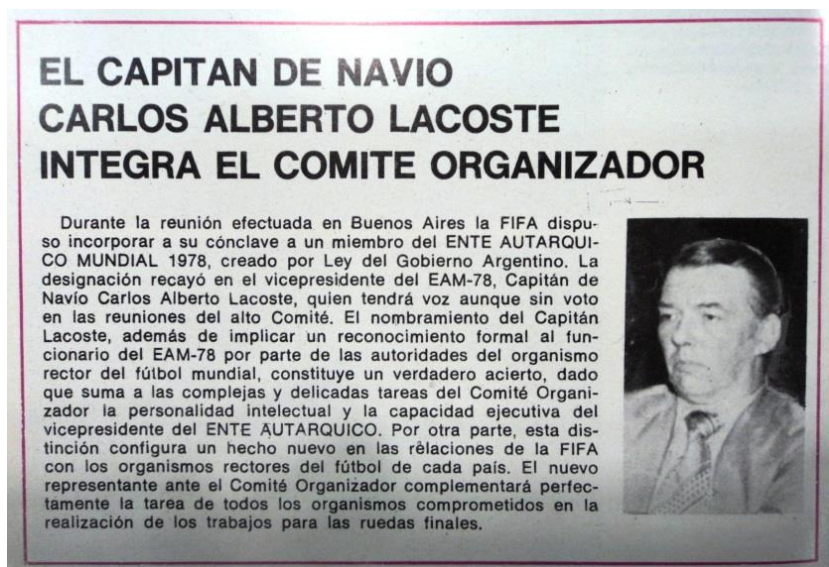
³²¹ Respectivamente formados pela OTI (Organización de la Televisión Iberoamericana), EBU (European Broadcasting Union) e OIRT (Organização de Rádio e Televisão do Leste Europeu).

Videla na Casa Rosada, devidamente acompanhados de outros membros da FIFA, da AFA e do EAM, como o presidente Antonio Merlo. Além de relatar o bom desenrolar do encontro, devidamente ilustrado (Figura 12), a revista retratava algumas das reações e falas do dirigente esportivo ao general:

Havelange quedo visiblemente impresionado por la documentada información del Jefe de Estado acerca de los preparativos y el nivel de los trabajos de infraestructura que se están llevando a cabo. Después de ratificar su reconocimiento por todas las atenciones recibidas, el presidente de la FIFA señaló al mandatario argentino que “existen garantías totales para la realización del Mundial”, enfatizando, además, “que jamás se había dudado de una realidad tan grata y que por otra parte resultaba evidente en todos los casos que el Superior Gobierno apoyaba con amplitud las tareas necesarias”. Finalmente, el expresidente de la FIFA, después de explicar al mandatario argentino las disposiciones de la organización internacional en la fijación de las sedes para las finales de los campeonatos, dijo “que el Mundial de 1978 había sido dispuesto por una asamblea y por lo tanto se llevará a cabo en la Argentina sin ninguna discusión”.³²²

O relato do encontro entre Videla e Havelange, assim como a ênfase às falas do dirigente, tinham o objetivo de assegurar aos leitores, basicamente federações esportivas e jornalistas de diferentes partes do mundo, o suporte da FIFA à Argentina como sede e a satisfação com o atual desenvolvimento das obras, agora sob os cuidados do EAM. Um discurso que se estendia pelo restante da edição. Entretanto, talvez o principal indício do estreitamento das relações entre as duas instituições responsáveis pelo evento fosse o seguinte quadro no meio do Boletim:

Figura 13 – Lacoste no Comitê Organizador do Mundial na FIFA.



Fonte: *Boletín EAM* '78, n. 2, dez. 1976. p. 8.

³²² Visita al Presidente de la Nación. *Boletín EAM* '78, n. 2, dez. 1976. p. 2.

O famigerado capitão de navio passava a integrar oficialmente o Comitê de Organização do Mundial da FIFA, mesmo que sem direito a voto. Considerado como o homem forte do EAM e um dos símbolos da intervenção da ditadura, sobretudo da marinha, no futebol, Lacoste³²³ galgava seu ingresso na principal instituição diretiva da modalidade em nível mundial. Um lugar ao qual se incorporaria e permaneceria por longos anos após a Copa de 1978, onde integrou, por exemplo, o comitê organizador do mundial de 1982, na Espanha, chegando a ocupar a vice-presidência do organismo em uma das incontáveis gestões de Havelange. De certa forma, selava-se a parceria entre a FIFA e a ditadura, por intermédio do EAM e seus representantes, pela realização da Copa de 1978 na Argentina, à revelia de discursos e preocupações político-sociais mais amplas.

Não por acaso, findado o evento, o mandatário recordaria, no prefácio do relatório oficial da FIFA, as relações estabelecidas em 1976 como eixos fundamentais da concretização do evento: a mudança de governo, a criação do EAM e o trabalho de Lacoste. Um reconhecimento público de uma configuração política, já publicamente delineada desde seu início que permeou, desde a irrupção do golpe, a organização do evento. Enfim, desde múltiplos enfoques, a concretização de uma série de decisões políticas publicamente conhecidas.

La Copa Mundial de la FIFA en 1978 en Argentina fue, en mi opinión, uno de los torneos finales mejor organizados. Muchos otros que han tenido el privilegio de vivir los momentos excitantes del Mundial en Argentina y que pudieron comparar la organización con la de otras Copas Mundiales pasadas, comparten esta apreciación conmigo. Muchos han dudado que Argentina no estará en condiciones de organizar un Mundial al alto nivel exigido por una competición mundial tan renombrada. Después de los cambios políticos y económicos por los que atravesó el país, la creación del Ente Autárquico Mundial respaldado por la dura labor del Contraalmirante Carlos Alberto Lacoste, el apoyo recibido de las autoridades argentinas y la excelente cooperación entre el EAM, la AFA y la Comisión Organizadora de la Copa Mundial de la FIFA, bajo la experta dirección de Hermann Neuberger, y las otras comisiones involucra desde la FIFA, hicieron posible una organización casi perfecta de la Copa Mundial 1978.³²⁴

Embora a última partida da Copa tenha acontecido em junho de 1978, o EAM se manteve ativo por longo período depois disso. A previsão inicial era de que o organismo finalizasse suas atividades em agosto daquele ano, com o fechamento de suas contas – superdimensionadas pelas facilidades, outorgadas ao organismo na obtenção desregrada de

³²³ Além de sua participação na direção desses órgãos esportivos, o oficial da armada foi Ministro de Acción Social, nos governos dos tenentes generais Roberto Viola e Leopoldo Galtieri. Também ocupou interinamente a presidência do país por cerca de dez dias, no interstício entre a saída de Viola e a designação de Galtieri para o cargo.

³²⁴ HAVELANGE, J. Prefácio. *Official FIFA-Report World Cup Argentina*. Alemanha, 1980. p. 4.

recursos – e a destinação definitiva dos bens sob seus cuidados. Contudo, diversos decretos prolongaram o funcionamento da entidade e marcaram a morosidade do processo, bem como a continuidade dos gastos com a manutenção do organismo. Desse modo, mesmo com a Copa há muito encerrada, o ente ainda era motivo de gastos públicos relacionados ao mundial.

Ao final de junho de 1979, a Lei 22.022 eximia os clubes River Plate, Velez Sarsfield e Rosário Central de impostos, taxas e tarifas que recaíssem sobre as hipotecas de seus estádios, em virtude das obras erigidas pelo EAM 78 para a Copa. Já a Lei 22.023 regulamentava a transferência dos demais estádios e centros de imprensa às administrações provinciais e municipais correspondentes. Por fim, apenas nos últimos dias de agosto, os decretos n. 2.055 e n. 2.060 davam conta da liquidação das funções do Ente Autárquico Mundial 78 e validavam as transferências de bens realizadas pelo organismo. Pouco mais de um ano após a Argentina sediar a almejada festa futebolística, a ditadura enfim encerrava a estrutura administrativa, que materializara o desejo da realização do certame como um feito político-institucional do *Proceso de Reorganización Nacional*, inaugurado com o golpe de março de 1976.

4 POR QUE (NÃO) DEVEMOS FAZER O MUNDIAL 78? AMOSTRAS DO EMBATE PÚBLICO SOBRE A REALIZAÇÃO DA COPA DO MUNDO NA ARGENTINA

Em *A opinião e as massas*, Gabriel Tarde traz uma importante reflexão sobre a conformação da opinião pública nas sociedades de massa do século XIX. Ao atentar para os mecanismos que permeiam a elaboração de opiniões e de sua proliferação no espaço social, sobretudo por processos de descoberta e imitação, o autor observou o papel preponderante dos órgãos de imprensa e, particularmente, dos jornalistas na articulação dos pensamentos de um determinado público:

Ora, a influência que o publicista exerce sobre seu público, embora muito menos intensa num instante dado, é bem mais poderosa, por sua continuidade, que o impulso breve e passageiro transmitido à multidão por seu condutor; além disso ela é secundada, jamais combatida, pela influência bem menor que os membros de um mesmo público exercem uns sobre os outros, graças à consciência da identidade simultânea de suas ideias ou de suas tendências, de suas convicções ou de suas paixões, cotidianamente atizadas pelo mesmo fole de forja.³²⁵

Tarde salienta que, no cerne do público se desenvolvem *correntes de opinião*³²⁶, em que indivíduos esparsos e, muitas vezes, desconhecidos um dos outros se influenciam mutuamente, sem nunca terem necessariamente se encontrado. Mesmo distanciados, esses sujeitos estão minimamente cientes de que participam com outros de uma mesma vontade e, conseqüentemente, integram um mesmo grupo de opinião. Essa consciência em torno de uma coletividade ultrapassa o publicista: se este exerce um papel de liderança e aglutinação dos sujeitos, é porque também é influenciado por eles, conhece seus posicionamentos, preferências e perspectivas. Por isso, sua força de mobilização reside no “conhecimento instintivo que possuem da psicologia do público”, na habilidade de estar a par de “seus gostos e suas repugnâncias”³²⁷.

Embora Tarde ressalte a atuação dos jornalistas, o autor não deixa de examinar a ação dos públicos sobre seus interlocutores, inclusive com a predisposição com relação a determinadas posturas, ideais e desejos. A partir disso, constata que nem todos os públicos encontram seus representantes na imprensa³²⁸ e, para além disso, espera que aqueles com os quais já estão identificados reproduzam os seus pensamentos de antemão. Assim, se o público está propenso às sugestões de um comunicador em que se reconhece, este último também deve atender às expectativas projetadas sobre ele, sob a pena de enfrentar a rejeição, a

³²⁵ Ibid., p. 17.

³²⁶ Ibid., p. 8.

³²⁷ Ibid., p. 54.

³²⁸ Ibid., p. 94.

cobrança, a raiva e a insatisfação daqueles para quem se dirige. Nesse quadro, o público pode mesmo se voltar contra o publicista, desacreditá-lo e buscar outras referências.

Ao atentarmos para tais colocações, podemos observar como os debates ao redor do futebol, alavancados pela imprensa, podem suscitar e representar diferentes apreciações políticas; bem como estimular distintas formas de sentir e perceber a modalidade esportiva, em um diálogo no qual se fazem presentes às narrativas das emoções e paixões³²⁹ social e historicamente articulados a ela³³⁰.

É justamente sobre uma fração das locuções públicas, eminentemente políticas e conflituosas, a respeito do mundial de 1978, que delimitamos o recorte deste capítulo. No país platino, a preocupação com a organização do torneio, como evento massivo e midiático, com intensa participação do Estado, manteve uma aura de atualidade sobre o assunto, o que não só garantiu sua presença constante entre os veículos de imprensa como mobilizou uma série de debates.

A partir das considerações sobre as relações dinâmicas, tecidas entre os discursos proferidos pela imprensa e a formação de determinados públicos e opiniões, voltamo-nos para algumas discussões e embates prévios a sua realização. Quando não só a capacidade da Argentina em sediar a competição era colocada em dúvida, como também havia um questionamento quanto aos custos sociais, políticos e econômicos em levar adiante um evento desse porte, em um contexto de crise e desconfiança. Discursos que mobilizavam tanto as locuções oficiais, ou afinadas a esta, que buscavam justificar a necessidade de realizar o torneio através da narração mais ampla de seus desdobramentos sociais, políticos e econômicos, quanto aqueles que contestavam esses argumentos ao acusar os interesses particulares que permeavam a manutenção do torneio no país.

4.1 NO MUNDIAL VOCÊ JOGA DE ARGENTINO: UMA AMOSTRA PUBLICITÁRIA DA NARRATIVA OFICIAL

25 millones de argentinos jugaremos el mundial. Esta era uma das frases que estampavam as páginas do semanário esportivo *El Gráfico*, nos primeiros meses de 1978. O *slogan* incorporava um dos muitos anúncios publicitários, veiculados em publicações oficiais e em diversos veículos de imprensa a respeito do XI mundial de futebol da FIFA, que, logo mais, tomaria lugar nos estádios argentinos.

³²⁹ Conforme as ideias delineadas por Ansart (2000) e Prochasson (2005).

³³⁰ RIBEIRO, 2012.

Junto dessa chamada, escrita em caixa alta com letras brancas em contraste com um quadro de fundo negro, um texto acompanhado de algumas ilustrações se estendia por duas páginas, pretendendo justificar a importância do mundial para a população local (Figura 14). A redação do anúncio dividia em vários tópicos os benefícios, que o evento desportivo aportaria ao país. Entre as principais benesses, figuravam o avanço tecnológico nos mecanismos de comunicação; a construção de novos centros desportivos e a remodelação de estádios; a implantação da transmissão televisiva a cores; o fomento de variadas oportunidades de negócios, sobretudo ao comércio exterior; e a grande abertura do país ao turismo internacional.

Figura 14 – 25 millones jugaremos el Mundial.

25 MILLONES DE ARGENTINOS JUGAREMOS EL MUNDIAL.
No volveremos a tener esta oportunidad en 100 años.

Porque el Mundial también es:

Adelanto en nuestras comunicaciones.
La impresionante red de comunicaciones que Eñel viene desarrollando permitirá al país alcanzar un nivel único en uno de los campos vitales de las naciones modernas, por ejemplo: tener nuevas centrales de comunicación urbana para Córdoba, Rosario, Mar del Plata y Capital Federal. También tendremos telemedicina nacional a esas zonas a las que se agrega Mendoza. Y servicios de telex, radiotelefonía internacional y simplificación de instalaciones generales para más y mejores equipos.

Más y mejores centros deportivos.
Usted sabe que se están construyendo nuevos Estadios y ampliando y modernizando otros en las ciudades de Buenos Aires, Mendoza, Córdoba, Rosario y Mar del Plata. Pero no sólo canchas de fútbol. Son verdaderos centros deportivos que están proyectados para seguir desarrollándose aún más y permitir a los argentinos practicar y ver más deporte después del '78, en instalaciones realmente avanzadas.

Nueva era en nuestra televisión.
La televisión argentina quedará equipada a primer nivel internacional, con todos los adelantos tecnológicos incluyendo la T.V. en colores. Una nueva televisión comparable a las más avanzadas del mundo, que significa mayores posibilidades culturales, informativas y artísticas dentro del país y hacia y desde el exterior, con la posibilidad de exportar programación. La televisión es uno de los símbolos de nuestra época y la Argentina tendrá la producción de televisión que nunca debió dejar de tener.

Más negocios con el mundo.
Quiénes vengan al Mundial, quiénes nos vean por televisión, quiénes descubran de cerca a la Argentina, son, además de simpáticos, de vital importancia para el fútbol, hombres de negocios, gobernantes, comerciantes.

industriales y, por supuesto, consumidores. Y además de fútbol van a ver y probar lo que producimos lo que creamos, lo que vendemos, nuestras inmensas posibilidades. Por eso el Mundial es además una excelente oportunidad para fomentar negocios internacionales. Si usted quiere venderle algo al mundo, en el '78 el mundo pasará por la puerta de su casa.

La oportunidad de que nos conozcan mejor.
Si queremos mostrarle al mundo la verdadera Argentina, sin intermediarios "de persona a persona", la ocasión es ésta y es inmejorable. Cuando volveremos a disponer de la atención del mundo entero otra vez? Seguramente pasará mucho tiempo. Por eso tendremos que aprovechar al máximo esta oportunidad. Que el mundo nos conozca en nuestra verdadera dimensión. Que la impresión que se lleven de cada aspecto de nuestra vida sea inmejorable. Lo que demostramos en este Mundial permanecerá en el recuerdo de miles de millones de personas por muchos años.

Nuestra responsabilidad ante el mundo.
Por todo lo que hemos visto el Mundial nos ofrece poder alcanzar logros increíblemente ventajosos para todos. Pero también nos pone en el enorme compromiso que representará ante el mundo. El beneficio es para todos, pero el esfuerzo también debe ser de todos. El país sólo puede ganar el Mundial jugando con el equipo completo. Un equipo de 25 millones de jugadores. Entrélese, porque en ese equipo juega usted, jugador de Argentina.

El Mundial es hoy y usted juega de Argentino.

EAM 78
Compañía de difusión del EAM 78 auspiciada por los Fabricantes Argentinos de Coca-Cola.
Coca-Cola le da más vida... al fútbol.

Fonte: *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3041, jan. 1978.

Expostos alguns dos ganhos ocasionados pelo evento, a propaganda resguardava para o final um discurso de conscientização para a população, conclamando a necessidade de seu envolvimento ativo. Afinal, como reiterava constantemente o próprio discurso da campanha, tratava-se de uma oportunidade única que não voltaria a ocorrer “dentro dos próximos cem anos”³³¹.

³³¹ *Goles*, Buenos Aires, n. 1515, p. 40-41, jan. 1978.

Si queremos mostrarle al mundo la verdadera Argentina, sin intermediarios, “de persona a persona”, la ocasión es ésta y es inmejorable. ¿Cuándo volveremos a tener la atención del mundo entero otra vez? Seguramente pasara mucho tiempo. Por eso tendremos que aprovechar al máximo esta oportunidad. Que el mundo nos conozca en nuestra verdadera dimensión. Que la impresión que se lleven de cada aspecto de nuestra vida sea inmejorable. Lo que demos demos en este mundial permanecerá en el recuerdo de miles de millones de personas por muchos años.³³²

Mais do que propagandear a competição em si ou retratar suas vantagens para o país, percebemos a preocupação em mobilizar a população. Se a Copa significava, em uma interpretação comumente difundida, uma ocasião sem igual para divulgar uma imagem positiva da nação – organizada, coesa e pacífica – em nível mundial, a condição de sede fazia com que a adesão popular se tornasse uma medida fundamental da empreitada. Sob tais condições o sucesso do evento, ao menos parcial e discursivamente, se trasladava a uma responsabilidade paradoxalmente coletiva e individual. Um feito, cujas implicações deveriam ser compreendidas por cada um, mas cujo sucesso residia justamente na incorporação de um traço identitário e participativo comum. É esse intento de congregação, didático e pedagógico, que encerrava o texto publicitário:

Por todo lo que hemos visto el mundial nos ofrece poder alcanzar logros increíblemente ventajosos para todos.
 Pero también nos pone en el enorme compromiso ante el mundo.
 El beneficio es para todos, pero el esfuerzo también debe ser de todos.
 El país solo puede ganar el Mundial jugando con el equipo completo
 Un equipo de 25 millones de jugadores.
 Entréñese, porque en ese equipo juega usted.
 Juega de argentino.
El Mundial es hoy y usted juega de argentino.³³³

O anúncio em questão integrava uma das muitas campanhas realizadas pelo Ente Autárquico Mundial 78. Nesse caso em específico, realizada em parceria com a sucursal argentina de Coca-Cola, uma das principais empresas multinacionais patrocinadoras da competição da FIFA³³⁴. De acordo com uma nota publicada na revista *Somos*, no início de fevereiro³³⁵, a campanha foi delineada a partir de uma reunião entre os representantes da empresa com o capitão Lacoste, a partir de uma ideia apresentada pelo ente e financiada pela companhia, também como uma forma de reforçar os anúncios veiculados no rádio e na televisão. Segundo a revista, foram desenvolvidas dez peças publicitárias distintas, publicadas

³³² Ibid., p. 41.

³³³ Ibid., p. 41.

³³⁴ Por isso mesmo, todos os anúncios eram acompanhados da logomarca da companhia e de seu próprio bordão para o evento “Coca-Cola le da más vida... al fútbol”.

³³⁵ Coca Cola juega al fútbol. *Somos*, Buenos Aires, ano 2, n. 72, p. 49, fev. 1978.

em páginas de diversos diários ao longo do país e nas principais revistas esportivas, bem como centenas de milhares de cartazes, inclusive aqueles fixados nos caminhões da empresa que circulavam por todo o país. Tudo isso a um custo estimado de 600 mil dólares.

Além dessa peça anterior, também localizamos outras produções da mesma campanha, com um formato semelhante, mas com discursos mais específicos e complementares a obra principal. A primeira (Figura 15) se voltava para uma das ações mais caras e questionadas do evento, o sistema de televisão a cores. O *slogan* “la nueva television argentina comienza con el mundial” era complementado com a justificativa “1.500 millones de personas nos conocerán ‘en vivo y en directo’”; enquanto o texto, após salientar todos os avanços do novo sistema, descrevia sua implantação como um importante legado cultural ao país: “el mundial nos dejara un nuevo equipamiento de TV de nivel internacional [...] El mundial’78 es la oportunidad de ampliar las posibilidades educacionales, culturales y económicas de todos los rincones da la república”.

Figura 15 – Campanha EAM e Coca-Cola.

LA NUEVA TELEVISION ARGENTINA COMIENZA CON EL MUNDIAL.
1.500 millones de personas nos conocerán "en vivo y en directo"

El Mundial también es dejar equipado el país con la televisión mas avanzada.

La televisión del Mundial de Fútbol, que será visto por 1.500 millones de personas, requiere la instalación de los más modernos equipos, dotados con los mayores adelantos tecnológicos.

Ese equipamiento de avanzada que funcionará en la Planta que

Argentina 78 TV tiene actualmente en construcción, quedará aquí para el país. Asimismo, después del Mundial y también a través de la nueva infraestructura, los argentinos podremos ver televisión en color.

Y la Argentina estará en óptimas condiciones para su exportación.

Finalmente, la ampliación ya planificada de la red televisiva permitirá que más habitantes gocen del más moderno medio de

comunicación. En conclusión, el Mundial nos dejará un nuevo equipamiento de TV de primer nivel internacional. Una nueva televisión para un país que también contará con una mayor infraestructura hotelera, más y mejores centros deportivos, nuevos caminos, aeropuertos modernizados, etc.

El Mundial 78 es la oportunidad de ampliar las posibilidades educacionales, culturales y económicas de todos los rincones de la República.

En el Mundial usted juega de Argentino.

LO QUE SE HACE PARA EL '78 QUEDA PARA DESPUES DEL '78.

Porque el Mundial también es hotelaria, aeropuertos, red de comunicaciones.

Las obras que se realizan con motivo del Mundial hacen a la infraestructura del país y, por ende, constituyen un adelanto irreversible para el mismo.

Después del '78, la Argentina contará con una industria hotelera más sólida y pujante.

Con más y mejores caminos.

Con cantidad de nuevos accesos.

Con nuevos aeropuertos.

Con una red de comunicaciones y TV en óptimas condiciones de utilización.

Y, por supuesto, con tres nuevos complejos deportivos: Córdoba (capacidad: 53.278 espectadores), Mar del Plata (capacidad: 50.000 espectadores).

Mendoza (capacidad: 50.000 espectadores) y otros tres, amplios y adecuados a la realización de eventos de carácter internacional (River Plate, Vélez Sarsfield y Rosario Central).

El Mundial del '78 es, durante el '78, un Campeonato de Fútbol. Y después del '78, obra que queda para todos los Argentinos.

En el Mundial usted juega de Argentino.

EAM 78
Compañía de difusión del EAM 78 auspiciada por los Fabricantes Argentinos de Coca-Cola.
Coca-Cola le da más vida... al fútbol.

Fonte: *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3048, mar. 1978; *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3050, mar. 1978.

Já o segundo reforçava a compreensão de que as obras e investimentos levados a cabo para o evento, compunham importantes aportes para o país (Figura 15), em uma provável referência aos altos custos aos cofres públicos. Ao afirmar que “Lo que se hace para

el'78 queda para despues del'78" ou que "El Mundial del'78 es durante el'78, un Campeonato de Fútbol. Y después del'78, obra que queda para todos los Argentinos", objetivava-se tanto justificar os gastos quanto sedimentar a visão de que a realização do evento representava um grande impulso ao desenvolvimento estrutural do país – quase como se os desdobramentos positivos fossem melhor percebidos depois de sua realização.

Por último, uma terceira produção reiterava a importância do envolvimento da população e de sua conduta como anfitriã (Figura 16). O texto e as imagens convocavam os espectadores a um comportamento tanto entusiasmado e festivo quanto educado, amável e cortês, sobretudo com o afluxo de pessoas de diferentes partes do mundo. De acordo com o texto, em junho seriam disputados dois campeonatos, o primeiro de futebol e o segundo da educação e da fraternidade, no qual os argentinos deveriam jogar com a cabeça. O discurso não só conclamava a participação dos torcedores nas tribunas, como sugeria a importância de sua participação para a promoção do país, reforçando a leitura de que o êxito do evento era uma responsabilidade coletiva dos argentinos.

Figura 16 – El país también juega en la tribuna.



Fonte: *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3052, abr. 1978.

Como vimos no capítulo anterior, o EAM 78 dava corpo institucional à investida do *Proceso* sobre a Copa do Mundo, como uma atribuição exclusiva do Estado autoritário implantado em março de 1976. As peças publicitárias criadas pelo ente, portanto, veiculavam

não só uma visão oficialista do evento, como reproduziam uma série de ideais, valores, posturas, modos de agir e sentir concebidos como centrais pelo regime.

Retomando a análise do sociólogo argentino Pablo Alabarces³³⁶, o futebol, sob a representatividade da Copa do Mundo, figurava como importante operador cultural de símbolos correlatos à nacionalidade, devidamente empregado na construção narrativa e imaginária da comunidade pátria, pretendida pela ditadura. De certo modo, esse esforço de elaboração discursiva se faz sentir no teor pedagógico e disciplinar da campanha. Didaticamente, os anúncios buscavam expor os benefícios resultantes do mundial, assim como ressaltar a urgência da participação de todos para revelar ao mundo a “verdadeira Argentina”; ou, mais especificamente, a imagem de nação pretendida por seus locutores. Porém, é imperativo ressaltar que, mesmo com um impacto predominante e massivo, a narração proposta pela ditadura sobre o campeonato não foi a única possível.

Ao evocar a necessidade de mostrar o país “sin intermediarios”, a própria campanha perpetrada pelo EAM indicava a existência de vozes dissonantes. Ao assumirmos a locução oficial como caminho exclusivo de interpretação, não só silenciemos os sujeitos que destoavam desta perspectiva, como os alijamos do espaço de debate e apartamos o esporte do lugar de disputa política, reduzindo-o a um simples mecanismo de manipulação das massas. Esta leitura não só retoma uma lógica frankfurtiana, para a qual buscamos uma alternativa, como corre o risco de passivar a sociedade, de maneira a simplesmente isentá-la da reflexão política, ou mesmo vitimá-la ante a ação do regime – como se este também não encontrasse áreas de suporte nessa mesma sociedade.

Do ponto de vista organizacional, o campeonato da Argentina não pode ser desvinculado do *Proceso de Reorganización Nacional*. Reconhecer isso, entretanto, não significa submeter o futebol à simples instrumentalização política, alienante e acrítica, da ditadura militar argentina. Embora não possamos negar a proposta de aproximação popular, de construção narrativa de um imaginário nacional – cujos ecos se fazem devidamente presentes nos exemplos da campanha publicitária –, nem a tentativa de projeção de uma determinada imagem do país para o exterior, há um elemento que não pode ser ignorado e que adiciona, ainda mais, complexidade a esta conjuntura: a aproximação entre a ditadura e o mundial sempre esteve, de alguma forma, explícita.

Nesses termos, a associação entre Estado e futebol não se dava de forma tangencial, mas de maneira direta e de conhecimento público, inclusive no tocante às suas motivações.

³³⁶ ALABARCES, 2002.

Mesmo em se tratando de um governo notoriamente autoritário e repressor, a população estava ciente da associação entre a organização da Copa e o *Proceso* – ainda que não tivesse a mesma percepção da extensão do aparato e da violência repressiva, como sequestro, morte e aprisionamento clandestino de milhares de pessoas. Os sujeitos e veículos de comunicação com voz pública também estavam a par dessa relação. Dessa maneira, as reflexões e abordagens que conduziram sobre o evento flertavam de algum modo com uma reflexão política. Entretanto, o posicionamento favorável ou contrário ao evento não pode ser reduzido à adesão ou oposição automática à ditadura, ainda mais em um contexto, no qual o futebol se apresentava como importante traço cultural, com ampla mobilização afetiva e significação junto à população. Ou, por outro lado, como o mundial, um produto comercial e massivo, se inseria em um quadro de crise política e econômica, que precedia o golpe e se viu reconfigurada depois dele. Não raramente, os posicionamentos e discursos proferidos foram bastante distintos. O futebol se tornava, simultaneamente, uma linguagem comum e um espaço de debates de diferentes questões, sob argumentações e lógicas discursivas diversas. São sobre algumas destas múltiplas apreciações sobre o evento e suas relações políticas é que tratamos a seguir.

4.2 UM PRECEDENTE IMPORTANTE: O DEBATE MUÑOZ X PANZERI

Antes mesmo da eclosão do golpe, o debate quanto ao mundial era latente em diferentes veículos de comunicação. Cabe lembrar que, como evento esportivo, a Copa do Mundo não se inicia em 1976, mas surge como uma obrigação prévia, não só da AFA mas também dos poderes públicos ligados a sua realização. Tal qual afirmam Gilbert e Vitagliano³³⁷, a confirmação do país platino como sede pela FIFA ocorreu ainda em 1966, praticamente uma década antes da implantação da ditadura *procesista*. Nesse interstício, o país verificou a deterioração de sua economia, assim como múltiplas mudanças no comando institucional do país. Ainda assim, as administrações de Lanusse e de Isabelita, reafirmaram o compromisso de viabilizar a competição.

Enquanto um acontecimento que se desenhava como uma realização nacional, com ampla participação institucional do Estado e financiamento público para sua efetivação, a Copa do Mundo de 1978 não tinha como se manter incólume, diante do complicado contexto

³³⁷ GILBERT; VITAGLIANO, 1998.

em que se inseria. Ao final de 1975, as obras previstas para o mundial, tanto do ponto de vista desportivo, com a construção e remodelação dos estádios, como no âmbito da infraestrutura exigida, com reformas nas cidades sedes, ampliação dos meios de transporte e das redes de telecomunicação, pouco haviam progredido até o momento. A menos de três anos para o início da competição, a lentidão das obras e o panorama de crise colocavam em dúvida não apenas as possibilidades de o país levar o evento adiante, mas pressionavam as autoridades a lidar publicamente com o ônus – político, social e econômico – de tomar uma decisão favorável ou não à continuidade do projeto.

A discussão da relação custo/benefício esteve presente e se tornou visível, justamente pela exposição do mundial nos diferentes veículos de imprensa, que tanto tornavam públicas as situações que permeavam a preparação do evento, como fomentavam diferentes opiniões junto à população. Tal como visualizamos nas ideias lançadas por Tarde, foram alguns dos personagens com exposição midiática os responsáveis por canalizar as diferentes opiniões e divulgá-las junto à população. Em outros termos, foram eles que incentivaram o debate público e mantiveram a atualidade do tema, impedindo que os problemas fossem soterrados ou esquecidos; ao mesmo tempo em que formavam e aglutinavam um determinado público em torno de suas posições.

Nesse sentido, dois atores em particular ganharam notoriedade, como vozes opostas na defesa do mundial de 1978 ou em sua condenação. De um lado, José Maria Muñoz, um dos locutores mais conhecidos e populares de Argentina; do outro, Dante Panzeri, jornalista esportivo dos mais prestigiados de seu tempo. Embora estivessem longe de ser estranhos um ao outro, Muñoz e Panzeri não se cruzavam frequentemente, da mesma maneira que seus discursos.

De modo geral, comunicavam para públicos diferentes, com um embate que se desenhava antes como uma contenda indireta, permeada pela declaração pública de suas posições. O primeiro, principal relator da *Radio Rivadavia*³³⁸, estava muito mais familiarizado à fala direta com o público, fosse durante as partidas que narrava ou nos programas esportivos do qual tomava parte. Já o segundo, embora também integrasse outros meios, como o rádio e a televisão, tornou-se notório pela produção em variados veículos da imprensa escrita, a

³³⁸ Uma das principais emissoras radiofônicas da Argentina, onde fez carreira e se tornou diretor. Durante sua passagem pela emissora, ganhou o apelido de “El Gordo Muñoz”, ou simplesmente “El Gordo”. Comandou o principal programa esportivo da rede “La oral deportiva” e se consolidou como modelo de narração esportiva, sobretudo no relato das partidas de futebol, com um estilo que se tornou referência entre as gerações seguintes de locutores. Também foi diretor de esportes na rede pública de televisão Canal 7, entre 1970-1973, antes do retorno peronista, além de liderar outros programas esportivos na emissora ao final da década de 1970.

exemplo de sua longa passagem pelo semanário *El Gráfico*, pelos jornais *La Opinión* e *La Prensa*³³⁹.

Muñoz incorporava o apoio intransigente ao mundial, defendia o evento em vista do forte apreço popular do futebol e se mantinha à margem de análises políticas mais profundas. Ao se afastar de um posicionamento mais contundente a esse respeito, favorecia uma vinculação com a gestão de momento, inclusive com uma clara convergência com os discursos posteriores proferidos pelos militares. Não se trata de julgar suas preferências ideológicas e partidárias em si, mas de constatar que sua postura com relação ao esporte, particularmente o futebol e a Copa do Mundo, tendia para uma tentativa de despolitização; isto é, um descolamento de suas articulações políticas e sociais mais nítidas, como a sua ligação institucional com o Estado e o uso do dinheiro público para a produção do evento.

Já Panzeri, por outro lado, assumia o posto de voz dissonante. Em sua longa trajetória como jornalista esportivo, sedimentou uma postura crítica, não só com relação ao futebol, mas, sobretudo, contra as diversas formas de ingerência sobre os esportes na Argentina. Assim, opôs-se a diversos dirigentes de federações e de clubes, atletas e ex-altetas, técnicos, governantes e outros jornalistas que nutriam relações de poder por meio do esporte e se beneficiavam delas. Panzeri não se eximia do confronto, tampouco de sustentar seus ideais para além do esporte em si – elementos que permeavam suas produções nos veículos por onde passou. Nesse quadro, destacou-se como um dos mais ferrenhos detratores da Copa do Mundo na Argentina, a partir dos órgãos de imprensa³⁴⁰.

Como dissemos anteriormente, suas posturas eram amplamente conhecidas, mas foram escassas as circunstâncias em que ambas estiveram postadas defronte. Por isso, um fragmento singular desse choque merece nossa atenção: a edição n. 20 de *Chaupinela*, de novembro de 1975. Nesse exemplar, a revista condensava o posicionamento de ambos os comunicadores ao emular o confronto de suas opiniões por meio de dois artigos, cada um sob responsabilidade de um dos contendores. O primeiro, titulado “Por que debe hacerse el mundial de fútbol en la Argentina”, foi assinado por Muñoz, enquanto o segundo, “Lo que no se dice sobre el mundial del’78”, ficou a cargo de Panzeri.

O perfil da publicação pode ser alocado como o de uma revista satírica e de humor gráfico, tanto de cunho político quanto cultural, incluído aí também o esporte. Uma produção liderada por Andrés Cascioli, que já havia passado pela célebre *Satiricón*, uma das

³³⁹ BAUSO, M. El hombre que se movía entero. In: PANZERI, D. *Dirigentes, decencia y wines*. Buenos Aires: Sudamericana, 2013.

³⁴⁰ FERREIRA, Fernando. *Hechos pelota: el periodismo deportivo durante la dictadura militar 1976-1983*. Buenos Aires: Ediciones Al Arco, 2008.

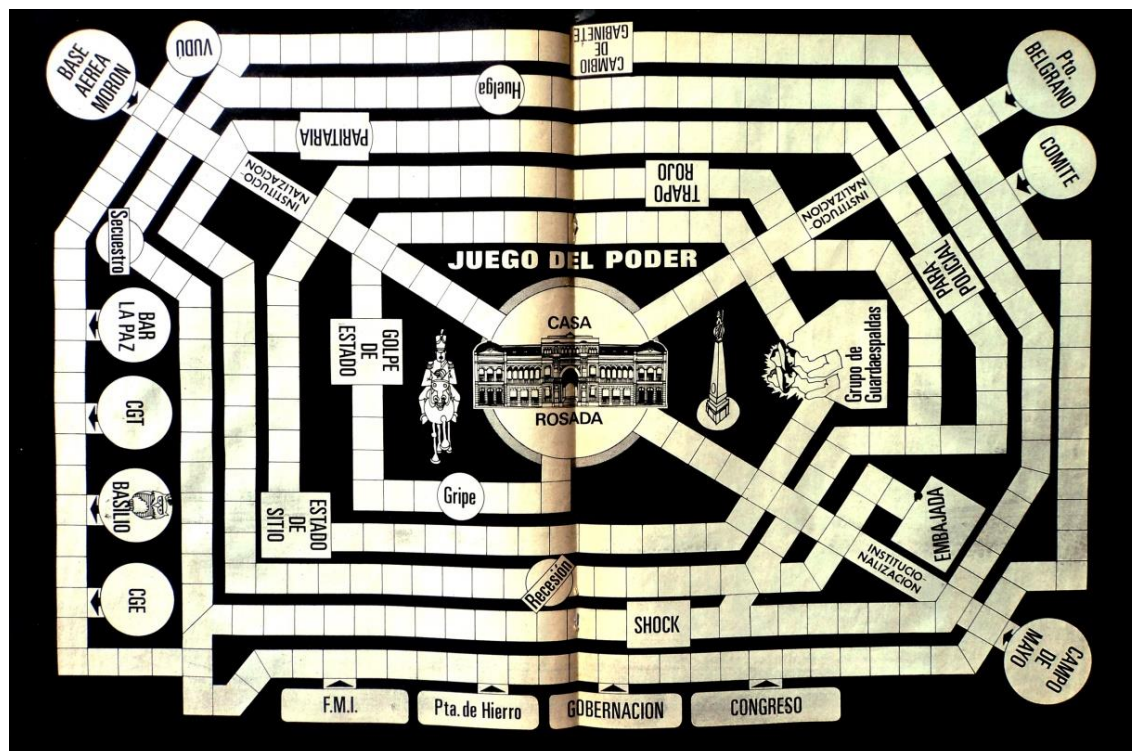
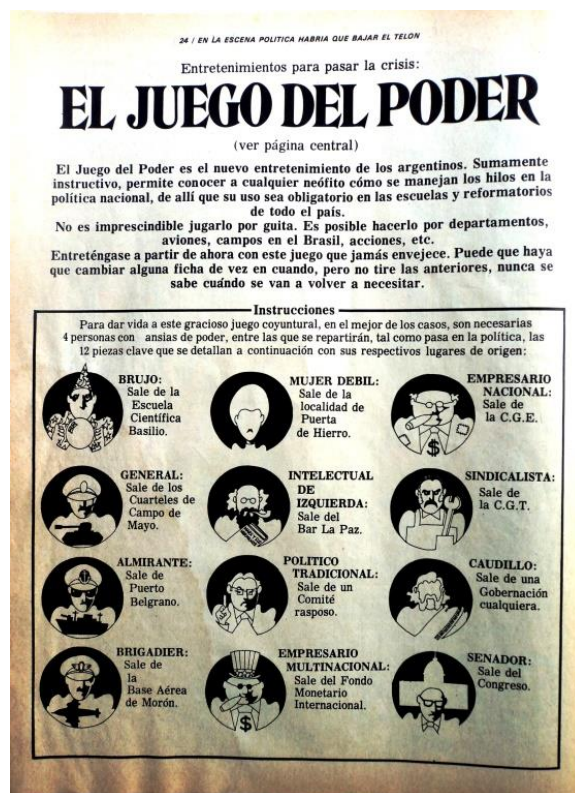
publicações mais exitosas do gênero, e, mais tarde, seria um dos principais responsável por *Hum*®, sucesso editorial na passagem dos anos 1970 para 1980 durante a ditadura. A publicação, entretanto, teria vida curta e seria fechada pela administração de Isabel, tanto pela postura crítica quanto pelas provocações ao governo e seus principais representantes³⁴¹. O vigésimo exemplar foi também o último de *Chaupinela*.³⁴²

Panzeri integrava o time de colaboradores regulares do semanário. A partir das páginas que dispunha no humorístico, o jornalista expôs suas impressões sobre a vontade argentina de sediar a competição, salientando a falta de condições políticas e econômicas para sua realização. Também expressou sua discordância com a direção da AFA – Asociación del Fútbol Argentino –, o processo de preparação do esporte nacional e seu comandante técnico, César Luís Menotti³⁴³. Ou seja, no embate com Muñoz, *Chaupinela* figurava como seu veículo de locução por excelência. Não por acaso, a publicação manifestava, de diversas maneiras, o apoio ou ao menos uma concordância com as suas proposições. Nos créditos de cada artigo, por exemplo, *Chaupinela* subentendia que locutor “gritava” sua opinião e o descrevia como “o narrador da América do Sul”, enquanto Panzeri “falava” e era tido como “a voz da consciência”. Se a voz de Panzeri não era necessariamente a de *Chaupinela*, não podemos negar a inclinação do periódico em cultivar um posicionamento comum ao de seu.

³⁴¹ Um dos grandes exemplos da postura crítica do semanário pode ser observado alguns exemplares antes. A edição n. 18, levada às bancas em setembro, trazia uma série de artigos e charges denunciando a grave crise institucional e social do país. Um dos mais curiosos e criativos, referenciado já na capa ao lado de uma charge da presidente, era a proposta de um jogo de tabuleiro, “El juego del poder” (Figura 17), cujo objetivo consistia em chegar a casa rosada e tomar o controle político do país. Entre os avatares que os jogadores poderiam encarnar, estavam as forças armadas, os representantes do governo, as lideranças sindicais, empresários nacionais e estrangeiros, além de militantes de esquerda. O jogo não só tematizava as disputas que vigoravam no momento, como prenunciava o perigo iminente de um golpe de Estado, sobretudo a partir das forças armadas, único personagem que, segundo as regras, poderia tomar determinados atalhos e não poderia ser obstruído por um personagem civil.

³⁴² ULANOVSKY, C. *Paran las rotativas (1970-2000)*. Buenos Aires: Emecé, 2011. p. 65.

³⁴³ PANZERI, D. Menotti, sacate el antifaz, te quiero conocer. *Chaupinela*, Buenos Aires, n. 18, p. 10-12, set. 1975.

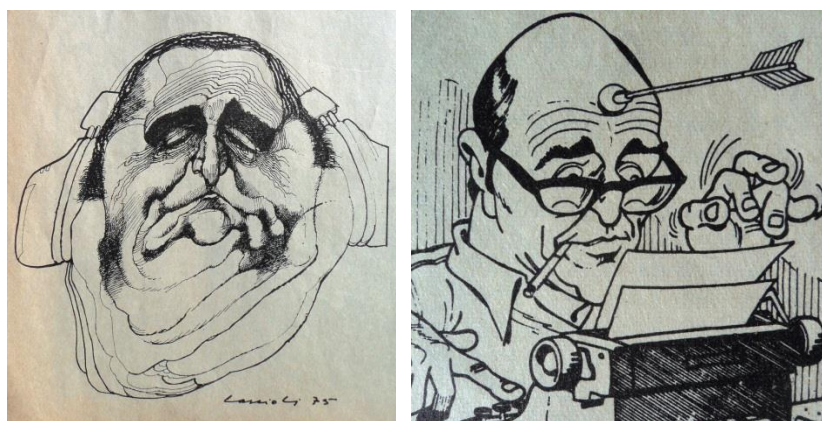
Figura 17 – El Juego del Poder em *Chaupinela* n. 18.

Fonte: El juego del poder. *Chaupinela*, n. 18, p. 24-27, set. 1975.

Os cartuns que acompanhavam os artigos, uma das características centrais à publicação focada também no humor gráfico, indicavam uma maior afinidade com os comentários ácidos de Panzeri. Além das caricaturas dos autores que acompanhavam ambos

os artigos, a de Munõz assinada pelo próprio Cascioli (Figura 18), com uma função mais satírico-ilustrativa dos personagens, haviam duas charges que ecoavam algumas das críticas ao evento. A primeira (Figura 19) ironizava o discurso comum dos esportes, como um dos pilares da formação do homem nacional. Imaginava o diálogo entre um representante estatal e um jornalista, em que o entrevistado declarava a importância dos campeonatos infantis e citava uma das máximas atribuídas a Perón – “esporte é saúde” para justificar o investimento do país neste. O tom cômico e crítico se dava no contraste com as crianças que compunham o quadro, literalmente consumindo os aparatos esportivos.

Figura 18 – Caricaturas de Munoz e Panzeri em *Chaupinela* n. 20.



Fonte: *Chaupinela*, n. 20, nov. 1975. p. 6-7.

Figura 19 – ¡Deporte es salud!



Fonte: *Chaupinela*, n. 20, nov. 1975. p. 8.

Já o segundo cartum (Figura 20), do mesmo autor, abordava um dos pontos mais problemáticos na realização do evento: a implantação da transmissão televisiva a cores. Com

o mesmo tom da charge anterior, o humor residia na contrariedade entre as falas do representante argentino ao mandatário da FIFA, nomeadamente Havelange, e a maneira como o tema reportado na fala era tratado graficamente.

Figura 20 – TV Color.



Fonte: *Chaupinela*, n. 20, nov. 1975. p. 9.

Diante da postura crítica geral com relação à Copa, a proposta do semanário em abrir espaço em suas páginas para fazer esse contraponto poderia soar um pouco surpreendente, afinal, ela cedia lugar para apresentação de ideias que contrariavam seu posicionamento. Porém, ao expor o confronto, o periódico chamava atenção para a temática, alimentava o interesse público e favorecia a fala dos seus articuladores, já que eles não só possuíam alguém com quem dialogar, mas também com quem contrastar suas opiniões e erigir sua argumentação. Nesse sentido, é interessante notar como o texto de Panzeri, ou ao menos algumas de suas passagens, fincaria raízes junto aos estudiosos do período. Algumas de suas falas seriam recorrentemente lembradas³⁴⁴, como afirmações paradigmáticas entre os opositores do mundial; ao passo que o texto de Muñoz, imediatamente anterior ao seu, acabaria legado ao esquecimento, ao menos entre aqueles que buscavam problematizar a análise do evento. Fernando Ferreira, por exemplo, ao tratar da relação do jornalismo esportivo do período com o mundial, resgatava a passagem mais célebre desse texto de Panzeri, na qual comparava as possibilidades de a Argentina realizar o evento com as

³⁴⁴ GILBERT; VITAGLIANO, 1998.

FERREIRA, Fernando. *Hechos pelota: el periodismo deportivo durante la dictadura militar 1976-1983*. Buenos Aires: Ediciones Al Arco, 2008.

GOTTA, Ricardo. *Fuimos Campeones: la dictadura, el Mundial 78 y el misterio del 6 a 0 a Perú*. Buenos Aires: Edhasa, 2008.

possibilidades de um indivíduo abastecer um carro de luxo sem ao menos ter condições de adquirir um modelo popular. Ferreira, com nítida admiração, também elogiou a figura de Panzeri, sua carreira crítica e austera no jornalismo, além de assinalar alguns de seus traços políticos e ideológicos:

Dante Panzeri le contestaria en noviembre desde las páginas de la revista *Chaupinela*. “El Mundial no se debiera realizar por las mismas razones que un tipo que no tiene quita para ponerle nafta a un Ford T no debe comprarse un Torino. Si lo hace, es porque alguien le está robando”. Panzeri parecía un tipo inabordable. Una suerte de encarnación moderna delos asambleístas de 1789 en París. Honesto, digno, liberal, sensible, Quijote en un medio que lo margino. Respetado vocero de las causas perdidas. [...] Fue un tipo tan honesto que causaba asombro al margen de su condición de liberal, anticomunista y “gorila”, no expresando eso como un juicio de valor, sino como un dato de la realidad.³⁴⁵

Antes de abrir espaço para os artigos elaborados por cada comunicador, a revista trouxe um breve parágrafo introdutório, sob a pena de Cascioli, no qual discorreu, em um tom bem-humorado, sobre a pertinência da discussão e necessidade de informar a população sobre o tema. Em outras palavras, estimular o questionamento público da questão e conceder subsídios para a formação de uma opinião.

Los argentinos ya no sabemos como si es más importante Yaciretá-Apipé, Salto Grande, El Chocón o el Mundial del’78. Si tenemos que seguir mandando a nuestros hijos al colegio y atendiendo a nuestros enfermos o donar el dinero que necesitan los chicos y los enfermos para que se haga el Mundial del’78. Los argentinos deberíamos decidir. Los argentinos oficinistas, profesionales, amas de casa o buscadores angustiados de trabajo, tendríamos que estar mejor y más objetivamente informados acerca de este asunto. Por eso decidimos interrogar, individualmente, a Dante Panzeri ya José María Muñoz – es decir, al Llanero Solitario y al Sargento García – para que argumenten sus razones sobre la organización del Mundial del ’78. Además de lo que dicen a continuación, comprobamos que José María Muñoz es más gordo y gritón de lo que pensábamos y que Dante Panzeri sigue sin tener pelos en la lengua... ni en ninguna otra parte. ¡Adelante, Sabatarelli!...³⁴⁶

Neste trecho de abertura, o periódico atenta para o evento não apenas como objeto de interesse público, um assunto sobre o qual os argentinos deveriam se informar e estar a par, mas como uma preocupação pública, ou seja, sobre a qual a população deveria ter condições de deliberar e decidir, pois impactaria diretamente em sua atual condição política e social. Além disso, a aversão a Muñoz – “gordo”, “gritón”, caricato como o Sargento García – e o elogio velado a Panzeri – o Cavaleiro Solitário cuja coragem se reflete na falta de travas na língua – também estão presentes. Antes dos respectivos artigos, já temos de antemão uma

³⁴⁵ FERREIRA, Fernando. *Hechos pelota: el periodismo deportivo durante la dictadura militar 1976-1983*. Buenos Aires: Ediciones Al Arco, 2008. p. 18-19.

³⁴⁶ *Chaupinela*, Buenos Aires, n. 20, p. 6, nov. 1975.

indicação de para qual lado se inclinaria a publicação, quanto à realização da Copa no contexto em que o país se achava. Novamente, podemos constatar a alusão aos problemas imediatos do país, como a decadência econômica que se arrastava há alguns anos e a falta de emprego.

Na sequência da apresentação de Cascioli, estava o artigo de Muñoz, “Por que debe hacerse el mundial de fútbol en la Argentina”. O radialista organizou o seu texto em diferentes momentos. Primeiro, um trecho introdutório onde apresentava sua compreensão da importância de organizar um evento esportivo desse porte no país. Depois disso, dividiu o texto em pequenas partes, cada uma delas elencando um dos elementos que, se explorados de forma adequada, balizariam economicamente a organização do torneio. Os aspectos enumerados consistiam na venda de ingressos, na comercialização dos direitos de transmissão radiofônica e televisiva, na negociação dos anúncios publicitários nos estádios e no amplo afluxo turístico.

Tais fatores, contudo, não consistiam nos motivos centrais que justificavam a realização do evento, mas sim seus desdobramentos possíveis, o que, na visão de Muñoz, não só cobririam os custos como trariam retorno econômico e publicitário ao país. Para o radialista, o principal motivo para a realização do certame repousava na possibilidade de exposição da imagem do país globalmente, uma oportunidade única de revelar suas qualidades para milhões de pessoas ao redor do mundo. A redação emulava uma fala entusiasmada e apaixonada, por vezes superlativa, muito próxima da postura narrativa que permeava a locução do futebol como fenômeno de vasto apreço popular:

En primer lugar el Campeonato Mundial de 1978 es el hecho más importante en materia de difusión del país, que se puede producir en este siglo veinte para la República Argentina. Es sólo comparable al hecho de que mandemos un satélite tripulado a la Luna o el Sol... como eso no va a ocurrir, hasta este momento no hay un hecho más importante en materia de difusión que la Copa del Mundo. La Copa Mundial va a ser vista por más de MIL CIEN MILLONES DE SERES HUMANOS.[...]

La Copa del Mundo no es un partido de futbol solamente, sino que significa el conocimiento total de las costumbres de un país como el nuestro, que tiene cuatro climas, una cantidad enorme de lugares hermosos para la práctica y desarrollo del turismo y la calidad de las manufacturas que produce. En una palabra: venderemos a imagen del país a través de un partido de futbol.³⁴⁷

É interessante notar que a argumentação do radialista apresenta uma arguição comum ao discurso apresentado posteriormente pelo Estado pós-golpe, em que a divulgação de uma

³⁴⁷ MUÑOZ, J. M. Por que debe hacerse el Mundial de Fútbol em la Argentina. *Chaupinela*, Buenos Aires, n. 20, p. 6-7, nov. 1975. p. 6.

imagem proclamada como real e verdadeira da Argentina demoveria as desconfianças quanto à crise econômica e política, além de demonstrar a capacidade de produção e organização nacionais sob o comando das forças armadas.

Paralelamente, as considerações tecidas pelo locutor destacam um aspecto fundamental para compreensão do apelo político da competição futebolística: sua dimensão como um produto da cultura de massas, eminentemente midiática e espetacularizada, destinada a milhões de pessoas. Nesse momento, o crescimento da televisão ampliava o escopo do público, tanto que a introdução do sistema de transmissão a cores passava a ser uma das principais exigências da FIFA³⁴⁸. A Copa do Mundo já não poderia mais ser encarada apenas como um acontecimento voltado aos amantes do esporte e torcedores aficionados. Ao invés disso, convertia-se em um produto globalizado, cujas imagens construídas se viam potencializadas pela representatividade nacional, associada à competição e ao alargamento dos mecanismos de difusão. Assim, reconhecer a potencialidade narrativa do evento e capitalizá-la se transformava em um embate político fundamental, especialmente para os atores a cargo do país sede. Nas palavras do próprio autor, tratava-se de vender a imagem do país por meio de uma partida de futebol ou, mais especificamente, a imagem mais conveniente aos interesses regentes no momento.

Contudo, mesmo com a percepção da dimensão massiva da Copa, Muñoz parece se afastar de um posicionamento mais contundente, quanto à relação entre a gestão política do país e o evento em questão. Exemplo disso é a parte final de seu texto, na qual se resigna a uma posição externa, de forma a avalizar a decisão dos governantes e confiar em sua capacidade para resolver as dificuldades nacionais.

Mi deseo es que el Mundial'78 se haga en Argentina. Si no, sería una gran frustración. Yo seguiré viviendo igual, pero pienso en el pueblo que se ha formado una gran ilusión. Pero también vivo la realidad del país. Si no se puede organizar de ninguna manera, tampoco creo que haya que hipotecar el país por la Copa del Mundo. Yo confío en el país, confío en la gente que gobierna para solucionar la crisis que estamos viviendo y confío en que el nuestro es un país de gran recuperación. [...]

Yo no sé si ganaremos el Mundial, pero haciendo una buena organización pienso que el que gana es el país, aunque no se gane jugando al fútbol en la cancha.³⁴⁹

³⁴⁸ A transmissão a cores foi uma das exigências mais veementes para a manutenção do certame no país. Após a instituição da ditadura, em março de 1976, e a definição de assumir o evento sob as suas rédeas, foi criada a Argentina 78 TV Color – depois ATC –, responsável pela geração e transmissão das imagens a cores, além da implementação da infraestrutura de necessária através da ENTel – Empresa Nacional de Telecomunicaciones. Contudo, para o mundial apenas a transmissão a cores para o exterior estava disponível, o serviço só foi disponibilizado para o interior do país no início dos anos 1980. (GILBERT, Abel; VITAGLIANO, Miguel. *El terror y la gloria: la vida, el fútbol y la política en la Argentina del Mundial 78*. Buenos Aires: Norma, 1998).

³⁴⁹ MUÑOZ, J. M. Por que debe hacerse el Mundial de Fútbol en la Argentina. *Chaupinela*, Buenos Aires, n. 20, p. 6-7, nov. 1975. p. 7.

Ainda que o posicionamento de Muñoz precedesse a introdução da ditadura, sua defesa ao campeonato apoiava-se em argumentos muito similares aos empregados posteriormente pelo *Proceso* em seu discurso. Nos anos seguintes, sua postura pouco se alterou, a não ser pela fé que depositava a “la gente que gobierna”, a qual se trasladou facilmente aos representantes da junta militar.

Curiosamente, o discurso adotado pelo locutor sem intermediários, falando diretamente ao público, se aproximava de uma relativa despolitização do esporte, na medida em que buscava desvincular a realização do evento da atual conjuntura política e econômica do país. Visualizando o evento como um feito nacional e popular quase independente da gestão política/institucional vigente e suas afiliações ideológicas. Sem dúvida, uma leitura paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que reconhecia a potencialidade do mundial como mecanismo de divulgação nacional, de apelo massivo e popular, Muñoz tentava afastá-lo dos debates políticos urgentes que circundavam a concretização da competição.

Ainda que o quadro político-institucional estivesse marcado pela instabilidade do governo de Isabel Perón, pelo combate à guerrilha, o temor quanto aos grupos paramilitares, o amplo descontentamento de variados segmentos sociais, as preocupações quanto aos destinos do país e a irrupção de um novo golpe militar não passavam apenas de possíveis conjecturas. Portanto, mesmo antes da eclosão da ditadura, implantada em março de 1976, o radialista, desde uma perspectiva liberal, já se destacava como uma das principais vozes na defesa da Copa, quase que independentemente dos atores que estivessem a cargo da gestão nacional.

Em oposição ao locutor da *Radio Rivadavia*, Dante Panzeri focalizou o debate justamente nos laços políticos e econômicos que circundavam o mundial. Em “Lo que no se habla del mundial”, não só desconstruía boa parte da argumentação lançada por Muñoz, tal qual a venda de entradas, a construção dos estádios e o fluxo de turistas, como criticaria veementemente a realização do campeonato na Argentina, diante da conjuntura de crise verificada ao longo dos últimos anos.

El Mundial’78 no se debiera realizar en la Argentina por las mismas razones que un tipo que no tiene quita para ponerle nafta a un Ford T no debe comprarse un Torino. Si lo hace, **es porque alguien le está robando**. Los argentinos nos hemos acostumbrado a vivir **afanándonos** unos a los otros. De mil maneras. Con precios subvencionados y empleos públicos para todos [...].

El **Mundial de Fútbol** es una variante de aquel acostumbramiento. Es un acto de robo a nosotros mismos. Consentido por la institucionalización del **afano** entre nosotros mismos.³⁵⁰

Na percepção do jornalista, para além do endividamento com notório prejuízo público, em última instância bancado pela própria população, a empreitada de sediar um evento como a Copa, sob as circunstâncias vigentes, assinalava debilidades morais entranhadas na própria sociedade. Essa fissura ética, fixada culturalmente entre os argentinos, permearia grande parte de sua argumentação. Para Panzeri, o afeito, o ato de furtar, roubar e tirar vantagem quando possível, já estava arraigado na sociedade argentina e a insistência em realizar o mundial em condições políticas e econômicas adversas, refletia um costume que havia se convertido em um problema endêmico. Ainda que a Copa do Mundo fosse o objeto privilegiado de sua crítica no momento, o funcionamento da estrutura esportiva, de maneira singular, a condução dos negócios no futebol profissional, refletiam de maneira exemplar essa condição. Em sua apreciação, o esporte figurava como mais um meio de colocar o costume do afeito mútuo em movimento.

El deporte es un medio para hacerlo. Basta reflexionar sobre las transferencias al exterior de futbolistas por lo que se cobran millares de dólares, que muy rara vez ingresan al caudal nacional de divisas. De allí que sean necesarios tantos intermediarios-empresarios para vender un jugador. Porque vivimos esquivando leyes. **Afanándonos** entre nosotros mismos.³⁵¹

Entretanto, Panzeri parece se indignar porque não detecta um problema novo ou desconhecido, mas por identificar um comportamento recorrente, socialmente reconhecido e muitas vezes encarado com naturalidade. Por isso, não hesita em se apropriar de uma frase de Jorge Luis Borges e classificar a Argentina como um país venal, corruptível e que se encontra à venda, inclusive com a apologia, por menor que seja, da fraude e do delito. Como exemplo, destaca as correntes de enriquecimento fácil, bem como observa, não sem um grau de indignação, a falta de espanto com que os argentinos veem um jogador como Alonso, um dos craques da época – e que viria a integrar a seleção vitoriosa de 1978 –, exigir uma remuneração extra para disputar um campeonato já contemplado em seu atual contrato. Para o jornalista, esses casos seriam um indício de um processo de “acostumamento” com a venalidade, citada por Borges. Seria esse mesmo processo que, nas palavras de Panzeri, levaria as pessoas a fazerem do mundial uma hipoteca pública.

³⁵⁰ PANZERI, D. Lo que no se disse sobre el Mundial del '78. *Chaupinela*, Buenos Aires, n. 20, p. 7-9, nov. 1975. p. 7.

³⁵¹ Id.

Todo esos orígenes doméstico-infantiles de nuestro acostumbramiento a vivir afanándonos a nosotros mismos, determinan que querramos hacer el Mundial⁷⁸ aun a sabiendas de que nos va a ir muy mal, **especialmente si lo ganamos**. Porque lo vamos a ganar al estilo de Martín Fierro y el Viejo Vizcacha. O de Bairoleto o El Pibe Cabeza, delincuentes comunes con los que ya tenemos fabricado el mito de la delincuencia bondadosa, que también apoya el acostumbramiento nacional de **afanarnos** entre nosotros mismos.³⁵²

Como se pode notar, a ideia do afano permeia boa parte de sua argumentação inicial. É interessante perceber que o termo e suas variáveis são recorrentemente destacados com uma grafia em negrito. Não só o conteúdo do discurso enfatizava reiteradamente essa leitura, como a ênfase gráfica no termo, ressaltando-o no meio do texto, sem deixar dúvidas de que no entendimento de Panzeri, o mundial representava um ato danoso à sociedade argentina. Uma espécie de roubo, no sentido de que desviaria recursos importantes em um momento de crise, imposto a si mesmo com a esperança, ou uma falsa expectativa, de extrair alguma vantagem. O desejo de levar o evento adiante seria ainda mais prejudicial no caso da eventual vitória caseira no certame, o que passaria a sensação de que o sacrifício teria valido a pena e simultaneamente corroboraria com o costume já arraigado na cultura argentina. É nesse sentido que o jornalista evoca personagens ficcionais e tradicionais da literatura argentina, Martín Fierro e El viejo Vizcacha. Os personagens dos poemas de José Hernandez, El Gaucho Martín Fierro (1872) e La vuelta de Martín Fierro (1979), consideradas como algumas das obras mais importantes da literatura argentina do XIX, retravam a figura do gaúcho, próprio das regiões dos pampas, como representante maior do caráter tipicamente argentino. Os personagens, marcados pela astúcia e pela picardia, representavam anti-heróis vivendo à margem, com valores próprios e fora da lei. Ainda que suas personalidades fossem muito mais complexas, é justamente a valorização desse caráter marginal e delinquente, visto como uma falha moral enaltecida na cultura argentina, que Panzeri retomava com pesar. Por isso, coloca esses personagens ao lado de “delinquentes comuns”, personagens reais, popularmente conhecidos e exaltados, apesar de sua trajetória criminosa.

Embora tecesse críticas a outras entidades, em particular à FIFA, e à negociação estabelecida ao redor do esporte, o centro da argumentação permanecia no âmbito interno, já que a incumbência de realizar o mundial figurava essencialmente como uma tarefa auto assignada. Portanto, a decisão de levá-la adiante, caberia quase estritamente ao país, independente de uma imposição externa. O jornalista lembraria que o mundial havia sido herdado pelo peronismo da administração precedente de Lanuse, adversário notório, e não

³⁵² Id.

teria se atrevido a rechaçá-lo com o temor de provocar sua impopularidade política, algo que estava longe de ser provado com um risco efetivo sob qualquer circunstância.

Nestes termos, sua postura se distanciava ainda mais da apresentada por Muñoz. Enquanto este defendia o campeonato como um desejo eminentemente popular, o jornalista destacava que a decisão de bancar o evento no país foi tomada à revelia de uma consulta à população. Para Panzeri, a justificativa do popular soava como um disfarce mentiroso, pois a decisão jamais havia passado pelo povo. A partir dessa ótica, o alardeado desafio em realizar o mundial e a subsequente vergonha internacional em decliná-lo não passariam de projeções retóricas, direcionadas de cima à sociedade argentina.

Entre os apoiadores do mundial, Panzeri contesta intensamente as colocações recentes de Francisco Marrique, jornalista, político e militar que havia integrado o governo de Lanusse e, naquele momento, falava da ferrenha oposição ao peronismo. Manrique se colocava com um defensor da Argentina e advogava uma necessária reconstrução moral do país, assinalando contrassensos econômicos e sociais que agudavam a crise. Entretanto, sua defesa do mundial parecia ignorar essas questões e reforçar os fatores, assim como as debilidades morais da cultura argentina, assinaladas por Panzeri, que alimentavam a crise. É a partir de algumas das afirmações recentes de Manrique, que o jornalista dispararia algumas de suas considerações mais ácidas sobre os discursos, que buscavam atribuir à organização da Copa do Mundo de 1978 o peso de um compromisso nacional e de um feito de relevância política global. Como dissemos há pouco, uma decisão que envolvia a sociedade como um todo, mas sobre a qual a população não havia sido consultada.

“Argentina debe mostrar al mundo que es capaz de organizar una competencia de la magnitud del desafío. El prestigio nacional está en juego”.

¿Desafío? ¿Prestigio nacional en juego?...

No sé de dónde. El desafío nunca existió. Es tan inexistente como el deseo del pueblo que se haga el mundial con su dinero. El pueblo nunca fue consultado, ni votó. Nadie nos desafió. Nos desafiamos solos. Nadie se juega su prestigio en el fútbol si todos los días lo está perdiendo como país. Ya se lo jugó al prestigio.³⁵³

Sob esta ótica, a busca de reconhecimento externo por meio do campeonato se convertia em um falso problema, uma vez que não contribuiria para reverter as dificuldades atuais, mas as aprofundaria, especialmente se a Argentina se sagra-se campeã. A vergonha internacional não residia em renunciar ao evento, mas em assumi-lo à revelia das condições políticas e econômicas vigentes, diante de questões mais urgentes. Sedar a Copa e,

³⁵³ Ibid., p. 8.

ocasionalmente, festejar sua conquista representavam uma validação da imoralidade já imbricada na sociedade local.

A altivez do pensamento de Panzeri nesse aspecto – a vergonha política em não sediar o mundial é uma falácia, levá-lo adiante é um problema socioeconômico real – é expressa de modo mais veemente na oposição às falas pinçadas de Manrique, que funcionavam como espécie de “escada” para suas críticas. A afirmativa de que não fazer o mundial seria uma “vergüenza internacional”, o jornalista responde que isso seria equivalente a fazer nacionalista a estupidez. Logo na sequência, o autor elenca uma série de exemplos que contestam essa percepção e corroboram com a sua visão:

¿Pasó vergüenza internacional Estados Unidos por renunciar, por razones económicas, a los Juegos Olímpicos de 1976 (programados en Denver), que ahora hizo suyos Montreal en Canadá, con una prevista perdida de 221 millones de dólares? ¿Pasó vergüenza internacional Chile, por renunciar a los Panamericanos de 1975? ¿Pasó vergüenza internacional Brasil por renunciar a su papel de reemplazante de Chile, asumido ahora por México? Pasaron vergüenza internacional Suiza, Israel, Egipto, al renunciar a los Juegos Olímpicos? ¿Se cerraron sus créditos en el exterior? ¿Perdieron contacto con el resto del mundo? Manrique y los guitarreros autores de aquellos inventos como el desafío en cuestión, parecen olvidar que la mayor vergüenza internacional de ese caso la afrontamos **si hacemos el Mundial**⁷⁸. No si renunciamos a él. El desafío, existe, sí, pero en contra de nosotros mismos. De nuestra propia inmoralidad para andarnos comprando un Torino cuando no podemos bastecer una cafetera.³⁵⁴

Se o temor em relação a declinar a Copa do Mundo estava em seu eventual prejuízo político, as situações ressaltadas por Panzeri demoliam parte significativa das argumentações. Talvez de modo mais expressivo, mostravam a excessiva valorização do evento, muito mais como uma ilusão interna, ao refletir um anseio político por sua organização, do que como uma análise efetiva, e mal conduzida, do impacto político internacional que poderia acarretar. O jornalista não estava contra a Copa do Mundo como festa esportiva, como celebração do futebol em seu vínculo massivo e popular; mas como um evento custoso, cujo ônus de sua realização somente aprofundaria uma crise que já era demasiada grave. Sua indignação com a questão estava justamente na defesa intransigente, e apaixonada, do mundial de 1978, com a justificação do desejo pelo prosseguimento do projeto como uma inegável necessidade política, uma chance da qual o país não poderia prescindir. De maneira sintomática, o pensamento de Panzeri ia de encontro ao argumento central levantado por Muñoz: os benefícios imensuráveis que a divulgação proporcionada pela Copa do Mundo traria ao país. A maneira como Panzeri enxergava esse suposto retorno político e o impacto do evento foram

³⁵⁴ Ibid., p. 8.

bem resumidos no desdobrar de sua crítica à Manqueri: não seria uma competição de futebol que transformaria a impressão política da Argentina no cenário internacional.

¿O Manrique supone que haciendo el Mundial'78 el mundo va a resolver nuestros problemas como premio o va a cambiar la opinión que tiene de nosotros? **¡Al mundo le importa un cuerno si somos o no capaces de organizar un campeonato de fútbol!** Es una demostración que no acredita ninguna aptitud ajena a las obligaciones rutinarias del hombre. ¿O es que, ahora, organizar un campeonato del mundo supone certificar una aptitud sobrenatural? **Si no podemos ni siquiera financiar un club, ni un campeonato interno, ¿qué conveniencia tiene para nosotros financiar un Mundial cuyos beneficios debemos entregarle en un 75% (en dólares) a los países visitantes?** El fútbol ha tomado el rol de estafador confeso para de ese modo ser estafador impune en la sociedad argentina.³⁵⁵

As reflexões de Panzeri sobre a Copa do Mundo se estendiam para além do plano meramente esportivo ou de sua viabilidade econômica. Tampouco sua preocupação política se resignava a uma questão de preferência partidária, quanto aos grupos em disputa pelo poder. Embora carecesse de um maior aprofundamento em sua crítica sobre as dimensões afetivas e culturais da modalidade, já apontava para os usos políticos e discursivos do mundial para além da mera apreciação do futebol como instrumento de manipulação popular. Ao contrário, os termos de sua argumentação denotavam de forma corrente um sentido coletivo que não apartava a sociedade do problema, mas a integrava e lhe atribuía responsabilidade.

Mesmo com a eclosão do golpe de março de 1976, os posicionamentos planteados por Muñoz e Panzeri não se desvaneceram. O radialista não só manteria sua argumentação praticamente intacta como veria seu discurso de exaltação nacional mesclar-se facilmente com a proposta ufanista do regime. Conscientemente ou não, sua voz se assomaria à condescendência ao novo governo e se transformaria em uma espécie de narração desportiva oficial. Talvez o principal exemplo de sua concordância e conviência, com a investida da ditadura sobre o evento, seja a incorporação do radialista ao conselho assessor do EAM 78.

Já as colocações ácidas de Panzeri, observadas retroativamente, parecem adquirir uma tonalidade ainda mais forte e presente, quase proféticas. Ainda que figurasse repetidamente como uma voz isolada, sustentou sua postura opositora e demonstrava que, mesmo entre os jornalistas esportivos, o complicado quadro político-institucional do país era conhecido e a narração pública oficial proposta pela ditadura sobre o futebol não era a única possível.

Em consonâncias com as ideias apresentadas por Gabriel Tarde, notamos nesses personagens a conformação de dois locutores públicos, duas vozes que formavam e aglutinavam opiniões. Embora as discussões sobre bancar ou não da Copa do Mundo tenham

³⁵⁵ Ibid., p. 8.

quase se desvanecido no decorrer do ano seguinte – afinal, a ditadura a reivindicou para si como tarefa de Estado –, o debate entre esses personagens salienta que as dimensões sociais, econômicas e políticas do evento não eram desconhecidas do público e, antes disso, estavam em plena discussão. Havia um público favorável ao mundial. As argumentações em prol de sua realização, sedimentadas no texto de Muñoz e nas falas de Manrique, já eram conhecidas e partilhadas por parte da sociedade argentina antes da eclosão do golpe. O mesmo ocorria com muitos dos termos que balizavam sua contestação. Ou seja, antes do golpe que instaurou a ditadura e antes que esta reivindicasse a Copa do Mundo como um projeto próprio, já haviam opiniões formadas sobre o tema. Em grande medida, não era possível afirmar o desconhecimento. Sem dúvida, a ditadura acrescentou novas variáveis ao debate, mas o componente político, sua articulação nacional, sua percepção como objeto de interesse público, já estavam, há muito, presentes. Inclusive nas justificativas com as quais se articulavam cada público, que, de uma maneira grosseira, pendiam para Muñoz ou para Panzeri.

4.3 PANZERI X LACOSTE: LIÇÕES DE UM DEBATE NÃO PÚBLICO

Tal qual constatamos anteriormente, muitos dos debates em torno do mundial de 1978 na Argentina precediam o levante das forças armadas em 1976. Manifestações favoráveis e contrárias pipocavam entre os diferentes veículos de comunicação, assim como a preocupação entre os apoiadores do certame com a lentidão no desenrolar dos preparativos e no cumprimento dos parâmetros postulados pela FIFA. Contudo, também é certo que a instituição da ditadura reconfigurou as bases institucionais sobre as quais se assentava o evento, bem como muitos dos problemas que o circundavam, inclusive como catalisadores das discussões ao seu redor. Se as reservas quanto aos esforços da AFA e do poder público em conduzir a Copa a contento, impedindo uma eventual renúncia ou cancelamento do certame, foram logo enfrentadas, sobretudo por meio do EAM 78, a intuição de um novo governo autoritário adicionou novas questões, como o embate com a guerrilha e as denúncias sobre as violações dos direitos humanos por parte do Estado autoritário e repressivo.

Para muitos apoiadores do certame, caso flagrante da revista *El Gráfico* e de Muñoz, as mudanças na condução institucional e a firme investida sobre a modalidade esportiva foram recebidas com entusiasmo, pois atendiam muitas das demandas comuns no sentido de confirmar o evento e ampará-lo política e economicamente, por meio de uma estrutura sólida.

Apesar de o posicionamento pró mundial não poder ser revertido no automático alinhamento ideológico com a ditadura, a Copa se tornou um importante ponto de contato com diferentes atores sociais, muitos deles convergentes a uma atuação mais incisiva do Estado – não apenas naquele momento – sobre os esportes e o futebol em particular.

Para outros personagens, entretanto, o campeonato somente passou a ser tema de debate a partir da eclosão da ditadura, quando muitas das apreciações se aproximaram de uma chave política tradicional, ou seja, a instrumentalização por parte do Estado. Caso, por exemplo, dos movimentos de defesa dos direitos humanos alocados no exterior, que passaram a se opor à ditadura, a partir dos crescentes informes sobre repressão e violência do governo e o afluxo de exilados.

A substituição na gestão nacional, entretanto, pouco impactaram sobre Dante Panzeri. Como ressalta Matías Bauso, compilador de uma larga antologia de textos clássicos e inéditos produzidos pelo célebre jornalista, Panzeri manteve-se condizente com sua conduta³⁵⁶. Como país, a Argentina tinha outras prioridades e não seria melhor por fazer o campeonato: os gastos seriam enormes e o dinheiro impossível de recuperar³⁵⁷. Como vimos no tópico anterior, sua proposta era simples: renunciar ao posto de sede da Copa do Mundo de Futebol da FIFA de 1978.

Como há demonstrado a História, o caminho escolhido pelo regime foi oposto à solução de Panzeri. Nesse sentido, a ditadura mantinha um posicionamento similar e ainda mais incisivo do que os governos anteriores. Ainda que não contasse com a mesma ressonância discursiva de anos antes, sobretudo na época em que compôs a equipe de *El Gráfico*, Panzeri continuou, dentro do possível, a proferir suas opiniões nos diários *La Opinión*, *El Día*, da cidade de La Plata, e, por último, em *La Prensa*. Cabe destacar que suas críticas não se restringiam somente à realização da competição no país, mas também se voltavam ao selecionado nacional e à rigidez do trabalho desenvolvido por Menotti no comando da equipe e no planejamento de longo prazo, que estabeleceu para a competição – outro aspecto em que se distanciava das considerações de grande parte da imprensa, incluindo Muñoz.

Mesmo sem a mesma abrangência discursiva de anos anteriores, as falas de Panzeri não passaram incólumes pelos representantes do regime. Afinal, o jornalista tanto contrariava a narração e o discurso oficiais, quanto vazava uma leitura diferente e declaradamente

³⁵⁶ PANZERI, Dante. *Dirigentes, decencia y wines*. Buenos Aires: Sudamericana, 2013. p. 262.

³⁵⁷ Em um de seus livros, *Burguesia y gangsterismo*, publicado em 1974, afirmou “El Pueblo sabe que esse Mundial 78 le costará sangre que le esta faltando para regar sus venas”.

politizada do futebol, suas extensões sociais e econômicas para além de sua reiterada percepção como uma paixão nacional e popular. A discordância do jornalista motivou um encontro com Lacoste, pouco tempo após a entrevista coletiva em que o oficial da Marinha havia anunciado o lançamento definitivo do EAM 78. De acordo com Bauso, o encontro transcorreu na residência do capitão de navio, uma vez que Panzeri teria se recusado a ir a seu escritório sob a alegação de que jamais havia colocado os pés em um despacho oficial.³⁵⁸

Embora o episódio já fosse conhecido nos bastidores, especialmente entre as pessoas mais próximas aos personagens, pouco se sabia sobre o teor do encontro ou das impressões de Panzeri. Entretanto, a coletânea organizada por Bauso, a partir de arquivos diversos, inclusive pessoais do jornalista, reúne dois textos datados de 1976, ambos inéditos e com o motivo da vindoura Copa do Mundo de 1978, após o lançamento do EAM. Os materiais também guardam relações ao encontro do jornalista com o oficial da marinha. O primeiro – já pronto e finalizado, provavelmente para ser publicado por *La Opinión* ou *El Día*, mas que jamais chegou às bancas – foi produzido antes da reunião, em agosto ou setembro, e abordava a decisão definitiva dos militares em dar prosseguimento ao evento. Já o segundo, tratava de uma série de apontamentos sobre a conversa com Lacoste, datilografados em folhas pautadas, com correções e opiniões do autor escritas à mão.

O artigo intitulado “El miedo al mundial 78: la Ley de Parkinson extorsionando a la Argentina” não trazia argumentos novos, mas sintetizava as múltiplas razões pelas quais o autor havia se oposto firmemente à competição ao longo dos últimos anos, devidamente ordenadas em uma série de tópicos na parte final da redação. A reflexão que propunha, entretanto, aprofundava a crítica às estruturas do futebol e adicionava comentários importantes à postura adotada pelo novo governo sobre o tema.

A lei de Parkinson, referendada no título, era explicada logo nos primeiros parágrafos. Segundo o autor, a citação não era a conhecida síndrome dos tremores e da rigidez muscular, mas, igual a esta, também se tratava de um mal, porém, com conotação social. A lei correspondia a uma análise do historiador britânico Cyril Northcote Parkinson (1909-1993) sobre a burocracia, em que esta atuava como espécie de multiplicadora de subordinados em uma estrutura laboral, fosse esta pública ou privada, com o intuito de eliminar possíveis adversários, incorporando-os como cúmplices associados ao aparato instituído. A burocracia

³⁵⁸ PANZERI, 2013, p. 264-265.

se expandiria na medida em que os agentes, que colocam a lei em movimento, pretendem gerar trabalho para mais funcionários, ainda que isso acarretasse na redução de funções.³⁵⁹

Para Panzeri, cuja filiação política se aproximava dos preceitos liberais, o que contribui para compreendermos a escolha dessa chave explicativa³⁶⁰, a lei de Parkinson se aplicava perfeitamente à manutenção da Argentina como sede da vindoura Copa de 1978:

La realización del Campeonato Mundial de Fútbol de 1978 en la Argentina es un resultante – por cierto que lamentable por la magnitud de la hipoteca que plantea a la Nación – de la vigencia de la Ley de Parkinson en el deporte.

Nos fue impuesta a los argentinos por una ultraminoría de nuestra comunidad, que opera desde el sector privado, precisamente a la manera que Parkinson define a la burocracia organizada para multiplicar subordinados y no tener rivales; o para crear funcionarios para que los funcionarios se multipliquen.

La sinonimia se determina en el caso del Mundial 78 con la existencia de un núcleo social-deportivo que **en todo el mundo** ejerce la extorsión o el chantaje como velada actividad del gran aparato burocrático del deporte que opera con la consigna de incrementarlo todo al estilo de la Ley de Parkinson. [...] ³⁶¹

É interessante notar como a aplicação dessa regra dialogava com as posições prévias de Panzeri. No texto de *Chaupinela*, por exemplo, um dos principais aspectos de sua crítica se referia à constatação de uma deficiência moral dos argentinos, cuja característica central seria a venalidade. Tal exame sociológico da estrutura burocrática explanava justamente como uma minoria a cargo dos esportes, interna e externamente, conseguia operacionalizar em seu favor a realização de um evento, em que o compromisso público era fundamental. No caso do futebol, os paralelos mais óbvios, ainda que não nomeados, eram a FIFA, em um panorama global, a AFA e os responsáveis estatais, em um quadro regional. Tanto em um caso, como em outro, a burocratização ao modo de Parkinson permitiam a uma minoria o controle institucional sobre a modalidade esportiva. Uma espécie de monopólio, sem rivais ou impedimentos aparentes, já que os diversos indivíduos ligados à modalidade – inclusive entre os representantes da imprensa – se encontrariam, de uma maneira ou de outra, submissos a esse aparato burocrático central.

Ao tratarmos o futebol como um espaço eminentemente político, a aplicação sugerida pelo jornalista demonstrava uma interpretação possível, ainda que restrita, de como os agentes esportivos, principalmente aqueles ligados à gestão do esporte, poderiam operacionalizar as estruturas estatais em seu próprio benefício.

³⁵⁹ PANZERI, Dante. El miedo al Mundial 78: la Ley de Parkinson extorsionando a la Argentina. In: _____. *Dirigentes, decencia y wines*. Buenos Aires: Sudamericana, 2013. p. 278.

³⁶⁰ Logo no início do texto, por exemplo, o autor afirmaria que a lei de Parkinson constitui um “mal social, generalmente estatal, en perjuicio de la sociedad privada”. Id.

³⁶¹ Id.

Desse modo, uma das críticas de Panzeri à adesão das sucessivas administrações do país se deve justamente à incapacidade dos governos em romper com essa corrente. Ao contrário, passavam a integrá-la e reforçá-la com o discurso, assentado sobre bases afetivas e identitárias, de que a realização do evento conformava uma tarefa necessária à afirmação nacional.

Além disso, as reiteradas recusas em confrontar a decisão de declinar o certame demonstravam o temor do Estado em enfrentar diretamente a estrutura burocrática, principalmente ante a reação negativa, que a mobilização dos sujeitos imbricados nesse aparato poderia ocasionar, em particular aqueles cuja voz ressoava a partir dos veículos de comunicação – caso do radialista Muñoz e dos principais articuladores de *El Gráfico*.

Eso es quizá lo más lamentable.

Que el Estado haya brindado crédito a toda esa mistificación de la Ley de Parkinson y muy particularmente al complejo chantaje de **la imagen, la promoción, el turismo, el prestigio nacional, el desafío (¿?), la mención diaria del nombre de Argentina en el mundo (¿¿??)** que arteramente se ejerció desde la profesión que yo ejerzo a través de partes interesadas en el asunto.

Por política.

Por populismo.

Por inocencia.

Por ignorancia.

Por venalidad, también.

Por inadvertencia. Por desconocimiento.

Por muchas razones, el Estado **no se atrevió** (esa es la palabra exacta al caso) a rechazar aquella hipoteca en el momento – en los muchos momentos – que tuvo a su alcance y justificación para hacerlo. La realidad más cruda del caso es que el Estado **le tuvo miedo** a los militantes en la Ley de Parkinson.³⁶²

O tom do discurso empregado no texto revelava a decepção de Panzeri, como se pouco lhe restasse a fazer para reverter a situação. Cabia ao jornalista, pontuar sua indignação, também com o novo governo, que embora tivesse irrompido em meio a profunda crise reinante não havia sido capaz, até o momento, de romper com o compromisso herdado das gestões anteriores quanto ao mundial – “creo que algo de eso también le ocurrió al actual gobierno surgido el 24 de marzo, cuando se encontró con tal legado”. Em sua análise, a liberação da transmissão da partida entre as seleções polonesa e argentina, durante os primeiros instantes do golpe, quando as estações tinham suas programações suspensas e a rede unificada sob o cuidado militar, era antes uma prova desse temor do que um sinal de seu interesse pela modalidade.

O jornalista indagava se, a pouco mais de dois anos para o evento, ainda haveria tempo para renunciar – “patriótica y inteligentemente” – e o que se passaria caso isso

³⁶² Ibid., p. 279-280.

ocorresse. Talvez pela própria justificativa comum ao redor do golpe, de que não havia outras alternativas possíveis para contornar a crise a não ser a intervenção, e a natureza autoritária do regime instituído, portanto com força significativa para contrariar as prováveis pressões, Panzeri defendia com esperança que a atual gestão tinha as condições favoráveis para abdicar do torneio. De certa forma, se o objetivo do novo governo era sanar um país em crise, seria necessário, e propício, demarcar os equívocos anteriores. Desse modo, a argumentação de que o mundial correspondia a uma herança onerosa e um compromisso desnecessário, cujas dúvidas emanavam também do exterior, permitia ao governo vigente não só a recusa, mas também as condições de capitalizar a Copa politicamente a seu favor. Um movimento tanto no sentido de quebra de uma cadeia burocrática viciada, quanto de honestidade pública com a atual situação socioeconômica do país.

Quizá la respuesta a todo eso la tengamos en algo que no sale de nosotros sino que nos llega de afuera. Del exterior. Allí se ha dicho: **“Estamos esperando que Argentina renuncie; no la podemos ofender diciéndole que renuncie al Mundial 78”**.

Pero estas confidencias no tienen difusión entre nosotros. Me atreva a decir más: quizá no haya, para el un acto político más propicio a su imagen y credibilidad popular en su tarea, que el de la toma de toda la red nacional de radio y televisión para decirle al país primero, al mundo después, con total claridad y toda su abundancia de razones, que Argentina renuncia a esa obligación económica, social y éticamente incompatible con una realidad modesta que lealmente debe aceptar. Creo que eso nos prestigiaría muchísimo. [...] ³⁶³

As respostas para suas inquietações viriam de forma definitiva no encontro com Lacoste. Se os comentários precedentes deixavam em suspenso qualquer expectativa quanto a uma eventual mudança de rumo, as anotações com as impressões sobre a reunião com o vice-presidente do EAM colocariam em nova perspectiva a relação do *Proceso* com a Copa. O resultado mais evidente do embate estava na percepção de que a manutenção do evento no país se dava de maneira irreversível, sobretudo, pelo interesse político do próprio regime. Uma operacionalização da Copa muito diferente daquela imaginada por Panzeri como ideal. Ao invés da renúncia, por conta das dificuldades palpáveis do país, a ação se dava no sentido de apropriação do evento como forma de sedimentar um programa político já estabelecido, inclusive com a aproximação e negociação com os sujeitos alocados na estrutura esportiva e na imprensa, duramente criticados no artigo anterior.

Tal qual anunciava o título das anotações encontradas por Bauso, “Resumen de lo escuchado hoy (19/09/76) al Capitán Lacoste”, a redação tomava a forma de uma série de apontamentos, separados em 18 tópicos numerados. Os itens resumiam as declarações do

³⁶³ Ibid., p. 280.

oficial, ao mesmo tempo em que condensavam as reflexões do jornalista sobre cada elemento abordado. Nesse processo, abordava aspectos diversos, como explicações sobre os gastos das obras, a venda de entradas, o uso dos estádios, o fluxo esperado de turistas e de arrecadação, etc. Além disso, havia o foco em questões mais sensíveis, como o funcionamento do EAM, as intenções do governo com o evento e a argumentação que sustentava a escolha, desde a perspectiva apresentada por Lacoste.

Embora as motivações políticas fossem constantemente abordadas pelo jornalista, os questionamentos adotavam um tom menos explícito do que o verificado nas notas, em especial no tocante à postura do Estado. As críticas do jornalista pareciam mais contestar as argumentações correntes – como a necessidade de fazer o evento, já que este compunha simultaneamente um desafio e um compromisso nacional – do que afirmar diretamente as intenções que permeavam essa decisão. Ao longo da redação, o termo “político” não só foi diretamente utilizado, como grafado em destaque, com letras maiúsculas. No diálogo com Lacoste, as metas da ditadura estavam francamente nomeadas e eram reproduzidas na íntegra pelo autor, sem rodeios.

Logo no início, Panzeri reportava a afirmação de Lacoste de que o seu informe à imprensa, no lançamento do EAM 78, correspondia à decisão do governo de levar o evento adiante, cuja realização foi tema de discussão prévia. Até aí, sem novidades, afinal o próprio projeto de lei que criava o organismo, em julho, já havia tornado notória a deliberação favorável. Na sequência, entretanto, Panzeri falava clara e diretamente do projeto do atual governo e de sua relação com a competição:

El mundial se hace por necesidad POLÍTICA. Y parte de dos consignas-objetivos a extirpar: la guerrilla y el sindicalismo. Contra los dos enemigos al mismo tiempo no se puede luchar y sería torpe intentarlo. Por eso, siendo por ahora la guerrilla el primer objetivo, se trata de hibernación o congelar el segundo objetivo (el sindicalismo) mediante hechos que no despierten frustraciones sociales. Da por cierto que quitarle el mundial al ciudadano argentino es fomentar una frustración.³⁶⁴

O combate à guerrilha, normalmente articulada à ideia generalizante da subversão, e ao sindicalismo, um dos principais suportes do peronismo, eram causas conhecidas e suportadas por parte significativa da sociedade³⁶⁵. Contudo, a articulação desses elementos

³⁶⁴ PANZERI, Dante. Resumen de lo escuchado hoy (19/09/1976) al capitán Lacoste. In: _____. *Dirigentes, decencia y wines*. Buenos Aires: Sudamericana, 2013. p. 284.

³⁶⁵ O próprio Panzeri, talvez em consonância com uma percepção comum ao período ou em acordo com uma análise focada na temática esportiva, não tecia críticas nos documentos consultados ao projeto político mais amplo ou aos objetivos específicos citados no texto. Restringia-se à relação destes com a atenção destinada aos esportes e à Copa do Mundo em particular.

com a Copa não era comumente enunciada. Nesses termos, o relato resgata a percepção do futebol como mecanismo tanto de alienação quanto de aproximação com a população. Simultaneamente, já que o relato partia do diálogo com um representante estatal, salientava o temor com a reação popular. Por isso, evitar possíveis frustrações, na visão proposta, seria também uma forma de manter o controle sobre a sociedade. Uma visão em que os laços afetivos correlatos ao futebol deveriam ser submetidos e operacionalizados por uma suposta racionalidade política. Manter a competição, nesses termos, seria uma forma de canalizar as emoções e sentimentos, correlatos ao esporte, em seu favor.

Além dessa primeira leitura, em que buscava uma justificativa interna para uma decisão declaradamente política, outros vieses seriam resgatados ao longo da redação. Alguns itens retratavam outra dimensão importante: a percepção da Copa como evento amplo e massivo. Uma chance de demonstrar um país renovado sob uma administração distinta, com o suposto resgate da confiança e de um senso de normalidade, que se imaginavam perdidos, mesmo que os problemas conjunturais mais profundos, como aqueles verificados na economia, estivessem longe de uma regularização.

El uso POLÍTICO del campeonato finca en la necesidad de este gobierno de producir un hecho DE ORGANIZACIÓN que pruebe la capacidad argentina para ello y al mismo tiempo la posibilidad de llamar a la Argentina un país en normal funcionamiento. A su juicio, esa demostración contrarrestará los temores por la guerrilla (que cree extirpada para 78) aunque reconoce que la irregularidad económica del país se trasladará a bastante más lejos que 1978.³⁶⁶

O autor registrou em mais dois momentos leituras semelhantes, em que Lacoste pontuava o potencial ganho político, com a realização do evento, ou suas perdas caso o país declinasse à posição de sede naquele momento. Em ambas, a preocupação central se dava primeiramente com o bom desempenho do país como organizador. No primeiro item, por exemplo, há a declaração de que não importava o vencedor, com a justificativa de que o cuidado com a seleção era única tarefa que havia ficado completamente a cargo da AFA. Já no segundo, a defesa comum de que diante da eminente substituição do país sede, no caso de uma renúncia, não dar continuidade ao projeto acarretaria um grande prejuízo político com a perda de possibilidades de investimento e uma sensação de incapacidade do país, em cumprir um compromisso internacional de grande magnitude:

³⁶⁶ PANZERI, Dante. Resumen de lo escuchado hoy (19/09/1976) al capitán Lacoste. In: _____. *Dirigentes, decencia y wines*. Buenos Aires: Sudamericana, 2013. p. 284.

Dijo calcular que Argentina será sexta, a efectos de estimación del porcentaje que le corresponderá por recaudaciones. Y que el gobierno no forzara para nada la tipificación en el nacionalismo ganador a la utranza del equipo que represente al país, que por eso se deja librado a la AFA para que arregle como pueda, pues lo que a lo gobierno le interesa es que el Mundial lo GANE CUALQUIERA, porque así el sentido POLÍTICO del negocio tendrá mejor efecto.

[...]

Además de las razones ya enunciadas, dice que no podemos renunciar al Mundial 78 sabiendo que otro lo hará en nuestro reemplazo. Que la renuncia solamente sería admisible si el campeonato quedara sin hacerse. Como le pregunté qué gravedad tendría que otro lo hiciera, solamente me respondió que la comprobación de que no somos capaces de hacerlo y el consiguiente daño POLÍTICO que ello le significaría al país. Me menciona inversiones extranjeras que no se hicieron en el país por triviales episodios urbanos que disgustaron a quienes pensaban invertir aquí.³⁶⁷

As anotações de Panzeri destacam de modo flagrante o componente político da decisão. Ainda que em nossa compreensão este seja um elemento perene, ao exaltá-lo, o autor não só demonstra que esta era uma percepção presente entre os sujeitos alocados na imprensa – mesmo que a maioria deliberadamente evitasse abordá-lo ou questioná-lo diretamente –, como também mostra a articulação desse componente com as justificativas apresentadas por Lacoste para abonar a posição adotada pelo governo. O sentido geral circula em torno da instrumentalização da Copa e dos sentimentos alocados ao redor do futebol, de uma forma favorável à nova gestão. Nesse sentido, o termo político assume uma conotação tradicional, ao designar um local específico de debate e poder – o Estado –, como agente racional central. De todo modo, a multiplicidade de discursos, muitos deles alocados sob um senso comum, cujas impressões são compartilhadas por parte da sociedade e de fácil compreensão, revela uma tentativa simultânea de revestir a atitude de um simulacro racional e de operacionalizá-la em prol de um sentimento imaginado de nacionalidade. Em ambos os casos, podemos verificar como os enunciados propostos reverberaram posteriormente, a exemplo dos anúncios publicitários veiculados pelo EAM, em parceria com a sucursal argentina da Coca-Cola, visitada no início deste capítulo.

Outro momento interessante das anotações remete aos argumentos apresentados pelo militar, quanto à articulação do EAM e à integração ou, ao menos, o diálogo favorável com determinados setores da imprensa. No tópico n. 8, Panzeri relata a percepção apresentada pelo capitão da marinha sobre a incorporação de personagens como Muñoz e Fontanarrosa ao EAM, ambos no conselho assessor, como uma forma de neutralizar esses atores. Além disso, retoma, mesmo que rapidamente, a postura adversa e descontente em relação ao antigo presidente, o general retirado Omar Áctis, em sua breve passagem pelos organismos:

³⁶⁷ Id.

Reconoce que el Ente se han hecho designaciones que no lo prestigian para nada, y dice que no lo prestigian para nada, y dice conocer la venal condición de algunos de sus integrantes llamados “de fútbol”, que en ciertos casos son periodistas. Dice que en muchos casos (concretamente Muñoz y Fontanarrosa) se ha hecho “para neutralizarlos desde adentro y para que así no jodan”, pues desde afuera resultarían negativos. En otro caso (señalo al Dr. De Lorenzo³⁶⁸) porque ya los había designado el General Actis con su torpeza e ignorancia duramente recordados por Lacoste, que dijo que de no haber sido muerto, Actis se habría tenido que ir. [...] ³⁶⁹

De certa maneira, a abordagem relatada quanto aos representantes da imprensa esportiva, particularmente o radialista e o então editor de *El Gráfico*, parecem corroborar com a leitura apresentada por Panzeri em seu texto anterior. Neste, é evocada uma viciada estrutura burocrática amarrada ao esporte, da qual parte significativa da imprensa esportiva atuaria de forma reprodutora e consensual. Ao afirmar que a integração desses personagens à composição do Ente seria uma maneira de evitar que “trabalhassem contra”, Lacoste parece coincidir, ao menos parcialmente, com a análise sugerida pelo jornalista, o que implicava reconhecer a voz ativa desses atores e a capacidade que possuíam de mobilização, fosse da opinião pública ou dos sujeitos alocados na organização esportiva. Nesse sentido, a organização do EAM pressupunha não apenas a imposição de uma vontade política do Estado com relação ao mundial, mas uma negociação com atores sociais alocados em diferentes setores.

A referência ao falecido general Actis também deixava transparecer a discordância, entre o representante da marinha e do exército na condução do Ente. A afirmação sobre a necessidade saída de Actis, caso não tivesse sido morto, acaba por reforçar, mesmo despropositadamente, as especulações em torno do atentado como uma contenda interna entre as forças militares.

A discordância e insatisfação do jornalista eram notórias ao longo do texto. Na passagem em que relatava as explicações do oficial de como a infraestrutura turística dos hotéis e a instalação televisiva não custariam nada ao país, “a través de una torrente de palabras que parecían de economista o de experto logístico”. O autor afirmou que não havia podido compreender os “elementos que a su juicio así lo demostraban, y preferi no pedirle una aclaración al respecto”. Também ressaltou que em sua argumentação, o militar havia insistido que as comunicações, em uma clara referência às obras do sistema televisivo a cores,

³⁶⁸ Jorge de Lorenzo havia sido designado como gerente de imprensa, turismo e relações públicas. Em maio de 1977, o suplemento *Diário El Mundial* de *El Gráfico* noticiava a renúncia de Lorenzo do cargo. Após a passagem de outros personagens, em 1978, algumas das publicações organizadas pelo EAM creditavam o próprio capitão Lacoste como responsável pela gerência do setor.

³⁶⁹ PANZERI, D. Resumen de lo escuchado hoy (19/09/1976) al capitán Lacoste. In: _____. *Dirigentes, decencia y wines*. Buenos Aires: Sudamericana, 2013. p. 284.

eram uma exigência de maior importância social e econômica do que as demais insuficiências argentinas, a exemplo da própria saúde pública.³⁷⁰

Ainda que os posicionamentos e críticas do autor estivessem presentes ao longo de toda a redação, foi no último tópico em que expressou de forma mais contundente suas impressões e posicionamentos, diante do diálogo travado com o representante da marinha. Ao relatar os momentos finais do encontro, destacava que pediu ao seu interlocutor para ler um texto que havia redigido há pouco sobre o tema, tratava-se justamente do artigo inédito que abordamos – *El miedo al Mundial 78: la Ley de Parkinson extorsionando a la Argentina* –, provavelmente produzido ou revisitado já com vistas ao encontro.

Le pido quince minutos finales de una charla que lleva dos horas y quince minutos, para leerle una nota que discente con todo lo que él dice. Al término de la lectura de la misma me dice que coincide en un montón de los puntos de aquel disenso. Seguidamente le preguntó si no le parece que toda su explicación demuestra claramente que el Mundial se hace porque el gobierno lo tiene miedo al populismo. Me dice que no. Le respondo que a mí parece que todo lo que él dice demuestra que sí. Y por último le hago saber que a mí entender lo más triste de todo este proceso es que el mismo se hace porque ellos dieron por cierta a UNA MENTIRA QUE INVENTAMOS EN MI PROFESIÓN, como aquella de la imagen y la dependencia del nombre del país a un certamen deportivo. Me responde que ellos nunca recibieron ese tipo de presiones, ni actuaron recordándola. Yo le digo que los hechos indican que las tuvieron muy en cuenta aunque sólo fuera en forma subconsciente por cuanto todas las razones que él me expone para hacer el Mundial son justamente las que desde hace 15 años viene esgrimiendo la mafia del deporte que con él quiere lucrar.³⁷¹

Ainda que repassasse a discussão travada entre os personagens nos momentos finais da reunião, o trecho acima pode ser encarado como uma forma de síntese das posturas e argumentações apresentadas por ambos, sobre o futebol e a Copa na Argentina. O texto foi redigido sob o lápis de Panzeri e nos transmite as declarações do representante do EAM, a partir do filtro analítico do jornalista. Apesar dessa restrição, traz à tona, ao menos de maneira mais flagrante do que os discursos circulantes publicamente, as impressões sobre o entendimento político do evento, dos benefícios e ônus projetados com o desenrolar do certame ou diante do declínio de sua realização. Evidenciava posições e compreensões políticas que, se não eram plenamente conhecidas, ou explicitadas, tampouco eram estranhas aos defensores e detratores do certame. Enquanto na arguição apresentada pelo oficial da marinha, havia uma percepção de que o evento esportivo compunha um compromisso político tanto local quanto internacional – que não poderia ser simplesmente ignorado, ao implicar a afirmação das capacidades de realização do país, cuja veiculação positiva deveria convergir

³⁷⁰ Ibid., p. 285.

³⁷¹ Ibid., p. 286.

com o projeto de reorganização vigente –, para o jornalista as motivações e justificativas apresentadas apenas reiteravam suas posições e análises prévias, críticas às configurações socialmente restritivas e moralmente deficitárias, correlatas à organização do esporte, dentro e fora do país.

Por isso mesmo, determinadas concessões vistas como necessárias por Lacoste eram contestadas duramente por Panzeri. Para este último, havia certa frustração com as administrações públicas vigentes, incapazes de romper e confrontar uma cadeia burocrático-esportiva viciada e deficitária em um contexto de profunda crise social, econômica e institucional. Por interesses próprios, mas, sobretudo, por temor, mesmo que inconsciente, ao populismo, as reações adversas da imprensa – de quem reconhece e enfatiza a capacidade de construção e propagação de imagens e afetos correlatos aos esportes – e demais grupos cujos interesses econômicos estão atrelados ao esporte, a nova administração militar também não havia sido capaz de negar a continuidade do evento. À luz da própria situação do país, o jornalista identificava, nas posturas e discursos inflexíveis sobre o evento, a manutenção de uma conduta geral avessa às necessidades mais urgentes do país, em favor das pretensões dos atores no poder e dos projetos que defendiam no momento. O autor, não necessariamente, se colocava contrário às motivações e objetivos que levaram ao golpe e sustentaram o apoio de parcela significativa da sociedade à ação das forças armadas.

Contudo, o embate entre um dos principais opositores do certame e o homem designado pela armada, para manejar a Copa, não se desenrolou em um espaço de conhecimento público. Ao contrário, manteve-se como um burburinho nos bastidores da imprensa, sem que os frutos desse encontro, basicamente o artigo prévio e as anotações resultantes, fossem publicados. Provavelmente como resultado, se não da pressão direta dos mecanismos de coerção estatal³⁷², do receio interno quanto às possíveis represálias, em uma forma de autocensura editorial. De todo modo, esses textos evidenciam a presença de vozes dissonantes e contrastantes entre os próprios veículos de imprensa, cuja capacidade de locução sobre o mundial não foi subestimada pelo regime, mas, em grande mediada, convergente e operacionalizada em seu favor. Ao verificarmos esses materiais, deparamo-nos com o necessário questionamento das leituras, em que prevalece uma compreensão passiva dos sujeitos, como se a escolha por determinadas posturas implicasse uma necessária ignorância ou alienação política.

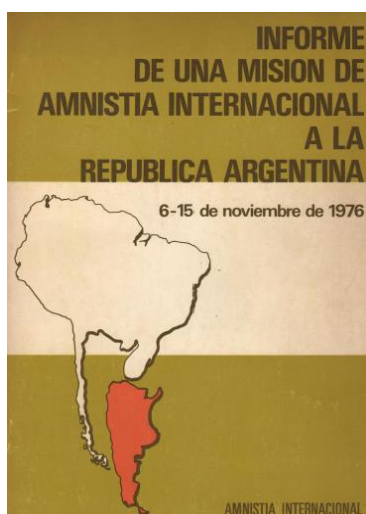
³⁷² Cabe destacar que o próprio jornal *La Opinión* foi alvo da ditadura em maio de 1977. Os militares interviam sobre o periódico, com o sequestro e aprisionamento de seu editor e proprietário Jacobo Timerman e outros membros da publicação. Sob o comando das forças armadas e uma política editorial claramente distinta, o periódico continuou a ser publicado até 1981. (ULANOVSKY, 2011, p. 98-102).

5 PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS: O MUNDIAL DE 1978 ENTRE O BOICOTE E A CAMPANHA ANTI-ARGENTINA

Em 1978, as discussões ao redor das condições da Argentina em sediar a Copa já haviam sido superadas. Mesmo sendo o custo e o impacto inflacionário do evento um tema sensível e pertinente, em um cenário de reticência econômica e social, com a afirmação sobre a importância dos investimentos, junto à crítica ao desperdício e planejamento equivocados, o fato é que a competição da FIFA se desenrolaria nos gramados do país durante o mês de junho. Mesmo que o questionamento público pudesse ser visto como um incômodo, o projeto delineado pela ditadura, efetivado por meio do EAM, estava em pleno desenvolvimento.

Contudo, desde a eclosão do golpe, não eram apenas as conjecturas quanto aos destinos do certame esportivo que haviam sofrido mudanças, mas também o contexto no qual a ditadura se inseria. No plano da política externa, as administrações autoritárias em vigor no Cone Sul já não contavam com o mesmo suporte dos anos anteriores, sobretudo com a crescente atenção direcionada às acusações de abuso e violação dos direitos humanos. A Anistia Internacional, por exemplo, vigilante aos conflitos que permeavam o continente há bastante tempo, já denunciava a conturbada situação do país, bem como o aumento brutal da violência. A instituição cobrava o novo governo desde 1976, quando enviou uma delegação para averiguar a situação de presos políticos, desaparecidos e excessos repressivos no combate à subversão e ao terrorismo, entendidos pelos representantes do *Proceso*, apenas como expressões dos grupos de esquerda. As conclusões da visita foram devidamente reportadas, em um longo relatório editado no ano seguinte (Figura 21).

Figura 21 – Relatório Anistia Internacional sobre a Argentina – 1976.



Fonte: AMNESTY INTERNATIONAL PUBLICATIONS. *Informe de una misión de Amnistía Internacional a la República Argentina*: 6-15 de noviembre de 1976. Barcelona: Editorial Blume, 1977.

Embora esse olhar parecesse inicialmente uma preocupação exclusiva de organismos e associações não governamentais, sediadas fora do continente, logo passaram assumir preponderância na postura pública de diferentes países no cenário internacional. Alguns deles aliados prévios na articulação das iniciativas golpistas autoritárias, que se propagaram em diversas partes da América Latina. Talvez o caso mais impactante, entre estes, fosse o caso da administração do democrata Jimmy Carter. Na presidência dos Estados Unidos, desde 1977, Carter fez da defesa dos direitos humanos uma de suas bandeiras eleitorais e trouxe a questão como ponto chave na política de relações exteriores estadunidense. Tal qual salienta Marina Franco³⁷³, uma iniciativa que teve como figura central Patricia M. Derian, designada como secretária de Estado para os direitos humanos e questões humanitárias. Desse modo, o suporte do governo norte-americano, as ditaduras instaladas na porção sul do continente, inclusive com a escusa anuência à violência dos respectivos Estados, converteram-se em uma incômoda pressão sobre os projetos repressivos locais – ao menos no que tangia à construção e propagação de uma imagem internacional favorável, ancorada a um simulacro democrático.

As metas de combate à guerrilha e à subversão, amplamente conhecidas e suportadas por parcela significativa da sociedade, levadas a cabo de maneira intensa e indiscriminada nos anos seguintes, passaram a conviver com as constantes acusações e reprovações oriundas do exterior. O terror de Estado³⁷⁴, no qual as ações autoritárias oficiais se viam reforçadas por operações clandestinas, como sequestros, encarceramento, tortura e morte de prisioneiros em centros de detenção, além dos infames desaparecimentos – um dos pontos que ganharia crescente atenção tanto nas justificativas apresentadas desde a oficialidade quanto nas acusações e denúncias proferidas contra o regime. Um fator, que embora já estivesse presente em 1976, se veria reforçado nos anos seguintes com o crescente número de exilados oriundos do país. Como observamos no estudo proposto por Marina Franco, mesmo com uma nova gama de obstáculos e desafios, a exemplo da adaptação a uma cultura e língua distintas, a busca pela manutenção laboral e estabelecimento de uma moradia, além da perda – se não total, ao menos parcial – de toda uma malha de sociabilidades, inclusive políticas – cuja nova elaboração era imperativa –, esses sujeitos foram incorporados em distintas redes de solidariedade locais, a partir das quais passaram a propagar notícias, impressões e experiências sobre a prática repressiva da ditadura.

³⁷³ FRANCO, Marina. Derechos humanos, política y fútbol. *Entrepasados*, Buenos Aires, ano XIV, n. 28, p. 27-46, 2005, p. 27.

³⁷⁴ NOVARO; PALERMO, 2007.

Internamente, desde 1977, a conformação de um grupo bastante distinto de manifestantes, também foi de particular importância na confrontação pública ao regime. Cotidianamente, um número crescente de senhoras com as cabeças recobertas por lenços brancos passou a caminhar em torno do obelisco, presente em meio a *Plaza de Mayo*, imediatamente à frente da *Casa Rosada* e outros prédios do poder executivo. Encaradas pela segurança local e, por vezes, confrontadas diretamente por esta, *Las Madres de la Plaza de Mayo*, constantemente desqualificadas por diversos grupos como *Las Locas*, faziam de suas caminhadas breves procissões em protesto pela falta de informação sobre seus filhos, filhas, netos e netas desaparecidos³⁷⁵. Quase independentemente de suas posições políticas originais particulares, eram os vínculos afetivos maternos que as associavam e identificavam no *Proceso* um adversário comum a ser inquirido, e logo mais, combatido.³⁷⁶ Uma movimentação incomum³⁷⁷, que logo angariaria atenção de veículos de imprensa estrangeiros, organismos e entidades internacionais.

A proximidade da Copa do Mundo contribuiu para que a Argentina se tornasse uma temática privilegiada, entre diferentes veículos de comunicação internacionais. Porém, ao mesmo tempo em que essa exposição crescente colaborava na divulgação do país, colocava em cena os questionamentos impostos ao regime de Videla. Se a proposta de projeção de uma imagem positiva, nos moldes imaginados desde a oficialidade, sobre a capacidade de realização nacional, havia sido posta em movimento, a competição também fomentava um debate sobre as condições sociopolíticas do país, que colocava em xeque a imagem que o governo buscava propagar de si. Por um lado, a nova administração havia demonstrado a disposição de levar adiante um evento anteriormente colocado em dúvida, por diversos interlocutores esportivos; por outro, passava a conviver com o incômodo inquérito das práticas autoritárias e da violência repressiva. De ambas as formas, o mundial impulsionava o

³⁷⁵ Conforme salienta Novaro (2011, p. 164), uma reunião que começou a se desenvolver de maneira bastante espontânea, com o intuito de acudir ao Ministério do Interior em busca de quaisquer informações. Diante das recorrentes ameaças de detenção por parte da polícia, se realizassem reuniões públicas, e da recusa da Catedral em abrigá-las em várias ocasiões, encontraram como alternativa de manifestação as caminhadas em torno do monumento piramidal, localizado no centro da praça, todas as quintas-feiras, cada vez com um número maior de assistentes.

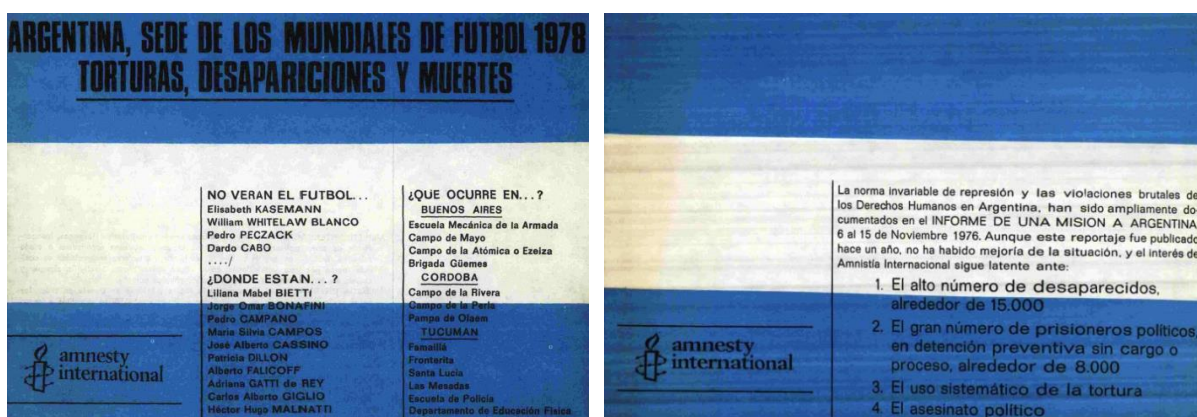
³⁷⁶ BOUSQUET, J. P. *Las locas de la plaza de mayo*. Buenos Aires: El Cid Editor, 1982.

³⁷⁷ Por diversos fatores, *Las Madres de la Plaza de Mayo* divergiam daquilo correntemente compreendido como um agrupamento político no período. Tratavam-se especificamente de mulheres, o que por si só já marcava uma diferença significativa, em que a condição de mães se sobressaía como principal signo de identificação e colocava suas reivindicações em um patamar afetivo com ampla capacidade de comoção, inclusive fora do país. Ou seja, suas posturas não vinham de construções ideológicas duras, mas apoiavam-se em fundamentos ético-morais bastante valorizados na cultura ocidental, a maternidade e a família, sintetizados no luto e sofrimento diante da dúvida sobre a condição de um ente querido.

país platino para um debate público, que transpassava as barreiras nacionais e expandia consideravelmente as possibilidades de locução ao seu redor.

Uma amostra desse processo de rearranjo narrativo da publicidade do torneio foi dada pela própria Anistia Internacional. Em seu relatório anual, sobre o ano de 1978, o órgão explicava que, na primavera daquele ano, organizou uma grande campanha para informar a opinião pública sobre as graves violações dos direitos humanos na Argentina, bem como pressionar as autoridades locais. Para isso, as seções nacionais produziram diversos materiais especiais, para serem distribuídos entre jornalistas esportivos, que seguiam para o país platino para cobrir as partidas, com o intuito de fornecer um panorama geral sobre o complicado contexto político, encorajando-os a investigar e reportar também as situações de prisioneiros políticos e desaparecidos³⁷⁸. Um desses materiais, ao qual tivemos acesso, foi um encarte produzido pela filial espanhola do organismo, que seguia à risca a proposta de utilizar a proximidade da competição, para chamar a atenção para a violência autoritária no país (Figura 22).

Figura 22 – Capa e contracapa de encarte da Anistia Internacional com motivo do Mundial de 1978.



Fonte: Amnistia Internacional Sección España. *Argentina, sede de los Mundiales de Futbol 1978: torturas, desaparecimientos y muertes*. Espanha, 1978.

Com a grade de cores da bandeira argentina ao fundo, a capa trazia listras com nomes de presos, mortos – sob o sinistro título “no verón el fútbol...” – ou desaparecidos, além de centros de detenção clandestinos. Na contracapa, sob o mesmo formato, anunciava o seguinte:

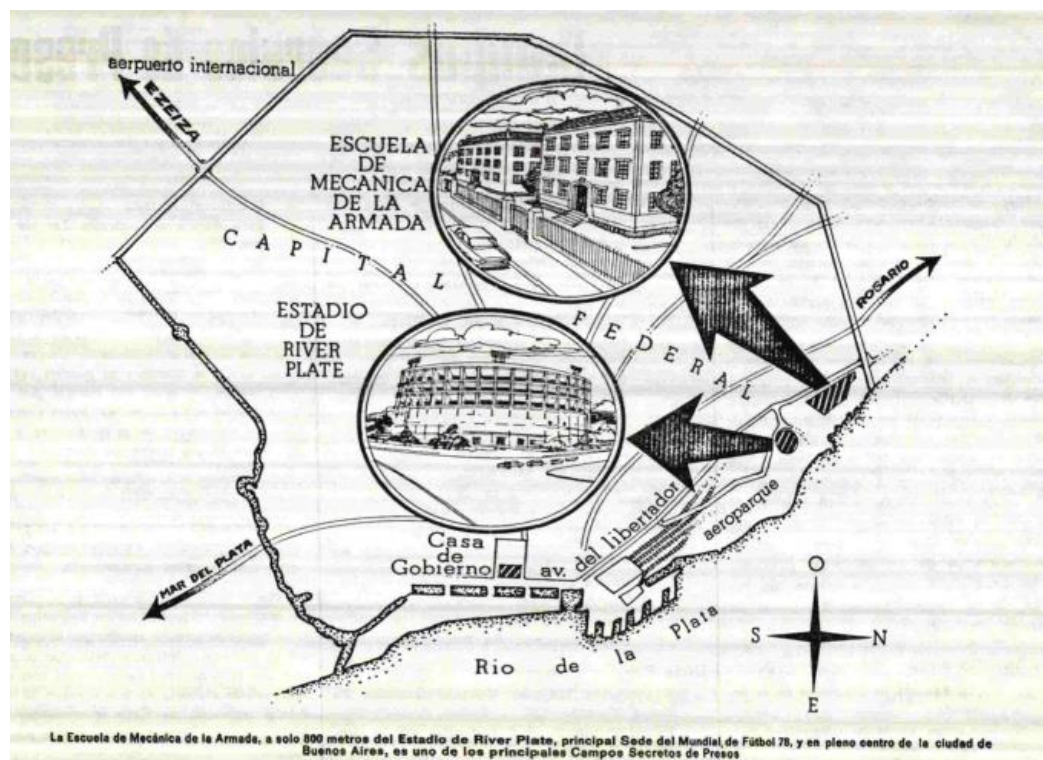
La norma Invariable de represión y las violaciones brutales de los Derechos Humanos en Argentina, han sido ampliamente documentados en el INFORME DE

³⁷⁸ AMNESTY INTERNATIONAL. *Amnesty International Report 1978*. London: Amnesty International Publications, 1979. p. 100.

UNA MISION A ARGENTINA, 6 al 15 de Noviembre 1976. Aunque este reportaje fue publicado hace un año, no ha habido mejora de la situación y el Interés de Amnistía Internacional sigue latente ante:

1. El alto número de desaparecidos, alrededor de 15.000
2. El gran número de prisioneros políticos, en detención preventiva sin cargo o proceso, alrededor de 8.000
3. El uso sistemático de la tortura
4. El asesinato político³⁷⁹

Figura 23 – Desenho representado a proximidade entre o Monumental de Nuñez e a ESMA.



Fonte: Amnistia Internacional Sección España. *Argentina, sede de los Mundiales de Fútbol 1978: torturas, desaparecimientos y muertes*. Espanha, 1978. p. 9.

Internamente, a maior parte do material se dedicava a acusar e a apresentar casos específicos, aos quais teve acesso. Ao abordar o mundial, enfatizava a estratégia de propaganda internacional adotada pelo governo militar, com ênfase nas narrativas oficiais em detrimento de compreensões contrárias; assim como a desqualificação das críticas proferidas ao regime, vindas do exterior, insistindo que se tratavam de inverdades fomentadas pelo terrorismo e a subversão. Porém, talvez um dos destaques mais importantes tenha se dado na apresentação dos campos secretos de presos, espalhados por diferentes partes do país. Em uma das poucas intervenções gráficas para além do texto, o encarte trazia um mapa de Buenos Aires, no qual destaca com balões as localizações da ESMA e do Monumental de Nuñez (Figura 23). Abaixo, quase como uma nota de rodapé, a publicação explicava que a distância

³⁷⁹ Amnistia Internacional Sección España. *Argentina, sede de los Mundiales de Fútbol 1978: torturas, desaparecimientos y muertes*. Espanha, 1978.

entre um dos principais centros clandestinos de detenção e tortura localizava-se apenas a 800 metros da principal sede da Copa do Mundo. O evento futebolístico e o terror repressivo eram dispostos lado a lado, algo que não se poderia ignorar.

As ações da Anistia Internacional, em seus diversos espaços de atuação, constituem um exemplo interessante de articulação entre o mundial e os debates sobre a ditadura Argentina. Contudo, a organização não tinha uma grande preocupação com o evento em si e seu desdobramentos políticos, mas sim em aproveitar seu potencial massivo e midiático para reafirmar seus posicionamentos e ampliar a divulgação de seus discursos.

Em meio às múltiplas iniciativas que se debruçaram criticamente sobre o torneio, um movimento em especial tratou de mobilizar uma série de manifestações, expressões e narrativas que colocaram os significados atribuídos à Copa do Mundo 1978, ao futebol e à Argentina *procesista*, sob novas perspectivas, com novos problemas: a proposta de boicote.

Delineada em diferentes países europeus, sobretudo na França, as discussões organizadas ao redor da proposta trouxeram à tona sensibilidades e apreciações distintas daquelas verificadas internamente. Com o futebol e o mundial como signos comuns, tencionavam o debate político sob dimensões éticas e culturais variáveis e polissêmicas, pois tratavam tanto sobre dilemas e configurações locais, quanto se dirigiam e agiam sobre o contexto vigente na Argentina. De certa maneira, este capítulo também retrata os dilemas de se realizar ou não a Copa do Mundo na Argentina, porém sob questões e dimensões bastante diferentes que procuraremos explorar a seguir.

5.1 A EXPERIÊNCIA DO BOICOTE: A MOVIMENTAÇÃO DE UM DEBATE SENSÍVEL DESDE A EUROPA

Como vimos nos tópicos anteriores, as intenções do *Proceso* com relação ao mundial estavam longe de constituir algo novo – em vista de outras iniciativas prévias com relação à modalidade – ou mesmo estiveram ocultas da apreciação pública. Ao contrário: estavam explícitas tanto no discurso oficial, propalado pelos personagens e instituições à frente do regime, quanto na cobertura e divulgação do evento levada a cabo nos diferentes suportes midiáticos. Mesmo assim, ainda que os espaços de debate, fomentados pelos veículos de imprensa, estivessem à mercê de uma ação censória e repressiva, de forma a impedir um

posicionamento discordante oupositor, sobre aspectos sensíveis ao projeto repressivo, delineado pelas forças armadas, houveram algumas vozes dissonantes minimamente toleradas³⁸⁰.

Se dentro das fronteiras do país, o discurso oficial inundava os caminhos tradicionais de locução pública, com o suporte de parcela significativa da sociedade e dos meios de divulgação – o que não garantia necessariamente sua eficácia –, fora delas, múltiplas vozes ressoaram em oposição à ditadura e, por vezes, ao mundial de 1978. Ante a ampla perseguição levada a cabo pelas forças repressivas, as dificuldades em estabelecer uma resistência organizada e o temor do aprisionamento, diversos militantes buscaram refúgio no exílio ou se viram forçados a tomar o rumo da clandestinidade. Embora países de língua espanhola, como México e Espanha, constituíssem destinos preferenciais, outras nações europeias também se tornaram importantes pontos de migração política. A França, em parte devido a sua particular tradição na defesa dos direitos humanos, ocupou um lugar de destaque nesta configuração, ao abrigar diversos exilados antes e depois de 1976. Muitos destes logo se aliaram a distintos grupos e organizações locais, partidos e sindicatos, os quais manifestaram sua solidariedade com os recém-chegados, ao mesmo tempo em que assumiram uma postura crítica em relação ao governo de Videla.³⁸¹

Como nos apresenta Franco³⁸² e Ribeiro, uma dessas organizações foi o CSLPA³⁸³, cujo principal eixo de ação era justamente a oposição, ao que consideravam políticas imperialistas francesas no país platino. De acordo com a pesquisadora argentina, o CSLPA constituiu um dos ramos centrais, que levaram à formação e organização do COBA³⁸⁴, um dos principais polos de contestação ao mundial de 1978. Como indicava sua nomenclatura, o coletivo propunha o boicote à vindoura competição esportiva. Em linhas gerais, a proposta girava ao redor de dois objetivos principais: primeiro, a transferência da sede do evento, ante

³⁸⁰ Entre os mais destacados, como verificamos no último capítulo, estão os casos do jornalista Dante Panzeri, cuja oposição à Copa na Argentina antecedia o golpe, e do secretário de fazenda Juan Alemann, o qual, mesmo em uma posição chave dentro da estrutura econômica, declarou abertamente que o mundial era altamente inflacionário, desencadeando um debate público com outros personagens ligados à ditadura, sobretudo aqueles que se encontravam à frente do EAM 78.

³⁸¹ FRANCO, 2008.

³⁸² FRANCO, 2005, p. 28; FRANCO, 2008, p. 182; RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol e ditadura na América Latina: a experiência do C.O.B.A. *XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social*, 2013, Natal. Anais eletrônicos. Natal: UFRN, 201. p. 2. Disponível em: <<http://www.snh2013.anpuh.org/site/anaiscomplementares>> Acesso em: 1 jun. 2014.

³⁸³ *Comité de Soutien aux Luites du Peuple Argentin* (“Comitê de Solidariedade as Lutas do Povo Argentino”).

³⁸⁴ Ao observarmos as produções que se debruçaram sobre o tema, encontramos duas grafias para a nomenclatura do grupo: *Collectif pour le boycott de l'organisation par l'Argentine de la Coupe de Monde de football* e *Comité de Boycott au Mondial de Football en Argentine*. Esta última, em tradução livre “Comitê de Boicote ao Mundial de Futebol na Argentina”, se tornaria a denominação mais conhecida e referenciada nas produções sobre a Copa do Mundo de 1978.

a eminente instrumentalização operada pela ditadura local; segundo, a não participação da seleção francesa diante da permanência da competição na Argentina.

Em busca de uma gênese do movimento, tanto Ribeiro quanto Franco localizam uma atitude fundacional, na coluna assinada pelo romancista judaico-polonês Marek Halter, no conceituado *Le Monde*, em outubro de 1977. Após tomar conhecimento da morte da sobrinha e seu esposo na Argentina, o autor escreveu um longo manifesto, no qual condenava o governo e conclamava o boicote ao renomado evento esportivo, diante dos abusos autoritários da ditadura. Pouco depois, o COBA iniciaria suas atividades, compartilhando a postura apresentada pelo escritor e outras organizações ao redor do velho continente. Se Halter, a despeito de seu engajamento em diversas temáticas, não tinha uma ligação tão estreita com as associações políticas, que passaram a encampar a proposta de boicote ou de oposição ao campeonato, seu nome acabaria identificado como um dos responsáveis por alavancar o debate levado a cabo por estes organismos.

Segundo observa Franco³⁸⁵, o COBA foi instalado na sede do CEDETIM, uma agrupação militante autodenominada de “*Centre d’études et d’initiatives de solidarité internationale*”, fundada em 1967 sob uma postura de esquerda radical, voltada ao combate ao imperialismo francês na África, sobretudo ao colonialismo na Argélia. Não tardou para que o centro ampliasse seu escopo de atuação e passasse, também, a denunciar a situação latino-americana e demonstrar solidariedade com a população e lutas locais. De acordo com a historiadora argentina, o lugar se tornaria um importante espaço de encontro de imigrantes latino-americanos e de grupos franceses, durante a década de 1970.

Entretanto, a organização não só questionava a realização do evento, sob um governo ditatorial, como pautava o próprio futebol como fenômeno de massas, passional, acrítico e alienante. De certo modo, esta vertente se mostrava tributária a outro ramo central no grupo, composto por profissionais da Educação Física, ou especialistas na temática, com filiações sindicais e práticas ativas à esquerda na esfera educativa³⁸⁶. Entre as diversas associações, das quais afluíram esses militantes, como o coletivo sindical *École Emancipée*, uma das que contavam com a participação mais incisiva de seus membros foi a agrupação política e editorial *Quel Cops?*, que se definia como uma revista de crítica radical aos esportes e reunia uma série de intelectuais, liderados por Jean-Marie Brohm³⁸⁷. A partir do exemplo modelar dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, seus representantes assumiam o combate as

³⁸⁵ FRANCO, 2008, p. 183.

³⁸⁶ FRANCO, 2005, p. 28.

³⁸⁷ RIBEIRO, 2013, p. 4.

instituições desportivas internacionais, com o foco sobre a instrumentalização política do esporte por parte dos Estados, especialmente aqueles sem liberdades democráticas asseguradas, de modo a direcionar seus esforços no repúdio à eminente Copa do Mundo na Argentina e as vindouras Olimpíadas de Moscou³⁸⁸.

Além desses, Ribeiro também identifica o apoio e participação de outros grupos de esquerda, como o *Parti Socialiste Unifié* (PSU), a *Ligue Communiste Révolutionnaire* (LCR), setores do *Syndicat Général de l'Education Nationale-Confédération Française démocratique du Travail* (Sgen-CFDT), entre outros. Como observa Franco, ao final de 1977, essa multiplicidade de agremiações políticas confluiu na organização do COBA, ainda que estivessem com um de seus únicos pontos em comum, além da crítica severa ao evento e à conjuntura argentina, uma tradição e prática política militante deslocada à extrema esquerda. Desse modo, o grupo estava longe de constituir uma unidade homogênea e apresentava recorrentes discordâncias na condução do movimento. Para Magalhães³⁸⁹, essa mesma multiplicidade de perspectivas seria importante para a proliferação do movimento na França, bem como no resto da Europa, além de contribuir para explicar a vasta adesão ao longo do país, com mais de 200 comitês regionais.

De modo geral, as ações engendradas foram bastante variadas, com a publicação de manifestos; envio de cartas às autoridades, exigindo um posicionamento rígido sobre os direitos humanos e as convocando a aderir ao boicote; manifestações nas ruas e em frente à embaixada da Argentina em Paris; coleta de abaixo-assinados; confecção panfletos e cartazes;

³⁸⁸ De acordo com a produção de Vasconcellos (2011) e a tese defendida por Magalhães (2013), assim como a Copa do Mundo de Futebol de 1978, os jogos Olímpicos de Moscou, em 1980, também foram motivo de boicote. Contudo, diferentemente do caso argentino, as iniciativas partiriam da pressão dos próprios governos que, de fato, não enviaram suas delegações olímpicas às competições, além de implementarem outras medidas restritivas político-econômicas mais impactantes e significativas no campo das relações internacionais, como o embargo na exportação de grãos. Segundo relatam esses autores, no caso soviético, o boicote foi puxado pelos Estados Unidos, com motivo da invasão empreendida pela potência rival ao Afeganistão, em uma iniciativa que contou com a adesão de 58 países, entre os quais Alemanha Ocidental, Japão, Canada, Quênia, República Popular da China e a própria Argentina. A ação obteve a reposta soviética em 1984, quando a URSS declarou, por justificativas diretas, que envolviam a segurança e integridade dos atletas, que não participariam dos jogos organizados em Los Angeles. Em meio a este cenário mais amplo, cabe destacar que o embargo esportivo não era propriamente uma novidade e, em maior ou menor grau, atingiu diversos países e competições nas últimas décadas do século XX. Talvez um dos exemplos mais sintomáticos, seja o da África do Sul, cuja política segregacionista-racial do Apartheid, sobretudo após as recomendações de sanção dirigidas pela ONU em 1976, fizeram com que o país fosse excluído de diversas federações esportivas – entre as quais a própria FIFA – e fosse aliado do cenário esportivo internacional, inclusive com o progressivo esmorecimento de importantes eventos esportivos organizados no país. Outro caso interessante, apenas para voltarmos ao contexto argentino, é o do Iraque que se retirou da disputa, após o anúncio de que a seleção de Israel disputaria as eliminatórias no grupo da Ásia-Oceania, após sua expulsão da CAF (Confederação Africana de Futebol) e o impedimento de disputar a vaga disponibilizada aquele continente.

³⁸⁹ MAGALHÃES, 2013, p. 164-165.

organização de exposições de artistas, que produziram material para o movimento, entre outros.

A iniciativa se espalhou rapidamente pela França, com polos em diversas cidades, e ganhou significativo espaço nos veículos de imprensa. O boicote se tornou tema público, assim como o questionamento sobre a ditadura no país sul-americano. Ações paralelas tomaram lugar em países vizinhos, como Holanda, Bélgica, Alemanha, Suécia e Espanha, muitos dos quais desenvolveriam versões locais do movimento.

Dentro das iniciativas de divulgação desenvolvidas pelo COBA, talvez a mais conhecida e impactante tenha sido a produção de alguns números do periódico *L'Épique* (O Épico), uma clara alusão paródica ao famoso jornal esportivo francês *L'Equipe*, o qual assumiu uma postura favorável à participação da seleção local na competição, por razões esportivas³⁹⁰. Segundo o levantamento realizado por Franco³⁹¹, alguns números da publicação chegaram a obter vendagem superior a 120.000 exemplares, no início de 1978.

Porém, aspectos importantes devem ser considerados ao analisarmos a campanha organizada pelo coletivo, sobretudo ao voltarmos o olhar para a argumentação empregada no tratamento do evento esportivo e do quadro político argentino. Mesmo com a presença de diversos exilados nos quadros da organização, a colaboração destes foi normalmente marginal, restrita a atividades mais práticas na base da organização, relativamente afastados dos debates centrais e das principais lideranças. Com o foco de seu estudo sobre os exilados argentinos na França, durante a ditadura, Marina Franco exalta que a participação reduzida destes com relação ao movimento, ou mesmo a negação ou resistência com relação ao boicote, se devia a múltiplos fatores, sobretudo ao choque cultural e político que experimentavam em sua experiência no exílio.³⁹²

Além de enfrentarem travas eminentes – o idioma e os costumes emergiam como barreiras mais óbvias e imediatas de sociabilidade –, também se deparavam com uma configuração política e social estranha, com a qual, recorrentemente, entravam em confronto. Ainda que apresentassem pontos de contato dentro de um espectro político-ideológico comum, como o alinhamento a propostas revolucionárias e libertárias, os referenciais de vivência e militância política eram bastante distintos e, não raramente, colocavam em evidência embates quanto aos objetivos traçados e mecanismos de ação. Exemplo disso, facilmente identificável nas produções desenvolvidas dentro da organização – especialmente

³⁹⁰ Nesse sentido, é interessante destacar que o combinado francês não participava de uma competição de Copa do Mundo desde 1966, na edição realizada na Inglaterra.

³⁹¹ FRANCO, 2008, p. 183.

³⁹² FRANCO, 2005, p. 27-46; FRANCO, 2008.

de ordem imagética –, eram as referências adotadas como parâmetro de crítica política. A alusão às experiências totalitárias, particularmente ao nazismo, seria empregada para descrever o cenário vigente no país platino e alertar para as violações aos direitos humanos. A preocupação com eventuais represálias, sobretudo a familiares e pessoas mais próximas, ainda residentes na Argentina, também inibia a participação mais ativa de diversos indivíduos, temerosos que uma maior exposição pudesse gerar represálias.

Os desafios mais imediatos de adaptação constituíam um fator importante, para se compreender a participação tangencial dos exilados na militância política em solo estrangeiro. Antes das diferenças culturais e políticas, era necessário superar situações mais urgentes que envolviam a própria manutenção dos sujeitos, como a obtenção de uma ocupação laboral e uma residência.

Em conjunto com esses elementos, é fundamental destacar a relação diversa dos argentinos com o futebol, cujos vínculos históricos, culturais e afetivos haviam se desenvolvido de forma mais intensa e profunda, inclusive como signo comovente de identidade e pertencimento nacional. Para grande parte dos argentinos, exilados ou não, inclusive aqueles alocados nos agrupamentos de luta armada – em que a prerrogativa da representatividade popular era fundamental –, o futebol emergia como importante artefato de mobilização emocional e a seleção ainda guardava o vínculo de uma representação nacional, com a qual se identificavam afetivamente. Enquanto, para alguns, o sentimento de envolvimento emergia como algo contraditório – no sentido de que apoiar a seleção seria apoiar a ditadura³⁹³ –, para outros parecia relativamente claro que o futebol e o time nacional seriam representantes legítimos do povo, e não dos governos vigentes. Para estes, boicotar a Copa poderia ser uma forma de privar a própria população local. Desse modo, muitos opunham-se à proposta e advogavam em favor da continuidade da competição no país, ao mesmo tempo em que ressaltavam que era necessário denunciar o uso político que a ditadura fazia do certame³⁹⁴.

A partir disso, podemos afirmar que o posicionamento sobre a Copa do Mundo de 1978, fomentado pelo COBA, perpassava antes e obrigatoriamente por problemáticas e

³⁹³ Exemplo semelhante pode ser visto no caso da seleção brasileira, durante o mundial em 1970, quando muitos militantes de esquerda, mais próximos aos ideais revolucionários do comunismo e de certa análise marxista, se viram diante de sentimentos contraditórios ao comemorar ou não as vitórias da equipe brasileira, durante a campanha do tricampeonato, em meio ao governo do general Médici.

³⁹⁴ No artigo “El mundial de fútbol de 1978 en Argentina: victoria deportiva y derrota moral”, Eduardo Archetti (2004) retrata bem esse complicado dilema entre as emoções evocadas pelo futebol e a ideologia nacionalista particular do *Proceso*. De acordo com o autor, já em vista das memórias produzidas sobre aquele momento, o resultado dessa relação complexa e conflituosa foi a uma “*ambivalencia moral*” ao redor do evento e da vitória do selecionado local.

tradições políticas locais, francesas e europeias, do que um exame centrado sobre o panorama argentino e latino-americano. À guisa de exemplo, atentamos para a seguinte circular emitida pela organização já em 1978:

POR DETRÁS DO MUNDIAL, CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

No dia 1º de junho abre-se oficialmente a décima primeira Copa do Mundo de Futebol, na Argentina. Em breve a televisão e a imprensa nos retransmitirão da Argentina apenas imagens de futebol e uma visão idílica da realidade que vive o povo argentino.

A partir de agora a grande imprensa acentuará esse assunto, procurando minimizar a ampla corrente de indignação que é manifesta na França de todos os que, junto ao COBA, e os 120.000 assinaturas de Convocação ao Boicote, recusam que se jogue futebol nos campos de concentração.

Pois, por detrás da tela, a realidade na Argentina é:

- Uma ditadura militar responsável por 8.000 assassinatos, 10.000 aprisionamentos e 15.000 “desaparecimentos”;
- Mas também um povo que luta e que o saberá mostrar durante o “Mundial dos militares”;

[...]

SOLIDARIDADE AO POVO ARGENTINO

CONTRA A REPRESSÃO NA ARGENTINA

CONTRA O APOIO DE GISCARD À JUNTA DE VIDELA

NADA DE FUTEBOL ENTRE CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

BOICOTE À DITADURA ARGENTINA.³⁹⁵

Como evidencia o texto, os temas evocados remetem à recente memória autoritária do continente Europeu, com ênfase no intervalo nazifascista, que se interpôs ao país galo durante a ocupação alemã no decorrer da Segunda Guerra Mundial. Desse modo, ao mesmo tempo em que denunciava os excessos repressivos do *Proceso*, ao estimar o número de vítimas do regime argentino, utiliza-se de um arcabouço comum de referências sensíveis que o relacionam aos traumas políticos europeus. Não por acaso, a sombra totalitária e mortífera dos campos de concentração seria figura recorrente em sua construção discursiva, fosse ela de ordem textual ou imagética.

Outro aspecto recorrente na campanha e crescente, diante da aproximação do evento, quando a meta traçada do boicote esportivo se distanciava de sua efetivação, foi a crítica ao mundial e às instituições esportivas. Elemento também presente, ainda que timidamente, ao afirmar que as imagens do futebol transmitiriam uma visão idílica, em certa medida alienada, do duro contexto sociopolítico local. Tal leitura aparece de forma mais contundente no manifesto “Abaixo o Mundial, viva o internacionalismo proletário”, publicado na revista *Quel corps?*, em ocasião do 1º de maio de 1978.

³⁹⁵ COBA, 1978 apud RIBEIRO, 2013, p. 7.

Essa campanha deve também se desenvolver contra o esporte de competição como espetáculo de massificação totalitária, que impede sistematicamente todas as manifestações revolucionárias das massas exploradas [...] Se *Quel corps?* Desde o começo se juntou à campanha do boicote foi por objetivo militante de denunciar o mascaramento do futebol como fato social, dominando milhões de trabalhadores; e assim retornar ao internacionalismo proletário, perigosamente relegado ao esquecimento histórico [...] Nós não somos daqueles que dizem sim ao futebol, não à tortura, pois essa palavra de ordem é falsa. Ela inocenta o futebol, tornando-o alguma coisa isolada, um planeta virgem, um mundo à parte.³⁹⁶

Se o trecho do manifesto focava na temática da ditadura e perpassava pelo mundial de maneira tangencial, a postura adota pela ramificação do grupo ligada a *Quel Corps?* realoca o esporte, sob a representatividade do futebol, no centro de sua crítica. Nesse caso, antes mesmo da situação vivenciada na Argentina, em seu parecer um novo exemplo da instrumentalização dos esportes de competição como espetáculos massivos, é a visão política reducionista da modalidade; ou seja, sua pressuposta capacidade de domínio e manipulação, que se sobrepõe como problema.

Além desses elementos, havia a permanente cobrança para que governo francês, então sob a gestão à direita de Valéry Giscard d'Estaing, saísse da inanição, tomasse um posicionamento condenatório e adotasse medidas contundentes, em represália aos abusos cometidos pela ditadura liderada por Videla. O apelo a um tema sensível à população francesa, como a garantia de direitos considerados universais – questão na qual reivindicavam uma preponderância histórica, ante aos estados-nação ocidentais modernos –, foi importante na mobilização de um intenso debate público. Afinal, ainda que a iniciativa afetasse um esporte massivo de grande apelo popular, a campanha foi convocada pela extrema esquerda, sem contar com o suporte de partidos majoritários e focada em um país distante, com um impacto relativamente pequeno na sociedade local e sobre o qual tinham pouco conhecimento³⁹⁷.

Desde o lançamento definitivo da empreitada, em janeiro de 1978, o crescente interesse pela questão, bem como a atenção direcionada por parcela significativa da imprensa, fizeram com que o debate angariasse espaço significativo nos meios de comunicação nos meses seguintes. Artistas, políticos, intelectuais e esportistas delineavam suas posições e discutiam o mérito de participar ou não do certame. Ainda que muitos desses personagens tenham se manifestado em favor da proposta, o fato é que ela não encontrou o suporte institucional necessário, sobretudo no âmbito político-partidário. Enquanto os partidos à direita se mantiveram praticamente à margem, optando por silenciar sobre o assunto, as

³⁹⁶ *Quel Corps?*, 1 maio 1978 apud RIBEIRO, 2013, p. 10.

³⁹⁷ FRANCO, 2008, p. 193.

agremiações tradicionais à esquerda, notadamente o PS (Partido Socialista) e o PCF (Partido Comunista Frances), manifestaram-se de maneira reticente ou mesmo em oposição à medida. Porém, isso não significa que integrantes destes não tenham tomado parte do movimento, até porque os militantes ativos recorrentemente circulavam por diferentes espaços. Entre aqueles que aderiram à proposta, estavam diversos grupos de defesa dos direitos humanos³⁹⁸, de cristãos de esquerda, diferentes correntes anarquistas e diversos partidos de menor representatividade da extrema esquerda comunista³⁹⁹.

Na análise proposta por Ribeiro⁴⁰⁰, a não adesão das agremiações tradicionais poderia ser compreendida pela própria conjuntura de ação política, delineada no país naquele momento. Ainda sob os efeitos do estado de bem-estar social, com o incremento do processo de inclusão, reorganização e crescimento econômico, que sucedeu o pós-guerra, o país verificou o arrefecimento dos espectros tradicionais da luta política, sobretudo no peso e participação dos trabalhadores identificados sob o espectro da classe operária e no esvaziamento da proposta modelar da luta de classes, em favor de reclames sociais, que transbordavam os limites dessa apreciação. Em diálogo com o exame realizado por Castoriadis à época, o historiador assinala o esgotamento dos ideais tradicionais de luta política – a luta de classes –, assim como dos projetos políticos e teoremas explicadores ligados às vanguardas marxistas revolucionárias. Havia entrado em cena disputas parlamentares por direitos individuais ou de agrupamentos específicos, até então margeados, ou mesmo repetidamente ignorados e reprimidos – como as mulheres, os negros, os jovens e os homossexuais, além da profusão de novos vieses sobre a compreensão político-cultural, da qual a célebre experiência do “maio de 1968” havia se tornado um importante ponto de reflexão. A este processo também se aliaria o esfacelamento da referência soviética, decorrente também da preponderância de suas estruturas burocráticas e autoritárias.

Em acordo com a análise empreendida por Franco⁴⁰¹, o PS incorporou a crítica humanitária ao governo de Videla e chegou a sinalizar, em alguns momentos, que o campeonato de seleções não poderia ser realizado na Argentina, diante dos questionamentos impostos ao governo. Entretanto, as posturas adotadas eram muitas vezes ambivalentes e voláteis, sem jamais pontuar uma posição oficial de suporte ou repúdio à iniciativa específica

³⁹⁸ Segundo relata Franco, uma das poucas exceções foi o caso da Anistia Internacional, a qual declarou que não era sua função tomar partido com relação ao certame esportivo, mas empreendeu uma intensa campanha em prol da denúncia e investigação da situação argentina. (FRANCO, 2008, p. 198).

³⁹⁹ Ibid., p. 195.

⁴⁰⁰ RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol e ditadura na América Latina: a experiência do C.O.B.A. *XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social*, 2013, Natal. Anais eletrônicos. Natal: UFRN, 2013. Disponível em: <<http://www.snh2013.anpuh.org/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 1 jun. 2014.

⁴⁰¹ FRANCO, 2008, p. 196-197.

do boicote. Já o PCF assumiu, desde o princípio, sua discordância em relação à ação. Segundo o levantamento efetuado por Ribeiro, em 18 de novembro de 1977, período quando a temática passou a ganhar força, ao passo que o COBA ainda desenhava suas frentes de trabalho, o secretário geral do partido, Georges Marchais, explicitou sua contrariedade ao jornal *L'Humanité*, órgão de imprensa oficial do partido:

Se a próxima copa do mundo de futebol fosse na África do Sul, eu diria não. Mas, quando se coloca o problema de direitos humanos em certos países, eu penso que é preciso ter mais atenção, pois corresse o risco, tanto a leste quanto a oeste, de não se ir a país algum.

É por isso que eu defendo a ideia de que a França deve ir à Argentina. Acrescentaria o argumento de que o esportista é um cidadão como qualquer outro; ele deve se utilizar de todos os meios para defender a liberdade, lá onde ela estiver em perigo. Se estimamos que é esse o caso na Argentina, tudo bem, defendamos as liberdades lá como em qualquer lugar!⁴⁰²

As chaves explicativas para essa recusa são múltiplas e não podem ser observadas apenas por um único prisma. As próprias transformações pela qual o espaço político-público francês havia passado nos últimos anos constituem apenas uma apreciação parcial. A chegada das eleições legislativas, em 1978, também constituía uma preocupação latente, fosse ao buscar um alinhamento com o entendimento popular da questão – cuja ampla maioria havia se manifestado de forma contrária ao boicote, ainda que solidária à situação argentina –, ou na vinculação com discursos de política radical que, em última instância, ainda miravam a irrupção da luta revolucionária. Espectro este onde o COBA, então mais à esquerda no âmbito político do que o PCF, certamente se encontrava⁴⁰³.

Adiante desses elementos, também é imperativo considerar, como bem salientam Franco e Magalhães⁴⁰⁴, a verticalidade dos alinhamentos comunistas ocidentais, a respeito da URSS, além da própria apreciação construída sobre a ditadura dentro do segmento partidário argentino. O tema dos direitos humanos na América-Latina havia angariado crescente destaque internacional, a partir da irrupção do golpe que alçou a ditadura liderada pelo general Augusto Pinochet, no Chile em 1973, justamente contra a gestão orientada ao socialismo de Salvador Allende⁴⁰⁵. Se por um lado, foi justamente a partir do antecedente chileno, que os

⁴⁰² *L'Humanité*, 18 nov. 1977, apud RIBEIRO, 2013, p. 8-9.

⁴⁰³ RIBEIRO, 2013, p. 9.

⁴⁰⁴ FRANCO, 2008, p. 195-196. MAGALHÃES, 2013, p. 167.

⁴⁰⁵ A título de reflexão, cabe retomar um episódio esportivo ocorrido, poucas semanas após a deflagração o golpe e a instituição da crua perseguição aos opositores do novo regime. Ao final de 1973, entre setembro e novembro, as seleções do Chile e da URSS disputavam uma última vaga para o mundial do ano seguinte, na Alemanha Ocidental. O primeiro jogo seria realizado em Moscou (empate por zero) e o segundo e decisivo em Santiago, no Estádio Nacional, que naquele momento servia como um dos centros de detenção da ditadura recém-instaurada.

grupos de direitos humanos franceses adotaram uma postura solidária imediata com os exilados e o quadro repressivo argentino, essa mesma atitude não se verificou no caso do PCF.

Essa apatia em relação à experiência argentina dialogava com as concepções desenvolvidas pelo PC local e a administração soviética, com relação à junta militar. A interpretação oficial sustentava o entendimento de que havia uma grande distância em relação à situação Chilena, com a percepção de que o novo governo era integrado por uma linha dura e uma linha branda – “*halcones y palomas*”, como recorda Franco –; e que a gestão de Videla representava justamente o segundo segmento, cuja manutenção seria uma forma de prevenir o embrutecimento do regime ao modo do vizinho sul-americano, viabilizando um caminho para uma saída democrática satisfatória aos interesses civis e militares⁴⁰⁶. Nesses termos, a compreensão foi a de que, mesmo enquanto membro da burguesia e do capital, Videla era um liberal, alguém com quem era possível dialogar, ao passo que Pinochet não passava de um fascista.

Como bem destaca Magalhães, para compreender a postura negociadora do PC argentino, é necessário visualizar o contexto particular em que se inseria. Ao longo das últimas décadas, o peronismo havia se consolidado como referente narrativo político central no país. De múltiplas maneiras, distendeu-se pela direita conservadora cristã e anticomunista, adquiriu força junto às agremiações sindicais, intelectuais e universitários, muitos deles constituintes de agrupamentos com pretensões sociais revolucionárias, e até mesmo seria identificado como principal foco de combate, por aqueles afiliados a correntes políticas opostas ou simplesmente distintas.

Nesse quadro, a relação do PC com o peronismo foi simultaneamente de tensão e incompreensão, pois, ao mesmo tempo em que pretendia rivalizar na condução da classe trabalhadora local, fora incapaz de lidar com as singularidades do movimento peronista e, por isso, viu reduzida sua capacidade de produzir uma influência política significativa. Na apreciação de Magalhães, “na lógica comunista, Perón se igualava ao fascismo europeu e, por tanto, o golpe civil-militar era por eles interpretado como a etapa da revolução nacionalista

Após pleitear, sem sucesso, junto à FIFA a transferência do jogo para um país vizinho, a URSS divulgou que não enviaria a equipe para disputar a partida, em uma atitude de protesto e repúdio ao golpe e à repressão deflagrados no país andino. Mesmo sem a presença do adversário, diversos torcedores foram ao estádio, a seleção chilena entrou em campo e logo após o apito inicial cumpriu o protocolo com um gol simbólico, que lhe garantia a classificação. Na sequência, disputou um amistoso, arranjado às pressas nos dias anteriores, com a equipe brasileira do Santos Futebol Clube, no qual saiu derrotada pelo placar de 5 x 0.

⁴⁰⁶ FRANCO, 2008, p. 196.

burguesa prévia ao modo de produção comunista”⁴⁰⁷. Não é ao acaso, portanto, que o PC foi um dos poucos a sustentar sua legalidade durante a ditadura, sem grandes prejuízos a sua estrutura. Um indício de que, mesmo com um projeto social e ideológico diametralmente distinto, alocado sob o julgo da subversão, não era o comunismo em si o inimigo imediato a ser combatido, mas antes o próprio peronismo, particularmente em suas ramificações alocadas à esquerda, que haviam assumido a primazia do embate em prol de uma revolução popular.

Em conjunto com a avaliação conduzida, desde a representação do partido no país platino, o bom relacionamento com a potência soviética, com qual a Argentina também mantinha importantes vínculos comerciais, também impactava as posturas contrárias ao boicote. Concomitantemente, não se pode perder de vista os vindouros Jogos Olímpicos de 1980, organizados na capital soviética. Naquele momento, não era interessante aos comunistas repercutir ações e questionamentos sobre temas sensíveis, como os direitos humanos, em relação ao desenvolvimento de grandes eventos esportivos. Afinal, uma crescente politização nesses termos abriria um precedente próximo, e perigoso, para o debate em torno das Olimpíadas de Moscou.

Como observam os autores que se debruçaram sobre a temática, o debate pelo boicote obteve grande repercussão. No caso da especificidade francesa, diversos atores políticos foram convidados a se manifestar sobre o tema. Jornais diversos abriram espaço para o debate e reproduziram opiniões favoráveis e contrárias. Em meio ao debate, os próprios jogadores foram inquiridos sobre a temática, sendo impelidos a pontuar sua posição, sobre a adesão ou não à causa e, principalmente, a assistência ou não da equipe francesa à competição no mês de junho. Nesse sentido, é interessante notarmos algumas das declarações proferidas na época, por alguns desses personagens, as quais foram compiladas no estudo de Ribeiro⁴⁰⁸:

- “Eu sou um profissional do futebol, não um político. Que não me peçam para misturar os dois” (Jean-Paul Bertrand Demanes, jogador do selecionado francês);
- “Nós vamos a Argentina para jogar futebol, não para conduzir uma ação política” (Dominique Bathenay, jogador do selecionado francês);
- “Nossas regras, eu acredito, são superiores aquelas do mundo político. Nós somos mensageiros da fraternidade e querem destruir em nós essa virtude”. (Michel Hidalgo, jogador do selecionado francês);

⁴⁰⁷ MAGALHÃES, 2013, p. 167.

⁴⁰⁸ RIBEIRO, 2013, p. 9-10.

- “Os que nos pedem para não irmos não são sérios. Podemos imaginar qualquer coisa, menos o boicote. Faz quatro anos que nos preparamos [...] Há doze anos que a França não é selecionada. Desta vez, enfim nós somos selecionados. E há quem nos pede para não irmos. Não dá para aceitar. Eu irei a nado a Buenos Aires”. (Michel Platini, jogador do selecionado francês).

As falas retratadas acima explicitam diversos problemas, não só com relação ao boicote, mas também aos discursos políticos vinculados ao futebol. Diante da imposição de um dilema ético-político, que se impunha repentinamente sobre atores normalmente margeados ou descaracterizados da atuação política, os jogadores se viram como eventuais protagonistas da iniciativa, ou, ao menos, como sujeitos diretamente afetados por ela. Ao pontuarem a participação francesa no certame, a opção por uma justificativa calcada em uma leitura corrente – em que futebol e política consistiam em domínios distintos, o lugar-comum do futebol como alheamento político, criticado por certas ramificações do COBA –, os jogadores não afirmavam desconhecer o debate, mas buscavam se eximir de uma responsabilidade ética-moral que lhes fora imposta subitamente.

A estratégia de despolitizar o futebol, assim como os jogadores, compunha uma saída viável para justificar e defender a ida ao Campeonato Mundial de seleções, algo que, como fica evidente na fala de Platini, um dos ídolos nascentes do futebol francês, consistia em uma das principais metas de um jogador profissional. Um discurso convergente também com as impressões de boa parte da opinião-pública francesa, tocada pelo debate, mas desejosa de que a equipe participasse do certame, em grande parte devido aos vínculos identitários e afetivos guardados com a modalidade esportiva. Por um lado, incorrer na distinção entre esporte e política poderia sugerir uma forma de alienação da sociedade de massas. Por outro, configurava em um argumento viável para aqueles que buscavam desvincular suas concepções e paixões políticas particulares, do suporte e envolvimento com a prática desportiva, salvaguardando suas convicções da armadilha de um julgamento moral consciente. De maneira simples, era preciso estar seguro e deixar claro que, suportar a seleção no mundial da Argentina, não era o mesmo que apoiar a violência da ditadura em vigor naquele país – e se futebol e política não se misturavam, não havia risco de equívoco.

Desse modo, ainda que tenham proliferado manifestações de solidariedade com a situação política da Argentina, a grande maioria em favor de direitos e liberdades democráticas no país, as metas delineadas em torno de uma mudança no palco da competição ou do boicote das equipes participantes estiveram longe de se efetivar. Contudo, para os

militantes e diversos grupos que integravam o movimento, a campanha havia sido um sucesso, ao menos enquanto uma forma de jogar luz a uma situação obscura e, até então, sem grande repercussão internacional.

5.1.1 Para além da França: algumas leituras sobre o boicote da imprensa internacional

Aliada à proximidade eminente do Mundial, a campanha gestada pela França e encabeçada pelo heterogêneo COBA logo se espalhou por diversos espaços, dentro e fora da Europa. Nos primeiros meses de 1978, a proposta de boicote e as recorrentes acusações de graves violações aos direitos humanos, levantados também por organizações como a Anistia Internacional, a ONU, a OEA e por governos estrangeiros, encontraram eco significativo em diversos veículos de imprensa ao redor do globo. A pouco tempo do apito inicial, a Argentina passava a ser um assunto público e atraente. Infelizmente, para os mandatários a cargo da ditadura e os defensores internos do evento, não eram apenas o futebol nem as curiosidades sobre o país sede que ganhavam destaque, no interior das publicações estrangeiras. Ao revés do planejado, a Copa do Mundo não havia apenas se convertido em uma importante oportunidade de divulgação do país no exterior, de propagação de imagens favoráveis de nação, mas também em um importante catalisador do debate sobre a complicada situação político-social vigente; com a contestação do autoritarismo do governo, as acusações de violações de direitos fundamentais e a violência repressiva.

Uma das principais publicações de notícias, análise política e social da Espanha, a revista *Cambio 16*⁴⁰⁹ abordou a temática em sua edição n. 324, de fevereiro de 1978. A reportagem “El Mundial en una cárcel”, como já manifestava o título, se debruçava sobre o caso particular dos prisioneiros políticos da ditadura. De acordo com a publicação, o artigo foi elaborado a partir de um informe do Departamento de Estado Americano, ao qual teve acesso e que “revelava la situación em el país sede del Mundial de Fútbol 1978: campos de concentración y cárceles donde son torurados y ‘ejecutados’ de 12.000 a 17.000 presos políticos”⁴¹⁰. O relato ao redor dos abusos abordados nos informes se estendiam por três páginas, mas as menções à Copa, para além do título, eram escassas e praticamente restritas aos primeiros parágrafos do texto.

⁴⁰⁹ Lançada em novembro de 1971, a revista, ainda em circulação, constituiu um marco no processo de transição do franquismo à democracia ao longo daquela década, com uma conformação relativamente plural, em defesa de ideais democráticos, em particular, a liberdade de expressão.

⁴¹⁰ EL Mundial em una cárcel. *Cambio 16*, Madrid, n. 324, p. 42-44, fev. 1978. p. 42.

Durante casi dos años, la Escuela de Mecánica de la Armada ha sido uno de los más sofisticados centros de tortura del país. Allí – según numerosos testimonios recogidos por organizaciones internacionales de defensa de los derechos humanos – se practicaba, entre otros, el original método de la tortura engrupo: un prisionero político era colocado en una sierra sinfín de carnicería y vivo desde la entrepierna hasta la cabeza delante de sus compañeros, o mutilado en las muñecas o los tobillos. Allí todavía se puede encontrar a seres humanos reducidos a un peso de 40 kilos tras largas sesiones de torturas, y mantenidos vivos – aunque psíquicamente destrozados – por un equipo de médicos especializados, asegura el Comité de Boicot a la Copa del Mundo de acuerdo con testimonios directos.

Son solo un puñado de los 12.000 a 17.000 presos políticos que pueblan las cárceles e campos de concentración, una cifra que adjudica desde ya a Argentina la Copa del Mundo en materia de violación de los derechos humanos.⁴¹¹

A passagem acima enfocava a ESMA (Escuela de Mecánica de la Armada), instalação da marinha que ficava acerca de 800 metros de distância do famoso Monumental de Nuñez, estádio do River Plate e grande palco da Copa do Mundo em Buenos Aires. Dos pátios do quartel é possível avistar facilmente o imponente vizinho. Lá seriam disputadas todas as partidas do selecionado argentino na capital, além da cerimônia/partida de abertura e a final. Não são poucos os relatos de sobreviventes que recordam, com um misto de terror e entusiasmo, as partidas do torneio acompanhadas desde o cárcere, de onde escutavam os ruídos e festejos das arquibancadas. A exemplo do exposto anteriormente, a Copa do Mundo e os discursos postos em circulação por meio do COBA alavancavam o debate ético-político sobre o país platino. *Cambio 16* não se posicionava com relação ao boicote, muito menos emitia algum juízo sobre as tessituras políticas do esporte no artigo. Debruçava-se criticamente contra a violência da ditadura *procesista* e inquiria duramente suas lideranças, como Videla e Massera, sobre as imagens que buscavam sustentar e as mediadas a serem adotadas, diante da severidade das denúncias.

Outro espaço, onde as ações postas em movimento pelo COBA encontraram profícua disseminação, foi na imprensa mexicana, também um dos pontos focais na recepção de exilados argentinos. Jornais e revistas locais, em momentos distintos, abordaram as vozes que emanavam contra ou favor da Copa, fosse no país platino ou em sítios distintos no exterior. Caso, por exemplo, dos jornais *El Día*, *Uno más uno*, *El Universal* e *Excelcior*, este último um dos veículos mais conhecidos e tradicionais do país.

Contudo, entre estes, talvez seja *El Día* que se debruçou de maneira mais intensa e recorrente sobre a temática. Já nos primeiros dias de 1978, o jornal reproduziu, com exclusividade no país, uma coluna de Marek Halter para o diário francês de esquerda *Le*

⁴¹¹ Id.

Nouvel Observer. No decorrer do artigo, Halter recapitulava os fatores que motivaram a iniciativa do boicote, como o episódio com sua sobrinha, e a acolhida favorável ou contrária a ação em diversas frentes. Nesse processo, o autor de origem judaica, retomava o emblemático exemplo das Olimpíadas de 1936, para reiterar seu argumento de que o esporte também é político e, nesse sentido, o boicote a um evento organizado em um espaço de violência, sequestro e morte constituía em uma iniciativa válida e necessária:

[...] En los Juegos Olímpicos de 1936, en Berlín, Jesse Owens, aquel fabuloso negro noerteamericano que conquistó cinco medallas de oro, no tuvo el privilegio de estrechar la mano de Hitler, que presidía los Juegos. Este, en efecto, abandonó el estadio para no tener que tocar la mano de un negro. Lo cual no impidió que la prensa internacional felicitará a la Alemania nazi por la buena organización de los Juegos y por la extraordinaria acogida brindada a los competidores y a los aficionados. Terminada la fiesta, las persecuciones contra los judíos pudieron reanudarse en medio de la indiferencia general, del mismo modo que los preparativos para la invasión a Checoslovaquia.⁴¹²

Também chamava a atenção para as medidas tomadas pelo governo argentino, em fazer do torneio uma oportunidade de mudar a imagem internacional da junta militar. Para isso, denunciava o aparato propagandístico colocado em movimento pelo regime, inclusive com a encomenda dos serviços de consultoria da agência de publicidade e relações públicas norte-americana Burson-Masteller, na elaboração de um plano de ação publicitária de acordo com as metas traçadas pelo regime⁴¹³. Entre as precauções adotadas, estavam um rígido controle sobre a acreditação de imprensa, efetivamente levada a cargo pelo EAM, e um mascaramento das prisões e centros de detenção clandestinos acusados de abrigar e violentar os desaparecidos políticos, a exemplo do presídio de Vila Devoto e da ESMA.

Contudo, em sua narrativa, Halter testava algumas conversas recentes que teria travado com representantes da FIFA e mesmo outras federações esportivas internacionais, como da Espanha – em preparação para receber a Copa de 1982 –, os quais, por diferentes motivos, atestavam que não havia mais tempo hábil em viabilizar uma mudança de sede. Ainda que concordasse parcialmente com as afirmações dos dirigentes consultados, Halter ressaltava que a opinião pública internacional ainda tinha condições de pressionar as instituições esportivas responsáveis, em favor da alteração, do boicote ou, em última

⁴¹² HALTER, M. Argentina y el Mundial de Fútbol de 1978. *El Día*, México, D. F., 6 jan. 1978, s/p.

⁴¹³ O planejamento levado a cabo pela Burson-Masteller seria abordado e denunciado por diferentes agentes opositores ao regime em variados espaços, desde vozes independentes, como Halter, até organizações mais estruturadas como o COBA e a organização política da esquerda peronista Montoneros, além de diferentes agências de imprensa internacionais.

instância, com a exigência de que o governo argentino expusesse a real situação dos detidos políticos no país e, conseqüentemente, enfrentasse as ações internacionais cabíveis:

La discusión no está terminada, sin embargo. Es posible, a pesar de las dificultades técnicas, concebir el cambio de la sede. Eso depende sobre todo de la opinión pública internacional y de la toma de conciencia de las federaciones nacionales de fútbol. Si a pesar de todas las presiones la Copa se disputase finalmente en la Argentina, sería entonces indispensable exigir del gobierno de Buenos Aires, a cambio de la participación, que haga saber el número exacto de presos, sus lugares de detención los motivos por los cuales éstos se encuentran encarcelados desde hace meses y meses sin ser sometidos a proceso. Quienes propagan la barbarie en el mundo deben saber qué el mundo se alza contra ellos.⁴¹⁴

Pouco mais de uma semana depois de dar voz a Halter, em sua edição de 15 de janeiro, o periódico mexicano veiculou a matéria “Asistir al Mundial”, na qual comentava os resultados de uma enquête produzida pelo *Le Nouvel Observer*, quanto à participação ou não da seleção francesa. No texto, afirmava que 25% do total dos entrevistados havia se declarado a favor do boicote; 15% não se pronunciaram sobre o tema; enquanto 65%, maioria absoluta, defendia que “Francia debe acudir a Argentina sin tener en cuenta el carácter de su sistema de gobierno”⁴¹⁵. Entre os diferentes critérios de análise contemplados, destacavam-se as preferências políticas e a idade dos participantes. Entre o total de opositores do certame, os sujeitos alocados à esquerda, no espectro político, encontravam uma maior participação percentual – respectivamente de comunistas (24%) e socialistas (20%) –, mas não muito atrás das principais representações partidárias à direita – como a gaullista União para a República (17%) e o situacionista Partido Republicano (16%). Já no tocante às idades, os dados revelavam uma adesão crescente à iniciativa, conforme o grupo etário. De todas as formas, seja em um critério ou em outro, o suporte à participação da equipe francesa era vastamente superior:

Con todo, sea cual sea su ideología, la gran mayoría de los interrogados prefieren la participación: 61 por ciento de los comunistas, 65 por ciento de los socialistas, 67 por ciento de los republicanos, 75 por ciento de los gaullistas. Por edades, la proporción favorable al Mundial es del 73 por ciento entre los encuestados de 18 a 24 años, del 72 entre los de 25 a 34, del 66 entre los de 35 a 49, del 61 entre los de 50 a 64 y del 52 entre los de 65 años o más.⁴¹⁶

Além das notícias ventiladas desde a França, o periódico reportou as ações desenvolvidas em outras partes da Europa. No dia 29 de janeiro, trouxe a breve nota

⁴¹⁴ HALTER, M. Argentina y el Mundial de Fútbol de 1978. *El Día*, México, D. F., 6 jan. 1978, s/p.

⁴¹⁵ Asistir al mundial. *El Día*, México, D.F., 15 fev. 1978, s/p.

⁴¹⁶ Id.

“Oposición en Holanda para asistir al Mundial de fútbol”, em que ressoava as declarações do então primeiro ministro holandês, pelo partido democrata cristão, Andréas Van Agt em simpatia aos militantes do Comitê de Solidariedade Argentina-Holanda, que também pleiteavam a não participação da equipe nacional – atual vice-campeã – e o respeito aos direitos humanos na Argentina. Segundo relatava o texto, o premier teria afirmado em entrevista à televisão que “quienes viajen a Argentina tenían que asumir sus propias responsabilidades”⁴¹⁷.

Pouco tempo depois, na edição de 14 de fevereiro, noticiava a formação de um Comitê de Boicote ao Mundial na Holanda. Com base em informes de agências estrangeiras, o partido trabalhista local havia decidido, em recente assembleia, por respaldar as medidas de boicote que adotassem contra o campeonato. A adesão do partido teria se dado contra as posições das lideranças do partido e da avaliação de seu diretório executivo, que teria afirmado que “un boicot total iba a ser demasiado”. Nesse mesmo sentido, a publicação acrescentava que os parlamentares dos principais partidos do país, o trabalhista e o democrata cristão, haviam enviado uma carta conjunta à federação holandesa de futebol, recomendando que evitasse qualquer tipo de exposição pública, que pudesse vir a beneficiar a ditadura.⁴¹⁸

Como voz destoante, retratava a fala de um dos principais jogadores do país defensor, Ruud Krol. Em consonância com as declarações dos futebolistas franceses, retratadas no tópico anterior, o discurso questionava a eficiência do boicote e a pressão exercida sobre os atletas como atores, repentinamente, chamados à ação política:

El futbolista Rudd Krol, del equipo campeón nacional Ajax, quien a menudo actúa como vocero del seleccionado holandés, declaró a la televisión: “Nuestra tarea es jugar. Donde terminaremos si comenzamos a mezclar el deporte con la política. ¿Qué pasará con los juegos olímpicos de Moscú dentro de poco?”⁴¹⁹

Outra publicação mexicana com a qual tivemos contato, na qual os desdobramentos políticos da Copa do Mundo também foram explorados, foi o semanário de análise política e social *Proceso*. Ainda nos primeiros meses do ano, a revista veiculou o artigo “La Copa del Mundo, aparador de la Dictadura”⁴²⁰.

O texto, contudo, seguia por um caminho distinto. Ao invés de reverberar as acusações sobre os direitos humanos ou os movimentos pelo boicote, que se espraiavam desde

⁴¹⁷ Oposición en Holanda para asistir al Mundial de Fútbol. *El Día*, México, D. F., 29 jan. 1978, s/p.

⁴¹⁸ Se constituyó un Comité de Boicot al Mundial de Fútbol. *El Día*, México, D. F., 14 fev. 1978, s/p.

⁴¹⁹ Id.

⁴²⁰ PINCHETTI, F. O. La Copa del Mundo, aparador de la dictadura. *Proceso*, México, D. F., n. 66, p. 48-49, fev. 1978.

a Europa, trazia como foco principal a reação do Movimiento Peronista Montonero (MPM), uma das ramificações de Montoneros – talvez a principal organização de esquerda em oposição à ditadura –, com relação ao certame. Como aprofundaremos adiante⁴²¹, em 1978, o MPM adotaria um posicionamento favorável à realização do evento, inclusive com o lançamento de uma Comissão Especial Mundial 78, em março. É imperativo pontuar que naquele instante o organismo se encontrava oficialmente na Cidade do México, como sua sede no exílio, o que contribui para compreender a profusão de notícias e artigos publicados sobre Montoneros, ou com a consulta de seus representantes, na imprensa do país.

Logo no início, a redação enfatizava o contraponto entre a visão proposta pelo movimento peronista e a narrativa oficial projetada pela ditadura:

El gobierno militar se apresta a enseñar al mundo el rostro de una nación feliz. Y, claro, está dispuesto a impedir a como dé lugar que sus opositores echen a perder la fiesta.

Lo que no sabe es que esos opositores están tan deseosos o más que él de que el Mundial se celebre. Y esto no se debe precisamente a su pasión futbolera, que no niegan. Ellos saben que la famosa competencia internacional permitirá mostrar la realidad argentina: una dictadura atroz.⁴²²

O artigo antecipava algumas das ações do grupo a serem implementadas nos meses seguintes. Entre elas, estava a criação de cartazes e panfletos, que expunham os horrores da ditadura, manifestavam sua linha de ação política e o entendimento que possuíam sobre o futebol no país, com a defesa do torneio, conclamando-o como uma oportunidade de ver de perto a realidade do país e divulgá-la na contracorrente da imagem propagandeada pelo regime. A revista afirmava ter tido acesso a um desses materiais:

Por lo pronto, el MPM ha preparado un cuadernillo insólito: en la carátula, el balón del logotipo oficial del Campeonato Mundial es una ventana que permite asomarse a lo que ocurre en el país: represión sangrenta, dominación, crisis económica.

Proceso obtuvo en primicia el contenido de esa publicación.

El cuadernillo montonero – con textos en español y en inglés – será distribuido entre periodistas, dirigentes, deportistas y simples espectadores que asistan al Mundial en junio próximo.

En él, el Movimiento Peronista Montonero empieza por advertir que el esquema sociológico que define al fútbol como “factor alienante” no se ajusta al caso argentino. Ocurre, dice, todo lo contrario: “los estadios suelen ser gigantescas cajas de resonancia del descontento social”.

Y abunda:

⁴²¹ No tópico 5.4.

⁴²² PINCHETTI, F. O. La Copa del Mundo, aparador de la dictadura. *Proceso*, México, D. F., n. 66, p. 48-49, fev. 1978. p. 48.

“No es casual que el bombo con que se expresan las hinchadas futbolísticas sea un elemento clave en las movilizaciones masivas del peronismo. O que ciertas consignas políticas tengan la misma música que los estribillos deportivos”.⁴²³

Embora o artigo não mencionasse o COBA, as medidas que retratam foram também uma reação do MPM à proposta do boicote e aos debates fomentados ao redor da competição. No trecho acima podemos verificar que Montoneros embasava sua postura em uma percepção bastante distinta do futebol, sobretudo se contraposta a alguns dos setores mais radicais do COBA, no tocante à crítica que teciam aos esportes. Além de refutarem a percepção comum do futebol como lugar de alienação, o grupo estabeleceu um diálogo entre as manifestações dos torcedores e a prática política, especialmente o peronismo.

Ainda que não a especifique, é justamente a construção histórica particular do futebol como um fenômeno cultural, com significativa capacidade de mobilização afetiva e identitária, que possibilita seu contato com o político. À sua própria maneira, sem nublar a reflexão dos indivíduos, ambos configurariam paixões populares. Talvez por isso, reconhecesse nos estádios um espaço de manifestação social, sob o domínio massivo do público. Enquanto alguns buscavam despolitizar o futebol, como forma de separá-lo de uma reflexão a respeito da ditadura – o que poderia deslegitimar o envolvimento com o esporte, a partir de um questionamento ético-moral –, a leitura adjudicada ao MPM segue por uma lógica inversa, reivindicando o futebol como importante manifestação popular, que convida os sujeitos à reflexão e oportunizava a crítica à ditadura.

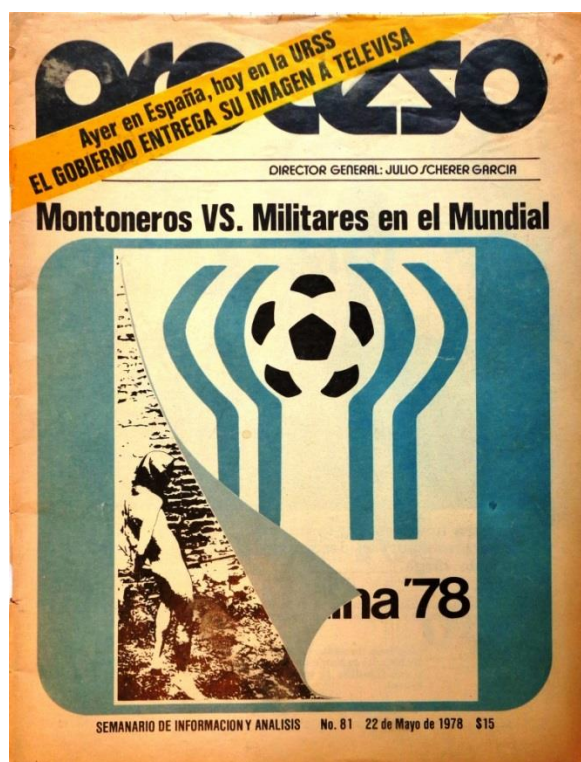
Proceso, aliás, manteria a crítica recorrente ao evento, principalmente em diálogo com as ações produzidas pelo MPM. A importância concedia ao assunto pôde ser percebida na edição 81, levada às bancas em maio, a poucos dias da partida inaugural. Os debates em torno da Copa do Mundo não só foram motivo de diferentes notas e artigos, como o embate discursivo entre Montoneros e a ditadura em torno dos significados atribuídos ao mundial estamparam a capa do exemplar (Figura 24).

Para além da chamada no topo da página, a composição imagética da capa abordava a ambiguidade que cercava o evento. Semelhante à produção de Montoneros, a que teve acesso alguns meses antes, a revista reproduzia o cartaz com a logo de Argentina’78 como uma espécie de cortina, sob a qual se escondiam os abusos e a violência perpetrados pela ditadura vigente. Como a organização peronista, a revista sugeria que era necessário espiar para além do evento e expor o terror, imposto aos prisioneiros políticos e “desaparecidos”. Desse modo, mesmo ao sugerir textualmente o embate, a revista já indicava para qual vertente

⁴²³ Id.

pendia politicamente. Assim como os artigos, a produção apresentava uma narrativa política própria para o mundial.

Figura 24 – Proceso n. 81.



Fonte: *Proceso*, México, D.F., ano 2, n. 81, maio 1978.

No interior da publicação, a revista trouxe diferentes artigos sobre o tema. O mais extenso deles, “Directiva de los Montoneros: operaciones solo a 600 metros de los estádios”, abordava justamente os caminhos de ação traçado pela organização guerrilheira, como as diretrizes lançadas desde suas lideranças, em especial o Secretário Geral do “Consejo Superior del Movimiento Peronista Montonero”, Mario Firmenich. Entre elas, estavam algumas das instruções para o braço armado da organização, o *Ejercito Montonero*, como a proibição de realizar “operaciones militares de cualquier tipo a distancias inferiores a 600 metros respecto de los estádios em que se disputen partidos del Campeonato Mundial de Fútbol”⁴²⁴. Também reproduzia as passagens onde o comandante reiterava a negação das

⁴²⁴ CASTAÑEDA, R. R. Directiva de los Montoneros: operaciones solo a 600 metros de los estádios. *Proceso*, México, D. F., ano 2, n. 81, p. 6-8, maio 1978. p. 6. Essas mesmas orientações estavam presentes no jornal *Estrella Federal* n. 4, publicação oficial e de circulação interna do *Ejercito Montonero*, que retomaremos adiante.

ações, que pudesse causar danos ou afetar fisicamente jornalistas locais ou estrangeiros, torcedores, turistas, jogadores ou demais integrantes das equipes participantes⁴²⁵.

Além disso, a reportagem reproduziria passagens de outros materiais produzidos pelo grupo. Alguns deles apresentavam os reclames do grupo e suas projeções para o evento – como o convite à denúncia a jornalistas e turistas estrangeiros. Ao seguir na contramão das avaliações comuns à esquerda, buscavam justificar a lógica de ação com relação ao esporte, avaliando o futebol como forma de instrumentalização das forças dominantes do capital e se opondo ao boicote:

“El Mundial de Futbol es una inmejorable oportunidad para obligar definitivamente a Videla y sus cómplices a otorgar la apertura política y sindical. El mundo entero estará mirando a la Argentina; el mundo entero estará tomando examen a la Junta Militar y al pueblo argentino.

No hay ninguna contradicción entre nuestro legítimo anhelo de ganar al Campeonato Mundial de Fútbol y nuestro legítimo anhelo de voltear al salvajismo antiperonista y antinacional que se ha instalado en el poder. Muy por el contrario, ambas cosas son anhelos populares y la legalidad para la concentración masiva que permite el Mundial favorece nuestra lucha contra la dictadura.”⁴²⁶

Em conformidade com as críticas proferidas por Montoneros, assim como os diversos organismos que passaram investir duramente sobre a ditadura, desde os distintos comitês de boicote, passando por organizações privadas como Anistia Internacional, até organizações transnacionais como a ONU e a OEA, a revista deixaria implícita sua percepção sobre o vindouro mundial: um espaço de embate político em que a ditadura não jogava sozinha. Como afirmava a publicação, “para el general Videla y el grupo de oficiales que lo mantienen en el poder, el Mundial es un boleto decisivo. Será la gran oportunidad para que intenten demostrar que Argentina no es, como lo hacen parecer dos años de férrea dictadura, una cárcel gigantesca”⁴²⁷. Contra este objetivo traçado desde a oficialidade,

Otro ejército igualmente preparado aguardará, en la clandestinidad. Sus planes exactos se desconocen, pero los Montoneros estarán presentes en el Mundial.

Cuando Jorge Rafael Videla suba al estrado del Estadio de River Plate, en Buenos Aires, llevará sobre sus hombros una carga más pesada que la simple inauguración de un camino que la simple inauguración de un torneo deportivo, culminación de un camino que la dictadura militar dejó sembrado de cadáveres.”⁴²⁸

⁴²⁵ Entre as orientações também reproduzia o alerta do Comandante de que tal iniciativa não significava um cessar fogo e que a guerrilha armada deveria se manter atenta ao inimigo: “Observando estrictamente las directivas anteriores, se deberá mantener la resistencia armada, en tanto que sería suicida establecer una tregua unilateral ante una dictadura criminal y enfurecida”. Ibid., p. 6.

⁴²⁶ CASTAÑEDA, R. R. Directiva de los Montoneros: operaciones solo a 600 metros de los estádios. *Proceso*, México, D. F., ano 2, n. 81, p. 6-8, maio 1978. p. 7.

⁴²⁷ Ibid., p. 8.

⁴²⁸ Ibid., p. 8.

Os outros textos da edição abordavam as ações perpetradas desde as autoridades governamentais argentinas e das lideranças do EAM, como forma de demover as acusações e dar continuidade ao projeto político delineado, principalmente na elaboração de uma imagem favorável e desejada de nação. Nesse sentido, *Proceso* repercutia as estratégias de propaganda colocadas em movimento⁴²⁹ e as reações das lideranças do regime, inclusive com um jogo de empurra sobre a responsabilidade dos abusos repressivos dentro das forças armadas – ou seja, entre a marinha, o exército e a aeronáutica –, e a desqualificação das denúncias proferidas desde o exterior, como uma espécie de complô contra a Argentina⁴³⁰. De todo modo, prevalecia a tonalidade crítica por parte da revista, que não apenas reproduzia tais afirmações, como buscava demonstrar que elas incorporavam uma estratégia de defesa da ditadura.

É interessante notar que, junto aos artigos, ou mesmo em outras seções, a revista veicularia cartuns, produzidos por seus colaboradores. Curiosamente, os cartuns aos quais tivemos acesso, dois deles juntos aos artigos que exploramos anteriormente – respectivamente assinados por Pancho e Efrén – e um terceiro – por Naranjo –, de uma outra edição sem uma referência precisa, utilizavam uma inspiração comum, mesmo em se tratando de autores diferentes: uma caricatura do general Videla com uma bomba (Figura 25).

Figura 25 – Videla por Pancho, Efrén e Naranjo.



Fonte: *Proceso*, México, D. F., ano 2, n. 81, maio 1978.

⁴²⁹ Contraofensiva militar a base de propaganda. *Proceso*, México, D. F., ano 2, n. 81, p. 7, maio 1978.

⁴³⁰ FAZIO, C. Unos a otros, los militares se lanzan la pelota de la represión. *Proceso*, México, D. F., ano 2, n. 81, p. 8-9, maio 1978.

De certo modo, a referência comum à bomba, em duas ocasiões mesclada a uma bola de futebol, que se apresenta inadvertidamente ao general, alude as complicações que se acercaram do mundial; afinal, até pouco antes da partida inaugural, a atenção atraída havia funcionado em um sentido contrário ao esperado, com o questionamento intenso e direto ao regime. Nesse caminho, o campeonato se apresentava como uma “bomba” em potencial, que poderia explodir o comando do general no país. Interessante notar que, na arte de Efrén, justamente a ilustração que acompanhava a reportagem, onde os dirigentes do país acusavam a formação de um complô contra a Argentina, o general aparece postado como goleiro em frente à meta e esconde, propositalmente, o artefato em suas costas. O sentido de ocultar algo contrastava com a recorrentes afirmações sobre aquilo que o regime tinha por ocultar da opinião pública. A recorrente referência a Videla, trajado total ou parcialmente com a indumentária futebolística, pode ser compreendida a partir de sua posição como atual chefe de Estado, ou mesmo como ditador, então principal liderança e representação primeira do governo autoritário vigente. Desse modo, sua figura não remetia apenas ao comandante do exército, mas à própria junta militar e mesmo à Argentina, sob o comando do *Proceso de Reorganización Nacional*. Ao satirizá-lo em relação ao esporte, os cartunistas também se manifestavam politicamente sobre a ditadura e a Copa do Mundo, atribuindo uma reflexão mais ampla, por meio de signos eminentemente futebolísticos de fácil compreensão.

5.2 NO BRASIL: ALGUNS EXEMPLOS DA RECEPÇÃO AO BOICOTE

No Brasil, um dos veículos que trouxe o debate sobre o mundial e a situação política do país vizinho, foi o semanário alternativo *Pasquim*. Na edição 465, último exemplar antes do início da competição, a publicação, em uma espécie de aquecimento para o campeonato, já sinalizava na capa sua postura diante do evento. Embora bastante simples, a ilustração assinada por Sérgio Malta, utilizava-se do símbolo criado para competição (Figura 26), para construir sua crítica. O emblema original trazia duas sequências de faixas verticais azuis e brancas, levemente curvadas no topo. Uma referência tanto às cores da bandeira argentina quanto às camisas de sua seleção. Centralizado em meio às faixas curvadas, dispunha uma série de seis figuras pentagonais pretas, aludindo à imagem clássica de uma bola de futebol.

De acordo com o historiador Gilberto Agostino⁴³¹, o emblema teria sido inspirado em uma saudação clássica do peronismo, contudo faltam aportes seguros que confirmem este simbolismo⁴³². A logomarca poderia ser acompanhada de uma legenda simples, “Argentina '78”, que referenciava o país sede e o ano da competição.

Figura 26 – Emblema da Copa do Mundo de futebol de 1978.



Figura 27 – Capa do Pasquim n. 465.



Fonte: *Pasquim*, Rio de Janeiro, n 465, maio 1978.

⁴³¹ AGOSTINO, 2002, p. 174.

⁴³² Para além de Agostino, diversos autores reiteram que o mundial elaborado para o evento foi uma criação levada a cabo durante a administração peronista, que precedeu o golpe e que tinha no Ministério de Bienestar social, então sob o comando de Lopez Rega, a figura central na gestão do evento. Nesse contexto, o símbolo teria sido desenvolvido sob o a encomenda do ministro, como uma referência à saudação feita por Perón à população, com ambas as mãos abertas levantadas ao alto.

Na imagem retrabalhada na capa do hebdomadário, a modificação realizada foi simples, mas impactante. No lugar dos pentágonos, que ajudavam criar a ilusão de uma bola, o autor introduziu o desenho de uma granada. Acima do desenho, completando o efeito de sentido do cartum, havia uma exclamação dizendo “cuidado!”, ao leitor (Figura 27).

Apesar do choque visual, este cartum abre margem para diferentes interpretações. Embora a crítica à realização da Copa na Argentina seja nítida, é difícil delimitar sua intenção. De modo geral, a imagem representa uma espécie de alerta ao leitor para os riscos da competição. Talvez por isso se utilize de uma figura de linguagem⁴³³ análoga à ameaça de um instrumento de manuseio perigoso, cuja falta de perícia pode resultar em uma explosão. O aviso contido na imagem parece ser uma forma de despertar a atenção do espectador, de modo que este esteja ciente da instabilidade do evento, deixando de lado um posicionamento ingênuo sobre a competição e o país sede.

No interior da edição, o semanário publicou um artigo de duas páginas referindo-se ao evento. O título era sintomático: “No me tortures, por favor”⁴³⁴. Como um complemento, um pequeno parêntesis continha a seguinte explicação: “do pequeno vocabulário inglês-espanhol distribuído ao turista da Inglaterra que vai a Copa, contendo frases básicas para um melhor entendimento com os argentinos”. O artigo era assinado pelo jornalista brasileiro, erradicado na França, Ricardo Acciaris, e contava com uma rápida introdução de Ziraldo, um dos principais nomes na condução do periódico naquele momento. O texto do cartunista efetuava uma sonora crítica à abordagem concedida ao tema no Brasil, na qual o interesse pela modalidade, em parâmetros afetivos muito próximos aos apresentados pelos argentinos – e mesmo a similitude social entre os espaços, amplamente conservadores e sob regimes autoritários –, fazia com que a proposta do boicote não fosse um assunto de grande interesse ou capacidade de mobilização:

Apesar do Edinho na lateral esquerda, apesar do excesso de “literatura” de Coutinho e do tanto que ele está atrapalhando os nossos onze melhores craques, o brasileiro está cheio de esperanças no futebol de Reinaldo. Tem que aparecer um gênico a cada Copa, um rei, um possesso, uma divindade. Por isso, ninguém aqui ousou falar em boicote à Copa da Argentina. No Brasil, não há Clima para isso! Contudo, na Europa – apesar de nossa grande imprensa ter desconhecido completamente o assunto – houve e continua havendo o maior movimento nesse sentido. Aqui está um texto do jornalista brasileiro Ricardo Acciaris – que está lá, vendo tudo de perto – e mais uma pequena coleção do material gráfico de artistas e

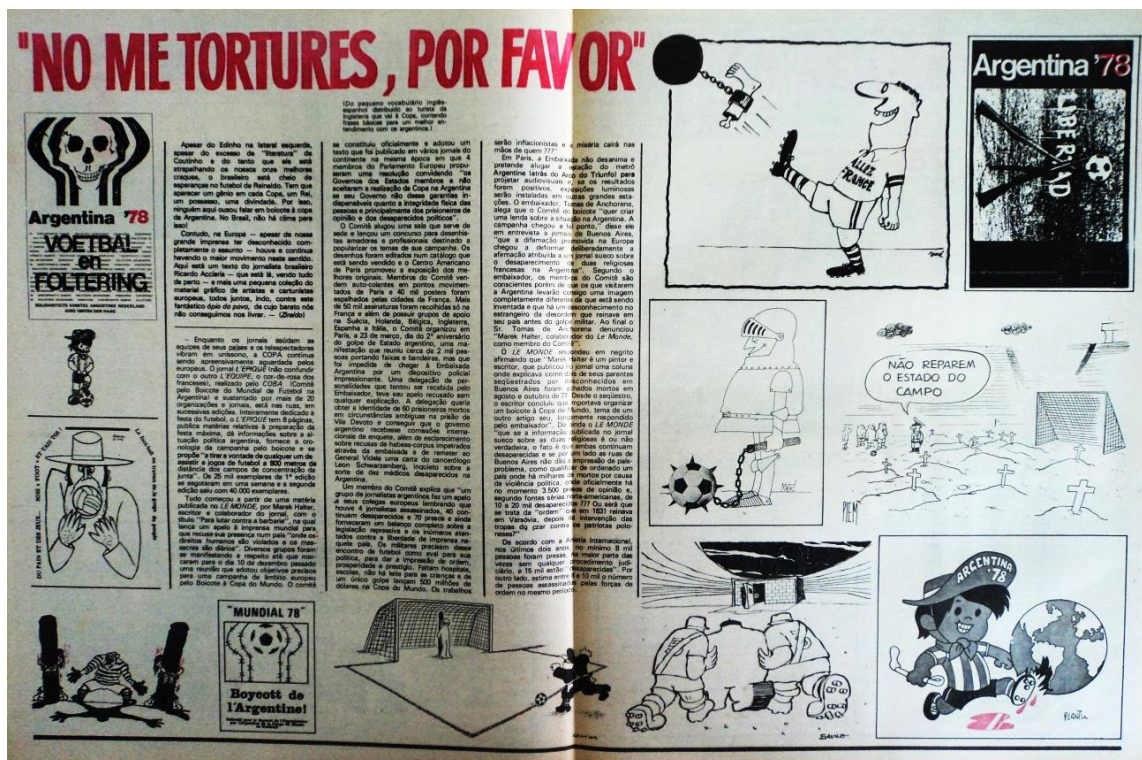
⁴³³ GOMBRICH, E. H. *O arsenal do cartunista*. In: _____ *Meditações sobre um Cavalinho de Pau e Outros Ensaio sobre a Teoria da Arte*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1999. p. 127-130.

⁴³⁴ ACCIARIS, R. No me tortures, por favor. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n 465, p. 16-17, maio 1978.

cartunistas europeus, todos juntos, indo contra esse fantástico *ópio do povo*, de cujo o barato nós não conseguimos nos livrar.⁴³⁵

Já o texto de Acciaris discorria, com uma redação mais séria, sobre as atividades do COBA e as ações de sua campanha contra a realização da Copa sob o governo militar, como a publicação do *L'Epique*, a coleta de abaixo-assinados, a criação de um concurso para produção de cartazes com o tema da campanha e a exposição dos principais originais, além da repercussão obtida na imprensa europeia. No decorrer do texto, o autor também abordava os diversos protestos direcionados à ditadura, destacava as pressões exercidas sobre as autoridades argentinas por organizações no exterior e repercutia as acusações de violação aos direitos humanos, relatando as altas estimativas de presos, mortos e desaparecidos.

Figura 28 – No me tortures, por favor.



Fonte: No me tortures, por favor. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n 465, p. 16-17, maio 1978.

Junto ao artigo escrito, a matéria veicula uma série de produções gráficas de artistas e cartunistas europeus, em acordo com o concurso promovido pelo COBA, como descreveu Ziraldo, “contra este fantástico *ópio do povo*, cujo barato nós não conseguimos nos livrar”⁴³⁶. Alguns trabalhos utilizaram-se dos símbolos do mundial, principalmente do emblema (Figura

⁴³⁵ ZIRALDO. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n 465, p. 16, maio 1978.

⁴³⁶ No me tortures, por favor. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n 465, p. 16-17, maio 1978.

29) e do mascote, Gauchito (Figura 30). Os demais tomaram emprestadas outras referências do mundo esportivo, para demarcar sua postura crítica (Figura 31).

Figura 29 – No me tortures, por favor II.



Fonte: No me tortures, por favor. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n 465, p. 16-17, maio 1978. p. 16.

Figura 30 – No me tortures, por favor III.

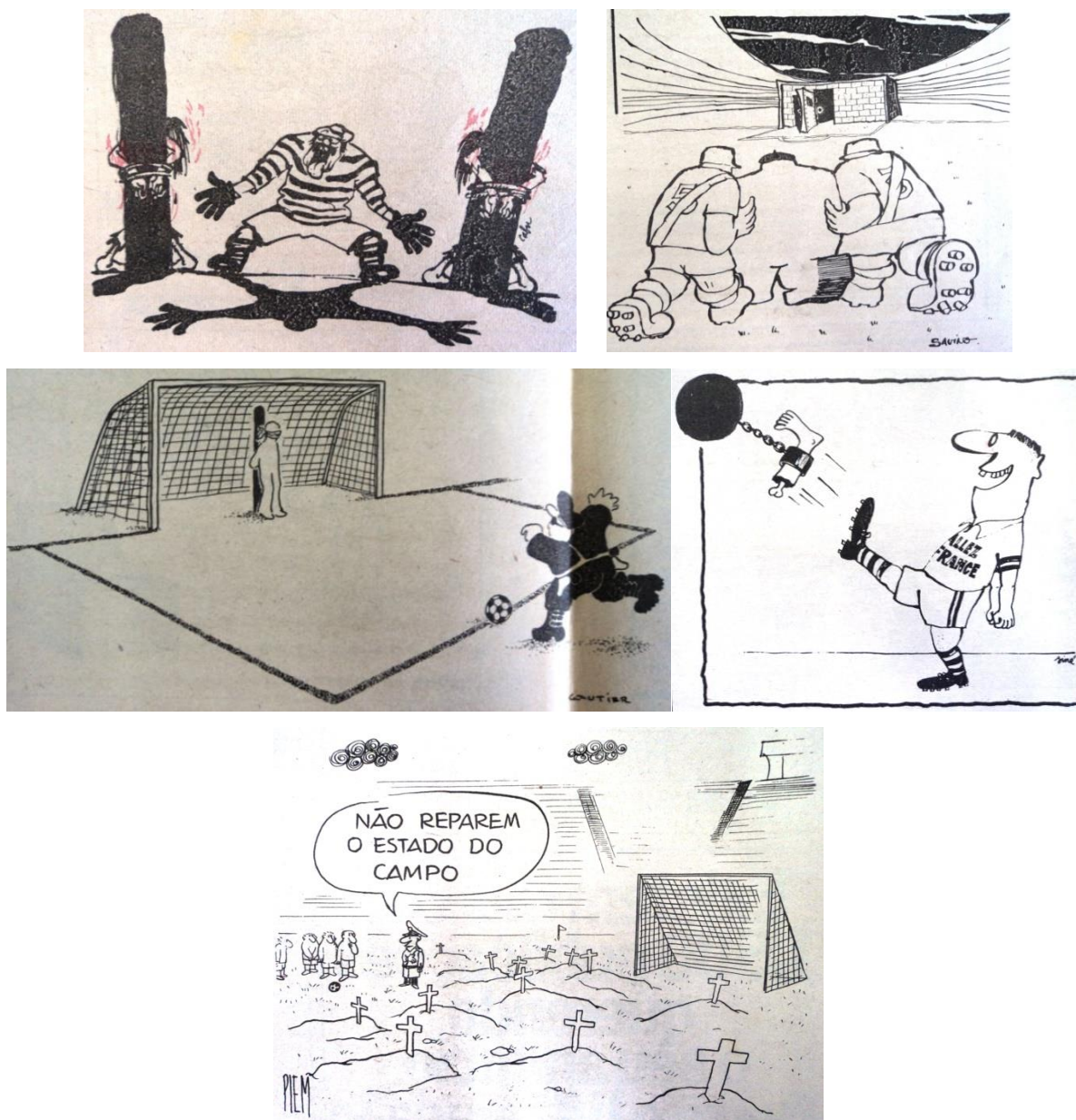


Fonte: No me tortures, por favor. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n 465, p. 16-17, maio 1978. p. 16.

O boicote foi tematizado, sobretudo nos cartazes, que se utilizaram da reconfiguração do brasão da competição. A violência das prisões, tortura e execuções foram assuntos de outra série de cartuns. As denúncias reportadas no artigo estão expostas, por meio da visualidade dos diferentes materiais gráficos. Mesmo sem figurarem como uma produção dos cartunistas da casa ou de um de seus colaboradores regulares, a simples reprodução destas imagens pelo semanário demonstra sua simpatia e concordância com aquilo que expõe. Os idealizadores do *Pasquim* acabaram por exercer, de um modo intermediário, o papel de espectadores, ao

selecionar e organizar as imagens de acordo com seus próprios filtros sensíveis, políticos e estéticos, acabando por conceder-lhes uma interpretação, que se materializa na página do jornal (Figura 31). No caso destes desenhos, originalmente veiculados em outros espaços, é o próprio reordenamento feito pelo alternativo, o local e o cenário específico em que foram publicados, que lhes remonta a um sentido político intencional.

Figura 31 – No me tortures, por favor IV.



Fonte: No me tortures, por favor. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n 465, p. 16-17, maio 1978.

As temáticas abordadas nesta matéria também se fizeram presentes em outros cartuns, em edições subsequentes do hebdomadário. Nas Dicas do número 468, duas charges problematizavam a violência do governo militar argentino. Na página 7, por exemplo, Claudio

Paiva reproduziu um gesto peculiar no universo do futebol, o minuto de silêncio (Figura 32). Normalmente utilizado como forma de homenagem, o minuto de silêncio corresponde a um gesto simbólico, segundo o qual o árbitro, os jogadores e demais presentes no estádio se manteriam quietos e parados por um breve instante de tempo. O ato em questão corresponde a uma forma de homenagem pública, comumente utilizada em solidariedade ao falecimento de algum personagem, ligado ou não ao universo esportivo. Sem dúvida, esta ação curiosa detém uma carga política e afetiva própria ainda pouco explorada, principalmente se tomarmos o futebol como espetáculo publicamente partilhado.

No desenho, o cartunista retratou os jogadores e o juiz no meio de campo, postados com os braços para trás e os olhos cerrados, em uma postura solene. Aos seus pés estava a bola, no centro do gramado.

O artista rompe a solenidade do ato através de uma fala, que remonta ao cochicho de um dos jogadores: “a nossa sorte é que não vão dar um minuto de silêncio para cada um dos 15 mil argentinos desaparecidos!”. O texto exerce uma função de sentido preponderante neste cartum. Além de tornar a situação representada mais inteligível, ao citar textualmente o minuto de silêncio, torna mais evidente a intenção de representação visual do autor na obra, é ele que atribui ao cartum o efeito de sátira política. Não há, uma referência visual notória que remeta à Argentina, ao mundial ou aos apregoados desaparecidos. Sem a fala, o desenho poderia aludir a uma partida de futebol qualquer da seleção brasileira, sobretudo ao olhar de um espectador descontextualizado.

Figura 32 – Minuto de silêncio.



Fonte: PAIVA, Cláudio. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 468, jun. 1978. p. 7.

O trabalho sobre a linguagem implícita ao minuto de silêncio também carrega uma série de possibilidades sensíveis de interpretação do cartum. Ao demorarmos nosso olhar sobre a obra, podemos questionar se haverá alguma menção a estes desaparecidos durante o mundial. Se não há perspectiva de conceder um minuto de silêncio a cada desaparecido, pode-se imaginar que exista a possibilidade de um único ato semelhante a este ser direcionado a todos eles? Reconhecendo as referências ao regime, parece que uma resposta restritiva se torna a opção mais óbvia.

Figura 33 – Marcon.



Fonte: MARCON. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 468, jun. 1978. p. 8.

Na página seguinte, de número 8, outro cartum abordaria a relação entre os abusos da ditadura argentina e a Copa do Mundo. A charge de Marcon (Figura 33) apresentava um desenho subdividido em suas partes. Na primeira, acima, retratava a festa em um estádio de futebol logo após o acontecimento de um gol. Atribuindo uma maior identificação da localidade onde se passava o jogo, várias bandeiras com o emblema da Copa de 1978 eram agitadas ao fundo – inclusive pelo próprio árbitro da partida. Na segunda parte, abaixo, estabelece um corte horizontal transversal do campo, mostrando uma série de corpos enterrados sob o gramado. Diferenciando-se do exemplo anterior, a linguagem empregada é puramente visual. Não há necessidade do texto para construção do sentido. Os códigos visuais empregados são facilmente reconhecíveis. O contraste, entre a situação apresentada nos dois

planos, é prontamente exposto, por meio da alternância entre uma tonalidade mais clara ou escura predominante⁴³⁷.

Novamente, os desaparecidos do regime argentino são tematizados, com a implicação de suas prováveis mortes. Contudo, para além da acusação e recriminação da violência do *Proceso*, o que salta aos olhos é o descaso ou desconhecimento dos personagens com relação àquilo que se encontra sob os seus pés. Estabelece-se uma crítica à alienação passional do futebol e seu uso político pela ditadura argentina, como forma de encobrir e desviar a atenção de seus crimes.

5.2.1 Veja e Movimento

Além do *Pasquim*, a questão foi retratada por outros periódicos circulantes na época. A revista *Veja* foi um dos representantes da grande imprensa a abordar o boicote em suas páginas, ainda com algum tempo até o início do campeonato. Embora o tema tenha sido pontuado em reportagens específicas sobre a preparação do país sede para o certame, a análise mais demorada e interessante foi produzida em meio à seção internacional da publicação.

Na edição de 19 de abril, o semanário dedicou seis páginas a uma matéria produzida pelo editor-assistente da publicação, Paulo Sotero, enviado a Buenos Aires para “sentir o clima” do país e fazer um balanço de sua atual situação, após dois anos da implantação da junta militar. A iminência da Copa servia como ponto de partida para o texto, um motivo para o público voltar os olhos para o vizinho sul-americano. Tratava-se de um evento significativo, que tomava forma em um momento no qual a Argentina ainda exibia suas “feridas” e que não poderia ser tomado como algo desvinculado da política. A introdução da reportagem enfatizava que a junta havia assumido a tarefa de realizar o evento como um “desafio: uma ocasião para demonstrar a competência do atual regime”. Ao mesmo tempo, afirmava que nem tudo poderia “ocorrer de maneira favorável aos atuais dirigentes: a Copa é também ocasião para que dezenas de organizações ao redor do mundo – na Europa especialmente – acelerem suas denúncias sobre a situação do país no campo dos direitos humanos”⁴³⁸.

Em acordo com a política-editorial liberal da publicação, o artigo reiterava discursos já conhecidos sobre a Copa e a Argentina, mas com o cuidado de – tentar – não emitir um julgamento próprio sobre eles. Ainda assim, a composição narrativa do texto delineava uma

⁴³⁷ GOMBRICH, E. H. *O arsenal do cartunista*. In: _____ *Meditações sobre um Cavalinho de Pau e Outros Ensaios sobre a Teoria da Arte*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1999. p. 141-142.

⁴³⁸ SOTERO, Paulo. Na fase do pós-guerra. *Veja*, São Paulo, n. 502, p. 44-50, abr. 1978. p. 44.

leitura particular, que se não coadunada à ditadura, amenizava o tom nas críticas aos excessos repressivos, quase como um desdobramento inevitável da “guerra” interna, travada com o terrorismo, fruto da esquerda e da subversão. O título da reportagem, aliás, “Na fase do pós-guerra”, emulava justamente a metáfora bélica como sintoma de uma tragédia, da qual o país finalmente parecia se recuperar para encaminhar um processo de reorganização.

A redação enfocava diferentes aspectos, como a planejada troca dos comandantes da Junta Militar⁴³⁹ e a instalação do “quarto homem”, no caso o próprio Videla, para assumir exclusivamente a presidência. Além disso, comentava o difícil quadro econômico, sob os cuidados de Martinez de Hoz, e seu impacto social; observava as divergências internas entre as forças armadas; e trazia duas entrevistas exclusivas coletadas pelo autor com figuras importantes no governo: o general Viola e o almirante Massera.

A certa altura, em consonância com apreciações públicas comuns, que hesitavam em classificar a administração militar como uma ditadura, sobretudo no contraste com outros vizinhos sul-americanos – principalmente o Chile de Pinochet –, Sotero afirmava que, com a diminuição das correntes radiais, apaziguadas pelo término da guerra contra a subversão, predominava no exército “a linha considerada moderada, e liberalizante, da dupla Videla-Viola”. Na sequência, reproduzia a definição de Videla como um “conservador tranquilo”, cujo plano de institucionalização do regime buscava quebrar a polarização militares-peronistas e inviabilizar a ascensão de lideranças carismáticas e/ou personalistas. Junto a esse processo, o autor afirma que o mandatário ponderava uma breve abertura do governo aos civis, no que “poderia estar o germe de um esquema partidário de sustentação do governo militar, ao estilo do da Arena no Brasil”.⁴⁴⁰

A análise veiculada em *Veja* reproduzia uma compreensão política traçada verticalmente desde a oficialidade. A leitura encampava os desafios enfrentados pelas autoridades estatais, com vistas a uma abertura institucional rumo a uma democracia liberal – aspecto no qual aproximava o presente momento do regime argentino ao exemplo brasileiro, evitando a classificação de ambos enquanto ditaduras. Nesse sentido, o golpe, os excessos repressivos e autoritários apareciam como graves contingências de um país tomado pela guerra contra adversários, que ameaçavam perigosamente esse ideal final; e não crimes de um Estado adepto do terror como tática política de governabilidade e imposição da ordem social, tal qual ecoava parte significativa da crítica originária da oposição.

⁴³⁹ Como já noticiava a matéria, até o final do ano, Videla, Massera e Agosti passariam à reserva e seriam substituídos, respectivamente, pelo general Roberto Viola, o almirante Armando Lambruschini e o brigadeiro Omar Graffigna.

⁴⁴⁰ SOTERO, Paulo. Na fase do pós-guerra. *Veja*, São Paulo, n. 502, p. 44-50, abr. 1978. p. 46.

Essa chave narrativa permeava a abordagem dirigida aos discursos a respeito dos direitos humanos, uma construção calcada em uma compreensão liberal moderna, centrada na concepção unitária do indivíduo. Sintonizado com tais ideias, o artigo corroborava a percepção das violações como severa chaga à Argentina, algo que o governo, sob forte pressão externa, deveria tanto esclarecer quanto solucionar. Como grande exemplo da questão recordava as reuniões de “las locas de la Plaza de Mayo”, em frente ao palácio do governo em busca de informações de parentes – segundo a publicação, extremistas ou não – desaparecidos, “o lado mais dramático da Argentina hoje”⁴⁴¹.

A premência da questão dos direitos humanos percorria a leitura dedicada às campanhas proferidas desde o exterior, abordadas em um quadro à parte, com o título “A bomba que começa a detonar”. O tópico tomava o apelo massivo do certame esportivo, como impulso definitivo para a necessária exposição da questão. Como fenômeno midiático global, a Copa do Mundo ganhava importância política, ao atrair os olhares para o país platino e lhe conferir uma exposição e interesse que não havia experimentado até então, inclusive no tocante às contrariedades de sua administração, que feria importantes valores liberais, como as liberdades individuais:

[...] é a realização da Copa do Mundo na Argentina, em junho, que tem servido de motivo para a mobilização de dezenas de organizações de esquerda ou simplesmente humanitárias, ao redor do mundo, para denunciar o regime militar de Buenos Aires. Daqui até a abertura da Copa, o movimento certamente ainda deverá crescer mais. O Mundial tem servido como um catalisador que até agora não existia: a Argentina, apesar de seu sombrio recorde no campo dos direitos humanos, nunca antes sofrera pressões de intensidade comparável às que sofreu o Chile, por exemplo.⁴⁴²

A referência da nomenclatura se dava à parca atenção dedicada ao assunto internacionalmente, segundo a publicação, pela falta do envolvimento dos partidos comunistas, anuentes com o golpe e a administração de Videla:

Essa certa benevolência com que era encarada a Argentina tem uma explicação. Ocorre que o regime militar de Buenos Aires continuou mantendo boas relações com a União Soviética e os demais países do campo socialista, dos quais é importante parceiro comercial, e além disso permitiu que continuasse na legalidade o pequeno Partido comunista Argentino. Com isso, os militares argentinos também dos demais partidos comunistas espalhados pelo mundo – em especial os importantes PCs da Europa ocidental. E uma campanha mundial sem as esmagadoras máquinas dos PCs, como diz uma alta fonte argentina, é como “uma bomba sem detonador”.⁴⁴³

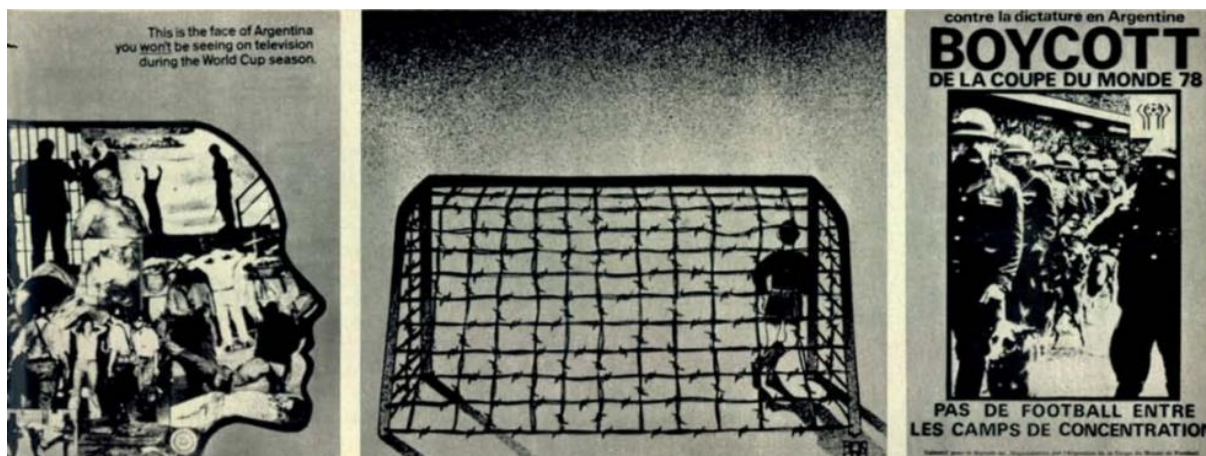
⁴⁴¹ Ibid., p. 44.

⁴⁴² Ibid., p. 46-47.

⁴⁴³ Ibid., p. 47.

A proposta de boicote alentada pelo COBA, desde a França, aparece diluída em meio a uma série de outras manifestações, tanto individuais quanto de organizações coletivas, que alcançaram projeção pública através dos veículos de mídia. Entre as principais ações do movimento, destacava uma exposição realizada em Paris por 56 cartunistas favoráveis a propostas; com charges “onde se misturam visões de tortura e violência com futebol”, e a produção do jornal paródico *L'Epique*. Além disso, o artigo ilustrava o tópico com duas produções vinculadas à reivindicação: um cartaz em prol de boitote e um dos cartuns que compunha a exposição, assim como um dos materiais confeccionados pela Anistia Internacional (Figura 34).

Figura 34 – Imagens dos movimentos pelo boicote em *Veja* n. 502.



Fonte: No exterior, a bomba que começa a detonar. *Veja*, São Paulo, n. 502, p. 45-45, abr. 1978.

A proposta do COBA, entretanto, era retratada apenas como um exemplo entre os múltiplos discursos de defesa dos direitos humanos circulantes na Europa, cujo principal representante institucional, de acordo com o artigo, era justamente a Anistia Internacional. Sem dispensar grande atenção às particularidades do movimento em si, suas composições políticas e ideológicas, o texto afirmava que a própria bandeira do boicote era uma causa perdida, somente um pretexto para abordar o tema:

Boicote? Mesmo os organizadores do movimento sabem, na verdade, que o boicote propriamente dito é algo irrealista: todas as dezesseis seleções classificadas já confirmaram sua presença na Argentina. O objetivo seria, antes, aproveitar a oportunidade para dar a maior repercussão possível à campanha pelos direitos humanos. É essa, por exemplo, a meta declarada da respeitada Anistia Internacional. “A Anistia Internacional não é a favor nem contra o boicote ao Mundial”, declarou a Carlos Struwe, correspondente de VEJA em Bonn, um porta-voz da organização na

Alemanha. “O que queremos é informar amplamente a opinião pública mundial sobre a situação na Argentina”.⁴⁴⁴

Também é interessante notar que, embora o texto remeta por alguns momentos que as campanhas do exterior eram traçadas por organizações de esquerda e humanitárias, o artigo praticamente não concede espaço para a percepção dessas organizações. À exceção da crítica estabelecida ao silêncio conivente dos PCs, não há menção às posturas de outras organizações e personagens de esquerda, como os posicionamentos sobre o tema apresentado pelos Montoneros ou exilados políticos. Ao tomar o mundial como uma possibilidade de tensionamento público do regime, é a narrativa liberal dos direitos humanos que se destaca como locução prioritária de crítica política. Um problema sensível, com o qual o periódico, assim com seu público leitor, se identificava, sendo esta uma preocupação legítima.

Um contraponto interessante, à abordagem do semanário informativo da *Editora Abril*, foi disposto no jornal *Movimento*. De acordo com a análise de Bernardo Kucinski, enquanto o *Pasquim* figurava como principal representante de uma gama de alternativas voltados à sátira e à crítica cultural aos costumes, ao moralismo e ao autoritarismo da sociedade da época – inspirada, entre outros aspectos pelas propostas da contracultura ventiladas do exterior –, *Movimento* surgia como uma das expressões mais significativas e bem sucedidas dos alternativas políticos, classificados dessa maneira pelo seu engajamento em projetos político-ideológicos definidos, normalmente alinhados à esquerda, sob influência dos ideais nacionais populares e do pensamento social-revolucionário marxista.⁴⁴⁵

Ainda que o semanário escapasse de um dogmatismo comum a outras publicações do gênero, incorporou a oposição voraz contra a ditadura militar no Brasil e se viu sob a ação da censura prévia desde seu lançamento, em 1975⁴⁴⁶. Mesmo assim, repercutiu a ação de diversos movimentos sociais, abordou a renovação das forças sindicais e denunciou as desigualdades sociais e econômicas, além de dar voz a diversos personagens – lideranças sindicais, juristas, acadêmicos, artistas, políticos, etc. –, que ganhavam proeminência na oposição ao regime. Além disso, adotou bandeiras políticas importantes no processo de abertura, muitas delas também adotadas pela grande imprensa liberal, como a instituição de uma constituinte, a anistia aos exilados e presos políticos, bem como a liberdade de imprensa.

⁴⁴⁴ SOTERO, Paulo. Na fase do pós-guerra. *Veja*, São Paulo, n. 502, p. 44-50, abr. 1978. p. 47.

⁴⁴⁵ KUCINSKI, B. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Página Aberta, 1991. p. XIV.

⁴⁴⁶ O periódico ficaria nessa situação até junho de 1978, justamente em meio a Copa, quando a censura prévia à imprensa foi revogada definitivamente pela gestão Geisel.

Como a grande maioria dos veículos de mídia brasileiros, o jornal dedicou grande atenção à Argentina, às vésperas do mundial. Embora o futebol fosse um tema presente em suas páginas, o cotidiano de treinos e resultados pouco lhe interessava, inclusive durante o torneio de seleções da FIFA. Desse modo, *Movimento* reproduziu a proposta de diversos movimentos de esquerda, que acusavam a gravidade da ditadura argentina: catalisar o evento como forma de denunciar o horror. Ao longo do mês de junho, o semanário produziu uma série de artigos nos quais explorava a situação do país platino, sempre com a ênfase voltada para a violência da ditadura chefiada por Videla e da iminente falência de seus objetivos de reorganização socioeconômica.

A capa da edição final de maio, a última antes do certame, pode ser compreendida como uma espécie de síntese da postura adotada pela publicação (Figura 35). Foi a única do período com motivo da Copa e reproduzia uma apreciação estética, que se aproximava das abordagens produzidas pelos acusadores mais ferozes da ditadura argentina. Junto do título “Copa Armada”, a grande reportagem da edição, na qual o jornal discutia o contexto do país roteirizado pelo mundial, trazia a ilustração de uma camiseta que emulava a da seleção local, com o logotipo do torneio hasteada na ponta de um fuzil cercado por arames farpados. Uma referência tanto ao título proposto, quanto à ditadura militar vigente, que havia tomado o campeonato como uma bandeira própria, mostrando-se disposta a disputar de qualquer maneira seus possíveis significados políticos. Igualmente sintomático foi o símbolo adotado pela publicação, para estampar a coletânea de artigos reunidos no especial: um cartum que fundia um crânio a uma bola de futebol, como algo indistinguível (Figura 35):

Figura 35 – A Copa Armada em *Movimento* n. 152.

Fonte: *Movimento*, São Paulo, n. 152, maio 1978.

Internamente, o boicote era abordado em diversos momentos, mas sem um enfoque ou mesmo menções precisas ao COBA⁴⁴⁷. Antes disso, a ação era tomada como um movimento amplo, contemplado por personagens diversos, como o filósofo francês Jan Paul Sartre⁴⁴⁸, ou jogadores como Michel Platini, do país gaulês, Sepp Maier e Paul Breitner da Alemanha. Este último era caracterizado pela publicação como um dos líderes da proposta entre os jogadores profissionais, relatando um suposto intento de aproximação com um dos principais jogadores brasileiros do período: o atacante Reinaldo.

Fora da Argentina talvez esteja, de forma declarada e ativa, o maior movimento contra a realização do Campeonato mundial na Argentina. Recentemente, quando da excursão da Seleção Brasileira à Europa e Arábia Saudita, o grupo liderado por Paul Breitner tentou falar com Reinaldo, na concentração brasileira em Hamburgo, na busca de seu apoio ao movimento de boicote. Foram impedidos, conjuntamente,

⁴⁴⁷ A ausência de comentários específicos sobre o COBA francês soa um tanto curiosa, pois *Movimento* trazia em suas edições uma versão reduzida com as principais matérias do *Le Monde*, um dos palcos de debate sobre a questão. Junto a isso, nas reportagens em que tematizou o uso político e propagandístico da Copa e repercutiu as acusações interacionais contra a ditadura, o jornal também veiculou textos de seus parceiros na publicação francesa.

⁴⁴⁸ Segundo a redação do texto, Sartre integrava um dos comitês pelo boicote, mas apresentava uma postura que reverberava a da parcela dominante da opinião pública francesa, não se opunha ao mundial, mas endossava a necessária defesa dos valores humanitários: “não sou contra o futebol. Nós queremos a França no Mundial, mas é hora do protesto contra o governo argentino”.

pelas seguranças alemã e brasileira, porque “não convém misturar futebol com política” aos mais variados interesses internacionais na competição.⁴⁴⁹

Ainda que a reportagem constataste que, até aquele momento, nenhum dos classificados havia acenado positivamente para o boicote, a revista evidenciava as ações como símbolos da contestação pública ao regime, quase como provas inequívocas dos crimes cometidos pelo Estado e da falha em produzir uma imagem internacional favorável, a partir do esporte. Enquanto em *Veja*, o boicote era visto como mais um dos discursos sobre os direitos humanos, no caso de *Movimento*, o retrato era de um importante ponto de pressão ao regime com relação aos significados políticos do mundial:

É impossível prever como as coisas passarão em junho na Argentina. Em muitos países se esboça um movimento de boicote, e alguns jogadores famosos, como Cruiff⁴⁵⁰, decidiram não ir a Buenos Aires. Na Argentina, a junta, a guerrilha, as organizações de defesa dos direitos humanos e alguns partidos preparam a Copa como uma verdadeira batalha em meio a uma movimentação militar sem precedentes. Nunca, na Argentina, a ideia de que o esporte nada tem a ver com política esteve tão desmitificada.⁴⁵¹

No número seguinte, a revista continuou com sua cobertura sobre as mobilizações diversas, proferida com motivo do vizinho platino com o torneio já em andamento. Embora o cerne da iniciativa não tenha se consolidado de fato, afinal nenhum país deixou de enviar seus representantes, como já se previa há alguns meses, o alternativo enaltecia que “ao invés de acabar, devido ao início da Copa, as campanhas (na verdade são muitas) de boicote a Copa devem se estender até o último jogo da competição, se transformando em campanhas de denúncias as violações dos direitos humanos naquele país”⁴⁵².

Além disso, a revista dedicou espaço para os Montoneros, ao reproduzir em uma coluna à parte suas principais resoluções com motivo da Copa, como a criação de sua *Comisión Especial Mundial'78*, as orientações propagadas pelo Conselho Superior para as operações dos militantes durante o torneio, bem como algumas das apreciações sobre o regime e o mundial de futebol. Na redação, a revista evitava a referência à organização como

⁴⁴⁹ BRAGA, Lúcio. A Copa Armada. *Movimento*, São Paulo, n. 152, p. 11, maio 1978.

⁴⁵⁰ Principal jogador do último torneio e talvez a grande estrela global do esporte naquele momento, a ausência de Johan Cruyff na seleção holandesa foi amplamente noticiada e recorrentemente associada a um posicionamento político de repúdio à ditadura argentina. Embora o jogador já houvesse negado essa leitura, afirmando que sua renúncia se devia a uma decisão pessoal e um desejo de permanecer mais tempo com a sua família, apenas em declarações mais recentes, nas quais destacou uma traumática tentativa de sequestro, é que o argumento da contestação política perdeu parte de sua força.

⁴⁵¹ GABETTA, Carlos Alberto. A campanha de US\$ 700 milhões. *Movimento*, São Paulo, n. 152, p. 12, maio 1978.

⁴⁵² BRAGA, Teodomiro. O tiro de Videla saiu pela culatra: a Copa mostra a Argentina como ela é. *Movimento*, São Paulo, n. 153, p. 10-11, jun. 1978. p. 10.

guerrilheira ou terrorista, para evidenciar sua posição como opositores e sua proposta: “o principal objetivo dos montoneros, principal grupo de oposição ao regime, é fazer com que os turistas e jornalistas entrem em contato com o povo para conhecer a Argentina real”⁴⁵³. Também trazia uma imagem de um dos cartazes do grupo (Figura 36), composto por uma “torcida montonera”, formada pela sua própria versão do mascote do torneio, com uma das frases lançadas para a ocasião: “*Este partido lo gana el pueblo*”, na qual reafirmava a autoimagem pleiteada pelo grupo como legítimo representante popular dos argentinos. Para adiante dos referendados protestos em defesa dos direitos humanos, que não dispunham da mesma proeminência narrativa dada em *Veja*, *Movimento* concedia espaço para as organizações “subversivas” da esquerda peronista.

Figura 36 – Cartaz de Montoneros e caricatura de Videla em *Movimento*.



Fonte: PASSOS, José Meireles. Os Montoneros e a Copa. *Movimento*, São Paulo, n. 153, p. 11, jun. 1978.

Nas edições seguintes, a revista tanto manteria o foco sobre a Argentina, quanto endureceria o tom de suas análises e acusações sobre a repressão, tortura e violência da ditadura, provavelmente incentivadas pelo término da censura prévia ao semanário. Nas últimas edições sobre o tema, durante o mês de junho, o jornal veiculou mais dois artigos sobre o país, ambos assinados pela jornalista inglesa erradicada no Brasil, Jan Rocha. O primeiro, intitulado “6 campos de futebol, 60 campos de concentração”⁴⁵⁴, apresentava a

⁴⁵³ PASSOS, José Meireles. Os Montoneros e a Copa. *Movimento*, São Paulo, n. 153, p. 11, jun. 1978.

⁴⁵⁴ ROCHA, Jan. 6 campos de futebol, 60 de concentração. *Movimento*, São Paulo, n. 155, p. 16, jun. 1978.

condição dramática de sequestrados políticos presos nos centros clandestinos, a partir de depoimentos colhidos pela autora, com chocantes descrições sobre as torturas físicas e psicológicas infringidas aos internos e as condições precárias, que compunham cenário de submissão, nas quais estes eram mantidos.

Embora a Copa do Mundo fosse citada apenas pontualmente, como na obrigatória menção a ESMA, a imagem utilizada para ilustrar o texto evocava a sombra da ditadura sobre o torneio, ao retratar um grupo de soldados armados dentro de um estádio e com uma faixa alusiva ao campeonato ao fundo. Abaixo da foto, quase como uma espécie de legenda, foram destacados trechos de um discurso proferido pelo então governador da província de Buenos Aires, general Ibérico Saint-Jean, em maio de 1977, e por Videla. A composição que agrupava a imagem e o texto (Figura 37) servia como uma espécie de sinopse do conteúdo do artigo, uma efígie do terror repressivo e da violência.

Figura 37 – 6 campos de futebol, 60 de concentração.



Fonte: ROCHA, Jan. 6 campos de futebol, 60 de concentração. *Movimento*, São Paulo, n. 155, p. 16, jun. 1978.

Já na segunda matéria de Rocha, o foco estava direcionado para o drama de milhares de jovens e crianças alcançados pelo terror e envolvidos na guerra, travada pelas forças armadas contra a subversão. Exilados forçadamente ou mesmo filhos de sequestrados, mortos e desaparecidos, por vezes acolhidos por parentes ou largados a própria sorte, junto às forças de segurança:

Meninos de 16 e 17 anos são torturados até ficarem irreconhecíveis. Alguns exilados acreditam que há a tentativa de liquidar toda uma geração, os jovens envolvidos com as organizações armadas, com a política estudantil e os rapazes sindicalistas. Seja verdade ou não, o fato é que a maior parte dos que morreram ou desapareceram são jovens. Também são jovens, na maioria, os fugitivos. Para os que ficam “o clima de repressão é asfixiante, é perigoso falar, e o medo penetra até entre as pessoas respeitáveis. É como depois de uma guerra. Todos tem um amigo na prisão, um parente que morreu, uma casa invadida na família, etc.” (de uma carta da família de um exilado).

Em consequência desta *guerra*, milhares de crianças argentinas estão órfãs ou separadas dos pais. São criadas por parentes, muitas vezes amarguradas ou rancorosas pelo envolvimento paterno que as levou a tal situação. E apavoradas pelo temor de que também serão detidas. Outras estão perdidas em abrigos infantis. Milhares vivem como fugitivas, “clandestinas” em seu próprio país, esperando a chance de fugir.

A resposta dada às denúncias das atrocidades é de que tudo não passa de “campanha da imprensa internacional”. Mas os relatos dos que fugiram apenas confirmam as acusações internacionais de direitos humanos, e levantas por Cyrius Vance, secretário de Estado dos Estados Unidos, quando visitou a Argentina no ano passado.⁴⁵⁵

Os discursos incorporados por *Movimento* traziam visões sobre a situação argentina, impulsionadas pelas acusações potencializadas pela Copa e publicizadas com campanhas, como a do boicote. Contudo, não se tratava apenas de noticiar essas ações. À sua maneira, a revista concedeu-lhes uma roupagem própria, quase como se tratasse também de uma causa própria, em acordo com a proposta política do periódico em torno de um projeto democrático popular, voltado ao combate voraz da violência e do autoritarismo da ditadura brasileira.

Sob tal enfoque, não eram as violações cometidas pela administração de Videla na área dos direitos humanos o problema em si, como sugeria a visão liberal de *Veja*, mas o próprio regime ditatorial-militar vigorante na Argentina, que os fomentava como um desdobramento colateral das ações clandestinas de um Estado autoritário. As paixões políticas, que permeavam o projeto político-editorial dos semanários abordados – *Pasquim*, *Veja* e *Movimento* –, percorriam também o enfoque concedido à Copa de 1978, enquanto importante evento esportivo global; assim como as leituras públicas elaboradas a respeito de

⁴⁵⁵ ROCHA, Jan. “Tentaram liquidar toda uma geração”. *Movimento*, São Paulo, n. 156, p. 11, jun. 1978.

suas inter-relações sociopolíticas em diferentes espaços, como a proposta de boicote alentada desde a Europa e as distintas reações, tanto de adesão quanto repúdio.

5.3 A DITADURA E A SUBVERSÃO CONTRA O BOICOTE: É PRECISO MOSTRAR A VERDADEIRA ARGENTINA

Apesar do forte controle exercido sobre a sociedade, os meios de comunicação e o acesso à informação, a campanha em prol do boicote não passou despercebida na imprensa argentina, inclusive pela pressão exercida por organizações internacionais, veículos de imprensa e governos estrangeiros sobre as autoridades estatais, dentro e fora do país. Algo que exigia uma resposta e um posicionamento oficial para o exterior, mas também para a própria sociedade argentina.

Enquanto algumas publicações evitavam a temática, ou a abordavam rapidamente, as revistas *Gente* e *Somos*, de responsabilidade do *Editorial Atlántida*⁴⁵⁶, produziram longos artigos sobre o tema. Ambos os periódicos assumiram o papel de defensores da “*verdadera argentina*”⁴⁵⁷ e buscavam desvelar a campanha que difamava o país.

A edição n.82 de *Somos*, datada de 14 de abril, trazia o artigo “*Complot contra la Argentina*” como o destaque de capa⁴⁵⁸ (Figura 39). Ainda no sumário, reiterava a postura combativa na descrição de sua reportagem de capa: “en Europa Occidental se ha desatado con toda virulencia una campaña contra el Campeonato Mundial de Fútbol que se realizará en nuestro país. Es una excusa que emplea la subversión – derrotada en la Argentina – para deteriorar nuestra imagen”⁴⁵⁹.

⁴⁵⁶ A companhia editorial compartilhava de uma postura política ideológica semelhante ao regime e compunha suas bases de sustentação pública na imprensa gráfica. Além das já citadas *Somos* e *Gente*, também produzia *El Gráfico* e a feminina *Para Ti*. Esta última organizou a campanha “*defienda su argentina*” (Figura 38), que se estendeu para além do intervalo do mundial, na qual desenvolveu uma série de cartões-postais com os dizeres “*Argentina, toda la verdad*” e imagens diversas do país ou da população de um lado e, no verso, um texto já pronto acusando as mazelas e a ação subversiva que denegria o país de forma maliciosa, desde fora de suas fronteiras. A proposta sugeria que as leitoras, em sua maioria componentes de estratos médios e conservadores, recortassem o cartão das páginas das revistas, incluíssem suas próprias impressões e os enviassem aos principais representantes, pessoas e instituições, da campanha que denegria a Argentina no exterior. A iniciativa não só representava uma reação do periódico como convidava as leitoras, seu público alvo, a se tornarem parte da ação, convertendo-as em agentes ativos da iniciativa. (FRANCO, 2008, p. 210-211; MAGALHÃES, 2013, p. 144; ULANOVSKY, 2011, p. 103-104).

⁴⁵⁷ O termo foi recorrente em artigos veiculados em ambas as publicações.

⁴⁵⁸ É interessante notar o esquema de cores adotado para a montagem da capa, com a predominância do vermelho no fundo e as letras em branco e amarelo, uma provável associação ao esquema de cores comumente associados ao comunismo – subversivo, portanto – e predominantes na bandeira da URSS. Uma produção estética que procurava emular determinada sensibilidade política.

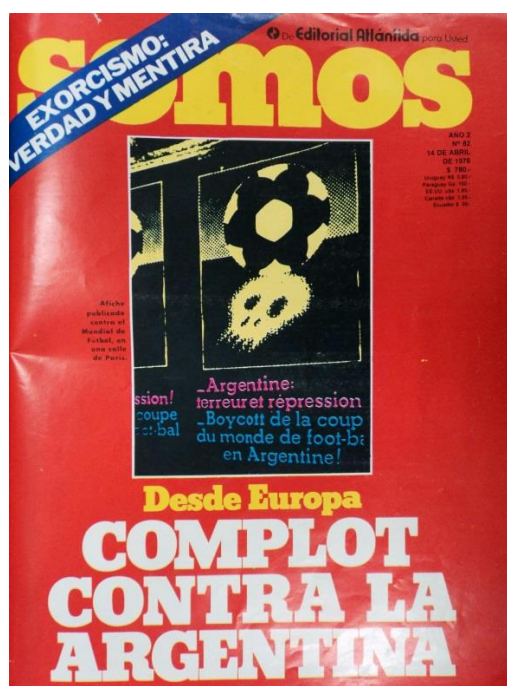
⁴⁵⁹ *Somos*, Buenos Aires, ano 2, n. 82, p. 3, abr. 1978.

Figura 38 – Campanha “Defienda su Argentina” da revista *Para Ti* em *Somos*.



Fonte: *Somos*, Buenos Aires, n. 101, p. 57, ago. 1978.

Figura 39 – Capa de *Somos* n. 82.



Fonte: *Somos*, Buenos Aires, ano 2, n. 82, abr. 1978.

Na matéria em questão, a revista retrataria o movimento pelo boicote como uma montagem instigada e financiada pela extrema esquerda, desde a Europa. Segundo a publicação, a campanha teria na França dois centros visíveis: o COBA e a filial local da Anistia Internacional, ambos devidamente aparados por grupos terroristas e subversivos

argentinos, refugiados no exterior⁴⁶⁰. O texto se esforçaria em desarticular o discurso propagado pelo movimento, ao contestar as informações dispostas nos materiais de divulgação, bem como questionar a origem e o montante dos valores supostamente investidos em sua produção. Também colocaria em dúvida a idoneidade dos veículos de imprensa estrangeiros, que reproduziam as acusações sobre os excessos autoritários do *Proceso*.

É interessante destacar que, em sua busca para “*desentranar la verdad*”, recorreria justamente ao embaixador argentino na França, Tomás de Anchorena. Nos trechos reproduzidos pelo periódico, o diplomata desacreditaria as organizações e suas lideranças, em especial Marek Halter, além de reforçar a visão do movimento como uma iniciativa desesperada da subversão. Anchorena, inclusive, vincularia a campanha diretamente aos Montoneros, um dos principais grupos revolucionários da esquerda peronista na Argentina⁴⁶¹. Ao dar voz ao embaixador, *Somos* não o tomava sob uma distância crítica, mas o transformava em testemunha ocular. Em outros termos, para desvelar a “campanha antiargentina” e revelar suas reais intenções, o semanário reiterava a narrativa oficial como alternativa única e verdadeira.

Tal aproximação com o regime se torna evidente, em um dos instantes em que o artigo contestava as denúncias efetuadas pelo COBA e Anistia Internacional:

Para los argentinos, estas frases son algo más que una mentira. Representan la más nítida confesión del fracaso de los argumentos pretendidamente consistentes que puedan esgrimir las bandas terroristas contra el gobierno de las fuerzas armadas. En todas las discusiones que puedan suscitarse en el mundo, cuando una parte apela a la mentira burda y primaria, le reconoce implícitamente a la otra su desnudez conceptual. Ese – junto a la abrumadora derrota en el campo de la lucha armada – es el verdadero fracaso de la subversión en la Argentina.⁴⁶²

Após o longo esforço de desqualificação da campanha, *Somos* encerrou o artigo reafirmando sua crença na capacidade no vindouro evento desportivo, para revelar a autêntica face do país: “el próximo Mundial mostrará cómo vive, cómo trabaja y cómo es la Argentina. El 1° de junio quedarán atrás los folletos malintencionados, las falsedades sistemáticas y toda la distorsión que es capaz de montar el dinero mal habido de las bandas terroristas”⁴⁶³.

Tal qual a companheira editorial, *Gente* também se debruçou sobre essa temática. Em diferentes ocasiões, manifestou-se contrariamente ao movimento empreendido a partir das

⁴⁶⁰ Complot contra la Argentina. *Somos*, Buenos Aires, ano 2, n. 82, p. 8-12, abr. 1978.

⁴⁶¹ Ibid. p. 9.

⁴⁶² Ibid. p. 10-11.

⁴⁶³ Ibid. p. 12.

organizações no exterior, repetindo o discurso sobre o desconhecimento público da guerra travada internamente, contra o terrorismo e a subversão. De forma praticamente simultânea à reportagem de *Somos* sobre o complô, *Gente* publicaria uma entrevista focada na temática do boicote com o embaixador Anchorena. O título concedido à reportagem foi sintomático: “Crónica de una ‘Guerra’ Antiargentina”⁴⁶⁴.

Alguns exemplares depois, a revista veiculou um de seus textos mais paradigmáticos e incisivos. Em “Carta a un argentino que vive afuera”, a publicação colocou-se em interlocução direta com o leitor. A partir dos questionamentos lançados sobre a situação política argentina, em boa parte mobilizadas a partir da realização da Copa no país, *Gente* convidava a população a entrar em contato com seus conterrâneos no exterior, afim de esclarecer os percalços vividos, a ameaça terrorista e a recuperação empreendida pelo governo das forças armadas.

En el mundo se ha desatado una campaña antiargentina. Cada uno de los argentinos tiene la obligación y el derecho de defenderse. Esta que sugerimos es una posibilidad. Es una carta, a la que usted puede agregarle lo que quiera o lo que sienta. Para enviar a sus amigos en el exterior, a sus parientes que allí viven. Para que la divulguen. Para que se conozca la verdad de un país que lucha por la paz después de la sucia guerra que vivió.⁴⁶⁵

A redação que se seguia emulava a carta proposta – assim como a composição gráfica do artigo (Figura 40) –, a qual explicitava os próprios posicionamentos políticos da publicação. De certo modo, esse texto convertia-se em uma declaração não só de convivência, mas também de suporte ideológico concedido pela publicação à ditadura, mesmo que não a reconhecesse assim, naquele momento.

Gente também produziu seu próprio artigo sobre o COBA. Na última edição de maio de 1978, a revista trouxe a matéria “Cara a cara con los jefes de la campaña antiargentina”, em que o subdiretor da publicação, Samuel Gelblung, confrontou diretamente duas lideranças do movimento na França, Marek Halter e Pierre Grenet, creditado como secretário geral do coletivo. Junto da foto (Figura 41) que abria a reportagem, uma chamada destacava de antemão a posição adotada pela publicação: “por primera vez un periodista argentino entra en las usinas europeas desde dónde se intenta destruir la imagen del país”⁴⁶⁶.

⁴⁶⁴ RAYMOND, D. Crónica de una Guerra antiargentina. *Gente y la actualidad*, Buenos Aires, ano 13, n. 664, p. 14-15, abr. 1978.

⁴⁶⁵ Carta a um argentino que vive afuera. *Gente y la actualidad*, Buenos Aires, ano 13, n. 664, p. 14-15, abr. 1978.

⁴⁶⁶ GELBLUNG, S. Cara a cara con los jefes de la campaña antiargentina. *Gente y la actualidad*, Buenos Aires, ano 13, n. 670, p. 14-18, mai. 1978. p.14.

Figura 40 – A carta de *Gente*.



Fonte: Carta a um argentino que vive afuera. *Gente y la actualidad*, Buenos Aires, ano 13, n. 664, p. 14-15, abr. 1978.

Figura 41 – Reportagem de Gente com os “jefes de la campaña antiargentina” do COBA em Paris.



Fonte: GELBLUNG, S. Cara a cara con los jefes de la campaña antiargentina. *Gente y la actualidad*, Buenos Aires, ano 13, n. 670, p. 14-18, mai. 1978. p.14-15.

Apesar da recorrente associação do boicote à subversão, engana-se quem imagina que o repúdio ao mundial foi um traço unívoco entre opositores da ditadura. Em seu trabalho sobre os exilados políticos argentinos na França, Marina Franco destaca que muitos dos refugiados no país não se engajaram na proposta de boicote, engendrada pelo COBA.

Também salienta que os poucos argentinos a integrar o comitê não tiveram uma participação efetiva em sua organização, alocando-se em funções periféricas⁴⁶⁷.

Entre os posicionamentos difundidos pelos adversários do regime, em relação à Copa do Mundo, talvez a postura mais distinta tenha sido a do Movimento Peronista Montonero (MPM). Como pontuamos brevemente, os Montoneros se sobressaíram como um dos principais adversários da ditadura. Embora possuísse uma trajetória muito mais longa e complexa, dentro dos distintos grupos afiliados ao peronismo, durante a segunda metade da década de 1970, o grupo teve uma séria ruptura com o oficialismo peronista e passou a investir de forma mais contundente na revolução armada. Ainda durante o governo de Isabel Martinez, o grupo, ao lado do *Ejercito Revolucionário del Pueblo* (ERP), investiu no enfrentamento direto contra com as forças armadas⁴⁶⁸.

A eclosão do golpe não só acelerou a militarização do quadro de militantes, como agudizou o combate. O aprofundamento da repressão aliada à relativa liberdade de ação, de que dispunham os militares sob a nova conjuntura, levariam não só a quase liquidação da iniciativa guerrilheira do movimento – em 1978 reduzida a ações cada vez mais esporádicas –, mas a prisão, morte ou desaparecimento de grande parte de seus integrantes e a fuga de outros tantos para o exterior⁴⁶⁹. Longe de possuir uma trajetória retilínea e coesa, os Montoneros sofreram diversas modificações, rompimentos e reestruturações. O MPM foi um dos frutos desse processo, ainda assim, sua identificação direta, ao menos no senso comum, era com o grupo original⁴⁷⁰.

No período em que o mundial se aproximava, o MPM já havia se estabelecido formalmente na Cidade do México, de onde seu conselho superior dava continuidade aos embates defendidos pelo grupo. Foi a partir daí, que a organização se manifestou com relação ao campeonato, à proposta de boicote e ao uso político do futebol. Como uma espécie de efeito colateral à proliferação do debate originado na Europa, o MPM também ganhou mais espaço na apreciação pública da situação política argentina. Em contraponto ao próprio juízo oficial, que por diferentes momentos insinuou a influência montonera por trás da campanha contra a realização do evento desportivo no país, o movimento declarou seu apoio à competição, sob uma leitura política bastante específica.

⁴⁶⁷ FRANCO, 2008.

⁴⁶⁸ GILLESPIE, Richard. *Soldados de Perón: los Montoneros*. Buenos Aires: Grijalbo, 1998.

⁴⁶⁹ NOVARO; PALERMO, 2007, p. 90-103.

⁴⁷⁰ Exemplo disso é que, naquele momento, os Montoneros se viam divididos em três ramificações distintas, que se comunicavam entre si e investiam em frentes variadas de luta. Além do MPM, havia o Partido Montonero, ramificação político-partidária da organização, e o braço armado do grupo, o *Ejercito Montonero*, responsável pelas ações de guerrilha e luta armada travadas no país. (GILLESPIE, 1998; GASPARINI, 2008).

Logo no início de 1978, um documento de circulação interna do grupo trazia o mundial como tópico fundamental para as ações a serem desenvolvidas no decorrer do ano. Focado em seus militantes e colaboradores, a organização evocou a Copa do Mundo como oportunidade estratégica única de combater a ditadura.

Nosotros debemos tener bien presente que durante el Mundial todo el mundo estará mirando a la Argentina. Los milicos tratarán de dar la imagen que todo marcha sobre ruedas, que tienen la situación bajo control, que el pueblo los respeta. 6000 periodistas y decenas de miles de turistas serán testigos presenciales directos de lo que pasa verdaderamente en el país, sin contar los cientos de millones que verán por televisión en directo los partidos. Esta situación obliga al gobierno a permitir un margen de legalidad política en medio del estrangulamiento económico y represivo.⁴⁷¹

A partir de sua construção panfletária e militante, o documento declamava o enfraquecimento da ditadura comandada por Videla, assinalando a resistência de diversos setores da sociedade argentina. O final do texto, carregado de passionalidade, convocava os quadros do movimento à manifestação durante o campeonato. A passagem expressava tanto o sentimento de repúdio ao regime, quanto a valorização do futebol como paixão popular nacional.

[...] ya que todo el mundo nos estará mirando durante el Mundial, debemos aprovechar para hacernos oír por televisión en colores ante centenares de millones de hombres de todo el mundo.
¿Qué queremos en el mundial? Queremos que Argentina sea campeón. Y que todo el mundo sepa que a Videla y su comparsa lo repudiamos por gorilón.
Compañeros: a prepararse para el mundial, para que en las canchas se cante la Marcha Peronista; para juntarse en la cancha y pedir que abran las puertas en el segundo tiempo; para contarle a cuantos extranjeros tengamos cerca lo que pensamos de Videla y Martínez de Hoz; para aprovechar el margen de legalidad y movilizarse por aumentos salariales, por la liberación de presos y aparición de los secuestrados, por la normalización sindical, para que el Mundial no sea un gran operativo de propaganda gorila sino un gran triunfo popular, en la política y en el fútbol. ¡Argentina Campeón, Videla al Paredón!⁴⁷²

Em março de 1978, o MPM convocou uma coletiva de imprensa para apresentar sua *Comisión Especial Mundial 78*, cuja criação buscava expressar publicamente a posição da organização com relação à Copa, além de reafirmar a proposta de não obstaculizar sua realização, para que “los hojos del mundo se fijen en Argentina y observen com imparcialidad la tragédia que padece nuestro Pueblo”⁴⁷³. Concomitantemente à abordagem montonera sobre

⁴⁷¹ *Movimiento*. Organo del Consejo Superior del Movimiento Peronista Montonero, n.5, jan. 1978. p. 2.

⁴⁷² *Ibid.* p. 2-3.

⁴⁷³ Consejo Superior del Movimiento Peronista Montonero. *El Movimiento Peronista Montonero frente al mundial 78*. México, 1/03/1978.

o mundial, a comissão foi concebida como um contraponto à ingerência do Estado militar sobre o evento:

Así como la dictadura institucionaliza sus acciones en este campo a través del EAM 78, el Movimiento Peronista Montonero lo hace a través de esta Comisión. Es otra expresión del poder paralelo del Pueblo, que va forjando organismos contrapuestos a las instituciones del régimen.⁴⁷⁴

A noção de povo, adotada pela organização, é fundamental para compreender a maneira como o MPM percebia a Copa da Argentina. Essa concepção demarcava diferenças não apenas em relação ao regime, mas também entre os montoneros e outros grupos revolucionários de esquerda, sobretudo aqueles tributários de uma tradição marxista, excessivamente limítrofe. Enquanto aqueles se colocavam como representantes do povo e parte indissociável deste, estes muitas vezes se enxergavam como uma espécie de vanguarda revolucionária, plenamente ciente de seu papel político – o que gerava um distanciamento da sociedade em geral, particularmente das massas supostamente alienadas. Em consonância com suas raízes peronistas, singulares à experiência argentina e carregadas de afetividade, o MPM reivindicava o termo povo para si, distinguindo tanto na política quanto no futebol a paixão popular. A adesão de um posicionamento avesso ao futebol e à Copa do Mundo, sob a ótica cultural e esportiva, poderia ser apreendida como uma sorte de oposição ou distanciamento desse mesmo povo, que bradava representar.

El escenario futbolístico en Argentina, lejos de servir como mero instrumento de distracción a las masas populares, ha sido en muchas ocasiones caja de resonancia del descontento social. Esta misma dictadura ha visto como las grandes multitudes de los estadios, movidas por una genuina pasión deportiva, han sido capaces también de expresar su pasión política en estribillos que condenan a la minoría en el poder. Nada, pues, tiene que temer el pueblo de la realización del Mundial. No hay razones que puedan llevar al Movimiento Peronista Montonero a impedir que los argentinos – con todas las restricciones económicas y de control impuestas por la dictadura – sean espectadores de la Copa.⁴⁷⁵

A reivindicação do Mundial de Futebol da Argentina por Montoneros, como uma manifestação eminentemente popular, era também bastante visível na reorganização estética, que efetuaram sobre os principais símbolos do evento, sobretudo o emblema da competição (Figura 41) e o mascote⁴⁷⁶. O primeiro seria reconfigurado com a substituição da imagem

⁴⁷⁴ *Ibid.* p. 1.

⁴⁷⁵ *Ibid.* p. 1.

⁴⁷⁶ *El Gráfico* havia anunciado a criação do novo mascote, em maio de 1977. De acordo com a publicação, o personagem havia sido encomendado pelo EAM 78 e ainda não possuía um nome definitivo. Em diferentes espaços e documentos, encontramos as denominações de *mudialito*, *gauchito* e *pampita* para o personagem. A

central alusiva à bola, por representações da insígnia geral dos Montoneros ou do MPM, como podemos observar na contracapa da pasta elaborada com motivo da *Comisión Especial Mundial 78* criada pela organização (Figura 42):

Figura 42 – Pasta da Comisión Especial Mundial 78 do MPM.



Fonte: Acervo CEDINCI.

No tocante ao mascote, o processo de apropriação e ressignificação estética é ainda mais significativo. Ao revés da imagem do gaúcho (Figura 43), investiam na caracterização autóctone generalista do indígena da região dos pampas, como representação legítima do movimento popular que pretendiam evocar. Saíam de cena o chicote e o chapéu – curiosamente, por vezes, também a bola. Em seu lugar, o “pampita montonero” segurava uma lança, vestia uma espécie de poncho sobre seu uniforme de futebolista e trazia uma faixa na cabeça com o escrito Montoneros. Sua postura corporal também mudava, normalmente com o braço esticado e com os dedos da mão esquerda realizando o sinal em “v”, de vitória. O personagem estamparia diversos cartazes e outros materiais produzidos pela organização peronista (Figura 44).

adoção deste – trajado com as vestes da seleção e uma bola no pé, o lenço, o chicote para a montaria e o chapéu com os dizeres “Argentina’78”, típicos da figura do gaúcho, personagem bastante tradicional da cultura folclórica argentina –, pode ser compreendida a partir da iniciativa de dar uma referência nova ao evento para além do emblema, para muito ainda associado a uma criação e simbologia peronistas. Como enaltecia *El Gráfico*, o mascote era “un símbolo autentico de nuestro país” e até julho de 1978 “Pampita y el Mundial serán una misma cosa”. (La cara del Mundial. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3008, maio 1977).

Figura 43 – *La cara del Mundial: El Gráfico* anuncia o mascote oficial para 1978, maio 1977.



Fonte: La cara del Mundial. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3008, s/p, maio 1977.

Figura 44 – O pampita montonero em duas ocasiões.



Fonte: Acervo CEDINCI.

O personagem estamparia diversos cartazes e outros materiais produzidos pela organização peronista. Um desses materiais, em que tanto a releitura do emblema quanto a do mascote figuravam como ilustrações complementares, estava um interessante programa de jogos do mundial para ser distribuído, provavelmente, junto aos mexicanos (Figura 45). Em um lado do cartaz, a revista trazia uma tabela com informações detalhadas das partidas: os

dias, os horários – no fuso-horário mexicano –, as seleções em campo, o local da partida e se teria transmissão ao vivo pela televisão. Do outro, trazia uma arte em que tematizava um de seus principais *slogans*: “cada espectador del Mundial, um testigo de la Argentina real”. A imagem reproduzia uma televisão sintonizada no emblema do campeonato. A bola, originalmente centralizada no meio do símbolo, quicava para fora do aparelho de tevê e deixava à mostra o mapa da Argentina, onde se desenrolaria o certame.

A imagem sugeria a possibilidade que a Copa oferecia de se olhar atentamente para a Argentina, mesmo à distância, por meio da televisão. Cabe retomar que o grupo via na relativa flexibilização do aparato repressor do regime, assim como no grande afluxo de veículos de mídia de variadas partes do globo para a Argentina, a possibilidade de efetuar ações que evidenciassem as fragilidades e as atrocidades da ditadura militar, fossem ataques contra órgãos oficiais, ou ações de divulgação e propaganda. Havia mesmo a expectativa de que houvessem manifestações do público presente nos estádios, na forma de vaia às autoridades ou mesmo com a entoação de marchas características do peronismo e de Montoneros.

Figura 45 – Frente e verso da tabela de jogos confeccionada por MPM.



PROGRAMA DE TRANSMISIONES OCTAVOS DE FINAL			
	HORARIO	SEDE	
JUEVES 10.	10:45	ALEMANIA VS. POLONIA	B. AIRES/RIVER VIVO
VIERNES 2	10:30	FRANCIA VS. ITALIA	MAR DE PLATA VIVO
"	13:30	TUNEZ VS. MEXICO	ROSARIO VIVO
"	16:00	HUNGRIA VS. ARGENTINA	B. AIRES/RIVER VIVO
SABADO 3	10:30	SUECIA VS. BRASIL	MAR DE PLATA VIVO
"	13:30	PERU VS. ESCOCIA	CORDOBA VIVO
"	15:45	ESPAÑA VS. AUSTRIA	B. AIRES/VELEZ DIF.
MARTES 6	17:45	IRAN VS. HOLANDA	MENDOZA DIF.
"	10:30	ITALIA VS. HUNGRIA	MAR DE PLATA VIVO
"	13:30	MEXICO VS. ALEMANIA	CORDOBA VIVO
"	16:00	ARGENTINA VS. FRANCIA	B. AIRES/RIVER VIVO
"	18:15	POLONIA VS. TUNEZ	ROSARIO DIF.
MIERCOLES 7	10:30	BRASIL VS. ESPAÑA	MAR DE PLATA VIVO
"	13:30	HOLANDA VS. PERU	MENDOZA VIVO
"	15:45	AUSTRIA VS. SUECIA	B. AIRES/VELEZ DIF.
"	17:45	FRANCIA VS. HUNGRIA	CORDOBA DIF.
SABADO 10	10:30	MEXICO VS. POLONIA	MAR DE PLATA VIVO
"	13:30	ITALIA VS. ARGENTINA	ROSARIO VIVO
"	16:00	TUNEZ VS. ALEMANIA	B. AIRES/RIVER VIVO
DOMINGO 11	18:15	SUECIA VS. ESPAÑA	CORDOBA DIF.
"	10:30	ESCOCIA VS. HOLANDA	B. AIRES/VELEZ VIVO
"	13:45	BRASIL VS. AUSTRIA	MENDOZA VIVO
"	17:45	PERU VS. IRAN	MAR DE PLATA DIF.
NOTA: EN LAS DOS ULTIMAS FECHAS (S. 10-D. 11) PODRIAN PRESENTARSE VARIACIONES (VIVO/DIFERIDO) SOBRE LA MARCHA, DE ACUERDO A LA POSTURA QUE GUARDEN LAS CLASIFICACIONES PARA LOS CUARTOS DE FINALES.			
CUARTOS DE FINAL			
MIERCOLES 14	10:30	A3 VS. A4	CORDOBA VIVO
"	13:30	B6 VS. B5	ROSARIO VIVO
"	16:00	A2 VS. A1	B. AIRES VIVO
"	18:15	B7 VS. B8	MENDOZA DIF.
DOMINGO 18	10:30	B8 VS. B9	MENDOZA VIVO
"	13:30	B5 VS. B7	ROSARIO VIVO
"	16:00	A1 VS. A3	B. AIRES VIVO
"	18:15	A4 VS. A2	CORDOBA DIF.
MIERCOLES 21	10:30	A3 VS. A2	CORDOBA VIVO
"	13:30	B8 VS. B5	ROSARIO VIVO
"	16:00	A4 VS. A1	B. AIRES VIVO
"	18:15	B7 VS. B6	MENDOZA DIF.
SEMIFINAL			
SABADO 24	11:45	3ER VS. 4TO.	BUENOS AIRES VIVO
FINAL			
DOMINGO 25	11:45	1ERO Y 2DO LUGAR	BUENOS AIRES VIVO



**MOVIMIENTO
PERONISTA
MONTONERO**



Fonte: Acervo CEDINCI.

Figura 46 – *Estrella Federal* n. 4, abr. 1978.



Fonte: *Estrella Federal* n. 4, abr. 1978.

As diretivas práticas das ações a serem tomadas, durante a competição, foram explicitadas no jornal *Estrella Federal* n. 4, de abril de 1978 (Figura 46). A publicação direcionava-se especificamente aos militantes do *Ejército Montonero*, precisamente aqueles que se encontravam dentro do país, na clandestinidade e como agentes de guerrilha. Se o MPM se destacava como grande locutor de Montoneros, desde o exílio, seriam os

componentes de sua divisão armada os responsáveis pelas ações deflagradas durante o evento na Argentina. Nos termos do enfrentamento militar, o momento da Copa era interpretado sob um viés estratégico, uma oportunidade para se realizar uma “ofensiva tática”, com operações mais precisas e espetaculares, afim de conseguir ampla atenção pública, expor o governo autoritário e forçar o seu recuo. Não por acaso, com distância de objetivos e formas de ação traçados em relação ao MPM, o *Ejército Montonero* tomava como lema principal outro bordão, mais combativo: “¡Argentina Campeón, Videla al Paredón!”.

No editorial do jornal, o então comandante chefe do *Ejército Montonero*, Mario Firmenich, expunha os objetivos e as diretrizes de ação propostos para a Copa. Ao questionar, retoricamente, o que se pretendia atingir com essa Ofensiva Tática Mundial 78, afirmava o seguinte: “obligarlos a que cambién de estrategia, o sea, que abandonen el intento de continuar con su ofensiva y tengan que conceder una apertura política y sindical”⁴⁷⁷. Nesse sentido, a iniciativa acenava com uma maior convergência de esforços para os demais ramos de Montoneros, o MPM e o Partido, que haviam delimitado outras formas de atuação, que não necessariamente a luta armada, e que lograriam uma brecha de reinserção com um recuo e abertura política do regime. As diretrizes enumeradas por Firmenich evidenciavam uma postura completar a essas ações, com a preservação do mundial e seus assistentes, bem como uma maior preocupação com a exposição da ditadura:

DIRECTIVAS AL EJERCITO MONTONERO PARA LA OFENSIVA TACTICA
“MUNDIAL’78”

El heroico Ejército Montonero debe complementarle mayor potencia a las acciones que desarrollarán el Partido Montonero y el Movimiento Peronista Montonero, actuando todos bajo una sola consigna: “ARGENTINA CAMPEÓN, VIDELA AL PAREDÓN. MONTONEROS”. Para ello debe cumplir con las siguientes directivas:

1. Prepararse para la ofensiva táctica evitando el desgaste previo
2. Concentrar en el tiempo la capacidad de hostigamiento. Ese tiempo es precisamente el tiempo que dura el campeonato mundial de fútbol
3. Prioritar con toda claridad, durante el desarrollo de esta ofensiva táctica, la línea antidictatorial y antirepresiva. Concluida la misma, se retomarán los lineamientos emanados de la Secretaría Militar del Partido.
4. Está terminantemente prohibido realizar operaciones militares que afecten directamente o perjudiquen a: A) Los partidos de fútbol; B) Los equipos o delegaciones extranjeras; C) Los periodistas argentinos o extranjeros; D) Los turistas o espectadores de los partidos de fútbol.
5. Está prohibido realizar operaciones militares de cualquier tipo a distancias inferiores a 600 metros a la redonda de los estadios donde se disputen encuentros.
6. Cada uno de los compañeros de nuestro Ejército debe transformarse en una oficina de prensa informando de todas las operaciones realizadas, o cualquier tipo de denuncia, llamando telefónicamente a: A) Las agencias de noticias internacionales; B) Radio Colonia; C) Los periodistas extranjeros que estarán en hoteles céntricos de

⁴⁷⁷ FIRMENICH, M. Editorial. *Estrella Federal*, n. 4, p. 1-4, abr. 1978. p. 3.

cada subse; D) Los diarios argentinos. Deben desmentirse todas las informaciones que publique la prensa del régimen, incluidas las operaciones falsas que puedan realizar con nuestra firma.

Compañeros del glorioso Ejército Montonero: la orden de combate está dada; es el deber de cada uno de ustedes llevar a cabo la misión con éxito al grito de LIBERACIÓN O DEPENDENCIA! PATRIA O MUERTE! VENCEREMOS!⁴⁷⁸

De certa maneira, tanto o Montoneros quanto o *Proceso* reconheciam as possibilidades inerentes à realização de um evento midiático, como o mundial aliado à passionalidade desperta pelo futebol. Cada um tentou operacionalizá-lo em acordo com seus propósitos e posições políticas. Enquanto o governo militar reclamava a Copa como um projeto particular, assumindo o controle de sua organização, o grupo revolucionário tomava-a como lugar de manifestação popular indevidamente apropriada e corrompida pela ditadura. Assim, Montoneros subvertia a lógica propagandística da competição para demonstrar a violência, a repressão e a insatisfação popular com o regime. O convite ao confronto da imagem tensionada pelo *Proceso* e a denúncia sobre a situação argentina, eram retratados no principal *slogan* lançado pela Comissão organizada pelo MPM desde o exílio: “cada espectador del mundial un testigo de la Argentina real”.

A multiplicidade de vozes retratadas esboça a polissemia de leituras políticas que envolvem o futebol, mesmo em um momento de pressuposto domínio de um regime autoritário. O boicote em si não se efetivou, mas o debate alavancado por ele minou significativamente os objetivos da ditadura, em relação aos desejos de projeção internacional do país. Tanto quanto os lances que se desenrolariam em campo, as suspeitas e denúncias sobre os abusos autoritários e repressivos, inclusive a própria denominação de uma ditadura, ganharam um amplo conhecimento público. Do ponto de vista prático, por assim dizer, contribuiu como um novo ponto de pressão, para que o país se comprometesse em receber a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, ligada a OEA, para uma vistoria no ano seguinte.

Ainda assim, não podemos descartar o uso e apropriação que o regime estabeleceu sobre a Copa do Mundo na Argentina. Antes disso, trata-se de observar o futebol também como um lugar de política. Um lugar de embates passionais e culturais, onde encontramos disputas potencias de poder e de significados políticos, que ainda estão longe de ser plenamente explorados.

⁴⁷⁸ Ibid., p. 3-4.

6 CONTRASTES ENTRE BRASILEIROS E ARGENTINOS: LEITURAS SOBRE COUTINHO E MENOTTI PELA IMPRENSA ESPORTIVA

Após a chegada do almirante Heleno de Barros Nunes à presidência da Confederação Brasileira de Desportos, através de uma manobra da administração Geisel, em janeiro de 1975⁴⁷⁹, o experiente Oswaldo Brandão – bicampeão nacional com a Sociedade Esportiva Palmeiras e com passagens pela seleção nas décadas de 1950 e 1960 – foi o escolhido para comandar a renovação do escrete brasileiro após o desempenho pouco animador na Copa da Alemanha em 1974⁴⁸⁰. Apesar de sua equipe acumular resultados razoáveis entre 1975 e 1976, a passagem de Brandão foi acompanhada de múltiplos focos de tensão. Verificou diversos pontos de pressão ao seu trabalho desde a estrutura esportiva e manteve um relacionamento bastante arredio com os veículos de imprensa, com diversas injunções e desconfianças sobre a escalação, o planejamento da CBD, as atuações e o estilo de jogo da equipe.

Na revista esportiva *Placar*, por exemplo, essas tensões foram retratadas de diferentes formas, com impressões favoráveis e contrárias ao trabalho de Brandão, em notas, artigos e entrevistas. Contudo, talvez a melhor representação desse ceticismo, ou ao menos a mais sintética, tenha sido retratado nas produções do cartunista Laerte Coutinho na seção “Camisa 12”. Como no caso de uma tirinha dos personagens Crioulo e Baianinho, publicada em junho de 1976, logo após a conquista de um torneio amistoso nos Estados Unidos (Figura

⁴⁷⁹ Ao final de 1974, sem gozar do mesmo prestígio de anos anteriores e sob a desconfiança das atuais lideranças do regime, João Havelange, recém-eleito à presidência da FIFA, foi convencido a deixar seu cargo na CBD pelo então Ministro da Educação, Ney Braga. Para o seu lugar foi designado o almirante Heleno Nunes, personagem simpático ao general Ernesto Geisel, que buscava estreitar os laços com o governo sob a justificativa de uma iniciativa ampla de modernização e racionalização do desporto nacional. Entretanto, ainda em 1975, Nunes foi indicado pelo governador do Rio de Janeiro, almirante Floriano Peixoto Faria Lima, para assumir a presidência do diretório estadual da ARENA, justamente em um instante no qual os embates eleitorais contra o MDB ganhavam nova relevância na disputa institucional. Diante da reconfiguração de sua posição, e o paralelo exercício de ambas as funções, os interesses partidários passaram a penetrar de maneira flagrante a administração do futebol, em um processo dinâmico e multifacetado, no qual tanto grupos políticos locais buscavam capitalizar o esporte eleitoralmente, quanto dirigentes procuravam se aproveitar desse interesse sobre a modalidade para conseguir benefícios para suas próprias agremiações, sobretudo com o acesso a uma vaga no inchado Campeonato Brasileiro. Nesse período a CBD assumiu uma tônica centralizadora e, por vezes, autoritária na figura do almirante, que logo passou a conviver com as críticas crescentes da imprensa. Embora sua passagem possa indicar um movimento na contramão do processo de distensão política preconizado por Geisel, que acenava com a lenta recuperação de espaços de atuação política por parte da sociedade civil, sua entrada na CBD se encaixava no projeto de institucionalização do regime, sob o controle direto do Estado.

⁴⁸⁰ Sob o comando de Zagalo e com uma série de remanescentes da Copa de 1970, a seleção teve uma atuação bastante irregular. Na primeira fase, o time empatou os dois primeiros jogos, contra Iugoslávia e Escócia, por zero, e só conseguiu sua classificação ao derrotar o Zaire. Já na segunda fase do torneio, obteve vitórias contra Alemanha Oriental e Argentina, mas perdeu a vaga na final para os holandeses, após derrota por 2 a 0. Na disputa pelo terceiro lugar, novo revés, dessa vez para a Polônia, 1 a 0.

47). O esquete trazia um diálogo entre os dois personagens ao julgar uma figura feminina na rua, através de uma comparação inusitada com a atual equipe nacional:

Figura 47 – Do tipo “seleção”.



Fonte: LAERTE. *Placar*, São Paulo, n. 321, p. 65, jun. 1976.

Apesar da composição infame, permeada por representações culturais e relações de poder restritivas, atreladas ao esporte e imperantes na sociedade da época⁴⁸¹, a tirinha compreendia a insatisfação e impaciência vigentes em relação ao selecionado. De certa forma, a expectativa remetia à recomposição de laços afetivos e identitários entre a população e a equipe nacional, sua “base de sustentação popular” que ainda tinha na memória dos êxitos anteriores seus maiores pontos de referência. Nesse sentido, Brandão, mesmo com desempenho positivo nas partidas preparatórias, não havia conseguido angariar o apoio esperado e reestabelecer esse vínculo, tanto com a população quanto com os representantes da imprensa. Desse modo, sua saída do comando do time, no início de 1977, se deveu não apenas a conjecturas internas da CBD – envolta em relações de poder bastante particulares –, mas também à falta de alicerces sólidos de suporte e apoio externos, sobretudo entre os veículos de comunicação com ativa voz pública.

No ano seguinte, o grande desafio da seleção eram as eliminatórias. Como a Argentina já tinha uma das vagas do continente assegurada, devido a sua condição de anfitriã, sobraram três postos a serem disputados pelos demais representantes da América do Sul: os dois primeiros se classificavam diretamente, enquanto o terceiro melhor disputaria a repescagem com um dos remanescentes europeus. A competição foi organizada em duas fases. Na primeira, os nove participantes foram separados em três grupos. Na segunda, os três

⁴⁸¹ Embora não seja o tema do trabalho, o discurso da tira traz um paralelo interessante, tanto pela crítica empregada contra a equipe quanto pela concepção intrínseca do futebol como um elemento exclusivamente masculino, estereotipado e machista, expressa na fala e no comportamento dos personagens.

melhores de cada grupo se reuniram na Colômbia, para definir o vencedor do torneio eliminatório, bem como a classificação à etapa final da Copa do Mundo de 1978.

O Brasil dividiu sua chave com Paraguai e Colômbia. Este último era o oponente dos dois primeiros encontros, em Bogotá e depois no Rio de Janeiro. Para esses jogos, a seleção passou por um longo intervalo de concentração e preparação: foram mais de quarenta dias até a estreia, com amistosos e um período de aclimatação para enfrentar a altitude.

Apesar de a tática ser vista como uma iniciativa exitosa em ocasiões anteriores, as disputas intensas, e por vezes violentas, entre os jogadores por uma vaga no time titular e os desempenhos duvidosos nos jogos preparatórios foram bastante criticados entre os representantes da imprensa, particularmente em *Placar*. Ainda assim, a expectativa era de um bom desempenho e de uma vitória tranquila contra os colombianos. A partida, entretanto, acabou em um empate por zero, no qual as principais oportunidades de gol estiveram com os locais. Para a revista esportiva “somente o resultado podia ser pior”⁴⁸². Já *Veja* afirmou que “foi vergonhoso para todos, técnico e jogadores” e, embora “colocada num confortável grupo onde não teria outra tarefa senão a de cumprir o ritual de bater colombianos e paraguaios, a seleção jogou tão mal que acabou deixando na torcida a impressão de que, talvez, já não seja tão fácil a classificação”⁴⁸³.

O saldo daquela partida veio na forma da controversa renúncia de Oswaldo Brandão. No retorno ao país, o técnico, ainda no aeroporto e a bordo do avião, apresentou seu pedido de demissão a André Richer e Almir de Almeida, respectivamente diretor de futebol e supervisor da CBD. Ainda hoje, as especulações sobre a saída variam, inclusive com aqueles que defendem a leitura do episódio como um novo caso de intervenção da ditadura sobre o comando do selecionado⁴⁸⁴. Para *Placar*, como para parcela significativa da imprensa especializada, mesmo ao reiterar a qualidade do treinador e afirmar que sua decisão deveria

⁴⁸² MARANHÃO, Carlos; MACHADO, Rodolpho. Somente o resultado podia ser pior. *Placar*, São Paulo, n. 357, p. 8-11, fev. 1977.

⁴⁸³ Geração maldita. *Veja*, São Paulo, n. 443, p. 63-64, mar. 1977. p. 63.

⁴⁸⁴ Em recente produção biográfica, o jornalista Mauricio Noriega, reuniu diversos depoimentos de personagens próximos ao treinador, como o do preparador físico Hélio Maffia, segundo o qual Brandão recebia ligações frequentes do general João Batista Figueiredo, então chefe do SNI, para saber da seleção e creditava sua saída a uma ação da ditadura. É interessante notar que tal compreensão não constituía uma novidade, visto o caso de Saldanha em 1970, e, assim como o exemplo anterior, tomava o quadro político-institucional vigente como elemento dominante sobre o esporte, um inimigo que não poderia ser vencido, desconsiderando – ou rebaixando – as próprias articulações que permitiram a chegada do treinador ao cargo e as tensões que permearam sua passagem naquele momento. NORIEGA, Mauricio. *Oswaldo Brandão: libertador corintiano, herói palmeirense*. São Paulo: Contexto, 2014.

ser respeitada, “de fato, Oswaldo Brandão não tinha mais como se manter no comando da Seleção Brasileira”⁴⁸⁵.

Tão rápido quanto o anúncio da demissão foi à escolha do sucessor: Cláudio Coutinho, capitão da reserva do exército, funcionário da CBD e então técnico do Flamengo. Com pouco tempo para trabalhar até a continuidade das eliminatórias, o novo técnico promoveu várias alterações na composição da equipe titular. Na primeira partida, a revanche contra os colombianos, a seleção obteve uma larga vitória: 6 a 0 com o Maracanã lotado. Poucos dias depois, em Assunção, o escrete teve dificuldades, mas contou com a sorte e conseguiu vencer os paraguaios, considerados os adversários mais perigosos do grupo: 1 a 0 graças a um gol contra.

Com a soma dos resultados, como já anunciava *Placar*, a equipe brasileira abriu uma larga vantagem na tabela – poderia perder o último jogo por até três gols de diferença – e praticamente assegurava a classificação à fase seguinte⁴⁸⁶. Contudo, a última partida ficou longe de corroborar a festa esperada, mesmo em casa, novamente no Rio de Janeiro, a seleção acabou apenas em um empate com o Paraguai: 1 a 1. Se o primeiro jogo em Bogotá havia deflagrado a saída de Brandão, os difíceis embates com os paraguaios, especialmente o segundo em casa, haviam reavivado as críticas à equipe e demonstravam que o trabalho de Coutinho ficaria longe de transcorrer livre de atritos.

6.1 ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA: NARRATIVAS SOBRE O PROFESSOR COUTINHO

A trajetória de Cláudio Pêssgo de Moraes Coutinho até o comando da seleção foi bastante distinta de seu predecessor. Diferentemente da maioria dos técnicos profissionais, sua carreira no futebol se deu a partir de uma trajetória traçada à margem dos gramados, fundamentada por um processo de formação acadêmica na Escola de Educação Física do Exército. Ainda como capitão, foi convidado a integrar a comissão técnica que disputou a Copa de 1970 como preparador físico, justamente por seu conhecimento fisiológico e de técnicas específicas, a exemplo do teste de Cooper. Depois, ocupou o cargo de supervisor, função que voltou a repetir no mundial de 1974. Nesse interim, Coutinho passou à reserva nas

⁴⁸⁵ REGIS, Jairo. A hora da esperança. *Placar*, São Paulo, n. 358, p. 3, mar. 1977.

⁴⁸⁶ “Perder por 4 a 0? É impossível. Tropeçar na segunda fase das eliminatórias? Nem pensar. O Brasil já garantiu a viagem para a Argentina”. AQUINO, José Maria de. Quem tem medo da Bolívia? *Placar*, São Paulo, n. 360, p. 5-7, mar. 1977. p. 5.

forças armadas, para dedicar-se exclusivamente ao esporte: colecionou passagens pelo Clube de Regatas Vasco da Gama, pelo selecionado peruano e pelo Botafogo de Futebol e Regatas.

Depois da Copa da Alemanha, foi supervisor do Olympique de Marseille, na França, e, em 1975, foi contratado pela CBD para supervisionar o futebol amador da entidade. Em 1976, às vésperas das Olimpíadas de Montreal, no Canadá, o técnico da equipe olímpica, o ex-jogador Zizinho, pediu dispensa em meio a polêmicas quanto às suas credenciais para o cargo e de latentes interferências de Oswaldo Brandão⁴⁸⁷. Surpreendentemente, a direção da equipe foi repassada justamente a Cláudio Coutinho, “que assim estreia como técnico onde muita gente com anos de proficiente exercício profissional ainda não conseguiu chegar”⁴⁸⁸. Mais tarde, o treinador afirmou que somente aceitou o cargo pela falta de tempo hábil em encontrar alguém para assumir a equipe antes da disputa, e por já conhecer o grupo de jogadores. De qualquer forma, o episódio foi visto com receio, mais um sinal das movimentações políticas internas dos corredores da CBD.

O desempenho do selecionado olímpico, naquele período formado apenas por juvenis amadores, ficou abaixo do desejado pela crítica esportiva. Ainda que cientes das limitações da equipe, alguns discursos não se furtaram em apontar a falta de experiência de Coutinho como um dos fatores prejudiciais à campanha: “muito mais afeito a supervisões burocráticas e a alguns conhecimentos de preparação física do que as coisas relacionadas às táticas e estratégias”⁴⁸⁹.

Pouco mais de um mês depois, Coutinho obteve sua primeira chance para dirigir um clube profissional. E começou logo à frente de uma das mais populares agremiações do país: o Clube de Regatas do Flamengo. Segundo especulava *Placar*, sua contratação teria assumido a forma de um “mandato tampão”, isto é, com curta duração, apenas até o final da temporada. De acordo com o levantamento, efetuado pelos repórteres de *Placar*, seu nome havia sido uma indicação do próprio Heleno Nunes, após declinar o pedido do presidente do Flamengo, Hélio Maurício, para ceder provisoriamente os serviços de Oswaldo Brandão – até porque ele havia sido “tirado do Palmeiras e emprestá-lo ao Flamengo não seria Palmeiras e emprestá-lo ao Flamengo não seria uma boa política, ainda mais que o presidente Geisel exigia um treinador permanente na CBD”⁴⁹⁰.

⁴⁸⁷ Segundo pontuava *Placar*, a escolha de Zizinho para o cargo “já era um absurdo – pois se foi um grande craque, como técnico nunca obteve sucesso: sua credencial maior era a amizade com o presidente da CBD”. CHABASSUS, L. A. É tudo tubarão. *Placar*, São Paulo, n. 327, p. 64, jul. 1976.

⁴⁸⁸ Id.

⁴⁸⁹ AQUINO, José Maria de; MACHADO, Rodolpho. Acabou a festa. Vamos sonhar mais 4 anos. *Placar*, São Paulo, n. 329, p. 16-17, ago. 1976. p. 16.

⁴⁹⁰ QUADROS, Raul. Um técnico que não deixa furo. *Placar*, São Paulo, n. 339, p. 30-31, out. 1976. p. 31.

A sequência da passagem de Coutinho consolidaria sua permanência no clube para o ano seguinte, ao menos até o convite para assumir a seleção. Em menos de um ano de exercício como técnico, sem ter sido jogador profissional e apenas aos 38 anos, o capitão da reserva chegava a um dos postos mais prestigiosos no desporto nacional. Justamente em um momento de crise, com a missão de classificar a equipe nas eliminatórias e com a perspectiva de disputar o próximo mundial.

A relativa juventude de Coutinho e a escassa experiência na função constituíram alguns dos pontos de questionamento a sua escolha para o cargo. Como forma de avaliar sua competência, diversos discursos procuraram reverberar publicamente a imagem de um estudioso da modalidade, um conhecedor daquilo que se entendia por um estilo de futebol moderno no momento⁴⁹¹. Tal apreciação, bem como algumas de suas tensões, aparecia em narrações da imprensa ainda durante a rápida passagem pelo Flamengo, em 1976. Com o título “O carrossel Brasileiro”, uma óbvia referência à emblemática seleção holandesa do mundial de 1974, *Placar* comentava sobre as ideias aportadas pelo treinador no clube carioca:

Um pouco holandês, um pouco alemão, um pouco de tudo. Mas é nacional o sistema que o Fla usa para ser considerado como candidato ao título do Brasileiro. Apesar da pouca prática, Coutinho mostrou que futebol também se aprende na escola. Através de muitos estudos e observações, o técnico chegou a um esquema próprio, onde os jogadores não param nunca, revezam-se sempre e costumam chegar ao gol.⁴⁹²

Além de delinear a imagem de Coutinho como um estudioso da bola, a reportagem também reproduzia parte dos argumentos levantados contra ele. Particularmente, as falas que o tomavam apenas como um teórico, apartado diametralmente da prática e, portanto, da vivência real do futebol. Naquele momento, com a atuação satisfatória do clube no campeonato brasileiro, o artigo reproduzia um posicionamento sensivelmente favorável ao treinador:

Um mero teórico que está se intrometendo no mundo fechado dos técnicos de futebol, diriam – disseram? – aqueles que defendem a ideia antiga de que um homem só pode se transformar em treinador após muitos e muitos anos de convivência no campo, sobretudo dentro dele, um ex-jogador de preferência. Até isso Coutinho vem desmentindo com o incrível poder de comunicação que leva o time a entender e a assimilar suas ideias, suas táticas e seus nem sempre simples planos estratégicos, que ele define como alternância de ritmos.⁴⁹³

⁴⁹¹ Costumeiramente uma definição vaga e cambiante, cuja mira estava recorrentemente fixada na Europa.

⁴⁹² AREOSA, João; CHABASSUS, L. A. O carrossel brasileiro. *Placar*, São Paulo, n. 344, p. 4-7, nov. 1976. p.

4.
⁴⁹³ Id.

A trajetória de Coutinho no comando do selecionado nacional foi permeada por tais embates. Pouco após tomar posse e lograr êxito nas partidas contra colombianos e paraguaios na primeira fase das eliminatórias, *Placar* já reforçava a “missão modernizadora”⁴⁹⁴ do novo treinador à frente do escrete, o qual preconizava um avanço tático da equipe, cujo objetivo era aliar o talento dos craques brasileiros a um moderno sistema de jogo coletivo:

Taticamente estamos muito atrasados. Contra os sul-americanos, ainda mais atrasados, somos absolutos, mas contra os europeus só levamos alguma vantagem graças à técnica individual de um ou outro jogador. Nunca, com exceção da Copa de 70, trabalhamos em conjunto. E é isso que pretendo mudar na Seleção Brasileira. É evidente que não quero matar o brilho individual do jogador brasileiro, mas apenas adequá-lo ao futebol moderno, que exige mais, muito mais do que a técnica individual.⁴⁹⁵

Mesmo assim, observava que, por alguns momentos, principalmente frente à imprensa, o técnico repetia “longas dissertações estratégicas e táticas” e que, por vezes, “teorizava demais”⁴⁹⁶.

Um dos efeitos notórios da chegada do capitão da reserva, ao comando da equipe canarina, foi a promoção da discussão a respeito das concepções que aportava sobre a modalidade a um nível público nacional. Os veículos de mídia, na figura dos jornalistas e cronistas especializados, debatiam os conceitos apresentados, assim como os transformavam em tema de questionamento a atletas e jogadores, ou mesmo os contrastavam com os esquemas apresentados por diferentes clubes do país. Ao defender suas posições, Coutinho afirmava ter contato com técnicos estrangeiros, a exemplo do romeno Stefan Kovacs⁴⁹⁷, e reiterava estar a par do que havia de mais recente nas estratégias de preparação e montagem de uma equipe de futebol, sempre com olhos voltados para os exemplos europeus.

Seus discursos introduziram um novo linguajar técnico. Tornou corrente expressões como “*overlapping*” – a ultrapassagem de um jogador por trás de outro para receber a bola à frente ou ludibriar a marcação –, “ponto futuro” e “polivalência”. Este último talvez fosse o termo que melhor sintetizasse suas convicções naquilo que entendia como modelo de futebol moderno: a composição equipes nas quais os jogadores fossem capazes de desempenhar “diversas ou múltiplas funções”, aliadas à acentuada organização tática. Nas palavras do

⁴⁹⁴ ANDRADE, Aristélio; JUNKERMANN, Otto. Aí seremos invencíveis. *Placar*, São Paulo, n. 361, p. 8-10, mar. 1977. p. 8.

⁴⁹⁵ Ibid., p. 10.

⁴⁹⁶ Id.

⁴⁹⁷ Foi o técnico do Ajax que serviu de base a seleção holandesa de 1974 e muitas vezes retratado como um dos mentores do chamado “futebol total” que a caracterizou. QUADROS, Raul. Poli + valência = futebol total. *Placar*, São Paulo, n. 366, p. 30-32, abr. 1977.

técnico: “o jogador que se mexe, que procura os espaços vazios, que procura cobrir um companheiro – enfim o jogador polivalente. Exatamente o antagonismo de especializado”⁴⁹⁸.

Os termos empregados por Coutinho passaram a ser problematizados em diversos artigos e materiais da crônica especializada, empenhada em discutir se a renovação proposta, inspirada em experiências externas, seria exitosa e não tolheria os jogadores brasileiros de suas melhores – e tradicionais – características. De maneira análoga, também era colocada em questão a efetiva capacidade de transmitir os conceitos satisfatoriamente aos jogadores, por vezes retratados – estereotipadamente – como sujeitos sem a requerida bagagem cultural para assimilá-las.

Tanto quanto Oswaldo Brandão, Cláudio Coutinho se deparou com constantes tensionamentos em sua relação com os veículos de mídia, simultaneamente ativos articulistas da opinião pública e representantes fragmentários de uma sociedade de massas. As expressões e o vocabulário utilizados pelo treinador foram empregados de diferentes formas nas chamadas, nos títulos dos artigos ou no corpo do texto, muitas vezes em tom irônico, jocoso ou mesmo de deboche.

Após empate por 2 x 2 contra a França no Maracanã, na última partida da série de jogos travados antes do triangular final das eliminatórias da Colômbia, *Placar* trouxe um longo texto, em que se propunha a analisar a atual situação da equipe e repercutia as acusações sobre o trabalho e a *verborragia* Coutinho, bem como as respostas do treinador:

A realidade simplesmente se negava a acompanhar no mesmo ritmo os seus sonhos teóricos de transformar o estagnado futebol brasileiro num fluente e plástico exercício esportivo, no qual os estratégias e os esquemas táticos pudessem ser levados ao campo de jogo e lá encontrar resposta positiva para toda uma literatura devorada com extrema avidez.

[...] Por mais que tentasse, não compreendia, por exemplo, os motivos que levavam os críticos e, conseqüentemente, o público a erigir tamanha resistência à nomenclatura utilizada em suas primeiras entrevistas. Do polivalente, passando ao overlapping, chegava-se ao ponto futuro, no mínimo com ironias, como se tais palavras tivessem surgido de algum idiota exótico ou de dialetos recém-descobertos. Para quem aguardava uma reação diametralmente oposta, pode-se compreender o tom irritado com que o treinador se arma ao tocar no assunto:

– Jamais usei essas palavras nas preleções com os jogadores, embora também me negue a chegar ao ponto de mandá-los arrear a bola ou jogar de cruz pra cruz. Não tenho culpa se o overlapping, por exemplo, ainda não tem tradução, como o pênalti, o gol e o drible, que acabaram se aportuguesando e se integrando aos dicionários. Agora, se preferirem, podem chamar o overlapping de tu-vai-que-eu-fico.⁴⁹⁹

⁴⁹⁸ Ibid. p. 32.

⁴⁹⁹ AREOSA, João. Chega de brincadeira. *Placar*, São Paulo, n. 376, p. 9-12, jul. 1977. p. 10.

A reportagem também retratava algumas das dúvidas permanentemente levantadas contra ele, as quais insidiam tanto sobre sua falta de experiência na função quanto na prática em campo, com ênfase notória no apregoado distanciamento entre os estudos elaborados na prancheta e as verdadeiras situações verificadas no gramado:

Um tecnocrata a tentar burocratizar o outrora solto e tão criativo futebol do Brasil? Um mero teórico sem condições de pôr em prática suas fantásticas ideias? Dúvidas antigas, muitas vezes refutadas, mas que agora se avolumam e não há como deixar de reconhecer que se tornaram perfeitamente válidas, pois à exceção da partida frente aos poloneses e de alguns raros instantes de brilho coletivo ao longo da série de amistosos a equipe só fez mostrar que a distância entre a mesa de botões e o campo de jogo é bem superior ao que se imaginava.⁵⁰⁰

Depois dos amistosos, o time partiu para Cali, onde disputou a classificação contra peruanos e bolivianos. Após duas vitórias, respectivamente por 1 a 0 e 8 a 0, a equipe terminou o evento na liderança e assegurou seu lugar no próximo mundial⁵⁰¹. O clima de desconfiança, entretanto, persistia. Segundo a análise de *Veja*, “a seleção ainda está longe de merecer total confiança da torcida”⁵⁰² e “num balanço do que foi feito desde o começo das eliminatórias para a Copa do Mundo, em fevereiro, pesam mais os defeitos do que as virtudes”⁵⁰³.

Na edição imediatamente posterior ao encerramento das eliminatórias, o editorial de Jairo Régis, já tranquilizado pela confirmação da vaga, reunia algumas dessas contraposições. Sob o título “Erudição e Cultura”, uma provocação à apregoada formação acadêmica do treinador, em contraste à concepção do futebol como fenômeno sociocultural singular, o autor retratava parte das tensões que permeavam a crítica a Coutinho e as expectativas quanto a um estilo de jogo ancorado em narrativas idealizadas, sobre o que constituiria o futebol brasileiro no imaginário da publicação:

[...] o que as vezes nos irritava em Cláudio Coutinho era o seu ar professoral. Ninguém nos convencerá de que o bom professor seja capaz de ensinar tudo. Bom professor é o que ensina aprendendo. E não são os diplomas de um técnico, a biblioteca de um estudioso que anularão a sabedoria intuitiva de um Rivelino, de um Zico, de um Amaral. Arriscamos imaginar que Coutinho não está propriamente recuando. Que ele esteja bem próximo de descobrir que, para renovar, é preciso respeitar o que existe.

⁵⁰⁰ Id.

⁵⁰¹ A segunda vaga direta ficou para a representação do Peru, enquanto a Bolívia foi para a repescagem e acabou eliminada pela Hungria.

⁵⁰² Rumo à Copa. *Veja*, São Paulo, n. 463, p. 83-84, jul. 1977. p. 83.

⁵⁰³ Id.

No caso do futebol brasileiro, existe uma tradição que vem da bicicleta de Leônidas, dos dribles tortos de Garrincha, do talento inextinguível de Pelé. Da mitologia de Nenem Prancha, das peladas suburbanas, do futebol na areia, da bola de meia. E o nosso capitão-treinador deve ser dos que reconhece que futebol é cultura (coisa bem diferente de erudição). E que, em matéria de cultura, o melhor é somar, não substituir. Coutinho, torcemos nós, não estaria recuando. Estaria, enfim, somando.⁵⁰⁴

A mesma *Placar*, que havia ressaltado com entusiasmo o trabalho no Flamengo e enaltecido a missão modernizadora de Coutinho em seus primeiros momentos à frente do combinado nacional, passava a corroborar, ao menos parcialmente, com os discursos e argumentos levantados contra o técnico. Nesses termos, os artigos e abordagens presentes na revista esportiva demarcavam a volatilidade das apreciações e julgamentos públicos, com que a equipe nacional se deparou no período e que persistiriam até o mundial. Como grande parte das narrativas construídas nos veículos de mídia da época, o semanário esportivo oscilava entre uma reivindicação do desenvolvimento da equipe e a reafirmação de valores tradicionais, calcados nas reminiscências afetivas erigidas em relação à trajetória do esporte e a sua compreensão enquanto um traço cultural particular no país.

Junto à pressão da torcida e da crônica, a postura e as declarações de Heleno Nunes foram também apontadas como pontos de constantes interferências sobre a seleção. Ainda em meio aos jogos que precederam a fase final das eliminatórias, os veículos de imprensa davam conta de palpites do dirigente quanto à escalação e ao estilo de jogo da equipe⁵⁰⁵, além de reportarem supostas conversas com Zagalo, inclusive uma reunião secreta no Rio em que teria discutido a possibilidade de retorno do “velho lobo”.

Veja, por exemplo, afirmava que, desde a formação do selecionado, “Nunes Cometeu vários erros”; “seguidamente externou posições de torcedor sobre assuntos de competência do técnico”; e, ao retomar as notícias em torno do encontro com Zagalo, permitiu “elucubrações sobre uma possível substituição de Coutinho – atitude classificada, no mínimo, como um perfeito desastre diplomático”⁵⁰⁶. Já *Placar*, de forma um pouco mais sutil, dava conta de que

⁵⁰⁴ RÉGIS, Jairo. Erudição e Cultura. *Placar*, São Paulo, n. 378, p. 3, jul. 1977.

⁵⁰⁵ De acordo com diferentes veículos de imprensa consultados, Heleno Nunes, torcedor e ex-dirigente do Vasco da Gama, manifestou em várias entrevistas sua insatisfação em ver o atacante vascaíno Roberto fora do time. Apesar de sempre afirmar que suas declarações se davam como torcedor e não como presidente da CBD, o almirante imprimia pressão, tanto interna quanto pública, sobre o trabalho do treinador. Como veremos adiante, a presença centralizadora de Nunes também renderia dividendos no ano do mundial sobre o selecionado brasileiro. Ainda assim, é interessante observar que a presença de Coutinho como técnico do selecionado esteve, de algum modo, ligada à passagem de Nunes. Apesar da conturbada relação como o almirante, cuja ação autoritária dentro da entidade passaria a se tornar uma marca indelével de sua gestão, o fato é que o capitão da reserva preservou o cargo mesmo após o mundial da Argentina e só deixou a função com a substituição de Heleno por Giulite Coutinho.

⁵⁰⁶ Rumo à Copa. *Veja*, São Paulo, n. 463, p. 83-84, jul. 1977. p. 84.

“os 8 a 0 sobre a Bolívia serviram, ao menos para acalmar os ânimos de seus críticos mais severos, assegurando-lhe o cargo e, quem sabe, menos intromissões da cúpula da CBD em seu trabalho”⁵⁰⁷.

Depois da classificação da equipe, a revista esportiva organizou uma reportagem onde consultou diferentes representantes da crônica especializada, para emitir opiniões a respeito da atual situação da seleção brasileira, suas maiores deficiências e virtudes. Entre os comentários, as intervenções do almirante Nunes sobre a equipe foram recorrentemente acusadas como um dos aspectos mais prejudiciais. Dentre os convidados, o jornalista Sérgio Noronha, à época em *O Globo*, foi quem adotou um tom mais agudo quanto ao dirigente e às múltiplas articulações políticas, que permeavam a confederação nacional e incidiam sobre o selecionado:

O que parece mais grave na atual Seleção é que ela está debaixo da asa de um presidente que faz todos os tipos de concessões e pressões de todos os tipos de política: a propriamente dita – envolvendo partidos; a esportiva – envolvendo regionalismo e clubismo; e finalmente a doméstica – com uma dose brutal de paternalismo.

[...] Não seria Cláudio Coutinho, evidentemente, quem iria mudar o estado de coisas. Primeiro por ser funcionário da CBD, e depois por ser um homem extremamente político, que prefere evitar as áreas de atrito. Ele já se esquivou de culpa na convocação de alguns jogadores [...], mas não conseguiu encobrir que em dados momentos escalou jogadores por pressão do presidente da CBD e dos dirigentes do seu clube, o Flamengo. Todos nós sabemos que concessões basta fazer a primeira, porque as outras serão naturais e indolores. Vamos ter pressões na próxima convocação, na próxima Copa e em todas as competições em que o futebol brasileiro estiver envolvido. Pelo menos enquanto existir o CND, órgão que subordina o esporte brasileiro ao governo, com todas as suas injunções políticas.⁵⁰⁸

Novamente, os cartuns de Laerte, publicados no periódico esportivo, deram conta graficamente dessas variáveis de forma bastante sincrética. Com aguçada sensibilidade estética, o cartunista tematizou as discussões ao redor do selecionado de Coutinho. Na edição n. 373, suas charges remetiam à suposta dificuldade dos jogadores diante dos termos técnicos e táticos recorrentemente usados pelo treinador (Figura 48).

Já na edição 376, o autor produziu uma história em quadrinhos que recuperava a trajetória do treinador, desde o convite para assumir a seleção até os jogos preparatórios durante o mês de junho (Figura 49). Nela, retomava diversos temas que cercaram a trajetória do selecionado naquele período: as rusgas regionais – sobretudo entre cariocas e paulistas –; as dúvidas na escalação e composição da equipe; as teorias empregadas pelo treinador e a relação com os jogadores; o desempenho questionável nos amistosos e os variados pontos de

⁵⁰⁷ AREOSA, João; PINTO, José. O despertar das feras. *Placar*, São Paulo, n. 378, p. 4-7, jul. 1977. p. 7.

⁵⁰⁸ NORONHA, Sérgio. Quando a política entra em campo. *Placar*, São Paulo, n. 379, p. 17, jul. 1977.

pressão sobre o selecionado. Contudo, o fio condutor da produção se localizava na relação entre dois personagens centrais: o professoral Cláudio Coutinho e sua “fada-madrinha”, Heleno Nunes. Além de vincular diretamente a presença de Coutinho à ação do dirigente, também retratava o abandono de Nunes diante das múltiplas cobranças sobre o técnico.

Figura 48 – Laerte e a linguagem de Coutinho.



Figura 49 – Quadrinho de Laerte à Placar n. 376.



Fonte: LAERTE. Laerte Coutinho. Placar, São Paulo, n. 376, p. 8; 13, jul. 1977.

Na caracterização gráfica de Coutinho, o cartunista costumava incorporar o capelo, chapéu tradicional às cerimônias acadêmicas. Um reforço ao seu entendimento comum como um estudioso do futebol, cujas proposições táticas e os discursos em forma de classes o aproximavam da figura do mestre e o apartavam da figura normalmente associada ao posto de treinador. Já nos desenhos do almirante Nunes, a cartola era adotada como adereço, símbolo associado aos dirigentes esportivos e recorrentemente utilizada como sinônimo, geralmente com uma conotação negativa, das movimentações políticas que tomavam os bastidores da modalidade. As posições contraditórias do mandatário da CBD, particularmente seu posicionamento público, foram bem abordadas em outra tirinha em *Placar*, onde o cartunista satirizava suas declarações aos órgãos de imprensa em meio ao momento conturbado da equipe na disputa pela classificação à Copa (Figura 50).

Figura 50 – Laerte e o “torcedor” Heleno Nunes na fase final das eliminatórias.



Fonte: LAERTE. Laerte Coutinho. *Placar*, São Paulo, n. 377, p. 7, jul. 1977.

Mesmo com a passagem para o mundial assegurada, após a goleada contra a Bolívia, Laerte evidenciou que o nome de Coutinho estava longe de gozar de um consenso. A tira publicada na edição 379, na última semana de julho, brincava com essa situação e expunha a quantidade de nomes especulados junto à CBD para a função ante qualquer rumor envolvendo a troca do técnico (Figura 51). O alvoroço dos personagens reportados na tira dava conta, principalmente, das múltiplas opiniões circulantes entre os veículos de imprensa e, por extensão, do dissenso sobre os rumos a serem tomados no selecionado. Contudo, talvez o dado mais significativo fosse a composição do título, “COUTINHO FICA. (Isto é uma ordem)”, no que a legenda colocada entre parêntesis pode ser compreendida como mais uma referência aos mandos e desmandos do almirante Heleno Nunes na CBD.

Tal qual sintetizavam os cartuns de Laerte, Cláudio Coutinho se deparou com o julgamento constante de seu trabalho. Ainda que a crítica da imprensa fosse uma constante

sobre os personagens responsáveis por dirigir a seleção em cada momento, sempre sujeitos às correntes de opinião e às turbulências dos resultados, a rápida ascensão à função e seus notórios vínculos com a CBD reforçaram as análises e questionamentos a respeito do treinador. Do mesmo modo, sua trajetória profissional externa o colocava como um *outsider* ao ambiente do futebol, sobretudo em meio à classe dos técnicos profissionais. Junto a isso, somava-se a sombra de Heleno Nunes, que não só figurava como um novo foco de pressão como colocava em xeque a efetiva autonomia de Coutinho na condução da equipe aos olhos da crítica. Problemas e leituras públicas sobre a conjuntura esportiva, que persistiriam nos discursos e abordagens produzidos desde o Brasil e com motivo da seleção, durante a Copa de 1978.

Figura 51 – Coutinho fica (Isso é uma ordem).



Fonte: LAERTE. Coutinho fica. *Placar*, São Paulo, n. 379, p. 18, jul. 1977.

6.2 EL FLACO MENOTTI: O PROCESO PARA RECUPERAR LA NUESTRA

Apenas alguns meses mais velho do que o técnico brasileiro, César Luis Menotti também havia alcançado o posto de *director técnico* da seleção argentina, com relativa rapidez. Entretanto, em contraste ao percurso de Coutinho, carregava consigo uma bem-sucedida carreira como jogador profissional, ainda que seu desempenho tenha ficado aquém do imaginado pelo talento e potencial apresentados em sua juventude.

Nascido em Rosário, na província de Santa Fé, jogou por diversos clubes locais e no exterior ao longo da década de 1960. Segundo recordam alguns dos analistas, *El Flaco* – “o magro” –, como era conhecido por sua estatura e corpo esguio, havia sido um atacante e meio-campista hábil e elegante, de bom chute, ainda que um pouco lento em seu deslocamento em campo⁵⁰⁹.

Sua estreia entre os profissionais se deu em 1960, junto ao Rosário Central, uma das principais agremiações de sua cidade natal, onde obteve destaque e permaneceu até 1963. O bom desempenho de seus primeiros anos contribuiu para que fosse convocado e disputasse algumas partidas pela seleção nacional entre 1962 e 1963. Em 1964, passou pelo Racing Club, de Avellaneda na grande Buenos Aires, e, entre 1965 e 1966, atuou pelo tradicional Club Atlético Boca Juniors. Sem conseguir se firmar na equipe, partiu em direção aos Estados Unidos, onde jogou pelo New York Generals, em 1967. Depois disso, chegou ao futebol brasileiro, onde teve uma passagem pelo Santos Futebol Clube, de Pelé, entre 1968 e 1969, e depois pelo modesto Clube Atlético Juventus de São Paulo, onde encerrou sua carreira.⁵¹⁰

Sua trajetória como técnico se iniciou pouco após a aposentadoria dos gramados. Entre 1970 e 1971, desempenhou a função de auxiliar técnico no Newell's Old Boys, ainda sem ter completado o curso de treinador exigido pela AFA. Ainda em 1971, César foi convidado para comandar o Club Atlético Huracán, equipe do bairro buenairense de Parque Patricios, uma das tantas associações desportivas umbilicalmente ligadas às diferentes zonas da cidade.⁵¹¹

No decorrer de sua passagem, conseguiu implantar gradativamente suas ideias ao redor de um futebol mais ofensivo e solidário. O time, coadjuvante na maioria dos torneios, cresceu de produção a cada ano. O ápice veio em 1973, quando, com um plantel qualificado e

⁵⁰⁹ GASPARINI, Roberto; PONSICO, José Luiz. *El director técnico del proceso*. Buenos Aires: El Cid, 1983. p. 27; ARCHETTI, 2004, p. 183.

⁵¹⁰ GASPARINI; PONSICO, 1983, p. 28-29; MAGALHÃES, 2013, p. 122.

⁵¹¹ GOTTA, 2008, p. 34-36.

um jogo vistoso, sagrou-se campeão nacional. Em 1974, o Huracán manteve um bom nível e conseguiu um bom desempenho na Copa Libertadores. Naquele momento, era exaltado como um técnico diferente, inteligente e bem articulado, por boa parte da crônica especializada, cujos êxitos recentes pareciam credenciá-lo como um dos possíveis postulantes a uma vaga futura no comando do selecionado nacional. Mesmo assim, pesavam contra ele a juventude – então com 34 anos completos – e a experiência restrita como treinador – aspectos semelhantes também levantados contra o brasileiro Coutinho.

A chance veio logo. No Copa da Alemanha, a Argentina saiu eliminada na segunda fase do torneio como última colocada de seu grupo, após duas derrotas e um empate, em um momento que se tornaria mais lembrada pelo falecimento de Perón, líder histórico e então presidente, do que pelo papel desempenhado em campo⁵¹². Somente naquele ano, a AFA verificou duas mudanças em seu comando e, após o mundial, tinha o Sr. David L. Bracutto como seu novo presidente, o primeiro depois de uma longa série de interventores indicados para função desde 1966⁵¹³.

Além da associação de futebol, Bracutto presidia o Huracán e convidou a Menotti para assumir exclusivamente a seleção até a Copa do Mundo. Segundo narra o próprio treinador, já balizado pelo êxito final na Copa⁵¹⁴, apresentou algumas exigências para aceitar o cargo, entre elas a garantia de um trabalho de longa duração, autonomia absoluta para escalar os jogadores e a segurança de que a equipe disputaria uma série razoável de jogos internacionais contra equipes fortes e as melhores seleções europeias.⁵¹⁵

As exigências foram acatadas e o acordo selado. Sua estreia ocorreu ainda em 1974, em algumas partidas amistosas, mas devido aos compromissos firmados com o clube de Parque Patricios, o treinador só assumiu definitivamente o cargo em janeiro de 1975.⁵¹⁶

As relações com o Huracán também foram sentidas no decorrer de sua passagem pela representação nacional. De certo modo, a contratação de Menotti tinha como objetivo a

⁵¹² Perdeu para a Holanda por 4 a 0, para o Brasil por 2 a 0 e, já sem chances de classificação e dois dias após a morte repentina de Perón, empatou por 1 a 1 com a Alemanha Oriental.

⁵¹³ Conforme o verificado no capítulo 3, é importante pontuar que as profundas ligações de Bracutto com o peronismo sindical não nos autorizam a pensar que sua escolha tenha se dado de forma livre e independente das forças políticas, que permeavam o país naquele momento.

⁵¹⁴ Consolidado o título, *El Gráfico* e *Editorial Atlántida* anunciavam o lançamento do livro “Como ganamos La Copa del Mundo”, no qual o treinador relatava, em primeira pessoa, o percurso da equipe. Obviamente, a produção estava longe da neutralidade e suas análises devem ser tomadas criticamente, não apenas pela centralidade concedida ao treinador, cuja narração perpassou pela formatação editorial da publicação, mas também pelas considerações realizadas sob o calor da vitória e que dissertavam retrospectivamente, já ciente do resultado final, o que implicava em uma constante afirmação do êxito do projeto apresentado quase sem tensionamentos. Exemplo disso é que, mesmo com as condições impostas pelo técnico, sua segurança no cargo era um tanto ilusória e dependia de outros fatores que escapavam ao seu controle.

⁵¹⁵ MENOTTI, César Luis. *Como ganamos la Copa del Mundo*. Buenos Aires: Editorial Atlántida, 1978. p. 9.

⁵¹⁶ Ibid., p. 10; MAGALHÃES, 2013, p. 122.

renovação do selecionado em um trabalho similar ao realizado no clube portenho. Diversos jogadores da equipe campeã de 1973 acumularam passagens pelo selecionado naquele período – alguns, inclusive, já integravam regularmente a equipe e disputaram a Copa em 1974 –, tornando-se bastante próximos a Menotti, casos principalmente de Jorge Carrascosa e René Houseman, ainda que apenas o segundo chegasse ao mundial.

Em suas falas, Menotti logo passou a empregar recorrentemente o termo *proceso*⁵¹⁷, para designar seu projeto e período de trabalho à frente da equipe. Tal *proceso*, delineado pelo treinador, também o tomava como uma referência central, como personagem responsável por traçar o plano de ação, definir seus colaboradores e organizar o selecionado de acordo com suas convicções. Inadvertidamente ou não, o próprio Menotti delineou um discurso no qual ele mesmo figurava como protagonista e uma espécie de imagem, de representação pública do selecionado. A proposta de organizar um projeto de longo prazo e altamente sistematizado, relativamente independente do rendimento da equipe, com vistas ao desempenho no mundial e ao resgate de um determinado estilo de jogo autóctone – que teria se perdido no passado recente do país –, foi, em um sentido amplo, bem aceita entre os críticos especializados.

Tal qual ressalta Alabarces⁵¹⁸, Menotti se ancorava em uma narração mítica, referente a um futebol argentino original e peculiar. Na leitura do técnico, o esporte havia se distanciado de suas raízes nas últimas décadas, sobretudo ao ceder às pressões e aos modismos estrangeiros, eminentemente europeus. Seu projeto encampava tanto uma defesa inexorável quanto a recuperação do estilo *criollo*, cujas características – o toque, o drible, a habilidade, a predisposição ofensiva –, estariam tanto atreladas social e culturalmente aos jogadores locais quanto conformariam traços indelévels, quase naturais, de sua formação⁵¹⁹. Uma leitura que advogava em torno de uma essência, de uma construção identitária fixa, como algo preso ao sangue quase como uma espécie inscrição genética⁵²⁰.

Contudo, não são do sangue que surgem os dados de sua afirmação, mas dos relatos e memórias erigidos sobre um passado emotivo e legitimador. Por isso mesmo, o recurso narrativo sobressalente é do regresso às fontes, às origens. O “retorno”, a “retomada”, o

⁵¹⁷ MENOTTI, 1978.

⁵¹⁸ ALABARCES, 2002.

⁵¹⁹ Id; ARCHETTI, 2004, p. 184-186.

⁵²⁰ Segundo analisa Alabarces: “la idea de la identidad como un dato genético es una soberana estupidez [...] Sin embargo, esa estupidez alimenta una enorme cantidad de lugares comunes de la cultura futbolística. En el caso argentino, organiza no solo la cuestión básica de la identidad barrial, sino que incluso la desborda y termina condicionando todos los mitos de identidad, entre ellos uno muy poderoso: el del *estilo criollo*, el de *la nuestra*”. ALABARCES, 2014. p. 33-34.

“resgate”, a “recuperação” de algo presente, entranhado nos jogadores argentinos, mas que de alguma forma se havia abafado e ocultado em favor de estrangeirismos.

Logo nas primeiras páginas do livro produzido em parceria com *El Gráfico*, Menotti reafirmava suas concepções sobre a modalidade esportiva. No decorrer de sua fala, traçou um paralelo com a cidade de Buenos Aires como artifício metafórico para refletir sobre essa oposição entre a imposição de um modismo estrangeiro, ou mesmo a insistente cópia de modelos externos, e a asseveração de características intrínsecas dos argentinos. Em ambos os casos, a cultura citadina e a esportiva, o técnico recorre à narrativa essencialista, na qual imprime a defesa de uma sensibilidade particular: formas de ver e sentir que seriam exclusivas de sua *gente*.

Así fui afirmando mis ideas a lo largo de muchos años, soportando toda clase de críticas, bancándome las modas que traían siempre los modelos más extraños a nuestras características. Todos los años copiábamos algo diferente de acuerdo con el campeón del turno. En vez de perfeccionar y ampliar las condiciones naturales de nuestros jugadores, que no tiene ningún otro en el mundo, queríamos reemplazarlas directamente por las de otros.

Por eso me van a ver siempre levantando la bandera que defiendo. Porque estoy seguro de que, a pesar de que algunos hagan todo lo posible por imponer la última moda que viene de afuera, el estilo, la característica natural del jugador argentino, su manera de ver y de sentir el juego, va a terminar por aparecer en definitiva para distinguirlo entre todos. Es como le pasó a Buenos Aires. La empezamos a construir mirando a Paris, copiando hasta sus mínimos detalles. Después tratamos siempre de adaptarla a las últimas novedades. Ya le cambiamos cincuenta veces la orientación del tránsito, los reglamentos de la construcción, la dirección de las futuras autopistas⁵²¹, pero jamás se pudo doblegar su espíritu ni su estilo de vida. El porteño es y será porteño mientras quede un habitante con vida. Sostendrá su reducto hasta las últimas consecuencias. Porque el alma de un barrio o de una calle no tiene nada

⁵²¹ A referência às futuras autopistas remete a um processo de remodelação urbana da cidade paralela à organização do mundial, simbolizada pelo alargamento de avenidas e construção de grandes vias elevadas, que cortavam a cidade em diferentes sentidos, de norte a sul e de leste a oeste, como a Autopista 25 de Mayo e a Autopista Perito Moreno. O projeto foi executado pelo brigadeiro Osvaldo Cacciatore, nomeado interventor entre 1976 e 1982. Cacciatore configurou uma das principais obras realizadas pela ditadura, viável, em grande parte, pela ausência da inibida e reprimida oposição. As obras envolveram a desapropriação e demolição de diversas residências e, ainda que não estivessem oficialmente ligadas ao mundial, podem ser consideradas, ao menos em parte, impulsionadas por ele, sobretudo em decorrência da preocupação com a imagem da capital ante o fluxo de turistas e dos veículos de mídia internacionais promovidos pelo evento. Como Recorda Alabarces (2014, p. 77), essas iniciativas de remodelação urbanísticas têm sido compreendidas como uma operação simultânea de disciplinamento e branqueamento das principais cidades, ao que se soma a expulsão de mendigos e imigrantes. Menazzi Canese observa a relação desse processo de remodelação urbana com a retomada e aprofundamento violento de antigos planos, parcialmente reformulados ou mesmo abandonados, de erradicação de vilas de emergência, áreas miseráveis com moradias precárias ocupadas por uma população mais pobre, que destoava da imagem urbanística e social pretendidas para a cidade. De acordo com a autora, logo após a aprovação da iniciativa, em meados de 1977, as ações se iniciaram pela região norte da cidade, em áreas próximas ao Monumental de Nuñez, principal palco da Copa no ano seguinte. MENAZZI CANESE, Luján. Ciudad en dictadura. Procesos urbanos en la ciudad de Buenos Aires durante la última dictadura militar (1976-1983). *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. [on line]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 10 de febrero de 2013, vol. XVII, nº 429. <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-429.htm>>. [ISSN: 1138-9788]. Acesso em: 20 abr. 2016.

que ver con el asfalto nuevo o viejo, ni con los semáforos, ni con los edificios: se alimenta de la gente...

Yo muchas veces ando dando vueltas alrededor de este tema. Intuyo que dentro de la maraña de conceptos quedan encerrados los secretos o las claves más importantes que sigo buscando. Me parece que es un problema de sensibilidad. Yo, naturalmente, tengo repulsión por lo trivial, lo frívolo. Trato de llegar a la profundidad del juego. A la pureza del encuentro colectivo a través de la pelota. Juego que se nutre de la misma picardía y desenfado que utiliza el chiquilín del barrio para sobrevivir. Mete su fútbol y se defiende. *Por eso insisto en que el jugador argentino tiene más señas particulares que no se parecen a las de ningún otro en el mundo. Ni siguiera a las del uruguayo. Creo a muerte en ellas*⁵²²...

Contudo, como destaca Roldán⁵²⁴, *El Flaco* não deixava de reconhecer as deficiências que comumente acompanhavam o estilo e haviam contribuído para seu fracasso e esquecimento: pouca mobilidade, falta de comprometimento na marcação e uma exaltada individualidade. Ou seja, por mais que pregasse a recuperação das essências do tradicional futebol argentino – “*La nuestra*”, como costumava chamar –, preconizava sua simultânea adaptação e atualização. Desse modo, investia em uma sorte de modernização, na qual se buscavam incorporar valores coletivos, aliando-os ao disciplinamento tático, cujas referências eram eminentemente externas, a partir de um plano de trabalho minuciosamente esquematizado pela comissão técnica. Se o relato lírico, fundamentado nas memórias e afetos, sedimentava sua narrativa e comovia parte de seus interlocutores, sobretudo na imprensa, ao longo de sua passagem pela seleção, Menotti também o submeteu a uma racionalização particular, que dialogava com os anseios de desenvolvimento e ordenamento em voga em diversos setores da sociedade da época.

O manejo dispensado aos jogadores exemplificava essa relação. No decorrer de sua passagem, deu preferência para aqueles que atuavam no país, sob a alegação de que o torneio seria disputado na Argentina. Uma de suas estratégias consistiu em publicar listas, confeccionadas junto à AFA, que impediam as transferências de selecionáveis ao exterior a cada temporada, como forma de mantê-los a disposição da representação nacional nos termos ditados pelo treinador⁵²⁵. Mesmo assim, nos intervalos abertos para as negociações, diversos

⁵²² Grifo no original.

⁵²³ MENOTTI, 1978, p. 7-8.

⁵²⁴ ROLDÁN, 2007, p. 135-138.

⁵²⁵ Cabe destacar que iniciativas desse tipo também contemplavam aspectos práticos, como a negociação para a liberação dos atletas e o custo de sua convocação, afinal, as agremiações estrangeiras não estavam sob a jurisdição da AFA. Ainda que associação esportiva tivesse mecanismos para tentar assegurar a disponibilização dos jogadores internamente, isso não significou que não houvessem atritos entre a seleção – na figura de Menotti –, a entidade esportiva e os clubes. Em diferentes ocasiões, clubes de grande representatividade político-esportiva, sobretudo os gigantes Boca Juniors e River Plate, entraram publicamente em atrito com o técnico com duros questionamentos às convocações e até manobras com o intuito de modificar as datas dos jogos e impedir convocações, inclusive com a pressão ou anuência de jogadores para declinar ou requisitar sua dispensa em algum momento.

jogadores partiram rumo ao exterior e viram seu espaço ser drasticamente reduzido no plantel. Muitos destes não mais foram convocados, ainda quando sua presença incorporava parte das reivindicações oriundas da imprensa.

O único que atuou fora do país e foi incorporado ao escute local durante a Copa foi o atacante Mário Kempes, então no espanhol Valencia Club de Fútbol. Devido aos seus compromissos com o clube, Kempes só pôde se integrar ao elenco às vésperas da competição, bem depois de seus companheiros, uma rara exceção. Mesmo assim, ao ser questionado sobre a importância do jogador como figura imprescindível, em uma conversa organizada por *El Gráfico* com diversos jornalistas, Menotti contestou o seguinte: “No, yo creo que los únicos jugadores imprescindibles fueron Pelé, Cruyff y no sé si Beckenbauer. Kempes es un jugador importante, pero no imprescindible. En la Selección argentina no hay ningún imprescindible”^{526 527}.

A resposta pode ser compreendida na forma de um duplo movimento: por um lado, afirmava a qualidade da equipe argentina, por outro submetia o talento individual do jogador ao aspecto coletivo e à representatividade mais ampla da seleção. Para Roldán, este seria um exemplo de que, no time dirigido pelo rosarino, o esquema deveria imperar sobre o talento individual⁵²⁸. A criatividade e o estilo de jogo, atribuídos como naturais aos argentinos, deveriam se fundir à organização e encaixe mecânicos, tidos como modernos, balizados por uma preparação sólida e esquemática. No decorrer de sua passagem, Cesár conciliou ao seu discurso essencialista valores mais rígidos, que preconizavam a disciplina, o respeito hierárquico e a obediência ao sistema como importantes atributos no treinamento e preparação do selecionado. Formas de corrigir eventuais deficiências e aprimorar o estilo de jogo apregoados pelo treinador.

Sobre esse aspecto, Roldán e Alabarces recordam as transformações nas concepções de Menotti, no tocante ao processo de preparação do time nacional⁵²⁹. Ainda no Huracán, o técnico havia externado sua insatisfação quanto aos longos intervalos de concentração do selecionado, sob a alegação de que privar as equipes de seus principais jogadores era esportivamente ineficaz e economicamente custoso. Porém, em 1978, não abriu mão de um

⁵²⁶ Menotti y el periodismo: balance final. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3058, p. 4-11, maio 1978. p. 8-9.

⁵²⁷ Esse mesmo argumento já havia sido utilizado pelo treinador em outras ocasiões. No início daquele ano, em entrevista a mesma *El Gráfico*, afirmou o seguinte a respeito das renúncias recentes do lateral Carrascosa e do goleiro Gatti: “en el plantel argentino no hay ningún Pelé. Lógicamente, tengo jugadores cuya salida me habría perjudicado mucho más. Pero los dos hombres que salieron, por suerte para la selección nacional, son perfectamente reemplazables”. JUVENAL. No hay crisis. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3045, p. 60-65, fev. 1978. p. 62.

⁵²⁸ ROLDÁN, 2007, p. 138.

⁵²⁹ Ibid., p. 136; ALABARCES, 2014, p. 80.

extenso período de concentração com a equipe antes da competição, a fim de assegurar uma preparação atlética adequada e manter o clima de trabalho e união entre os jogadores. Flexibilizações do discurso, que acompanharam o percurso do treinador à frente do escrete alviceleste.

Aqui podemos traçar um novo paralelo com as proposições de Coutinho. Enquanto este adotava um discurso voltado à modernização do jogo brasileiro, a partir de uma espécie de cientificização – balizada por teorias e concepções de estudo que pareciam impostas de fora para dentro, como chave principal de suas proposições –, Menotti recorria a uma visão predominantemente romântica, que, ao invés da racionalização do jogo, apelava ao afeto e à memória de um estilo idealizado.

É certo que Coutinho recordava sua participação junto ao selecionado de 1970 e a apontava como referência, principalmente como um importante momento de aprendizado em seu ofício, mas também assinalava o distanciamento da equipe atual que, sem o mesmo número de craques e de talento, deveria recorrer a uma atualização técnica e tática para recuperar sua competitividade ante os adversários europeus. Nesse sentido, o comandante do selecionado canarinho parecia submeter a tradição, comumente atribuída ao futebol no país, ao imperativo da inovação que, ao tomar referências esquematizadas através de estudos e concepções teóricas projetadas fora dos estádios, o descaracterizava em vista da narração clássica, com valores culturais singulares, enaltecidos por parte significativa da crônica especializada e de forte apelo popular.

Em sua proposta narrativa, Menotti não prescindia da organização e sistematização do trabalho, do aprimoramento na preparação atlética e técnica da seleção, mas os submetia a serviço do resgate e da atualização – quase como uma melhora – do estilo tradicional que defendia – ainda que muitas vezes o selecionado fosse criticado por não conseguir demonstrá-lo efetivamente em campo. Um discurso mais sedutor, que encontrou maior apoio junto aos atores com ativa voz pública, talvez por apartar a modernização do espaço edílico dos gramados – ao contrário de Coutinho, cujas conjecturas teóricas irrompiam esse espaço mitificado – e relegá-la a um passo necessário nos bastidores, tanto no planejamento da comissão técnica e nos treinos do time quanto na gestão esportiva.

Coincidentemente, o termo *proceso*, usado por Menotti para designar o trabalho à frente do escrete argentino passou a nomear a ditadura inaugurada em março de 1976, o autointitulado *Proceso de Reorganización Nacional*. Como vimos anteriormente⁵³⁰, nem

⁵³⁰ No capítulo 3.

mesmo a brusca mudança na direção do país ou a reformulação do comitê executivo da AFA impactou na sua substituição no comando da equipe. Cabe destacar que diversas leituras, tanto à época quanto produzidas a posteriori, não hesitaram em assinalar que o treinador era um personagem alocado ideologicamente à esquerda; inclusive, com associações prévias ao peronismo e ao partido comunista⁵³¹ – o que não o impediu de manter seu posto.

Em entrevista compilada pelo jornalista Ceferino Reato no livro *Disposición Final*, de 2012, o próprio general Videla, ao comentar sobre a Copa de 1978, reiterava essa visão. Ao recordar o tema, o general relatou que, mesmo sem ser afeito ao esporte, se colocou como um dos defensores da continuidade do técnico em meio às diferentes opiniões que cercavam as lideranças do regime recém-instaurado:

El director técnico era considerado de izquierda y venía de antes, como herencia. Yo pensaba que la continuidad en este caso era importante y no quería que viniera otro, un tipo de derecha, como propiciaban muchos, incluso en la Junta Militar. En el Ejército, cada uno tenía su candidato, y a lo mejor eran buenos. Y en la Marina también había varios candidatos. Yo no ponía el acento en si los candidatos eran buenos o no, sino en que la continuidad era fundamental. No soy afecto al fútbol; nunca lo fui y pisé un estadio por primera vez en un amistoso de la selección argentina en la cancha de Boca. Después sí, en el Mundial fui a todos los partidos en los que jugaba Argentina: a Córdoba, Mendoza, Rosario y al Monumental. Generalmente, antes del partido iba a saludar a los jugadores, al vestuario, y a veces también después. Sólo tuve un episodio, que fue revelado por el propio interesado, un jugador de pelo enrulado, [Alberto] Tarantini, que dijo que una vez me dio la mano en el vestuario luego de enjabonarse los genitales. Una tontería, nada grave. Eran contactos fugaces y nunca tuve ningún problema.⁵³²

6.2.1 As narrações políticas de Menotti: entre a convivência com a ditadura e a despolitização do futebol

A percepção de Menotti como comunista, ou ao menos como alguém simpático às esquerdas, rendeu comparações com um personagem brasileiro em particular: João Saldanha. Cronista esportivo bastante ácido em suas proposições e de grande apreço popular, Saldanha dirigiu a seleção verde-amarela entre 1969 e 1970. Neste período, a equipe se classificou nas eliminatórias para a Copa no México e apresentou um futebol ofensivo, repleto de craques e de beleza plástica, que agradou tanto a população quanto grande parcela da imprensa.

As feras, como o time foi apelidado a partir das declarações do próprio treinador, conformaram a base da seleção tricampeã. Saldanha, entretanto, não chegou ao torneio: foi substituído alguns meses antes por Zagalo. Nas narrativas construídas sobre o episódio,

⁵³¹ GASPARINI; PONSICO, 1983; ARCHETTI, 2004; LLONTO, 2005; MAGALHÃES, 2013.

⁵³² REATO, Ceferino. *Disposición final*. Buenos Aires: Sudamericana, 2012. p. 93.

sobretudo a posteriori, a interpretação de que João havia sido sacado da equipe pelos militares – inclusive com interferência do então presidente-general Emílio Garrastazu Médici – por suas conexões com o comunismo⁵³³ assumiu um posto hegemônico. Entretanto, análises e estudos mais recentes contestam essa visão, ou, ao menos, problematizam o peso absoluto atribuído as suas pressupostas relações políticas naquele momento, praticamente imperceptíveis nas ações e posicionamentos públicos do personagem no período, diante de uma tessitura social, política e esportiva mais complexa, que permeou a sua demissão⁵³⁴.

O contraste com Saldanha, de quem Menotti era admirador e com quem manteve algum diálogo⁵³⁵, se dava justamente no âmbito da compreensão de ambos como personagens alinhados à esquerda, simpatizantes do comunismo e, por consequência, avessos às ditaduras vigentes. Entretanto, por um lado, a demissão do brasileiro, aliada a seu comportamento explosivo e arredo, converteu-se em um argumento profícuo para reforçar sua compreensão política opositora e distanciá-lo da ditadura. Por outro, a permanência e o êxito do argentino atuaram no sentido promover o questionamento do personagem, de suas convicções políticas e mesmo de denunciar uma conivência ao uso político promovido pelo *Proceso* sobre a Copa.

Mesmo sem manifestações públicas, que acusassem o governo autoritário ao longo de sua passagem como treinador, Saldanha se tornou um símbolo de resistência. Menotti, por sua vez, teve de enfrentar os prejuízos do julgamento de ter servido, inadvertidamente ou não, aos interesses da ditadura e ter sua imagem vinculada a ela. Segundo Alabarces⁵³⁶, o treinador não fez pública sua asseverada militância e construiu uma rede de relações que o respaldaram no cargo, especialmente com setores específicos da imprensa. O treinador argentino apenas

⁵³³ Trabalhos como o estudo biográfico de André Ike Siqueira (2007), produzidos principalmente a partir de relatos deixados pelo jornalista e testemunhos orais de diversas pessoas próximas a ele, dão conta de João Saldanha como um militante histórico do Partido Comunista, onde teria atuado ativamente durante as décadas de 1940 e 1950, com participações em greves em São Paulo e nas lutas camponesas no interior do Paraná, particularmente na chamada “Guerrilha de Porecatu”. Além disso, com certa imprecisão, reportam passagens de João pelo exterior, principalmente na China e na França, onde teria mantido contato com os partidos locais. Contudo, após divergências particulares teria deixado o partido e se voltado à carreira de jornalista esportivo. SIQUEIRA, André Ike. *João Saldanha: uma vida em jogo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

⁵³⁴ Entre os diversos pontos de debate e discussão, cabe destacar o relacionamento tenso e o embate com os dirigentes esportivos, inclusive os mandatários da CBD – à época sob a tutela de Havelange –, que compartilhavam de um mesmo campo político e ideológico com o regime e contra quem a postura e as declarações públicas de Saldanha contrastavam diretamente, sobretudo nas contundentes críticas à gestão do futebol. De certa maneira, os posicionamentos do treinador eram vistos como uma ameaça maior e significativa para os mandatários do esporte nacional, preocupados com a manutenção de seus próprios espaços de poder, do que um problema efetivo aos rumos políticos da ditadura, amparada tanto pelo vasto aparato repressor quanto pelo silêncio consensual de parcelas substanciais da população. Em sua tese doutoral, Magalhães (2013, p. 115-116) utiliza-se de alguns documentos dos arquivos do SNI para demonstrar que os vínculos pregressos de Saldanha com o PCB eram conhecidos pela ditadura e que o treinador esteve sob vigilância em diferentes momentos do governo militar, contudo, salienta que justamente por tais relações já serem conhecidas no momento de sua contratação, não parece razoável apontá-las como justificativa para seu posterior desligamento.

⁵³⁵ ALABARCES, 2014, p. 80.

⁵³⁶ *Ibid.*, p. 81.

recorreu a ela anos mais tarde, já depois de sair da seleção e rumar para fora do país⁵³⁷, quando precisava de subsídios para sustentar seus posicionamentos e os confeccionar uma narrativa subterrânea de resistência, sobretudo ante a profusão de juízos condenatórios⁵³⁸.

O trabalho de Gasparini e Ponsico é uma das produções que ressalta essa leitura condenatória sobre a passagem do rosarino pelo escrete do país. Além de reforçarem que Menotti se absteve de pontuar uma oposição ao se manter no cargo, sob a alegação de que não lhe cabia esse papel como diretor técnico do selecionado, também afirmavam que o *proceso* implantado por Menotti serviu cabalmente ao *Proceso de Reorganización Nacional*, ao ponto de converter-se em uma das referências-chaves do país em pleno governo de Videla. Segundo os autores, o treinador se converteu em “una espécie de super-ministro del éxito en pleno triunfalismo por la obtención del Campeonato Mundial en 1978”⁵³⁹.

Na leitura efetuada por Diego Roldán, muito similar à de Hobsbawm em “Nações e Nacionalismos”⁵⁴⁰, a ditadura logo converteu as disputas esportivas em uma representação dos embates ao redor da própria nacionalidade, guerras simbólicas nas quais os jogadores desempenhavam o papel de soldados que cumpriam, em campo, um dever patriótico⁵⁴¹. A narrativa essencialista proposta pelo menottismo incorporava valores de organização e modernização, que coincidiam com a proposta autoritária de desenvolvimento que permeou o regime. Para o historiador, o modelo econômico implementado pela ditadura e o paradigma de jogo adotado pela seleção argentina partilhavam de inspirações e objetivos análogos: “modernizarse sin perder la identidad”⁵⁴². Sob tal perspectiva, o trabalho realizado no escrete nacional se enquadrava ao procedimento da regulação da espontaneidade enunciado pelo autor, no qual o regime teria tentado, com êxito, programar ou orientar o sentido das manifestações populares, com rituais próprios e carregados de forte carga emotiva, dentro de uma área limitada, em acordo com seus projetos e discursos.

⁵³⁷ MAGALHÃES, 2013, p. 123-124.

⁵³⁸ Exemplos, nesse sentido, são os relatos de Menotti de que, em pleno ano de 1978, saía escondido da concentração da seleção em José C. Paz, na província de Buenos Aires, para se reunir com lideranças do Partido Comunista Argentino. Também afirma ter ajudado a libertar prisioneiros políticos da prisão e que chegou a abrigar militantes montoneros em sua casa. Essas memórias são parcialmente resgatadas no documentário “Mundial’78, la historia paralela”, de 2003, especialmente nos depoimentos do ex-treinador. MUNDIAL’78, la historia paralela. MUNDIAL’78, la hitória paralela. Direção e produção: Gonzalo Bonadeo, Diego Guebel, Mario Pergolini, Roteiro: Ezequiel Fernández Moeres. Argentina: Cuatro Cabezas, 2003, 1 DVD (60 min.).

⁵³⁹ GASPARINI; PONSICO, 1983, p. 16.

⁵⁴⁰ HOBBSAWM, 1990.

⁵⁴¹ ROLDÁN, 2007, p. 137-138.

⁵⁴² Ibid., p. 138.

Paradoxalmente, tal qual observa Alabarces⁵⁴³, a narrativa proposta por Menotti para o selecionado, na qual aliava o resgate de um estilo tradicional a uma necessária racionalização e ordenamento, confluía ideologicamente também com o discurso projetado pelo regime sobre a sociedade argentina. Afinal, este último reivindicava a defesa de um determinado estilo de vida, que entendia como tipicamente argentino – cultural e politicamente conservador, cristão e com vistas à elite ruralista consagrada no passado –, em contraponto à temida ameaça do comunismo e da subversão. Como exemplo notório, o sociólogo retoma a figura do mascote apresentado pelo EAM, o gaúcho *Pampita*⁵⁴⁴, uma recuperação evidente dessa referência identitária essencialista reacionária progressista – principalmente em relação às construções trabalhistas e popularescas peronistas.

Em consonância com essas reflexões, cabe observar a locução política particular do treinador em relação à representação afetiva do futebol e do selecionado nacional junto à população. Em suas falas, constantemente enunciava a importância de “*la gente*”, “*los hinchas*”, “*el pueblo*” para o *proceso*, que desenvolvia a frente da equipe nacional. Às vésperas da competição, já com o grupo definido, seu discurso buscava incutir o sentimento de que os jogadores eram, antes de tudo, representantes da população e do futebol argentinos. De certo modo, esses recursos retóricos serviam, para o treinador, como forma de pontuar seu distanciamento do quadro político vigente, através da locução do futebol como importante elemento cultural e popular. Nessa concepção, ao dirigir o selecionado nacional, Menotti não estaria prestando um serviço à AFA ou, muito menos, ao *Proceso*. Servia principalmente ao povo argentino aficionado pelo esporte.

A postura política esquivada, adotada pelo treinador ao redor do futebol, pode ser notada em duas entrevistas concedidas à revista *Somos*, em momentos distintos. A primeira, datada de novembro de 1976, ainda no rastro do golpe e da consolidação do plano do governo em tomar para si o controle sobre a organização da Copa. Naquele momento, a publicação já denunciava a existência de uma campanha de desprestígio contra o país desde o exterior. Além de salientar o alinhamento consensual da publicação com o regime recém-instaurado, a pergunta convidava o treinador a firmar um posicionamento político sobre o tema⁵⁴⁵. A resposta optava pela segurança do desvencilhamento entre futebol e política, alocando-os em esferas distintas e independentes da sociedade, bem como desvalorizando os intentos de aproximação:

⁵⁴³ ALABARCES, 2002, p. 126; 2014, p. 79.

⁵⁴⁴ Sobre o mascote, retomar o capítulo 5 (Figura 43).

⁵⁴⁵ Apenas a título de comparação: um teste interno ao qual Saldanha não foi submetido em seu período como técnico da seleção brasileira.

SOMOS: – Desde otro punto de vista, usted sabe que existe una campaña política internacional dirigida, con afiatado plan, a desprestigiar a la Argentina. Por ejemplo, hace poco tiempo SOMOS publicó un ejemplo de ello: el “logotipo” del Mundial’78 cercado con un alambre de púas, como si el país fuera un gran campo de concentración. ¿Piensa que esta campaña de desprestigio puede lesionar la actuación de nuestro equipo y, en última instancia, desvirtuar el campeonato todo? C.L.M.: – No. Sinceramente, no creo que puede tener efecto. La F.I.F.A. ha sido clara al respecto: el deporte nada tiene que ver con la política, aunque se intente. Los resultados se verán en la práctica sin que un determinado origen pueda tener influencia en eso. Claro que en todas partes se cuecen habas, y es cierto que desde hace tiempo se ha intentado teñir de color político todo enfrentamiento deportivo internacional, pero creo que nos corresponde a nosotros discernir y no nos dejar arrastrar por problemas que no nos competen. Yo he jugado en los lugares del mundo con política más opuesta entre sí y nunca un resultado se influyó por eso.⁵⁴⁶

Ao final da seção, outra parte do diálogo abordou os desdobramentos políticos do futebol e do selecionado, como representações da nação. A publicação inquiria o técnico quanto à responsabilidade de liderar o time no mundial, no que ficava implícita a percepção do veículo sobre a importância concedida ao evento e à equipe, como significativos articuladores da imagem nacional. Novamente, o entrevistado tentou apartar o esporte, marcadamente em seu desdobramento dentro de campo, de uma simbologia política mais dura, negando-lhe qualquer articulação entre os resultados esportivos e a defesa ou a resolução dos problemas do país:

SOMOS: – A los 38 años de edad usted el único director técnico argentino que resulta, al fin y al cabo, responsable por la actuación del equipo que representará a nuestro país en nuestro país. ¿Sabe que, de realizarse una actuación deficiente, casi con seguridad toda la responsabilidad caerá sobre su cabeza y que esto puede costarle la carrera?

C.L.M.: – Sí, lo sé, pero no me preocupa. No creo que mi futuro como hombre y profesional esté comprometido con el resultado de uno o dos partidos de fútbol. Si así fuera, me sentiría muy mal. A los 38 años tengo mucho que ofrecerle a mi país en cualquier terreno. Tengo mucho que aportar todavía. De todas maneras, no debe perder de vista que en todo esto sólo se juega un resultado deportivo y nada más. No está en juego la bandera argentina, el futuro económico del país o una determinada frontera...⁵⁴⁷

Diante da resposta contrária à expectativa, provavelmente ansiosa por uma fala que reiterasse o amálgama entre futebol e nação, a revista deu continuidade com uma provocação. A réplica retomou a narrativa essencialista, amparada na tradição do futebol argentino:

SOMOS: – Entonces, no hay mucho que defender...

⁵⁴⁶ Para Menotti, tempo de descuento. *Somos*, Buenos Aires, ano 1, n. 8, p. 40-41, nov. 1976. p. 40.

⁵⁴⁷ Ibid., p. 41.

C.L.M.: – Por el contrario, hay mucho. Esté lo que debemos defender en nuestro terreno, que es el deportivo. Tenemos que defender un prestigio, una fama, un lugar en el mundo. Y eso no es poco. Tenemos que dejar bien alto el nombre de los argentinos que fueron famosos y gloriosos en todo el mundo, con una enorme cuota de sacrificios que casi nunca se tiene en cuenta, como Di Stéfano, por ejemplo, y todos aquellos que en uno u otro equipo lograron que los países de los cuatro puntos cardinales supieran que en la Argentina se jugaba un fútbol en serio; uno de los mejores del mundo. Todo eso es lo que tenemos que defender.⁵⁴⁸

A outra entrevista ocorreu em maio de 1978, a menos de um mês para o início do torneio. A conversa assumiu um tom de balanço sobre o trabalho desempenhado até ali e as expectativas para o certame. Nesse processo, a revista o inquiriu a respeito de suas impressões sobre os quatro anos à frente do selecionado, as dificuldades ao longo do processo e a grande popularidade do técnico, ao qual se reportava não apenas como figura central do selecionado, mas uma das principais personagens do país no momento:

– Hace un rato, una señora que le vino a pedir un autógrafo nos comentó a los periodistas que ‘en este momento, Menotti es la persona más importante de la Argentina, después de Videla’. ¿Cómo siente usted esa apabullante popularidad?
MENOTTI: – Me produce dos sensaciones disímiles, que percibo a distinto nivel: racionalmente, me parece una barbaridad: hay cientos de artistas, científicos y profesionales que merecen mayor atención que yo, aunque no soy culpable de esta deformación informativa. Y emocionalmente, el apoyo de la gente me produce escalofríos y una incomodidad espantosa: me siento como un imbécil cuando saco la mano por la ventanilla del micro, pero no tengo más remedio que corresponder al saludo de un montón de personas que justamente están esperando de mí un gesto amistoso.⁵⁴⁹

Apesar da comparação indireta com o presidente Videla, Menotti refutava a importância que lhe era concedida, ainda que valorizasse o apoio e o afeto populares, em outra tentativa de se afastar de um protagonismo político e de uma conexão direta com o regime. É válido notar que, ao elencar outros setores que mereceriam maior atenção, não cita a classe política ou as forças armadas.

Entretanto, é em uma passagem distinta que a estratégia discursiva da desvinculação e descomprometimento se manifesta de maneira mais flagrante. Se em 1976, a revista já afirmava a existência de uma difusa “campanha anti-argentina”, agora lidava com a iniciativa muito mais forte e palatável do boicote, cuja atuação se tornara visível em diversas frentes e instituições. Em ambas as situações, a tática empregada no discurso da publicação foi análoga: a desqualificação através de argumentos como o desconhecimento da realidade do país desde o exterior e a ação invisível da subversão internacional, alimentada pelos inimigos

⁵⁴⁸ Id.

⁵⁴⁹ Faltan 20 días y Menotti rinde cuentas. *Somos*, Buenos Aires, ano 2, n. 86, p. 38-41, nov. 1976. p. 40.

expatriados. Em uma abordagem mais incisiva, *Somos* interrogou César diretamente sobre o tema:

– ¿Qué opina de la campaña anti-Mundial que se está desarrollando en Europa?
 MENOTTI: – Pienso que cada país tiene sus problemas específicos, y que no es a través del fútbol que se los podrá solucionar. La única posibilidad que tiene el fútbol es mejorar al hombre, al individuo: hacerle entender el sentido de respetar los derechos de los demás, la importancia del trabajo disciplinado. Después de todo, no creo que la situación de los países europeos sea tan brillante como para que algunos de sus ciudadanos pretendan desmerecer a la Argentina. **Soy consciente de los problemas que tenemos en este momento como país: sé cuál es nuestra situación política e económica, pero también sé que esos problemas no se solucionan jugando o no jugando al fútbol**⁵⁵⁰. Al contrario: creo que esos señores que quieren boicotear el Mundial están perjudicando directamente al pueblo argentino, que tiene un legítimo derecho a gozar de una fiesta colorida y vital como es el fútbol.⁵⁵¹

Embora o sentido geral repetisse sua postura anterior, deparamo-nos com uma trama mais complexa dos posicionamentos públicos de Menotti. Em certa medida, o autor parece se aproximar parcialmente da interpretação de Montoneros, ao justificar sua oposição ao boicote: reforçar o futebol como uma manifestação cultural passional própria do povo argentino, que não deveria ser prejudicada por questões sociopolíticas, que fugiam de sua competência de ação. Porém, diferentemente da organização da esquerda peronista, que enxergava no evento uma oportunidade estratégica de mobilização popular e de denúncia das violações autoritárias do *Proceso* à mídia internacional, declinava de qualquer potencialidade de ação política engajada para além do esporte ou a partir dele.

O treinador afirmava estar a par das dificuldades vivenciadas no país, mas ressaltava que o futebol não teria condições de enfrentá-las, tampouco lhe caberia esse papel. Contudo, ao não enunciar qual seria tal situação⁵⁵² se isentava de demarcar uma posição claramente definida. Esse “vazio”, sem explicitar publicamente pontos de tensão ou discordância, possibilitava diferentes apropriações e ressignificações de seus discursos, sobretudo por parte da ditadura e seus apoiadores.

A sequência do diálogo manteve o foco sobre a questão, ao tratar da experiência recente do treinador em suas passagens pela Europa, quando este foi interpelado diretamente pela imprensa estrangeira.

– Hace poco, cuando usted viajó a Europa para conectarse con algunos jugadores argentinos que están actuando en España y Francia, un periodista le cuestionó ‘su

⁵⁵⁰ Grifo meu.

⁵⁵¹ Ibid., p. 39.

⁵⁵² Crise econômica e inflação? O medo do terrorismo e subversão? Supressão do Estado democrático de direito? As acusações sobre a violência estatal permeada por prisões, mortes, tortura, desaparecimentos?

parte de responsabilidad' en la realización del Mundial. ¿Cómo terminó ese episodio?

MENOTTI: – En Europa tuve la desgracia de ver cómo se repartían volantes contra el Mundial y contra la Argentina, y tuve una discusión con un periodista holandés a causa de eso. Le hice entender que el Mundial de Fútbol es algo estrictamente deportivo, que nadie tiene derecho a entorpecerlo, porque su protagonista exclusivo es el público. Es inútil mezclar la política con el deporte, y sobre todo en esta circunstancia. En incontables oportunidades se hicieron Olimpíadas con la participación de rusos y norteamericanos, de alemanes del Este y del Oeste, y nadie dijo nada. Nosotros vamos a hacer lo mismo: vamos a brindar nuestra hospitalidad y nuestro afecto a todos los seleccionados que nos visiten: a Hungría y a Holanda, a Polonia y a Francia, sin importarnos qué sistema económico o qué régimen político tienen. Y lógicamente exigimos una absoluta reciprocidad de criterios: que así como nosotros no cuestionamos a nadie, que nadie nos cuestione a nosotros. Que nadie pretenda usar el Mundial como arma política, porque es un método o una maniobra aborrecible: el Mundial es, sobre todo, la fiesta máxima del pueblo, y como tal permanece al margen de cualquier manipuleo político, venga de donde venga.⁵⁵³

Novamente, a arguição incidia em um discurso de despolitização do esporte. Reforçava seu entendimento como espetáculo e entretenimento populares, cujas únicas correlações políticas eram aquelas projetadas externamente. Afinal, se Menotti de fato compartilhava rigidamente de uma ideologia comunista mais ortodoxa, na qual a verdadeira luta política revolucionária só poderia ser articulada a partir de espaços como o partido e o sindicato, a leitura imperante ainda era aquela de que o futebol, como fenômeno de massas, somente poderia assumir papel político preponderante como instrumento alienante e de manipulação.

Se Menotti mantinha algum alinhamento como o Partido Comunista local, sua tentativa de guardar certo distanciamento e neutralidade pode ser interpretada em acordo com a postura partidária de um “apoio crítico” ao regime⁵⁵⁴. Nesse sentido, o treinador não externou publicamente suas discordâncias, ainda que sua permanência na seleção pudesse incorrer em concessões parciais ao governo, sobretudo nos inapeláveis eventos públicos em que teria de interagir com suas lideranças.

Além disso, cabe destacar que, como alguém cuja biografia estava estreitamente ligada ao esporte, o posto de técnico do selecionado nacional, ápice de sua carreira

⁵⁵³ Ibid. p. 39-40.

⁵⁵⁴ Na leitura predominante do partido, a conjuntura que desencadeou o golpe de março de 1976 não possibilitava uma saída através da luta revolucionária. Desse modo, a opção foi pela defesa de uma convergência “cívico-militar”, com vistas de defender a ordem institucional no país. A principal preocupação era frear a ultradireita que se manifestava duramente no último governo peronista e em algumas facções militares. Nesse sentido, o suporte parcial ao governo de Videla seguia o entendimento de que o general representava uma linha “moderada” dentro das forças armadas, com força suficiente para frear o avanço de uma temida ala fascista ou “pinochetista”. NOVARO; PALERMO, 2007, p. 239; CASOLA, Natalia. La militancia del PCA durante la última dictadura en Argentina. Un análisis sobre la producción, circulación y recepción de la línea partidaria. *Aletheia*, La Plata, v. 5, n. 10, abril 2015. Disponível em: <<http://www.aletheia.fahce.unlp.edu.ar>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

profissional, poderia assumir preponderância sobre a militância política, de modo que a permanência no cargo, sob o contexto autoritário, impunha a supressão pública de suas opiniões e engajamentos particulares. Envolto no trabalho à frente da equipe, o treinador se privou de um debate político mais aprofundado e de um envolvimento mais contundente para além de ações pontuais – como as enunciadas em suas memórias e os abaixo-assinados em requerimentos a respeito dos desaparecidos⁵⁵⁵.

Sob tais perspectivas, negar qualquer tipo de mobilização política, com motivo do futebol ou do mundial, era uma forma, consciente ou não, de também se desvencilhar de um julgamento quanto a sua posição pública como treinador do esporte nacional, guardando uma suposta neutralidade. Uma espécie de zona cinzenta, que funcionava internamente muito mais a favor dos discursos propagados pelo regime, do que contra eles, ou como mecanismo eficiente para se distanciar deles.

A partir desses exemplos, verificamos que, apesar da crítica ao uso político do futebol e do mundial, bem como de sua defesa enquanto elemento cultura popular, o discurso de Menotti se abstinha de posicionamentos que o colocassem publicamente em desacordo com a ditadura. Simultaneamente, se suas falas não nos permitem afirmar sua concordância com o cenário político autoritário, elas se valiam de argumentos comuns e um tanto indefinidos, que também eram empregados pela narrativa oficial, mesmo que com intensões distintas. Naquele momento, a defesa inequívoca do mundial da Argentina, como uma manifestação legítima e apolítica – como se fosse possível –, acabava por convergir, mesmo despropositadamente, com os interesses projetados pela ditadura ao evento e ao selecionado nacional.

6.3 MENOTTISMO, IMPRENSA E DITADURA

Como se pôde notar até aqui, a trajetória de Menotti pelo selecionado não foi livre de críticas ou de contradições, contudo, diferentemente do verificado em seu vizinho sul-americano, o técnico rosarino enfrentou resistências consideravelmente menores da imprensa até a Copa do Mundo. Ao contrário, contou com o apoio de parcelas significativas da crônica especializada, sobretudo junto a alguns dos maiores e mais influentes veículos de mídia do

⁵⁵⁵ Na edição de 12 de agosto de 1980, o jornal *Clarín* publicou abaixo-assinado para as autoridades nacionais, “para que se publiquen las listas de desaparecidos se informe sobre el paradero de los mismos”. Entre os diversos personagens que endossavam o pedido, figurava o nome do Sr. Cesár Luis Menotti, na época ainda técnico do selecionado nacional. *Clarín*, Buenos Aires, 12 ago. 1980, p. 28.

país, casos, por exemplo, do grupo *Clarín*, de *Editorial Atlántida* e da *Radio Rivadavia*. Não por acaso, os analistas do evento, assim como parcela dos jornalistas atuantes na época, assinalam a existência de uma corrente menottista entre a crônica especializada, a qual assumiu uma preponderância pública nas narrativas construídas sobre o selecionado nacional.

Talvez o exemplo mais notório dessa sustentação discursiva esteja nas abordagens produzidas por *El Gráfico*. A proximidade da revista com o treinador era notória através do grande número de artigos, entrevistas e declarações publicadas em suas páginas. Muitas das quais, frutos de diálogos diretos com alguns dos principais responsáveis pela publicação, como Hector Vega Onesime⁵⁵⁶, Juvenal, Carlos Ares e Carlos Ferreira, os quais possuíam trânsito relativamente livre entre os integrantes da delegação argentina, nas viagens e intervalos de concentração do time.

No interstício entre as Copas de 1974 e 1978, a revista encampou a defesa do *proceso* de resgate e modernização do futebol argentino, apregoador por *El Flaco*. Ainda que seus articulistas demonstrassem ocasionais e pontuais discordâncias sobre a composição do time ou sobre o desempenho apresentado em algumas partidas, o tom adotado se manteve majoritariamente favorável, mesmo em momentos de instabilidade. Ao final de junho de 1977, em meio a uma série de partidas pouco satisfatórias contra adversários europeus em Buenos Aires, a revista veiculou o editorial “...Ustedes, que defienden a la selección”, no qual justificava sua atitude em relação à equipe, bem como o apoio ao trabalho desempenhado por Menotti, diante das críticas proferidas no momento:

Entre las muchas cartas que recibimos, hay una que nos enrostra nuestra actitud respecto al actual proceso que vive la selección argentina, con frase como ésta: **“ustedes, que defienden a la selección en este momento de fracaso total, serán los responsables de que Argentina haga un papelón en el próximo mundial...”**.

[...]

Seguimos estando en favor, a esta altura del ciclo, porque no tenemos pautas totalmente claras, irreversibles y definitivas, que nos indiquen la necesidad de replantear esa posición. No podemos ni debemos manejarlos en base a resultados.

No creemos que la presente temporada internacional haya marcado un fracaso de Menotti como conductor y de los jugadores como intérpretes del trabajo preparatorio de la selección nacional. En principio, la sola concreción de una competencia a ese nivel es un éxito sin precedentes en el fútbol argentino. Y si quisiéramos movernos en base a resultado, ellos indican que hemos ganado ante Polonia, perdido ante el actual Campeón del Mundo y que empatamos con Inglaterra, escocia y Francia, **pero sin ser pisados no vapuleados por ninguno de esos importantes rivales, no**

⁵⁵⁶ Onseime figurava como um dos comandantes editoriais da publicação, após a saída de Carlos Fontanarrosa em maio de 1977. Fontanarrosa havia sido diretor da publicação desde o começo da década de 1960, no lugar antes ocupado por Dante Panzeri, e havia orientado a revista em um sentido menos crítico, voltado a uma cobertura jornalística com ênfase no espetáculo e entretenimento massivos, afastando-se debates e posicionamentos políticos mais agudos. Uma postura editorial que se manteria no período do mundial.

obstante los errores que cometió en cada partido e equipo y que hemos puntualizado como y cuando correspondía.

Menotti nos sigue pareciendo el técnico idóneo que el caso requiere. Compartimos sus ideas futbolísticas porque entendemos que ellas se adaptan al material humano que nuestro fútbol pone a su alcance y sabemos que tiene la suficiente capacidad de autocrítica para reconocer sus errores y repararlos. Ese mismo poder de autocrítica lo hemos palpado en los jugadores del plantel nacional, con quienes mantenemos una permanente convivencia a través de periodistas de EL GRÁFICO que observan su trabajo y palpan sus reacciones.

Seguimos estando con Menotti y la selección porque **tenemos muy buena memoria y sabemos perfectamente los daños irreparables que le ha hecho a nuestro fútbol la falta de continuidad que tuvieron los anteriores procesos de preparación para actuar en la Copa del Mundo.** Por un principio de madurez y de equilibrio, porque nos negamos a caer en el exitismo, en la dramatización sin sentido y en el apresuramiento irreflexivo, estamos en favor de la continuidad del equipo humano que lidera Menotti. Hay tiempo para buscar soluciones, siempre y cuando el proceso no se interrumpa. **Cualquier corte prematuro y violento que no reconozca causas profundas y fehacientemente valederas equivaldría a empezar de nuevo tirando al cesto de la basura las experiencias recogidas.**^{557 558}

Em seu fechamento, o texto reiterava que isso não significava “estar a muerte” com Menotti, apenas que essa era a posição assumida naquele momento, depois de pesar prós e contras⁵⁵⁹. Entretanto, como logo ficaria evidente, as contestações subsequentes foram poucas e a revista teve um papel preponderante na mobilização de uma opinião pública favorável, ao menos entre as apreciações perceptíveis a partir dos órgãos de imprensa. Ainda que o apoio à seleção fosse perene, o trecho acima destoa por expor deliberadamente a defesa em favor do treinador, em um momento no qual cresciam as dúvidas quanto à efetividade de seu trabalho, principalmente na construção de um time realmente capaz de vencer a competição. Também é notória a crença no ciclo de preparação e remodelação do futebol propostos, inclusive com certa parcimônia no trato de resultados normalmente considerados como negativos ou, ao menos, bastante preocupantes entre a mídia especializada.

Ainda sobre a especificidade do semanário esportivo, é importante recordar sua manifesta adesão quanto à manutenção do evento no país e à iniciativa da ditadura em organizá-lo, conforme o abordado em tópicos anteriores. Embora o foco da revista se desse no sentido da apreciação do esporte sob o viés do espetáculo e do entretenimento, sem maiores desdobramentos sociopolíticos, incorporava uma corrente editorial notoriamente favorável ao atual governo autoritário. Mesmo em um grau consideravelmente menor, ou menos explícito do que o verificado em *Gente* e *Somos*, o regime liderado por Videla encontrou profícuo espaço de locução nas páginas da principal publicação esportiva do país. Nesses termos, *El Gráfico* encapou abertamente um discurso, que emulava as falas projetadas desde a

⁵⁵⁷ Grifo no original.

⁵⁵⁸ “...Ustedes, que defienden a la selección”. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3012, p. 3, jun. 1977.

⁵⁵⁹ Id.

oficialidade e contribuiu na articulação entre a homilia proferida por Menotti e o almejado sentimento de congregação patriótica, imaginada pelos órgãos estatais. Afinal, por mais que o treinador se esforçasse em se desvencilhar de um conteúdo político definido, suas manifestações não passavam estéreis pelos filtros de divulgação da imprensa, onde fatalmente sofria algum tipo de recorte, reinterpretação e enquadramento que insidiam em formas sutis de ressignificação, por vezes, com inevitáveis prejuízos ao sentido original.

De certo modo, a relativa tolerância verificada em *El Gráfico*, sobretudo se comparada com a impaciência e a cobrança comumente presentes no trato com time nacional, prolongava-se também aos demais partidários da imprensa menottista. A título de comparação, podemos recorrer às experiências paralelas das seleções brasileiras de Brandão, cujo empate contra a Colômbia serviu de ponto de ignição para sua saída imediata, e de Coutinho, também muito pressionado ante alguns resultados adversos em partidas preparatórias, que desencadearam múltiplos rumores sobre sua substituição. A mobilização e a paciência, apresentadas por parcela significativa da crônica especializada argentina, configuravam uma relação bastante distinta em perspectiva do verificado no vizinho continental no momento, e mesmo em relação à recente história esportiva local. A sustentação discursiva de grande porção dos órgãos de imprensa atuou como componente fundamental na confecção das narrativas hegemônicas, proferidas a respeito do mundial, bem como na própria construção imagética de Menotti como personagem público de destaque ímpar na época.

Em *Hechos Pelota*⁵⁶⁰, trabalho voltado à recuperação da memória do jornalismo esportivo durante a ditadura militar, Fernando Ferreira abordou em diversos momentos a relação da imprensa com o treinador. Além disso, enfocou a relação ambígua dos profissionais da área com o cenário político da época, em especial quanto ao nível de informação e consciência, a respeito dos desdobramentos autoritários e repressivos da gestão militar. Os relatos compilados pelo autor oscilavam em várias direções, com posições e sentimentos contraditórios, a partir dos quais é possível delinear relações mais complexas do que a dicotomia simplista entre o apoio e a oposição ao regime.

Parte dos entrevistados afirmou desconhecer o que se passava no país, ainda que as acusações proferidas no exterior, à época, não lhes fossem estranhas. Outros diziam ter uma ideia escassa dos abusos e violações aos direitos humanos, situação que foi se transformando à medida que se aprofundava o regime e se acumulavam as acusações e suspeitas, reforçadas por diálogos informais, junto ao contato com colegas estrangeiros e correspondentes. Somente

⁵⁶⁰ FERREIRA, 2008.

alguns confessavam ter ciência do que ocorria no país, antes até da deflagração final do golpe e com experiências próximas de pessoas presas ou desaparecidas.

Entre os vários entrevistados, havia lamentos pela ignorância e culpa⁵⁶¹ por terem servido, involuntariamente, aos propósitos do regime; não por encampar a defesa do selecionado ou de Menotti, mas por reproduzir e fomentar o sentimento de unidade nacional e defesa desmensurada do país, com motivo do mundial. Um dos entrevistados a endossar essa visão foi Juan José Panno, jornalista que havia retornado à Argentina em 1978, após dois anos na Europa, e logo passaria a trabalhar no semanário esportivo do *Editorial Atlántida*. Sua fala retratava essa sensibilidade contraditória, entre o suporte ao evento pelo jornalismo esportivo e a coincidência com os anseios de um Estado violento e autoritário:

Lo que sí defendíamos era que el país organizara al Mundial, más allá de que después, mirando a través del tiempo, sientas que te usaron en ese sentido. Pienso que me deje usar y contribuí a la dictadura. Por ahí esa es la culpa que tengo, la de la omisión, no haber hecho más por denunciar a estos tipos, por haberme dejado subyugar por mi pasión futbolera aplicando mecanismos de negación sobre lo que pasaba en lo político. Por haber ayudado indirectamente a que la revista en que yo laburaba se vendiera y que eso contribuyera un poco más al circo. Pero por otro lado, y aunque parezca contradictorio, no tengo ninguna carga moral por lo que escribí, porque no escribí una sola línea en favor de la dictadura y no escribí en contra no porque no quisiera sino porque no podía; estaba claro que no se podía, no había ningún margen para escribir en contra. Y además sigo creyendo, en contra de lo que muchos suponen, que el Mundial no representó de ningún modo una confirmación o legitimación de la dictadura militar.⁵⁶²

A esses relatos se misturavam recordações de pequenos atos de resistência e repúdio às posturas adotadas internamente nas redações. Carlos Ares, um dos principais repórteres de *El Gráfico* no período⁵⁶³, apresenta alguns desses dilemas em seu depoimento, com certo grau de incerteza e volatilidade em suas declarações, principalmente no intento de negar e se distanciar – até mesmo para si – de um casual apoio ou consenso com a ditadura:

En aquel momento con la mitad de la información de la que dispongo hoy, yo te diría que se hizo lo que se pudo. Recuerdo irresponsabilidades absolutas como ir con

⁵⁶¹ Cherquis Bialo, por exemplo, à época em *El Gráfico*, manifestou-se assim: “Me avergüenzo de mi ignorancia [...] No sabíamos nada y eso es lo verdaderamente imperdonable. Cuando nos dimos cuenta ya era tarde: los desaparecidos ya habían desaparecido, los muertos ya habían muerto y no teníamos ninguna autoridad para plantear cualquier lucha futura”. FERREIRA, 2008, p. 116-117.

⁵⁶² FERREIRA, 2008, p. 28.

⁵⁶³ Ares relata que, ao final de 1978, deixou o semanário do *Editorial Atlántida* e, após um desentendimento, rompeu relações com Menotti e passou a criticar duramente o treinador. Em 1980, exilou-se na Espanha, segundo o próprio jornalista, após duras pressões exercidas por Lacoste, sobretudo diante de uma entrevista realizada pela revista *Goles Match* com Adolfo Pérez Esquivel, na qual havia contribuído. Esquivel era um conhecido ativista dos direitos humanos na América Latina e forte opositor dos regimes autoritários no continente, lutas que contribuíram para que fosse agraciado com o Nobel da Paz em 1980. Além disso, entre 1977 e 1978, foi detido, preso e torturado pela ditadura, inclusive enquanto transcorria o mundial.

Roberto Fernández en pleno Mundial a repartir gacetillas a los periodistas extranjeros que habían venido con información acerca de la represión del aparato militar. Una locura total. Eso sí que era una irresponsabilidad no sólo porque estaban los periodistas extranjeros, sino porque además era el sitio más vigilado del país. Eso hoy en la misma situación no lo haría ni en pedo. Y eso tiene que ver que uno no era plenamente consciente en aquel momento del riesgo que eso significaba. Cometíamos irresponsabilidades que nos podrían haber costado la vida.

[...] Ahora, con la perspectiva de la distancia, hay muchos tipos que practican un discurso que en aquel momento era imposible. Hay tipos que laburaron convencidos para la dictadura. Del otro lado podías encontrar personas como yo, que hacíamos algo sin estar seguro si servía, sin estar en una organización, como una reacción que uno puede tener en la calle ante algo. No éramos la resistencia. Después te enteras de otros tipos que sí fueron la resistencia misma como Walsh. Pero eran tipos que venían de una militancia que nosotros no teníamos. [...]

Prácticamente vivíamos en la concentración de la Selección, nos acusaban por la complicidad con Menotti, decían que sólo les permitía estar a los medios que lo apoyaban... Los comandantes fueron todos a visitarlo. Y un día llegó Massera en helicóptero. Baja, Menotti le da la mano y sin presentarnos nos dijo que sacará una foto con él. No me lo perdono. En la foto estoy con Massera y Horacio Pagani. Pero también digo que no tengo nada que arrepentirme. Resisto un archivo. Nunca escribí a favor de la dictadura.⁵⁶⁴

Para além de um alinhamento ou simpatia ideológicos, o debate ao redor de posturas fixas favoráveis ou contrárias, anexas à exigência de uma manifestação pública, são tensionados nesses relatos, diante de fatores que não podem ser ignorados, como a preocupação com a manutenção de um posto de trabalho, em um contexto de baixa econômica ou o temor da perseguição política.

O estudo de Ferreira também reporta a adesão de parte significativa dos órgãos de imprensa ao contexto político ditatorial, fosse por uma proximidade político-ideológica ou pelo receio de uma intervenção e de possíveis perdas econômicas. Cabe destacar que a ingerência direta sobre os veículos de mídia foi uma prática comum durante a ditadura: as principais emissoras de rádio e canais de televisão foram colocadas sob a tutela militar, assim como alguns representantes da mídia impressa – como o já citado caso de *La Opinión*, de Jacobo Timerman. Desse modo, a investigação assinalava que a autocensura, por motivos diversos, emergiu como principal meio de controle dentro dos órgãos de imprensa. Como afirmou Ares, a certa altura de seu depoimento: “hoy no ves a los medios haciendose ninguna revisión crítica de nada, es el único poder real que no tiene contrapoder, que no puede ser juzgado por nadie. Ya sabemos cuál es la libertad de prensa: la libertad de las empresas que editan diarios. Siempre fue así”⁵⁶⁵.

Na introdução da obra “Voces y Silencios”, uma coletânea de análises voltadas especificamente aos meios impressos de comunicação durante a ditadura, Saborido e Borelli

⁵⁶⁴ FERREIRA, 2008, p. 88; 91-92.

⁵⁶⁵ Ibid., p. 91-92.

trazem uma percepção semelhante. Segundo os autores, desde o golpe, a ditadura utilizou múltiplos mecanismos censórios. Alguns deles heranças legais das administrações peronistas anteriores⁵⁶⁶, aliados a outros mais informais – como bilhetes, memorandos, recomendações, sugestões, advertências e listas negras –, que formavam uma rede ampla e difusa de coerção, em acordo com os intentos de ordem e disciplinamento sociais próprios ao terrorismo de Estado. A incidência desses aparatos, somados à preocupação das empresas jornalísticas em não confrontar o regime foram fundamentais para que, logo nos primeiros anos, a autocensura se estabelecesse como orientação predominante nas redações, sobretudo quanto a temas sensíveis que pudessem afetar o capital político das forças armadas.⁵⁶⁷

Outro ponto importante é a percepção geral entre os entrevistados de que o jornalismo esportivo estava relativamente apartado da mobilização política ou do jornalismo político, o que justificaria parcialmente sua atuação no período, o entusiasmo com a Copa e o suporte ao selecionado, independentemente de sua coincidência com os interesses do governo. Sob tal leitura, as reportagens e artigos produzidos, assim como o trabalho nas redações das publicações não estariam vinculados necessariamente à postura de seus autores quanto ao regime, quase como se a cobertura esportiva não só prescindisse de uma manifestação política mais ampla, para além de questões particulares ao esporte, mas como se a especificidade do ofício a abstraísse por completo⁵⁶⁸.

Por um lado, a alta circularidade dos entrevistados por Ferreira corroborava essa compreensão, uma vez que a maioria passou pelos mais diversos veículos de comunicação, com posturas editoriais bastante distintas. Por outro, parte significativa das falas reportavam

⁵⁶⁶ No caso, podemos citar três medidas principais. A primeira era a lei n. 20.840 / 74, de Segurança Nacional, que se propunha a versar sobre “as penalidades para as atividades subversivas em todas as suas manifestações”. O segundo era o decreto n. 587 / 73, com o intuito amplo de normatizar a veiculação de notícias e informações dentro do território do país por agências locais e estrangeiras. E, por fim, o decreto n. 1273 / 75, que referendava algumas medidas esboçadas na ação anterior, como a proibição da difusão de notícias dentro do país por agências estrangeiras ou suas filiais e, valendo-se explicitamente das prerrogativas da lei de Defesa Nacional lançada logo ao início da ditadura do general Onganía em 1966, delimitava a criação do *Registro de Agencias Noticiosas* sob a jurisdição da *Secretaria de Prensa y Difusion de la Presidencia de la Nación* – a qual não só fazia da acreditação uma exigência imediata e obrigatória para o funcionamento dos órgãos de comunicação, como dava poderes de controle e fiscalização à repartição estatal, já com a previsão de duras sanções aos possíveis infratores. Na sequência imediata ao golpe de 1976, o regime militar também instalou na Casa Rosada o “Servicio Gratuito de Lectura Previa”, um escritório de censura prévia a imprensa com o objetivo de evitar incômodos posteriores na leitura dos periódicos. ULANOVSKY, 2011, p. 79-80; BLAUSTEIN; ZUBIETA, 1998, p. 23.

⁵⁶⁷ SABORIDO, Jorge; BORRELLI, Marcelo (Coord). *Voces y silencios: la prensa argentina y la dictadura militar (1976-1983)*. Buenos Aires: Eudeba, 2011. p. 8.

⁵⁶⁸ Segundo relatava Juan José Panno, sobre sua experiência em *El Gráfico*: “La redación escribía sobre fútbol y estaba alejada de la política. En la revista hubo una sola nota, una entrevista a Jorge Rafael Videla [...], y por ahí algunas notas aisladas, pero no era una predica constante como Para Ti, Gente y Somos, otras revistas de Atlántida que eran terribles. Creo que hay que analizar la historia tratando de no descontextualizar, porque visto desde afuera y con el tiempo es fácil juzgar”. FERREIRA, 2008, p. 28-29.

tanto desentendimentos internos quanto sentimentos de culpa e frustração por não terem adotado posicionamentos divergentes, bem como por terem contribuído a contragosto com o discurso autoritário oficial. Tais lamentos e contrariedades, próprios de um exercício retrospectivo de reconstrução da memória, demonstram que essa suposta separação não só era ilusória como as tessituras políticas que permeavam esses sujeitos eram difusas e ramificadas, passíveis de diferentes articulações e significações.

Uma amostra da complexidade dessa relação é que, mesmo com os esforços de diversos personagens atuantes na época em dissociar o jornalismo esportivo do cenário político do período, variados trabalhos indicam movimentos de ingerência externos sobre os órgãos de imprensa, no sentido de coibir possíveis críticas ao técnico ou ao escrete argentino em 1978. No prefácio da obra de Gasparini e Ponsico, por exemplo, o renomado jornalista Osvaldo Ardizzzone⁵⁶⁹ narra que, em determinada oportunidade, o interventor militar a cargo do Canal 9, emissora de televisão pela qual comentou a competição, convocou todos os participantes da programação esportiva em seu escrito para lhes informar que “por disposición del P.E.N., no se debía criticar al señor César Luis Menotti por tratarse de un funcionario del Proceso”⁵⁷⁰.

As análises de Llonto, Gotta e Ferreira também descreveram comunicados semelhantes, em circulação interna por outros veículos de rádio e televisão então sob intervenção das forças armadas⁵⁷¹. A percepção consensual dos diferentes autores apontava para a existência de uma provável diretriz oficial, proibindo as manifestações contrárias ao evento e ao escrete de Menotti. Uma ação que ia para além da alegada autocensura, mas que jogava com ela e, muito provavelmente, também se estendia para outros suportes de comunicação, como os veículos impressos.

6.4 NEM TODOS ERAM MENOTTISTAS: OS EXEMPLOS DE PANZERI, MOUZO E DE *GOLES* DE ROLANDO HANGLIN

Ainda que a corrente menottista tenha se estabelecido ao longo dos anos como vertente dominante, isso não significou que não houveram vozes minimamente dissonantes. Dante Panzeri foi um dos personagens que emergiu como crítico contumaz do treinador.

⁵⁶⁹ Entre os veículos impressos investigados nesse estudo, Ardizzzone figurava como um dos principais nomes da revista *Goles* à época.

⁵⁷⁰ ARDIZZZONE, Osvaldo. Prologo. In: PONSICO; GASPARINI, 1983, p. 8.

⁵⁷¹ LLONTO, 2005; GOTTA, 2008; FERREIRA, 2008.

Assim como sua ferrenha oposição à própria realização do mundial no país, as manifestações contrárias a Menotti eram flagrantes já em 1975, com o trabalho ainda em fase inicial. No artigo “Menotti, sacate el antifaz, te quiero conocer”, publicado em *Chaupinela* em setembro daquele ano, Panzeri emulava uma entrevista imaginária, a partir de uma série de declarações anteriores do técnico rosarino. Ao costurar o diálogo com falas temporalmente distintas, o jornalista buscava expor as mudanças no discurso do treinador, desde a época em que se sagrou campeão com o Huracán, em 1973, despontando como alguém diferente e crítico, até seu momento atual, quando teria sucumbido ante às estruturas e poderes estabelecidos no esporte, tendo se convertido em um personagem da moda⁵⁷²:

Lo único que explica tan grandes contrastes entre un Menotti 1973 y un Menotti 1975, es que ya esta rodeado de la tecnocracia burocrática de los profesores de educación física que le imponen ‘fichas científicas’. Ya él también es esclavo de esos que **hablan lindo**.

[...]

– ... **hay tantas cosas que son prioridad, que esto de darle tanta importancia al fútbol parece un chiste (1973) ... la gente no es tan tonta como se supone (1975)...**

¿Remember Menotti?

[...]

Por las dudas, memorice Menotti, con qué fichas supersecretas se jugaba al fútbol cuando usted estuvo dentro de una cancha como jugador. ¿Su maestría para pegarle la pelota podía ser registrada por la ficha de algún profesor de gimnasia?.

‘No hay peor enemigo del hombre que su propia palabra’.⁵⁷³

Panzeri não conjecturava diretamente contra o selecionado, mas se opunha ao processo de transformação do esporte proposto a partir da seleção. Ao apresentar as flutuações das falas, pretendia mostrar como a percepção do treinador sobre o futebol teriam se transformado ou corrompido. Entre os aspectos que norteavam as reservas do jornalista, podemos destacar a aproximação com a AFA, vista como uma entidade corrupta e deficitária; a importância subitamente concedida à formação da equipe nacional, sobretudo em contraste com outras questões socialmente mais urgentes; a defesa da sistematização e cientificação do esporte⁵⁷⁴, cujas principais marcas estavam no planejamento de longo prazo e na quantificação das capacidades atléticas.

De certo modo, as críticas não se direcionavam estritamente ao que o treinador aportava à equipe nacional, mas aos conceitos e percepções que havia parcialmente

⁵⁷² PANZERI, 2013, p. 528-529.

⁵⁷³ PANZERI, Dante. Menotti, sácate el antifaz, te quiero conocer. *Chaupinela*, Buenos Aires, n. 18, p. 10-12, set. 1975. p. 12.

⁵⁷⁴ Na leitura do jornalista, uma racionalização extrema que convertia a prática esportiva em trabalho, retirando-lhe toda a ludicidade, e incidia na busca do máximo rendimento atlético dos jogadores, ao qual também vinculava a sombra do *doping*.

abandonado – ou mesmo traído – para chegar ao selecionado. Questionava as relações tecidas por Menotti no cargo e o projeto modernizador, que propunha para o futebol nacional, aspectos nos quais Panzeri discordava amplamente, tanto no âmbito de suas significações socioculturais quanto políticas. É interessante notar que – embora o texto não pedisse em nenhum momento a saída do treinador, estando mais preocupado em desvelar as contradições de seu discurso – o artigo era ilustrado com uma caricatura de Osvaldo Perez D’Elías, na qual *El Flaco* era retratado enrolado em um papel escrito “renuncia” (Figura 52). Um indício de que os protestos eram compartilhados por outros colaboradores do periódico.

Figura 52 – Caricatura de Menotti por Perez D’Elías em *Chaupinela* n. 18, set. 1975.



Fonte: PANZERI, Dante. Menotti, sacate el antifaz, te quiero conocer. *Chaupinela*, Buenos Aires, n. 18, p. 10-12, set. 1975. p. 10.

A impressão de Dante Panzeri em relação ao treinador se manteve nos anos seguintes. Em julho de 1977, na mesma edição em que declarou seu apoio ao trabalho do treinador em seu editorial, *El Gráfico* veiculou um artigo no qual perguntava a diversos jornalistas suas opiniões sobre o trabalho de preparação da seleção. Como chefe da seção de esportes do jornal *La Prensa* naquele momento, Panzeri foi um dos convidados a se expressar. Com uma fala bastante seca, deixou evidente a aversão ao *proceso* defendido pelo treinador e amparado pela maior parte da crônica:

La posición de ‘La Prensa’ es de total indiferencia en lo que se refiere al proceso ya la persona (en este caso César Menotti). Porque aunque se hubiesen producido resultados positivos, sería negativo dado que todavía falta un año para el Mundial y no se puede trasladar nada a algo que recién se va a llevar a cabo dentro de un año. Sólo sesenta días antes de la competencia se puede decir que esto sirve o esto otro no. En cuanto a Menotti, el entrenador no juega, sólo es el encargado de elegir. Por eso, sintetizando, el proceso, a juicio de ‘La Prensa’, es de una esterilidad total.⁵⁷⁵

Os estudos sobre o mundial também recordam outros personagens contrários ao técnico naquele momento. A obra de Gasparini e Ponsico, que se ocupava de toda a passagem do treinador pelo selecionado, assinalava até mesmo uma espécie de “lista negra” de jornalistas desaprovados por Menotti. Para os autores, mais um exemplo dos paralelos possíveis com a ditadura:

[...] empleando el mismo los mecanismos discrecionales que el Proceso impuso durante años, el DT se manejaba simultáneamente con una impresionante *lista negra*, en que quedaron anotados todos cuantos no lo aprobaban o, al menos, no lo trataron con la debida circunspección.⁵⁷⁶

Entre os casos prévios ao mundial, os autores recuperaram a desavença com Horácio Monzo, do diário *La Razón*, com o qual técnico nutria desavenças pessoais e a quem acusava de se aproveitar do espaço nas páginas do periódico, para se beneficiar da compra e venda de jogadores⁵⁷⁷.

Na mesma matéria de *El Gráfico*, na qual Panzeri havia sido consultado, também figurava Monzo que, segundo reportava o texto, declinou do pedido para emitir uma opinião detalhada sobre o tema e apenas expressou: “Ojalá salgamos campeones del mundo”⁵⁷⁸. Meses depois, já em maio de 1978, a menos de um mês do início da competição, em uma coletiva promovida pelo semanário, Monzo constou novamente entre os convidados. Porém, segundo relatava o próprio artigo, antes de iniciar a conversa, Menotti pediu a palavra para dizer que não concordava com a linha jornalística do representante de *La Razón* e “por eso no voy a aceptar ni voy a contestar sus preguntas”⁵⁷⁹. Diante do impasse, e após algumas considerações atravessadas de ambas as partes, o jornalista se retirou da reunião.

No trabalho de Ferreira, alguns dos entrevistados recordaram Rolando Hanglin como um dos principais críticos do selecionado. O jornalista assumiu a direção de *Goles* por um

⁵⁷⁵ El periodismo se define ante la selección. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3012, p. 14-15, jun. 1977. p. 15.

⁵⁷⁶ GASPARINI; PONSICO, 1983, p. 111.

⁵⁷⁷ Ibid., p. 114.

⁵⁷⁸ El periodismo se define ante la selección. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3012, p. 14-15, jun. 1977. p. 15.

⁵⁷⁹ Menotti y el periodismo: balance final. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3058, p. 4-11, maio 1978. p. 5.

curto período após a saída de Aldo Proietto em 1977⁵⁸⁰. Hanglin vinha de uma trajetória bastante eclética⁵⁸¹, mas com pouca afinidade com o jornalismo esportivo, tanto que sua rápida passagem pelo comando da revista esportiva é lembrada com certa estranheza⁵⁸². *Goles* havia se posicionado em favor do mundial, assim como de sua organização pelas mãos do Estado e corroborado com sua leitura como um compromisso patriótico. Todavia, diferentemente de sua principal concorrente, o relacionamento com o selecionado de Menotti foi mais flutuante, alternando entre alguns momentos de suporte e outros de maior discordância e contestação.

No começo de 1978, Hanglin adotou um tom crítico, até um pouco provocativo com relação à preparação da seleção. Suas proposições dissentiam de Menotti, no que concernia à composição da equipe, ao modo de jogo frente aos principais adversários e à escolha dos jogadores que deveriam integrar o plantel. Logo nas primeiras páginas de cada edição, na sequência do editorial, o jornalista passou a assinar uma coluna própria, na qual expunha suas opiniões. No topo da seção, figurava a seguinte frase, quase como um manifesto de seus objetivos: “Prioridad Nacional: una Selección para GANAR y GUSTAR, pero sobre todo GANAR la Copa del Mundo 1978”⁵⁸³.

No primeiro número de 1978, o jornalista discutia a indefinição quanto à formação definitiva da equipe, ou seja, de um time que já fosse do conhecimento de todos e relativamente consensual. Dizia, por exemplo, que a seleção já deveria estar formada e que os postos mais vitais eram os mais discutidos e questionados. A esse debate, acrescentava que era necessário definir um estilo de jogo que permitisse à equipe ser competitiva, ou mais especificamente, que lhe desse condições de ganhar o torneio. Nesse ponto, insistia na organização de um sistema defensivo diferente, que incluísse um jogador especializado na marcação dos principais adversários, o *stopper*, a exemplo do que se praticava no futebol europeu. Uma discussão que questionava o estilo de jogo defendido por Menotti e um tema incômodo para o treinador:

Lo más grave no radica en esta volubilidad que nos afecta a todos (periodistas, técnicos, público) sino en que la discusión sobre Fulano, Mengano y/o Zutano, nos saca de la cabeza el tan más importante. O sea: el tipo de juego que queremos ver y practicar. El cuadro tácticamente adecuado para ganar, porque lo que intentamos es

⁵⁸⁰ Após deixar *Goles*, Proietto logo passou a integrar o EAM 78, onde atuou muito próximo a Lacoste, como chefe do setor encarregado da divulgação de informações esportivas oficiais aos representantes da imprensa.

⁵⁸¹ Até aquele momento, já havia acumulado passagens em diferentes funções – redator, colunista, chefe de redação e diretor – por periódicos diversos bastante distintos em sua política editorial: *Para Ti*, *Gente*, *Satiricón*, *Chaupinela*, *Somos*, entre outros.

⁵⁸² FERREIRA, 2008.

⁵⁸³ HANGLIN, Ronaldo. ¿Competir es perder de poco? *Goles*, Buenos Aires, n. 1511, p. 4-5, jan. 1978.

ganar el Mundial, no sólo ‘competir’. Una Potencia Futbolera Mundial como Argentina no puede contentarse con competir, si esto último significa salir cuartos, detrás de Alemania, Holanda o Brasil. Un país que ha colocado más de cien jugadores en todo el mundo (España, Francia, Brasil, Méjico, grecia, etc.) y que ha brindado frutos autóctonos de la dimensión de **Distefano, Sívori, Maschio, Angelillo, Bianchi, Kempes, Piazza, Yazalde** debe ser Organizador y Ganador de su propio Mundial [...] Y para ganar – es indudable – necesitamos mantenernos al tanto de las novedades tácticas y técnicas que se presentan diariamente en el fútbol internacional.

En este momento, se está produciendo en el mundo entero la revolución del stopper. Todos los europeos lo usan. [...] Pero la Selección no.

Porque no es ‘representativo’ del estilo nacional. Porque no pega con ‘la nuestra’. Y aquí no se trata de imponer la táctica del stopper [...] sino de estudiar seriamente el tema. La contratáctica (cómo atacar al stopper) y la adopción (si lo usamos o no). Sin caprichos. Sin ceguera. Pero con mucho apuro. **Ese es nuestro trabajo: no ignorar lo que pasa si queremos ganar.**

Y vamos a hacer nuestro trabajo.⁵⁸⁴

Ao divergir da organização da equipe, com a defesa de que se deveriam adotar práticas e inovações externas – quase como se uma ação modernizadora não pudesse ser produzida pelo país, mas apenas incorporada de fora –, a redação de Hanglin ironizava o discurso tradicionalista de Menotti – como fica visível nas referências a “*la nuestra*”. Nesses termos, o jornalista dissentia do *proceso*, preconizado pelo treinador e enaltecido pela narrativa menottista. Ao desqualificar o estilo de jogo projetado para a seleção, o autor acabava por contrair um dos pilares retóricos dessa narrativa: a aliança entre uma racionalização da preparação e o regate de uma forma de jogar tipicamente argentina. Sob determinado olhar, o próprio título do texto “¿Competir es perder de poco?” pode ser compreendido por esse prisma, ao colocar em dúvida as atuais condições do time de efetivamente vencer a competição.

Nos números posteriores, Hanglin manteve o discurso contrário ao treinador, também perceptível em outros artigos e até mesmo nas capas de *Goles*. No começo de fevereiro, sua coluna anunciou a montagem de uma “seleção paralela” pelo periódico (Figura 53). A partir dali, as colunas viriam acompanhadas de um pequeno quadro com a composição da equipe da revista no momento. A iniciativa confrontava diretamente as escolhas de Menotti, com a proposição de diversas mudanças, tanto na escalação quanto na disposição tática do time:

Faltan aproximadamente cuatro meses para el gran momento. Hasta hoy, en esta selección, se trazaron las líneas de un estilo de fútbol. A partir de este momento, resulta impostergable lanzar ‘nuestro’ equipo. Si lo hiciéramos en mayo, sólo serviría para ofender a los ya designados, sembrar dudas o crear inseguridades. Si lo hacíamos antes, habría representado un simple y gratuito jugueteo (eso manoseo tan odioso y tan frecuente en el fútbol) con nombres y personas que merecen el mayor

⁵⁸⁴ HANGLIN, Ronaldo. ¿Competir es perder de poco?. *Goles*, Buenos Aires, n. 1511, p. 4-5, jan. 1978. p. 5.

respeto. Primero era necesario sustentar una ‘filosofía’ futbolística. Cumplida esa etapa, designar sin rubores a los futbolistas que, a nuestro juicio, mejor pueden ejecutarla. Con nombre y apellido, para que no haya dudas.⁵⁸⁵

Figura 53 – El equipo paralelo.

Prioridad Nacional: una Selección para Golear y Gustar, pero sobre todo GANAR la Copa del Mundo 1978.

AQUI ESTÁ EL EQUIPO “PARALELO”

Características de la defensa: marca muy recia en los laterales y stopper, apretando a los hombres de punta pero con capacidad para salir jugando en cualquier momento y buscar el gol mediante el cabezazo (Passarella), el shot o el toque (Wolff, Piazza). Un libero para cubrir todas las espaldas y arrancar con limpieza: Wolff. El volante-tapón, clave para romper juego.

ARQUERO
FILLOL
Gatti
Cajas

LIBERO
WOLFF
Sa
Heredia

STOPPER
PIAZZA
Mouzo

LATERAL IZQUIERDO
PASSARELLA
Oswaldo Pérez

LATERAL DERECHO
PAGNANINI
Pernia

VOLANTE IZQUIERDO
AYALA
Bochini
Alonso

VOLANTE TAPON
GALVAN
Gallego

VOLANTE DERECHO
BRINDISI
Jota Jota López

WING IZQUIERDO
BERTONI
Ortiz

CENTREFORWARD
KEMPEL
Luque
Blanchi

WING DERECHO
HOUSEMAN
Scotta

El medio campo ofrece marca a presión y trabajo en la defensa, a través de hombres luchadores “pulmonares”, como Galván, Brindisi, Ayala, Jota Jota, pero capacitados para rotar, shotear, gambetear y llegar al arco. Los hombres de punta, garantía de rotación y red: desborde, cabezazo, tiro, dribbling y paredes. Las variantes en Kempe, Bertoni, Houseman.

¿Cuál es la idea? Una formación que ofrezca garantías. ¿En qué consisten las garantías?
1) Incorporar el mecanismo stopper-libero para no dar ventajas cuando somos atacados.
2) Hacer pressing en toda la cancha mediante laterales, volantes y delanteros que roten para atacar y para marcar.
3) Jugar al ataque pero sin traspasar lento con toque vertiginoso (Brindisi-Ayala-Kempe-Bertoni) y gran aceleración al llegar al área.
4) Incorporar variantes ofensivas para romper el contención rival, uso de presiones: mucho tiro de media distancia (Brindisi, Scotta, Passarella, Kempe, Bertoni, Jota Jota, etc.) y defensores capacitados para atacar en cualquier momento, como es el caso de Piazza, Wolff, Passarella, Oswaldo Pérez.
5) Volantes que no sólo tengan toque y gambeta sino también shot, capacidad de

lucha, marca, dientes apretados, aliento largo y pierna fuerte: Brindisi, Jota Jota, Ayala.
6) Restringir a los hombres probados por su experiencia y certificados por el tiempo. Que lleven cinco o más temporadas en primera, aquí o en el exterior. Que hayan jugado finales de copa, de campeonato, categorías de selección. En lo posible, mayores de 24 años, casados, estables, maduros, en plenitud.

Adaptándonos a la primera objeción: PUEDE SER PROBLEMÁTICO TRAER TANTOS CRACKS DEL EXTERIOR, CON INCONVENIENTES ECONÓMICOS Y DE ADECUACIÓN PSICOLÓGICA, RECORDAR EL CASO ALEMANIA 74.
Respuesta: La repatriación del 74 se hizo mal y por eso resultó mal. En este caso los jugadores argentinos actuantes en Europa que regresan a la Argentina regresarán para jugar como locales, con todas las circunstancias en su favor (ambiente, públicos, etc.), en lugar de ser derivados a un lugar tan inhóspito y desconocido como Stuttgart. Segundo: los inconvenientes económicos son relativos más todavía si tenemos en cuenta todo lo que la Argentina gastó, todo lo que hemos puesto colectivamente en materia de giras, serie internacional, concentraciones, premios y, además, estadios, comidas, hoteles, TV-color, etc. Y el detalle (para no ser parochistas, lo decimos al final) de que todos los cracks argentinos están ansiosos por jugar en la selección y dispuestos a allanar diferencias, mucho más al país directamente LOS CONVOCA. Otra objeción, inevitable: ESTE EQUIPO DIFIERE DEMASIADO

BIBLIOTECA NACIONAL
Fecha: 11 ABO 1981
Colec. N° 10443

Fonte: HANGLIN, Ronaldo. Aquí está el equipo “Paralelo”. *Goles*, Buenos Aires, n. 1516, p. 4-7, fev. 1978.

Além de contestar o plano de jogo e as escolhas de César, a proposta afrontava outra de suas convicções: a de que a equipe deveria ser composta, com uma ou outra exceção, por jogadores atuantes na Argentina. Na contramão do discurso pleiteado pelo técnico rosarino, Hanglin afirmava que a seleção lançada pelo periódico diferia muito daquela que estava sendo preparada para o certame, era como “proponer una revolución”, na qual a Argentina deveria simplesmente assumir sua condição de “primera potencia exportadora de futbolistas a nivel mundial”⁵⁸⁶. Nisso sustentava a necessidade de repatriar uma série de jogadores e, mesmo com as ressalvas de que os atuais tinham qualidade e de que tal iniciativa não significava “negar la obra de Menotti en la conducción del seleccionado”, acabava por desqualificar a equipe atual em defesa daquela que considerava como sua verdadeira representação:

La Argentina tiene a su selección repartida por el mundo: la selección real, la de los mejores, esa que aquí figura como ‘paralela’ pero que todos pondríamos en la

⁵⁸⁵ HANGLIN, Ronaldo. Aquí está el equipo “Paralelo”. *Goles*, Buenos Aires, n. 1516, p. 4-7, fev. 1978. p. 4.

⁵⁸⁶ Ibid., p. 6.

cancha con los ojos cerrados si esos jugadores estuvieran en el país. La salida lógica, sensata, coherente, es ‘arreglarla’⁵⁸⁷.

As discordâncias entre Hanglin e Menotti tiveram lugar destacado na edição n. 1519, a última de fevereiro, na qual o diretor de *Goles* e o treinador da seleção se encontraram frente a frente. O artigo “Menotti juzga al equipo paralelo” trouxe o embate entre ambos na forma de uma longa entrevista, na qual discorreram amplamente sobre variados assuntos e, basicamente, mantiveram-se irredutíveis em suas posições. Ao longo do diálogo, em diversos momentos, a temática esportiva ficou em segundo plano diante de um debate que versava sobre o poder discursivo da imprensa e seu impacto na construção de uma opinião pública. Logo nos primeiros instantes do texto, o questionamento inicial sobre o escreto paralelo converteu-se em uma acalorada discussão:

GOLES: La semana pasada dijiste que la Selección Paralela constituía una falta de respeto. ¿En qué sentido, exactamente?

MENOTTI: Yo no puedo aguantar que los periodistas me formen el equipo.

GOLES: Pero es lógico que la selección sea un tema controvertido, que todos tomen partido por Ardiles o Jota Jota López, que se discuta en los cafés. Además se hacen encuestas casi todos los días, y opinan dirigentes, jugadores, hinchas, sobre o quién debe jugar de número tres o de número ocho. Lo único que nosotros hemos hecho es proponer un equipo completo y definido. ¿A vos te parece irrespetuoso?

MENOTTI: Ya sé, ya sé que eso lo hace todo el mundo. Ojo, que le hago el mismo reproche a Juvenal o cualquier otro. Cuando los periodistas se meten a directores técnicos, sonamos. Es una locura. [...] El fútbol no se organiza jugando a las figuritas. No es tan sencillo como ustedes creen. Lo pongo a éste de ocho, a éste de cuatro y al otro de stopper, y listo. No, viejo, sólo el técnico sabe exactamente cómo están sus jugadores. Yo no le puedo decir a Lorenzo que haga esto o aquello con Zanabria. Cualquiera sabe que Zanabria es buen jugador. Escúchame: cualquiera. Es asunto es cómo anda físicamente si está rindiendo, si esta para ochenta o dez partidos. Todo eso lo sabe el técnico. Y los periodistas no. No saben.

GOLES: Claro que no sabemos. Si supiéramos tanto como vos, seríamos directores técnicos, Los periodistas somos hinchas con poder de comunicación y cierta capacidad de opinión. ¿Dónde se ha visto que tengamos que ser expertos como Helmut Schoen o como Pedernera? ¡Escúchame...!

MENOTTI: Nadie habla de expertos. Otra que expertos. Yo no te puedo negar la capacidad para agitar una polémica o elegir un tema con gancho. Porque eso ustedes lo han hecho bien, con la Selección Paralela. Es inteligente, pero no tiene nada que ver con el fútbol. Estoy opinando de periodismo... ¿No? Y bueno, si vos opinás de fútbol, yo opino de periodismo.

GOLES: Muy bien. ¿Y dónde está la falta de respeto?

MENOTTI: Te lo explico. Si vos ponés en una tapa⁵⁸⁸ a Gatti tachado, a Carrascosa tachado, y en el medio aparece Ardiles con un interrogante, estás sugiriendo que lo tachan también a Ardiles. Se ve la intención.⁵⁸⁹

⁵⁸⁷ Ibid., p. 7.

⁵⁸⁸ Figura 54.

⁵⁸⁹ Menotti juzga al equipo paralelo. *Goles*, Buenos Aires, n. 1519, p. 6-11, fev. 1978. p. 6-7.

Figura 54 – Questionamentos a seleção nas capas de Goles n.1517, 1518 e 1519.



Fonte: *Goles*, Buenos Aires, n. 1517, fev. 1978; *Goles*, Buenos Aires, n. 1518, fev. 1978; *Goles*, Buenos Aires, n. 1519, fev. 1978.

O confronto persistiria por toda a reportagem. Mais adiante, o jornalista retomou a questão, ao afirmar que a equipe não era apenas do técnico, mas de todos e por isso os jogadores deveriam saber que figurar no plantel significaria estar sujeito a polêmicas. Novamente, Menotti demonstrou indignação e contra-atacou, afirmando que as polêmicas lançadas pela revista eram nocivas à seleção:

GOLES: Hablando de todo eso. ¿Cómo es posible que vos te ofendas y que los jugadores se sientan heridos porque son centro de una polémica? Te aclaro que Ardiles estuvo muy sereno y en ningún momento se molestó por considerársele cuestionado. Pero no sé si está claro que la selección no es 'de ustedes', ni tuya, ni de Pizzarotti, no de Fillol, ni de Galván. Es de todos. Y todos opinamos, discutimos y nos peleamos. Ser jugador de selección es estar en la polémica.
 MENOTTI: Sí, viejo, pero la polémica de ustedes es negativa. Nada de lo que hacemos les parece bien. Cuestionan a los jugadores porque tienen preparado el relevo, alguno de Boca o de River. ¿Sabés qué fácil es formar una selección con diez de River, diez de Boca y alguno de Racing? Nadie discute.⁵⁹⁰

A conversa cara-a-cara não foi suficiente para dissolver os impasses, mas serviu como um raro exemplo de confrontação direta do treinador, com opiniões completamente divergentes provindas de parte da imprensa. Também evidenciava a preocupação com os efeitos que tais discursos poderiam causar publicamente, em especial, no que tangia ao apoio popular ao selecionado e à pressão sobre a equipe. Aspectos que tanto incomodavam o técnico quanto contradiziam sua narrativa de uma reaproximação da seleção com a população, tendo a opinião pública como legítima representante do povo.

⁵⁹⁰ Ibid., p. 8-9.

Nos números seguintes, *Goles* manteve o tom nas críticas ao selecionado, sobretudo nos artigos assinados por seu atual diretor, inclusive com óbvias referências às suas colocações durante a entrevista: “no es difícil afirmar que GOLES hace crítica destructiva, o que busca el escándalo sensacionalista, o que mortifica a la Selección para quedar bien con las hinachadas de River y Boca”⁵⁹¹. Além disso, com a equipe em meio à disputa de alguns amistosos, sempre que possível usava o desempenho pouco satisfatório do time ou de algum jogador para reafirmar suas convicções:

Ojalá pudiéramos tirar el equipo paralelo a la basura y confesar: ‘Menotti tenía razón, con esta gente salimos campeones del mundo’. Pero no podemos, porque la realidad está a la vista de todos y ya es inocultable. Esta Selección carece de gol, faltan shoteadores, rotación, peso ofensivo en los volantes y decisión para encarar. Ojalá pudiera conseguirse todo eso con los hombres que ahora están.⁵⁹²

A certa altura, com o avanço do tempo e as indicações constantes de que a equipe estava majoritariamente definida, com espaço restrito para mudanças, especialmente no que concernia à repatriação de jogadores, o periódico deixou de lado a ideia do selecionado paralelo. Ainda assim, continuou a sugerir a convocação de novos jogadores que atuavam no país, incorporada à lista dos 40 selecionáveis dos quais Menotti extrairia os 22 que jogariam o mundial, mas ainda sem concentrar e treinar com a equipe.

Grande representante das críticas traçadas em *Goles* naquele momento, Rolando Hanglin amenizou seu discurso de maneira repentina. Na edição n. 1526, datada de 18 de abril, veiculou o texto “Carta abierta a todo nuestro fútbol”. A redação assumia a forma de um manifesto, no qual o jornalista parecia se retratar e justificar as posições recentes adotadas pelo periódico, ao discutir abertamente a equipe, seu estilo de jogo e advogar diversas modificações. Entretanto, como deixava evidente em variadas passagens, muitas delas ressaltadas em negrito, isso não significava o simples abandono das convicções. Antes disso, dizia que era necessário saber quando parar, para que os debates levantados, já com chances escassas de concretização, não passassem a prejudicar a representação nacional.

Hace tres meses y medio (em enero de este año) GOLES inicio una campaña que requirió una modestia pero difícil cuota de coraje periodístico. Entendíamos que nuestro mejor aporte a la Selección era un debate muy limpio, y en función de esa polémica lanzamos ‘nuestra Selección’ (la Paralela) sugiere la repatriación de cracks deportados como **Bianchi**, **Ayala**, **Brindisi**, así como la incorporación de

⁵⁹¹ HANGLIN, Ronaldo. Uruguay nos dio la razón: ¡que pena! *Goles*, Buenos Aires, n. 1520, p. 4-5, jan. 1978. p. 4.

⁵⁹² Ibid., p. 5.

valores que actuaban en nuestro medio. El caso de **Bochini, Jota Jota, Alonso, Mouzo.**

Lo dijimos con claridad: llegara una fecha, un momento, un día límite, en que arriaremos las banderas y nos subiremos a la tribuna para hinchar por Argentina. Aprovecharemos hasta el último momento en el afán de ser escuchados (así como César Menotti declara que esperará hasta el último momento y se tomará todo el tiempo necesario para elegir) pero daremos por terminada la conversación el día en que la polémica constructiva amenase convertirse en mera discusión destructiva. O gratuita.

Y bien, ese momento ha llegado.⁵⁹³

Com certa resignação, o jornalista acenava com o encerramento do embate. Escrevia, por exemplo, que não teria sentido afirmar que estava contente com a atuação de jogadores como Vila e Ardiles, “porque esto sería hipócrita”; ou que Menotti tinha seu apoio, “porque en realidad lo tuvo siempre”. Contudo, argumentava que esse alegado apoio não era estático, ou inconteste, pois havia momentos quando era necessário discutir e outros quando se fazia necessário aguardar. Ou, como dizia o próprio, “poner el hombro” e aceitar que não há mais o que se fazer⁵⁹⁴.

Este silencio – al menos en lo que hace a la polémica abierta – que hoy comienza es nuestra humilde contribución. Creemos que está planteada en el momento apropiado. Creemos que no solo es valiente decir cosas sino también, a veces, callarse la boca. Y esto no supone eludir el juicio crítico referido a los partidos de la selección, a la performance de los jugadores, a la evolución del equipo. No, porque significaría una especie de castración periodística. De lo que se trata, en este abril preñado, de sobresaltos (los casos Piazza y Kempes, las innumerables candidaturas al 10 de la Selección) es renunciar a algunas cosas para entregárselas a la Selección. Al Mundial. Al país, en última instancia.⁵⁹⁵

Embora afirme que dali por diante a publicação optaria pelo silêncio para evitar pressões, a impressão é que Hanglin se recusava a calar, ou, ao menos, o fazia a contragosto. A súbita mudança de uma postura altamente contestatária, para outra mais dócil com o selecionado, soa quase como uma imposição. Após o curto espaço de tempo em que ocupou a direção de *Goles*, o jornalista manteria no cargo apenas até o final do mês, ou seja, por mais uma edição. Em maio, sem qualquer aviso, já não figurava mais nos créditos do corpo editorial da revista ou de seus colaboradores. A conflitante nota em que afirma a mudança de posicionamento, aliada a sua repentina saída, nos permite conjecturar se não houve alguma movimentação política contra o jornalista. Fosse na forma de uma decisão empresarial contrária à tônica do discurso que imprimiu à publicação, às vésperas da Copa, ou mesmo de um caso similar aos infames comunicados, resultantes da difusa pressão censória oficial,

⁵⁹³ HANGLIN, Rolando. Carta abierta a todo nuestro fútbol. *Goles*, Buenos Aires, n. 1526, p. 4-5, abr. 1978. p. 4.

⁵⁹⁴ Ibid., p. 5.

⁵⁹⁵ Ibid., p. 4.

circulantes nos canais de rádio e tevê, dessa vez aplicados a um veículo da mídia impressa especializada em esportes. Como disse o próprio articulista, na última frase de sua carta, “a buen entendedor, pocas palabras bastan”⁵⁹⁶.

Independentemente dos elementos que levaram ao fim da passagem do jornalista pelo semanário e dos fatores que possam ter influído em sua curiosa coluna-manifesto, a experiência da *Goles* dirigida por Hanglin, ao início de 1978, tem o mérito de apresentar uma postura distinta em relação ao selecionado naquele momento. Longe de uma oposição ao evento, ao contrário, reproduzia a narrativa oficial da realização nacional e do compromisso patriótico, a publicação fugia do discurso menottista hegemônico, tanto no que concernia ao suporte ao treinador quanto a sua narrativa essencialista. Ao invés disso, sem pleitear a substituição do técnico, contrariava diversas de suas convicções quanto ao processo de preparação da equipe e adicionava como uma exigência o bom desempenho na competição, ou seja: com reais condições de sagrar-se campeã. Desse modo, a postura do jornal evidencia um outro discurso público em voga naquele momento, no qual o suporte quase acrítico à realização do torneio convivia com a intensa cobrança e discordância com relação à formação da equipe nacional: apoio à Copa, crítica a Menotti e à seleção.

⁵⁹⁶ Ibid., p. 5.

7 ÀS VÉSPERAS DO MUNDIAL: O DISSENSO POLÍTICO NAS APRECIACÕES PÚBLICAS DE JUAN ALEMANN E REINALDO

No dia 14 de janeiro de 1978, a Copa do Mundo começava a tomar sua forma final com o sorteio dos grupos. A cerimônia ocorreu no Centro Cultural San Martin, em Buenos Aires, com a geração e a transmissão das imagens sob os cuidados da Argentina 78 TV. Indício da transformação da competição esportiva em espetáculo midiático, o sorteio atuou como uma prévia do *show* especulado para o mês de junho. Ainda que a escolha das chaves não pudesse ser tomada como fruto apenas do acaso⁵⁹⁷, a sorte pareceu não sorrir para os anfitriões, que teriam de enfrentar Hungria, França e Itália no grupo considerado o mais difícil pelos especialistas⁵⁹⁸. Em depoimento coletado por *Goles*, por exemplo, Menotti disse que “en esta zona no tenemos ni un partido para respirar, son tres finales, sin más ni menos”⁵⁹⁹. Claudio Coitinho, por sua vez, não hesitou em cravar a classificação: “ganharemos a chave”; mas também afirmou que o mesmo se passaria com os argentinos, ao fazer valer sua condição de donos da casa e já imaginava o enfrentamento com os vizinhos na etapa semifinal⁶⁰⁰.

Com a definição da tabela e o bom andamento dos preparativos para sediar o certame, parecia que as pautas de apreciação no país sede se manteriam dentro de margens seguras, sem maiores contestações ao torneio. No tocante às narrativas futebolísticas, o discurso menottista predominava sobre as raras vozes públicas discordantes. À parte de polêmicas pontuais, quanto à escalação e à formação da equipe, o discurso ressoava em uma frequência comum, sem grandes rompantes ou sobressaltos.

Nem mesmo as acusações sobre a ditadura, projetadas no exterior pela campanha do boicote, pareciam romper os discursos internos, majoritariamente favoráveis ao certame, com apreciações que se alternavam entre a ignorância das denúncias e a defesa intransigente da conjuntura sociopolítica do país. De qualquer modo, locuções compatíveis com os interesses do Estado. Entretanto, por um viés totalmente diferente, foi justamente das fileiras civis do governo Videla, que surgiu uma apreciação destoante, que conseguiu provocar algum barulho público com objeções ao mundial da Argentina.

⁵⁹⁷ Os parâmetros utilizados para a definição dos grupos eram resultantes de debates políticos, delineados previamente dentro da federação esportiva. Casos da escolha dos cabeças-de-chave – Argentina, Alemanha, Brasil e Holanda – e dos critérios delineados para o sorteio, que buscavam evitar, por exemplo, o encontro das seleções sul-americanas na primeira fase do torneio.

⁵⁹⁸ No segundo grupo ficaram Alemanha, Polônia, Tunísia e México; no terceiro Áustria, Espanha, Suécia e Brasil; no quarto, Holanda, Irã, Peru e Escócia.

⁵⁹⁹ Suerte, Argentina '78. *Goles*, Buenos Aires, n. 1513, p. 43-47, jan. 1978. p. 45.

⁶⁰⁰ Alemanha sai na frente. *Veja*, São Paulo, n. 490, p. 62-64, jan. 1978.

7.1 UMA VOZ OPOSITORA? JUAN ALEMANN E O MUNDIAL INFLACIONÁRIO

Na primeira edição de fevereiro, *Gente* trouxe o secretário de fazenda Juan Alemann como entrevistado. Homem próximo ao ministro da economia José Alfredo Martínez de Hoz, Alemann, era um dos responsáveis pela administração dos impostos no país e foi convidado para comentar a situação econômica e as previsões para o ano na área. A certa altura do diálogo, ao ser questionado sobre o destino dos impostos arrecadados, o funcionário mencionou a redução da inflação e o investimento em diversas obras, entre elas as planejadas para a Copa. Aproveitando o gancho, a publicação questionou se as obras do mundial não contribuíam para a alta da inflação. Alemann fugiu de uma resposta contemporizadora: não só confirmou a sugestão como evidenciou sua discordância com a realização do torneio no país.

–G: Pero ¿no son inflacionarias las obras del Mundial?

–A: **Claro que son inflacionarias. No tienen rendimiento económico. Son una inversión de prestigio. Si no fuera por el Mundial tendríamos menos déficit, menos emisión y menos inflación. El Mundial ha sido un gran error heredado del gobierno anterior.**

–G: Si no es útil ¿por qué se hizo?

–A: **No debió hacerse. Pero se heredó.**⁶⁰¹

Ainda que o secretário tenha ressaltado o caso como um erro herdado da administração anterior, em alusão ao governo peronista de Isabelita, sua indignação era nítida. Ao enfatizar que o evento não tinha nenhum rendimento econômico e que se tratava de um investimento de prestígio, isto é, focado na promoção do país, acabava por desconstruir alguns dos argumentos centrais empregados na defesa da manutenção do certame pelo regime: a necessidade de reconstruir a imagem nacional e a perspectiva de que a competição traria um retorno tanto político quanto econômico por meios diversos.

Além disso, Alemann demarcava uma posição na qual a recuperação do quadro econômico emergia como resolução prioritária, à parte de quaisquer outras questões projetadas pela gestão militar. Nesse caso, a conservação da Copa na Argentina como uma responsabilidade de Estado tomava a forma de um grande equívoco, no qual preocupações mais sérias e urgentes haviam sido preteridas, em prol de uma decisão política em favor de uma expressão cultural massiva e supérflua da vida nacional. Essa postura não lhe era exclusiva, mas compartilhada internamente por outros personagens, a exemplo do próprio

⁶⁰¹ ¿Qué se hace con la plata que pasa por sus manos?. *Gente*, Buenos Aires, n. 654, p. 12-13, fev. 1978. p. 13.

Martinez de Hoz⁶⁰², também contrário aos gastos com o evento, mas ciente do posto que ocupava na gestão de Videla, evitava emitir qualquer juízo público sobre o tema. Contrariando o próprio ordenamento e disciplinamento exigidos pelo Estado Militar, o secretário de fazenda emergia dos quadros institucionais como um ponto de cizânia em relação ao discurso oficial.

Na sequência da entrevista, o funcionário relatou que o governo não tinha uma percepção clara dos custos e que, naquele momento, as cifras já haviam alcançado a casa dos 700 milhões de dólares, muito além de qualquer estimativa inicial. Diante dessa declaração, após incitar o debate, o entrevistador tentou apaziguar a situação. A réplica, contudo, manteve a linha da crítica e da indignação. Na contramão da homilia recorrente, afirmou categoricamente que, à exceção das estradas e aeroportos, outros empreendimentos se converteriam em “elefantes brancos” e mesmo a afamada rede de televisão a cores não constituía um investimento necessário e imediato:

–G: ¿La conducción económica intervino en la decisión de seguir con el Mundial?

–A: **No intervino. Cuando se tomó la decisión no se tenía conciencia clara de lo que iba a costar. Se creyó que costaría mucho menos de lo que cuesta.**

–G: ¿Cuánto cuesta?

–A: **Setecientos millones de dólares.**

–G: Pero algo de todo eso servirá permanentemente...

–A: **Aeropuertos y caminos. Otras obras serán “elefantes blancos”. Nos quedará la TV en colores, pero esto podría haber esperado cinco o diez años. Tendremos TV en colores y, por otro lado, agua contaminada. Son las cosas absurdas que tiene la Argentina.**⁶⁰³

Em um momento no qual a fala pública sobre a Copa assumia certa homogeneidade, tais declarações movimentaram uma discussão que já parecia completamente superada. Trouxe à tona uma série de questionamentos e, inadvertidamente, mexeu com os responsáveis pela organização do torneio e a gestão dos recursos: os militares que compunham o corpo diretivo do EAM 78. O presidente do organismo, general Antonio Merlo, por exemplo, foi logo indagado por representantes da imprensa e se apressou em declarar que o valor investido havia sido “apenas” de 500 milhões⁶⁰⁴.

À parte das acusações projetadas pelo exterior, com o enfoque no cenário autoritário e repressivo, reabria-se uma frente de discussão sobre o certame que colocava em foco as dificuldades do país e a efetiva importância do esporte para além do entretenimento massivo,

⁶⁰² De acordo com Llonto (2005) e Magalhães (2013), nos debates travados entre os membros da junta, o recém-nomeado ministro já havia manifestado suas reservas, pois via o torneio como algo dispensável, diante da atual situação do país, cujos gastos poderiam comprometer o equilíbrio fiscal pretendido e aumentar o déficit público.

⁶⁰³ ¿Qué se hace con la plata que pasa por sus manos? *Gente*, Buenos Aires, n. 654, p. 12-13, fev. 1978. p. 13.

⁶⁰⁴ OCA, A. C. M. de. ¿El Mundial es mal negocio? *Somos*, Buenos Aires, n. 74, p. 8-12, fev. 1978.

com notório uso político. Um questionamento que não era puxado pela suposta subversão nem poderia ser atribuído a ela, pois partia justamente de um funcionário estatal, representante de grupos economicamente liberais e politicamente reacionários, alinhados com a ditadura.

Cabe ressaltar que a perspectiva de um resgate do debate se dá pela similaridade dos argumentos de Alemann, com aqueles levantados por outros personagens anteriormente, em particular na figura de Dante Panzeri. Como discutimos anteriormente⁶⁰⁵, o jornalista, sob circunstâncias e espaços bastante distintos, havia amparado sua combatividade ao torneio em uma linha de raciocínio semelhante, na qual sustentava o disparate de produzir um evento dessa magnitude, em um país imerso em um momento de profunda crise político-econômica e fragilidade social. Para Panzeri, entretanto, mais do que um equívoco, a escolha em dar sequência à competição se tratava de uma prova da falência ética e moral, que contaminava a sociedade argentina e se espalhava entre seus grupos dirigentes.

Diferentemente das falas do cronista esportivo, uma voz isolada em seu meio, cujas críticas provocaram parco eco público, as declarações do secretário de fazenda repercutiram mais nitidamente entre os veículos de imprensa averiguados. A própria *Gente* reproduziu algumas reações na seção de cartas do número seguinte. As impressões emitidas sobre o mundial repercutiram de maneiras distintas entre dos leitores. Tanto em expressões de apoio e concordância: “al fin alguien se atreve públicamente a hablar del peso que significa para el país el Mundial de Fútbol”; quanto de repúdio, em sintonia com a narrativa oficial: “haber hecho el Mundial a pesar de todo lo que le pasó al país durante el peronismo es una demostración de lo que somos capaces”⁶⁰⁶.

Apesar de consistir em uma amostra extremamente restrita, apenas quatro ou cinco comentários pinçados das correspondências, as diferentes opiniões demonstravam que, mesmo entre o público da revista, do qual se pode traçar um perfil médio quanto às concepções sociais e políticas, não havia um consenso estabelecido. Ainda que o discurso orgulhoso da promoção nacional fosse amplamente conhecido, muitas vezes, incorporado e reproduzido, havia a noção de que o investimento era excessivo e, para parte da população, dispensável ao cruzar a relação custo *versus* benefício, diante do complicado quadro econômico. Ou seja, mesmo entre a massiva parcela da sociedade, que coadunava com o regime, permaneciam dúvidas sobre o evento.

⁶⁰⁵ No capítulo 4.

⁶⁰⁶ Correo de lectores. *Gente*, Buenos Aires, n. 655, p. 65, fev. 1978.

O assunto também reverberou em outros meios. *Somos* foi um dos veículos que repercutiu a discussão em suas páginas. O semanário veiculou uma coluna de Alvaro Alsogaray, sob o título “Cuánto nos cuesta el mundial de fútbol”, na qual repercutia a polêmica em torno do certame. Personagem influente na recente vida político-pública argentina⁶⁰⁷, caracterizava-se por uma postura liberal ortodoxa e politicamente conservadora, simpática ao *Proceso*, mas que endossava os comentários econômicos proferidos pelo secretário de fazenda: “el campeonato es todo un símbolo de una actitud mental frívola que algunos sectores y dirigentes todavía adoptan frente a los serios problemas que afectan al país”⁶⁰⁸.

Reconhecido pela intransigente defesa do Estado mínimo, Alsogaray mirava suas críticas principalmente na política desenvolvimentista e na planificação econômica dirigida pelo governo, compreendidos como aspectos que impulsionavam a emissão monetária e alavancavam a inflação. Para o economista, a Copa não consistia na única empresa desse tipo, mas figurava como seu exemplo mais visível e incisivo. Diante disso, não apenas reprovava os gastos como frisava que esse valor seria pago, em última instância, pela população:

El secretario de Hacienda, Dr. Alemann, acaba de revelar un echo sorprendente y a la vez aplastante: el costo del campeonato, que será soportado por todos los habitantes del país, llega a la impresionante cifra de 700 millones de dólares. Ese monto excede en más de 200 millones el valor de toda la cosecha de trigo de este año. Equivale al costo de más de 70.000 viviendas económicas capaces de alojar a 350.000 personas. Supera los gastos de personal de la Administración Publica Central, incluidas las Fuerzas Armadas, durante 1977. Y es mucho mayor que la requerida para resolver generosamente los problemas de los hospitales y las escuela. Los “planificadores”, que no se cansan de hablar de “prioridades”, parecería que no han estado demasiado felices.

La primera de esas “prioridades” era sin duda la de frenar la inflación. Este fenomeno, verdadero cáncer social de nuestro tiempo, había alcanzado en la Argentina el 24 de marzo de 1976, características explosivas. Constituía sin duda, con la guerrilla, el más agudo de los problemas existentes.

Para frenar la inflación había que “ahorrar sobre el hambre y la sed”, como alguna vez se hizo en nuestro pasado, no demasiado remoto. Dejar de invertir 700 millones de dólares no era poca contribución a esa inexcusable necesidad. De manera que el mejor destino que podría haberse dado a una suma semejante en el supuesto que estuviera disponible era el de destinarla a combatir la inflación. Si, como ocurría entonces, dichos recursos no existían, lo lógico era no comprometerlos.⁶⁰⁹

Além da reflexão sobre o impacto econômico, a coluna também investiu contundentemente sobre as justificativas empregadas na defesa do torneio. Para o articulista, a

⁶⁰⁷ Colaborador corrente do semanário, Alsogaray havia sido ministro da economia nos governos de Arturo Frondisi (1959-1962) e José Maria Guido (1962-1963), além de desempenhar outras funções nas ditaduras do general Pedro Aramburo, que substituiu o peronismo em 1955, e do general Juan Carlos Onganía, que tomou o poder em 1966.

⁶⁰⁸ ALSOGARAY, Álvaro. Cuánto nos cuesta el mundial de fútbol. *Somos*, Buenos Aires, n. 72, p. 50, fev. 1978.

⁶⁰⁹ Id.

maioria dos argumentos – como as alegadas possibilidades de investimento – não resistiriam à menor análise. Entretanto, propôs algumas observações sobre duas asseverações empregadas, com o intuito de suprimir o debate: o imperativo do resgate da imagem nacional e a imposição de uma decisão política. Com uma leitura similar às apontadas por Panzeri nos anos anteriores, Alsogaray discordava do caráter absoluto desses argumentos, especialmente do segundo que, além de não encerrar o debate, deveria ser tomado de maneira crítica pela opinião-pública, esvaziando o sentido impositivo de algo contra o que não se poderia discutir:

Acerca de la imagen hemos procedido como el gran señor que acaba de quebrar y que para no “perder su imagen” se compra un yate de lujo, en lugar de vivir austeramente y ponerse a trabajar. El 24 de marzo de 1976 estábamos literalmente en estado de falencia; necesitábamos 2 o 3 años de austeridad extrema, y resolvemos gastar 700 millones de dólares para organizar un campeonato de fútbol. No creo que esto haya mejorado nuestra imagen. Sin duda hubiera sido mejor renunciar a la tarea mostrando crudamente la realidad que vivíamos. Se nos hubiera respetado más en el exterior. En cuanto a que “es una decisión política”, no cabe duda. Pero ¿qué significa esa expresión? A lo sumo una excusa para defender el proyecto, cuando esa defensa por otros medios se torna difícil.

Por otra parte, el hecho de que sea una “decisión política” no quiere decir que sea buena. Y si no es buena no puede en manera alguna ser esgrimida como justificativa. Si de uno sincero examen de conciencia practicado alrededor de la realización del mundial de fútbol, extraemos conclusiones sanas acerca de los grandes males que engendran la “planificación dirigista”, el “desarrollismo” faraónico y la inflación, tal vez su precio no habrá sido demasiado elevado. Pero la clave está en que las extraigamos.⁶¹⁰

Em *Somos*, a polêmica encontrou seu ápice dois exemplares depois, quando a revista organizou um longo artigo sobre o tema. A reportagem figurava como principal assunto da edição e foi o destaque de capa (Figura 55). A composição da imagem contrapunha as fotos de Alemann e Merlo, separadas por um rasgo, de forma a simular a cisão entre os personagens. Acima, a chamada anunciava a polêmica entre secretário de fazenda e o presidente do EAM 78 e indagava “¿El Mundial es un mal negocio?”, mesmo título do artigo veiculado em suas páginas.

Segundo a publicação, as declarações discrepantes de Alemann e Merlo geraram uma polêmica em nível oficial, que havia ganhado as ruas. Por isso, o artigo se propunha a consultar diferentes opiniões, para que os leitores pudessem se informar e tirar suas próprias conclusões⁶¹¹. Entre os defensores do certame, o principal nome evocado foi o contra-almirante⁶¹² Carlos Alberto Lacoste. De acordo com o texto, o vice-presidente do EAM 78

⁶¹⁰ Id.

⁶¹¹ OCA, A. C. M. de. ¿El Mundial es mal negocio? *Somos*, Buenos Aires, n. 74, p. 8-12, fev. 1978. p. 8.

⁶¹² Anteriormente, como capitão de navio, Lacoste foi provido ao posto de contra-almirante, nos últimos dias de 1977.

reforçava o discurso empreendido por Merlo e buscava desqualificar o juízo econômico de Alemann:

Los argentinos hemos depositado diversas esperanzas y expectativas en la realización del Campeonato Mundial de futbol de 1978, cuyo compromiso de realización asumió el estado en 1974 – por conducto del tercer gobierno peronista – para demostrar nuestra condición de “*Argentina potencia*”. El gobierno militar instaurado a partir del 24 de marzo de 1976 heredó este compromiso y ratificó la realización del torneo como parte de “*una decisión de la Junta Militar*”, según declaraciones del presidente del EAM’78, general Antonio L. Merlo, concepto que reiteró ante SOMOS el vicepresidente del ente mundial, contralmirante Carlos Alberto Lacoste, porque – según sus palabras – “*¿cuánto cuesta en dinero demostrar que Buenos Aires es la capital de la Argentina a 1.500 millones de personas y cuánto que cinco mil periodistas informen al mundo sobre la realidad argentina, después de haberla visto?*”. El contralmirante Lacoste señaló que “*un problema de este tipo no se puede medir, porque es una decisión política, y la economía es una variable de la política*”.⁶¹³

A visão aportada por Lacoste exemplificava o *ethos* autoritário imperante no período. Ao subjugar os rumos econômicos ao mando político – do governo –, reproduzia a perspectiva hierárquica militar, que se impunha sobre o cenário político gerido pela ditadura. Nessa ótica, as decisões atribuídas à junta, como a manutenção do torneio, simplesmente não poderiam ser questionadas em público, sobretudo pelos sujeitos alocados na estrutura administrativa do Estado. Seus integrantes não possuíam os mesmos atributos, poderes e responsabilidades e, por isso, deveriam obedecer aos preceitos de ordem e disciplina impostos verticalmente.

Figura 55 – Capa de *Somos* n. 74.



Fonte: *Somos*, Buenos Aires, n. 74, p. 8-12, fev. 1978.

⁶¹³ OCA, A. C. M. de. ¿El Mundial es mal negocio? *Somos*, Buenos Aires, n. 74, p. 8-12, fev. 1978. p. 9.

Não por acaso, ao reforçar que se tratava de uma decisão política, o contra-almirante fazia questão de ressaltar que fazer a Copa, em seus moldes atuais, foi uma iniciativa dos comandantes do *Proceso*, e não uma simples continuidade de um projeto peronista. Uma forma tanto de pontuar o evento como um mérito exclusivo do atual governo, quanto de reafirmar que a medida havia sido tomada por autoridades competentes, supostamente cientes dos melhores caminhos para o país, cuja capacidade de julgamento estava acima de outras apreciações.

[...] Lacoste reitera que la realización del Mundial'78 “no es un negocio mensurable; no se puede hablar de amortización ni de saldos recuperables; no se puede usar un criterio estrictamente numérico o financiero”. Insiste en que el cumplimiento de este compromiso internacional es un hecho político y que “los únicos que tienen la visión total es en nivel más alto de decisión nacional, donde yo no estoy”. Hace suyas las palabras del general Merlo y reitera que la realización del torneo en la Argentina “no fue heredado pues no había nada adelantado por el gobierno anterior”.⁶¹⁴

Logo na sequência, a reportagem de *Somos* registrava sua conformidade com o trabalho desenvolvido, na organização do torneio pelo EAM de Lacoste e Merlo. A revista evitava entrar no mérito da discussão se o mundial deveria ter sido levado adiante ou não após a eclosão do golpe em 1976, mas enfatizava a capacidade de organização da entidade criada pelo Estado militar. Ainda que esse elogio possa parecer apenas um reconhecimento pelo rápido andamento das obras, é importante lembrar que o descalabro econômico acusado por Alemann se dava justamente pela ampla liberdade concedida ao organismo, com facilidades na obtenção de financiamentos, desimpedimentos burocráticos na confecção de documentos, autorizações e captação de recursos⁶¹⁵. Desse modo, o artigo deixava transparecer o apoio ao esforço governamental na concretização do empreendimento, produzindo uma locução pública que lhe enaltecia positivamente. Isso também é visível na maneira como o artigo tratava as críticas, creditando-as a “alguns setores” ou à opinião de “especialistas”. Articulações semânticas que contribuía para conferir um ar minoritário aos opositores e desvalorizar o impacto de suas posições, bem como um mecanismo eficiente para guardar uma distância segura entre suas afirmações e as proposições da revista.

Si algo no se puede poner en tela de juicio es la capacidad demostrada por EAM'78 para alcanzar metas precisas en plazos perentorio: en veinte meses logró una organización de primer nivel mundial y la necesaria infraestructura para que el torneo ser uno de los mejores realizados hasta el presente. Lo que algunos sectores objetan es la oportunidad elegida para asumir este compromiso e el orden de

⁶¹⁴ Ibid., p. 10.

⁶¹⁵ Conforme o abordado no tópico 3.4.

prioridades dado a las obras del mundial, en relación a otras urgencias nacionales nada desdeñables.⁶¹⁶

Além de Lacoste, a revista veiculou comentários de outros personagens a respeito do tema, como jornalistas, agentes estatais, estudiosos, dirigentes esportivos e outros indivíduos ligados ao esporte. Entre estes últimos, o destaque ficava por conta de uma rápida conversa com Cesár Menotti, retratada em um quadro à parte no meio do artigo. Ao ser inquirido sobre o tema, o técnico se esquivou de delimitar uma posição: “ese es un asunto que no tiene nada que ver conmigo ni con los muchachos de la selección”⁶¹⁷. Já concentrado com o plantel e a poucos meses do pontapé inicial, o treinador buscava blindar a equipe de qualquer problema ou debate, para que se focassem apenas no trabalho.

Por outro lado, sua manifestação seguia a estratégia da despolitização, nos termos de um não envolvimento público já verificado anteriormente. Mesmo assim, até como forma de reforçar seu distanciamento do governo e de uma responsabilidade política, o treinador enfatizava que seu vínculo se dava com a AFA e não com o EAM: “yo cumplo una tarea específicamente deportiva, y mi contrato es con la Asociación del Fútbol Argentino, no con el Ente Autárquico Mundial’78”⁶¹⁸.

Entre os funcionários do governo, a principal figura era novamente Alemann, o qual reiterou suas falas e adicionou comentários pertinentes sobre a falta de espaço para alguém na sua posição emitir livremente sua opinião sobre um tema pertinente a seu ofício. Ou seja, retomava seu discurso, ao mesmo tempo em que expressava sua indignação com a repercussão do caso e, principalmente, com as reprovações à sua manifestação. Mesmo despropositadamente, os reclames do secretário desvelavam sutilmente a faceta autoritária e repressiva do Estado, ao expor o cerceamento do debate:

Insisto en que todo esto debe señalarse porque si no el país seguirá gastando mal. Es necesario un ‘mea culpa’. Me pregunto por qué el secretario de Hacienda no puede decir las cosas que piensa y decir que se gasta indebidamente. Hay que gastar en cosas útiles. Si no se discuten en público, se hacen entre gallos e medianoche. Hay que aprender de los errores del pasado. En la Argentina se tapan las macanas. Si se tapan estos hechos, los funcionarios nos vemos ante una acción deshonestas.⁶¹⁹

No trecho final, a redação do artigo invocava os comentários de alguns analistas políticos sobre o tema. Apesar de parecerem partilhar de um posicionamento favorável à

⁶¹⁶ OCA, A. C. M. de. ¿El Mundial es mal negocio?. *Somos*, Buenos Aires, n. 74, p. 8-12, fev. 1978. p. 10.

⁶¹⁷ Ibid. p. 11.

⁶¹⁸ Id.

⁶¹⁹ Id.

substituição do governo anterior pela administração militar, os entrevistados, não referenciados pela revista, emitiram compreensões que contrariavam a narrativa oficial. Ao reproduzir essas impressões e atribuí-las a terceiros, a revista assumia uma pretensa neutralidade e, diferentemente do apoio ao EAM, tentava se distanciar dessas visões, ao mesmo tempo em que as utilizava na confecção de uma locução crítica.

Entre as ponderações apontadas pela reportagem, estava a reflexão a respeito dos motivos que levaram à escolha pela realização do evento, em condições desfavoráveis da economia. Nesses termos, os analistas apontavam que, independentemente dos gastos, a decisão coadunava com o populismo peronista e que, ao seguir pelo mesmo caminho – um lamento já apontado por Panzeri após sua conversa com Lacoste⁶²⁰ –, o governo inaugurado em 1976 havia adotado uma estratégia semelhante à de seus principais adversários.

Setecientos, quinientos o cien millones de dólares, para ellos es lo mismo. Se detienen en el concepto político que determinó a las más altas esferas de conducción nacional a aceptar un compromiso internacional que superaba la capacidad económica argentina, en momentos sumamente críticos para todo el país. Para ellos no interesa tanto “*para que se hizo*”, sino “*por qué se hizo*”. Entienden que el compromiso asumido por el gobierno peronista estuvo acorde con su mentalidad populista a ultranza, improvisada e irresponsable. Ratificarlo ha sido, según este razonamiento, una decisión apresurada – aun tomada en consideración las urgencias propias del momento en que se hizo (a poco de asumir el gobierno la Junta Militar) – y que llevó al gobierno a caer en un error propio del grupo político que acaba de revelar en poder nacional.

No ponen en duda la bondad de las obras construidas con los dólares invertidos en el Mundial de fútbol. Objetan lo inoportuno de su realización. “*Se ha gastado lo que no tenemos, por lo tanto hay que pagarlo con emisión de inflación*”, dijo uno de los analistas consultados. Agregó: “*Argentina hubiera dado al mundo una imagen más seria, más sólida, más coherente con su responsabilidad histórica, si se hubiera anunciado: no estamos en condiciones de hacer este torneo porque primero tenemos que reconstruir el país; los estadios podrán hacerse cuando tengamos recursos sanos y legítimos con que pagarlos. Los aficionados al fútbol se hubieran disgustado con esta decisión, pero ante el resto del mundo hubiéramos aparecido como gente sensata, seria y políticamente responsable*”.⁶²¹

As repercussões do embate não se restringiram à imprensa local. Com os olhares de parte da mídia internacional voltados à Argentina, as conjecturas ao redor dos gastos foram minimamente noticiadas no estrangeiro. No México, por exemplo, onde estava sediado o MPM no exílio, tais discussões reverberaram em jornais como *El Día* e *Excelsior*, ao longo do mês de fevereiro, quase simultaneamente ao seu desenrolar no país platino. Além de reproduzir parcialmente as falas dos envolvidos, *Excelsior* observou a polêmica como uma

⁶²⁰ Questão abordada especificamente no tópico 4.3.

⁶²¹ Ibid., p. 12.

faceta interna das disputas políticas, promovidas em torno do evento, contrastando-a com a campanha pelo boicote deflagrada pela Europa⁶²².

No Brasil, a abordagem foi semelhante. Variados representantes da mídia local abordaram em algum momento o episódio. *O Jornal do Brasil* foi um dos que dedicou uma nota específica ao caso, “Despesas agitam a Argentina”, na qual apresentava os posicionamentos antagônicos vindos do secretário da fazenda e do presidente do EAM⁶²³. Outros artigos, como os produzidos por *Veja* e *Movimento*, tocaram no tema apenas em comentários pontuais, diluídos em abordagens e reflexões mais amplas sobre os desdobramentos da Copa. No caso de *Veja*, mais próxima ao campo político-ideológico do regime, o episódio foi tomado com um novo obstáculo no esforço na realização do certame, pois contribuía para “tornar ainda mais fortes as desconfianças gerais em relação aos benefícios do Mundial de 1978 em seu país”⁶²⁴.

Já o alternativo *Movimento*, cuja confecção pressupunha um projeto político engajado no combate à ditadura e na reivindicação de um programa democratizador, voltado aos interesses das massas populares⁶²⁵, pincelou a questão em meio a uma série de artigos que discutiam e denunciavam a ditadura argentina durante o desenrolar da Copa. Ao resgatar os dados levantados por Alemann, o fazia em meio à profusão de outros discursos contestatórios ao regime, a exemplo das falas de Montoneros. Desse modo, a ênfase concedida à questão incidia sobre o impacto do montante desembolsado pelo Estado, para levar adiante a Copa como um projeto de importância política para a junta-militar, “o ponto culminante da obra de ‘reconstrução nacional’”, iniciada com o golpe em 1976:

[...] esse “acontecimento absurdo” custaria a seu país não 400 mas 700 milhões de dólares. Esta cifra representa a metade do saldo positivo da balança comercial de 1977, equivale a 20% do total anual das exportações argentinas e ultrapassa em 40% o orçamento anual para a educação⁶²⁶.

Assim, o semanário sintonizava a abordagem da passagem com os discursos propagados pelas organizações de esquerda, de inspiração marxista e peronista, que visualizavam na competição a oportunidade publicizar a violência e os desmandos da ditadura *procesa*.

⁶²² Se acentúa en Europa el boicot al mundial de fútbol. *Excelsior*, México, D. F., 23 fev. 1978, s/p.

⁶²³ MACHADO, Aluizio. Despesas agitam a Argentina. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 fev. 1978, p. 27.

⁶²⁴ Como está o país da Copa. *Veja*, São Paulo, n. 507, p. 65-70, maio 1978, p. 70.

⁶²⁵ AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, imprensa e Estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 128.

⁶²⁶ GABETTA, Carlos Alberto. A campanha de US\$ 700 milhões. *Movimento*, São Paulo, n. 152, p. 13, jun. 1978.

Se externamente, o embate ao redor dos gastos se somaria a outras narrações contestatórias sobre o evento, internamente a questão arrefeceria entre os órgãos de imprensa nos meses seguintes. Em parte, em um processo articulado ao engajamento de parcela dos veículos alinhados com a oficialidade em delatar a apregoada “campanha anti-argentina”, tramada pela subversão desde o exílio. De todo modo, a querela não se encerrou com o torneio, mas foi recuperada em diversas situações. No começo de junho, Alemann foi novamente capa de *Somos* como entrevistado da publicação. Ainda que a conversa não fosse sobre a situação econômica, o secretário não deixou de reafirmar que a discussão sobre o mundial foi a primeira vez em que a população pode refletir a respeito dos gastos públicos no país⁶²⁷.

Pouco mais de uma semana após o término da competição, Lacoste foi entrevistado por *Gente*. Segundo a publicação, a entrevista não tinha o motivo de “aplaudir el Mundial”, mas de por “bajo la lupa las virtudes y los defectos y de recordar los problemas que el Mundial no ha borrado”⁶²⁸. Ainda que Lacoste afirmasse que o sucesso organizativo e esportivo havia acabado com o “subdesenvolvimento mental” dos argentinos, encerrado o sentimento comum de fracasso e a modéstia limitante na hora de se propor e fazer as coisas com grandeza, o artigo centrou-se nas contestações ao elevado preço econômico, ainda por pagar, e aos apregoados benefícios do torneio. As respostas do vice-presidente do EAM recorreram à decorada narrativa oficial, enfatizando a importância da ação para não frustrar a população:

-Y si no podíamos hacerlo sin tan alto costo... ¿por qué no renunciarnos?
 - Este Mundial fue una decisión política. Así se definió y a así se encaró. Sino lo hacia Argentina lo hacia otro país. Había países haciendo cola para organizar el mundial sobre la renuncia de Argentina. Es decir; países haciendo cola para demostrar que son mejores, más fuertes. Entonces ¿qué hubiera ocurrido? Hubiera habido un profundo sentimiento de frustración en la gente. La frustración de ver que otros hacían lo que nosotros no habíamos sido capaces de hacer.⁶²⁹

Junto a isso, somavam-se diversas falas do contra-almirante, em resposta direta aos discursos articulados por aqueles que respaldavam os argumentos do secretário de fazenda: “estoy harto del famoso cuento de que tenemos que hacer las cosas con modestia porque nos faltan hospitales y escuelas”; “Se pudo hacer más barato. Pero ¿a qué precio político? Se pudo llenar al país de galponcitos. [...] Al terminar el Mundial hubiéramos tenido un montón de

⁶²⁷ Alemann habla claro y de todo. *Somos*, Buenos Aires, n. 89, p. 8-12, jun. 1978. p. 11.

⁶²⁸ SERRA, Alfredo. ¿Qué es eso del subdesarrollo mental? *Gente*, Buenos Aires, n. 676, p. 16-18, jul. 1978. p. 16.

⁶²⁹ Ibid., p. 18.

galponcitos con los cables colgando.”; e, por último, “frente a las grandes cifras del país el costo del Mundial es ínfimo. En el nivel global no puede provocar inflación”.⁶³⁰

Entretanto, talvez o desdobramento mais marcante tenha ocorrido durante o desenrolar de um dos instantes mais conturbados e rememorados da competição em si. Na noite do dia 21 de junho, quase no mesmo instante em que a seleção argentina marcava o quarto gol contra a seleção peruana que garantia sua passagem a final⁶³¹, uma bomba explodiu na residência de Alemann. Embora os danos materiais tenham sido consideráveis, o secretário saiu ileso e apenas sua mulher teve um leve ferimento na cabeça.

Tão relevante quanto o caso em si, foi o silêncio predominante na imprensa local. Em meio aos principais jornais de Buenos Aires, *La Prensa* foi um dos raros veículos a noticiar o ocorrido no dia seguinte. Tanto que muitas das informações e detalhes recorrentemente rememorados sobre o caso, como o horário estimado da explosão, o alcance dos danos, a proximidade a uma delegacia de polícia e a intervenção de uma equipe de reparos poucas horas depois, estão presentes na nota produzida pelo diário⁶³². O episódio foi logo creditado à subversão, sem quaisquer preocupações com apurações mais cuidadosas por parte dos veículos de mídia. Naquele momento, a atenção mínima ao caso poderia ser compreendida dentro da estratégia do regime de suprimir ao máximo a publicidade, concedida às ações travadas pela guerrilha durante o evento.

Contudo, o caso não deixou de reverberar entre representantes da imprensa internacional de forma mais contundente do que os jornais argentinos. A revista mexicana *Proceso*, por exemplo, elencou o atentado como uma das ações armadas travadas pelo *Ejercito Montonero* durante o torneio⁶³³. Abordagem similar foi concedida também nos diários brasileiros *O Estado de São Paulo*⁶³⁴ e *Jornal do Brasil*⁶³⁵, que repercutiram o ataque como uma das operações recentes do grupo peronista, as quais se somavam um tiro de lança-foguetes contra o Comando Geral do Exército e a detonação de uma bomba que lançou diversos panfletos com a frase “Argentina Campeón, Videla al Paredón”. A nota do *Jornal do*

⁶³⁰ Ibid., p. 16; 18.

⁶³¹ Na partida em questão, os argentinos precisavam vencer o Peru, já eliminados por uma diferença mínima de quatro gols para superar os brasileiros nos critérios de desempate e classificar para a decisão do torneio. Abordaremos de forma mais detalhada as discussões sobre esse episódio no último capítulo.

⁶³² Se atentó con explosivos contra el domicilio del secretario de hacienda. *La Prensa*, Buenos Aires, 22 jun. 1978, p. 4.

⁶³³ Los goles del Ejercito Montonero durante el Mundial de fútbol. *Proceso*, México, D. F., n. 88, s/p., jul. 1978.

⁶³⁴ Os montoneros tem lança-foguetes russo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 23 jun. 1978, p. 7.

⁶³⁵ Bomba detona e fere mulher do Secretário de Fazenda argentino na hora do jogo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 jun. 1978, p. 13.

Brasil, mais extensa, também ressaltou a coincidência do atentado com o desenrolar da partida contra o Peru:

O atentado ocorreu no momento em que quase todo o país acompanhava atentamente o jogo Peru e Argentina pela Copa do Mundo e Alemann, considerado um dos homens-chave da área econômica, sempre foi severo crítico da promoção, pela Argentina, do Campeonato Mundial de Futebol [...].⁶³⁶

Nas fontes visitadas, o *Ejercito Montonero* era tido como grande responsável pelo ataque. Mesmo sem dar maiores detalhes, o exemplar n. 5 de *Estrella Federal*, informe oficial circulante entre os militantes, elencava o atentado contra Alemann em uma lista com os êxitos da “ofensiva táctica Mundial’78”⁶³⁷. Versão também corroborada nos trabalhos de Gillespie e Gasparini sobre a organização⁶³⁸. Entretanto, a escassa repercussão interna em um caso envolvendo uma personalidade político-pública conhecida, em evidência nos últimos meses justamente pelas posições divergentes em relação às lideranças militares, contribuiu para que a hipótese de um serviço interno ganhasse força entre as apreciações sobre o caso e adquirisse proeminência narrativa em diversos estudos com motivo da ditadura e da Copa de 1978⁶³⁹. Novaro e Palermo, por exemplo, reiteram em seu estudo sobre a ditadura a percepção de que esse era um dos casos de ataque a funcionários governamentais, atribuídos aos montoneros “que, na verdade, foram lutas internas do regime”⁶⁴⁰.

Tal percepção foi endossada pelo próprio secretário de fazenda, que, posteriormente, afirmou sua convicção de um ataque engendrado por Massera e Lacoste. Em setembro de 1982, pós-guerra das Malvinas, período no qual cresciam as revisões sobre o período ditatorial, as conjecturas sobre o atentado voltaram a toda força na imprensa local. O assunto foi retomado por diversos veículos, como as revistas *Siete Dias*, *Gente* e *Somos*. As três publicações resgataram o episódio do atentado, à luz da retomada das discussões ao redor dos gastos desmedidos com a Copa e a apuração das contas do EAM⁶⁴¹. Nesse cenário,

⁶³⁶ Bomba detona e fere mulher do Secretário de Fazenda argentino na hora do jogo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 jun. 1978, p. 13.

⁶³⁷ Ofensiva táctica Mundial 78. *Estrella Federal*, n. 5, p. 16-17, set. 1978. p. 16.

⁶³⁸ GILLESPIE, 1998, p. 318; GASPARINI, 2008, p. 176.

⁶³⁹ Mesmo com abordagens bastante distintas sobre as relações políticas da Copa, os trabalhos de Juan José Sebreli, Pablo Llonto e Ricardo Gotta, são alguns dos estudos a corroborar com tal interpretação.

⁶⁴⁰ NOVARO; PALERMO, 2007, p. 99.

⁶⁴¹ O tema da prestação de contas sobre o torneio foi levantado em uma larga investigação da agência *DyN* (*Díarios y Noticias*). Além de tentar apurar as contas argentinas, no que teve grandes dificuldades e se deparou com dados incompletos e pouco transparentes, o grupo também contrastou as somas obtidas com os valores gastos na Copa do Mundo da Espanha, realizada naquele ano e cujas estimativas apontavam para um gasto aproximado de US\$ 150 milhões – segundo o texto de *Somos*, as estimativas mais pessimistas pela oposição acenavam com 300 milhões incluídos os custos das obras de infraestrutura. De acordo com as informações levantadas, somente os gastos pelo EAM 78, sem especificações precisas, haviam somado mais de 500 milhões

reproduziriam as declarações de Alemann, que insinuavam a participação dos oficiais da marinha naquela ocasião:

Tengo motivos para temer un atentado a mi persona, del cual hago responsables desde ya al vice-almirante (RE) Carlos Alberto Lacoste y al almirante (RE) Emilio Eduardo Massera. El 21 de junio de 1978, a las 20.40, en el momento preciso del cuarto gol del equipo argentino al de Perú [...] explotó una poderosa bomba en mi casa, que alguien había dejado allí minutos antes junto a la ventana que da a la calle. La relación de la bomba con mis expresiones sobre el Mundial está clara: de lo contrario, los que la pusieron no hubiesen buscado ese momento preciso. Me pregunto: ¿quién pudo tener el suficiente conocimiento de la materia como para tener cierta seguridad de que la Argentina metería no menos de cuatro goles? (lo que no es habitual). ¿Quién tenía entonces suficiente impunidad como para atreverse a poner una bomba a pocos metros de una comisaria tan concurrida como la 33ª, en una calle de mucho tránsito, apenas iniciada la noche? ¿Quién podía tener interés en matarme o amedrentarme? No acuso, pregunto nomás [...] ⁶⁴²

Massera apenas limitou-se a negar as acusações ante os jornalistas, qualificando-as como alucinações paranoicas ⁶⁴³. Um detalhe interessante a se destacar é que as três revistas ilustraram suas reportagens com uma mesma foto da fachada danificada da casa de Alemann. *Gente* e *Siete Días* não apenas reproduziram a imagem como realizaram montagens, nas quais contrapunham com imagens daquela partida. No caso da primeira, o contraste se dava em relação ao gol de Luque, já a segunda elegia a celebração de Massera e Videla nas tribunas. Em ambos os casos, a ideia era similar: contrapor a simultaneidade de um instante decisivo com o atentado, ainda que no caso de *Siete Dias* a escolha da foto com o almirante enfatizava o suposto mandante da ação (Figura 56).

Mais de quatro anos depois, o atentado ecoava em espaços onde havia sido praticamente ignorado. O desvencilhamento discursivo em relação ao *Proceso*, sobretudo entre aqueles que haviam apresentado um alinhamento com proposta narrativa oficial, incitava a adoção de posturas mais críticas, inclusive no tocante ao mundial. Não havia necessariamente um rompimento de sua política-editorial, mas um reposicionamento ante as novas configurações. Como justificou Alemann à *Siete Dias*: “entramos en una época política de cuestionamientos. Se terminó la omnipotencia de mucha gente” ⁶⁴⁴.

de dólares, ao que se somavam mais 100 milhões investidos na ATC e outros 200 milhões em obras direcionadas a aeroportos e ao sistema de comunicações, sem contar valores já previamente investidos nos estádios nos anos anteriores a criação do Ente. Tanto *Gente* quanto *Somos* reverberaram as informações coletadas e as reproduziram em uma tabela disposta em meio a seus artigos (Figura 57).

⁶⁴² CIANCAGLINI, Sergio; MARKIC, Mario. Ahora, el país quiere respuestas. *Gente*, Buenos Aires, n. 894, p. 4-9, set. 1982. p. 7.

⁶⁴³ Ibid., p. 4.

⁶⁴⁴ Massera vs. Alemann: jugada peligrosa. *Siete Días*, Buenos Aires, n. 796, p. 10-13, set. 1982. p. 11.

Figura 56 – Contrapontos da residência de Alemann com a partida entre Argentina x Peru em *Gente* e *Siete Dias*.



Fonte CIANCAGLINI, Sergio; MARKIC, Mario. Ahora, el país quiere respuestas. *Gente*, Buenos Aires, n. 894, p. 4-9, set. 1982. p. 4-5; Massera vs. Alemann: jugada peligrosa. *Siete Dias*, Buenos Aires, n. 796, p. 10-13, set. 1982.

Figura 57 – Tabela com os gastos do EAM e o comparativo com a Copa de 1982 publicado em *Gente*.

* DINERO DESTINADO A LA CUENTA DEL EAM	
ANTERIOR AL 24/3/76	US\$ 4.000.000
1976	US\$ 17.997.570
1977	US\$ 112.784.679
1978	US\$ 275.959.074
1979	US\$ 110.753.608
TOTAL	US\$ 521.494.931
Ingresos	US\$ 9.642.360
Costo	US\$ 511.852.571
(*) Según planillas de documentos oficiales	
Costo del Mundial Argentina '78	US\$ 511.852.571
Costo del Mundial España '82	US\$ 150.000.000
Fuente: DYN	

Fonte: CIANCAGLINI, Sergio; MARKIC, Mario. Ahora, el país quiere respuestas. *Gente*, Buenos Aires, n. 894, p. 4-9, set. 1982. p. 9.

Além de agravar as suspeitas de corrupção ao redor das contas e dos interesses em jogo por trás do evento, as declarações do ex-funcionário também alimentaram as conjecturas sobre a lisura da partida que decidiu a ida do país sede a final. No Brasil, a revista *Veja*, que também havia ignorado o atentado à época, repercutiu as acusações à luz dessa interpretação. Segundo a publicação, a desconfiança do suborno já existia entre os torcedores brasileiros, frustrados pelo resultado, mas agora ela partia também dos argentinos e afirmava que “o primeiro a fazê-las publicamente foi o ex-secretário da Fazenda Juan Alemann”, o qual “disse

que suspeitava do arranjo porque uma poderosa bomba explodira na janela de sua casa, exatamente no momento em que a Argentina fazia seu quarto gol contra o Perú”⁶⁴⁵.

Assim como as conjecturas sobre o assassinato do general Actis em 1976⁶⁴⁶, o embate entre Alemann, Massera e os militares do EAM 78, se converteu em um novo exemplo das disputas internas da ditadura, ao redor da apropriação política da Copa do Mundo. Além disso, a repercussão da crítica proferida pelo funcionário estatal em 1978, e corroborada por alguns sujeitos com alguma voz pública, evidencia a percepção de que, mesmo entre os setores que compunham de alguma maneira as bases de apoio político ideológico do regime, havia compreensões distintas que não assentiam automaticamente com a proposta discursiva oficial predominante nos canais públicos de comunicação. A discordância quanto aos prejuízos econômicos e a apregoada motivação política do torneio estavam longe de compor um discurso inédito ou publicamente desconhecido, em 1978.

7.2 UMA VOZ DISSONANTE CAPITANEADA PELA IMPRENSA BRASILEIRA: O CASO REINALDO

Embora as discussões sobre a situação argentina tenham ocupado espaço significativo entre os veículos de imprensa brasileiros, a atenção sobre os desdobramentos políticos da Copa no país vizinho pouco alcançava as abordagens sobre a participação brasileira no certame. Exemplo disso foi a repercussão concedida à iniciativa do boicote. Mesmo que os diferentes veículos de imprensa reconhecessem as gravidades das acusações e legitimassem as investigações sobre as violações dos direitos humanos, a adesão à iniciativa em si praticamente não foi posta em questão.

Em parte, a atitude reticente pode ser compreendida pelo quadro autoritário imposto ao país desde 1964. Por outro lado, também deve ser considerada a narrativa do local do futebol como prática cultural com forte envolvimento afetivo, uma relação similar à verificada junto aos exilados argentinos investigados por Franco⁶⁴⁷. Sob tal perspectiva, as discussões políticas que mais se aproximaram das abordagens sobre o selecionado brasileiro foram aquelas relacionadas às temáticas caseiras, sobretudo em vista dos crescentes questionamentos ao regime.

⁶⁴⁵ Jogo duvidoso. *Veja*, São Paulo, n. 733, p. 116, set. 1982.

⁶⁴⁶ Conforme o verificado no tópico 3.4.

⁶⁴⁷ FRANCO, 2008.

Por mais que fossem notórias as ligações políticas da estrutura administrativa do futebol, na figura dos dirigentes de clubes e, principalmente, da CBD, os discursos comuns da maioria dos técnicos e jogadores passavam ao largo de questões que ultrapassassem o meramente esportivo. O papel social restritivo atribuído aos atletas profissionais⁶⁴⁸, muitas vezes interiorizado por estes, não previa manifestação de suas ideias e posicionamentos particulares. Indiretamente, impunha-se uma espécie de restrição aos assuntos sobre os quais esses sujeitos estavam autorizados a se manifestar publicamente, o que implicava tanto em espécie de roteirização de suas declarações à imprensa, quanto uma inibição para abordar outras questões. Sob tais leituras, estereotipadas e excludentes, as conjecturas sobre o cenário político-institucional se tratavam de uma dimensão fora de suas capacidades e atribuições, algo com o que não deveriam se meter.

Um dos principais jogadores brasileiros do período, o atacante Reinaldo, do Atlético Mineiro, ganhou significativa relevância entre os veículos de mídia, precisamente por contrastar com tais lugares-comuns, em um momento no qual insurgiam múltiplos focos de contestação e oposição à ditadura no Brasil. Criado no clube de Minas, desde as categorias de base, o jogador também destoava pela juventude – 21 anos completos em janeiro de 1978 – e começava a se firmar como um dos grandes craques do futebol nacional. Embora já tivesse passagens prévias pela seleção principal – havia disputado a Copa América de 1975, com Oswaldo Brandão –, foi a partir de 1977, já sob a tutela de Cláudio Coutinho, que Reinaldo passou a figurar como uma das esperanças da equipe para a Copa. Uma posição potencializada pelo grande desempenho no campeonato brasileiro daquele ano, quando se sagrou vice-campeão e artilheiro, com impressionantes 28 gols em 18 jogos disputados.

Segundo observa Euclides de Freitas Couto⁶⁴⁹, no mesmo período em que crescia a notoriedade do atacante em virtude do desempenho nos gramados, ele também angariou atenção ao externar suas posições políticas e ideológicas à imprensa de Minas Gerais. Sintonizado com algumas das principais temáticas em voga no país no momento, Reinaldo expressou-se abertamente em favor da anistia de exilados políticos, ao voto direto e ao fim da ditadura. Pleitos de particular importância às esquerdas, ainda que não fossem exclusivas a elas. Na análise proposta pelo pesquisador, o centroavante atleticano foi um dos jogadores, ao

⁶⁴⁸ Tal percepção dialoga com a compreensão corrente do futebol como um espaço de ascensão socioeconômica, no qual predominariam sujeitos oriundos de classes mais pobres, cujo destaque se daria por sua capacidade atlética em contraste com graus supostamente menores de instrução, arcabouço cultural e esclarecimento.

⁶⁴⁹ COUTO, Euclides de Freitas. A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978). *Recorde: Revista de História do Esporte*, [S.l.], v. 3, n. 1, jun. 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/744/685>>. Acesso em: 10 mar. 2016; COUTO, 2014.

longo da década de 1970, a adotar atitudes de protesto e resistência capitalizados simbolicamente pela esquerda brasileira, como um catalizador de suas aspirações ideológicas.

Embora os posicionamentos de Reinaldo já fossem conhecidos entre a crônica regional, eles logo ganharam maior circularidade em veículos de propagação nacional. Um dos momentos mais significativos, na exteriorização dessas posições, se deu através do alternativo *Movimento*. Notabilizado pelo engajamento no combate à ditadura e pela proximidade com movimentos sociais de esquerda, o jornal trouxe um artigo sobre o atacante como uma das principais reportagens de sua edição n. 140, em março de 1978. Apesar de o futebol figurar como um tema periférico no periódico, Reinaldo foi retratado como motivo da capa do exemplar (Figura 58). Ao lado da foto do jogador, estava o seguinte texto: “Reinaldo (atacante do Atlético), bom de bola (é o artilheiro do campeonato) e bom de cuca (diz que o povo sabe votar e defende a constituinte)”⁶⁵⁰. Reinaldo apresentava uma junção rara entre a paixão esportiva popular e a estimada consciência política, tão desejada pelas esquerdas. Dentro de campo, despontava como um novo craque do principal esporte e do país e, fora dele, manifestava-se favoravelmente às principais reivindicações da publicação.

Figura 58 – Reinaldo nas capas de *Movimento* n. 140 e n. 144.



Fonte: *Movimento*, São Paulo, n. 140, mar. 1978; *Movimento*, São Paulo, n. 144, abr. 1978.

O primeiro parágrafo do artigo buscava pontuar a percepção do craque atleticano, como um personagem diferente dentro do esporte nacional: “Não são só suas qualidades futebolísticas vem chamando a atenção. Bastante inteligente, Reinaldo vem se sobressaindo

⁶⁵⁰ *Movimento*, São Paulo, n. 140, mar. 1978.

fora dos gramados por suas ideias, pelo seu interesse em se informar e tomar posições diante de tudo que o cerca”⁶⁵¹. A construção narrativa do artigo de Aloísio Moraes costurava as declarações do jogador em meio à redação, com o intuito de caracterizá-lo como um sujeito politizado, antenado aos debates políticos mais atuais. Nesse sentido, dissociava Reinaldo da imagem comumente atribuída ao jogador de futebol, alienado por excelência e avesso ao envolvimento político.

Entretanto, antes de abordar as compreensões sobre temas mais amplos, a matéria se voltava para as opiniões do atacante sobre as próprias configurações do futebol no país, ou seja, seu meio de atuação profissional. Nesse sentido, enfatizava que Reinaldo era um crítico da estrutura do futebol brasileiro, centrada nos interesses dos dirigentes e grandes clubes, em detrimento do jogador. O Campeonato Brasileiro foi um dos pontos utilizados para demonstrar seu desacordo:

Considerando o Campeonato Nacional “bastante estafante e anti-democrático, onde o jogador se torna um simples objeto nas mãos dos dirigentes que nunca suaram uma camisa em campo”, ele reclama que o jogador, principal elemento do futebol ainda não tenha participação nas decisões sobre a sua vida profissional. “Muitas vezes a gente não pode dizer o que pensa porque é levado pela máquina. Aqui no Brasil o esquema é muito forte e é difícil desfazer uma imagem criada”.⁶⁵²

Embora nem a CBD ou Heleno Nunes fossem citados nominalmente, o paralelo entre as condições impostas à modalidade e à gestão centralizada do desporto aparecia como um dado implícito, assim como a ingerência do regime. Em consonância com a imagem politizada do jogador, a narrativa enfatizava a compreensão de uma consciência de classe, também cara às esquerdas, presente nos protestos de Reinaldo. Além das críticas ao sistema, condenava o individualismo e sustentava a união dos jogadores em associações organizadas, em moldes sindicais, que advogassem coletivamente por seus direitos. Em termos da atividade futebolística, um contraponto entre os jogadores/trabalhadores e os dirigentes/patrões.

Por essas e outras Reinaldo acha que a classe deveria ser representada junto às entidades de futebol através de entidades associativas “para que o jogador tenha controle sobre seus destinos e interesses, porque geralmente os dirigentes atuam emocionalmente e nem sempre racionalmente, prejudicando o futebol e submetendo os jogadores a jornadas estafantes que só interessam ao clube”. Comentando a tendência da política do futebol brasileiro de se incentivar os grandes clubes através da construção de grandes estádios, deixando em segundo plano os times pequenos,

⁶⁵¹ MORAIS, Aloísio. Reinaldo, bom de bola e bom de cuca. *Movimento*, São Paulo, n. 140, p. 8-9, mar. 1978. p. 8.

⁶⁵² *Ibid.*, p. 8-9.

Reinaldo observa que este comportamento é bastante prejudicial, porque “assim uns vão ficando mais fortes e outros mais fracos. Os grandes estádios são construídos para concentrar muita gente, se formar o ídolo e assim desviar a atenção a respeito de outros problemas”.⁶⁵³

Afinado com parte da ideologia revolucionária de inspiração marxista, a fala de Reinaldo também deixava transparecer o entendimento corrente do futebol enquanto lugar de manipulação política das massas, ainda que o próprio jogador fosse um exemplo a romper com essa interpretação, quase como uma das exceções dentro do sistema a confirmar a regra. No discurso construído por Moraes, entretanto, o futebolista surgia como uma inovação dentro do esporte, um craque nascente que, além de despontar como um expoente técnico, florescia como uma referência de consciência política para a população.

Quase como uma forma de corroborar com a perspectiva do novo craque, “bom de bola e bom de cuca” como anunciava o título, o artigo o contrapunha a outro extremo: Pelé. Na abordagem delineada por *Movimento*, ao longo de sua carreira, o “Rei” havia se notabilizado pela omissão nos assuntos que escapavam ao futebol, reiterando em diversas ocasiões aversão à política e a temas afins. Já aposentado, converteu-se em um bem-sucedido homem de negócios, cujas declarações político-públicas aparentavam uma volatilidade submissa a seus interesses comerciais privados de momento, combinados a uma docilidade com as forças estabelecidas no poder. Em dezembro de 1977, o alternativo havia veiculado uma matéria, também nota de capa, na qual contestava rigorosamente as posturas públicas do craque no período:

[...] A quem pagar bem, Pelé estará alugando sua imagem – de quebra, fornece seu repertório ideológico, de que constam afirmações peremptórias como:

– Considero que o povo brasileiro é ainda pouco interessado em política e despreparado para a escolha dos seus dirigentes. Aqui, ainda se vota pela amizade, não se escolhe o candidato pelos seus méritos. Entendo, por isso, que o povo não pode exigir, dos seus dirigentes, se não soube escolher.

Ideia não é como talento. Talvez por isso, Pelé esteja levando sonoros dribles de suas próprias gafes, desmentindo sempre o que disse na véspera. Ou pior: atribuindo à imprensa, deformação de suas palavras. Semana passada, ele voltou a se confessar apolítico – como se o contrário fosse qualidade condenável. E se mostrava favorável a eleições, numa guinada total, em relação ao seu pronunciamento de Brasília, em fins do mês passado:

– Voto direto é o que todo mundo quer. Mas é preciso muita consciência. É preciso pensar na hora do voto.⁶⁵⁴

Sob tal aspecto, Reinaldo era retratado como uma figura antinômica do Rei. Não só afeito à manifestação de suas convicções, como enaltecia a importância do debate político,

⁶⁵³ Ibid., p. 9.

⁶⁵⁴ KINJÓ, Celso. Apenas um empresário? *Movimento*, São Paulo, n. 128, p. 10, dez. 1977.

com evidente inclinação ao ideário socialista próprio dos discursos revolucionários de esquerda. Se Pelé titubeava ao firmar posições ao adotar posturas esquivas e conciliadoras, o jovem jogador escancarava suas opiniões.

Em resposta às indagações de Aloísio Moraes, chefe de redação do periódico em Belo Horizonte, manifestou-se amplamente favorável à anistia – “porque em tudo deve haver oposição, pois é assim que surgem novas ideias e caminhos diferentes”; à convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte – “nós temos que depositar confiança em quem votamos para sermos retribuídos de alguma forma, nem que as futuras gerações sejam beneficiadas”; e também à distribuição de renda – “a gente dá mais lucro para o dono e o salário não dá. Você trabalha oito horas e o patrão só paga o salário que na verdade só corresponde a uma hora de serviço. Devia-se dar mais atenção para esse problema porque a coisa não pode ficar assim”.⁶⁵⁵

O incremento da participação popular no processo político, bem como a valorização das opiniões do “povo” se sobressaíam enquanto eixos narrativos principais. O contraste com a postura pública de Pelé foi destacado, quando o assunto foi o voto direto. Ao abordá-lo, demarcava-se tanto a reprovação à ditadura – “eles fizeram o povo se afastar da política”⁶⁵⁶ –, quanto sua postura em favor da abertura política à atuação popular:

Afirmando que Pelé se perdeu no meio de seus assessores e por isto não tem opinião própria, “pois no futebol é muito difícil preservar a personalidade”, Reinaldo, ao contrário de Pelé, acha que o povo brasileiro está preparado “como sempre estava” para votar. “Eles fizeram o povo se afastar da política mas é claro que o povo tem maturidade para votar. Isso já foi demonstrado diversas vezes no passado e não é possível que quem já votou uma vez vá ficar imaturo depois de velho. Está na hora de aproximar todo mundo das decisões políticas. O povo tem sua opinião e essa opinião deve ser respeitada”.⁶⁵⁷

O artigo de *Movimento* havia saído às bancas em um momento quando o jogador se encontrava em grande evidência. Um dia antes, Atlético Mineiro e São Paulo haviam disputado a final do Campeonato Brasileiro e a ausência de Reinaldo, suspenso após o julgamento de uma expulsão ocorrida na terceira fase, era lamentada pela crônica especializada. A isso se somava a preparação da seleção comandada por Coutinho, que aguardava o encerramento do torneio, para incorporar o artilheiro e o demais convocados dos clubes finalistas ao plantel.

⁶⁵⁵ MORAIS, Aloísio. Reinaldo, bom de bola e bom de cuca. *Movimento*, São Paulo, n. 140, p. 8-9, mar. 1978.

⁶⁵⁶ Ibid., p. 9.

⁶⁵⁷ Id.

De acordo com a análise de Couto, os comentários de Reinaldo encontraram profícua repercussão e acenderam a polêmica quanto à livre manifestação dos jogadores, especialmente daqueles que representavam o escrete nacional⁶⁵⁸. Uma querela alimentada pelos rumores de que o jogador, com problemas físicos⁶⁵⁹ e um rendimento aquém do esperado nos treinos e jogos preparatórios, corria o risco de corte. Embora Coutinho reiterasse a cada entrevista que contava com o atacante e confiava em sua recuperação, o presidente da CBD, Heleno Nunes, confidenciou a jornalistas que, caso não apresentasse melhora na série de amistosos disputados na Europa, Reinaldo corria sérios riscos de exclusão do grupo⁶⁶⁰. Conforme a apuração realizada por Euclides Couto⁶⁶¹, também presente em diferentes veículos de mídia da época, o tema gerou grande repercussão em Minas, onde a crônica especializada não deixou de protestar contra o “boicote” ao artilheiro atleticano.

Ainda que o próprio almirante e demais representantes da cúpula da entidade reiterassem que tais conjecturas dependiam da decisão do treinador, não havendo qualquer tipo de pressão oficial ou restrições de outra ordem, propagava-se a compreensão paralela de que o “excesso de fala” política do jogador, destacada na matéria do alternativo, poderia ser um dos fatores preponderantes para seu afastamento. Entre os argumentos que sustentavam tais leituras estavam os vínculos políticos do próprio presidente da CBD. Além disso, a

⁶⁵⁸ Uma amostra interessante dessa questão foi retratada pelo *Jornal do Brasil*, em sua edição de 29 de março. O diário trouxe uma nota, na qual reportava os comentários sobre a política nacional de diversos integrantes do escrete. Como o próprio título do texto já anunciava, “Quando o assunto é política, a maioria quer ficar na reserva”, a maioria dos jogadores eximiram-se de emitir opinião, alguns com surpresa ou mesmo receio, reações que poderiam ser tomadas como indícios do cenário autoritário e restritivo, ainda em vigor no país e também no esporte. Segundo o texto: “Há pouco mais de dois meses do início da Copa da Argentina – uma Copa de forte conotação política – e em pleno debate interno sobre a anunciada redemocratização do país os jogadores da Seleção Brasileira, por falta de informação, temores mal definidos, ou por simples falta de hábito, não participam deste tipo de problema e, em grande maioria, isolam-se em suas preocupações exclusivamente esportivas. Há exceções, contudo: Leão, recentemente filiado à Arena, acha que mais do que nunca o jogador precisa se dedicar aos assuntos políticos; Reinaldo é a favor da anistia e garante que ela virá mais cedo ou mais tarde; e Zico espera para breve a redemocratização. Ao mesmo tempo, Toninho se espanta a simples colocação do assunto e Dirceu, finalmente diz que seu único interesse são as telenovelas”. Além dos jogadores, a nota também se voltou para o técnico Cláudio Coutinho. Militar da reserva, Coutinho afirmou que não falava de política e, despropositadamente ou não, deixou subentendida sua reprovação aos esportistas que tomavam parte no assunto: “Por causa do meu cargo [não fala de política]. Tudo que o técnico da Seleção Brasileira fala, seja ele quem for, tem uma repercussão enorme e, muitas vezes nem é bem interpretado. Pode servir aos mais variados interesses. Tenho minhas convicções sobre tudo que se passa, mas elas ficam para mim. [...] Não gosto que políticos falem de futebol, assim como não gosto de que os que estão no esporte se manifestem sobre política”. Quando o assunto é política, a maioria quer ficar na reserva. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1978, p. 32.

⁶⁵⁹ Ao longo de toda a carreira, o jogador sofreu com lesões. Nessa época, ainda aos 21 anos, já havia passado por cirurgias nos joelhos e no tornozelo que, segundo as notícias, também comprometiam sua recuperação muscular, e dependiam de um acompanhamento físico constante e diferenciado para poder atuar em seu clube.

⁶⁶⁰ Ao noticiar o tema, em sua edição de 29 de março, o carioca *Jornal do Brasil* reportava a seguinte fala ao mandatário da CBD: “Técnicamente, Reinaldo é muito bom [...] mas tem problemas nos joelhos. Coutinho me confidenciou que o submeterá a testes durante a excursão e, se ele não resistir, será afastado da equipe”. Heleno admite que Reinaldo é a maior preocupação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 mar. 1978, p. 41.

⁶⁶¹ COUTO, 2010; 2014.

imagem de Nunes, como uma figura centralizadora e autoritária na condução da entidade, já enaltecida por parte da imprensa durante a disputa das eliminatórias, contribuía para que a tese de uma intervenção verticalizada sobre o trabalho de Coutinho ganhasse força narrativa. Sob esse aspecto, eram lembradas as conexões do cartola com o Vasco e sua predileção, como torcedor, por Roberto Dinamite, de fora das últimas convocações. A revista *Veja*, da primeira semana de abril, foi uma das publicações a repercutir o caso e apontar as distintas versões sobre os fatores que teriam motivado as declarações do almirante:

Segundo alguns, trata-se de um complô contra Reinaldo em benefício da volta à seleção do centroavante Roberto, do Vasco da Gama, clube de Heleno Nunes. Por outro lado, houve quem visse no episódio um momento de delirante arbítrio: Reinaldo teria de ser imolado por uma entrevista concedida ao semanário *Movimento* em que falou sobre futebol e também sobre anistia, eleições e Constituinte.⁶⁶²

Embora a influência de questões políticas tenha sido negada pelos integrantes da CBD e refutada pela maior parte da imprensa, o fato é que a especulação ao redor dessas motivações fortaleceu a imagem contestadora de Reinaldo. Sob esse aspecto, a junção entre a atitude crítica e engajada, atribuída ao jogador por *Movimento*, bem como as especulações sobre sua provável exclusão, adquiriram força narrativa na denúncia e debate públicos promovidos por setores da sociedade civil, que se rearticulavam em defesa da redemocratização.

A reação do próprio alternativo à probabilidade de corte do centroavante enfocava esse tensionamento político-discursivo de uma questão, a princípio, de ordem esportiva. Na primeira semana de abril, a revista deu ao jogador novamente o destaque de capa (Figura 58): “Escândalo na seleção. O craque deu entrevista falando de política, Heleno Nunes não gostou e diz que vai cortá-lo”⁶⁶³.

Internamente, o artigo do semanário recuperava o caso e trazia diferentes opiniões, sobretudo mineiras, que corroboravam com essa visão – “para muita gente, o principal motivo da investida de Heleno Nunes contra Reinaldo foram as recentes declarações do jogador a *Movimento* [...] defendendo a anistia, a Constituinte e o direito do povo a eleger seus representantes e participar das decisões políticas”⁶⁶⁴. Além disso, dizia que, desde sua incorporação, havia uma “má vontade” da direção da seleção brasileira, que não atentou para

⁶⁶² Mudança de rumo. *Veja*, São Paulo, n. 500, p. 49, abr. 1978.

⁶⁶³ *Movimento*, São Paulo, n. 144, abr. 1978.

⁶⁶⁴ BRAGA, Teodomiro; MORAIS, Aloísio. Por que querem afastar Reinaldo? *Movimento*, São Paulo, n. 144, p. 5, abr. 1978.

as particularidades que o impediriam de seguir um treinamento regular. Sob tal ótica, os problemas físicos que comprometiam o rendimento do atacante eram antes resultado da displicência da comissão técnica, do que de uma inaptidão do jogador⁶⁶⁵.

No número seguinte, a publicação trouxe mais dois artigos que repercutiam a questão e tomavam partido em favor da aberta manifestação dos atletas. O primeiro mirou os dirigentes, acusando justamente os vínculos políticos, arquitetados em relação aos postos ocupados à frente de clubes e federações, uma prática que contrariava o argumento comum toscamente levantado contra os jogadores, de que estes não deveriam se ocupar da política, apenas do futebol. A matéria recordava diversos exemplos em que o futebol foi utilizado como uma ponte eleitoral ou como espécie de moeda de troca, em articulações político-partidárias – “usando ídolos, enganando a torcida e manipulando verbas os cartolas usam e abusa do futebol como trampolim para a política”⁶⁶⁶. Entre os exemplos, o autor destacava o caso de Heleno Nunes e das negociatas, que cercaram o campeonato nacional nos últimos anos. O fechamento do texto, inclusive, antecipava categoricamente que tais estratégias se repetiriam no pleito legislativo daquele ano: “Nas próximas eleições de novembro, o futebol estará sendo amis uma vez utilizado pela Arena”.

Não foram poucos cartolas que, nesta polêmica provocada pelo caso Reinaldo, manifestaram-se a favor de que o jogador se limite a jogar futebol, deixando de lado a política. De outro lado, no entanto, apesar desta ojeriza a participação do jogador na política, os cartolas usam e abusam do futebol como trampolim para a política [...].

O exemplo mais vivo dessa utilização do futebol como arma política é o do próprio presidente da CBD, almirante Heleno Nunes, que acumula o cargo de presidente da Arena do Rio de Janeiro. Manipulando autoridade todo o futebol profissional brasileiro, Heleno Nunes cometeu a façanha de excluir, do Campeonato Brasileiro de 1976, o representante de Brasília, que não teve eleições municipais por ser distrito federal. Neste ano eleitoral, o número de partidos elevou-se a 72, unindo-se equipes sem a mínima condição competitiva – Pelotas, Itabuna e Campina Grande são exemplos típicos. A nível regional, os dirigentes de federações se articulam para ajustar a máquina do futebol aos interesses do poder – no caso, do partido oficial.⁶⁶⁷

Já o texto seguinte, mais curto, repercutia algumas manifestações favoráveis ao jogador e atestava amplo alcance do assunto. Uma das principais ocorreu na Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte, onde parte dos alunos engrossaram o coro à defesa da expressão política do jogador. Segundo a nota, os estudantes teriam pichado nas paredes do campus frases como “abaixo a repressão, Reinaldo na seleção” e “por que

⁶⁶⁵ Id.

⁶⁶⁶ KINJÔ, Celso. Se jogador é para jogar futebol, então o que é que os cartolas estão fazendo na política? *Movimento*, São Paulo, n. 145, p. 20, abr. 1978.

⁶⁶⁷ Id.

Reinaldo não pode ter opinião política”⁶⁶⁸. Também destacava a análise sugerida pelo escritor Roberto Drummond ao jornal o Estado de Minas, segundo o qual a reverberação pública das opiniões do jogador compiladas pelo semanário alternativo havia prevenido a saída do atleta do escrete, pois sua exclusão do grupo, naquele momento, o converteria em um mártir da oposição de grande apelo popular⁶⁶⁹.

Em acordo com a reflexão proposta na época por Drummond, Couto também concluiu que os defensores do jogador, notadamente a partir dos veículos de mídia, empregaram a opinião pública como uma arma para pressionar a CBD⁶⁷⁰ e que foi justamente o clamor público ao redor do jogador, que havia impedido o presidente da entidade de aplicar-lhe quaisquer sanções⁶⁷¹.

Essas situações desvelam a construção do jogador como um símbolo político de contestação à ditadura, bem como as formas com que essa imagem foi proficuamente operacionalizada nas narrativas de alguns grupos de esquerda no período. Ainda que não versassem diretamente sobre a Copa, eram justamente os rumores sobre o corte de um jogador que disputaria a competição por razões políticas, que potencializava os discursos contestatórios elaborados sobre o episódio propagados publicamente.

Em abril, após voltar de uma sequência de partidas no exterior, Coutinho apresentou uma lista com algumas modificações e 23 convocados, que passaram a se concentrar para a disputa do mundial⁶⁷². Reinaldo foi mantido, mas passou a ter também a companhia de Roberto. Ainda que não houvesse dúvidas de que ambos tinham qualidades para integrar o grupo, deixando-se de lado as diferentes predileções da torcida e da crônica especializada, a impressão tácita era que, de alguma maneira, a lista havia sido formada também de modo a

⁶⁶⁸ MORAIS, Aloísio. “Por que Reinaldo não pode ter opinião política?”. *Movimento*, São Paulo, n. 145, p. 20, abr. 1978.

⁶⁶⁹ “E se eu disser a vocês que foi exatamente a entrevista ao jornal Movimento, defendendo a anistia, eleições diretas, etc., que se salvou a cabeça de Reinaldo? E se eu disser a vocês que, se não fosse a entrevista de Reinaldo ao Movimento e a repercussão da entrevista agora, Reinaldo estaria queimado, sem razão, é certo, na seleção? E se eu disser a vocês que os líderes do partido do almirante Heleno Nunes chegaram a conclusão de que, se Reinaldo for dispensado, a esta altura, se transformará na grande bandeira do partido da oposição em todo o Brasil?”. MORAIS, Aloísio. “Por que Reinaldo não pode ter opinião política?”. *Movimento*, São Paulo, n. 145, p. 20, abr. 1978.

⁶⁷⁰ COUTO, 2010, p. 17-18.

⁶⁷¹ Ibid., p. 19.

⁶⁷² Com 23 convocados para os treinos ainda permanecia a dúvida sobre quem seria cortado até a definição dos 22 para a Copa. Com três centroavantes, Reinaldo e Nunes, somados a chegada de Roberto, o mais provável era que um desses tivesse que deixar o grupo. Segundo noticiava a imprensa, Reinaldo contava com o apreço de Coutinho para a montagem do time considerado ideal e mostrava sinais de recuperação com um treinamento intensivo elaborado, especificamente pela comissão técnica e o auxílio de equipamentos modernos. No final das contas, já em maio, justamente quando cresciam as pressões, sobretudo desde as declarações de “torcedor” do presidente da CBD que exigia uma breve definição, Nunes sofreu uma lesão no tornozelo a poucos dias do anúncio da lista definitiva e acabou dispensado.

acomodar os diferentes interesses em disputa e atender a opinião pública favorável à manutenção do atletismo.

Entretanto, talvez o principal argumento do incômodo, causado pelas manifestações de Reinaldo em *Movimento*, tenha sido dado pelo próprio semanário poucos meses depois, já com o mundial em andamento. Em 1978, *Movimento* ainda era um dos poucos periódicos submetidos à ferrenha censura prévia oficial. Em meio a Copa, a administração Geisel aboliu censura prévia aos veículos de mídia impressa, suspendendo a ação também sobre o alternativo. O exemplar n. 154 da publicação estampava em sua capa o fim da censura e anunciava uma série de reportagens sobre a “história dos três anos da censura em Movimento”. Embora ponderasse que a medida remetia a um quadro de efetiva liberdade de imprensa⁶⁷³, a iniciativa do jornal em expor minuciosamente os efeitos da dura e, por vezes, tanto paranoica quanto ridícula ação censória sobre suas páginas era uma forma de desnudar publicamente as lacerações repressivas da ditadura.

Contudo, apenas a edição seguinte, n. 155, foi efetivamente a primeira a chegar às bancas, pelo próprio tempo hábil de confecção, “totalmente planejada e executada sem censura”⁶⁷⁴. O semanário dava sequência ao especial lançado no número anterior, com um dos textos enfocando nos cortes efetuados aos temas de impacto, os assuntos em evidência a cada semana. Nesse tópico destacava diversos acontecimentos políticos e sociais sobre os quais o semanário teve materiais totalmente vetados ou radicalmente restringidos, casos, por exemplo, da morte do ex-presidente Juscelino Kubitschek e do jornalista Vladimir Herzog. Em meio a estes, o jornal destacava em um quadro à parte o caso específico da matéria sobre Reinaldo. Sob o sintomático título “Ídolo para a torcida, subversivo para a censura” e uma foto do jogador, a nota relatava o seguinte:

Em março passado, como se lembra, publicamos um extenso artigo com o centroavante Reinaldo, do Atlético e da seleção, contendo diversas declarações do jogador acerca da situação política do país. Algumas semanas depois, devido a enorme repercussão das declarações de Reinaldo, tentamos publicar a íntegra de toda a entrevista, concedida ao chefe de nossa redação em Belo Horizonte, Aloisio Moraes. Mas aí a Censura não deixou: vetou integralmente a entrevista, mesmo declarações que haviam sido publicadas em março no número 140.⁶⁷⁵

⁶⁷³ Segundo o artigo, o objetivo real do governo era “manter o quadro atual da imprensa”, ou seja, “o estágio que ele conseguiu depois de anos de pressão e censura violenta”. ⁶⁷³ Três anos de resistência. *Movimento*, São Paulo, n. 154, p. 13, jun. 1978.

⁶⁷⁴ *Movimento*, São Paulo, n. 155, jun. 1978.

⁶⁷⁵ Cortando o que produz impacto. *Movimento*, São Paulo, n. 155, p. 12-13, jun. 1978. p. 12.

Mesmo que as falas do atacante não tenham impactado diretamente nas especulações a respeito de sua saída, junto à direção do escrete e à cúpula da CBD, a nota deixava evidente que os conteúdos políticos de suas declarações ao alternativo foram, sim, encarados como um incômodo pelo aparato repressivo da ditadura, afinal, coadunavam com as principais propostas e discursos da esquerda. Da mesma forma, também atesta que a polêmica levantada ao redor da manifestação política de Reinaldo havia causado significativo eco público, de modo que houve uma preocupação de que a retomada do tema pudesse ser capitalizada discursivamente pelo periódico como franco opositor ao regime.

Outro episódio, que corrobora com esse incômodo, foi rememorado pelo jogador anos depois e narrado em diversas ocasiões. Após um último amistoso em Porto Alegre, contra um combinado gaúcho, a seleção partiria para Mar del Plata, onde iria disputar a primeira fase da Copa. O presidente Geisel viajou até o Rio Grande do Sul, para se despedir da delegação brasileira e acompanhar o jogo. O encontro se deu no palácio Piratini, sede do governo estadual. De acordo com a nota publicada no *Jornal do Brasil*, o general pediu aos jogadores que pusessem de lado “sentimentos pessoais para fazer um trabalho de equipe que realmente possa trazer a vitória”, e depois os cumprimentou individualmente⁶⁷⁶. É precisamente sobre este breve contato, que o atacante atleticano versa em suas memórias, com um misto de espanto e medo diante das recomendações do próprio ditador:

[...] aí nós fomos despedir para ir para a Copa do mundo de 78, despedir do general Geisel, e ele de farda oliva, general mesmo, de quepe de tudo. E o Ney Braga falou, nós vamos lá te apresentar para o presidente, o general lá. Aí chegamos, “esse é o menino Reinaldo, tal”. “Ah, esse que é o menino? Você joga muito bem, você vai jogar bola, mas não mexe com política, não fale de política, deixa que a gente resolve as questões políticas. Vocês jogam bola.” “Tá bom, sim senhor.”⁶⁷⁷

Assim como a revelação da censura à divulgação da entrevista por *Movimento*, o episódio relatado por Reinaldo reitera o incômodo causado pela manifestação pública, desta vez pela principal liderança do regime. Ao mesmo tempo em que a rememoração e narração tardia do episódio contribui para analisar a importância de sua manifestação política no período, diferenciando-o dos demais jogadores, também atua no sentido de reafirmar a imagem contestatória e revolucionária narrada pelas esquerdas, corroborada, com orgulho, pelo próprio personagem.

⁶⁷⁶ Geisel lembra como a Copa é importante. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 maio 1978, p. 24.

⁶⁷⁷ LIMA, José Reinaldo. *José Reinaldo de Lima* (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2012. 33 p. p. 15.

Ainda que o diálogo tenha ficado registrado na memória do jogador, o conselho de Geisel pareceu não ter surtido grande efeito. Com o escrete já em meio à disputa, o mesmo *Jornal do Brasil* divulgou uma entrevista realizada com o jogador no aeroporto⁶⁷⁸, às vésperas do embarque para o país platino, ou seja: imediatamente após a rememorada despedida do general. Entre diversos aspectos comentados pelo jogador, foram novamente os conteúdos políticos de suas falas que ganharam maior atenção. Em sintonia com os discursos de parte das esquerdas tradicionais, Reinaldo acusava o uso político do esporte enquanto fenômeno massivo, em perspectiva tanto do ano eleitoral quanto, partindo-se das memórias narradas pelo jogador, de suas impressões diante da recente repercussão de suas falas e da última reunião com o presidente:

- Nós, jogadores, somos cabos eleitorais do Governo. Se ganharmos a Copa, ele usará a nossa vitória, Sei muito bem disso.
- É que não sou pino de boliche. Então eu falo. E dei uma entrevista *pesada* ao *Movimento*. Depois senti aquele silencio. Ninguém me falou nada diretamente, não precisava. Mas senti o jogo: foram dando corda, que nem a gente faz com a isca, para pescar. Só que eu sou um peixe esperto.
- Sabia que ia ter repercussão. Foi negativo no futebol e positivo fora, exatamente como pensei. Mas esperei bastante para falar, sabia que viria uma fase de maior abertura política. [...] De repente percebi que devia mostrar imagem melhor do jogador. Por que eu só posso jogar bola? É uma vida triste, essa.
- Você sabe melhor do que eu, futebol é religião, é ópio no Brasil. E esta aí a atual conjuntura, sou muito mal interpretado. Está bem, o Pelé não tomou posição, poderia mas não quis. Posso condená-lo? Ele é antes de tudo um jogador e primeiro deve se preocupar com a posição.
- É duro, a gente não deixa de ser cabo eleitoral do governo. Mas não posso condenar o Pelé, a gente corre riscos e eu estou preocupado comigo. Um jogador é condicionado, não pode ser um romântico, já está no meio da máquina.
- O motivo não é outro senão o fato de eu ter 21 anos, fazendo parte de uma geração que não conheceu o Brasil antes de 1964. De repente, sou jogador com pretensões à carreira de mocinho, começando a fincar o pé, fazendo parte de uma seleção que é, indiretamente, o Governo. E eu não quero passar pelo futebol de qualquer maneira.
- Querem um ídolo que não incomode ninguém, é difícil para mim. Você pergunta o que eu vou fazer? Mentir? O melhor para eles seria eu ficar quieto. O que doeria de qualquer forma. Falar ou não falar, incomodar ou não incomodar. Vésperas de eleição, não é? Vamos falar de futebol?⁶⁷⁹

A matéria da jornalista Norma Curi, que reportava a conversa, foi às bancas em um espaço significativo do jornal, abrindo o *Caderno B*, suplemento cultural com a colaboração de diferentes personagens, como artistas, críticos e intelectuais. Como o próprio texto expunha, Reinaldo parecia que nem sempre era contido pelos mandamentos da CBD, que sob

⁶⁷⁸ Na semana seguinte, a publicação da entrevista, *Movimento* reverberou a nota e recortou alguns dos trechos com as declarações mais impactantes do jogador. Reinaldo volta a falar: “Futebol é o ópio no Brasil”. *Movimento*, São Paulo, n. 154, p. 11, jun. 1978.

⁶⁷⁹ CURI, Norma. Reinaldo: um cabo eleitoral inconformado. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 jun. 1978, p. 30.

os olhares de Heleno Nunes, tentava impor uma disciplina rígida e coibir quaisquer manifestações dos jogadores que rompessem a ordem hierarquicamente estabelecida na equipe. Ao acusar a identificação entre o governo e a seleção, ou mesmo ao referir que sentia o “jogo” e que “o melhor para *eles* seria eu ficar quieto”, o jogador atestava o desconforto causado em um meio no qual interesses político-institucionais e esportivos se entrelaçavam, envolvendo tanto representantes do governo quanto os cartolas. Em perspectiva de suas declarações e memórias, não é de se surpreender que no meio de suas falas reproduzidas pelo jornal reconhecesse: “a gente corre riscos e estou preocupado comigo”.

O “caso Reinaldo”, como poderíamos nomeá-lo e como nos apresenta o trabalho de Euclides de Freitas Couto, é tanto singular do ponto de vista da organização esportiva no Brasil, quanto emblemático das preocupações e debates políticos em vigor naquele momento. Nesse cenário, o jovem expunha posicionamentos que o afastavam do lugar comum atribuído ao futebol, como um espaço apenas de alienação. Em evidente desagrado aos dirigentes esportivos, representantes de um espaço político-ideológico convergente com o regime, as falas do jogador mobilizaram a construção de discursos de uma imprensa, seja ela localizada mais a esquerda – caso evidente de *Movimento* – ou da direita liberal, que tinham no protesto contra a ditadura bandeiras relativamente comuns: a liberdade de expressão, a anistia a presos e exilados e uma reforma constitucional com o retorno de eleições diretas. Por isso mesmo é pertinente notar que as narrativas articuladas nos diferentes veículos de comunicação, a partir das falas de Reinaldo, pouco ou nada repercutiram o intenso embate externo sobre a própria Copa da Argentina⁶⁸⁰.

A relação afetiva de Reinaldo com o esporte, bem como com os seus aficionados, não inviabilizava seu discurso, mas potencializava sua voz como representação legítima e popular, sobretudo aos olhos e construções narrativas de uma imprensa politicamente engajada. Naquele momento, e sob essas construções específicas, o centroavante do selecionado nacional emergia como uma representação passional e política dos próprios anseios do “povo brasileiro”. Retomando a fala de Tostão, resgatada por *Movimento*: se os dirigentes, políticos e esportivos, não gostaram da fala do jogador, “a maioria do povo é a favor do que ele disse e certamente gostou”⁶⁸¹.

⁶⁸⁰ Nesse ponto, fica a dúvida sobre o efetivo conhecimento por parte do jogador sobre as denúncias proferidas contra o país sede e os questionamentos quanto à realização do mundial. E, de maneira análoga, qual eram seus posicionamentos a respeito da proposta de boicote, do uso político do evento por parte do *Proceso* e de que maneira entendia a sua participação e a da seleção brasileira em uma competição organizada por uma ditadura.

⁶⁸¹ BRAGA, Teodomiro; MORAIS, Aloísio. Por que querem afastar Reinaldo? *Movimento*, São Paulo, n. 144, p. 5, abr. 1978.

7.3 PARALELOS NARRATIVOS ARGENTINOS: CARRASCOSA, ALONSO E MARADONA

Na Argentina, o paralelo mais próximo ao episódio envolvendo Reinaldo ocorreu com o então capitão da equipe, Jorge Carrascosa. Homem próximo de Menotti desde os tempos de Huracán, o defensor pediu dispensa do selecionado ao início 1978⁶⁸². Durante semanas, o jogador evitou conversar com a imprensa e emitir uma explicação mais detalhada. Já ao final de janeiro, falou sobre o tema em entrevista à revista *Goles*. As respostas insistiam em uma decisão pessoal, maturada ao longo do tempo por alguém que já não se enxergava no mundo do futebol:

GOLES: ¿Por qué renunciaste a la selección?

CARRASCOSA: No hay un motivo determinante. Son un montón de cosas que viví en fútbol a través de muchos años, pero fundamentalmente por una forma de vida, en la cual me tenía que demostrar a mí mismo ante un hecho importante como el mundial, que se puede vivir tranquilo con otros valores.⁶⁸³

No restante do diálogo, o entrevistador buscou extrair um motivo contundente para que o jogador desistisse de participar de uma Copa do Mundo em seu próprio país. Em resposta às indagações, *El Lobo* concordou estar cansado de “algunas cosas que se manejan en torno del fútbol” como “la presión para ganar” e “la obligación del éxito por éxito mismo”⁶⁸⁴, porém, reforçou que não renegava o futebol e, a todo momento, reiterava que tinha receio de ser mal interpretado. Seu interlocutor, contudo, não parecia convencido diante da recusa ante um evento de tamanha significância: “GOLES: ¿Te das cuenta de que en toda esa explicación hay algo que no convence? Por qué no te jugás? CARRASCOSA: ¿Qué querés, que me vaya a vivir a otro país?”⁶⁸⁵.

No livro produzido em parceria com *El Gráfico*, lançado imediatamente após a conquista do mundial, Menotti recordou o caso, entrou em defesa de seu antigo capitão e sustentou a integridade de suas motivações, em um discurso bastante similar. *El Flaco* fazia questão de afirmar que “Carrascosa se fue por la puerta grande”:

El gesto suyo fue de una persona de bien. Como nosotros nos conocíamos demasiado, hablamos largamente sobre el tema. Cada uno expuso sus teorías. Él

⁶⁸² As obras de Llonto (2005, p. 42-45) e Gotta (2008) recuperam o episódio e narram o suposto diálogo travado entre o jogador e o técnico.

⁶⁸³ LISI, Gustavo. Por fin, habla Jorge Carrascosa. *Goles*, Buenos Aires, n. 1515, p. 16-17, jan. 1978. p. 16.

⁶⁸⁴ Id.

⁶⁸⁵ Ibid., p. 17.

estaba harto del medio, su escala de valores era diferente y entendía que el Campeonato del Mundo no era una cuestión de vida o muerte. [...] Carrascosa hizo lo que sentía”.⁶⁸⁶

Assim como o repórter de *Goles*, diversas abordagens não se satisfizeram com a argumentação apresentada pelo jogador. A falta de uma justificativa palpável para além de uma escolha pessoal, a esquiva de falar com a imprensa e a preocupação com o entendimento público de sua decisão, contribuíram para que se proliferasse a interpretação do ato como uma manifestação de resistência em relação à ditadura, com o intuito de mostrar que não coadunava com o uso político da Copa por parte do *Proceso*⁶⁸⁷.

Em entrevista concedida anos depois a Pablo Llonto, e resgatada em sua obra sobre o torneio, Carrascosa recordou as várias especulações lançadas sobre a sua decisão, mas enfatizava novamente que sua renúncia nada teve a ver com a política, ao menos no que concernia diretamente ao contexto sociopolítico do país na época. Para Llonto⁶⁸⁸, a imprensa do período, “por ócio, por temor o por simple imbecilidad profesional”, não deu a devida atenção para uma expressão de liberdade, ante o asqueroso ambiente do futebol profissional. Em sua apreciação, um sintoma da própria conjuntura nublada pela oratória única proposta pela ditadura e da proximidade eminente da competição: “el aire estaba tan viciado y gris que un gesto de libertad pasaba inadvertido. O lo que es peor, confundido con un capricho”⁶⁸⁹. Nesse sentido, as semelhanças com o caso de Reinaldo estavam muito mais relacionadas às narrativas construídas em vista de suas atitudes propagadas publicamente – via de regra com destinatários específicos, simpáticos aos divulgadores –, do que aos discursos intencionalmente produzidos pelos jogadores.

Ao final de maio, Menotti, como Coutinho, também tinha que definir o plantel e delimitar quais seriam os 22 que representariam a Argentina. Após algumas mudanças e incorporações, a equipe havia entrado na etapa final de concentração e preparação com 25 jogadores convocados: era preciso cortar outros três do elenco. Até o começo daquele mês, uma das posições que parecia definida era a dos meias armadores, aqueles que desempenhavam a função de “camisa 10”, na compreensão do técnico rosarino. A princípio,

⁶⁸⁶ MENOTTI, 1978, p. 50.

⁶⁸⁷ O livro de Gasparini e Ponsico (1983, p. 1348-141) foi um dos primeiros a afirmar a decisão como fruto de seus princípios políticos. Os autores relatam até mesmo uma suposta reunião, carente de fontes ou testemunhos comprobatórios, convocada pelo jogador com todo o plantel na concentração onde teria se pronunciado: “yo no quiero ser de ninguna manera un instrumento de esta ditadura militar”. Ainda que não crave a motivação política de Carrascosa, o trabalho pioneiro de Gilbert e Vitagliano (1998, p. 87-88) é outra a dar margem a essa possibilidade.

⁶⁸⁸ Llonto, 2005, p. 44-45.

⁶⁸⁹ Ibid., p. 45.

três nomes brigavam pela vaga no time titular e pareciam ter lugar assegurado no grupo: Ricardo Villa, do Racing Club de Avellaneda; Daniel Valencia, do Club Atlético Talleres de Córdoba; e um jovem prodígio da Asociación Atlética Argentinos Juniors, Diego Armando Maradona, com apenas 17 anos.

Até então preterido pelo técnico, o meio-campista Norberto Alonso atravessava uma boa sequência de jogos pelo River Plate e contava com significativo barulho para sua incorporação à equipe. Tanto *El Gráfico* quanto *Goles*, principalmente na figura de Rolando Hanglin, repercutiam as pressões ao redor de sua convocação e colaboravam para engrossar o coro. Apesar das constantes esquivas do técnico, Alonso foi chamado ao início de maio, a tempo de jogar um último amistoso contra o Uruguai, entrar sob ovação da torcida e marcar o último gol da partida. No dia 19, mesma data em que o plantel recebeu uma rápida visita de Massera e Lacoste para desejar sorte à seleção⁶⁹⁰, Menotti reuniu os jogadores no centro do gramado, após mais uma seção de treinos e lhes deu a notícia logo repassada à imprensa: os cortados eram Humberto Bravo, Victor Bottaniz e Diego Maradona.

Embora a imprensa pressionasse o técnico para que apresentasse o grupo definitivo, a tristeza dos jogadores cortados foi abordada em *El Gráfico* e *Goles*, com particular atenção à reação emotiva da jovem promessa, então inconsolável. Em sua reportagem sobre o assunto, o repórter de *Goles*, após conversar com os jogadores, apresentou a seguinte versão da fala de Menotti: “no voy a dar explicaciones. Eso también estaba hablado entre nosotros. ¿Para qué explicaciones? ¿Explicar qué? ¿Que usted es um fenómeno y lo saco?”⁶⁹¹.

Mesmo com as negativas de Menotti sobre quaisquer interferências na formação da equipe, a saída de Maradona passaria a ser recorrente lembrada em relação à chegada de Alonso. Por mais que o meio-campista *millonario* passasse por um bom momento no campeonato local e contasse com suporte significativo das tribunas e da crônica, sua incorporação nos últimos momentos da preparação da equipe adquiriu a preponderância narrativa de uma interferência sobre o escreto. Em seus estudos sobre a Copa, diversos autores reiteraram que a chegada de Alonso havia sido fruto de pressões exercidas por Lacoste e Massera, este último torcedor inveterado de River Plate⁶⁹².

Em perspectiva dos paralelos traçados com a formação da equipe de Coutinho no Brasil, a incorporação tardia de Alonso se aproximava da leitura produzida com relação à

⁶⁹⁰ ARES, Carlos. El día más triste de la Selección. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3056, p. 16-19, maio 1978. p. 18-19.

⁶⁹¹ PRADO, Horacio del. El día más triste de José C. Paz. *Goles*, Buenos Aires, n. 1531, p. 24-26, maio 1978. p. 24.

⁶⁹² PONISCO; GASPARINI, 1983; GILBERT; VITAGLIANO, 1998; LLONTO, 2005; GOTTA, 2008.

convocação de Roberto. Assim como o atacante vascaíno não apresentava a qualidade “*del Beto*” para disputar uma vaga na equipe que era posta em questão, mas a preponderância de uma leitura que pontuava a ingerência autoritária oficial, do presidente da CBD no caso brasileiro, e dos mandatários da Marinha e do EAM no caso argentino, que ganhava relevância. Situações que, mesmo sem uma comprovação efetiva por parte dos personagens envolvidos, ganharam preponderância discursiva na locução hegemônica das pressões e interesses políticos verticalizados sobre o futebol em tempos de ditadura.

No caso argentino, tais leituras adquiriram uma relevância ainda maior ante o efeito da memória e da afetividade construída ao redor de Maradona. Afinal, por mais que Diego ainda viesse a jogar e a ganhar novos mundiais, inclusive no campeonato juvenil de 1979 sob o comando de Menotti, permanece uma ponta de dúvida e frustração entre parte dos aficionados por sua ausência no título conquistado em casa – mesmo com todas suas contradições.

8 ARGENTINA 1978: NARRAÇÕES POLÍTICAS SOBRE O FUTEBOL

8.1 UMA FESTA MIDIÁTICA: A PREOCUPAÇÃO COM A IMPRENSA E A CERIMÔNIA DE ABERTURA

Com as seleções já definidas e todos os contendores da competição aterrissando na Argentina, as expectativas se voltavam quase por completo para o início do torneio. A última edição de *Goles* pré-Copa dizia que, a partir de 1º de junho, a história do futebol argentino se dividiria em “antes” e “depois” do mundial, em acordo com o discurso de mobilização passional e patriótica, roteirizado desde a oficialidade:

[...] PASADO MAÑANA COMIENZA EL MUNDIAL. Todo el esfuerzo, todo el trabajo, toda la vocación de un pueblo puesta al servicio de una obligación, ORGANIZAR COMO NUNCA UN MUNDIAL, se ha liberado a los ojos del MUNDO para dar su examen. Sabemos que nada será fácil. Que nada se nos perdonará. Pero también sabemos QUE ESTAMOS PREPARADOS PARA APROBAR CON LA MEJOR DE LAS NOTAS.⁶⁹³

Já *El Gráfico* trazia em sua capa a figura de Daniel Passarella, capitão argentino, rompendo um cartaz com a logo do torneio, como se liderasse a esquadra local para o gramado (Figura 59). Internamente, o editorial saudava os visitantes e elencava seus desejos para o desenrolar da competição. O texto seguia a linha discursiva da esportividade comum aos eventos modernos, em particular aos Jogos Olímpicos, marcados pela declaração de uma ética própria, com valores de equidade em uma disputa limpa e justa, de confraternização e festa que, nesse caso, congregariam amistosamente as nações. Mesmo que evitasse comentários políticos, que supostamente explicitassem sua posição para além das fronteiras do desporto, até pela compreensão deste enquanto um espaço primordial de entretenimento massivo, a revista reafirmava a oportunidade de apresentar a verdadeira Argentina “distorcida” pelo exterior.

Que este Mundial permita la exaltación de los auténticos valores del deporte.
Que en cada estadio, en cada ciudad y en cada calle se viva un clima de verdadera fiesta.
Que consagre la belleza y la plasticidad que han convertido al futbol en uno de los espectáculos más lindo y emocionantes.
Que haya un solo perdedor: la violencia.
Que haya un solo triunfador: la paz
Que cada jugador sepa que millones de niños están viendo en ellos un modelo a seguir.
Que más allá del superprofesionalismo impere la Lealtad y el juego limpio.
Que la habilidad y el talento sigan siendo los fundamentos del éxito.

⁶⁹³ La nueva era Mundial. *Goles*, Buenos Aires, n. 1532, p. 3, mai. 1978.

Que sirva para un mayor acercamiento y una mayor comprensión entre los pueblos.
Que la verdadera realidad argentina, tan malintencionadamente distorsionada e algunos países, sea bien conocida y comprendida^{694 695}.

Figura 59 – *El Gráfico* a um dia do início do torneio.



Fonte: *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3060, maio 1978.

Ambos os semanários esportivos se prepararam para uma ampla cobertura da competição. Nas semanas seguintes, produziram edições extras, dobrando a frequência e com tiragens crescentes. Além disso, os veículos de imprensa locais não circulariam apenas entre seu público habitual, mas também entre um contingente de jornalistas estrangeiros e de torcedores de ocasião que nem sempre dispendiam tamanha atenção à modalidade. O momento ansiosamente aguardado havia chegado e era preciso estar apto ao desafio de narrar o evento, bem como o desempenho dos anfitriões, com a maior brevidade possível.

Se a apreensão com a locução de uma imagem apropriada da nação já era nítida entre as publicações esportivas, onde predominava a empolgação com a largada do certame, constituía uma preocupação ainda mais urgente em outros veículos, nos quais o futebol em si emergia apenas como um tema tangencial. Em suas últimas edições, antes da abertura da Copa, *Somos* e *Gente* produziram matérias com jornalistas estrangeiros para saber suas impressões após tomarem contato com o país. O sentido desses artigos era claro: fornecer um contraponto aos discursos que acusavam a situação de exceção vivida na Argentina. Uma forma de, supostamente, demonstrar o estado de normalidade e recuperação da nação aos visitantes e dirimir eventuais dúvidas internas de seu próprio público leitor:

⁶⁹⁴ Grifo nosso.

⁶⁹⁵ Bienvenidos. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3060, p. 3, maio 1978.

“Por lo que se escucha fuera del país, podría pensarse que aquí imperaba el toque de queda, o poco menos. Pero apenas llegue a Buenos Aires me di cuenta de que son inventos: esta ciudad no sólo vive tranquila sino que sigue estando entre las que tienen más vida nocturna en el mundo.” Gratamente sorprendido por lo que para él resultaba una novedad, el licenciado Rodolfo Washmann – vicepresidente del consejo de Telesistemas Mexicanos – sintetizaba, en esa frase, una impresión que resultó coincidente en todos los periodistas extranjeros que han comenzado a llegar a la Argentina ante la inminencia del Campeonato Mundial de Fútbol.⁶⁹⁶

O olhar sobre a produção da imprensa estrangeira foi uma constante na cobertura de *Somos*. Para além das matérias sobre o torneio, o semanário criou uma nova coluna especificamente para o mês de junho. Nas semanas seguintes, a última página de cada exemplar serviu de espaço para “Así nos ve Europa”, onde se propunha a analisar as notas e impressões veiculadas sobre o país, “en algunos casos, fuera de las secciones deportivas”⁶⁹⁷, em parte dos principais canais de mídia do velho continente. Na segunda edição da seção, por exemplo, a revista reportou que a imprensa internacional “como no podia ser de outra manera, dedica sus mejores paginas a reflejar las alternativas del Campeonato Mundial de Fútbol”; mas enfatizava que, ainda que os resultados esportivos constituíssem o centro das atenções, “los enviados especiales no pueden esquivar la tentación de efectuar comentarios de caracter político sobre la actualidad nacional”⁶⁹⁸.

A publicação condenava a politização das abordagens produzidas e buscava enfatizar apreciações que, em sua visão, desmentiriam os problemas alegados ao país. Em várias ocasiões, ao reportar uma nota negativa, o jornal pontuava a orientação comunista ou socialista do periódico, quase como uma característica depreciativa que justificava a priori as críticas proferidas e os relacionava, indiretamente, ao fantasma da subversão. Via de regra, tais apreciações eram imediatamente contrapostas a visões que enalteciam a organização e diminuía o impacto do cenário sociopolítico, comandado pelo governo militar. Ainda assim, era nítido o incômodo com a persistência de produções sobre questões sensíveis que a publicação, como grande parte da opinião pública naquele momento, por medo, ignorância, ceticismo ou mesmo omissão, relutava em discutir. Especialmente quando “algunos semanarios insisten con el tema de los derechos humanos”⁶⁹⁹.

Esta semana no ha hecho sino confirmar la tendencia insinuada en las anteriores: la prensa europea – lentamente, pero con seguridad – ha empezado a variar su óptica

⁶⁹⁶ Ver para creer. *Somos*, Buenos Aires, n. 88, p. 14-15, maio 1978. p. 14.

⁶⁹⁷ Así nos ve Europa. *Somos*, Buenos Aires, n. 89, p. 58, jun. 1978.

⁶⁹⁸ Así nos ve Europa. *Somos*, Buenos Aires, n. 90, p. 58, jun. 1978.

⁶⁹⁹ Id.

con respecto a la Argentina. Lo que hasta el 1º de junio no fue sino un rosario de críticas y objeciones diversas (situación política, déficit de infraestructura, cuestiones de seguridad, dudas en torno de la imparcialidad en el tratamiento deportivo), se ha convertido ahora, con los despachos de los enviados especiales de diarios y revistas, en un reconocimiento casi general de que el país era muy distinto al que pretendían describir quienes montaron una campaña política de desprestigio y boicot.⁷⁰⁰

Un Campeonato Mundial de fútbol es, antes que nada, un acontecimiento deportivo. Entender esto les costara bastante a quienes dentro de 40 ó 50 años resuelvan echar una ojeada a los diarios y revistas europeos del mes de junio de 1978. Porque, paradójicamente, lo que menos parece interesarles es el fútbol. Recién en la última semana, definitivamente resignados a no encontrar lo que muchos vinieron a buscar, abandonaron sus crónicas políticas para empezar a prestarle alguna atención al curso del torneo. No fue un obstáculo demasiado serio para que más de uno diera rienda suelta a lo que sólo puede definirse como “fobia antiargentina”.⁷⁰¹

Os trechos citados acima, retirados das duas últimas colunas, já ao final do torneio, desvelavam a locução proposta por *Somos* quanto à imagem do país. Ao reiterar uma suposta mudança no retrato pincelado nos veículos no exterior, permanecia a preocupação com as temáticas vigorantes ainda antes do evento. Embora afirmasse que o olhar futuro sobre as publicações europeias surpreenderia pela conotação dada ao torneio, o mesmo poderia ser dito da abordagem direcionada pelo periódico argentino. Nesta, a politização da competição, por um sentido inverso de promoção e enaltecimento de uma narrativa pátria consensual com a proposta oficialista, também se interpôs como discurso público hegemônico.

Ao nomear uma espécie de “fobia antiargentina”, para justificar a continuidade de notas consideradas depreciativas, recorria à sensibilidade afetiva ao redor do sentimento comunitário de nação como forma de mobilizar seu público contra esses comentários. Ou seja, mantinha o mesmo artifício narrativo proposto pelo *Proceso* e do qual já havia se utilizado nos meses anteriores. Nesse caso, as denúncias e acusações eram desqualificadas como exemplos de discursos que se interpunham ante um projeto de reconstrução nacional que, após uma série de percalços, finalmente havia se concretizado.

Quanto ao aparato oficial, o início iminente da competição também inspirou medidas e ações em vista da grande presença dos representantes dos órgãos de mídia estrangeiros no país. O EAM 78 adotou um rigoroso sistema de credenciamento e acompanhamento dos jornalistas estrangeiros, sob os cuidados do departamento de imprensa, turismo e relações públicas, gerenciado diretamente por Lacoste. Pelo governo, o Ministro do Interior, general Albano Harguindeguy, peça chave dentro da estrutura administrativa e repressiva da ditadura,

⁷⁰⁰ Así nos ve Europa. *Somos*, Buenos Aires, n. 91, p. 58, jun. 1978.

⁷⁰¹ Así nos ve Europa. *Somos*, Buenos Aires, n. 92, p. 58, jun. 1978.

convocou os diretores e redatores de agências de notícias internacionais para uma reunião na Casa Rosada. O encontro foi abordado pelo *Jornal do Brasil*, em uma nota cujo título já denotava seu entendimento sobre o episódio: “Governo argentino pressiona jornalistas”.

Buenos Aires – O Governo militar argentino fez uma advertência ontem a todas as agencias noticiosas – e por extensão a todos os jornalistas encarregados de cobrir a Copa do Mundo – para que não veiculem, voluntária ou involuntariamente, matéria capaz de servir de propaganda a subversão.

Os diretores das agências locais e estrangeiras e seus principais assessores foram convocados pelo Ministro do Interior, General Albano Harguindeguy, à Casa Rosada, onde, em seu gabinete, “sugeriu” a todos que informassem com “a maior objetividade possível”. Esclareceu que não se referia as notícias esportivas, mas “as manifestações de cunho político que podem ocorrer durante o Mundial”.⁷⁰²

Em paralelo, outra iniciativa seguiu na contramão do encontro, com o intuito de revestir o regime de uma roupagem democrática. A 31 de maio, o decreto n. 1214 derogou medidas anteriores⁷⁰³, que proibiam o funcionamento e divulgação de notícias dentro do país, por parte de agências estrangeiras. Segundo o texto do decreto, para o cumprimento do propósito fundamental do *Proceso* de “instauracion de uma democracia republicana, representativa y federal, adecuada a la realidad y exigências de evolucion e progreso del pueblo argentino” era indispensável contar com “una prensa independiente, que cumpla adecuadamente la mision publica que le corresponde en la democracia moderna a la que se aspira, y que propenda a la adopción de decisiones basadas em informaciones responsables y veraces”⁷⁰⁴.

Embora a mediada reivindicasse um teor republicano de retorno da liberdade de imprensa, cabe tanto destacar o momento de seu lançamento, quanto a permanência de alguns critérios que mantinham a possibilidade de vigilância e controle estatais sobre os emissores. Além de reforçar a responsabilidade dos veículos como formadores de opinião pública, no que permanecia o alerta sobre a divulgação e apuração de informações que pudessem comprometer a segurança nacional⁷⁰⁵, o decreto também delimitava a necessidade de registro junto à *Secretaria de Información Pública de La Presidencia de la Republica*: “elementares razones de seguridad aconsejan, en cambio, exigir la inscripción registral de quienes

⁷⁰² Governo argentino pressiona jornalistas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 maio 1978, p. 26.

⁷⁰³ Já abordadas no capítulo 6.

⁷⁰⁴ Decreto 1.214 / 1976. *Anales de legislacion argentina*. Tomo XXXVIII-B, p. 1553-1554.

⁷⁰⁵ “[...] es razonable presuponer que los medios periodísticos actúen con prudencia y mesura en la selección de la información, tanto más cuanto pueda comprometer la soberanía y seguridad de la Nación, o provenga de fuentes externas cuyo origen no asegure el conocimiento objetivo del país o el enfoque imparcial de sus problemas”. Id.

habitualmente se dedican al suministro de noticias e informaciones, a fin de contar con los datos necesarios para su adecuada individualización”.⁷⁰⁶

Assim como a conversa de Harguidenguy com os jornalistas, a remoção dos impedimentos à operação de agências de imprensa estrangeiras no país soava como uma mediada forçada, cuja apresentação buscava demonstrar uma aproximação do governo com valores liberais e democráticos, mas que ainda permanecia subordinado aos mecanismos, nem tão sutis ou disfarçados, de coação e vigilância autoritários.

Ao observarmos o enfoque concedido por alguns dos veículos de mídia brasileiros, podemos constatar que a apreensão com os visitantes estrangeiros não era descabida. O *Jornal do Brasil*, por exemplo, publicou com frequência notas e artigos relacionados à situação política e à violência no país. Alguns dias antes de reportar o encontro do Ministro do Interior com os jornalistas, já havia noticiado a proposta de Montoneros em favor da realização do torneio e prontamente refutado a versão de que seria de sua autoria um atentado à bomba, no estacionamento do centro de imprensa de Buenos Aires⁷⁰⁷:

É muito pouco provável que a bomba que estourou ontem em Buenos Aires, provocando a morte de um policial, seja obra de um integrante do Movimento Peronista Montonero, posto na ilegalidade pelo Governo argentino. Primeiro porque seria a quebra de uma promessa de seus líderes, feita em entrevistas na Europa e oportunamente difundidas mundo afora, de respeitar a trégua proposta ao Governo durante a realização da Copa.

Segundo, porque, além da promessa, o Movimento fez chegar às redações de vários jornais, entre eles o JORNAL DO BRASIL, um livro de feitura gráfica bastante sofisticada [...] no qual estimula o comparecimento à Argentina e confirma seu proposito de não colocar obstáculo à Copa, “para que a atenção do mundo seja voltada para o país e sua realidade”.⁷⁰⁸

Mesmo tratando-se de um contexto similar, no tocante à vigência de um governo ditatorial-militar, parte considerável da imprensa brasileira não se furtou em acusar as contradições do vizinho sul-americano. De certa forma, ao reproduzir as acusações sobre a tortura e sequestros, ou apenas a militarização da sociedade argentina, muitos desses veículos assumiam discursos de condenação e denúncia que também projetavam sobre a ditadura brasileira, mas ainda não podiam, ou se arriscavam, a pronunciar da mesma maneira.

Mesmo a revista *Veja*, que nos meses anteriores havia assumido um tom mais comedido ao comentar as relações políticas da Copa, também apresentou um olhar agudo diante do início do certame. Em sua última edição de maio, levada as bancas um dia antes da

⁷⁰⁶ Id.

⁷⁰⁷ O trabalho de Llonto (2005, p. 218-219) atribui a ação a um pequeno contingente do ERP.

⁷⁰⁸ MACHADO, Alú시오. Bomba mata oficial no centro de imprensa da Copa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 maio 1978, p. 32.

abertura, o artigo “Entre a bola e a repressão” abordava o clima no país a poucos momentos do início da competição, com ênfase especial para as intersecções entre o esporte e a política. Logo no início do texto, recordava os protestos das *Madres de la Plaza de Mayo* e lembrava que a cerimônia e a partida inaugural transcorreriam em uma quinta-feira à tarde, justamente dia em que elas realizavam sua procissão em busca de parentes desaparecidos sob o regime militar:

[...] no exato momento em que alemães ou poloneses estiverem dando a saída do jogo, no exato momento em que a televisão estiver mostrando para milhões de pessoas no mundo todo mais uma vez o simbólico ato de tocar a bola com o pé, neste exato momento haverá mulheres chorando na Plaza de Mayo. [...] Na semana passada, precisamente no dia 25 de maio – a data nacional da Argentina – uma delas disse: “Só queria saber onde estão meu filho e meu neto”. Que estarão dizendo, no dia da abertura da Copa, as mulheres loucas da Plaza de Mayo?⁷⁰⁹

A menção ao movimento mais significativo e conhecido de protesto civil interno contra a ditadura foi apenas um dos tópicos abordados pelo artigo. O texto citou a continuidade de mobilizações no exterior, entre outras manifestações envolvendo autoridades, esportistas e jornalistas. Sobre estes últimos, ecoou o grande fluxo de correspondentes e destacou o clima de tensão imperante em Buenos Aires. Algo vivenciado pelos próprios enviados do periódico, que contestavam as narrativas destacadas por parte da imprensa local ou da administração militar:

[...] o fotógrafo de VEJA, Carlos Namba, apenas saiu a rua e tirou duas fotos, foi imediatamente cercado por policiais. Do mesmo modo, o repórter Carlos Maranhão, também de VEJA, sente-se observado a cada vez que acende seu cachimbo. Na certa, os policiais e soldados do Exército, onipresentes na Argentina, imaginam que o cachimbo de Maranhão pode explodir.⁷¹⁰

Tão significativa quanto a redação era a ilustração de Laerte, que acompanhava a matéria (Figura 60). Em um desenho que se estendia por duas páginas, o cartunista sintetizava muitas das impressões atribuídas ao país sede naquele momento: de uma nação sitiada pelas forças armadas. Sua produção não apenas brincava com os retoques finais para o evento, mas, entre outras nuances gráficas, enfatizava a extensiva e intimidadora presença de militares armados nas ruas, atentos a quaisquer movimentações, especialmente dos jornalistas. Interessante notar o contraste entre os pontos coloridos do cartum, em particular dos soldados, com a representação apática, em preto e branco, do resto da população:

⁷⁰⁹ A bola e a repressão. *Veja*, São Paulo, n. 508, p. 58-60, maio 1978. p. 58.

⁷¹⁰ *Ibid.* p. 59-60.

Figura 60 – A Argentina de Laerte em Veja.



Fonte: A bola e a repressão. *Veja*, São Paulo, n. 508, p. 58-60, maio 1978. p. 58-59.

No dia 1º de junho, a cerimônia de abertura tomou lugar no Monumental de Nunez. A Argentina 78 TV deu início a sua transmissão internacional a cores, ao seguir o ato inaugural para milhões de espectadores ao redor do globo. As arquibancadas estavam lotadas para acompanhar o momento tão ansiado. O gramado da cancha de River serviu de fundo para o espetáculo arduamente ensaiado com milhares de jovens secundaristas das escolas da capital e da grande Buenos Aires. Uma banda marcial marcava o ritmo enquanto os estudantes, trajando agasalhos brancos, realizavam múltiplas coreografias e balançavam bandeiras alusivas aos participantes. Os apitos dos professores serviam de comando para a pronta alternância das posições, de modo a desenhar enormes frases – “Argentina 78”, “Mundial FIFA” –, formas e figuras, como o logotipo do torneio (Figura 61). Ao longo da transmissão, as câmeras enfocavam algumas das principais autoridades presentes nos camarotes – completamente masculinos –, como os membros da junta militar, o presidente da FIFA, da AFA, os mandatários do EAM 78 e o cardeal Juan Carlos Aramburo.

Como pontua Alabarces⁷¹¹, por meio da Antropologia, os esportes podem ser entendidos como enormes rituais onde as sociedades se autorrepresentam, dentro dos quais os megaeventos esportivos são como enormes ritos de massa e para audiências massivas. Sob tal perspectiva, a apresentação assemelhava-se mais a uma parada cívica, cujo funcionamento ritualístico era delineado verticalmente desde os espaços de poder. Antes de narrar valores identitários estereotipados da cultura nacional, como é comum nessas ocasiões, representavam-se os preceitos de ordenamento, controle dos corpos e disciplinamento das emoções, próprios da ditadura imperante no país. Não havia espaço para expressões populares ou representações democráticas que expressassem a pluralidade da população, ou que dessem margem a desejos de luta, emancipação e liberdade. Se o simbolismo do evento deveria

⁷¹¹ ALABARCES, 2014, p. 82-84.

remeter a uma narração simbólica da Argentina, a autoria dessa história havia sido tomada pelo *Proceso*.

Figura 61 – estudantes reproduzem a logo do torneio durante a cerimônia de abertura, 1 jun. 1978.



Fonte: *Libro de oro del Mundial 78*. Künzelsau: Sigloch Edition; Buenos Aires: Bonafide, 1978. p. 89.

Após o espetáculo organizado com os estudantes, foi a vez de as autoridades assumirem o palanque e proferirem seus discursos. O primeiro a falar foi Alfredo Cantilo, que evocou as obras realizadas e as cidades sedes como arautos simbólicos de “una Argentina que se muestra al mundo colmada de bellezas naturales y plena de obras fecundas ejecutadas por un pueblo noble y capaz, consciente de sus derechos y responsable de sus obligaciones”⁷¹². Já Havelange, com a aguda consciência política que já lhe acompanhava desde os tempos da CBD, enalteceu o esforço dos dirigentes esportivos e políticos em concretizar o torneio, reiterou o “trabajo gigantesco que demuestra la capacidad de realización y dinamismo de la gran nación que es Argentina”⁷¹³ e evocou a insuperável força de atração popular do futebol como agente de mobilização das alegrias desportivas.

⁷¹² EAM’78. *Argentina*. München: ProSport Verlag für Sport und Kultur, 1978. p. 33.

⁷¹³ Id.

O último a se pronunciar foi o presidente Videla, que seguiu à risca a roteirização da celebração patriótica e amistosa congregação entre as nações. Assim como *El Gráfico* já havia feito alguns dias antes em seu editorial, o general elegeu o signo da paz para definir a competição e tentar atribuir significado transcendental à paixão desportiva. Difícil não associar sua fala com os esforços recentes em pontuar que o *Proceso* havia travado, e vencido, uma guerra contra o terrorismo e a subversão, ou descolá-la das recorrentes contestações de exilados, de organismos humanitários ou da imprensa internacional. Mesmo que o discurso não mirasse tais questões, sua proeminência emergia como importante chave interpretativa:

[...] es justamente la confrontación en el campo deportivo y la amistad en el terreno de las relaciones humanas las que nos permiten afirmar que aún es posible en nuestros días la convivencia en la unidad y en la diversidad, única forma para construir la paz. Por ello pido a Dios Nuestro Señor que este torneo sea realmente una contribución para afirmar la paz, que todos deseamos para todo el mundo y para todos los hombres del mundo. Esa paz dentro de cuyo marco el hombre puede realizarse plenamente como persona con dignidad y en libertad en el ámbito de una confrontación deportiva caracterizada por la caballerosidad y la amistad entre los hombres y los pueblos. Y bajo ese signo de la paz declaro oficialmente inaugurado este onceavo Campeonato Mundial de Fútbol 1978.⁷¹⁴

Embora os aplausos do público fizessem parte do rito protocolar da cerimônia, o anúncio do presidente e seu discurso, interrompido por duas vezes, foi acompanhado de uma maior intensidade na reação do público, ainda assim longe da euforia e ovação que se seguiram ao hino argentino, por exemplo. Para muitos analistas, a reação da plateia foi compreendida como um sinal de aprovação pública ao evento e ao governo militar⁷¹⁵. Após as falas, finalmente ocorreu a partida inaugural. Desafortunadamente, um insosso zero a zero entre as equipes da Alemanha e da Polônia.

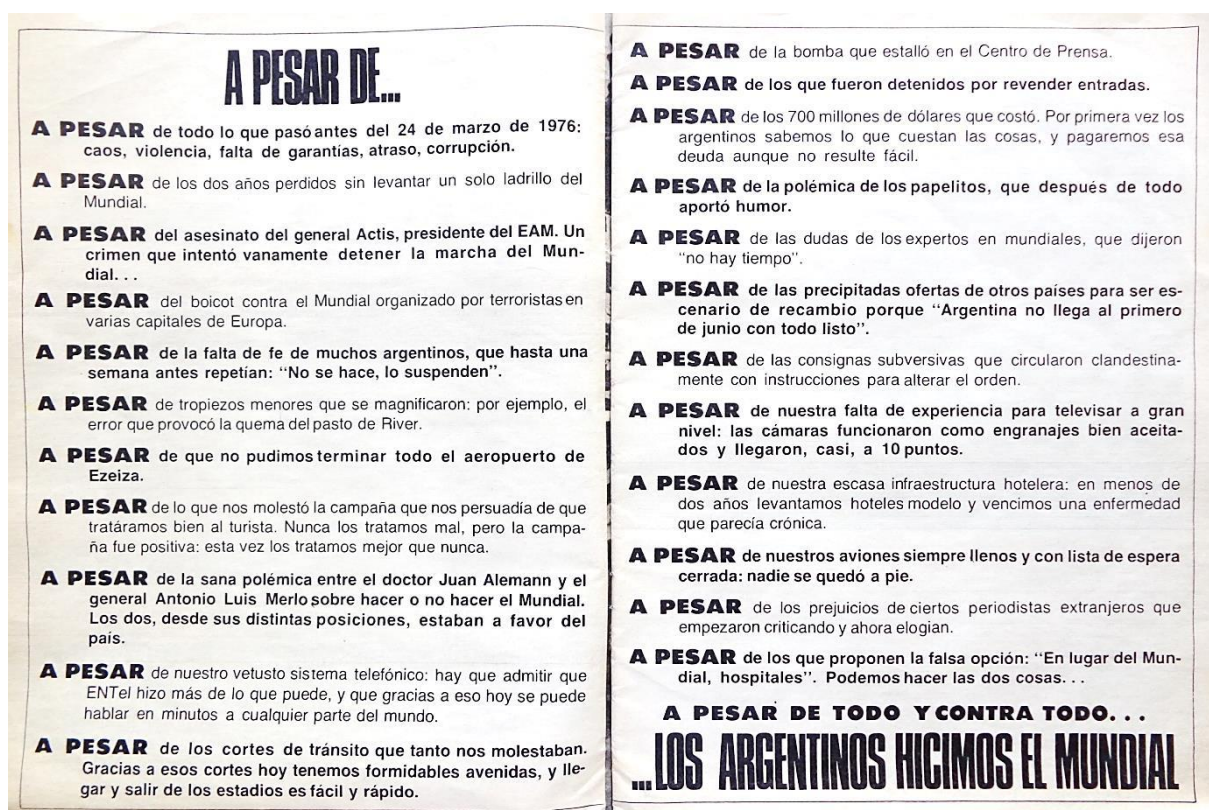
Com uma estratégia distinta das demais publicações averiguadas, *Gente* retardou o lançamento da edição de 1º de junho em 48 horas, para que pudesse incorporar a cobertura sobre dos primeiros instantes da Copa. Com diversas fotos em preto e branco, algumas ocupando quase a totalidade das páginas, a revista definiu a cerimônia como “una perfecta

⁷¹⁴ Id.

⁷¹⁵ Gustavo J. Landivar, então colunista de *Somos*, escreveu um texto no qual se propunha a discutir alguns dos créditos políticos do evento. Destacou que o certame tinha “un profundo contenido político que debe tenerse en cuenta por sus implicancias futuras”. Como exemplo, destacava o “aplauso que brindó a los miembros de la Junta militar el día de la inauguración del torneo [...], o la interrupción aprobatoria del discurso del presidente de la República”. Para o autor, manifestações públicas espontâneas que não se resumiam à alegria com o evento, mas indicavam uma mudança no clima político do país para além de um triunfo esportivo, e que esperava que se fizessem presentes depois “en actitudes y circunstancias más importantes, cuando encaremos el esfuerzo final para transformar política, económica y socialmente y en forma definitiva a este país”. LANDÍVAR, Gustavo J. Los réditos políticos del Mundial. *Somos*, Buenos Aires, n. 90, p. 17, jun. 1978.

exhibición de marcialidad juvenil e alegre”⁷¹⁶, cuyos detalles dos bastidores anunciavam um êxito de organização e civilidade. Entretanto, a produção mais contundente foi um texto que ocupava duas páginas da revista (Figura 62). A redação assumiu um tom de manifesto, no qual o periódico incorreu na defesa pública, apaixonada e intransigente da atual conjuntura do país, na qual a concretização do Mundial de 1978, selada um dia antes, figurava como o símbolo maior de uma nação que havia triunfado sobre seus inimigos e adversidades. Nesses termos, rememorava sob a chave oficialista diversas passagens que marcaram a trajetória até o certame e elegia como ponto de partida, ou de viragem, justamente o golpe que levou a junta de comandantes ao poder.

Figura 62 – Apesar de...



Fonte: A pesar de. *Gente*, Buenos Aires, n. 671, p. 14-15, jun. 1978.

A PESAR de todo lo que pasó antes del 24 de marzo de 1976: caos, violencia, falta de garantías, atraso, corrupción.

A PESAR de los dos años perdidos sin levantar un solo ladrillo del Mundial.

A PESAR del asesinato del general Actis, presidente del EAM. Un crimen que intentó vanamente detener la marcha del Mundial. . .

A PESAR del boicot contra el Mundial organizado por terroristas en varias capitales de Europa.

A PESAR de la falta de fe de muchos argentinos, que hasta una semana antes repetían: “No se hace, lo suspenden”.

⁷¹⁶ El 1º bajo la lupa. *Gente*, Buenos Aires, n. 671, p. 18-23, jun. 1978. p. 19.

A PESAR de tropiezos menores que se magnificaron: por ejemplo, el error que provocó la quema del pasto de River.

A PESAR de que no pudimos terminar todo el aeropuerto de Ezeiza.

A PESAR de lo que nos molestó la campaña que persuadía de que tratáramos bien al turista. Nunca los tratamos mal, pero la campaña fue positiva: esta vez los tratamos mejor que nunca.

A PESAR de la sana polémica entre el doctos Juan Alemann y el general Antonio Luis Merlo sobre hacer o no hacer el Mundial. Los dos, desde sus distintas posiciones, estaban a favor del país.

A PESAR de nuestro vetusto sistema telefónico: hay que admitir que ENTel hizo más de lo que puede, y que gracias a eso hoy se puede hablar en minutos a cualquier parte del mundo.

A PESAR de los cortes de transito que tanto nos molestaban. Gracias a esos cortes hoy tenemos formidables avenidas, y llegar y salir de los estadios es fácil y rápido.

A PESAR de la bomba que estalló en el Centro de Prensa.

A PESAR de los que fueron detenidos por revender entradas.

A PESAR de los 700 millones de dólares que costó. Por primera vez los argentinos sabemos lo que cuestan las cosas, y pagaremos esa deuda aún que no resulte fácil.

A PESAR de la polémica de los papelitos, que después de todo aportó humor.

A PESAR de las dudas de los expertos en mundiales, que dijeron “no hay tiempo”.

A PESAR de las precipitadas ofertas de otros países para ser escenario de recambio porque “Argentina no llega al primero de junio con todo listo”.

A PESAR de las consignas subversivas que circularon clandestinamente con instrucciones para alterar el orden.

A PESAR de nuestra falta de experiencia para televisar a gran nivel: las cámaras funcionaron como engranajes bien aceitadas y llegaron, casi, a 10 puntos.

A PESAR de nuestra escasa infraestructura hotelera: en menos de dos años levantamos hoteles modelo y vencimos una enfermedad que parecía crónica.

A PESAR de nuestros aviones siempre llenos y con lista de espera cerrada: nadie se quedó a pie.

A PESAR de los prejuicios de ciertos periodistas extranjeros que empezaron criticando y ahora elogian.

A PESAR de los que propones la falsa opción: “En lugar del Mundial, hospitales”. Podemos hacer las dos cosas...

A PESAR DE TODO Y CONTRA TODO...

...LOS ARGENTINOS HICIMOS EL MUNDIAL⁷¹⁷

8.2 POLÍTICA E FUTEBOL NAS NARRAÇÕES DA PRIMEIRA FASE DA COPA NO BRASIL E NA ARGENTINA

A abertura do torneio foi comentada em diferentes espaços de mídia. Embora a festa tenha sido majoritariamente abordada como um êxito inequívoco, as leituras apontaram para diferentes locuções político-públicas. Nas páginas de *Manchete Esportiva*, por exemplo, Ney Bianchi, jornalista de longa carreira e prestígio no Brasil, fez questão de enaltecer a organização do torneio, à parte de qualquer rivalidade: “não resta dúvida que presencio a mais organizada competição esportiva de que tenho notícia, desde os jogos Olímpicos de

⁷¹⁷ A pesar de. *Gente*, Buenos Aires, n. 671, p. 14-15, jun. 1978.

Helsinque. [...] Não é favor algum que se faz a esses vizinhos do Sul, elogiá-los na sua hora maior”.⁷¹⁸

Apesar de afirmar que “as gentes de boa vontade sabem agora o que é a Argentina”⁷¹⁹, o jornalista insistiu em um discurso de despolitização do evento. Como se já não estivesse emitindo um juízo sobre a situação argentina, ou como se seu texto não assumisse uma perspectiva política, Bianchi escreveu categoricamente “não nos importam os problemas políticos do país. São **brigas de família**⁷²⁰ que não nos dizem respeito”⁷²¹.

Embora o articulista presumisse algum tipo de isenção ou abstenção ao recusar quaisquer reflexões a partir do futebol, a rigor acabava por reiterar lugares de poder hegemônicos e discursos que insistiam em qualificá-lo como uma expressão de harmoniosa comunhão social, ignorando, ou ocultando, suas complexidades e tensões. Tal posicionamento era comum às publicações esportivas que, por uma ótica comercial capitalista, assumiam a concepção de que não cabia ao esporte, ou às abordagens produzidas pela mídia especializada, propor uma crítica política para além das particularidades de sua própria área. A proeminência dessas leituras tanto reificava a crítica de um espaço de alienação, sustentada por parte das esquerdas, como pressupunha certa eficácia ao negar a emaranhada rede de relações culturais, políticas e sociais que permeavam o esporte e as interpretações/narrações produzidas a seu respeito.

Inserida entre a grande imprensa liberal, *Veja* observou o tema sob outra perspectiva. A festa de abertura foi retratada em um artigo ilustrado com fotos coloridas, mas cujo olhar refletia sobre seus significados em vista de articulações e intensões políticas. Logo no início, a matéria destacava o esforço financeiro de centenas de milhões de dólares para “mostrar ao mundo um país em paz”⁷²². Ao contrário do olhar de Bianchi, que insistia no sucesso em demonstrar a cultura e as qualidades desse “orgulhoso povo platino”⁷²³, os correspondentes de *Veja* assinalavam a artificialidade da imagem transmitida pela cerimônia:

Há certamente uma diferença profunda entre a Argentina real e a Argentina exibida pela televisão [...]. A real, por certo, ficou encoberta pelas arquibancadas de cimento do colorido e embandeirado Estádio Monumental de Nuñez, plantado às margens do

⁷¹⁸ BIANCHI, Ney. O dia do orgulho argentino. *Manchete Esportiva*, Rio de Janeiro, n. 34, p. 4-10, jun. 1978. p. 10.

⁷¹⁹ Id.

⁷²⁰ Grifo no original.

⁷²¹ Id.

⁷²² MARANHÃO, Carlos; CUNHA, Luiz Cláudio. A Argentina da TV. *Veja*, São Paulo, n. 509, p. 50-54, jun. 1978. p. 50.

⁷²³ BIANCHI, Ney. O dia do orgulho argentino. *Manchete Esportiva*, Rio de Janeiro, n. 34, p. 4-10, jun. 1978. p. 10.

rio da Prata, em Buenos Aires, durante a festiva, grandiosa e praticamente impecável cerimônia de abertura do XI Campeonato Mundial de Futebol. Sem dúvida, a Argentina não é apenas um país de garbosas bandas militares, saudáveis colegiais, irretocáveis ginastas e torcedores educados que, os corações saltando na garganta, cantam em uníssono o Hino Nacional. De resto, país algum teria essa única imagem ideal a apresentar ao mundo.⁷²⁴

Assim como refutava a efetiva representatividade da festa abertura, o artigo não deixava de observar as conexões com o quadro político local. Mesmo que a “brilhante abertura” aliviasse as autoridades governamentais, “não vai redimir a economia do país nem apagar alguns números desagradáveis sobre os milhares de mortos, desaparecidos e presos políticos dos últimos anos”. Junto a isso, também destacava o enorme contingente de segurança mobilizado para o momento, segundo a publicação, cerca de 4.000 homens, o maior esquema já montado e, comparativamente, um número mais de dez vezes maior ao destacamento organizado para um clássico local entre Boca e River.⁷²⁵

Em conjunto com a matéria, a revista veiculou uma entrevista com Jorge Luiz Borges, uma das principais figuras da literatura argentina. Personagem público amplamente reconhecido, tinha na postura antiperonista um traço notório, no que coincidia seu apoio ao regime instituído em 1976. Contudo, sua aversão ao futebol o levava a discordar da decisão do governo em levar adiante o certame e o aproximava, ao menos no tom da crítica, da postura já delineada internamente por Juan Alemann e, antes deste, por Dante Panzeri. Aos repórteres de *Veja*, Borges reafirmou sua repulsa ao evento: “Estoy harto del Mundial”⁷²⁶.

O futebol é um jogo estúpido. Fomenta o nacionalismo e a rivalidade entre as pessoas e os povos. O futebol leva as pessoas a se identificarem com os jogadores e essa identificação não tem a menor importância, é falsa. Um país não se mede por isso. As pessoas me acusam de atacar um esporte que não conheço – e eu não desejo conhecer, tampouco.

[...] O governo está gastando uma quantia enorme de dinheiro para promover o Mundial e existem hospitais fechados, e a inflação ainda sobre tremendamente.

[...] Não quero que isso tudo seja interpretado como uma crítica ao governo: eu sou partidário deste regime que, no entanto, praticou um erro ao realizar este Mundial. Eu gosto demais da Inglaterra, mas lamento muito que ela tenha difundido esta porcária pelo mundo todo. Depois de terminado o Mundial, o que teremos? Um país de hotéis vazios e canchas de futebol. Não importa a imagem que se tenha de um país. Se sou cristão, interessa-me a opinião de Deus sobre mim e não a opinião dos turistas. Nós temos que nos preocupar menos com a imagem e mais com a realidade da Argentina.⁷²⁷

⁷²⁴ MARANHÃO, Carlos; CUNHA, Luiz Cláudio. A Argentina da TV. *Veja*, São Paulo, n. 509, p. 50-54, jun. 1978. p. 50.

⁷²⁵ Ibid. p. 53.

⁷²⁶ CUNHA, Luiz Cláudio. “No futebol, só 22 se sentem felizes”. *Veja*, São Paulo, n. 509, p. 52-53, jun. 1978.

⁷²⁷ Id.

A vinculação da entrevista de Borges com o artigo não se deu por acaso. Provavelmente, já cientes das opiniões do literato, ao reproduzir o depoimento os jornalistas reiteravam que, mesmo minoritariamente, havia alguma voz discordante cuja crítica, ainda que condenatória à modalidade enquanto expressão cultural, convergia e corroborava parcialmente sua própria locução.

Curiosamente, a relação de Borges com o futebol também apareceu, já ao fim do mundial, em meio a uma entrevista conduzida por *Somos*. Ao tratar das paixões dos argentinos, elencaria, com notória decepção, o futebol. Seu comentário trouxe uma argumentação semelhante àquela apresentada à publicação brasileira, todavia sem o contraponto político à concretização do certame. Sua crítica centrou-se sobre a modalidade em si, em especial, sua condição massiva e sua pressuposta capacidade de produzir um sentimento efetivo de pertencimento e representação nacionais. A abordagem irônica, em tom de zombaria, seria lembrada em diversas análises posteriores sobre o episódio mundialista:

Pero en ese momento, según me acabo de enterar, la gran pasión parece ser el fútbol. Un hecho que me resulta incomprensible. El fútbol y ese campeonato que están jugando es algo absurdo y frívolo. Absurdo porque se habla de un deporte de multitudes, de una pasión de multitudes, cuando todos sabemos que la multitud no existe. Sólo existimos los individuos, creo. Y es una frivolidad porque nos es posible que un país se sienta representado por jugadores de fútbol. Es como si nos representaran los dentistas.⁷²⁸

Embora suas considerações reconhecessem nos argentinos um povo “apasionado y contradictorio”, o pensador parecia atribuir aos sentimentos uma percepção subjetiva, que recusava reconhecer/validar a mobilização afetiva das massas, em última instância subjugadas pela consciência dos indivíduos. Porém, o desdobramento do certame ao longo daquele mês provocou ampla comoção popular e levou uma enorme multidão às ruas, contrariando em parte suas conjecturas.

Com as partidas em andamento, a maior parte das atenções se voltou para o que se passava nos gramados, bem como para as reações provocadas fora deles. Com todos os jogos da primeira fase programados para Buenos Aires, a equipe de Menotti estreou contra a Hungria no dia 2 de junho. Em um jogo difícil, os argentinos saíram atrás no marcador e só conseguiram a virada ao final do jogo. A impressão geral da imprensa foi de que a equipe ainda iria evoluir, mas que o principal era largar com uma vitória para assegurar a classificação o mais rápido possível.

⁷²⁸ PAZOS, Luis. Jorge Luis Borges: “La culpa de todo la tiene Gardel”. *Somos*, Buenos Aires, n. 92, p. 54-56, jun. 1978. p. 55.

Mesmo com críticas ao desempenho da equipe, a narrativa menottista da crônica especializada buscava manter o alento e a empolgação populares. Nesse sentido, tomavam conta os discursos apaixonados que evocavam o sentimento de pertencimento nacional ao redor do mundial e da seleção. *El Gráfico* sintetizou essa percepção em seu editorial após a primeira semana do evento. O discurso da publicação buscava fusionar as emoções despertadas pelo esporte a um orgulho nacional, convertendo a excitação esportiva em uma manifestação política massiva de paixão e exaltação pátrias:

Sabemos que hay errores. Siempre los hay. Pero globalmente considerado, desde el mismo instante en que los escolares formaron sobre el campo de River la palabra ARGENTINA, este campeonato es un éxito. Todavía sentimos un la emoción del primer día de la Copa en estos dedos que tiemblan al golpear las teclas de la máquina de escribir. Todavía nos sacude la vibración del primer partido que jugó Argentina. Todavía sentimos el halago y el orgullo de saber en qué forma respondieron la afición y el **país todo** a esta convocatoria que nos hizo el más popular de los deportes. Gente que nunca se había interesado por el rodar de una pelota sobre un campo de juego se acercó al fútbol y lo está viviendo codo a codo, con las mismas ganas, junto a los que siempre estuvieron firmes en las tribunas de los estadios. Nos sigue emocionando recordar cómo es **país todo** recibió a los visitantes y el entusiasmo medido, la euforia educada, con que el público asistió en las tribunas y en las plateas.

Para los de afuera, para todo ese periodismo insidioso y malintencionado que durante meses monto una campaña de mentiras acerca de la Argentina, este certamen le está revelando al mundo la realidad de nuestro país y su capacidad de hacer, con responsabilidad y bien, cosas importantes.

Para los de adentro, para los descreídos que teníamos en nuestra propia casa, estamos seguros de que el Mundial ha servido para sacudirlos, emocionarlos y enorgulleclos. Un país como el nuestro, tan golpeado y tan caído después de las duras experiencias pasadas, se ha está demostrando a sí mismo sus enormes posibilidades de realización. Y esto no tiene nada que ver con los resultados futbolísticos. ARGENTINA YA GANO SU MUNDIAL.⁷²⁹

Já o Brasil fez sua estreia contra a Suécia, em Mar del Plata. Com um processo de preparação conturbado, o escrete comandado por Cláudio Coutinho estava longe de contar com um apoio minimamente consensual da torcida e da imprensa. Visto com desconfiança, o treinador convivia com críticas que iam desde seu excesso de teorização até as acusações de constantes ingerências da CBD de Heleno Nunes, que lhe tolhiam a autoridade.

Diferente de seu contrerrâneo sul-americano, as injunções e paralelos com o quadro político nacional estavam longe de ser enaltecidos pelos interlocutores midiáticos. Enquanto os periódicos especializados concentravam-se na cobertura esportiva, com o foco sobre as partidas, técnicos e jogadores, outros veículos refletiram sobre as articulações simbólicas entre a paixão futebolística popular e sua eficácia como instrumento de aproximação política

⁷²⁹ Gracias al fútbol. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3061, p. 3, jun. 1978.

do regime, em parte justamente pelo quadro de crescente oposição pública da sociedade civil organizada.

Em um artigo, no qual se propunha a contrapor características suecas e brasileiras – sob um desfile de estereótipos –, para explicar como o futebol poderia aplacar tantas diferenças entre um time formado por “louros e altos” e outro de “mestiços de três raças e estatura mediana”, *Veja* também evocou as conjunturas histórico-políticas de ambos os países. Logo de início, destacou, por exemplo, que a Suécia vivia um “regime democrático já secular e é um país rico, com renda per capita maior que a dos Estados Unidos”, enquanto o Brasil se encontrava sob “um regime forte e nem chega a ser um país remediado”⁷³⁰. Um nítido esforço de evitar a classificação de uma ditadura, mas cujo sentido se mantinha nas entrelinhas.

Segundo o autor, os suecos levavam vantagem na composição física, em decorrência de sua melhor alimentação, e tática, pela disciplina adquirida após “séculos de industrialização de início artesanal e depois moderno”⁷³¹. Junto a isso, apresentavam maior capacidade para apreender os esquemas mais modernos de jogo, pois a “alta cultura, na Suécia está popularizada. Qualquer trabalhador sueco tem muitos mais anos de escola que a grande maioria dos brasileiros. Os cérebros dos jogadores suecos estão assim muito mais treinados para absorver complicações que os brasileiros”⁷³². Já os brasileiros, cuja industrialização era ainda recente e a experiência da escravidão havia transformado a disciplina em “algo odioso” e “indigna do homem livre”⁷³³, tinha de recorrer a outros artifícios:

Apesar de todas essas vantagens dos suecos, no confronto direto os brasileiros têm levado vantagem. Isso porque os brasileiros **usam a arma dos subdesenvolvidos: a imaginação**⁷³⁴. Impossibilitado de correr como o sueco, o brasileiro vai dar literalmente tratos à bola e descobrir que, chutada com o peito e não com o bico do pé, a bola toma uma direção muito mais certa. E assim por diante: contra a tática perfeita o brasileiro usa o drible perfeito e desmoraliza a tática. Se o adversário ocupar racionalmente todos os espaços do campo, o brasileiro vai descobrir espaço suficiente para a bola passar. O brasileiro necessita portanto de muita liberdade para dar vazão a sua imaginação criadora.

Não é o que aconteceu na prática dos últimos tempos. Enquanto os jogadores brasileiros permaneciam trancados, proibidos de dar entrevistas sobre política e mesmo sobre futebol [...], os suecos [...] divertiam-se bebendo cerveja e discutindo política com os jornalistas.⁷³⁵

⁷³⁰ POMPEU, Renato. Quem não tem, cria. *Veja*, São Paulo, n. 509, p. 56-57, jun. 1978. p. 56.

⁷³¹ Id.

⁷³² Ibid., p. 57.

⁷³³ Ibid., p. 56.

⁷³⁴ Grifo meu.

⁷³⁵ Ibid. p. 57.

A falsa dicotomia entre o racionalismo, indício de modernidade e civilidade, e a imaginação criativa, subterfúgio de povos menos desenvolvidos e cultos, era empregado para criticar a rigidez aplicada ao selecionado e, por extensão, ao próprio contexto autoritário brasileiro. Por isso mesmo, o discurso salientava que, dentro das características histórico-culturais inerentes aos brasileiros, era preciso um clima de maior liberdade – ou, no caso, de menor inibição –, um contrassenso em comparação entre o estrito regime de concentração e a flexibilidade concedida aos disciplinados suecos. Ao passo que esses podiam emitir livremente suas opiniões, inclusive sobre a Argentina, aos jogadores canarinhos estava vedada qualquer tipo de expressão dessa ordem. Entre as opiniões colhidas dos jogadores suecos, a revista salientava a oposição em relação à ditadura *procesista*, bem como a negação de que futebol e política consistiam em coisas diferentes: “não são. As coisas se encaixam. Engraçado que quem defende a tese de que futebol e política não se misturam são justamente os países de regimes autoritários”⁷³⁶. Entre os representantes brasileiros, recuperava como exemplo justamente o caso de Reinaldo:

E sobre política? Responde a Carlos Maranhão, de Veja, o volante Staffan Tapper, 30 anos, jogador do Malmö, bancário e membro do Partido Social Democrata da Suécia: “Somos cidadão comuns de um país livre e, nessa condição, temos o direito e até o dever de expressar nossos pontos de vista sobre qualquer assunto. Posso até falar em nome do grupo todo sobre as campanhas feitas contra a realização do Mundial na Argentina. Todos nós, sem exceção, somos radicalmente adversários de regimes militares do tipo que existe aqui. Não vamos sair pelas ruas gritando a favor dos direitos humanos e das eleições livres porque essa seria uma atitude de provocação”.

Do outro lado, no Brasil, a Confederação Brasileira de Desportos, que na verdade não tem esse poder amparado nas leis e sim nos costumes, proibiu, por exemplo, o centroavante Reinaldo de dizer qualquer coisa sobre o regime político vigente na Argentina. Reinaldo, em entrevista ao jornal *Movimento*, havia se declarado a favor das eleições diretas e da anistia ampla no Brasil, de modo que é de supor que tenha alguma opinião formada sobre a Argentina. Ela não pode, porém, vir a público.⁷³⁷

Por uma perspectiva liberal, ou minimante inspirada em algumas de suas referências políticas e culturais, *Veja* assinalava a politização do futebol e a possibilidade de esclarecimento de seus agentes. Na contramão do verificado na imprensa argentina, exaltava as críticas aos regimes autoritários, situação vivida no país sede e no Brasil, bem como negava a pecha de alienante comumente atribuída ao esporte como fenômeno de massas.

Na hora do jogo, porém, suecos e brasileiros terminaram empatados por um a um. Reinaldo marcou o gol verde e amarelo nos momentos finais do primeiro tempo e comemorou

⁷³⁶ Id.

⁷³⁷ Id.

seu com o braço estendido e o punho cerrado⁷³⁸. As atenções se voltaram à crítica ao selecionado de Coutinho, cujos três meses de treinamento, ensaio e teorização não haviam aparecido, tanto entre os periódicos brasileiros e argentinos, surpresos com o resultado do jogo e o desempenho do time sul-americano. Além disso, diversos espaços repercutiam o curioso lance derradeiro do jogo, quando em meio a um escanteio cobrado por Nelinho o árbitro apitou o fim da partida em cima da marca dos 45 minutos com a bola em pleno ar, invalidando a cabeçada de Zico para o gol. O episódio foi destacado até mesmo em um cartum publicado por *Goles* (Figura 63) e gerou protestos entre os brasileiros, com profícuo eco entre parte da crônica esportiva.

Figura 63 – Punto final.



Fonte: SHUTO. *Goles*, Buenos Aires, n. 1533, p. 26, jun. 1978.

A partida seguinte dos donos da casa foi contra a França: vitória, de virada, por 2 a 1. Combinado com o outro jogo do grupo, o resultado assegurou antecipadamente a classificação argentina para a fase seguinte do torneio. Nem mesmo as lesões de Alonso e Luque, jogador mais destacado até aquele momento com gols em ambas as partidas, foi motivo para frear a euforia. *Gente* estampou a “dramática” classificação em sua capa, enquanto *Somos* reverberou “la locura del Mundial” (Figura 64). De acordo com o semanário, as fábricas, o comércio e as repartições públicas modificaram seu funcionamento, os cinemas mexeram a programação, as famílias alteraram sua rotina e “hasta las mujeres”⁷³⁹ adhirieron con fervor a esa especie de

⁷³⁸ Segundo a análise de Euclides Couto e as memórias do próprio jogador, um gesto que emulava a saudação típica dos Panteras Negras, realizado pelos atletas estadunidenses Tommie Smith e John Carlos nas Olimpíadas do México, em 1968. Diferentemente destes, Reinaldo não reivindicava o sentido da autoafirmação racial original, mas a inspiração estética de uma manifestação revolucionária de protesto contra a ditadura. O gesto transgressor, entretanto, passou praticamente despercebido nos veículos de imprensa aqui investigados. COUTO, 2010, p. 10-12.

⁷³⁹ A adesão das mulheres na mobilização em prol do mundial foi abordada em diversos momentos. O interesse e a torcida pelo desempenho do selecionado foram recebidos com surpresa e motivaram diferentes produções como artigos e cartuns. Nestes últimos, a participação feminina foi muitas vezes tratada na forma de uma sátira sobre os costumes, com a subversão do papel comumente atribuído às mulheres com relação ao esporte. A maioria dos artigos, porém, tomava o tema como uma novidade, alguns inclusive buscavam explicar o futebol ao

locura general que originó el Mundial de Fútbol”⁷⁴⁰. Em vista da passagem de fase, reportou a festa que tomou as ruas da capital, e também foi presente no interior do país:

[...] luego del angustioso triunfo argentino contra Francia, el centro de la ciudad quedó chico: veinte mil personas invadieron las calles y avenidas, según estimaría, horas después, la Policía Federal. Llenaron cafés y casas de comida, agitaron banderas, cantaron a viva voz. Caravanas de automóviles rodearon la plaza del Congreso, circunvalaron la Plaza de Mayo, convirtieron a la avenida 9 de Julio en una arteria de mano única. Todo con el telón de fondo de un concierto de bocinazos que duró hasta las 3 de la mañana.⁷⁴¹

A massiva tomada das ruas por parte da população, não apenas de aficionados, foi um ato que já havia ocorrido antes e que se repetiria, cada vez com maior intensidade, com o progresso da equipe na competição. A maioria das narrativas produzidas pela imprensa argentina exaltaram as manifestações populares e lhe conferiram o sentido patriótico tão desejado na propagação de uma imagem de nação, que reverberasse uma sociedade unificada e pacificada. Por mais que houvesse questionamentos e dúvidas quanto à equipe de Menotti, as críticas estavam submissas à festa ocasionada pelo logro da classificação.

Figura 64 – Capas de *Somos* n. 90 e *Gente* n. 672.



Fonte: *Somos*, Buenos Aires, n. 90, jun. 1978; *Gente*, Buenos Aires, n. 672, jun. 1978.

público feminino – a exemplo de *Gente* com seu “Curso acelerado de fútbol para mujeres” –, de modo a reforçar a condição do esporte como um espaço estritamente masculino, com a visão da Copa como um momento de exceção. Ainda que um estudo mais aprofundado seja necessário, verificamos a permanência de discursos que reiteravam as narrativas histórico-culturais já analisadas por Archetti (2003), na qual o futebol configurava em um dos lugares essenciais de representação da masculinidade – das formas de ver, sentir e se comportar publicamente que a definiam – dentro de uma cultura argentina hibridizada entre o tradicional e o moderno.

⁷⁴⁰ *Somos*, Buenos Aires, n. 90, p. 3, jun. 1978.

⁷⁴¹ RITACCO, Edgardo. La locura del Mundial. *Somos*, Buenos Aires, n. 90, p. 8-16, jun. 1978. p. 11.

Por sua vez, os comandados de Coutinho entraram pressionados contra os espanhóis. Obter uma boa vitória era fundamental para demover parte das dúvidas, abafar as acusações de “crise” e, principalmente, abrir o caminho para uma classificação tranquila na próxima partida. O jogo, entretanto, ficou muito aquém das expectativas: um empate sem gols que deixou os brasileiros em situação delicada, com sério risco de eliminação.

A reação amplamente negativa repercutiu duramente sobre Coutinho. Versões circulantes no dia seguinte anunciavam que o técnico tinha seu cargo ameaçado, davam conta de protestos da torcida⁷⁴² e indicavam a interferência sobre o escrete. O *Jornal do Brasil* informava que, em reunião realizada na concentração logo após a partida, “o Almirante Heleno Nunes, presidente da CBD, resolveu intervir diretamente no Selecionado Brasileiro, inclusive mantendo diariamente contratos com a Comissão Técnica, exigindo explicações de tudo o que se passa com a seleção”⁷⁴³.

Ainda de acordo com o diário, o cartola já havia deixado escapar aos repórteres uma das modificações necessárias ao time, justamente a substituição de Reinaldo por Roberto: “não estou querendo influir, mas a escalação do Roberto é quase uma necessidade. Ele é o atacante mais forte e raçudo que temos para o tipo de jogo a ser adotado neste escorregadio gramado de Mar del Plata”⁷⁴⁴. Mesmo que a ação não tenha se dado necessariamente em decorrência dos embates políticos, sugeridos durante o processo de preparação, mas das fracas atuações e do temor de uma eliminação precoce, as intromissões reforçavam as acusações a respeito da estrutura autoritária, militarmente hierarquizada e centralizadora da CBD dirigida pelo almirante. Na conformação vertical da entidade, o capitão Coutinho, assim como os demais membros da delegação, predominantemente militar, pareciam tolhidos de autonomia, submissos à ordem imposta escalonadamente de cima para baixo.

As críticas ao treinador proliferaram em diversos periódicos. A sequência negativa fez de Coutinho o motivo de capa de uma das edições de *Veja*, durante o mês de junho (Figura 65). Em seu artigo, a revista questionava se o técnico realmente era o único culpado da má atuação da equipe, ou se antes disso se tratava de “um reflexo de uma estrutura obsoleta”. No texto, a explicação mais factível correspondia à segunda opção:

⁷⁴² Um dos casos mais curiosos ocorreu em Mar del Plata, quando um grupo de torcedores brasileiros saiu às ruas com um boneco e um caixão representando o enterro simbólico do técnico (Figura 68).

⁷⁴³ Novo empate faz Heleno intervir na seleção. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 jun. 1978, p. 38.

⁷⁴⁴ Heleno Nunes quer Roberto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 jun. 1978, p. 38.

Coutinho, na verdade, transformou-se em mais uma ocorrência infeliz de um futebol obsoleto, subordinado a estruturas medíocres e que vai mal das pernas já há alguns anos. Talvez até ele tenha se transformado no símbolo mais que perfeito da incompetência que ronda os campos brasileiros. E, ao assumir o papel de falso brilhante, nivelou-se a tudo quanto há de equivocado por aí. [...] Apesar de toda esta adoçada simulação de atividade de nosso treinador que fala cinco línguas (mas, pelo visto, traduz mal), ele não poderá ficar com todos os ônus. É só olhar um pouco em volta. Temos, hoje em dia no Brasil, o futebol do almirante Heleno Nunes, cujo sonho é um Campeonato Brasileiro com 100 clubes, do Chapecoense do interior de Santa Catarina ao Itabaiana do interior de Sergipe – como se o Brasil, ou qualquer outro país, pudesse ter 100 clubes disputando, ao mesmo nível, o que quer que seja. Temos o futebol da Arena, no qual se contrabandeiam timecos desta ou daquela cidade para dentro do Brasileiro, na suposição (até agora não demonstrada nas urnas, por sinal) de que isso traria votos para o partido do governo.⁷⁴⁵

Figura 65 – As manifestações contra Coutinho na capa e no artigo de *Veja* n. 510.



Fonte: *Veja*, São Paulo, n. 510, jun. 1978. p. 1; 84.

Mesmo entre a imprensa alternativa, casos de *Pasquim* e *Movimento*, os fracos resultados e o péssimo futebol apresentado incorreram em duras críticas ao técnico e à composição da CBD. Um dos responsáveis pelo *Pasquim*, o cartunista Ziraldo, reiterou em diversos momentos sua oposição aos métodos e teorias empregadas por Coutinho, que desconsideravam a construção histórica do futebol como uma expressão cultural brasileira legítima, dotada de suas próprias características⁷⁴⁶. Também nas páginas do semanário, o

⁷⁴⁵ No banco dos réus. *Veja*, São Paulo, n. 510, p. 76-85, jun. 1978. p. 82-83.

⁷⁴⁶ “Se existe uma coisa realmente **cultural** no Brasil é futebol. [...] Coutinho, entenda isso. Dizem que você é inteligente (não do tipo que me encante, confesso), pois então vê se descobre que você, com o que aprendeu e quer aplicar, está ajudando a destruir uma parte do que mais importante existe nesse país: sua nascente autonomia cultural. E isso é ruim a longo prazo, Coutinho. Imagine: você ganha a Copa – graças ao milagre do futebol brasileiro – e vai validar uma tese que, no meio do torneio e nos meses de treino provou-se toda equivocada. Mas, e aí? Como é que vamos refazer a História, tendo você como herói? ”. ZIRALDO. De novo, Ziraldo? *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 468, p. 8, jun. 1978.

célebre Ruy Castro ironizou os méritos da preparação do escrete sob a tutela do capitão da reserva do exército:

Mas a culpa foi dos jogadores. Achem muito apenas cinco meses de jogos e treinos para se formar uma seleção? Nesse curto espaço de tempo, não dá para que atletas brancos, que nem sabem escovar os dentes, assimilem teorias complicadas como as do **ponto futuro** e do **jogo aéreo**. E que culpa tem o treinador se os dicionários de inglês não chegaram a tempo, a fim de que Toninho e Gil aprendessem o **que era um overlapping**? E acham fácil obrigar Zico, Rivelino, Reinaldo, Cerezo e Batista a desaprenderem **tudo** da noite para o dia? Duvido que outro treinador conseguisse tirar tão depressa toda a natural e espontânea criatividade dos nossos craques. Se não renderam bem, foi porque não souberam assimilar as modernas teorias de nosso treinador. Quanto a **polivalência**, o encargo dos jogadores foi simplesmente técnico: em vez de jogarem bem nas 11, jogaram mal nas 11. Acredito agora que, como recompensa, o nosso treinador deveria ensinar futebol ao Cosmos ou aprender no Kwait. De parabéns o treinador, Capitão Cláudio Coutinho.⁷⁴⁷

Por mais que a Copa tenha sido um tema corrente nas páginas de *Movimento* ao longo do mês de junho, a atuação da seleção brasileira ficou em segundo plano em suas abordagens, já que o foco se voltava para as múltiplas correlações políticas do torneio. A crítica a Coutinho não destoou dessa tônica. Em sintonia com a abordagem à esquerda da publicação, Plínio Marcos incluiu um componente de classe. Ao fazê-lo, o autor ressaltou a falência estrutural da CBD, corrompida por seus cartolas. Assim como o treinador, eles figuravam como representantes de uma elite minimamente letrada⁷⁴⁸ e prepotente, que se afastavam dos valores culturais populares tão caros ao futebol nacional, como a criatividade e imaginação de seus jogadores. Segundo o autor, a seleção havia sido “submetida às esdrúxulas e importadas táticas de Coutinho e sufocada pelo regime autoritário imposto pelos diretores da CBD”, de modo que os jogadores “impedidos de se manifestarem e querendo aplicar táticas que não assimilaram direito se tornaram ridículos robôs sem imaginação. Vagam pelo campo apáticos, acovardados. Estão desvinculados da sua cultura e não sabem como proceder”⁷⁴⁹.

Como se as sugestões implícitas de um vínculo entre o funcionamento do selecionado e o contexto ditatorial militar brasileiro não fossem suficientes, Marcos explicitava o paralelo no último parágrafo do artigo: “a seleção da CBD 78 é o reflexo do

⁷⁴⁷ CASTRO, Ruy. Em cima do muro. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 468, p. 19, jun. 1978.

⁷⁴⁸ O autor recordava a formação de Coutinho na Escola de Educação Física do Exército. Segundo o autor, o treinador e sua comissão técnica “receberam rudimentos de cultura erudita e estudaram todas as teorias existentes sobre futebol. Aí se sentiram formados. Fizeram rápidos estágios e entraram na vida profissional. Com pistóloes, padrinhos influentes assumiram os melhores empregos. E naturalmente foram aplicar o que aprenderam”. MARCOS, Plínio. Meia volta, volver. *Movimento*, São Paulo, n. 154, p. 9, jun. 1978.

⁷⁴⁹ Id.

Brasil de hoje, envolvido no obscurantismo de um regime autoritário e de técnicas desprovidas de humanismo”⁷⁵⁰.

Embora o almirante Nunes tenha negado sua ingerência sobre o escrete⁷⁵¹ e reiterado sua confiança no trabalho de Coutinho, o fato é que se intensificaram as pressões sobre o treinador. No embate decisivo contra os austríacos, já classificados, o time que entrou em campo foi aquele preferido pelo presidente da CBD. Com Zico e Reinaldo no banco, além de outras modificações, o time se tornou mais físico e afastou-se parcialmente das convicções de modernização do treinador. Em bola lançada à área, Roberto fez o único gol da partida e garantiu a classificação dos brasileiros no segundo posto do grupo.

Os argentinos haviam jogado um dia antes contra a Itália. Com ambos já assegurados para a fase seguinte, restava decidir quem ficaria com a liderança do grupo. O primeiro posto garantia a permanência em Buenos Aires, enquanto o segundo teria de se deslocar a Rosário. Em ambas as situações, lugares bastante favoráveis aos locais, ainda que a preferência fosse pela continuidade na capital. Na hora do jogo, entretanto, a Argentina experimentou seu primeiro revés na competição: 0 a 1. De qualquer modo, interessada em manter o otimismo e o apoio à equipe, *Goles* ressaltava que a Argentina estava “entre los ocho que pueden ser campeones del mundo” e que todos estavam praticamente “en nuestro mismo nivel”⁷⁵². Já *El Gráfico* conclamou o apoio da população: “ahora, más que nunca, debe resonar con fuerza el grito de ¡Arriba Argentina!”⁷⁵³. Reiterava que a equipe mantinha intactas as chances de título, pois, “en el plantel nacional existen valores humanos y espirituales suficientes como para superar el impacto emocional y el retroceso futbolístico que suele provocar la derrota”⁷⁵⁴.

Ao passo que as narrações sobre o país sede buscavam manter o entusiasmo com o selecionado de Menotti, no Brasil persistiam a insatisfação e os protestos contra a equipe de Coutinho. Em ambos os casos, o envolvimento afetivo e sentimento de pertença estavam presentes nas narrativas, porém com sentidos opostos: de congregação quase inconteste no caso argentino e de contestação da suposta representatividade no brasileiro.

Mesmo assim, reconhecia-se que com a passagem de fase se renovavam as chances de título. Apesar do desempenho e do clima bastante distintos, dentro e fora dos gramados, os vizinhos do Cone Sul haviam terminado em segundo lugar em seus respectivos grupos e, por

⁷⁵⁰ Id.

⁷⁵¹ O próprio atacante vascaíno se dizia, não sem razão, prejudicado pelas constantes declarações de “torcedor” de Heleno Nunes, pois alimentava as versões de que sua presença no escrete não se dava por sua qualidade, mas pela influência do dirigente.

⁷⁵² Argentina, uma entre ocho. *Goles*, Buenos Aires, n. 1535, p. 3, jun. 1978.

⁷⁵³ Ahora más que nunca ¡Arriba Argentina! *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3062, p. 3, jun. 1978.

⁷⁵⁴ Id.

isso, teriam de se enfrentar na segunda fase do torneio, quando disputariam, ao lado de Polônia e Peru, uma vaga para a final.

8.3 O FUTEBOL COMO ESPAÇO DE DISCUSSÃO POLÍTICA NA IMPRENSA BRASILEIRA: *VEJA*, *MOVIMENTO* E *PASQUIM*

Ao observarmos os veículos de imprensa brasileiros, deparamo-nos com uma gama variada de produções que se propuseram a discutir os significados e articulações políticas estabelecidas ao redor do futebol durante a Copa. A revista *Veja*, os alternativos *Pasquim* e *Movimento* foram alguns dos espaços onde o futebol e a competição mundialista foram tensionados, fosse ao questionar o contexto sociopolítico argentino ou ao refletir sobre os sentidos atribuídos à modalidade no Brasil.

Embora seguissem propostas político-editoriais bastante distintas, os três periódicos guardavam semelhanças, em meados de 1978: adotavam um tom crítico à ditadura e afirmavam a necessidade da redemocratização do país, ainda que seu entendimento de como esta devesse se estruturar não fosse o mesmo. Sob esse aspecto, ao pensarem o futebol, o faziam de um lugar determinado no qual, à luz da experiência brasileira recente pós-1964 e do episódio do tricampeonato em 1970, questionavam a leitura política sedimentada sobre a modalidade e a eficácia de seu uso por parte do regime militar.

Essa postura foi nítida por *Veja* e *Movimento*, cujo formato tradicional, com ênfase nas produções escritas informativas e opinativas, levou à confecção de artigos nos quais os autores discutiram especificamente os paralelos políticos do esporte. Em *Veja*, esse debate foi latente na edição 509, da primeira semana de junho. O artigo “Algo mais que a bola”, alocado na seção de política internacional, relembra a ampla movimentação que cercava megaeventos esportivos internacionais, como as Olimpíadas e a Copa do Mundo. Ao recordar a ampla mobilização levantada contra e favor do certame no país platino, não tinha dúvida em cravar que se tratava da “mais politizada” das Copas:

Política é tudo, é obvio. Ela não pode estar ausente do esporte nem de coisa alguma. Mesmo em face de uma verdade tão antiga como a onipresença da política nas competições esportivas, no entanto, o Mundial da Argentina se destaca. Talvez nunca, na história das copas, tenha se atingido um nível tão grande de politização. De um lado, o governo argentino toma a Copa como uma oportunidade para exibir o que possa haver de competência administrativa do regime, além de uma ocasião para brindar o mundo com sua versão de normalidade do país – mesmo que isso apenas seja conseguido à custa de centenas de policiais protegendo cada delegação participante, além dos convenientes cães amestrados, armas e cercas. Para os adversários da Junta Militar de Buenos Aires, por outro lado, a Copa vem a calhar para campanhas que, ao redor mundo, têm variado das tentativas de boicote puro e

simples do Mundial à propaganda contrária ao regime chefiado pelo general Jorge Rafael Videla.⁷⁵⁵

Apesar dessa constatação, o autor duvidava da capacidade do futebol em sustentar as reivindicações políticas projetadas contra a Argentina. Por mais que o país estivesse nos centros das atenções, a fraqueza dessas iniciativas contestatórias, como a do boicote, estava justamente na preocupação predominante do público com o jogo em si: “será que o interesse pela bola não triunfara sempre no final?”. Por mais que afirmasse que sempre haveria algum lugar para protestos, sua retórica reiterava que “não há dúvidas de que será assim. Afinal um Mundial é um Mundial, e os cerca de 2 bilhões de pessoas que o estarão acompanhando, pela televisão, estarão com os olhos grudados mais em Rivelino, no francês Platini ou no Alemão Sepp Maier que nas ordens de Videla”⁷⁵⁶.

Mesmo com toda a discussão catapultada em decorrência do amplo interesse proporcionado pelo futebol, o articulista acabava por reiterar o entendimento do esporte enquanto espaço prioritário de entretenimento massivo, no qual os debates políticos, ainda que presentes, ficavam sempre legados a um segundo plano. Essa postura, ainda que coadunasse com a compreensão liberal capitalista do periódico, avessa às ideologias de esquerda que haviam assumido o protagonismo nas acusações, acabava por desqualificar parte significativa dos discursos já produzidos, inclusive da própria revista, que conferiam uma visibilidade pública inédita até então para a situação autoritária e repressiva do país platino.

Por mais que os objetivos concretos de boicote não tenham se efetivado, era fato, como a própria redação pontuava, que a Argentina se encontrava “talvez como nunca em sua História, discutida no mundo”⁷⁵⁷, justamente em decorrência do debate alavancado a partir do certame. Paradoxalmente, o artigo acenava para a politização da Copa apenas para refutar a potencialidade de uma crítica política efetiva a partir do futebol. Uma compreensão que, mesmo despropositadamente, acabava por corroborar com as narrativas propostas pelo país sede, que buscavam desvencilhar o esporte de qualquer discussão dessa natureza, para capitalizar em torno da ordem vigente os sentimentos de pertencimento nacionais promovidos junto à população.

Logo após o artigo de Toledo, outro repórter da revista assinou uma coluna com uma leitura sensivelmente distinta. Renato Pompeu, também reprochava a proposta do boicote. Contudo, sua crítica não se dava pelo protesto através do esporte, mas pela ineficiência da

⁷⁵⁵ TOLEDO, Roberto Pompeu de. Algo mais que bola. *Veja*, São Paulo, n. 509, p. 70-72, jun. 1978. p. 70-71.

⁷⁵⁶ *Ibid.*, p. 72.

⁷⁵⁷ *Id.*

iniciativa em si, a qual prejudicaria muito mais a população do que o regime argentino. Também em sintonia com a leitura de um fenômeno capitalista moderno e massivo, apresentava o futebol como uma “prática progressista, independente do proveito político que tradicionalmente pretendem obter os regimes de direita”⁷⁵⁸.

Em sua análise, o futebol não era apenas um esporte, mas um espetáculo cênico e lúdico, de desfecho incerto, que envolvia ativamente os espectadores. A participação e o interesse sobre esse espetáculo, sobretudo em uma Copa do Mundo, incentivariam as pessoas a se informarem e compararem aspectos políticos, sociais e culturais dos envolvidos. Desse modo, ao privar as pessoas de participar do drama esportivo, arrefecer-se-ia o interesse da população, bem como a possibilidade de que formassem uma opinião. Sob tal compreensão, a iniciativa do boicote em si, como uma meta a ser alcançada e não como um pressuposto discursivo, aparecia para o autor como um erro estratégico:

Cometeram grave equivoco os que, no mundo inteiro, organizaram o boicote à Copa na Argentina. Eles tinham como objetivo criar dificuldades a um regime conservador, seu sonho era que as nações não enviassem seus times a Buenos Aires. Ora, não é muito difícil demonstrar que, a bem do progresso, a prática do futebol tem de ser incentivada e não combatida. Se a Copa tivesse sido suspensa por falta de participantes, tudo o que aconteceria é que os argentinos, todos eles conservadores e progressistas, fechariam em coro com o governo ofendido. No entanto, realizada a competição, não constituirá surpresa se ainda este ano, em parte motivada pela Copa, o governo argentino anuncie medidas liberalizantes.

[...]

Assim está explicado o erro dos boicoteadores. Não se pode confundir um país, uma massa de seres humanos reunidos por origem e território comuns, com um regime. O boicote ao regime, se lograsse êxito, teria sido um boicote a toda a nação argentina. E não estaria acontecendo o que está acontecendo agora, ou seja, toda a nação argentina e todos os povos do mundo informando-se reciprocamente sobre todos os aspectos de cada país disputante da Copa. Não estaria ocorrendo esse conagração universal.

Aos que insistem em considerar o futebol como alienação, bastaria lembrar que a Itália foi bicampeã mundial sob o fascismo, mas o fascismo italiano não encontrou nenhum torcedor que o salvasse no momento final.⁷⁵⁹

Apesar das simplificações políticas do texto, ou de ignorar as particularidades da própria estrutura sobre a qual se amparava a modalidade, a leitura de Pompeu seguia por um caminho diferente do artigo de Toledo. O autor não só enaltecia o espetáculo do futebol, como negava as conjecturas comuns de seu uso político. Ao contrário: a modalidade resguardaria um caráter liberal ao mobilizar as pessoas, mesmo à distância, e estimular-lhes algum tipo de reflexão passível de ser canalizada, na forma de uma pressão pública sobre os regimes políticos.

⁷⁵⁸ POMPEU, Renato. Boicote equivocado. *Veja*, São Paulo, n. 509, p. 73, jun. 1978.

⁷⁵⁹ Id.

Curiosamente, mesmo sob concepções políticas opostas, afinal de maneira alguma a afirmação do futebol como progressista pressupunha algum tipo de ação revolucionária, a argumentação em prol da necessidade de manutenção da Copa dialogava com o discurso apresentado pelo *Movimiento Peronista Montonero* (MPM) no exílio. Afinal, era justamente essa a posição dos montoneros ao negar o boicote: por um lado, não prejudicar o envolvimento legítimo da população, por outro, atrair o maior número de olhares possíveis para a Argentina ditatorial e publicizar sua luta em prol de uma revolução popular no país.

Como um dos porta-vozes de parte dos discursos da esquerda, *Movimento* também se propôs a discutir politicamente o certame e ecoou as diversas acusações quanto à ditadura argentina. Quem lesse o jornal pouco descobriria sobre as partidas, a atuação dos brasileiros ou a classificação das equipes. Mas, desde a última edição de maio, estaria a par das prisões, torturas e violações dos direitos humanos ocorridas na Argentina *procesista*. Com a bola já rolando, o semanário reproduziu à risca a proposta de denúncia ventilada desde as campanhas projetadas pela Europa, entre organizações humanitárias e grupos de esquerda (Figura 66).

Figura 66 – O tiro de Videla saiu pela culatra.



Fonte: BRAGA, Teodomiro. O tiro de Videla saiu pela culatra: a Copa mostra a Argentina como ela é. *Movimento*, São Paulo, n. 153, p. 10-11, jun. 1978. p. 10.

Porém, além de reproduzir as denúncias sobre a infame situação argentina, o semanário também se propôs a refletir sobre o futebol e a Copa do Mundo em si, como espaços de política. Com uma parceria com o *Le Monde*, no qual tais questões foram

arduamente debatidas nos meses anteriores, o jornal reproduziu alguns textos veiculados no jornal francês. Um deles, reproduzidos em meio a uma reportagem mais ampla sobre a competição, trouxe uma reflexão pertinente: atentava para o amplo e incontestado poder das estruturas responsáveis por gerir os esportes e desnudava as convicções e projetos políticos que se encontravam por trás do discurso esportivo moderno do célebre barão de Coubertin:

Os ideólogos do esporte “humanista” acham que este não passa de uma vítima inocente, virgem e cativa dos regimes ditatoriais.

Cunhado, o poder econômico e político das instituições esportivas internacionais, entre as quais o COI e a FIFA em posição de destaque faz pairar sérias dúvidas sobre sua inocência. O funcionário desses verdadeiros órgãos com poder supranacional deixa transparecer alguns indícios sobre a ideologia em que se apoiam: política de subterfúgios, favorecida pela longevidade dos dirigentes, membros recrutados se consulta aos Estados, com um funcionário que dá todo o poder ao presidente, o qual não presta contas a ninguém, muito menos ao governante, cuja autoridade muitas vezes é discutida.

Mas a obra escrita do fundador do Olimpismo moderno, barão Pierre de Coubertin, desfaz as últimas dúvidas. Longe de ser o amável filantropo que muita gente imagina, preocupado com a higiene física de seus contemporâneos, Coubertin era um homem de posições políticas cujo pensamento elitista e sutilmente racista impregna ainda hoje as instituições esportivas internacionais. Seu sonho, simbolizado pelos cinco anéis entrecruzados, era chegar a uma sociedade planetária, dirigida por um poder supranacional, cujo desinteresse político asseguraria a imparcialidade: uma “geografia esportiva” que substituisse a “geografia política”, daria origem a uma “nova ordem”.

[...] Mesmo que a utilização da ideologia do esporte e de seus organismos pelas grandes potências e por seus aliados no Terceiro Mundo seja contestada, nem por isso ela deixa de ser um poderoso instrumento de influência política.⁷⁶⁰

Se a prática esportiva em si poderia ser alvo de apropriações e ressignificações por parte dos governos, a redação salientava que as próprias instituições responsáveis por gerir o desporto apresentavam intrincadas relações de poder que deveriam ser inquiridas, pois não tinham nada de ignorantes ou inocentes. Desse modo, não eram apenas as relações e discursos políticos projetados externamente que deveriam ser debatidos e criticados, como faziam os artigos de *Veja*, mas também aqueles que amparavam o esporte como expressão sociocultural moderna, com objetivos e funções previamente definidos.

Movimento também trouxe artigos que se propunham a discutir o futebol tendo como base a experiência brasileira. Na edição 154, a publicação se perguntou “é o futebol um instrumento de alienação da população brasileiro? Uma espécie de ópio do povo?”⁷⁶¹. Para tentar responder a questão, a publicação convocou o economista Chico de Oliveira e o

⁷⁶⁰ DENIS, Daniel; GENE, François. Esporte: a exploração política. *Movimento*, São Paulo, n. 152, p. 13, maio 1978.

⁷⁶¹ O futebol é ópio do povo? *Movimento*, São Paulo, n. 154, p. 10-11, jun. 1978. p. 10.

jornalista e escritor Roberto Drummond – um dos principais defensores de Reinaldo em Minas Gerais.

Primeiro a oferecer sua interpretação sobre a questão, Oliveira começou pela constatação de que, em sua compreensão, o futebol só tinha tamanha importância no Brasil pelo nível geral de pobreza. Como um jogo fácil de praticar, ou de brincar e improvisar, o autor afirmava que havia uma relação direta entre a pobreza e a popularidade do futebol, muito mais acessível à população do que outras modalidades. Ao investir sobre o tema proposto, evocou justamente o quadro político atual, afinal, como reconhecia o próprio autor, por trás das perguntas havia a preocupação de que a ditadura pudesse se utilizar de uma eventual vitória da seleção para se aproximar da população, fortalecer seu projeto político e angariar votos para as vindouras eleições. Sua resposta, entretanto, foi uma negativa sonora:

Minha resposta é um claro *não*. A esta altura da jogada, em se tratando de matéria sobre futebol, tanto o destino deste governo quanto do seu simulacro de partido já estão selados. Não acredito nisso; acredito e vejo, entrando-me pelos olhos da cara, os movimentos populares, as greves, a insatisfação geral que corre o país de ponta a ponta como os sinais de que este regime, pelo menos na sua forma atual, chegou ao fim.

[...] Mas não creio que, qualquer que seja o resultado da caminhada da seleção brasileira nesta Copa do Mundo da Argentina, exitosa ou desastrosa, tenha repercussão significativa sobre o andamento da política no Brasil. Porque acredito que a conscientização que está havendo e se aprofundando, entre as grandes massas populares, não permite uma manipulação tão grosseira e tão descarada. Por que a crise que grasse, separando dirigentes e dirigidos, dominantes e dominados, não é uma mera febrezinha, uma dor de garganta que possa ser curada com gargarejos de gols. Porque até a crise que divide os próprios dominantes, revelando a podridão das classes dominantes brasileiras, não pode ser curada pelo futebol: a política do futebol é uma política de conchavos pequenos e pouco tem a ver com a grande política institucional, em que se trata de saber como sair da crise econômica, a quem vai caber os grandes pacotes de investimento, quem fica com a indústria de bens de capital, como pagar uma dívida externa que este ano chegará aos 40 bilhões de dólares.⁷⁶²

Ao pontuar essa postura, o autor repercutia justamente o aumento da oposição generalizada, com um aumento da conscientização da população. Ou seja, era o contexto histórico em si que inviabilizaria as estratégias de aproximação do futebol por parte do governo. Isso não significava, entretanto, que não houvesse tentativas de instrumentalização da paixão aglutinada pela modalidade, como o próprio regime já havia proposto anteriormente. Porém, ao reconhecer essas iniciativas, o autor não incorria na reificação do mantra da manipulação das massas como única possibilidade. Ao invés disso, reconhecia a complexidade das relações tecidas entre o “futebol e a política”, nas quais a alienação era

⁷⁶² OLIVEIRA, Chico de. “Brasil só é futebol por causa da pobreza do povo”. *Movimento*, São Paulo, n. 154, p. 10-11, jun. 1978. p. 10.

apenas uma possibilidade narrativa, muitas vezes ineficiente, talvez por subestimar o vínculo afetivo da população com o esporte e a capacidade de discernimento dos sujeitos:

Enfim, para encerrar a conversa as relações entre futebol e a política são tão complexas como qualquer outra relação entre arte e política, por exemplo: não dá para exercícios de dialética vulgar. E eu, embora goste do futebol, não tenho condições para uma dissertação mais sofisticada sobre essa relação. O que me conforta é ver que, com Seleção ou sem Seleção, com ou êxito ou sem êxito na Copa do Mundo, o amadurecimento popular já deu às costas a esse tipo de manipulação. Continuarão a tentar os que se servem de um legítimo divertimento popular para utilizá-lo com fins subalternos? Certamente sim. Mas, ano de 1976, quando houve eleições para vereadores, fui a uma partida de futebol no Estádio do São Paulo Futebol Clube, para lá acorreram todos os cabos eleitorais dos candidatos, na esperança de que tendo “povão” era uma boa oportunidade para distribuir propaganda. Eu vi, não sem alegria, que ninguém segurava nas mãos os papéis, papeluchos, até cartazes de propaganda eleitoral que praticamente atapetaram as cercanias do campo do São Paulo. O “povão” tinha ido ali para ver mesmo futebol. Magnífica lição.⁷⁶³

O texto de Drummond atacava o problema por outro viés, igualmente articulado à história recente do país. Ciente de que a definição do futebol como “ópio do povo” seguia uma adaptação simplista da crítica marxista à religião, o autor se debruçou justamente sobre as esquerdas brasileiras, tradicionalmente de inspiração socialista, incapazes até então de atentar para o futebol para além da definição apriorística da alienação. Sem considerar que a racionalidade e esclarecimento político que afirmavam possuir eram permeados e modulados por uma intensa paixão revolucionária, tão ou mais envolvente do que aquelas correlatas ao esporte, os militantes desqualificavam o futebol em vista de sua configuração como uma paixão popular, negando-lhe qualquer possibilidade de expressão política para além da manipulação.

As esquerdas brasileiras sempre reagiram, diante de uma paixão popular (sim, porque é uma paixão popular) como o futebol, com chavões e lugares comuns do tipo ópio do povo, pão e circo, etc. Acreditam nas esquerdas brasileiras, nos seus setores mais infantis, parece que foi um exército comandado por Pelé e formado por jogadores de futebol que derrubou o governo João Goulart em 64 e utilizando como armas (em vez de tanques, canhões, etc.) chuteiras e gols, acabou com toda a liberdade que nós tínhamos.⁷⁶⁴

Como atestava Drummond, era claro que a direita sabia usar o futebol. Para o autor, o momento emblemático à proliferação dessa interpretação reducionista teria sido durante a Copa de 1970, quando a ditadura, em seu ápice repressivo e econômico sob a administração

⁷⁶³ Ibid., p. 11.

⁷⁶⁴ DRUMMOND, Roberto. “Por acaso foi Pelé quem derrubou Jango?”. *Movimento*, São Paulo, n. 154, p. 11, jun. 1978.

Médici, “soube transformar os tricampeões do mundo, Pelé à frente, em fascinantes garotos propagandas”⁷⁶⁵. Na sua avaliação, foi dessa fase que veio “um equívoco das esquerdas e, mesmo da oposição não esquerdista: a de jogar a culpa no futebol, no endemoniado ópio do povo”⁷⁶⁶. Porém, fazia questão de ressaltar que não era o futebol que havia sustentado o regime militar ou qualquer outra ditadura, mas a imposição pela força, o medo e a violência⁷⁶⁷. Além disso, diante do exemplo da greve dos metalúrgicos, que não se esvaziariam em seus objetivos, se distraíram ou perderam visibilidade com a iminência da competição, reiterou que “quando alguém sabe o que quer, nada pode ser ópio”⁷⁶⁸.

Diante da atual conjuntura, com a articulação de novas frentes de oposição e sob a expectativa de um processo de redemocratização, era necessário que as esquerdas revisassem seu pensamento quanto à abordagem direcionada ao esporte mais popular do país. Sem dúvida, o futebol era usado pelos governos e continuaria a sê-lo no futuro, mas era preciso refletir por que os atores à esquerda não poderiam se aproximar dele e de seus ídolos, para além da denúncia da manipulação popular e da corrupção de sua estrutura capitalista.

As raivas que as esquerdas têm do futebol se manifestam em chavões que, agora, precisam ser analisados, e digo agora por achar que devemos, muito antes do que imaginamos, estar de volta à democracia, então nós (e eu me incluo) que estamos à esquerda devemos rediscutir a realidade brasileira em todos os sentidos.

Quais são os chavões sobre o futebol?

1 – Futebol é o ópio do povo.

Num país de povo carente como o nosso, o futebol, como a música caipira do interior de São Paulo, os boleros de Waldick Soriano, etc., é um amparo do brasileiro, que tem, na sua imensa maioria, que ser um herói todo dia. Se amanhã algum decreto acabasse com o futebol no Brasil, o povo não pegaria em armas, nem nada, nem iria para as ruas pedir a volta da democracia, simplesmente não aconteceria nada. Na época da Grande Marcha, o ópio da China era o ópio mesmo e, ainda assim, Mao Tsé Tung venceu.

[...] 2 – Futebol é uma alienação.

Acusam a direita de usar o futebol: é verdade.

Pergunta: por que a esquerda não usa também?⁷⁶⁹

De certo modo, a crítica de Drummond dialogava com o dilema escamoteado pelo próprio projeto político da modernidade, que tentava afastar os sentimentos, restritos ao âmbito privado, dos embates públicos supostamente subordinados à razão. Ao negligenciar a

⁷⁶⁵ Id.

⁷⁶⁶ Id.

⁷⁶⁷ O autor explicitava essa visão ao final do texto, quando retomava pontualmente o caso da Argentina: “Ao que parece, os tanques, os fuzis e as metralhadoras é que mantêm as ditaduras e, não, uma paixão, muito boa de viver, pelo futebol. Se o futebol acabasse na Argentina, onde também é ele uma paixão, nada aconteceria ao ditador Videla. Agora, se os tanques, os fuzis e as metralhadoras deixassem de existir na Argentina, ah, eu não sei o que seria de Videla, não sei”. Id.

⁷⁶⁸ Id.

⁷⁶⁹ Id.

potencialidade política das paixões e dos sentimentos – recorrentemente convocados à ação pela história – aglutinados pelo esporte, os grupos tradicionais de esquerda perdiam a oportunidade de mobilizar a população, desprezada em sua composição massiva, e de propagar suas ideias para além de seus espaços restritos e recorrentes de atuação. Sem a mesma preocupação, ou pudor, os segmentos de direita, notadamente aqueles ligados à ditadura e aos poderes hegemônicos instituídos, não se furtavam em reforçar a imagem despolitizada do futebol e tentar canalizar seu apelo em proveito próprio, mesmo quando seus atores centrais não compartilhavam do mesmo apreço – casos do próprio Geisel e de Videla.

Os artigos de *Movimento* reverberavam o momento singular vivido no Brasil. Seus questionamentos se davam em um momento de relativo afrouxamento do aparato autoritário. Cabe recordar que a edição 154 do periódico foi a primeira a chegar às bancas, após a suspensão da censura prévia. Por isso mesmo, as possibilidades narrativas de discussão ao redor do regime se ampliavam e atingiam também o futebol. Sob esse contexto, a simples acusação deste como lugar de alienação já não tinha sentido, tanto pelas críticas ao selecionado e à gestão da CBD, quanto pelo desgaste da imagem da seleção como representação da nação a ser capitalizada por um regime, que havia perdido parcela significativa de suas bases de apoio, legitimidade social e força de locução pública. Nesse sentido, os artigos reconheciam a importância do esporte como manifestação cultural, com grande carga afetiva popular, mas recusavam sua redução como instrumento de manipulação. As relações eram mais complexas e cabia à esquerda explorá-las, inclusive, para repensar sua própria prática política em uma vindoura democracia, onde os lugares e formas de luta revolucionária diferiam muito da resistência armada e clandestina.

8.3.1 Pasquim: a estética política dos cartuns

O futebol estava longe de ser um assunto estranho ao *Pasquim*, mas assim como os demais veículos investigados, intensificou sua atenção à modalidade com a chegada da Copa do Mundo. Nos meses de maio e junho, sem descuidar de suas principais preocupações no momento⁷⁷⁰, o futebol esteve presente na arte de capa de quatro edições subsequentes nesse intervalo: do n. 465 ao n. 468 (Figuras 27, 67 e 80).

⁷⁷⁰ Além da perene oposição ao regime e a sátira cultural aos costumes, o semanário, tal qual *Movimento*, estava engajado na defesa de bandeiras como a liberdade de expressão, o fim da censura, a anistia aos exilados e presos políticos e a revogação do AI-5.

Internamente, o tema foi contemplado em seções, artigos, comentários de diferentes colaboradores. Entretanto, em acordo com a ênfase concedida ao humor gráfico, foi sob o traço dos cartunistas, em tirinhas, charges e ilustrações, que o futebol foi explorado de maneira mais variada e contundente, sobretudo como forma metafórica de crítica política e social. As produções se ocuparam da seleção brasileira e seus integrantes, dos dirigentes da CBD e do mundial em si. Também se debruçaram sobre a importância concedida ao futebol no país, atentando para sua estreita relação com a população como elemento de forte conotação cultural.

Figura 67 – Capa *Pasquim* n. 466; capa e contracapa *Pasquim* n. 467.



Fonte: *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 466, jun. 1978; *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 467, jun. 1978;

Como artefato artístico intencional⁷⁷¹, contendo uma preocupação estética evidente, é, sobretudo, no esforço relacional que reside parte da força de manifestação política dos cartuns do *Pasquim*. Neste ponto, aproximamo-nos das considerações do pensador Jacques Rancière. O estudioso argelino, ao longo de diversas obras, discute as aproximações entre estética e política, como estão atreladas à percepção sensível dos indivíduos e como se manifestam na esfera da arte.

Para Rancière, a política não consiste, primariamente, no exercício do poder ou na luta pelo poder⁷⁷². Ela é a atividade que (re)configura constantemente os marcos sensíveis, elaborados a partir de um espaço específico de experiências, no seio dos quais se definem

⁷⁷¹ BAXANDALL, M. *Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

⁷⁷² RANCIÈRE, J. *El malestar en la estética*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2011a. p. 33; RANCIÈRE, J. *Las paradojas del arte político*. In. _____. *El espectador emancipado*. Buenos Aires: Manantial, 2011b. p. 61.

objetos de interesse comuns e dependentes de uma decisão comum dos sujeitos⁷⁷³. Ela atua na permanente redefinição do espaço e tempo dos indivíduos, de suas formas de ser, de ver e de dizer, de sua participação na vida pública ou privada⁷⁷⁴. Esta ação perene de redistribuição dos lugares, das identidades, do visível e do invisível, da palavra e do silêncio constituiu aquilo que o autor denomina como partilha do sensível⁷⁷⁵, uma ação política fundamental.

La política consiste en reconfigurar el reparto de lo sensible que define lo común de la comunidad, en introducir sujetos y objetos nuevos, en volver visible aquello que no lo era y hacer que sean entendidos como hablantes aquellos que no lo eran percibidos más que como animales ruidosos⁷⁷⁶.

É precisamente no tocante à gestão das sensibilidades que arte e política se aproximam de modo mais efetivo. O domínio destas relações sensoriais concerne à estética, pois é através dos sentidos que tomamos contato com o sensível. No caso da produção artística gráfica, este processo se desenvolve principalmente por meio da visualidade. Deste modo, a arte não se torna política, em primeiro lugar, pelas mensagens e sentimentos que busca transmitir. Tampouco a razão elementar consiste nas formas como representa a sociedade, seus conflitos e as diferentes identidades. Ela se torna política, principalmente, pela maneira como lida com o sensível, pelo modo como opera um recorte material e simbólico, designando um novo arranjo do espaço e do tempo⁷⁷⁷.

É com base nessas considerações, entre os contatos entre a política e a estética, como dimensões de tratamento do sensível, que nos debruçamos sobre o material gráfico veiculado no *Pasquim* com motivo do mundial. Como o processo de produção de imagens, gestos e palavras representados nas produções sobre o esporte pretendiam tensionar os significados atribuídos ao esporte e estimular a percepção dos espectadores.

Um dos principais exemplos desse jogo se deu através dos cartuns, que se utilizavam do emblema do evento como motivo central de seus desenhos. Em alguns casos, o exercício proposto pelos cartunistas se focou no próprio trabalho sobre o logotipo, modificando-o de

⁷⁷³ RANCIÈRE, 2011a, p. 33; 2011b, p. 62.

⁷⁷⁴ “Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina própria mente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. [...] É um recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, de palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma de experiência. A política ocupa-se do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem a competência para ver e qualificação para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo.” RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Ed34, 2005. p. 15-17.

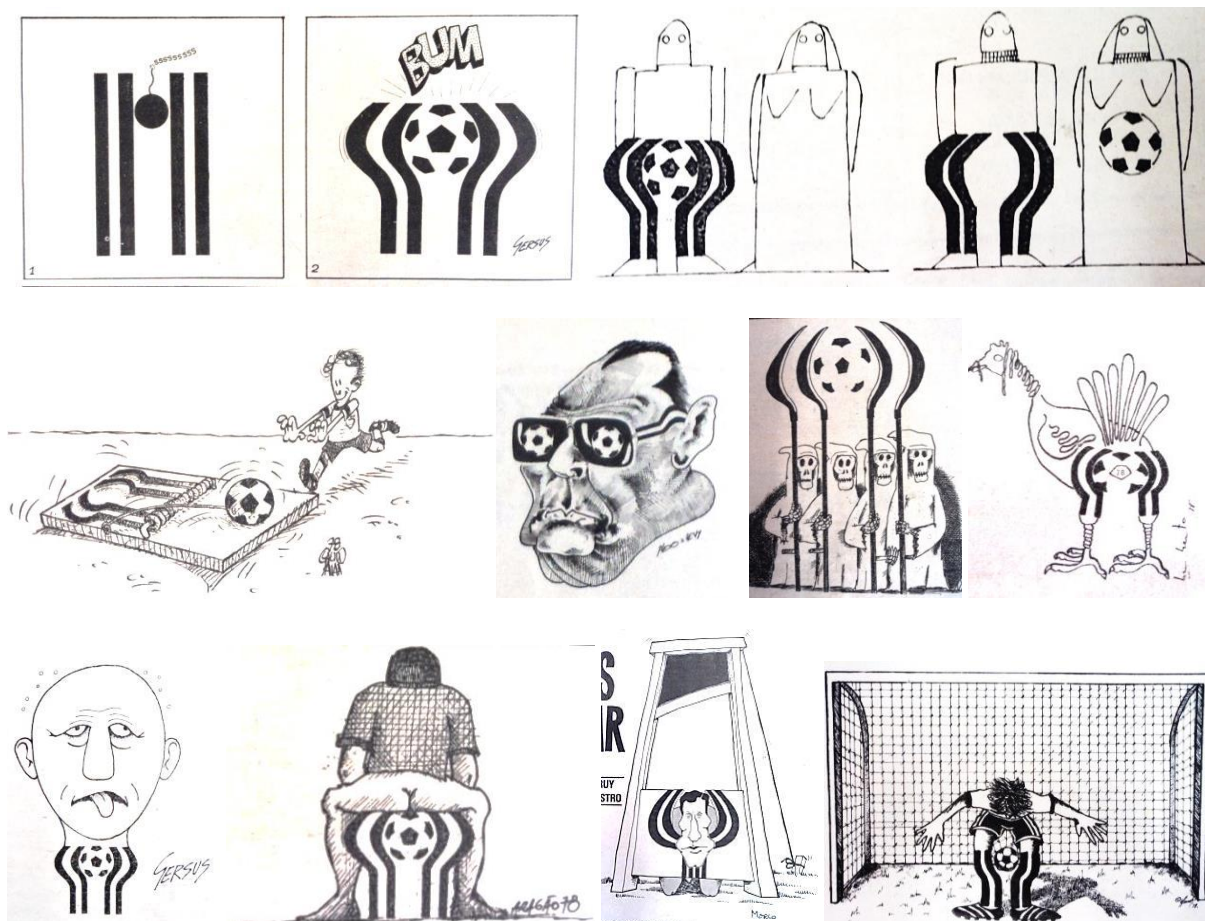
⁷⁷⁵ RANCIÈRE, 2011a, p. 34.

⁷⁷⁶ Ibid. p. 35.

⁷⁷⁷ Ibid. p. 33.

variadas formas, mas mantendo a referência evidente a sua concepção original (Figura 68). Na maioria das situações, a intensão de transmutar o símbolo em algo distinto, diluí-lo em uma composição mais ampla e subverter seu sentido e função primários, tinha por objetivo provocar um efeito de humor. Em outras palavras, a intenção de brincar com as possibilidades gráficas do logotipo, manipulá-lo e ressignificá-lo graficamente, era a de provocar o riso.

Figura 68 – Exemplos de uso da logomarca do Mundial pelos cartunistas do *Pasquim*.



Fonte: *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 465; 466; 467; 468, maio-jun. 1978.

Em outras produções, entretanto, o uso do símbolo seguia no sentido de provocar uma crítica social, normalmente articulada à Copa do Mundo. É o caso, por exemplo, de uma charge de Agner, em que um personagem robusto e carrancudo, trajando uma farda policial, ergue para o alto um cassete com uma bola na ponta e sacode, numa ação que dá forma ao símbolo, enquanto um personagem franzino se contorce todo – trêmulo – diante da ameaça eminente da agressão (Figura 69). O problema em questão passava a ser o da violência e da repressão institucionalizadas.

Figura 69 – Agner.



Fonte: Pô, o que este símbolo está rendendo! *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 468, p. 21, jun. 1978.

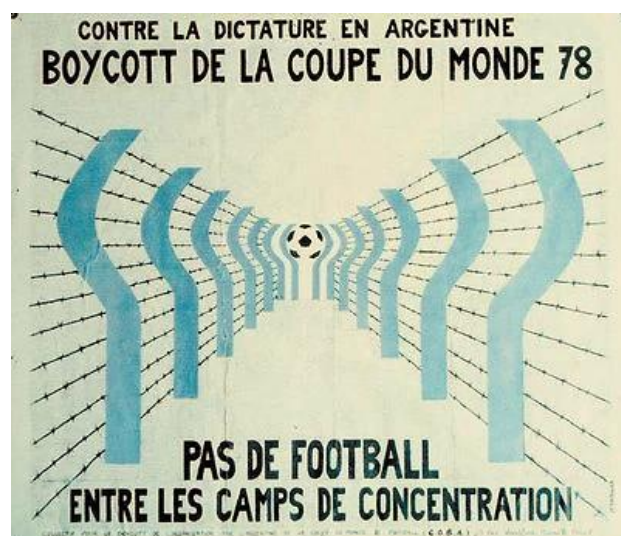
Além desses, a capa da edição 465 (Figura 27), já abordada anteriormente⁷⁷⁸, se valia do logotipo para pontuar sua desconfiança ante a competição organizada por uma ditadura militar. Por mais que tenha sido exaustivamente explorado nas páginas do semanário, é importante destacar que o emprego do emblema pelos cartunistas do periódico não foi uma prática exclusiva ou original. Esse mesmo recurso foi extensamente aproveitado por artistas gráficos nos mais diversos espaços e lugares, fosse como forma de referência crítica, humorística ou satírica. Cabe lembrar a própria iniciativa de artistas vinculados ao COBA, que criaram diversos materiais – alguns deles reproduzidos no alternativo (Figura 29) –, a partir do rearranjo estético do símbolo, invocando expressões estilizadas de morte e horror, para acusar a violência do regime e impulsionar a campanha de boicote (Figura 70).

Em todos esses casos, os cartunistas se valeram de técnicas variadas para retratar a insígnia característica da Copa de 1978 e lhe conceder um novo significado. Buscaram diferentes experiências estéticas que provocaram novas formas de percepção. Mesmo quando não pretenderam tratar diretamente de um problema sociopolítico singular, instigaram o espectador em busca de novos estímulos de sensibilidade. Rancière demonstra que é justamente no tratamento das relações sensíveis dos indivíduos, que residem os pontos de contato entre arte, política e estética⁷⁷⁹. Portanto, o próprio ato de brincar com o símbolo da Copa, desmembrá-lo, reposicioná-lo e ressignificá-lo no interior do cartum, como uma experimentação estética que subverte sua lógica original, configura um ato político em analogia, principalmente, ao espectador, intérprete do próprio desenho e articulador final de seus sentidos.

⁷⁷⁸ No tópico 5.1.

⁷⁷⁹ BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba*. Brasília: UNB, 1991. p. 149.

Figura 70 – A logo da Copa convertida em representação dos campos de concentração.



Fonte: Arquivo CEDINCI.

Contudo, se pensarmos na utilização dos cartuns do *Pasquim* sobre o mundial, como forma de crítica aos regimes militares brasileiro e argentino, ou aos problemas sociais da época, sobretudo em termos de intenção e conteúdo, outras produções chamam mais atenção. Muitos destas, além do recurso da imagem, também se valeram do texto escrito, principalmente de balões de diálogo entre personagens.

Embora as intervenções gráficas se espalhassem por todo o semanário, foi na seção de Dicas que as charges com enfoque no mundial mantiveram maior regularidade. Com comentários em notas curtas, sempre assinadas, o segmento constituía um espaço aberto de comunicação. Qualquer assunto, comentário, ideia ou opinião reduzível a uma redação curta era passível de publicação. De certo modo, as Dicas configuravam uma espécie de praça pública⁷⁸⁰, concernente a todos os membros do *Pasquim*. Nela, o trânsito temático era livre, aberto aos mais diferentes debates, expressões e juízos, por vezes, opostos e conflitantes. O único ator que permanecia alheio à possibilidade de manifestação neste espaço era o próprio leitor. Mas como espectador privilegiado, cabia a ele a função de organizar e selecionar aquilo que era exposto de acordo com suas próprias opiniões e posicionamentos.

Tanto quanto as notas textuais, os cartuns divulgados neste espaço detinham igual relevância discursiva. A manifestação por meio da visualidade dos desenhos não era uma imposição, mas uma opção. Caso desejasse, o artista também poderia se expressar através do comentário escrito. Jaguar e Ziraldo, dois dos principais responsáveis pelo periódico, frequentemente empregavam as duas linguagens. A própria manifestação por meio do cartum

⁷⁸⁰ Id.

concernia à maneira como o autor se sentia mais confortável para expor suas ideias e opiniões. De certo modo, a própria figuração do cartum na seção de Dicas já delimitava uma postura política e estética de seu artífice.

Na edição 465, Ziraldo, por exemplo, comentou de forma bastante sutil a tumultuada campanha sucessória do então presidente Geisel. Embora o processo de escolha permanecesse indireto, o partido de oposição, MDB, lançou um candidato próprio em oposição à indicação do governo. Curiosamente, como contraponto a Figueiredo, o partido também trazia um militar de alta patente, o general Euler Bentes Monteiro. A charge retratava dois homens em frente a uma multidão que se aglomerava em suas costas, bradando o nome do candidato (Figura 71). Embora o desenho não faça nenhuma referência visual perceptível ao futebol ou ao mundial, é na fala de um dos personagens que uma possível alusão se torna mais clara: “Olha aí... o povo não está preparado pra votar, mas já tá preparado para torcer!”⁷⁸¹. O ato passionai da torcida, tão comum ao futebol no Brasil, ainda mais em um momento em que acompanhar a seleção no mundial estava em destaque, serviu de inspiração para o cartunista.

Figura 71 – Ziraldo.



Fonte: ZIRALDO. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 465, p. 5, maio 1978; ZIRALDO. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 468, p. 5, jun. 1978.

Já na edição 468, Ziraldo assinou uma charge, na qual três pessoas conversavam sobre o desempenho de Coutinho à frente do selecionado (Figura 74). Enquanto um deles afirmava que em quatorze meses o treinador havia feito de tudo para acabar com “a espontaneidade, a criatividade, o jeito de ser do brasileiro”, os outros dois o corrigiam, lembrando que foram apenas três meses de preparação e que a confusão havia sido um “ato falho”. Anos depois, o cartunista citou esse mesmo trabalho como uma crítica velada à

⁷⁸¹ ZIRALDO. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 465, p. 5, maio. 1978.

ditadura e que o número quatorze era uma referência aos anos transcorridos, desde sua instituição em 1964⁷⁸².

Nani foi outro a correlacionar o esporte e os problemas políticos do país, de maneira intensa e eficaz. O artista empregou um desenho sequencial de dois quadros (Figura 72). No primeiro momento, um homem, com a boca bem aberta, bradava uma série de reivindicações políticas e sociais: “Chega de salários baixos! Queremos votar! Mais liberdade! Anistia! Abaixo o custo de Vida!”. No segundo, uma mão tapa a boca do personagem abruptamente, com o símbolo do mundial de 1978. Com uma compleição visual simples, o cartum estabelecia uma crítica não só à situação política do país, mais remetia à interpretação clássica do futebol como eficaz mecanismo de distração política popular. Mesmo forçadamente, ele é introduzido na goela do personagem, evitando que ele diga seus reclames. Sob esta perspectiva, o evento desportivo seria facilmente manipulável, de modo a ser instrumentalizado como meio de calar a população, desviando sua atenção de problemas mais urgentes.

Figura 72 – Nani.



Fonte: NANI. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 465, p. 5, maio. 1978.

Além das charges, outra produção do alternativo a investir sobre o futebol foi o “Pasquim-novela”, uma seção corrente do semanário que satirizava as tradicionais

⁷⁸² ZIRALDO. *Zirado n'O Pasquim: só dói quando eu rio*. São Paulo: Globo, 2010. p. 262. Cabe destacar que o cartunista também estava colaborando com o *Jornal do Brasil* nesse período, onde produziu um número significativo de charges com motivo do torneio com conteúdo político similar.

fotonovelas, publicadas nas revistas de entretenimento. O segmento se caracterizava por uma narrativa rápida, organizada no formato de uma história em quadrinhos de uma página e que versava sobre temáticas variadas. Ao invés de desenhos, sua confecção se dava através de fotos, que recebiam diferentes intervenções gráficas, como balões de diálogo. De certo modo, sua composição era uma espécie de colagem que arranjava o roteiro escrito, as fotografias e a finalização com os desenhos. Ou seja, mesmo com o motivo central girar ao redor da sátira e do humor, tratava-se de uma produção coletiva, cujas técnicas artísticas e concepções estéticas distanciavam-se daquelas vigentes no cartum.

Na mesma edição em que Ziraldo e Nani haviam se manifestado nas Dicas, o Pasquim-novela, roteirizado por Ivan Lessa e Marco, veiculou uma tirinha com o personagem Zecão, na qual mesclava a preparação para a Copa com a situação política brasileira. Em tom irônico, o material reportava as restrições à livre manifestação política, no que recordava a cartilha de comportamento imposta pela CBD aos jogadores, e diluía um discurso contestatório em meio às falas dos personagens sobre a “tática” de jogo a ser adotada. Desse modo, a narrativa evocava múltiplas referências, como o processo de distensão lenta e gradual anunciado pelo governo, a atuação das esquerdas e as pressões internas contra o regime. Além disso, brincava com o aparato repressivo da ditadura, retratado no golpe de “telefone”, recebido por Zecão, e com as compreensões políticas comumente atribuídas ao futebol (Figura 73).

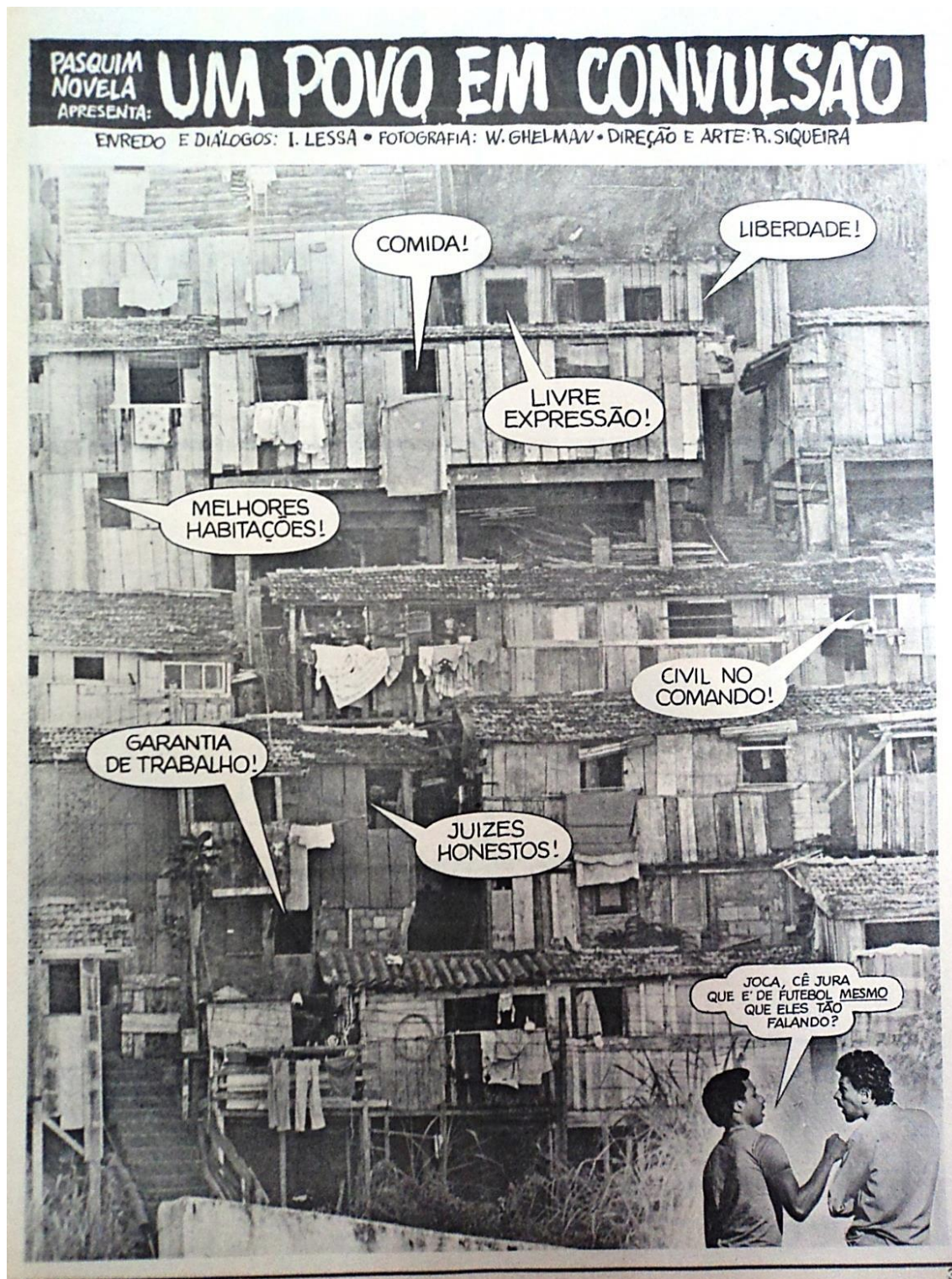
Já no exemplar seguinte, n. 466, a seção trazia uma produção intitulada “Um povo em convulsão”, em um formato um pouco diferente de seu modelo corrente. Ao invés da tradicional divisão da página em vários quadrinhos sequenciais, os autores optaram por um único quadro de página inteira. Nele, reproduziram a fotografia de uma favela, com a adição da foto de dois homens conversando, no canto inferior direito (Figura 74). Complementando o trabalho, diversos balões de fala, cada qual alocado a partir de uma janela de alguns dos barracos, emitia uma frase: “Comida!”, “Liberdade!”, “Melhores habitações!”, “Livre expressão!”, “Garantia de Trabalho!”, “Juizes honestos!”, “Civil no comando!”. Diante destas exclamações, um dos personagens indagava ao outro: “Joca, cê jura que é de futebol mesmo que eles estão falando?”.

Figura 73 – Pasquim-novela: Zecão.



Fonte: LESSA, Ivan; MARCO. Dando tratos à bola. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 465, p. 3, maio 1978.

Figura 74 – Pasquim-novela: Um povo em convulsão.



Fonte: LESSA, Ivan. Um povo em convulsão. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 466, p. 3, jun. 1978.

Assim como o cartum de Nani, observado anteriormente, o trabalho também direcionava uma crítica dupla à sociedade brasileira. Primeiramente, insinuava as dificuldades e necessidades mais urgentes da população mais pobre que, mesmo sem ser retratada

corporalmente, se fazia presente através da relação entre as moradias e os balões – afinal, quem mais poderia estar falando de dentro dos barracos?

Em um segundo aspecto, dando sentido à ironia do quadro, está a menção ao esporte, no comentário final de um dos personagens. A fala expõe também uma relação paradoxal na percepção da importância concedida ao futebol. Em certo sentido, sugere que os problemas e dilemas sociais, enfrentados pela população, não estavam sendo suprimidos pela ocorrência do mundial ou pela passionalidade correlata ao esporte. Por outro lado, acena para uma espécie de alienação dos personagens que, mesmo desconfiados de alguma coisa, questionavam se os reclames não são sobre o jogo. Assim, é a junção das sensibilidades a respeito do esporte com as questões políticas e sociais levantadas, que compõe o conteúdo satírico/reivindicatório da imagem.

Na sequência da edição, novamente na seção de Dicas, outros cartuns também se ocuparam de uma apreciação do futebol sob a ótica de suas correlações políticas. Na página 8, por exemplo, Cláudio Paiva (Figura 75) retratou um imenso cartola discursando para um pequenino mapa do Brasil: “Pra que a volta do estado de direito? Se vocês tem todo o direito de continuar nesse estado!”. A referência ao futebol, e ao estado a ser mantido, era dado por uma bola acorrentada aos pés do mapa-personagem.

Figura 75 – Cláudio Paiva.



Fonte: PAIVA, Cláudio. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 466, p. 8, jun. 1978.

Porém, o paralelo mais interessante, na correlação entre futebol e política no Brasil, foi traçado por um pequeno quadrinho sequencial do jovem artista Daniel Senise (Figura 76). Subdividido em quatro partes, o trabalho apresentava três personagens, sentados em uma mesa de bar, discutindo o caráter alienante do futebol sobre a população, assim como os

prováveis usos políticos do mundial pelo regime. Ao fundo, um quarto personagem ouve atentamente um radinho de pilha, alheio à conversa que se desenrolava ao seu redor. Subitamente, esse último interrompe os demais ao comemorar euforicamente um gol do Brasil. A conversa cessa e todos se juntam à celebração.

Figura 76 – Daniel Senise.



Fonte: SENISE, Daniel. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 466, p. 7, jun. 1978.

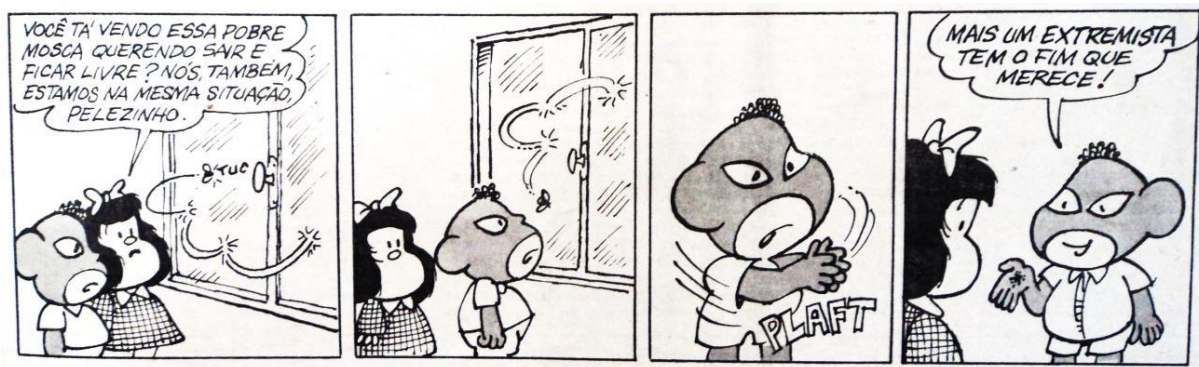
Tal como as produções anteriores, a conflituosa relação entre o esporte e uma suposta consciência política é colocada em questão. A reação demonstrada pelos personagens evidencia o embate entre a postura política adotada sobre o futebol, como instrumento de manipulação, e a exaltação passional característica à modalidade no país. Um ponto significativo é a alusão aos intelectuais de esquerda, retratados como críticos politizados da ampla mobilização popular ocasionada pela Copa. Porém, em uma direção sutilmente

diferente dos exemplos anteriores, o quadrinho dissolve a dicotomia entre esta politização e o sentimento de nacionalidade ao mostrar que nem mesmo seus críticos estavam complementarmente imunes ao arroubo emocional, acarretado pelo êxito esportivo da seleção. Senise não adota simplesmente uma perspectiva política, previamente estabelecida sobre o futebol, ele usa o cartum para problematizá-la. Ao invés de reduzir as possibilidades de interpretação e reflexão política a partir do futebol, ele as expande.

Por fim, aquele exemplar do *Pasquim* trouxe um suplemento extra de algumas páginas do chamado “Pingente: a voz empresária”. Tratava-se de uma grande sátira dos discursos comumente empregados por setores sociopolíticos capitalistas e conservadores. Além de alguns textos e artigos, o encarte continha uma série de tirinhas sem autoria definida, devidamente intituladas de “quadrinhos da direita”, na qual parodiavam diversos personagens famosos – Snoopy, Mickey Mouse, Pato Donald, Hagar – em situações que reverberavam ironicamente argumentos político-ideológicos já banalizados e contestados, nem por isso menos presentes, como o alerta de uma constante ameaça comunista e o temor interno da subversão.

Uma das tirinhas se utilizava de duas figuras singulares, Mafalda, a jovem rebelde e contestadora do argentino Quino, e Pelézinho, a representação infantil do célebre craque brasileiro. No contraste diante de um episódio ordinário – uma mosca presa atrás de uma janela –, Mafalda propõe uma reflexão sobre a situação de ambos, brasileiros e argentinos, privados de liberdade. A resposta de Pelézinho, em acordo com a imagem delineada pelas esquerdas sobre o jogador, é de reiterar o discurso limítrofe das ditaduras: eliminar os “extremistas” (Figura 77).

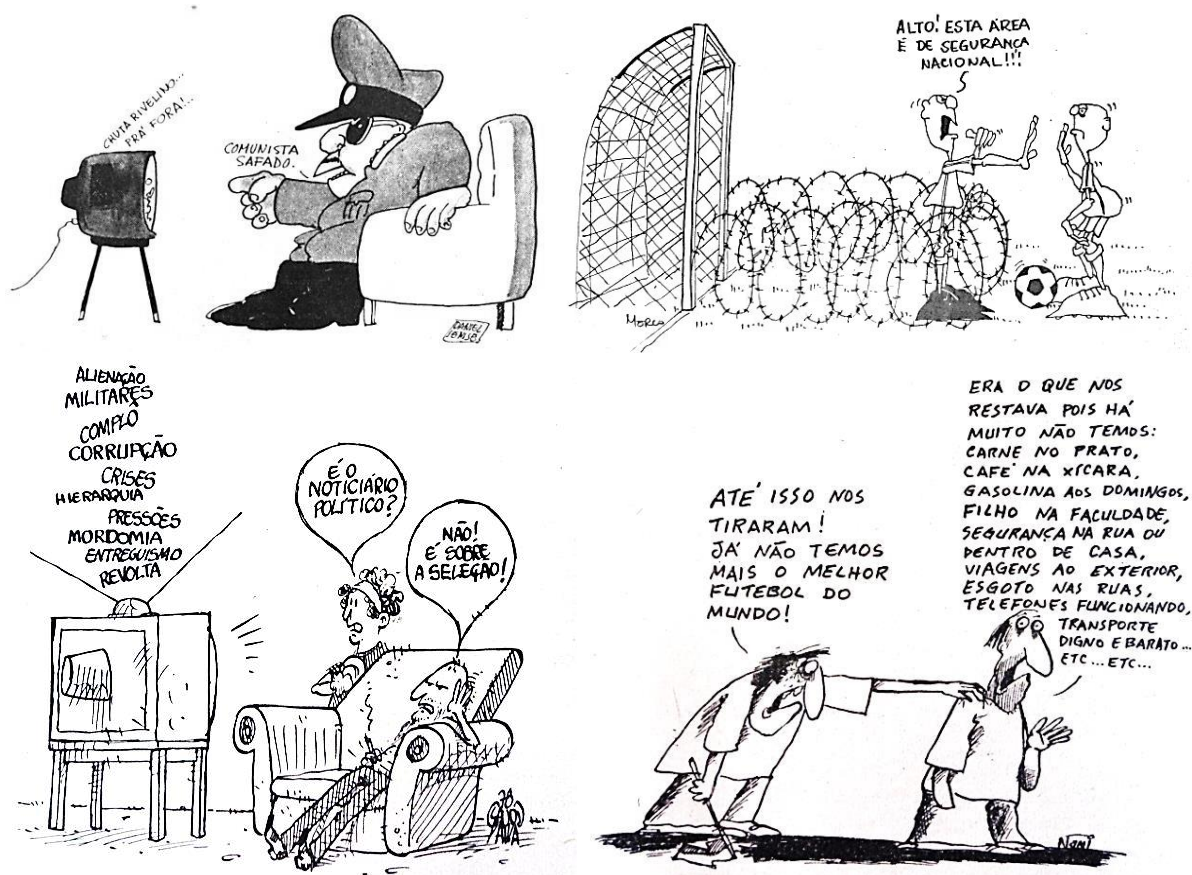
Figura 77 – Pingente: Mafalda e Pelézinho.



Fonte: Quadrinhos de direita. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 466, jun. 1978. Suplemento Pingente, p. 7.

Ainda que a charge não tematizasse o futebol ou o torneio mundialista em si, não deixa de ser sintomático que o cartum se inspirasse na icônica criação de Quino para comentar o contexto dos vizinhos do Cone Sul, elegendo Pelézinho como figura contrastante. Propositamente ou não, sobretudo diante dos protestos da esquerda aos posicionamentos recentes do “Rei”, a revista identificava o personagem com o arcabouço ideológico autoritário simpatizante aos regimes militares.

Figura 78 – Futebol e o cenário sociopolítico nacional.



Fonte: Batendo na bola. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 467, p. 16-17, jun. 1978; PAIVA, Cláudio. *Pasquim*, Rio de Janeiro, p. 28, n. 469, jun. 1978; NANI. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 471, p. 6, jul. 1978.

Muitos outros cartuns focados nas tensões futebol/alienação (Figura 79) e futebol/política nacional (Figura 78) foram veiculados pelo semanário. Mesmo assim, gostaríamos de evocar um último exemplo destas reflexões, por meio da arte gráfica do *Pasquim*. No caso, nos reportamos à capa da edição 468, de 16 de julho, já citada anteriormente (Figura 80). A escolha desta imagem remete a uma série de fatores sensíveis a aspectos políticos e estéticos. No tocante ao contexto de sua produção, a figura coincide com o momento de uma vitória relativa do semanário em suas reivindicações mais recorrentes: o

fim de censura prévia⁷⁸³. Apesar disso, a notícia foi tratada com extrema reticência pelo hebdomadário, desconfiado de sua efetiva perenidade e ciente de que os aparatos jurídicos repressores do regime, como o AI-5 e a Lei de Segurança Nacional, continuavam vigentes e permitiam sua pronta reativação⁷⁸⁴.

Figura 79 – Futebol e alienação.



Fonte: Batendo na bola. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 467, p. 16-17, jun. 1978; VIANA, Manuel. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 469, p. 28, jun. 1978.

Figura 80 – Capa do *Pasquim* n. 468.



FONTE: *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 468, jun. 1978.

⁷⁸³ BRAGA, J. L. *Op. cit.* p. 78

⁷⁸⁴ Na avaliação do jornalista Sérgio Augusto: “A censura à imprensa, é bom que se diga, não acabou. Foi suspensa, mas embora a conjuntura desfavoreça retrocessos, pode voltar a qualquer momento. Basta o presidente Geisel, com base no parágrafo 2, letra E da Constituição, e decidir, ‘em defesa da revolução’, claro, que vivemos sob estado de sítio. E, em seguida enquadrar aqueles que, a seu ver, saíram da linha no artigo 54 da Lei de Segurança Nacional, pelo qual qualquer meio de informação pode ser, conforme o caso, legalmente apreendido ou tirado do ar, por motivos os mais vagos imagináveis”. AUGUSTO, Sérgio. É isso aí. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 468, p. 9, jun. 1978.

O segundo aspecto que chama a atenção é a representação visual utilizada para retratar esta notícia em sua capa: o desenho de um crioulo com uma bola de futebol, nas cores da bandeira argentina, atarracada em sua boca (Figura 83). O contraste entre o anúncio do fim da censura e a bola atochada na boca do personagem dá a impressão de que outra coisa silenciaria a população no momento. Talvez até por isso o momento fosse considerado propício para a implantação da medida. Novamente, vem à tona a percepção da instrumentalização política do futebol como mecanismo de alienação, ao menos tal como é retratado na imagem.

Porém, uma consideração importante deve ser feita. Se o cartum, tal como um quadro ou outra produção visual pictórica, possui a interpretação de sua intencionalidade atrelada ao olhar do espectador, a simples discussão do futebol nesta temática política lhe confere novos significados possíveis. Rancière argumenta que a política e a estética são produtoras de dissenso, isto é, perturbam os diversos regimes de sensorialidade comuns aos indivíduos⁷⁸⁵. Embora a imagem contenha uma intenção específica delineada pelo do semanário, sua apreciação também se move no sentido de problematizar o esporte sob o espectro de suas interpelações com o político. Alterar as formas de sensibilidade do futebol e da Copa do Mundo, ultrapassando as leituras esportivas já estabelecidas, é também uma forma de tensioná-lo para além da percepção restritiva de uma eficaz instrumentalização/manipulação das massas.

8.4 APRECIACÕES DISSONANTES DESDE A ARGENTINA: OS CASOS DE *HUM*® E CLEMENTE

Os espaços de manifestação na imprensa argentina, naquele momento, eram muito mais restritos do que os verificados no Brasil. Se a grande imprensa havia assumido uma tônica discursiva predominantemente favorável à ditadura, constituindo um dos espaços importantes de sua sustentação social pública, os espaços minimamente destoantes de contestação haviam sido sistematicamente suprimidos desde a irrupção do golpe. *Satiricón*, que guardava similaridades com os veículos alternativos brasileiros, em particular com o *Pasquim*, na ênfase ao humor gráfico e na irreverente crítica política e cultural, havia sido fechada logo nos primeiros instantes de implantação da junta.

⁷⁸⁵ RANCIÈRE, 2011b, p. 61.

Entretanto, a relativa abertura proporcionada pela Copa, cuja imagem delineada pela oficialidade buscava emular um pretenso clima de liberalização democrática, contribuiu para o lançamento de uma publicação que resgatava parcialmente a veia contestatória do humor. Em junho de 1978, justamente no mês do mundial, chegava às bancas *Hum*⁷⁸⁶, herdeira, tanto em sua composição editorial⁷⁸⁷ quanto em sua proposta, de *Chaupinela* e *Satiricón*. Contudo, como observa muito bem Burkart⁷⁸⁸, ao passo que o *Pasquim* havia sido lançado em um momento de recrudescimento da ditadura brasileira, a revista argentina vinha a público no período de ténue arrefecimento das estruturas repressivas estatais, mas isso não significava que haviam se estabelecido as condições para a existência de um periódico de humor político independente.

Ainda sob a sombra do terror e o espectro de uma censura indefinida e difusa⁷⁸⁹, a publicação não arriscaria, em seus primeiros momentos, contestações explícitas e mordazes à ditadura ou às suas lideranças. Mesmo assim, manifestava sutilmente seu desacordo, particularmente ao ironizar a situação política e econômica do país. Ciente dessas limitações e até da adoção de uma espécie de autocensura, o periódico idealizado por Andrés Cascioli não hesitou em se assumir como “la revista que supera, apenas, la mediocridad general”⁷⁹⁰.

Esse arranque supostamente despretensioso aparecia já no editorial de sua estreia, quando Cascioli apresentava a publicação a seus possíveis leitores, buscando dirimir quaisquer expectativas ou vínculos pregressos. De todo modo, estava presente a insinuação de que havia algo a ser observado atentamente nas entrelinhas:

A todos les proponemos un pequeño ejercicio de limpieza mental: tratar de olvidar, como tratamos nosotros, anteriores modelos, actitudes tremebundas, intenciones superadas. Realizaciones de valía o torpes imitaciones.

A partir de aquí este es un divertido ensayo de juntar buenos dibujantes, humoristas con gracejo y gente que piensa con cierta fineza y profundidad acerca de algunas cosas que pasan. Nada más. Vamos a tratar de ponernos ese tipo de anteojos para leer las páginas que siguen.

Que nos divirtamos todos.⁷⁹¹

⁷⁸⁶ Leia-se *Humor Registrado*.

⁷⁸⁷ De acordo com o estudo de boa parte de sua equipe editorial, era egressa dessas publicações e de outras experiências editoriais semelhantes fechadas pelo Estado entre 1974 e 1977. BURKART, Mara. Guillotinas, horcas y verdugos. El terrorismo de Estado en la prensa de humor gráfico de Brasil y Argentina de los años setenta. FOGELMAN, P.; CONTARDO, M. F. (Ed). *Actas electrónicas del II Workshop Argentino-Brasileño de Historia Comparada* (II-WAB). Buenos Aires: GEHBP Ediciones, 2013. CD-ROM.

⁷⁸⁸ Ibid., p. 105-106.

⁷⁸⁹ Segundo Burkart, a revista optou por um humor “a secas”, com o cuidado de se esquivar de temas sensíveis a uma sociedade conservadora, evitando menções à Igreja Católica ou a questões sexuais, até porque seus autores sabiam que a era mais difícil conseguir adesões para uma produção classificada como política do que pornográfica. Ibid., p. 106.

⁷⁹⁰ ULANOVSKY, 2011, p. 111.

⁷⁹¹ *Hum*®, Buenos Aires, n.1, p. 9, jun. 1978.

Em acordo com o momento de seu lançamento, o futebol foi um assunto dominante na edição, com notas, artigos e, principalmente, cartuns. A abordagem predominante, em consonância com a proposta inicial da publicação, se deu no sentido do chiste descompromissado, sem correlações políticas explícitas com os militares ou o regime. Isso não significava, entretanto, que a publicação seguia a linha discursiva de exortação patriótica do selecionado e do evento, verificada nos demais veículos investigados. Embora reconhecesse a importância do futebol como uma paixão popular e brincasse com a esmagadora atenção concedida ao torneio, esquivava-se habilmente da construção imaginária, que buscava enaltecer a nação, caracterizada pela ditadura, através do futebol. Uma das tirinhas de Limura, por exemplo, fazia um chiste justamente com a campanha oficialista, que convocava todos a “jugar de argentino” e ser um modelo de cordialidade e civilidade (Figura 81).

Figura 81 – Limura.



Fonte: LIMURA. *Hum*®, Buenos Aires, n.1, p. 53, jun. 1978.

Figura 82 – O mundial em *Hum*® n. 1.

Fonte: *Hum*®, Buenos Aires, n.1, p. 31, jun. 1978.

Em tom de gozação, a revista imaginava o desdobramento de uma final arranjada entre Irã e Tunísia, brincava com a novela que cercou a integração de Kempes, o *proceso* de Menotti e os cortes dos jogadores para definir a lista dos 22 (Figura 82). Entretanto, o alvo principal das chacotas foi “el gordo” Muñoz, representante maior da capitalização do evento como espetáculo e entretenimento pela mídia esportiva, satirizado sob o lápis de diversos colaboradores (Figura 83). Cabe destacar a proximidade dos responsáveis da revista com Dante Panzeri, que havia integrado previamente os quadros de *Satiricón* e *Chaupinela*, cuja postura se contrapunha diametralmente ao radialista. Panzeri, aliás, definido no sumário como “el mejor periodista desportivo del país”⁷⁹², foi homenageado em memória de seu falecimento em meados de abril.

⁷⁹² *Hum*®, Buenos Aires, n. 1, p. 9, jun. 1978.

Figura 83 – El Gordo Muñoz sob o olhar dos cartunistas de *Hum@*.



Fonte: *Hum@*, Buenos Aires, n.1, jun. 1978.

De forma geral, *Hum@* passava ao largo das locuções hegemônicas que viam no campeonato um ponto de viragem para o país. Ainda no editorial, ao apresentar as atrações da edição, a publicação esvaziava o sentido transcendental que parecia ser atribuído ao evento, ao comentar o que vinha depois da ampla seção dedicada ao assunto: “Después del Mundial... Bueno, después del Mundial, la vida continúa”⁷⁹³. Mais adiante, uma das notas comentava sobre os augúrios e fantasias cultivadas pela população sobre o torneio (Figura 84). Em meio à vasta de lista de situações tragicômicas enunciadas, em especial sobre a vinda de turistas e de dólares, estava a tola crença de que “todo indicio de recesión económica desaparecerá y la plata se va a mover como loca”⁷⁹⁴.

⁷⁹³ Id.

⁷⁹⁴ Las fantasias del mundial. *Hum@*, Buenos Aires, n. 1, p. 44-45, jun. 1978. p. 44.

Figura 84 – Las fantasias del mundial.



Fonte: Las fantasias del mundial. *Hum*®, Buenos Aires, n. 1, p. 44-45, jun. 1978. p. 44.

Outros exemplos poderiam ser extraídos e explorados pela edição, principalmente se escrutinadas as diferentes produções gráficas e textuais que escondiam, ou esfumavam, referências sutis ao regime.

Entretanto, a grande intervenção política de *Hum*® se deu em sua seção mais visível e impactante. A capa da primeira edição se converteu em uma manifestação paradigmática da crítica a associação do regime ao mundial, evocada recorrentemente como um dos poucos exemplos de manifestação contrária desde a imprensa argentina no período⁷⁹⁵. A imagem que estampou o espaço mesclava, em uma única caricatura, duas das personalidades mais representativas do momento: o técnico da seleção, César Luís Menotti, e o ministro da economia, Martínez de Hoz (Figura 85). Junto da ilustração de autoria de Andres Cascioli, diretor editorial da publicação, uma breve legenda complementava o sentido satírico da composição, ao reproduzir uma declaração fictícia do personagem: “Menotti de Hoz dijo: EL MUNDIAL SE HACE, CUESTE LO QUE CUESTE”⁷⁹⁶.

⁷⁹⁵ Em Fútbol y Patria, Pablo Alabarces também recordaria o caso da revista de música e cultura Expreso Imaginario. Porém, ao contrário da verborragia gráfica de *Hum*®, sua opção seria pelo silêncio absoluto. ALABARCES, 2002, p. 131.

⁷⁹⁶ *Hum*®, Buenos Aires, n.1, jun. 1978.

Figura 85 – Capa de *Hum@* n. 1: Menotti de Hoz.



Fonte: *Hum@*, Buenos Aires, n.1, jun. 1978.

Obviamente, Martinez de Hoz não era Videla ou a junta militar. Tampouco Menotti poderia abarcar a multiplicidade de sentidos aglutinados ao redor da seleção ou do torneio. Mas a junção das madeixas do treinador, com as características orelhas do principal representante do modelo econômico do pretendido *proceso*, deixava inequívoca a associação simbólica do evento ao Estado. À sua maneira, o cartum de Cascioli explicitava pela sensibilidade visual algo que já era tácito e conhecido, mas que os veículos da grande imprensa do país não ousavam – ou não queriam – dizer publicamente: aquela não era a Copa da Argentina, mas a Copa do *Proceso*. Se, internamente, a abordagem sobre o futebol primava pela sátira bem-humorada, pelo descompromisso e sutileza, a capa surpreendia pela falta de pudor.

Por isso mesmo, é admirável que o aparato vigilante do regime tenha deixado incólume essa manifestação. Talvez porque sua circulação tenha sido espacialmente limitada e tenha se dado precisamente durante o certame. Por outro lado, mesmo em se tratando de uma abordagem nova e inteligente – na apreciação de Alabarces⁷⁹⁷, talvez a crítica pública mais contundente ao mundial naquele ano –, seus signos não versavam diretamente sobre os militares, ou sobre as atrocidades repressivas. À sua maneira, por meio de um tensionamento

⁷⁹⁷ ALABARCES, 2014, p. 86-87.

estético/visual próprio, *Hum*® tinha encontrado uma brecha de dissenso bastante interessante ao relacionar política econômica e futebol.

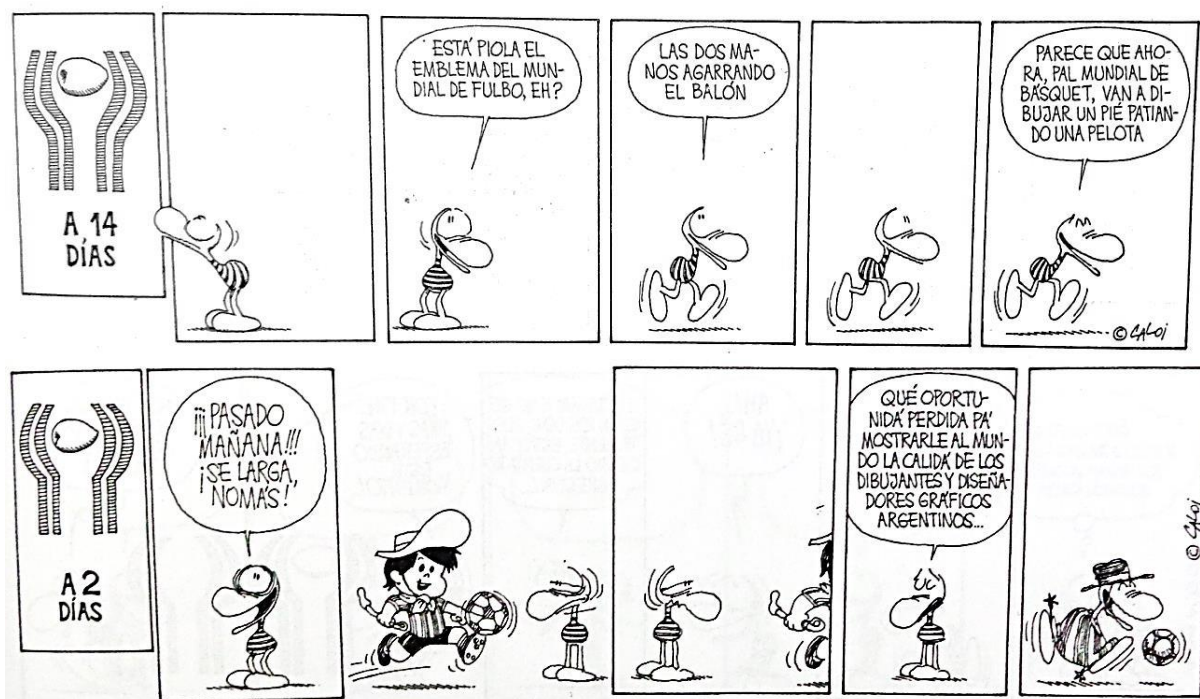
8.4.1 Caloi e Clemente: alegria popular e *papelitos*

Por uma via distinta, outro a propor uma leitura singular do momento foi Caloi, nome artístico do desenhista Carlos Loiseau. Desde a contracapa de *Clarín*, onde ficavam as tiras do jornal, o cartunista trazia os quadrinhos de Clemente. Publicado desde 1973, o personagem surgiu como coadjuvante nas histórias de Bartolo, “el maquinista”, como seu bicho de estimação. Embora Bartolo afirmasse que se tratava de seu cachorro, Clemente se assemelhava mais a uma espécie de ave, listrada e sem asas, mas que não se enquadrava numa caracterização específica. Sua indefinição, que contrariava expectativas, era o que lhe atribuía parte de sua comicidade inicial.

Representantes do portenho médio, Bartolo e seu companheiro contrastavam pela cultura futebolística, um traço indelével da tradicional cultura masculina buenairense: o primeiro, um torcedor inveterado de River Plate e o segundo, um *bostero* de Boca Juniors. Aos poucos adquirira ares de uma representação popular, uma expressão dos costumes e comportamentos cotidianos da população, que circulava pelas ruas e que conseguia se enxergar na criação de Caloi. Com o desenvolvimento e crescimento do personagem, o cartunista manteve a aura de mistério: Clemente era simplesmente um Clemente. Mas não havia dúvida de que ele só podia ser argentino.

Aos poucos, o carismático personagem passou a suplantar seu colega e tomar-lhe o protagonismo narrativo. As tirinhas logo passaram a se chamar Clemente y Bartolo e, depois, apenas Clemente. Como um narrador cultural, o personagem reportava o entusiasmo com o torneio e se tornou uma espécie de expressão da paixão pelo futebol, como um importante traço da idiossincrasia argentina. Na relação profundamente afetiva da população com o esporte, Clemente superava qualquer símbolo criado para aquela ocasião, como o mascote ou o emblema da competição. Era com Clemente que o torcedor se identificava, não com o infame *gauchito*. Afinal, o primeiro foi lapidado na relação diária com o público que representava, enquanto o segundo não passava de uma projeção estereotipada de determinados valores socioculturais, elegidos por lugares hegemônicos de poder. Os símbolos da Copa foram motivo de algumas das produções e chistes do personagem (Figura 86).

Figura 86 – Clemente e os símbolos do Mundial.



Fonte: CALOI. *Clemente y el mundial*. Buenos Aires: Ediciones del Pajaro y el Cañon, 1978. s/p.

Desse modo, a criação de Caloi emergia como uma narrativa popular legítima, que rompia esteticamente com as imposições discursivas oficiais. Diversos trabalhos sobre o torneio⁷⁹⁸ retomaram o exemplo de Clemente, sobretudo em vista de um embate específico, com José Maria Muñoz ao redor da manifestação dos torcedores durante os jogos. Os aficionados argentinos tinham como um de seus traços mais característicos o hábito de arremessar rolos e picotes de papel pelas arquibancadas, no momento de receber calorosamente sua equipe ou festejar as vitórias – quando ainda havia sobrado alguma coisa. Como vimos anteriormente, o locutor da Radio Rivadavia assumiu o tom oficialista e reproduziu a plenos pulmões o discurso patrioteiro, roteirizado pelo regime. Nesse sentido, bradava nos microfones que a população deveria manter uma postura asséptica e civilizada nos estádios, com cordura, organização e limpeza. A justificativa era simples e emulava alguns dos objetivos centrais do regime para o certame: atirar os *papelitos* pelas tribunas desagradava os mandatários da FIFA e não fornecia uma boa imagem do país no exterior.⁷⁹⁹

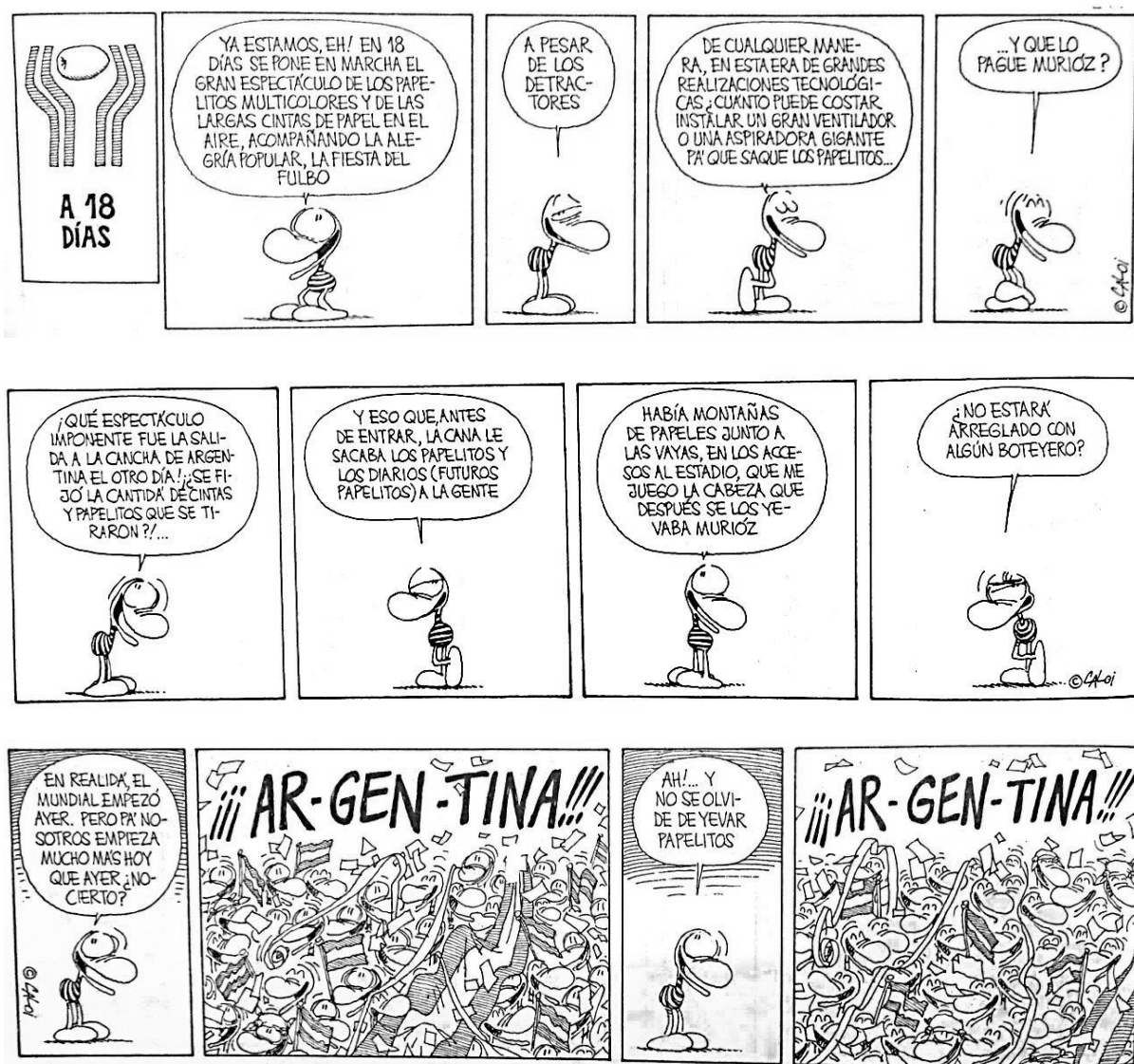
Caloi comprou a briga e fez de Clemente o principal baluarte de uma resistência aparentemente trivial, mas que, ao reivindicar o direito dos torcedores de manter o costume de lançar os *papelitos*, e incentivar os torcedores a fazê-lo mesmo à revelia da propaganda e das

⁷⁹⁸ GILBERT; VITAGLIANO, 1998; LLONTO, 2005; GOTTA, 2008.

⁷⁹⁹ GILBERT; VITAGLIANO, 1998, p. 111-112; LLONTO, 2005, p. 93-94.

recomendações estatais, recuperava o sentido do futebol como uma legítima expressão passional popular e massiva. Sintoma inequívoco da potência narrativa do personagem era e que o embate público não era retratado como uma discussão entre Muñoz⁸⁰⁰ e Caloi, mas entre o radialista e Clemente (Figura 87). Afinal era este último, quase sempre solitário em suas tiras, que interagía diretamente com o espectador.

Figura 87 – *Los papelitos de Clemente*.



⁸⁰⁰ Em uma das brincadeiras e trocadilhos de Caloi, Muñoz se converteu em Murioz e Menotti em Masotti, por considerar que a nova grafia do nome do técnico lhe soaria mais “vencedor”.



Fonte: CALOI. *Clemente y el mundial*. Buenos Aires: Ediciones del Pajaro y el Cañon, 1978. s/p.

Além dessas discussões, as tirinhas se ocuparam de diversos outros temas. Com a postura de torcedor, por exemplo, palpitava sobre a equipe de Menotti e pleiteava modificações no escute, como a entrada de Norberto Alonso entre os titulares (Figura 88). Em meio a imenso fluxo de produções diárias, também sobrava algum espaço para trabalhos que se utilizavam do humor para se debruçar sobre questões sociopolíticas, que se articulavam ao esporte naquele momento. Em maio, por exemplo, o personagem contestou o discurso corrente, que apregoava uma divisão da história do país em um “antes” e um “depois” do mundial e questionava ironicamente se tudo o que se tinha de fazer era por causa do evento, o que seria dos argentinos depois que tudo acabasse? Poucos dias depois, retomou o mesmo discurso ao lembrar que o país ainda tinha questões muito importantes a resolver, pois a Copa já lhes batia à porta (Figura 89).

Figura 88 – Sugestões a Masotti.



Fonte: CALOI. *Clemente y el mundial*. Buenos Aires: Ediciones del Pajaro y el Cañon, 1978. s/p.

Figura 89 – Un antes y un despues del Mundial.



Fonte: CALOI. *Clemente y el mundial*. Buenos Aires: Ediciones del Pajaro y el Cañon, 1978. s/p.

Já com a bola rolando, o cartunista fez um comentário sobre as leituras projetadas a respeito do país no exterior. Contudo, evitava emitir um juízo político preciso, coadunando com a interpretação hegemônica local da “campanha antiargentina” (Figura 90).

Figura 90 – Clemente e a campanha contra a Argentina.



Fonte: CALOI. *Clemente y el mundial*. Buenos Aires: Ediciones del Pajaro y el Cañon, 1978. s/p.

Em dois momentos, Clemente também sugeria uma pertinente reflexão sobre os “sociologizadores” do futebol, eternos “teorizantes que solo encuentran implicancias, derivaciones, fenómenos y conductas colectivas, emociones masificadas, comportamientos

instintivos”⁸⁰¹. No primeiro, a tira reafirmava o discurso romântico da magia do futebol, desqualificava esses esforços de análise e fazia um chiste com seus inquiridores: “son los que em el barrio, no los ponian ni de arquero”⁸⁰² (Figura 91).

Figura 91 – Ni de arquero.



Fonte: CALOI. *Clemente y el mundial*. Buenos Aires: Ediciones del Pajaro y el Cañon, 1978. s/p.

Na segunda ocasião, já no meio da disputa, sua aproximação se deu em outro sentido. Em ambos os casos, reafirmaria sua narrativa característica da modalidade como uma festa popular, um discurso que mesmo despropositadamente já guardava uma leitura política sobre o esporte como uma prática cultural autônoma. Contudo, o encerramento do quadrinho guardava uma sutileza política sobre a celebração espontânea, em torno das emoções despertadas pelo esporte. Sem mencionar o quadro autoritário, nem os problemas sociais e econômicos, Clemente parecia refletir os sentimentos reprimidos de grande parcela da população: para além da alegria que produz o futebol “¿Qué otra cosa se puede festejar?” (Figura 92). Mesmo à revelia, Caloi também produzia uma leitura política que sociologizava o futebol.

Figura 92 – Aos sociologizadores do futebol: ¿Qué otra cosa se puede festejar?



Fonte: CALOI. *Clemente y el mundial*. Buenos Aires: Ediciones del Pajaro y el Cañon, 1978. s/p.

⁸⁰¹ CALOI. *Clemente y el mundial*. Buenos Aires: Ediciones del Pajaro y el Cañon, 1978. s/p.

⁸⁰² Id.

A partir dessas considerações, podemos visualizar nos cartuns de Caloi a construção de dissensos estéticos com relação às narrativas, tanto elaboradas pela rigidez do Estado quanto pela racionalidade da análise científica, projetadas sobre o futebol e a Copa do Mundo.

Clemente tomava o esporte como uma paixão popular – e argentina, é claro –, pois era para seus pares locais que suas falas se direcionavam. Porém, por mais que o cartunista tenha afirmado posteriormente que “Clemente no estaba ligado al pensamiento de los militares. Ellos quisieron hacer un mundial sin gente, o con la menor posible, porque le tenían miedo a las multitudes”⁸⁰³; é preciso reconhecer que, com o êxito crescente do selecionado de Menotti, o regime e seus principais interlocutores midiáticos souberam abrir mão de algumas rigidezes discursivas para ressignificar e regular, como define Roldán⁸⁰⁴, as manifestações massivas que tomaram as ruas, transmutadas em arquétipos de celebrações cívico-patrióticas, que serviam a sua limítrofe concepção de comunhão nacional. Pressupor a eficácia narrativa desse processo, contudo, e subjugar as expressões de excitação de Clemente a uma vitória final do regime, é incorrer em uma perigosa simplificação da multiplicidade de processos narrativos circulantes no período. Uma sociologização absoluta que já havia sido satirizada por Caloi.

⁸⁰³ GILBERT; VITAGLIANO, 1998, p. 112.

⁸⁰⁴ ROLDÁN, 2007.

9 NARRATIVAS DE ÊXITO E FRACASSO: O FINAL DO MUNDIAL DE 1978 E SEUS PROLONGAMENTOS POLÍTICOS NO BRASIL E NA ARGENTINA

9.1 UM EMBATE DE NARRATIVAS E PAIXÕES: ENTRE O 6x0 E O CAMPEONATO MORAL

Na segunda fase do torneio, o primeiro jogo dos argentinos foi contra os poloneses, vitória por 2x0, com dois gols de Kempes. Já o escrete brasileiro iniciou sua campanha contra os peruanos. Até aquele momento, a seleção do Peru era a grande sensação do torneio, havia se classificado como a primeira colocada de seu grupo, com duas vitórias e um empate contra os poderosos holandeses. Além disso, o atacante Teófilo Cubillas era apontado como o grande destaque individual do torneio até ali. Apesar disso, os brasileiros, com a mesma base que venceu a Áustria, saiu com a vitória por 3x0.

Com os dois rivais largando na frente, o próximo jogo assumia ares de um confronto decisivo, afinal quem ganhasse estaria com ampla vantagem para a rodada final: um simples empate garantiria a passagem para a decisão. Na hora do jogo, entretanto, nenhuma das seleções conseguiu tirar o zero do marcador. Apesar de lamentarem o empate, o resultado foi relativamente comemorado nos veículos de imprensa brasileiros e argentinos. De um lado, os donos da casa enfrentaram um adversário histórico, já três vezes campeão do mundo, ao qual a equipe de Menotti ainda não havia conseguido vencer⁸⁰⁵. Já os brasileiros, em recuperação no torneio e com uma boa apresentação, jogaram em terreno inóspito, contra um oponente que contava com todo o apoio da torcida e vinha de uma trajetória mais sólida.

Ao refletir sobre o resultado, *Placar* considerava que o Brasil ainda conservava chances de alcançar a final, mas ressaltava que o time de Menotti detinha a vantagem. Enquanto os comandados de Coutinho enfrentariam os poloneses, também com escassas probabilidades de voltar a Buenos Aires, o escrete alviceleste jogaria contra os peruanos, já eliminados, em um horário posterior, “um absurdo privilégio”⁸⁰⁶. Ou seja, mesmo antes das partidas, a revista já apontava o favoritismo dos argentinos, enquanto aos brasileiros restaria primeiramente ganhar, de preferência por uma boa diferença de gols, e depois torcer contra os conterrâneos do Cone Sul:

⁸⁰⁵ As duas seleções haviam se enfrentado quatro vezes desde 1975, com quatro vitórias brasileiras, ainda sob o comando de Oswaldo Brandão. Antes da Copa, estava prevista a disputa de uma partida amistosa – a tradicional Copa Roca –, porém devido a discordâncias entre as confederações quanto ao local da disputa e o impacto na preparação das equipes acarretaram no cancelamento do compromisso.

⁸⁰⁶ FONSECA, Divino; CARVALHO, Sérgio A. Vamos ganhar e depois torcer. *Placar*, São Paulo, n. 426, p. 3-9, jun. 1978. p. 3.

A alegria argentina não era aquela tão intensamente esperada. A alegria da vitória, para acabar de vez com a banca do maior inimigo, ao qual não vence há oito anos. O Brasil tinha sido mais duro e indigesto do que todos pensavam. Mas a Argentina tinha ganho, apesar do 0 a 0. Simplesmente porque é mais fácil prever uma vitória dos argentinos sobre os já desmotivados peruanos do que uma do Brasil sobre a Polônia, cheia de moral depois de ganhar do Peru e ficar a 1 ponto dos líderes. Assim, a vantagem de um gol do Brasil (três contra dois da Argentina) é apenas relativa.

Raciocinando, de acordo com a periculosidade de nosso ataque: podemos ganhar de 1 a 0 da Polônia, mas não é improvável que a Argentina enfie três no Peru, ainda mais que ela jogará sabendo quantos gols precisará fazer. E se os dois líderes terminarem empatados? Aí dá Argentina na final. O regulamento manda ver a primeira fase, isolada; os dois estão empatados em pontos (cada um fez quatro) e em saldo de gols: um. Mas a Argentina fez 4 gols enquanto o Brasil não marcou mais de 2. Não há dúvida: a guerra de domingo, em Rosário, continua nesta quarta-feira.⁸⁰⁷

A diferença de horário, tão criticada pelos brasileiros, se dava em virtude de um acordo previamente estabelecido ainda no processo de organização do evento e na montagem da grade de transmissão televisiva. Uma decisão político-econômica de bastidores própria das instituições responsáveis pela gestão do futebol. Com a anuência do Comitê Organizador da Fifa, definiu-se que, à exceção de uma eventual final, os donos da casa teriam seus jogos sempre às 19h15. Apesar dos protestos da CBD, o cronograma foi mantido e os brasileiros enfrentariam os poloneses mais de duas horas antes, às 16h45.

De qualquer maneira, como afirmava Jaguar, através um chiste nas páginas do *Pasquim*: “qualquer que seja o resultado da rodada, é humilhante ter que ficar dependendo do Peru endurecer ou não. Pensando bem, sempre ficamos”⁸⁰⁸. Na Argentina, Caloi também atentou para as especulações matemáticas em uma tirinha de Clemente, na qual subentendia a torcida local pelos poloneses (Figura 93). Já desde a cobertura esportiva local, *Goles* mantinha o apoio incondicional ao selecionado e reiterava a crença na classificação:

ARGENTINA SABE Y PUEDE y el próximo miércoles, más allá de la ventaja de un gol que nos lleva Brasil, lograremos el objetivo de todo un pueblo, mancomunado, apretadamente unido capaz de salir a la Calle cuando se gana, cuando se pierde contra Italia o se empata con Brasil: ESTAREMOS EN LA FINAL.⁸⁰⁹

⁸⁰⁷ Ibid., p. 4.

⁸⁰⁸ JAGUAR. Um rude golpe em nosso orgulho viril. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 469, p. 28, jun. 1978.

⁸⁰⁹ Aprendimos a sufrir, disfrutaremos en la final. *Goles*, Buenos Aires, n. 1537, p. 3, jun. 1978.

Figura 93 – El Mundial de la especulación, 21 jun. 1978.



Fonte: CALOI. *Clemente y el mundial*. Buenos Aires: Ediciones del Pájaro y el Cañon, 1978. s/p.

No dia 21 de junho, brasileiros e poloneses se enfrentaram em Mendoza. O primeiro tempo, segundo a crônica especializada, foi ruim para os brasileiros, terminou empatado em 1 a 1. No segundo, a seleção conseguiu marcar dois gols e, apesar de algumas chances desperdiçadas pelos adversários, fechou o placar em 3 a 1. Terminado o jogo, parte da torcida brasileira saiu às ruas para comemorar, afinal o resultado exigia que os argentinos vencessem os peruanos por uma diferença mínima de quatro gols. As esperanças, contudo, foram logo demovidas. Na partida mais polêmica do torneio, talvez até mesmo da história das Copas do Mundo, os comandados de Menotti, sob os olhares atentos de Videla e dos demais membros da Junta Militar, além de um convidado especial, o ex-secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger, conseguiram uma sonora goleada que lhes garantiu a vaga para final: 6 a 0.

Como não poderia deixar de ser, os veículos de mídia argentinos celebraram o feito e reverberavam a efusiva festa que tomou as ruas de Buenos Aires, especialmente ao redor do Obelisco, em meio à Avenida 9 de Julio, para onde convergiram milhares de torcedores, na conformação de uma massa densa e espontânea, que emulava o “pretume de gente” enunciado por Canetti⁸¹⁰. A Capa de *Gente*, por exemplo, estampava a foto do primeiro gol, de Mário Kempes, e cravava: heroico 6 a 0 (Figura 98). Internamente, em sua abordagem da partida, narrava cada um dos gols em fotos em preto e branco, pela própria urgência de finalizar a edição que saiu às bancas no dia seguinte. Em meio aos retratos dos lances dos jogadores nos gramados, duas imagens ganharam proeminência singular na matéria. Primeiro uma ampla

⁸¹⁰ “Um fenómeno tão enigmático quanto universal é o da massa que repentinamente se forma onde antes não havia nada. Umass poucas pessoas se juntam – cinco, dez ou doze, no máximo. Nada foi anunciado; nada é aguardado. De repente, o local preteja de gente. As pessoas afluem, vindas de todos os lados, e é como se as ruas tivessem uma única direção. Muitos não sabem o que aconteceu e, se perguntados, nada têm a responder; no entanto têm pressa de estar onde a maioria está. Em seu movimento, há uma determinação que difere inteiramente da expressão da curiosidade habitual. O movimento de uns – pode-se pensar – comunica-se aos outros; mas não é só isso: as pessoas têm uma meta. E ela está lá antes mesmo que se encontrem palavras para descrevê-la: a meta é o ponto mais negro – o local onde a maioria encontra-se reunida”. CANETTI, 1995, p. 14-15.

foto, de quase duas páginas, com os comandantes militares celebrando o terceiro tento (Figura 94). Como se fosse necessário, a seguinte legenda titulava e complementava o sentido da imagem:

EL GRITO DE LA JUNTA

La tensión era tremenda. Hacerle cuatro goles a Perú después de pálido empate en cero con Brasil parecía imposible. Pero el equipo fue otro. Y el público hervía. Videla, Massera y Agosti no pudieron escapar la apasionada vorágine de goles. Aquí gritan el tercero, en medio de una explosiva ovación.⁸¹¹

Figura 94 – El grito de la junta.



Fonte: *Gente*, Buenos Aires, n. 674, s/p., jun. 1978.

A segunda se tratava de uma foto impressa horizontalmente em duas páginas inteiras da região do Obelisco (Figura 95). Desfocada, a imagem emulava a massa disforme que confluía automaticamente de todas as partes para as ruas ao redor do monumento. Ao observarmos o retrato, não é possível distinguir um rosto ou mesmo uma figura humana; à distância, todos parecem simples borrões diluídos na multidão, inequivocamente argentina. Novamente, um pequeno texto delimitava a narrativa superlativa de um apaixonado festejo nacional, no qual o retrato da comemoração que invadia a noite buenairense figurava como a representação icônica de um gesto que se expandia por todo o país:

⁸¹¹ *Gente*, Buenos Aires, n. 674, s/p., jun. 1978.

Una de la madrugada del jueves 22. Hace cuatro horas que la ciudad es un solo grito: Argentina. El grito y la escena, por supuesto, se repiten en todo el país. Las radios reproducen cien veces el relato de los goles. Todas las banderas y todas las bocinas parecen tener una cita de honor aquí en el Obelisco. Y basta de palabras: esta escena es para mirar, no para contar...⁸¹²

Figura 95 – *Gente* e a classificação argentina.



Fonte: *Gente*. Buenos Aires, n. 674, jun. 1978.

Somos também reverberou a vitória com ênfase na festa popular que, como já cravava no título, deixou “El país de fiesta”. A redação exaltava que depois das 20h23, horário em que Luque anotou quarto tento que viabilizava a classificação, “no hubo rincón silencioso en ninguna ciudad del país, ni horario fijos, ni vestigio alguno de rutina”⁸¹³. No interior dos carros, nas avenidas largas, centrais ou nas pequenas ruas dos subúrbios, dentro dos ônibus ou das varandas das casas e apartamentos, “todo servía para los festejos: ollas, platos, banderas, pintura, tapas de cacerola, matracas, pitos, disfraces”⁸¹⁴.

A revista também contrastava a explosão de alegria dos argentinos com a tristeza dos brasileiros: “en Rio de Janeiro los cariocas vivieron el carnaval más corto de su historia”⁸¹⁵. Assim como sua colega editorial, também exaltou a presença dos chefes das forças armadas

⁸¹² Ibid., s/p.

⁸¹³ RITACCO, Edgardo. El país de fiesta. *Somos*, Buenos Aires, n. 92, p. 8-11, jun. 1978. p. 9.

⁸¹⁴ Ibid., p. 8.

⁸¹⁵ Ibid., p. 9.

no estádio e reproduziu suas fotos nas tribunas. Além disso, enfatizou a presença de Henry Kissinger (Figura 96) – “un hincha más del equipo”⁸¹⁶ –, personagem da capa daquela edição:

Los tres integrantes de la Junta Militar asistieron, como estaba previsto, al partido Argentina-Perú. Durante el primer tiempo el teniente general Videla se mostró bastante inquieto por la marcha del resultado, y cruzó algunas frases con el brigadier Agosti y el almirante Massera. Cada situación de peligro hacía poner de pie a todo el palco de autoridades, que festejaron los goles como cualquier otro aficionado. Al lado de ellos, Henry Kissinger aplaudía entusiasta cada gol argentino, y comentaba las jugadas más importantes con su hijo David. Al salir, resumiría: “*Nunca vi a un pueblo tan entusiasta. El griterío me ha conmovido. Felicito a los que organizaron este campeonato*”^{817, 818}.

Figura 96 – *Somos* retrata Kissinger em Rosário: “um hincha más del equipo”.



Fonte: RITACCO, Edgardo. El país de fiesta. *Somos*, Buenos Aires, n. 92, p. 8-11, jun. 1978. p. 11.

Além da partida em Rosário, Kissinger também assistiu a final antes de deixar o país. *Somos* acompanhou de perto sua passagem e afirmou que “políticamente [...] la visita de Kissinger puede catalogarse como uno de los sucesos extradeportivos más sobresalientes del Mundial”⁸¹⁹. Um dos principais articuladores da política externa estadunidense no período no qual se desenvolveram parte das ditaduras latino-americanas, Kissinger era visto como um aliado pela publicação. Segundo a revista, pouco antes de partir, o personagem elogiou o mundial e manifestou sua satisfação com os rumos do país. Um discurso muito similar ao ecoado publicamente pelo próprio periódico, no qual figuravam a leitura do torneio como um símbolo da recuperação de nação, sob o governo militar, bem como a perspectiva de que os discursos proferidos desde a imprensa internacional não faziam jus a realidade do país:

⁸¹⁶ Ibid., p. 11.

⁸¹⁷ Grifo no original.

⁸¹⁸ Ibid., p. 9-10.

⁸¹⁹ La Argentina que vio Kissinger. *Somos*, Buenos Aires, n. 93, p. 22-23, jun. 1978. p. 22.

El Mundial ha proyectado una excelente imagen de Argentina hacia el mundo. Es obvio que el país ha obtenido un notable progreso en un lapso muy corto en proporción a la cantidad circunstancias adversas que venía sufriendo. La conclusión de mi viaje a la Argentina es que el país ha vuelto a la senda que tenía adscripta históricamente, o sea la de jugar un rol fundamental en Latinoamérica y el mundo. [...] La manera en que el pueblo vivió el Campeonato Mundial de Fútbol es un síntoma del valor que tiene el nacionalismo educado y sano. [...] El país que encontré no es el que publica la prensa internacional. Su situación es malentendida en Europa y Estados Unidos: en la primera debido a la enorme infiltración de izquierda en la prensa escrita; en la segunda, debido al papel de mayor peso que actualmente ejerce el Congreso en plano de política externa [...].⁸²⁰

El Gráfico lançou uma edição extra, na qual se dedicava exclusivamente ao feito que garantiu a classificação. Em acordo com o tom oficialista, predominante na grande imprensa da época, da qual *Editorial Atlántida* era o principal exemplo, a revista não deixou de pontuar em um pequeno quadro a assistência do político norte-americano, dedicando à última página ao “júbilo” do presidente, um dos responsáveis para que “el Mundial fuera una realidad que mostrara – seriamente – la verdadera cara de nuestro país” e que durante a partida havia se comportado como “un hincha más”⁸²¹.

O discurso da união nacional sob o signo do futebol proposto por *El Gráfico*, no qual até mesmo o general Videla se convertia em apenas mais um, era notório, sobretudo, no editorial da publicação. A narrativa emulava a aglutinação igualitária das massas, nas quais os sujeitos integrantes não apenas se reconhecem mutuamente, como se desprendem de qualquer sentido de individualidade ante a força coletiva e emotiva da multidão: “llegamos al final. No solamente los jugadores, sino todos. Se acabaron los YO refugiados atrás de aislados gritos. Ahora somos NOSOTROS sin distinción de colores, como debimos ser siempre. Goleamos al destino y derrotamos a las sombras”⁸²².

Ao se debruçar sobre a partida, porém, Juvenal, um dos principais jornalistas da publicação, recordou as condições particulares sobre as quais se deu a goleada. Ciente dos protestos e acusações dos brasileiros, citou o desempenho prévio da equipe de Coutinho ante o mesmo Peru, quando dois gols saíram de bolas paradas – uma cobrança de falta e um pênalti – e outro em uma falha do goleiro, para reforçar o melhor desempenho ofensivo da seleção local:

No podemos aseverar que estemos seis goles arriba de Perú, aunque en nuestras últimas confrontaciones los hemos superado ampliamente, siendo locales y

⁸²⁰ Ibid., p. 23.

⁸²¹ El júbilo del presidente. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. extra, p. 38, jun. 1978.

⁸²² El milagro de la fe. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. extra, p. 3, jun. 1978.

visitantes⁸²³. No sabemos si, estando Perú en posición más expectante, con algún resto de ilusión, con algo de chance, podíamos haberlos goleado con tanta amplitud y contundencia. Nadie podrá saberlo. Y a esta altura de los acontecimientos, importa muy poco. Es indudable que Perú nos resultó más fácil que a Brasil, cuando lo venció 3 a 0, o a Holanda, cuando sólo consiguió empatarle. En esos encuentros, Perú estaba más entero, con más ilusión y en consecuencia, con más fibra combativa. Pero en cambio necesitamos jugar más y jugar mejor que Brasil y Holanda para golear a los peruanos. Ningún gol nos vino de regalo, como pudo serlo el segundo de Brasil, falla de Quiroga que se produjo en el momento psicológicamente justo, para cortar una reacción Peruana. No metimos ninguno de tiro libre. Todos fueron jugados, elaborados.⁸²⁴

Leitura semelhante foi propagada pela rival *Goles*. Em seu artigo, Osvaldo Ardizzone reconhecia a parca resistência do time peruano, mas frisava que eles não tinham mais o que ambicionar no torneio nem dispunham da mesma motivação que os argentinos:

Sé que Perú fue un rival que no jugaba a nada, que apenas si ofreció una intención de “fulbito” inofensivo, con algunos golpes innecesarios, aunque todos sabemos que Perú dispone de buenos jugadores. Pero, ¿qué ambicionaba Perú? Nada. El único gran protagonista de la noche era Argentina. Y la Argentina así se sintió para pasar a Perú “por arriba”, para fabricar todas las situaciones de gol que se propuso, para superar las exigencias del pasaporte para Holanda por varios goles más. No fue “enemigo” Perú. Perú estaba vacío por dentro. La noche no era de ellos, era exclusivamente nuestra...⁸²⁵

No meio da edição, a revista veiculou uma nota bastante singular, redigida para os brasileiros. O texto assumia as reclamações como uma espécie de ofensa aos próprios argentinos como anfitriões. Lamentava as reações e acusações, ventiladas sobre o desempenho dos peruanos, com insinuações de incentivos financeiros, bem como de favorecimentos e *doping* por parte dos jogadores de sua seleção. Ao final, a redação se encerrava com um interessante convite:

Nos duele porque ARGENTINA abrió sus puertas de buena voluntad... y ha cometido el único pecado de llegar a la finalísima. Nos duele, porque los argentinos fuimos, y somos, hinchas de Pelé, del tricampeón y hasta de Fittipaldi, cuando era campeón del mundo. LOS INVITAMOS PARA EL DOMINGO, porque, SINCERAMENTE, queremos verlos junto a nosotros frente a Holanda. ¿Saben de una cosa?: ARGENTINA QUEDA EN AMERICA DEL SUR... Los esperamos...⁸²⁶

⁸²³ A referência aqui era aos dois amistosos preparatórios disputados ainda em março, quando os comandados de Menotti venceram o combinado peruano, respectivamente por 2 a 1, em Buenos Aires, e 3 a 1, em Lima.

⁸²⁴ JUVENAL. Con una goleada histórica, estamos en la final. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. extra, p. 19, jun. 1978.

⁸²⁵ ARDIZZONE, Osvaldo. Pasaporte para el país del gran sueño... *Goles*, Buenos Aires, p. 6-12, n. 1538. p. 12.

⁸²⁶ Espacio solo para brasileños. *Goles*, Buenos Aires, p. 60, n. 1538, jun. 1978.

Os cartunistas também comentaram a classificação em suas produções e, no clima bem-humorado da provocação entre as torcidas, não deixaram de cutucar os rivais continentais. Em *Goles*, Shuto reproduziu a festa das torcidas nas ruas, tomada pela chuva de papéis picados, e perguntava ironicamente como estariam se sentindo os brasileiros (Figura 97). Com uma abordagem semelhante, Caloi, que possuía um espaço fixo em *El Gráfico*, onde trazia produções que brincavam com diversas modalidades esportivas, dizia que para além do lugar na decisão, os argentinos lhes haviam tomado o carnaval (Figura 98). Clemente simplesmente se entregou a seus “papelitos” (Figura 99).

Figura 97 – Shuto e a classificação argentina.



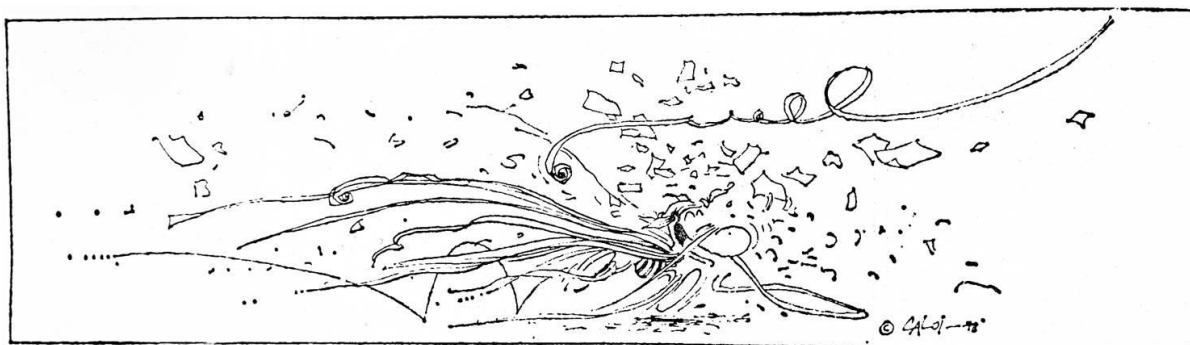
Fonte: SHUTO. *Goles*, Buenos Aires, n.1538, p. 15.

Figura 98 – Les afanamos el carnaval.



Fonte: CALOI. Apuntes semifinalistas. *El Gráfico*, Buenos Aires, n. extra, p. 17, jun. 1978.

Figura 99 – Clemente após a classificação, 22 jun. 1978.



Fonte: CALOI. *Clemente y el mundial*. Buenos Aires: Ediciones del Pájaro y el Cañon, 1978. s/p.

Se no vizinho platino, a goleada era retratada como um milagre, um momento histórico de massiva exaltação patriótica e celebração popular através do esporte, as leituras produzidas no Brasil contestavam a partida e levantavam dúvidas sobre a aplicação da seleção peruana, a qual se não havia entregado o jogo tinha, ao menos, facilitado muito a tarefa argentina. Por isso mesmo, não faltaram manchetes que usaram termos como “vergonha”, “farsa” ou “escândalo” para classificar o jogo. O próprio Cláudio Coutinho, retratado como um personagem comedido em suas declarações, expressou sua indignação e frustração aos jornalistas: “a seleção peruana perdeu muito mais do que um jogo. Acredito que perdeu a credibilidade”⁸²⁷; “os que atuaram contra a Argentina não têm mais condições de ouvir o Hino Nacional de sua pátria em uma competição”⁸²⁸. Por sua vez, o conselheiro da delegação brasileira, Coronel Carlos Alberto Cavalheiro, disse que aquele não foi apenas um dia de

⁸²⁷ Coutinho julga missão cumprida e acusa Peru. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 jun. 1978, p. 24.

⁸²⁸ Coutinho acusa Peru de facilitar o jogo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 jun. 1978, p. 30.

vergonha nacional para os peruanos, mas de “vergonha mundial” e lembrou que na outra chave os austríacos, nas mesmas condições, haviam se esforçado ao máximo, eliminando os alemães⁸²⁹.

Entretanto, é importante ressaltar que, por mais que os discursos envolvessem a classificação dos anfitriões para a grande decisão, em detrimento dos brasileiros, as críticas não se direcionavam aos donos da casa ou ao selecionado de Menotti – que, à parte de uma ou outra opinião, eram reconhecidos por terem feito de tudo para vencer dentro de campo. O alvo prioritário das acusações eram os peruanos, que teriam cedido às pressões existentes ao redor do jogo e, por isso, manchado sua honra ao se furtar de fornecer qualquer resistência que sustentasse a justiça do embate desportivo. Algumas das declarações reportadas ao treinador Coutinho por *O Estado de São Paulo* corroboravam essa compreensão: “se houve algum traído foi o próprio esporte”; ao não fazerem força para vencer, os peruanos “inclusive prejudicaram a própria Argentina, que poderia ter ganho por 6 a 0 mesmo encontrando dificuldades. Mas aí haveria competição, o que definitivamente não aconteceu”⁸³⁰.

Naquele momento, as reclamações propagadas entre os veículos de imprensa brasileiros se apoiavam sobre múltiplos argumentos: a diferença de horário das partidas, uma suposta parcialidade da arbitragem, erros grosseiros da defesa e a falta de combatividade dos jogadores rivais. A isso se somavam especulações sobre o comportamento e decisões do treinador; as declarações de prévias de que os peruanos iam buscar incessantemente a vitória; a escalação da equipe; e até mesmo o fato de o goleiro Ramón Quiroga ser um argentino naturalizado peruano. A abordagem produzida no *Jornal do Brasil*, no dia seguinte ao embate, sintetizava um pouco o tom dos discursos adotados nos veículos impressos brasileiros:

Se é verdade que os Argentinos fizeram tudo para vencer por goleada o jogo de ontem – atuando mais ofensivamente do que nunca e lutando sem tréguas por cada palmo de campo – não é menos verdade que os peruanos fizeram tudo para não lhes dificultar a tarefa: marcaram ingenuamente na defesa, não combateram no meio campo, foram desinteressados no ataque. Sua nulidade em campo foi tão gritante que o resultado final de 6 a 0 – classificando a Argentina para a decisão da Copa do Mundo – acabou não refletindo a surpreendente superioridade de um time sobre o outro. O jogo – muito mais uma farsa que um jogo – foi um triste espetáculo de futebol. Não pela falta de sutileza de seus jogadores ao facilitar, sem qualquer disfarce, a goleada de que os argentinos precisavam. Uma festa para a qual, segundo observardes neutros, os peruanos deveriam ter sido os convidados de honra.⁸³¹

⁸²⁹ Id.

⁸³⁰ Coutinho julga missão cumprida e acusa Peru. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 jun. 1978, p. 24.

⁸³¹ Argentina faz a festa depois da farsa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 jun. 1978, p. 28.

Por outra parte, as versões de que a equipe peruana teria se vendido – assim como de que cartolas brasileiros também teriam oferecido vantagens financeiras para incentivá-la⁸³² – já circulavam antes mesmo da partida final. Tais discursos, contudo, giravam sob a forma de burburinhos e provocações, pronunciados sem qualquer indício ou fontes palpáveis de comprovação. Ficavam no terreno das conjecturas que, já há muito tempo, permeavam as narrativas dos bastidores do futebol profissional. Por mais que interferências de interesses político-econômicos alocados nos bastidores não fossem estranhas ao esporte, mas difíceis de rastrear, a cada situação de impasse, onde a definição dependia de mais do que o simples resultado nos gramados, já era suficiente para que surgissem as mais variadas acusações e presunções. Na maioria das vezes, conjecturas produzidas, a partir de um arraigado lugar comum de que tais coisas passavam no futebol, narrações devidamente alimentadas pelo próprio envolvimento afetivo que nublava por completo quaisquer pretensões de isenção.

Como já afirmava Tarde⁸³³, ao tratar da relação dos publicitas com o público-massa em formação no século XIX, se ao mesmo tempo sua produção figurava como um aspecto importante na formação de certas correntes de opinião, não é menos relevante considerar que esse mesmo público também influi sobre o produtor dos discursos, pois delineia pontos de identificação e lhe confere, ou não, credibilidade. No caso da crônica esportiva, que se dirige a um público específico: uma massa apaixonada de torcedores, seja de um clube local, com traços regionais característicos, ou de uma representação nacional, o envolvimento afetivo é evidente, muitas vezes transparente e desejado. Ele não só permeia a maneira como se dá a construção narrativa das análises como, sem qualquer pudor, delimita uma nítida parcialidade nas apreciações.

Tal constatação sobre as falas e discursos, imediatamente circulantes naquele momento, não significa uma negativa à possibilidade de ações de agentes externos com o intuito de interferir no andamento da partida. Mas uma ressalva às estratégias narrativas adotadas, as quais dialogavam primeiramente com os afetos e não careciam de maiores justificativas para além das próprias impressões dos observadores, qualificados ou não, para emitir um juízo duvidoso sobre o desempenho da seleção peruana.

Uma amostra dessa relação, entre os discursos proferidos e o contexto e público ao qual se dirigiam, estava nas apreciações divulgadas sobre o desempenho do escrete brasileiro. Por mais que o resultado do jogo tenha impedido a representação verde e amarela de alcançar uma nova final, as principais leituras produzidas pela crônica naquele momento apontavam

⁸³² CARVALHO, Sérgio A. O Peru exagerou. *Placar*, São Paulo, n. 427, p. 40-42, jun. 1978. p. 41.

⁸³³ TARDE, 2005.

principalmente para a fraca atuação da própria seleção canarinho ao longo do torneio, com duras críticas às teorias e conceitos de Coutinho, bem como à organização cara e deficitária da CBD de Heleno Nunes. Na mesma edição na qual criticou a apresentação peruana, *O Jornal do Brasil* trouxe, na coluna Campo Neutro, a seguinte opinião de José Inácio Werneck, que lamentava o empate prévio com os argentinos: “naquela noite, precisávamos ganhar e não tivemos ousadia para tanto”; e comentava que “a pálida exibição de Muñante e seus companheiros em Rosário só pode nos fazer lembrar que, na semana passada, erramos ao não procurarmos sobre eles mais gols, depois de chegarmos aos 3 a 0”⁸³⁴.

Parte das leituras divulgadas, entre os veículos impressos investigados, somente chegaram à público após o encerramento do torneio. Em *Veja*, o artigo sobre o selecionado questionava se “a culpa foi do Peru?” e indicava a tentativa dos responsáveis pelo selecionado em apontar o time sul-americano como vilão para o público. Ao tratar do tema, recordava as declarações de Coutinho e Cavalheiro, militares de formação, e refletia sobre elas como uma espécie de estratégia para distrair os torcedores:

[...] o mais provável é que, ao buscar a caixa de ressonância de uma *conferencia de prensa*⁸³⁵ para suas afirmações, o capitão Coutinho e o tenente-coronel Cavalheiro estivessem executando o que, em linguagem militar, se classifica como “movimento diversionista” – uma ação pela qual se desvia a atenção do inimigo para um objetivo secundário. O inimigo, no caso, seria a torcida brasileira, disposta a cobrar, na volta da seleção ao Brasil, as causas da má apresentação da equipe. E Coutinho, que saiu prometendo um futebol mirabolante e irresistível, tem muito o que explicar, tarefa da qual deverá desincumbir-se com grande desenvoltura.⁸³⁶

Na mesma entrevista em que se seguiu a definição dos brasileiros como segundo colocado de seu grupo, Coutinho disse que “a decisão moral da Copa será no sábado”⁸³⁷, quando disputaria o terceiro posto contra a Itália, um dia antes da grande decisão. Ao final do confronto, em Buenos Aires, a equipe se apresentou melhor do que em outras ocasiões, sob os olhos de parte da crítica e da torcida, vencendo o jogo, de virada, por 2 a 1. Com a obtenção do terceiro posto, Coutinho consolidava o discurso de sua equipe “campeã moral”, a única a terminar a competição sem derrotas.

Embora os argumentos tenham funcionado junto a Heleno Nunes, estes não surtiram grande efeito sobre os comentaristas públicos do escrete. No *Pasquim*, uma página inteira da seção de Dicas, da última edição de junho, dedicou-se inteiramente aos protestos, chistes e

⁸³⁴ WERNECK, José Inácio. Campo Neutro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 jun. 1978, p. 29.

⁸³⁵ Grifo no original.

⁸³⁶ AUGUSTO, Antônio Carlos. A culpa foi do Peru?. *Veja*, São Paulo, n. 512, p. 62-67, jun. 1978. p. 62.

⁸³⁷ Ibid., p. 66.

escárnios dos integrantes do semanário sobre a seleção. Ziraldo foi um dos mais ativos e se manifestou em diferentes notas, com críticas ao escrete ou satirizando as desculpas do treinador e os vínculos políticos da CBD. Disse, por exemplo, que o técnico “é apenas a ponta mais visível do iceberg de asneira que é a cúpula comendadora do destino nacional”⁸³⁸ e zombou da campanha da equipe: “invicta como uma virgem, qual é a vantagem?”⁸³⁹.

Luiz Antônio Mello cravou em irônica referência aos projetos políticos do regime: “Heleno, Coutinho e o resto da matilha conseguiram o que queriam: derrota (ou vitória) relativa”⁸⁴⁰. Já Jaguar, além de desconstruir a assertiva da “vitória moral”, em um de seus cartuns (Figura 100), recuperou as críticas sobre os gastos exorbitantes da CBD, que bancou a ida de dezenas de dirigentes como convidados, contrastando com a realidade salarial da massa de trabalhadores brasileiros:

Os gastos da seleção são estimados (estimados? Que língua a nossa!) em 70 milhões. Os dinamites, os patadas atômicas, e os canhões de minas⁸⁴¹ só conseguiram encaixar 10 gols ao longo da Copa. Quer dizer, cada gol custou 7 milhões. Vão me acompanhando de lápis na mão. Quer dizer, cada gol representa 4.487 salários mínimos. Um cara que ganha 1.560 cruzeiros por mês levaria 373 anos para faturar essa grana. E quem pagou? Nós, o povo, é claro. Que michê caro.⁸⁴²

Figura 100 – Jaguar e a frase de Coutinho.



Fonte: JAGUAR. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 470, p. 7, jun. 1978.

⁸³⁸ ZIRALDO. Réplica. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 470, p. 8, jun. 1978.

⁸³⁹ ZIRALDO. A seleção brasileira. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 470, p. 8, jun. 1978.

⁸⁴⁰ MELLO, Luiz Antônio. Dentro do esquema. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 470, p. 8, jun. 1978.

⁸⁴¹ Uma referência a alguns dos jogadores da seleção no período, respectivamente Roberto, Rivelino e Nelinho.

⁸⁴² Dicas. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 470, p. 8, jun. 1978.

Hélio, outro cartunista do alternativo, também se aproveitou do desempenho do selecionado nacional, para cutucar o processo de confirmação do general Figueiredo como sucessor de Geisel pela ARENA. Em seu cartum (Figura 101), retratava uma conversa de dois militares de alta patente, cujo diálogo contrastava a seleção peruana como um entrave à seleção brasileira, à postura do senador arenista José de Magalhães Pinto, que almejava ocupar a presidência, como um obstáculo a Figueiredo. Ao lado do general Euler Bentes Monteiro, que acabou por encabeçar uma chapa de oposição junto ao MDB, Magalhães Pinto lançou em maio um movimento civil, mas ideologicamente conservador, chamado de Frente Nacional de Redemocratização, que buscou, sem sucesso, o apoio político necessário para fazer frente ao candidato militar nas eleições indiretas de outubro.

Figura 101 – Hélio.



Fonte: HELIO. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 470, p. 7, jun. 1978.

Na mesma edição, o jornalista Sérgio Augusto, que assinava a seção voltada à mídia nacional “É isso aí”, também se manifestou duramente sobre o escrete. Logo após comentar e reprochar algumas das abordagens patrioteiras, circulantes na imprensa escrita e na televisão, sobre a eliminação em decorrência da derrota peruana, emitiu sua própria opinião sobre o desempenho da representação brasileira. Assim como os demais membros do semanário, não economizou nas críticas e enfatizou os paralelos do esporte com o cenário sociopolítico nacional, ambos dominados pela rigidez tecnocrata:

Quanto ao time brasileiro, só tenho a dizer o óbvio: foi o mais fraco que enviamos ao mais fraco mundial que já vi e ouvi. No seu preparo gastamos mais tempo e

dinheiro do que, comparativamente, os EUA e a URSS, as duas únicas superpotências, desembolsam para alcançar medalhas de ouro, prata e bronze nas Olimpíadas. Até em prêmios (pelo terceiro lugar) nossos jogadores foram mais bem aquinhoados que os campeões argentinos.

Triste constatação: até o nosso futebol acabou desnaturado pela tecnoburocracia. Nos gráficos, tudo bonito; na prática, um desastre. Pelos cálculos do Coutinho, deveríamos vencer o Peru, empatar com a Argentina e ganhar da Polônia. Tudo isso aconteceu – e daí?, perdemos. Perdemos invictos, o que só não é um absurdo em se tratando de uma seleção que, em tudo, reproduziu em campo o modelo brasileiro e suas bionidades. Já tínhamos o oitavo produto interno bruto do mundo e o décimo-sétimo lugar, entre os países americanos, em qualidade de vida. Temos agora também a seleção relativa.⁸⁴³

Porém, talvez a melhor expressão de como o desempenho da seleção foi reverberado publicamente nos veículos de imprensa tenha se dado através da cobertura especializada. Em sua edição pós-Copa, *Placar* não se furtou de relatar sua indignação com o desempenho dos peruanos, por meio de um artigo de um de seus correspondentes. Porém, mesmo ao reverberar a partida nos termos que já explorados previamente, a revista não poupava o escreto brasileiro ou corroborava o discurso propagado pela comissão técnica. O editorial da revista, assinado por Jairo Régis, diretor da publicação, delimitava o tom dos protestos, com a reivindicação de mudanças urgentes nas estruturas do futebol nacional. Logo no início, o autor pontuava a descaracterização do estilo brasileiro – um dos argumentos de longa data levantados contra o treinador –, como um dos princípios pecados de Coutinho na condução da equipe:

O terceiro lugar na Copa do Mundo é um resultado que desmoraliza o futebol brasileiro? De nenhuma maneira. É um posto honroso do qual muitos poderão se orgulhar com justa razão, embora não satisfaça o apetite de vitória de nossos torcedores.

Por que, então, tanto mau humor, tanta carranca em face da atuação de nossa Seleção na Argentina? Porque, a rigor, o futebol da marca brasileira não esteve presente a esse Mundial. Levado pela mão do capitão Coutinho, nosso futebol perdeu a cultura, despersonalizou-se nos overlappings, nos pontos futuros e na verticalidade-lateral, última invenção verborrágica para encobrir a bobagem de jogar sem pontas.

Talvez não tivéssemos mesmo futebol suficiente para disputar a finalíssima. Mas isso não anula o fato de que, por pura covardia do capitão Cláudio Coutinho – covardia tática? Covardia estratégica? Covardia profissional? –, não ousamos tentar vencer a Argentina, em Rosário. Nosso capitão se declarou satisfeito com o empate em zero, embora todos temêssemos um saldo de gols insuficiente, como acabou acontecendo. Na vitória por 3 a 0 contra o Peru, o capitão Coutinho se declarava muito feliz, embora soubéssemos de antemão que a Argentina poderia vencer o mesmo adversário por score maior – como de fato venceu.⁸⁴⁴

Embora a maior parte da redação estivesse centrada no técnico, recuperasse o desacordo com muitas de suas táticas, declarações e estratégias de jogo – motivo de

⁸⁴³ AUGUSTO, Sérgio. É isso aí. *Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 470, p. 9, jun. 1978.

⁸⁴⁴ RÉGIS, Jairo. Fora! Basta! Chega!.. *Placar*, São Paulo, n. 427, p. 3, jun. 1978.

discordância entre os cronistas desde o período de preparação – o “capitão Coutinho”, como se referia Regis, não era visto como principal culpado do fracasso. Defensora de um processo de modernização liberalizante do futebol, *Placar* lembrava a desorganização do inchado campeonato nacional, a situação precária de vários clubes e os desmandos e irresponsabilidades na gestão dos mandatários da CBD. A crítica ao desempenho do escrete na Argentina convertia-se, sobretudo, em uma crítica às atuais configurações políticas do futebol no país e um pedido de mudanças imediatas.

É verdade que o Peru entregou o jogo para a Argentina. Mas isso não nos absolverá de nossos próprios pecados. E o maior deles é continuarmos admitindo uma cúpula tão incompetente como a que temos dirigindo o nosso futebol. Do almirante Heleno Nunes ao cartola André Richer, a incompetência faz seu carnaval impune e preme de mordomias escandalosas.

E quem paga é o pobre futebol brasileiro. [...] É dose. Burrice demais. Irresponsabilidade além da conta. Que os clubes acordem: fora com essa gente! Chega de incompetência! Basta de irresponsabilidade! Fim da covardia!⁸⁴⁵

Ao observarmos as narrativas circulantes no Brasil a respeito do mundial, verificamos que, mesmo com as suspeitas levantadas contra os peruanos, é sobre as próprias falhas brasileiras, dentro e fora de campo, que recaem o cerne das manifestações. Nesse sentido, a contestada CBD do almirante Nunes, um ponto de contato inequívoco com o autoritarismo do regime, ocupava espaço privilegiado entre as apreciações públicas, que davam conta do fracasso do escrete, menos pelo resultado final do que por sua apresentação ao longo do torneio.

As críticas a Coutinho se davam tanto por suas preferências técnicas e táticas quanto por sua percepção como parte integrante da engrenagem deficitária – e militarizada –, que comandava o futebol naquele momento. Por isso mesmo, suas declarações eram antes motivo de chacota e protesto por parte dos interlocutores midiáticos – nem mesmo o argentino Clemente, depois de finalizado o certame, deixou de satirizar o apregoado título de campeão moral inspirado pelas falas do treinador (Figura 102).

⁸⁴⁵ Id.

Figura 102 – Que lindo es no ser campeón moral, 30 jun. 1978.

Figura: CALOI. *Clemente y el mundial*. Buenos Aires: Ediciones del Pájaro y el Cañon, 1978. s/p.

A maioria das apreciações, mesmo reticentes sobre os resultados das partidas decisivas da segunda fase, assinalava primeiramente a incompetência do próprio selecionado brasileiro e, naquele momento, evitavam ou ignoravam qualquer conjectura que apontasse para uma interferência da ditadura argentina, em um provável pacto com os peruanos. As insinuações estavam presentes, mas como discursos apaixonados, que lamentavam a entrega dos peruanos – estes sim acusados de terem cedido às pressões, financeiras ou não. De certa forma, os protestos apontavam para os supostos corrompidos mais hesitavam em cravar, talvez pela própria carência de indícios para além do que se havia visto e ouvido à época, os corruptores.

9.2 ARGENTINA X PERU: A RESSIGNIFICAÇÃO POLÍTICO-AFETIVA DAS NARRATIVAS SOB O ESPECTRO DA MEMÓRIA

As suspeitas e locuções, que colocavam em dúvida a goleada argentina, só passaram a ganhar força narrativa interna nos anos posteriores ao evento, quando a ditadura *procesista* se encontrava localmente questionada e enfraquecida, sem dispor das mesmas bases de suporte social e midiático, ou da mesma eficiência coercitiva de seu aparato repressivo.

Nesse contexto, diversos personagens passaram a rever as narrações e posicionamentos sobre o mundial, bem como a sugerir interpretações distintas sobre a partida, com atenção para detalhes que, se não haviam passado quase despercebidos na ocasião, foram deliberadamente ignorados no momento. É o caso, por exemplo, da recuperação a posteriori de parte da imprensa do atentado ao então secretário de fazenda Juan Alemann, justamente no transcorrer do embate decisivo em Rosário, com a insinuação a uma ação interna⁸⁴⁶. Este,

⁸⁴⁶ Conforme o tópico 7.1.

como outros eventos, logo passou a alimentar os discursos receosos da ingerência de agentes da ditadura, em um eventual arranjo do resultado.

O centro das denúncias, contudo, continuou a gravitar ao redor dos membros da delegação peruana, em especial dos jogadores, constantemente inquiridos, provocados a explicar o que realmente teria se passado naquela noite. Em 1979, o defensor Rodolfo Manzo, então jogando no Vélez Sarsfield de Buenos Aires, se viu às voltas da notícia de que teria confessado ao técnico Antonio D'Accorso e ao preparador físico Jorge Fernández o acerto do jogo. Segundo a versão divulgada à época, Manzo lhes teria confessado que, à exceção do atacante Muñante, os demais jogadores a atuarem no fatídico jogo teriam aceitado repartir um suborno de cerca de 50 mil dólares, mas sem indicar a fonte do dinheiro. A revelação se deu a partir da imprensa colombiana, com base em uma entrevista de Fernández, e logo ganhou espaço midiático entre os vizinhos do Cone Sul. Na Argentina, o caso repercutiu junto à AFA, que abriu investigação, rapidamente encerrada com a retratação do jogador, o qual negou qualquer afirmação do tipo. Sem clima para permanecer, e sem jogar havia bastante tempo, o zagueiro deixou o clube e o país⁸⁴⁷.

Já no Brasil, interessado direto nas acusações, a situação foi acompanhada de perto pela imprensa⁸⁴⁸, com comentários de Coutinho e Heleno Nunes, pleiteando a abertura de investigações e exigindo punições aos culpados. O episódio foi um dos primeiros a reacender os questionamentos ao redor do certame e plantar a semente de que houve algum tipo de negociação, principalmente envolvendo subornos por trás do jogo que selou a ida à final. *Placar*, por exemplo, repercutia o caso em uma nota na qual questionava “Era verdade? Somos campeões morais?”. Embora coadunasse com as dúvidas sobre os peruanos, ao opinar sobre o caso enfatizava novamente as falhas brasileiras:

Mas nós preferimos perguntar: será que realmente somos campeões morais? Passado o efeito da bomba, já se sabe, nada será apurado. Mas é bom lembrar que os jogadores peruanos foram recebidos em Lima com os torcedores atirando-lhes moedas – portanto já desconfiados de alguma coisa. Assim como é bom saber que se tivéssemos jogado para ganhar dos argentinos, nada disso ainda estaria sendo comentado. Isso, sem se falar que cartolas brasileiros também tentaram dar dinheiro para que os peruanos ganhassem dos argentinos. Mas não conseguiram entrar no hotel onde se concentravam. Enfim...⁸⁴⁹

⁸⁴⁷ GILBERT, VITAGLIANO, 1998, p. 206-207; LLONTO, 2005, p. 160-161; GOTTA, 2008, p. 249-250.

⁸⁴⁸ Ao final de setembro, o *Jornal do Brasil* seguiu o episódio em diversas notas que retratavam as declarações, a troca de acusações entre o jogador, o preparador físico e o técnico, bem como a posterior negação e retratações por parte dos envolvidos.

⁸⁴⁹ Era verdade? Somos campeões morais?. *Placar*, São Paulo, n. 491, p. 6, set. 1979.

Nos anos seguintes, outros integrantes do plantel também se manifestaram, normalmente negando qualquer envolvimento em algum tipo de arranjo ou suborno, mas eram recorrentes as declarações enigmáticas, que aportavam alguma desconfiança sobre os companheiros. Nesse sentido, seguiam relatos que variavam desde a sinalização de comportamentos e atitudes estranhos de outros membros da delegação, até a insinuação de *doping* por parte dos argentinos. Não faltaram aqueles que também demandavam uma explicação, sob a alegação de que também gostariam de esclarecer o que aconteceu com sua equipe e dirimir quaisquer dúvidas restantes. Em certa medida, muitos desses personagens se tornaram vítimas da própria recuperação de suas reminiscências. Mais do que a apuração dos fatores que desencadearam o 6 a 0, as narrações se tornaram uma questão de reordenamento e enquadramento⁸⁵⁰ das memórias construídas sobre o episódio, com nítidas implicâncias quanto aos sentidos atribuídos a ele.

Tais leituras, ainda sob a forma de uma suspeição, ganharam sustentabilidade em vista da imediata revisão da memória e do escrutínio político, que se seguiu ao término do período ditatorial em 1983. Ao mesmo tempo em que as orações resistentes – vindas de exilados, torturados e presos políticos, bem como de organizações políticas e humanitárias – passaram a exercer um profundo esforço de revisão dos anos de ditadura, também estimularam a releitura e a ressignificação da experiência do mundial, agora marcada indelevelmente pela sua coexistência com o projeto ditatorial⁸⁵¹. Em 1978, o plano político-autoritário do *Proceso* não só estava em andamento, como havia logrado êxito em parte de seus objetivos, inclusive na recondução da competição, dentro de sua proposta discursiva. Sob essa ótica, suas articulações políticas e econômicas com a promoção do evento, simbolizadas, sobretudo, através do EAM'78, passaram a ser revistas, já que não eram desconhecidas no momento. As conexões dos militares, responsáveis pelo Ente, com os representantes da junta de comandantes – em especial na combinação Lacoste-Massera – também eram exaltadas. Diante do crescente desvelamento de um regime que havia tentado se impor pela força sobre todos os setores sociais, a impressão de que nem mesmo o desenrolar dos jogos poderia escapar livremente de seu espectro de influência ganhava fôlego discursivo entre os críticos do certame.

Nesse sentido, cresceram as especulações sobre o arranjo do jogo ter se dado através de uma combinação entre os regimes militares argentino e peruano. Como indícios dessa

⁸⁵⁰ POLLAK, Michael. Memória, esquecimentos, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989; POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

⁸⁵¹ ARCHETTI, 2004.

possibilidade, diferentes autores resgataram a presença de Francisco Morales Bermúdez Petraglio, junto da delegação peruana na Copa. Tratava-se de um dos filhos do presidente-ditador do Peru à época, o general Francisco Morales Bermúdez, uma amostra tanto do interesse do governo local pelo selecionado quanto de seus vínculos com os espaços de poder político⁸⁵².

Como destaca Alabarces⁸⁵³, o jornalista inglês David A. Yallop foi um dos responsáveis por propagar a versão de um acordo traçado entre militares argentinos e peruanos, para garantir a necessária vitória dos anfitriões. No livro *Como eles roubaram o jogo?*, Yallop relata um suposto acordo delineado por Lacoste, sob as ordens dos comandantes da junta, com lideranças militares do conterrâneo continental. Nesse acordo, figurariam o desbloqueio de uma linha de crédito de cerca de 50 milhões e da doação de 35 mil toneladas de trigo, além de pagamentos à oficiais, desde contas da marinha argentina. Segundo o autor, para selar o negócio e fechar a questão, militares peruanos que acompanhavam a delegação se acercaram separadamente de três jogadores do plantel e combinaram o pagamento do montante de 20 mil dólares para cada, com o intuito de assegurar o resultado necessário⁸⁵⁴.

O decreto n. 1463/1978, que autoriza a doação de trigo citada pelo jornalista, pode ser encontrado no Archivo General de La Nación, em meio aos anuários dos decretos emitidos pelo poder executivo naquele ano. O documento, contudo, assinado no dia 6 de julho por Videla e Martinez de Hoz, remete a uma carta de crédito para a retirada de 4 mil toneladas, ao invés das 35 anunciadas pelo autor. Além disso, traz como referência um convênio de ajuda alimentar ligado ao Convenio Internacional do Trigo, assinado no início da década, e atribui a doação como um saldo devedor correspondente ao período de 1976/77. Da mesma forma, ao observamos outras mediadas oficiais da época, nos deparamos com situações semelhantes, com anúncios de auxílios, doações de alimentos, materiais e equipamentos a diferentes países latino-americanos. Medidas que podem ser compreendidas tanto no marco de uma política de solidariedade com os vizinhos continentais, nos termos de firmar uma liderança regional argentina, quanto de manutenção de laços de apoio político e ideológico que cercavam as ditaduras civis-militares sul-americanas. Ou seja, não há indícios no documento que

⁸⁵² GOTTA, 2008.

⁸⁵³ ALABARCES, 2014, p. 93.

⁸⁵⁴ Na obra em questão, publicada originalmente em 1998 no Brasil, Yallop, bastante conhecido pelo jornalismo investigativo e pelas denúncias de corrupção contra a FIFA – algumas delas recuperadas pela investigação internacional deflagrada pelo FBI no último ano –, afirma ter conversado com esses jogadores, os quais lhe teriam confessado envolvimento, mas diziam não conhecer o envolvimento de outros integrantes da equipe e que, por questões de segurança, não poderiam ter seus nomes revelados. YALLOP, David A. *How they stole the game*. Londres: Constable & Robinson Ltd, 2011.

possibilitem sua associação com a partida, para adiante da proximidade temporal de sua assinatura.

O trabalho de Ricardo Gotta⁸⁵⁵, com foco singular sobre o episódio dos 6 a 0, é uma das investigações jornalísticas produzidas posteriormente a contestar a tese da doação. Além de esmiuçar como funcionava o convênio, pontuava outras iniciativas de auxílio e cooperação econômica mútua, a exemplo de um programa para incentivar o estudo e desenvolvimento da energia nuclear no país andino. O autor também afirmava que o crédito aportado à doação não somava uma grande quantia, para sustentar um acordo entre os países nos moldes citados, e que medidas similares podem ser verificadas tanto antes quanto depois da Copa.

Fuimos campeones, de Gotta, se insere em uma sequência de trabalhos⁸⁵⁶ produzidos na Argentina, sob uma visão já bastante consolidada do torneio como algo indissociável do contexto histórico em que se produziu, portanto, umbilicalmente ligado à ditadura. Por isso, estudos elaborados já com o discurso estabelecido de que alguma coisa havia se passado naquele jogo. Ainda que não concordem plenamente com os entendimentos circulantes sobre o episódio, diante das memórias desconexas e cambiantes que viabilizam a leitura da corrupção e do suborno, as abordagens e impressões delineadas pelos autores se voltam, quase que automaticamente, para uma ação engendrada pelo regime. De certa maneira, tais narrativas se encontram pressionadas pelas releituras e rememorações do período antes de sua produção.⁸⁵⁷

Em sua investigação, Gotta, mesmo tendo refutado algumas das injunções, recupera diferentes aspectos que prejudicaram a trajetória peruana no torneio e que ajudaram a reificar a visão de um arranjo. O autor atenta para brigas e cisões internas no plantel, disputas que envolviam tanto as rivalidades nas agremiações locais, quanto a definição de prêmios e salários. Da mesma forma, destaca supostos diálogos entre funcionários argentinos e peruanos, desenvolvendo uma análise pormenorizada dos lances do jogo, a fim de evidenciar a profusão de erros da defesa – supostamente inconcebíveis para aquele nível de disputa esportiva de alto rendimento –, bem como a atitude suspeita de alguns jogadores, como o já citado Manzo. Elementos que se somavam às declarações oscilantes, dadas pelos personagens nos anos seguintes, corroborando com a perspectiva de um suborno.

⁸⁵⁵ GOTTA, 2008, p. 240-244.

⁸⁵⁶ Uma série de investigações jornalísticas inaugurada por *El terror y la gloria*, de Gilbert e Vitagliano (1998), e completados por *La vergüenza de todos*, de Pablo Llonto (2005), e *Hechos Pelota*, de Fernando Ferreira (2008). Trabalhos que recuperavam diversos desses episódios em sua construção.

⁸⁵⁷ Um efeito que também se faz sobre produções acadêmicas, como o presente trabalho, e sobre o qual se faz necessária a reflexão durante o processo de produção.

Contudo, se as múltiplas insinuações sobre a negociação do resultado ainda carecem de comprovações que escapem de apreciações apaixonadas, bem como da influência das flutuações constantes das lembranças dos sujeitos da época, um dado importante não pode ser desconsiderado: a pressão política exercida indiretamente sobre os peruanos.

Segundo pontua Alabarces⁸⁵⁸, o documentário “Mundial 78: la historia paralela”, de 2003, é um dos primeiros a recuperar um dado importante que antecedeu a partida. Videla, acompanhado de Henry Kissinger, entre outras pessoas, teria se dirigido ao vestiário dos visitantes pouco antes do início do certame, para lhes cumprimentar e falar da importância da unidade e solidariedade dos povos latino-americanos ante interesses comuns⁸⁵⁹. Para o ex-atacante Juan Carlos Oblitas, que narra o acontecimento na película, esta foi uma ação com um forte efeito psicológico⁸⁶⁰. Se a mensagem passada aparentava um tom amistoso, a simples presença do ditador, de um país internacionalmente reconhecido pela violação dos direitos humanos, tem um efeito coercitivo que não pode ser desconsiderado. Independentemente da ocorrência de ofertas financeiras ou da corrupção do plantel, as pressões exercidas sobre os já desclassificados peruanos – da torcida, da imprensa e do próprio contexto político autoritário em que se encontravam – constituem fatores que não podem ser ignorados e que influem, sim, no desempenho apresentado nos gramados⁸⁶¹.

Até o momento de sua morte no cárcere, em maio de 2013, Videla não deixou de ser inquirido sobre o mundial e sobre a emblemática classificação local. A entrevista compilada por Ceferino Reato, em 2012, tocou na questão. Mesmo condenado pelo saldo da “guerra anti-subversiva” – travada desde antes do golpe, cujo saldo era de milhares de mortos e desaparecidos –, ao ser questionado sobre o arranjo da classificação argentina, o general – à moda dos próprios peruanos – continuou a negar qualquer envolvimento:

No fue verdad, en absoluto; yo, por lo menos, no saqué un peso del bolsillo. No se habló de un posible arreglo antes del partido, ni en el gobierno ni en la Junta. Cuando salió la historia del arreglo que habríamos hecho con los peruanos para que

⁸⁵⁸ ALABARCES, 2014, p. 94.

⁸⁵⁹ GOTTA, 2008, p. 157-158.

⁸⁶⁰ Ao comentar o fato, o jogador também afirmava que muitos de seus companheiros não se lembravam da visita do general ao vestiário.

⁸⁶¹ Ao colocar-se supostamente na situação narrada por Oblitas, Pablo Alabarces sugere a seguinte reflexão: “Pongámoslo así: estamos en un vestuario antes de un juego crucial, no para nosotros, sí para los rivales. Se ha hablado tres días del partido, se ha hablado de sobornos e incentivos; o se ha hablado de nada, hemos sido sordomudos por esos días. Pero estamos en el vestuario, ese momento de recogimiento crucial para cualquier deportista, profesional o aficionado, el momento en que comienza el proceso de concentración final para el juego: como mucho, se aceptan las bromas que distiendan el clima. Y es una Copa del Mundo, y es nuestro último partido; posiblemente la última vez que juguemos un Mundial en nuestra carrera. Y de pronto entra Videla a recordarnos que es nuestro hermano. Yo, personalmente, me hago los cuatro goles en contra, uno tras otro, más un quinto como garantía, por las dudas”. ALABARCES, 2014, p. 94-95.

perdieran por goleada, yo traté de involucrar a nuestros jugadores replicando que eso significaba dudar de la honestidad y la entrega de ellos; sabía que eso les caía mal y los estimulaba a que contestaran. El cuento sobre el arreglo con los peruanos surgió muy enseguida; el arquero peruano había nacido en la Argentina y eso agravó los rumores.⁸⁶²

Em 1978, ninguém duvidava que a Copa se tratava de um espetáculo massivo e midiático internacional; um evento organizado e tutelado pelo Estado. Porém, a atuação da seleção, entendida como uma representação cultural nacional e popular, era visualizada como algo à parte, cujo destino se desvinculava da capacidade de ação do regime e se via limitada, idealmente, apenas ao transcurso esportivo dentro dos gramados. Ganhando ou perdendo, era a crença de que a sorte do selecionado era traçada esportivamente, independente do quadro sociopolítico vigente, que assegurava a validade dos vínculos afetivos estabelecidos com o selecionado. Para a crônica e a torcida, por mais que a vitória convergissem com os interesses oficialistas, o sucesso no certame havia se dado de forma legítima, o que também legitimava o envolvimento massivo da população, sua efusiva explosão emotiva e comemoração. O *evento* Argentina'78 poderia ser um fruto tolerável da intervenção do *Proceso* – em última instância, de qualquer governo –, mas o título de campeão deveria ocorrer pelos méritos esportivos da seleção nacional, à parte de qualquer intervenção política externa aos agentes propriamente esportivos.

A partir do momento em que a desconfiança sobre a intervenção no jogo, por parte da ditadura, ganhava sustentação narrativa, mesmo carente de provas, alterava-se a relação dos sujeitos com as memórias e experiências do período. A dúvida sobre a validade e honestidade do envolvimento traía os laços afetivos traçados e produzia reações que geraram sentimentos de raiva, culpa e negação. Mais do que o evento em si, são as recordações sobre este que são afetadas. A interferência política passa a poluir a memória e a invalidar a experiência dos sujeitos; o orgulho do envolvimento passa a ser substituído pela sensação de engano e pelo trauma.

As narrativas produzidas sobre o desenrolar esportivo da Copa já não conseguem mais passar incólumes pela ditadura. As locuções políticas sobre a violência e o autoritarismo do regime contaminam os relatos e esvaziam sentidos originalmente traçados pelos sujeitos, de forma a corroborar a perspectiva da eficaz manipulação das massas. Nesse sentido, o contexto histórico adquire um peso fundamental, até mesmo na articulação dos relatos mais simples. A política, no caso o espectro da ditadura, parece contaminar o único elemento que aparentemente passava ao largo de seu controle: o resultado esportivo. Ao tensionar as

⁸⁶² REATO, 2012, s/p.

memórias e as experiências dos sujeitos com o período, as releituras modificam principalmente a relação com a memória da época e produzem um efeito que deslegitima o envolvimento passional, traçado originalmente com o esporte, substituindo-o por uma sensação de farsa. Mais do que falar sobre a própria época em si, a profusão dos relatos e acusações sobre o arranjo da vitória argentina dizem respeito ao tratamento e enquadramento da memória da Copa de 1978, bem como das narrações produzidas e sustentadas socialmente a respeito da ditadura civil-militar, então comandada por Videla, Massera e Agosti.

9.3 ¡ARGENTINA CAMPEÓN!: REIVINDICAÇÕES NARRATIVAS DE UMA VITÓRIA NACIONAL

Após a classificação e a festa que tomou as ruas, todas as atenções se voltavam para a decisão do título contra a Holanda, no dia 25 de junho no Monumental de Nuñez. A partir do lápis de Caloi, Clemente conclamava a torcida, um dia antes, para o momento de uma afirmação popular nacional dos argentinos (Figura 103). Desde as tribunas recheadas e sob a chuva dos característicos papelitos, os argentinos manifestariam globalmente seus traços culturais, sua paixão e envolvimento com o esporte através de um traço singular: sua maneira característica de torcer. Segundo o personagem, a final seria o marco de um “idiosincrazo”, uma asseveração da peculiaridade dos argentinos em sua relação passional com futebol, perante os olhares estrangeiros.

Figura 103 – Mañana damos el idiosincrazo, 20 jun. 1976.



Fonte: CALOI. *Clemente y el mundial*. Buenos Aires: Ediciones del Pájaro y el Cañon, 1978. s/p.

Para a narrativa da pátria hegemônica, a oportunidade de obter o título em casa figurava como a chance de confirmar, no terreno esportivo, a locução de uma nação vitoriosa e reestruturada, que já havia demonstrado sua capacidade de realização diante do mundo, ao

viabilizar o torneio. Era o símbolo da concretização de um “nós” inclusivo, que se contrapunha aos pessimistas, aos apáticos e aos indiferentes à mobilização da “verdadeira” nação argentina, ainda receosos quanto aos rumos do país⁸⁶³. Um discurso que coadunava com a construção narrativa de uma sociedade disciplinada, ordeira e conservadora desejada pelo regime, a qual tanto afirmava sua união ante o mundo quanto se contrapunha e censurava seus detratores, externos ou internos.

Antes de iniciar o jogo, seguiu-se uma breve cerimônia, com bandas marciais e o anúncio nos alto-falantes das autoridades presentes no estádio, com especial ênfase à presença dos membros da junta de comandantes das forças armadas, recebidos com palmas por grande parte do público. A seleção foi recepcionada com festa e milhares de papéis picados, lançados desde as arquibancadas. Clemente consolidava sua vitória definitiva quanto aos papelitos.

Um gol de Kempes colocou os donos da casa na frente no primeiro tempo. Na segunda etapa, a menos de dez minutos para o fim, os holandeses empataram com Dick Nanninga e viram o atacante Rob Rensenbrink, um dos artilheiros do torneio, finalizar uma bola na trave já nos descontos da arbitragem. Com a igualdade, o jogo se dirigiu para a prorrogação. No tempo extra, dois gols, um de Kempes e outro de Bertoni, selaram a vitória e o campeonato em favor dos argentinos. A explosão tomou conta do estádio e permitiu que o enredo do torneio se encerrasse de maneira perfeita para a publicidade do regime: com Videla entregando a taça do torneio a Daniel Passarella (Figura 104).

Figura 104 – Videla entrega a taça ao capitão da seleção argentina.



Fonte: El mundial que le mostramos al mundo. *Somos*, Buenos Aires, n. 93, p. 27-43, jun. 1978. p. 27

⁸⁶³ ROLDÁN, 2007, p. 142-143.

Nem mesmo o icônico Clemente, que havia se descolado minimamente das locuções políticas hegemônicas com sua fala popular, escapou das articulações discursivas da final. No estádio, o painel eletrônico, manejado pela FIFA, reproduziu sua a imagem em diferentes ocasiões (Figura 105). Ao lado, frases dirigidas às arquibancadas: “¡Tiren papelitos muchachos!”; e, com o título confirmado, “¡Argentina Campión!”, com sotaque característico do personagem. A criação de Caloi havia irrompido como uma fala destoante, reivindicando os laços culturais populares com o esporte, contra a regulação do comportamento desejado pelo Estado. Porém, ao final, o discurso oficialista também soube se adequar para absorver a potência massiva da narrativa de Clemente.

Figura 105 – Clemente no painel eletrônico da final: ¡tiren papelitos muchacos!



Fonte: MENOTTI, Cesar. *Como ganamos la Copa del Mundo*. Buenos Aires: Editorial Atlántida, 1978. p. 167.

Uma vez mais, a extasiada torcida argentina tomou as ruas e se aglutinou em peso ao redor do Obelisco, no centro de Buenos Aires. Como ressalta Alabarces⁸⁶⁴, contudo, não era possível delimitar um centro nevrálgico para as manifestações. A festa havia se espalhado por múltiplos espaços nos mais diferentes bairros da cidade, assim como pelo interior do país. Não havia um chamado, uma convocatória para que as pessoas deixassem suas casas e se misturassem à multidão. Nesse sentido, a mobilização se revestia de um caráter espontâneo, no qual a paixão e a alegria deflagradas pela conquista esportiva propiciavam, à revelia de qualquer tipo de organização ou controle estatais, a tomada de um espaço público como lugar de celebração, para uma massa que festejava a si mesma como nação, excluídas as mais distintas compreensões políticas que poderiam ter seus componentes moleculares.

⁸⁶⁴ ALABARCES, 2014, p. 97.

Nesses termos, o assalto das ruas pela população pode ser compreendido, sim, como uma reivindicação legítima de um espaço de manifestação, que irrompia o controle da ditadura. Reconhecer isso, entretanto, não significa pontuar que os momentos de celebração ao redor do selecionado, elo primeiro da representação indentitária massiva naquele momento – ser argentino era torcer pela seleção, não pelo regime –, fossem expressões de oposição ou resistência à ditadura. Antes disso, pareciam delinear um movimento que se afastava da política institucional e de seus problemas, uma oportunidade para a população extravasar sentimentos e emoções com relativa liberdade que a arena político-pública, tal qual havia se configurado nos últimos anos, não lhes proporcionava. Embora a tomada da urbe, enquanto espaço público por excelência, contenha um sentido político, o gesto não buscava aproximações com o governo, mas se distanciar dele ou de qualquer posicionamento.

É justamente por não terem um sentido político definido, favorável ou contrário à ditadura, que os locutores hegemônicos do período, os veículos de mídia coniventes com o regime, puderam propor suas próprias narrativas para o momento. Majoritariamente, com locuções que recuperavam os discursos de ordem e comunhão pátrias convenientes ao *Proceso*.

Nos dias seguintes, os veículos de imprensa reverberavam a conquista do campeonato e ecoavam a ampla celebração massiva. A maioria das capas trazia imagens de Kempes comemorando os gols ou de Passarella com a almejada taça em mãos (Figura 106). Grande parte das abordagens produzidas exaltou, com o mesmo entusiasmo, a seleção de Menotti e o governo militar.

Figura 106 – Capas de *Goles* e *El Gráfico*; capa e contra-capas de *Gente*.



Fonte: *Goles*, Buenos Aires, n. 1539, jun. 1978; *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3064, jun. 1978; *Gente*, Buenos Aires, n. 675, jun. 1978.

Entre as publicações investigadas, *Somos* foi a que fundiu de forma mais contundente, sem qualquer receio ou pudor, a conquista esportiva a um êxito político da ditadura. Sua edição n. 93, datada de 30 de junho, chegou às bancas com uma capa que se tornaria clássica (Figura 107). Na edição que celebrava a vitória argentina, na decisão contra a Holanda, o destaque não foi concedido à taça, aos gols, à vibração dos jogadores, de Menotti ou da multidão. A imagem escolhida foi um close de Videla erguendo os braços na comemoração de um dos gols no estádio. Na parte inferior da foto, uma legenda ditava o tom da abordagem: “los argentinos y el mundial: UN PAÍS QUE CAMBIÓ”⁸⁶⁵.

Figura 107 – Capa de *Somos* n. 93: un país que cambió.



Fonte: *Somos*, Buenos Aires, n. 93, jun. 1978.

Por mais que as autoridades estatais e esportivas – Videla, Lacoste, Merlo, Cantilo –, assim como parte da imprensa, insistissem que um dos maiores méritos do torneio havia sido sua realização sem personalismos, o destaque concedido ao presidente nas fotos e comentários contradizia tais afirmações. Ao eleger o general como símbolo de capa, *Somos* o identificava diretamente com o feito e delimitava quem havia sido responsável pelas mudanças sociais, sedimentadas simbolicamente pelo torneio. Segundo a publicação: “signos inequívocos de

⁸⁶⁵ *Somos*, Buenos Aires, n. 93, jun. 1978.

cambio se observaron en el país con los desbordantes festejos tras la obtención del Campeonato Mundial de Fútbol. La Argentina mostró capacidad de hacer. Ahora debe ganar el Mundial de su futuro como Nación.”⁸⁶⁶

Logo nas primeiras páginas do artigo, a revista trazia uma imagem de Videla em uma das bancadas da Casa Rosada na segunda-feira seguinte a conquista (Figura 108). A legenda explicava que, desde a Plaza de Mayo, lugar por excelência das manifestações políticas no país, o presidente recebeu a saudação de milhares de estudantes. Com um tom antiperonista flagrante, o texto destacava a aprovação popular ao regime brindada pelo mundial: “el gobierno más alejado de prácticas demagógicas recibe el respaldo en estadios y en la calle”⁸⁶⁷. O mesmo episódio foi retratado por outras publicações de *Editorial Atlántida*, como em *Gente* (Figura 108), que se referia assim ao encontro: “el presidente Videla se acerca, se mezcla con ellos, dialoga francamente y sin protocolo. Se habla, claro, de fútbol. Pero ese diálogo tiene mucho que ver con un nuevo país”⁸⁶⁸.

Figura 108 – Videla e os estudantes em *Somos* e *Gente*.



Fonte: Un país que cambió. *Somos*, Buenos Aires, n. 93, p. 8-16, jun. 1978. p. 8-9; Campeones, señor presidente. *Gente*, Buenos Aires, n. 675, p. 86-87, jun. 1978.

A reação da multidão nas ruas era tomada pelo texto de *Somos* como umas das principais provas das mudanças sociais, pelas quais passava o país. Sua análise ressaltava a surpreendente movimentação da população a cada partida, mas submetia a manifestação passional ao imperativo de certa racionalidade e autocontrole das emoções. Uma espécie de afetividade ordeira e civilizada, que demonstrava uma nova mentalidade do argentino ao mundo.

⁸⁶⁶ Un país que cambió. *Somos*, Buenos Aires, n. 93, p. 8-16, jun. 1978. p. 8.

⁸⁶⁷ Ibid., p. 8-9.

⁸⁶⁸ Campeones, señor presidente. *Gente*, Buenos Aires, n. 675, p. 86-87, jun. 1978.

No era la manifestación ruidosa de otros años: todo fue civilizado respetuoso, aún dentro de la mayor euforia que se recuerda en todas las calles del país. Se gritó solamente Argentina, y no otra palabra, nombre o consigna partidaria. No hubo personalismos: hubo fervor nacional. Se agitó la bandera argentina y no la de un club o partido político. Se festejó con sana alegría, sin depredaciones, sin violencia. Todos celebraron la conquista: ricos, pobres, hombres, mujeres, niños, ancianos, funcionarios, obreros, empresarios, hasta los propios extranjeros, que no pudieron sustraerse a un clima que nunca habían vivido.⁸⁶⁹

Somos reverberava a interpretação do mundial como um “feito político”. De certa forma, o êxito corroborava com uma visão já apresentada anteriormente – a exemplo do general Merlo, presidente do EAM’78, que havia repetido esse argumento em várias ocasiões –, a qual, todavia, fora parcialmente questionada. Com a concretização do certame e a profícua atenção popular e midiática, a frase se revitalizava no sentido de pontuar um inequívoco acerto do regime, ao investir na organização do evento como uma atribuição própria. Como grande parte dos veículos de comunicação, *Somos* ressoava esse discurso. Enaltecia o momento como um ponto de viragem, onde o país finalmente dava indícios de que superava os traumas de seu passado recente e podia seguir adiante. Não apenas exaltava o governo, como o elegia como ator central, tanto na tarefa de capitalizar os significados do feito esportivo, quanto de levar a cabo as transformações da sociedade argentina. Sob esse roteiro, cabia à população, como exercício único e necessário de cidadania, manter-se passiva sob a obrigação de manter o sentido de união pátria e o clima favorável a tais transformações – sem protestos e questionamentos.

Importa ahora saber, a ciencia cierta, que hacer para que esta transformación que produjo el Mundial de Fútbol no se pierda, no se diluya. Las obligaciones se repartirían, en todo caso, entre gobierno y ciudadanía. El primero, para no dejar que este flamante capital político, equivalente a un plebiscito para algunos, no quede reducido a un recuerdo más de un hecho único. Y los gobernados para perseverar en esta unidad en torno a la patria, que acaba de salir de una guerra sucia a la que lo arrastro la subversión a casi una década. [...] En última instancia, lo que han traído las manifestaciones tras el logro del campeonato del mundo ha sido el grito fervoroso de paz pronunciado a viva voz por el pueblo, como una nueva derrota para la subversión.⁸⁷⁰

No Brasil, *Veja* também enxergou no êxito da Copa a oportunidade de aproximação das principais lideranças do regime com a população. Reconhecia na realização bem-sucedida do evento um triunfo do governo naquele momento, à parte das discussões pregressas, e salientava o efeito que a festa futebolística havia proporcionado, como uma eficiente “válvula de escape”. Afinal, concedeu aos argentinos “o pretexto ideal para extravasar emoções e

⁸⁶⁹ Un país que cambió. *Somos*, Buenos Aires, n. 93, p. 8-16, jun. 1978, p. 9.

⁸⁷⁰ *Ibid.*, p. 16.

sentimentos de alegria há tempos reprimidos”, sobretudo desde “24 de março de 1976, quando os militares derrubaram o governo de Isabelita Perón”.⁸⁷¹

O semanário informativo também enfatizava a publicidade proporcionada aos militares, especialmente para o general Videla, “principal beneficiário político do caudal de otimismo que se seguiu à conquista da Copa do Mundo”⁸⁷². Porém, mesmo salientando a oportunidade para que o governo, em especial o presidente, capitalizasse a súbita popularidade em favor de seus projetos, a revista refletia que a saída dos argentinos às ruas nesses dias não significava necessariamente a aprovação ao regime, ainda que o sentimento fosse de exortação nacional:

Mas poderia a Junta Militar de Buenos Aires utilizar esse fato como uma aprovação popular a sua atuação? Aqui, a questão é mais complexa – e a resposta é possivelmente não. De qualquer modo, a festa da Copa deixou uma forte impressão. Era como se os argentinos, após verem seu país amargar inúmeras derrotas nos mais variados campos ao longo das últimas décadas – nos desencontros da sua vida política, na decadência econômica e no crescente desprestígio internacional –, tivessem encontrado na conquista do Campeonato Mundial um motivo para recobrar alguma confiança em seu próprio país.⁸⁷³

A atenção concedida ao presidente pôde ser acompanhada também nas páginas esportivas. A edição de *El Gráfico*, que chegou às bancas na primeira semana de julho, trouxe como um de seus grandes destaques uma entrevista exclusiva com o mandatário, realizada pelos diretores da publicação⁸⁷⁴. O conteúdo da entrevista em si não aportava novidades, somente reificava a narrativa oficial do êxito político-esportivo e de comunhão nacional. Em seu editorial, contudo, a revista alegava que a entrevista humanizava o general, pois “detrás de las respuestas del presidente quedaban las respuestas de un argentino más que sufrió, se emocionó y vibro con el triunfo de nuestro equipo”⁸⁷⁵.

Já *Goles*, em uma edição especial lançada ao final de junho, compilava diversas fotos de Videla e dos demais membros da junta, em diferentes momentos durante o torneio (Figura 109). Retratava os cumprimentos do presidente aos jogadores na casa do governo; o festejo dos gols nas tribunas e a saudação à torcida com os polegares para cima; uma visita de Massera e Agosti à concentração. A maior delas, entretanto, reproduzia o aperto de mãos entre o presidente e o treinador logo após a entrega da Copa, ainda no gramado do

⁸⁷¹ CUNHA, Luíz Cláudio. A vitória argentina. *Veja*, São Paulo, n. 512, p. 71-75, jun. 1978.

⁸⁷² Gol do general Videla. *Veja*, São Paulo, n. 513, p. 36-37, jul. 1978. p. 36.

⁸⁷³ Id.

⁸⁷⁴ Segundo assinala a introdução da entrevista, os representantes de *El Gráfico* no encontro foram Ernesto Cherquis Bialo, chefe de redação, Hector Vega Onesime, subdiretor, e Constacio C. Vigil, diretor executivo.

⁸⁷⁵ *El Gráfico*, Buenos Aires, n. 3065, p. 3, jul. 1978.

Os jogadores, campeões, passaram a ser exaltados como celebridades, figurando também motivos de capas e colunas das revistas sociais, com o artilheiro Kempes à frente. Contudo, a maioria das narrativas identificaram em Menotti o grande símbolo daquela seleção. O discurso menottista, já predominante, se estabeleceria definitivamente sob o aval do título inédito e o treinador se converteria em uma referência instantânea, quando o assunto era a modernização e a recuperação do futebol argentino. Entretanto, suas impressões sobre o papel da seleção durante o mundial seguia o mesmo: o futebol havia trazido alegria a “la gente”.

S.: – ¿Qué conclusión saca de los festejos masivos que acompañaron y siguieron al campeonato?

M.: – Yo me siento muy feliz de que el fútbol le haya dado a la gente la posibilidad de juntarse detrás de una misma bandera, sin distinción de clases, ni de ideas políticas, incluso, ni de sexo: realmente me asombro la cantidad inmensa de mujeres que se somaron al festejo. Esta vez el futbol sirvió para que todos fuéramos un poco más felices.⁸⁷⁹

Menotti conservava sua coerência discursiva. À parte de um ou outro elogio à organização do torneio, o treinador mantinha o foco sobre o futebol, afinal entendia, como boa parte dos discursos em voga na época, de que ele servia primeiramente ao povo. Essas impressões pareciam implicitamente em suas falas quando dizia, por exemplo, que “No se puede tomar superficialmente un deporte que tiene la significación que ha demostrado tener el futbol. Después de todo, es la única empresa del país que produce superávit”; ou que “La verdad es que no creo que haya tantas cosas como para andar riéndose todo el día.”⁸⁸⁰. Para Menotti, apesar da proximidade do evento com o regime ou quaisquer apropriações políticas, o futebol havia cumprido esse objetivo.

Hum®, por outro lado, não negou o triunfo, mas colocou em cheque qualquer leitura que tentasse sobrepujar o vínculo passional e massivo do futebol com a população. Em sua segunda edição, em julho, a publicação trouxe o mundial como motivo de várias seções. Já no sumário, ao descrever seu conteúdo, a publicação recordava o entusiasmo coletivo com a seleção, não sem uma tênue referência a sua instrumentalização sob a célebre metáfora do pão e circo.

⁸⁷⁹ César Luis Menotti: “Yo no soy el responsable del éxito”. *Somos*, Buenos Aires, n. 93, p. 60-61, jun. 1978. p. 60.

⁸⁸⁰ Id.

El Mundial nos sacudió y nos hizo temblar las mallas y los shorts, como a todo el mundo. Hicimos algunos intentos de tomar el asunto con frialdad técnica y profesional, pero la media docena frente a Perú se nos subió a la garganta y con lágrimas en los ojos y una pelota en el estómago seguimos así hasta la final.⁸⁸¹

Um dos artigos se debruçou especificamente sobre o desempenho do selecionado argentino. Em um longo texto, *Hum*® questionava o enaltecimento excessivo do extenso trabalho de preparação levado a cabo por Menotti. Ao seu ver, o futebol apresentado pela equipe local não foi diferente daquele observado nos campos do país nos finais de semana. Para a publicação, a vitória da seleção foi resultado da comoção da torcida e da união da equipe durante a competição. Fatores que independiam do tão propalado planejamento menottista:

Pero el entusiasmo prendió en la gente. Sin límites. Con todo el fervor y el amor que se desprende de la identificación con una camiseta. Y creemos que de ahí vinieron las seis pepas a Perú y todo lo demás. De ganas e sacarse de encima las aprendidas clases de “dinámica” y “mecánica”. De dejar la escuelita y la buena letra. El fervor bajo de las tribunas a la cancha y se metió en el arco del Argentino-Peruano Quiroga y del holandés Jongblood tantas veces como se necesitaba. Pensamos que con eso se ganó. Y – ese sí mérito de Menotti – con un grupo (humano, ¿Qué otra cosa se puede ser un grupo de personas?) que se formó a su amparo, como ex buen jugador y canchero para manejarse entre jugadores. Y así nació lo que pareció ser una buena “pandilla”, unida quizás como los Campanelli⁸⁸², necesaria tanto para ganar un campeonato de bancarios cuanto un mundial.⁸⁸³

Embora não fizesse menção à conjuntura do país, sutilmente *Hum*® pontuava uma leitura política e social sobre o futebol. Reconhecia e valorizava sua força afetiva massiva, mas descartava o superdimensionamento de seus significados. Do mesmo modo, ao relativizar o peso do plano de trabalho implementado na seleção, a revista estabelecia um contraponto não só a uma perspectiva corrente, mas também aos esforços narrativos de transformar o trabalho metódico na seleção em uma metáfora do desenvolvimento do país sob os auspícios do *Proceso*. Por mais mobilizadora e empolgante que fosse, a conquista do mundial se restringia a uma magnífica vitória esportiva. *Hum*® não desmerecia o feito, mas chamava a atenção para os limites de seu impacto sobre o quadro sócio-político nacional.

Desde o exílio, parte das lideranças montoneras também propagaram suas leituras sobre a conquista. Em Paris, Horácio Mendizábal, um dos comandantes do *Ejército Montonero*, concedeu entrevista à revista mexicana *Proceso*. O militante alardeava o sucesso

⁸⁸¹ *Hum*®, Buenos Aires, n.2, jul. 1978. p. 9.

⁸⁸² Nome de uma famosa família argentina da ficção, a qual estrelava uma série televisiva homônima no início da década.

⁸⁸³ Argentina Campeón. *Hum*®, Buenos Aires, n. 2, p. 14-15, jul. 1978. p. 15.

da “Ofensiva Táctica Mundial 78”, com mais de 20 operações travadas contra alvos estratégicos sem uma baixa ou a perda de uma arma⁸⁸⁴.

Segundo o relatado na entrevista, para Mendizábal o mundial havia demonstrado que guerrilha montonera não estava aniquilada como pressupunha e alardeava o regime. Mais do que isso, as ações levadas em paralelo à competição delimitavam o intervalo da Copa como um triunfo guerrilheiro na reorganização da luta contra a ditadura:

Nosotros valorizamos la importancia del mundial, analizamos diversas alternativas y decidimos emprender una campaña especial de operaciones. No nos equivocamos: el resultado ha sido que el mundial significó para nosotros un triunfo político, un triunfo militar y un triunfo organizativo.⁸⁸⁵

Em um quadro à parte, a revista reuniu os principais “gols” montoneros durante o torneio, os quais se estenderam desde a distribuição de panfletos e interferências nas transmissões radiofônica e televisiva das partidas – com inserções de mensagem e declarações de suas lideranças, como Mario Firmenich –, até ataques armados contra alvos estratégicos. Entre as ações, destacavam-se os ataques com o lança-foguetes russo RPG-7 à Casa Rosada e à ESMA⁸⁸⁶, um dos principais centros clandestinos de detenção e tortura.

Los Goles del Ejército Montonero Durante el Mundial de Fútbol

9 de JUNIO: Cargas explosivas contra una concesionaria de autos Ika-Renault en el barrio de Palermo y contra la sucursal Recoleta del Banco Nacional de Desarrollo

10 de JUNIO: Disparo de cohete de bazuka RPG-7 contra la Casa Rosada, sede del gobierno El proyectil dio en el blanco

13 de JUNIO: Carga explosiva en el domicilio del secretario general del estado mayor del Ejército argentino, general Reinaldo Bignone Disparo de cohete de bazuka RPG-7 contra el edificio de la Escuela Superior de Guerra del Ejército argentino

15 de JUNIO: Disparo de cohete de bazuka RPG-7 contra la Escuela de Mecánica de la Armada

18 de JUNIO: Disparo de cohete de bazuka RPG-7 contra el edificio del servicio de Informaciones del Ejército Carga explosiva en el domicilio del coronel Adolfo Pandolfi, en Palomar

19 de JUNIO: Disparo de cohete de bazuka RPG-7 contra la Escuela de Policía Cargas explosivas en la central energética del FC Sarmiento y en cabinas de señales de las estaciones Caseros y San Justo

20 de JUNIO: Carga explosiva en el domicilio del secretario de Hacienda, Juan Alemán

21 de JUNIO: Disparo de cohete de bazuka RPG-7 contra el edificio Libertador, sede del Comando en Jefe del Ejército argentino

⁸⁸⁴ PINCHETTI, F. O. En París, habla a Proceso el comandante de los Montoneros. *Proceso*, México, D. F., n. 88, s/p., jul. 1978.

⁸⁸⁵ Id.

⁸⁸⁶ Esse último é rememorado inclusive por militantes presos à época no local. No livro “Montoneros: final de cuentas”, Juan Gasparini, ao lembrar as ações, recordava estar detido na ESMA na ocasião do ataque. GASPARINI, 2008, p. 176.

25 de JUNIO: Disparo de cohete bazuka RPG-7 contra la Escuela de Oficiales de la Policía Federal Argentina.⁸⁸⁷

Apesar da escassa reverberação mídiática dessas ações, Mendizábal tentava afirmar o sucesso da investida montonera, até mesmo como forma de justificar a estratégia de apoio à manutenção do certame na Argentina. Mais do que um discurso externo, era preciso manter os militantes animados e crentes no sucesso da luta revolucionária. Em sua avaliação, apaixonada, o evento havia sido apenas um aquecimento para a Contraofensiva Popular planejada pela fragmentada liderança do movimento. O mesmo quadro que enumerava as intervenções armadas do grupo, ao longo da Copa, reproduzia o seguinte comunicado dirigido a seus correligionários: “Compañeros, la misión fue cumplida Los argentinos demostramos al mundo la calidad de nuestro futbol y la fuerza imparable de esta resistencia popular, convenciendo a la dictadura de que para ellos comenzó la cuenta regresiva”⁸⁸⁸.

Com circulação restrita entre aos quadros montoneros, a edição n. 5 do jornal *Estrella Federal* adotava o mesmo discurso de alento sobre o evento. Mario Firmenich assinava o editorial daquela edição, reivindicando na manifestação massiva da população o sentido de um ato transgressor, resistente à ditadura:

Nosotros ganamos el mundial de fútbol ganando masivamente las calles, gritando toda la alegría y toda la bronca acumulada, en la cara de los policías disfrazados de civiles, con nuestras gloriosas Locas de Plaza de Mayo movilizadas por la Calle Florida, con nuestra consigna Argentina Campeón, Videla al paredón transmitida por televisión, con más de veinte operaciones militares contra los reductos más custodiados de la dictadura y sin interferir en el desarrollo del campeonato. Ellos tuvieron que colarse disfrazados en la gran fiesta del pueblo, ocultando las bayonetas detrás de las corbatas, haciendo coincidir la entrada a la cancha de los miembros de la Junta con la de los equipos como única forma de escuchar aplausos. Ganamos el mundial deportivamente y también políticamente, aunque los escribas a sueldo hayan llenado páginas diciendo que nuestra alegría era la supuesta unidad nacional constituida por la dictadura.⁸⁸⁹

Como transparece o texto de Firmenich, a proposta de locução da organização também buscava canalizar a mobilização proporcionada pelo evento, em vista de seus discursos e objetivos particulares. Uma estratégia que dizia mais sobre a atual situação do grupo, já bastante fragmentado, e da necessidade de manter acesas as expectativas revolucionárias de seu quadro. Por isso mesmo, negar o êxito da ditadura e acusar a manipulação discursiva do certame figuravam como uma das únicas possibilidades no

⁸⁸⁷ Los goles del Ejército Montonero durante el mundial de fútbol. *Proceso*, México, D. F., n. 88, s/p., jul. 1978.

⁸⁸⁸ Id.

⁸⁸⁹ FIRMENICH, Mario. Los desastres en que la dictadura ha sumergido al país ya inundan los despachos militares. *Estrella Federal*, n. 5, p. 3-5, set. 1978. p. 3.

momento. De qualquer modo, sua proposta narrativa, mesmo que restrita, delimitava uma alternativa aos discursos midiáticos hegemônicos. Especialmente para seu escasso público.

Os próximos meses deram continuidade ao clima mundialista. Em 1979, o cineasta Sérgio Renán lançou a película “La fiesta de todos”: uma infame ode à locução oficialista patriótica, aquiescente e conivente com os sentidos delineados pela ditadura para o certame⁸⁹⁰. Muñoz era a voz do torneio; Havelande, Lacoste e Cantillo os homens responsáveis pela organização; e Menotti o articulador maior do selecionado campeão. A população figurava como protagonista: uma massa extasiada, afável e harmônica, que corroborava com a narrativa inclusiva e acrítica delineada pela produção.

Naquele mesmo ano, ocorreu a II Copa do Mundo Juvenil da FIFA, realizada entre o final de agosto e o início de setembro, no Japão. A direção técnica da equipe coube novamente a Menotti, que se manteve à frente do selecionado argentino. Dentro de campo, o grande craque era Diego Maradona que, após ser preterido na lista final de 1978, começava a se consolidar como o principal jogador do país. Ao mesmo tempo, ocorreu a visita da Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA⁸⁹¹, fruto de negociações transcorridas paralelamente aos momentos finais da Copa de 1978, quando se desenvolveu, entre 21 de junho e 1º de julho, a Assembleia Geral da OEA em Washington, nos Estados Unidos, sob forte pressão da política internacional do governo Carter. Novamente, a euforia esportiva conviveu com os olhares atentos sobre as questões dos direitos humanos, cuja ampla publicidade havia sido uma das heranças mais notáveis dos protestos catalisados pelo campeonato de Futebol de 1978.

Como observavam os jornais da época, Las Madres de la Plaza de Mayo, já amplamente conhecidas, davam continuidade a suas súplicas semanais e buscavam o auxílio da Comissão para saber de seus entes desaparecidos. O título veio uma vez mais. Desta vez, contudo, a tomada das ruas não se deu com a mesma espontaneidade de um ano. Desde os microfones, Muñoz fez uma convocatória com um inequívoco sentido político: “Vayamos todos a Avenida de Mayo y demostremos a los señores de la Comisión de Derechos Humanos que la Argentina no tiene lo que ocultar”⁸⁹².

⁸⁹⁰ Em *Fútbol y patria* (2002, p. 130-133) e *Héroes Machos y Patriotas* (2014, p. 90-91), Alabarces visita o filme de Renán e identifica a elaboração de um nós totalizante, reacionário e estereotipante, cujo contraponto, assim como afirmava a publicidade oficial, se localizava entre os detratores internos, os eternos “contras”, céticos com relação ao êxito do evento e da seleção.

⁸⁹¹ A tese de Livia Gonçalves Magalhães aborda de forma mais detalhada a visita da CIDH, em vista do transcurso do torneio juvenil. MAGALHÃES, 2013.

⁸⁹² La convocatória. *Clarín*, Buenos Aires, n. 12044, 8 set. 1979, p. 16.

Os debates e as paixões proporcionadas pela Copa do Mundo de 1978 ainda não haviam se dissipado. Mesmo sob novas leituras e significações, sua narração política, indissociavelmente emotiva e passional, provocava algum eco público na sociedade argentina, ainda fragilizada pela ditadura e assombrada por seus fantasmas. Afinal, como havia dito Clemente à época do torneio, fora a alegria do futebol “¿Qué otra cosa se puede festejar?”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste estudo foi se debruçar sobre as múltiplas narrativas produzidas sobre o futebol no Brasil e na Argentina, no que se refere ao mundial de 1978. A compreensão do futebol enquanto fenômeno sociocultural complexo, próprio aos afetos e indeterminações⁸⁹³, incitou-nos para uma análise temporal mais ampla, que não tomava apenas o curto intervalo de realização do torneio. Se tanto os sentimentos quanto os significados atribuídos à modalidade, como expressão cultural massiva, são frutos de uma construção histórica que não pode ser descolada de seu contexto particular de produção, para analisarmos seus sentidos era necessário atentar para os seus entrelaçamentos sociais e políticos.

Como vimos, ambos os países experimentavam os dissabores autoritários de suas respectivas ditaduras civis-militares, verificando um profícuo histórico de vinculação cultural e emotiva da população com a modalidade desportiva, sobretudo como mecanismo de representação identitária coletiva e nacional. No intervalo investigado, as ditaduras apuraram seus intentos de acercamento do futebol, ao investir diretamente sobre o controle institucional da modalidade. No caso argentino, isso se deu sob duas frentes: as manobras que conduziram Alfredo Cantilo à direção da AFA e a criação do EAM'78. Esta segunda medida delimitou um posicionamento específico com relação à Copa: tomar a sua organização como incumbência própria, de modo a enquadrar o evento a seus propósitos políticos e discursivos.

Ao criar um órgão específico para cuidar do evento, conceder-lhe prerrogativas especiais e atribuir sua direção a representantes das forças-armadas, sobretudo nas figuras de Merlo e Lacoste, o *Proceso de Reorganización Nacional* explicitou seu interesse na realização do evento e, sobretudo, no controle de seus movimentos. Mesmo a FIFA, alocada fora de seu raio de ação autoritário e com quem teria de manter diálogo, teve de ceder parcialmente à iniciativa e adotou uma postura, ao menos, consensual ao governo de Videla. A argumentação de uma decisão política foi evocada em diversos momentos como uma justificativa absoluta, que prescindiria de debates: a relação entre a Copa e a ditadura era pública, e demandava ser reconhecida. Desse modo, o EAM 78 se tornou também um símbolo dessa associação e um importante produtor de narrativas sobre o evento.

As motivações políticas do *Proceso* ecoaram nos discursos em circulação no momento. Dentro de suas fronteiras, o misto do temor e consenso garantia sua primazia sobre os espaços de comunicação. Publicações esportivas, como *El Gráfico* e *Goles*, não só

⁸⁹³ ANSART, 2000; RIBEIRO, 2004; 2012.

reverberaram o discurso oficial como assumiram uma locução favorável à intervenção e em acordo com seus sentidos. Por um lado, tal postura demarcava uma convergência de interesses, pois mesmo antes do golpe já se apresentavam como defensores do certame. Por outro, a manutenção de um discurso perene e praticamente incontestável avalizava sua percepção como espaços de sustentação política e ideológica do governo. Uma postura ainda mais evidente em *Gente e Somos*, cuja notória afinidade ideológica com o regime ecoou na defesa apaixonada do *Proceso* e do mundial, visível, sobretudo, na infame acusação da “campanha anti-argentina” e no discurso que afirmava mostrar a verdadeira faceta do país aos visitantes e jornalistas estrangeiros.

As poucas vozes destoantes naquele momento não necessariamente se opunham à tomada do poder pelos militares, em detrimento da administração peronista. Contudo, viram-se margeadas dos debates abafados entre os veículos de mídia. Na crônica esportiva, Dante Panzeri figurou como principal expoente na contestação da Argentina como sede, mas suas posturas iniciais não se voltavam para a apropriação por parte da ditadura em si. Acusava a falência ético-moral das autoridades, em levar adiante um evento desse porte em um quadro de aguda crise institucional e econômica, uma crítica já estabelecida à gestão pregressa de Isabelita. Uma leitura agravada pelo recrudescimento do *Proceso* e por seu encontro com Lacoste. Contraditoriamente, já em 1978, foi a fala de um dos componentes civis do governo, Juan Alemann, que obteve maior repercussão. O secretário de fazenda ingressou em uma discussão com as lideranças do EAM'78, quanto aos gastos desmedidos e inflacionários, encontrando espaço mesmo entre os veículos de imprensa locais alinhados ao regime.

Paradoxalmente, foi o fato de o campeonato ocorrer sob os auspícios de um governo autoritário, que gerou as maiores brechas para a sua crítica desde o exterior. Diante da amplitude global, massiva e midiática do evento, o governo não possuía condições de bloquear o debate público fomentado a partir do cenário internacional. As denúncias sobre o terror e a opressão se disseminaram junto com a defesa do boicote. Apesar de não atingir o objetivo traçado, a campanha tornou notórios os crimes cometidos pelo Estado, bem como as tensões políticas que permeavam o país. A própria diluição dos questionamentos sob a figura da campanha anti-argentina, atribuída a uma iniciativa terrorista e subversiva, trazia uma circulação mínima do debate entre os meios de comunicação local. Em algumas ocasiões, os veículos de imprensa reconheceram parcialmente os excessos da repressão, ainda que sob a pálida justificativa de uma situação extraordinária de guerra interna contra o terrorismo.

No Brasil, a ação que conduziu à saída de Havelange da CBD e levou à indicação de Heleno Nunes para o cargo, entre 1974 e 1975, delimitou um procedimento novo do

tratamento do futebol. Até aquele momento, desenhara-se uma relação dialética onde também os cartolas haviam se aproveitado das estruturas autoritárias do regime em causa própria, logrando conservar seus lugares específicos de poder. A intervenção aparentava uma ação na contramão do processo de distensão acenado pelo planalto, mas ressoava de acordo com o projeto de institucionalização de longo prazo do regime delineado pela administração Geisel.

Cabe destacar que mesmo nesse cenário não se desenvolveu uma apropriação estática do esporte. Muitos cartolas também souberam se utilizar dessa nova dinâmica em seu favor e das agremiações que representavam. Do mesmo modo, o intento de canalizar o apelo afetivo da modalidade junto às massas de torcedores, como forma de angariar votos e delinear uma base eleitoral, não correspondeu a uma estratégia plena e eficaz como se imaginava. A ingerência do governo sobre o futebol foi recebida com desconfiança e verificou intenso questionamento. Sob os olhares dos articulistas na imprensa, os vínculos afetivos correlatos ao esporte foram empregados como contraponto a tais medidas. A administração de Heleno Nunes foi retratada sob um viés centralizador e autoritário, prejudicial ao futebol nacional, algo que feria a tradição e envolvimento populares com a modalidade.

Na seleção brasileira, tanto Brandão quanto Coutinho se depararam com intensas pressões. Enquanto o primeiro não resistiu a elas, o último conviveu com conjecturas constantes sobre seus conceitos e teorizações, a pouca experiência e, principalmente, o rendimento insatisfatório da equipe, que somente alimentavam as objeções a seu trabalho. Junto a isso, seu histórico como capitão do exército e a ligação estreita com a cúpula da CBD contribuíram para que disseminasse sua narração, como uma amostra da falência do modelo de gestão autoritária e militarizado que cerceava o futebol nacional.

Menotti, por sua vez, se viu envolto por tessituras mais complexas. Embora pleiteasse a modernização da preparação e o planejamento, seu discurso ao redor de *la nuestra* e com o intuito de acercar novamente a seleção de *la gente*, mobilizou o apoio grande parcela da crônica esportiva que incorporou o menottismo como locução predominante. Nos anos que antecederam o torneio, o técnico rosarino se converteu em uma das figuras públicas de maior destaque no país. Entretanto, diante do conturbado quadro sociopolítico e de seus supostos laços com o peronismo e o Partido Comunista, sua postura foi de incorrer na despolitização do esporte, com o intuito de apartar-se das discussões político-públicas. Em acordo com as articulações sensíveis e afetivas da modalidade, o treinador tentou apresentar a seleção como uma representação exclusivamente popular. Mesmo assim, nem o selecionado nem o treinador escaparam da vinculação discursiva com o regime.

O *Proceso* e seus apoiadores, como já havia explorado parcialmente Alabarces⁸⁹⁴, procuraram operacionalizar o futebol e o evento na elaboração de uma narrativa politicamente adequada a seu projeto nação: ordeira, disciplinada e civilizada sob a tutela do governo militar instituído. Uma proposta que buscou suporte no sucesso esportivo do selecionado, principal preocupação da população, mas que se direcionou primeiramente ao evento si, atento a suas potencialidades de locução político-pública, dentro e fora de seu território.

Embora a identificação desse construto imaginário da nação com o Estado fosse latente, sobretudo na redação oficialista argentina, ela não se estabeleceu consensualmente nas fontes investigadas. Algumas das falas, como aquelas verificadas junto aos diferentes ramos de Montoneros e da revista *Hum*®, ou aos representantes da imprensa alternativa brasileira, *Movimento* e *Pasquim*, reivindicavam a leitura de uma representação massiva popular, na qual a signo da nação se dava através do povo e contestava a legitimidade de qualquer intento de apropriação que passasse pelos governos autoritários vigentes.

Como lugar político, o futebol apresentou uma linguagem própria, um conjunto de símbolos e conceitos que não só permitiam a comunicação e mobilização dos indivíduos, como possibilitaram que fosse empregado como mecanismo de crítica ou legitimação social. Foi, sobretudo, esse uso do futebol como linguagem, um signo sensível e passional dentro de uma cultura de massas, que os veículos investigados neste trabalho empregaram em suas apreciações sobre o certame e suas relações políticas e sociais. Nesse processo, a composição disforme das massas apresentada por Canetti⁸⁹⁵, ansiosa pela excitação da descarga, se fez presente, assim como a releitura molecular e espaçada como público⁸⁹⁶, aglutinada através dos canais mídia, observada pela releitura de Sloterdijk⁸⁹⁷.

A correlação do futebol enquanto uma paixão popular, e da Copa do Mundo como um fenômeno massivo, não incorreram em um sinônimo automático de alienação política. Ainda que a instrumentalização por parte dos espaços hegemônicos se fizesse presente, sobretudo nas locuções fomentadas por grande parte dos interlocutores impressos argentinos, também houve significativo espaço para a articulação de leituras contestatórias. De todo modo, tais condições não eram uma produção do esporte em si, mas dos discursos confeccionados sobre ele e a partir de sua mobilização passional.

Uma percepção válida também para as narrações que enalteciam as correlações culturais da modalidade, sua capacidade de aglutinar grandes contingentes da população em

⁸⁹⁴ ALABARCES, 2002.

⁸⁹⁵ CANETTI, 1995.

⁸⁹⁶ TARDE, 2005.

⁸⁹⁷ SLOTERDIJK, 2002.

torno de um sentimento legítimo de pertencimento, mas que questionavam a eficácia política de seu aparelhamento simbólico. No caso de parte significativa da imprensa brasileira investigada, assim como em iniciativas como as propostas de boicote engendradas pelo COBA ou do não-boicote defendido pelo MPM, tornaram-se um importante catalizador de propagação de sua própria crítica e causas políticas particulares.

Embora o foco principal da campanha pelo boicote tenha se dado a partir da porção ocidental do continente europeu, da França em particular, cabe destacar que sua propagação foi sentida de maneira mais efetiva entre os países envolvidos diretamente com a disputa da competição. Nesses espaços, os discursos adotados se utilizavam dos signos mais amplos do futebol, mas delimitaram suas posições específicas a partir de problemas, referências e análises locais, a exemplo do verificado por Marina Franco⁸⁹⁸ em sua investigação sobre a reação dos exilados argentinos na França, em relação ao COBA e outras organizações.

Mesma situação verificada a partir do exemplo do MPM. Alocados no México, o grupo invocou suas próprias referências político-culturais, para se distanciar da proposta de boicote e defender o evento na Argentina, como uma oportunidade única de mobilização política. Em sua perspectiva, a visibilidade promovida pela Copa implicava um abrandamento da violência repressiva. O intento de emular um clima mínimo de legalidade, aos olhos dos visitantes e jornalistas estrangeiros, abriria fissuras à manifestação pública com a possibilidade de denúncia do regime. Aliada a esta leitura, estava a compreensão do futebol como uma paixão popular argentina, em acordo com sua própria tradição peronista, sedimentada sobre a valorização política da afetividade. Isso não significava compactuar com o evento promovido pelo regime, aspecto latente em suas críticas, mas reconhecer o vínculo legítimo da população com o futebol como algo que não poderia ser simplesmente tomado pela ditadura.

Por um lado, a ampla adesão afetiva e passional ao redor do futebol serviu como um catalizador de discursos, que evocava um orgulho pátrio favorável aos interesses do *Proceso de Reorganización Nacional*. Por outro, a indeterminação e o debate sobre seus sentidos contribuiu para publicizar as denúncias sobre as violações aos direitos humanos; para expor as principais chagas da violência repressiva da ditadura⁸⁹⁹; para que Montoneros expusessem suas bandeiras do exílio e reivindicassem o status de uma força ativa e representativa de anseios revolucionários populares. Ou, no Brasil, para que as locuções sobre o futebol

⁸⁹⁸ FRANCO, 2009.

⁸⁹⁹ Com a acusação dos centros de detenção e tortura clandestinos, das prisões, mortes e desaparecimentos. Neste último, com a amplo destaque concedido às Madres de la Plaza de Mayo.

atuassem como um espaço de contestação ao autoritarismo de sua própria ditadura militar, mesmo cerceado por ela.

As declarações e a imagem construída ao redor do atacante Reinaldo, sobretudo nas páginas de *Movimento*, expõem bem esse processo. Com um discurso afinado com o ideário de esquerda em oposição à ditadura, o jogador foi retratado como uma figura resistente, cujas opiniões foram devidamente operacionalizadas entre os veículos de imprensa contrários ao regime. As falas do atacante acusavam até mesmo o entendimento do futebol como “ópio do povo”, mas apesar de sua acidez com relação ao cenário local, praticamente não haviam traços de seus posicionamentos com relação à Copa, à ditadura argentina ou à campanha do boicote. As falas e protestos do jogador, ou sua reverberação na imprensa, restringiram-se aos problemas locais, ainda que as contestações sobre o vizinho fossem conhecidas e divulgadas pelos veículos de imprensa.

Além disso, as diferentes narrações visitadas entre os veículos brasileiros, durante o torneio, produziram análises e aproximações que tensionavam os significados políticos delineados sobre a própria modalidade esportiva, assinalando a necessidade de buscar análises mais complexas do que a relação instrumentalização/alienação. Em grande parte, um debate que repercutia a conjuntura brasileira da época, sob o esfacelamento das bases de apoio ao regime militar e à reorganização de grupos de pressão e oposição da sociedade civil, elementos que impediam a sustentação discursiva e midiática verificada em anos anteriores. Nesse sentido, mesmo com diferenças flagrantes em suas abordagens e posicionamentos político-editoriais, periódicos como *Veja*, *Movimento* e *Pasquim* delinearão pontos de contato no tratamento e discussão do futebol em vista de suas articulações políticas.

Como representante da grande imprensa, *Veja* manteve certo distanciamento em sua abordagem, com críticas mais brandas em consonância com as injunções sobre um processo de redemocratização liberal, de preferência sem grandes sobressaltos ou brechas para manifestações de grupos de esquerda, lideranças sociais e sindicais. Por isso mesmo, sua colocação em relação ao esporte contestava também a aproximação da modalidade por parte dos grupos de esquerda. Já *Movimento* incorporou e reproduziu os discursos das esquerdas, inclusive com discussões que reiteravam a necessidade de uma maior atenção destas com o futebol, diante de seu apelo massivo e popular, algo que teriam negligenciado até o momento. Além disso, com o fim da censura prévia em suas páginas, optou pelo aprofundamento de sua postura combatente à ditadura, a qual também pode ser sentida nas suas abordagens sobre a Copa, a ditadura argentina e as estruturas deficitárias ao futebol nacional.

Já o *Pasquim* se debruçou sobre o tema de forma ampla e variada, através de artigos, notas e, talvez de forma mais original, em suas produções gráficas. Um aspecto no qual pudemos encontrar um diálogo interessante com as produções de *Hum*® e nas tirinhas de Clemente, produzidas por Caloi.

Nesses espaços, o debate político não esteve presente somente no conteúdo das charges, quadrinhos e ilustrações, mas nas diferentes formas e caminhos que seus autores utilizaram para alterar a sensibilidade do leitor pelo impacto visual. Tanto quanto a crítica ao futebol e aos repressivos governos militares brasileiro e argentino, as diferentes formas como os cartuns se debruçaram sobre o certame indicam uma postura política de seus idealizadores sob o aspecto de provocar dissensos, justamente à superfície onde arte e política tomam contato como formas de reconfigurar a experiência sensível comum⁹⁰⁰, sobretudo do leitor/intérprete dessas produções.

Nos casos das revistas brasileira e argentina, a utilização de variadas técnicas por parte de cada cartunista remeteu a diferentes tentativas de construir novas sensibilidades narrativas na percepção dos cartuns, que buscavam satirizar o mundial ou produzir uma reflexão sobre questões latentes em cada país. As capas da primeira edição de *Hum*®, que estampou a mescla entre a Copa e o regime com seu “Menotti de Hoz”, e da edição n. 468 do semanário brasileiro que anunciou o fim da censura à imprensa, em meio a uma espécie de silenciamento promovido pelo futebol, podem ser considerados como dois dos principais exemplos de construção crítica aos respectivos cenários ditatoriais através do tensionamento estético dos signos correlatos ao futebol⁹⁰¹.

Caloi, por sua vez, tecia comentários mais sutis, sem o mesmo intuito de protesto verificado em *Hum*®, por exemplo. Mas dialogava diretamente com a população e reivindicava ao esporte um sentido de mero entretenimento popular, avesso às apropriações e análises políticas. Algo que tanto o afastava das aproximações disciplinadoras do *Proceso*, por vezes ironizadas em suas produções, quanto das perspectivas apresentadas por seus detratores. Na voz popularisca de Clemente, a mobilização proporcionada pela Copa não era nada mais do que uma expressão festiva e idiossincrática eminentemente popular.

Voltando a Rancière, esses exemplos parecem se aproximar de uma postura ética das imagens, com um sentido de reflexão política implícita em sua criação. A despeito de lidarem com diferentes técnicas de confecção e formas diversas de representação das temáticas abordadas, o sentido de crítica política, seja ao futebol, à Copa do Mundo, às ditaduras ou à

⁹⁰⁰ RANCIÈRE, 2011b, p.65.

⁹⁰¹ Figuras 82 e 87.

própria politização da sociedade, permanece como foco central. Entretanto, a proeminência de uma intenção política inicial não significa uma garantia de que o sentido desejado fosse incorporado pelo leitor. Afinal, a própria abundância da experiência estética permite a eclosão de percepções diversas por parte do espectador. O jogo interpretativo faz parte do processo. Retomando as palavras de Rancière, “uma arte crítica é uma arte que sabe que seu efeito político passa pela distância estética. Sabe que este efeito não pode ser garantido, que suporta sempre uma parte indecível”⁹⁰². Sem dúvida, esta multiplicidade crítica e indeterminável se faz notar nas produções gráficas sobre a controversa Copa do Mundo de 1978.

Outro aspecto importante durante o mundial foi a tomada massiva das ruas pelos argentinos. Um gesto que se repetiu ao longo de toda a competição, com intensidade crescente em seus momentos finais. Se, como bradavam os órgãos de imprensa, tratava-se da primeira manifestação legítima de alegria popular desde o golpe de 1976, grande parte da população argentina experimentou uma explosão de sentimentos há muito tempo reprimidos e latentes. Nesse sentido, a paixão esportiva dava vazão a uma manifestação coletiva de exaltação nacional, cujos sentidos políticos não se encontravam racionalmente definidos, mas dispersos e irreconhecíveis na descarga de emoções proporcionada pelo torneio.

Para Diego Roldán, essa expressão serviu aos anseios da ditadura e sua proposta narrativa para o certame, uma espontaneidade regulada que, por mais que tomasse as ruas, espaço público por excelência, não transbordava para além da roteirização já delineada desde a oficialidade⁹⁰³. Essa regulação, contudo, surge mais como um efeito narrativo, que buscava ordenar e recortar os sentidos da festa, produzidos a posteriori e com algum distanciamento por sujeitos que não se encontravam diluídos na massa, do que uma obra da multidão em si. Eram as narrações divulgadas publicamente que buscavam propagar suas interpretações, com a eleição de aspectos a serem exaltados, ocultados ou esquecidos. Mesmo assim, a efemeridade destas mobilizações não nos autoriza a comprovar a efetividade dessas narrações, em captar os sujeitos já dispersos e atentos a suas próprias preocupações, convicções e interesses para além do esporte.

Em algumas leituras, por exemplo, a explosão de afetos e sentimentos ocasionados pelo futebol foi compreendida como uma reposta ao clima de repressão instalado sobre o país, de uma população que se reconhecia como argentina, independentemente de seu sistema autoritário de governo. Por isso, celebrava conquistas proporcionadas pelo esporte, enquanto

⁹⁰² RANCIÈRE, 2011b, p. 84.

⁹⁰³ ROLDÁN, 2007.

uma manifestação cultural própria e espontânea, e não sob os filtros erigidos por atores políticos-institucionais tradicionais, ainda que estes também reivindicassem tais êxitos para si.

É justamente nas narrações e sentidos atribuídos às emoções e aos afetos despertados pelo futebol, que se localizam as conexões com as paixões e sentimentos políticos apresentados por Pierre Ansart. Ao versarem sobre temas comuns, como a identificação e o sentimento de pertença comunitário, a defesa intransigente de uma causa, a adesão e reconhecimento de um grupo ou nação, que verificamos como o esporte, não só dá vazão a manifestações políticas polissêmicas como, por vezes, excita e mobiliza grupos sociais de formas que instituições e discursos políticos tradicionais são, por diversos fatores, incapazes de fazê-lo com a mesma eficácia. Nessas circunstâncias, resta-lhes a disputa dos sentidos, das narrações que reivindicam, a partir das emoções e sentimentos arrolados pelo esporte, um discurso político-público hegemônico, capaz de abafar e sobrepor outras vozes e locuções.

Embora sob contextos autoritários sincrônicos e minimamente similares, entrecruzados pela participação em um mesmo evento – a Copa do Mundo FIFA de 1978 –, as narrações produzidas com relação ao futebol e seus desdobramentos políticos foram bastante distintas entre os dois vizinhos do Cone Sul no recorte investigado. Embora as múltiplas fontes investigadas evocassem um arcabouço afetivo comum, como os sentimentos de pertença e produção de identificações nacionais, os sentidos políticos atribuídos foram bastante distintos, inclusive ao incitar reflexões que se contrapunham ao autoritarismo e violência institucionais, vigentes em ambos os países. Mesmo sob a égide de seus respectivos intentos de ingerência e controle autoritários, o futebol ainda se mantinha como um lugar de disputas políticas que escapava de uma determinação absoluta. Se suas narrações figuravam como lugar de alienação e instrumentalização; ou de mobilização, contestação e debate críticos, isso se deu em vista da gestão de suas articulações sensíveis pelas vozes de seus diferentes narradores.

FONTES

Periódicos argentinos

El Gráfico, Buenos Aires, n. 2936, jan. 1976.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 2937, jan. 1976.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 2940, fev. 1976.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 2942, fev. 1976.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 2946, mar. 1976.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 2947, mar. 1976.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 2948, abr. 1976.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 2954, maio 1976.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 2962, jul. 1976.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 2965, ago. 1976.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 2968, ago. 1976.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 2969, ago. 1976.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 2970, set. 1976.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 2971, set. 1976.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 3008, maio 1977.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 3012, jun. 1977.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 3041, jan. 1978.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 3045, fev. 1978.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 3048, mar. 1978.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 3050, mar. 1978.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 3052, abr. 1978.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 3056, maio 1978.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 3058, maio 1978.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 3061, jun. 1978.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 3062, jun. 1978.
El Gráfico, Buenos Aires, n. extra, jun. 1978.
El Gráfico, Buenos Aires, n. 3065, jul. 1978.

Gente, Buenos Aires, n. 654, fev. 1978.
Gente, Buenos Aires, n. 655, fev. 1978.
Gente, Buenos Aires, n. 664, abr. 1978.
Gente, Buenos Aires, n. 670, maio 1978.
Gente, Buenos Aires, n. 671, jun. 1978.
Gente, Buenos Aires, n. 672, jun. 1978.
Gente, Buenos Aires, n. 674, jun. 1978.
Gente, Buenos Aires, n. 675, jun. 1978.
Gente, Buenos Aires, n. 676, jul. 1978.
Gente, Buenos Aires, n. 676, jul. 1978.
Gente, Buenos Aires, n. 894, set. 1982.
Gente, Buenos Aires, n. 894, set. 1982.

Goles, Buenos Aires, n. 1419, mar. 1976.
Goles, Buenos Aires, n. 1421, abr. 1976.
Goles, Buenos Aires, n. 1425, maio 1976.
Goles, Buenos Aires, n. 1429, jun. 1976.
Goles, Buenos Aires, n. 1441, ago. 1976.

Goles, Buenos Aires, n. 1511, jan. 1978.
Goles, Buenos Aires, n. 1513, jan. 1978.
Goles, Buenos Aires, n. 1515, jan. 1978.
Goles, Buenos Aires, n. 1516, fev. 1978.
Goles, Buenos Aires, n. 1517, fev. 1978.
Goles, Buenos Aires, n. 1518, fev. 1978.
Goles, Buenos Aires, n. 1519, fev. 1978.
Goles, Buenos Aires, n. 1520, jan. 1978.
Goles, Buenos Aires, n. 1526, abr. 1978.
Goles, Buenos Aires, n. 1531, maio 1978.
Goles, Buenos Aires, n. 1532, mai. 1978.
Goles, Buenos Aires, n. 1533, jun. 1978.
Goles, Buenos Aires, n. 1535, jun. 1978.
Goles, Buenos Aires, n. 1537, jun. 1978.
Goles, Buenos Aires, n. 1538, jun. 1978.
Goles, Buenos Aires, n. 1539, jun. 1978.
Goles, Buenos Aires, n. 1542, jul. 1978.

Somos, Buenos Aires, n. 5, out. 1976.
Somos, Buenos Aires, n. 8, nov. 1976.
Somos, Buenos Aires, n. 72, fev. 1978.
Somos, Buenos Aires, n. 74, fev. 1978.
Somos, Buenos Aires, n. 82, abr. 1978.
Somos, Buenos Aires, n. 86, maio 1978.
Somos, Buenos Aires, n. 88, maio 1978.
Somos, Buenos Aires, n. 89, jun. 1978.
Somos, Buenos Aires, n. 90, jun. 1978.
Somos, Buenos Aires, n. 91, jun. 1978.
Somos, Buenos Aires, n. 92, jun. 1978.
Somos, Buenos Aires, n. 93, jun. 1978.
Somos, Buenos Aires, n. 101, ago. 1978.
Somos, Buenos Aires, n. 312, set. 1982.

Chaupinela, Buenos Aires, n. 18, p. 10-12, set. 1975.
Chaupinela, Buenos Aires, n. 20, p. 6, nov. 1975.

Hum@, Buenos Aires, n. 1, jun. 1978.
Hum@, Buenos Aires, n. 2, jul. 1978.

Clarín, Buenos Aires, 12 ago. 1980.
Clarín, Buenos Aires, 8 set. 1979.

Siete Días, Buenos Aires, n. 796, set. 1982.

La Opinión, Buenos Aires, 25 mar. 1978.
La Opinión, Buenos Aires, 23 jun. 1978.

La Prensa, Buenos Aires, 22 jun. 1978.

Periódicos brasileiros

Placar, São Paulo, n. 245, nov. 1974.
Placar, São Paulo, n. 247, dez. 1974.
Placar, São Paulo, n. 249, dez. 1974.
Placar, São Paulo, n. 260, mar. 1975.
Placar, São Paulo, n. 289, out. 1975.
Placar, São Paulo, n. 306, fev. 1976.
Placar, São Paulo, n. 307, fev. 1976.
Placar, São Paulo, n. 308, mar. 1976.
Placar, São Paulo, n. 318, maio 1976.
Placar, São Paulo, n. 319, maio 1976.
Placar, São Paulo, n. 320, maio 1976.
Placar, São Paulo, n. 321, jun. 1976.
Placar, São Paulo, n. 322, jun. 1976.
Placar, São Paulo, n. 323, jun. 1976.
Placar, São Paulo, n. 324, jun. 1976.
Placar, São Paulo, n. 327, jul. 1976.
Placar, São Paulo, n. 328, jul. 1976.
Placar, São Paulo, n. 329, ago. 1976.
Placar, São Paulo, n. 332, ago. 1976.
Placar, São Paulo, n. 335, set. 1976.
Placar, São Paulo, n. 339, out. 1976.
Placar, São Paulo, n. 344, nov. 1976.
Placar, São Paulo, n. 346, nov. 1976.
Placar, São Paulo, n. 347, dez. 1976.
Placar, São Paulo, n. 357, fev. 1977.
Placar, São Paulo, n. 358, mar. 1977.
Placar, São Paulo, n. 360, mar. 1977.
Placar, São Paulo, n. 361, mar. 1977.
Placar, São Paulo, n. 366, abr. 1977.
Placar, São Paulo, n. 373, jun. 1977.
Placar, São Paulo, n. 376, jul. 1977.
Placar, São Paulo, n. 377, jul. 1977.
Placar, São Paulo, n. 378, jul. 1977.
Placar, São Paulo, n. 379, jul. 1977.
Placar, São Paulo, n. 383, ago. 1977.
Placar, São Paulo, n. 384, set. 1977.
Placar, São Paulo, n. 386, set. 1977.
Placar, São Paulo, n. 426, jun. 1978.
Placar, São Paulo, n. 427, jun. 1978.
Placar, São Paulo, n. 490, set. 1979.
Placar, São Paulo, n. 491, set. 1979.

Veja, São Paulo, n. 302, jun. 1974.
Veja, São Paulo, n. 327, dez. 1974.
Veja, São Paulo, n. 330, jan. 1975.
Veja, São Paulo, n. 336, fev. 1975.
Veja, São Paulo, n. 383, jan. 1976.

Veja, São Paulo, n. 393, mar. 1976.
Veja, São Paulo, n. 395, mar. 1976.
Veja, São Paulo, n. 407, jun. 1976.
Veja, São Paulo, n. 424, out. 1976.
Veja, São Paulo, n. 443, mar. 1977.
Veja, São Paulo, n. 444, mar. 1977.
Veja, São Paulo, n. 463, jul. 1977.
Veja, São Paulo, n. 490, jan. 1978.
Veja, São Paulo, n. 500, abr. 1978.
Veja, São Paulo, n. 502, abr. 1978.
Veja, São Paulo, n. 507, maio 1978.
Veja, São Paulo, n. 508, maio 1978.
Veja, São Paulo, n. 509, jun. 1978.
Veja, São Paulo, n. 510, jun. 1978.
Veja, São Paulo, n. 511, jun. 1978.
Veja, São Paulo, n. 512, jun. 1978.
Veja, São Paulo, n. 513, jul. 1978.
Veja, São Paulo, n. 733, set. 1982.

Movimento, São Paulo, n. 47, maio 1976.
Movimento, São Paulo, n. 88, mar. 1977.
Movimento, São Paulo, n. 91, mar. 1977.
Movimento, São Paulo, n. 128, dez. 1977.
Movimento, São Paulo, n. 140, mar. 1978.
Movimento, São Paulo, n. 144, abr. 1978.
Movimento, São Paulo, n. 145, abr. 1978.
Movimento, São Paulo, n. 152, maio 1978.
Movimento, São Paulo, n. 153, jun. 1978.
Movimento, São Paulo, n. 154, jun. 1978.
Movimento, São Paulo, n. 155, jun. 1978.
Movimento, São Paulo, n. 156, jun. 1978.
Movimento, São Paulo, n. 234, dez. 1979.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 11 jan. 1975.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 27 ago. 1975.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16 set. 1976.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 20 ago. 1977.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 21 ago. 1977.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 17 mar. 1978.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 29 mar. 1978.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 11 maio 1978.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 25 maio 1978.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 26 maio 1978.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 8 jun. 1978.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 jun. 1978.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 23 jun. 1978.

Pasquim, Rio de Janeiro, n. 465, maio 1978.
Pasquim, Rio de Janeiro, n. 466, jun. 1978.
Pasquim, Rio de Janeiro, n. 467, jun. 1978.

Pasquim, Rio de Janeiro, n. 468, jun. 1978.
Pasquim, Rio de Janeiro, n. 469, jun. 1978.
Pasquim, Rio de Janeiro, n. 470, jun. 1978.
Pasquim, Rio de Janeiro, n. 471, jul. 1978.

O Estado de São Paulo, São Paulo, 22 jul. 1976.
O Estado de São Paulo, São Paulo, 22 jun. 1978.
O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 jun. 1978.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 21, n. 1251, abr. 1976.
Manchete Esportiva, Rio de Janeiro, n. 34, jun. 1978.

Outros periódicos

Cambio 16, Madrid, n. 324, p. 42-44, fev. 1978.

El Día, México, D. F., 6 jan. 1978.
El Día, México, D. F., 29 jan. 1978.
El Día, México, D. F., 14 fev. 1978
El Día, México, D.F., 15 fev. 1978.

Excelsior, México, D. F., 23 fev. 1978.

Proceso, México, D. F., n. 66, fev. 1978.
Proceso, México, D. F., n. 81, maio 1978.
Proceso, México, D. F., n. 88, jul. 1978.

Documentos diversos

AMNESTY INTERNATIONAL PUBLICATIONS. *Informe de una misión de Amnistía Internacional a la República Argentina*: 6-15 de noviembre de 1976. Barcelona: Editorial Blume, 1977.

AMNESTY INTERNATIONAL. *Amnesty International Report 1978*. London: Amnesty International Publications, 1979.

AMNISTIA INTERNACIONAL SECCIÓN ESPAÑA. *Argentina, sede de los Mundiales de Futbol 1978: torturas, desaparecimientos y muertes*. Espanha, 1978.

Boletín EAM'78, n. 1, nov. 1976.

Boletín EAM'78, n. 2, dez. 1976.

EAM'78. *Argentina*. München: ProSport Verlag für Sport und Kultur, 1978.

Official FIFA-Report World Cup Argentina. Alemanha, 1980.

Movimiento. Órgano del Consejo Superior del Movimiento Peronista Montonero, n.5, jan. 1978.

Consejo Superior del Movimiento Peronista Montonero. *El Movimiento Peronista Montonero frente al mundial 78*. México, 1 mar. 1978.

Estrella Federal, n. 1, maio 1977.

Estrella Federal, n. 4, abr. 1978.

Estrella Federal, n. 5, set. 1978.

CALOI. *Clemente y el mundial*. Buenos Aires: Ediciones del Pájaro y el Cañon, 1978.

LIMA, José Reinaldo. *José Reinaldo de Lima* (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2012. 33 p.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa (1970-2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ADAMOVSKY, Ezequiel. Introducción. In: *Historia de las clases populares en la Argentina*, Buenos Aires: Sudamericana, 2012.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

AGUIRRE ROJAS, Carlos. *Atimanager do mau historiador*. Londrina: EDUEL, 2007.

ALABARCES, Pablo. Do que hablamos cuando hablamos de deporte?. *Nueva sociedade*, 154, p. 74-86, mar. / abr. 1998.

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y Patria: el fútbol y las narrativas de la Nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo, 2002.

ALABARCES, Pablo. “Un destino sudamericano. La invención de los estudios sobre cultura popular en la Argentina”. in. ALABARCES, Pablo e María G. Rodríguez (comps.): *Resistencias y mediaciones. Estudios sobre cultura popular*. Buenos Aires: Paidós, 2008.

ALABARCES, Pablo. *Peronistas, populistas y plebeyos. Crónicas de cultura y política*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2012.

ALABARCES, Pablo. Vinte anos de ciências sociais e esportes, dez anos depois. *Antropolítica*, Niterói, n. 31, p. 17-30, 2. sem. 2011.

ALABARCES, Pablo. *Héroes, machos y patriotas: el fútbol entre la violencia y los medios*. Buenos Aires: Aguilar, 2014.

ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-84)*. Bauru: Edusc, 2005.

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- ANKERSMIT, Franklin Rudolf. *A escrita da história: a natureza da representação histórica*. Londrina: EDUEL, 2012.
- ANSALDI, W.; GIORDANO, V. *América Latina, la construcción del orden: de las sociedades de masas a las sociedades en proceso de reestructuración*. Buenos Aires: Ariel, 2012.
- ANSART, Pierre. Em defesa de uma Ciência Social das paixões políticas. *História: Questões & Debates*. Curitiba, Ed. UFPR, v.17, n. 33, p. 145-162, jul./dez. 2000.
- ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ANSART, Pierre. *La gestion des passions politiques*. Lausanne (Suisse): Editions L'Age d'Homme, 1983.
- ANSART, Pierre. *Los clínicos de las pasiones políticas*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1997.
- AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, imprensa e Estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999.
- ARCHETTI, Eduardo. Estilos y virtudes masculinas en El Gráfico: la creación del imaginario del fútbol argentino. *Desarrollo Económico*, v. 35, p. 419-442, 1995.
- ARCHETTI, Eduardo. *Masculinidades: fútbol, tango y pólo en La Argentina*. Buenos Aires, Editorial Antropofagia, 2003.
- ARCHETTI, Eduardo. El mundial de fútbol de 1978 en argentina: victoria deportiva y derrota moral. *Memoria y Civilización*, n. 7, p. 175-194, 2004.
- ARCHETTI, Eduardo. El Potrero y el Pibe. Territorio y Pertenencia en el Imaginario del fútbol Argentino. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 259-282, jul./dez. 2008.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: forense Universitária, 1995.
- ARENDT, Hannah. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- ARFUCH, Leonor (Org.). *Identities, sujetos y subjetividades*. Buenos Aires: Prometeo, 2005.
- ARENDT, Hannah. *A promessa da política*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- ARMUS, D.; RINKE, S. (Org.). *Del football al fútbol / futebol: historias argentinas, brasileiras y uruguayas en el siglo XX*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vrevuert, 2014.

- BAKHTIN, Mikhail. Introdução. Planteamiento del problema. In: *La cultura popular en la Edad Media y el Renacimiento*. Madrid: Alianza, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade média e no Renascimento*. 3 ed. São Paulo: Editora UNB, 1996.
- BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARROS, Jose D'Assunção. História Política, Discurso e Imaginário: aspectos de uma interface. *Saeculum: revista de História*, João Pessoa, n. 12, p. 128-141, jan./jun. 2005.
- BARROS, Jose D'Assunção. *A Expansão da história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/Difel, 1993.
- BAUMAN, Zigmunt. *Guardabosques* convertidos en jardineros. In: *Legisladores e Intérpretes*, Buenos Aires: UNQ, 1998.
- BAUSO, M. El hombre que se movía enterro. In: PANZERI, D. *Dirigentes, decencia y wines*. Buenos Aires: Sudamericana, 2013.
- BAXANDALL, M. *Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENTIVOGLIO, J.; LOPES, M. A. (Org.). *A Contituição da História como ciência: de Ranke a Braudel*. Petropolis: Vozes, 2013.
- BERLIN, I. *Vico e Herder*. Brasília: Editora da UnB, 1982.
- BETHELL, Leslie (org.). *A América Latina após 1930: Estado e Política*. São Paulo: Edusp, 2009.
- BHABA, Homi. *O local da cultura*. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BLAUSTEIN, E.; ZUBIETA, M. *Decíamos Ayer: la prensa argentina bajo el Proceso*. Buenos Aires: Colihue, 1998.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). *Dicionário de política*. Brasília: Editora UNB, 1998. 2v.
- BOTTOMORE, Tom (Org.). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BOURDE, Guy; MARTIN, Hervè. *As escolas históricas*. Lisboa: Europa-América, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. “Los usos del pueblo”. In: *Cosas dichas*. Barcelona: Gedisa, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOUSQUET, Jean-Pierre. *Las locas de la plaza de mayo*. Buenos Aires: El Cid Editor, 1982.
- BRAGA, José Luiz. O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba. Brasília: UNB, 1991.
- BRAIDOTTI, Rosi. *Sujetos nómades: corporización y diferencia sexual en la teoría feminista contemporánea*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2000.
- BRESCIANI, S. Identidades inconclusas no Brasil do século XX. Fundamentos de um lugar-comum. In: _____; NAXARA, M. (Org.). *Memória e (res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.
- BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (Org.). *Memória e (res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.
- BURKART, Mara. Guillotinas, horcas y verdugos. El terrorismo de Estado en la prensa de humor gráfico de Brasil y Argentina de los años setenta. FOGELMAN, P.; CONTARDO, M. F. (Ed). *Actas electrónicas del II Workshop Argentino-Brasileño de Historia Comparada (II-WAB)*. Buenos Aires: GEHBP Ediciones, 2013. CD-ROM.
- BURKE, Peter (org.). A escrita da história. São Paulo: Unesp, 1992.
- BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.
- BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. 2ª ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.
- CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CAPARRÓS, Martín; ANGUITA, Eduardo. *La voluntad*. Una historia de la militancia revolucionaria en la Argentina. Tomo 3: 1976-1978. Buenos Aires: Planeta, 2013.
- CAPRARO, André Mendes. Identidades Imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX. 374 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; Vainfas, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- CARNOVALE, Vera. *Los combatientes: historia del PRT-ERP*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.
- CASCIOLI, A. *Hum® y la dictadura*. Buenos Aires: Colihue, 2013.

- CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Org.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. p. 17-48.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel. “La belleza de lo muerto: Nisard”. In: *La cultura en plural*, Buenos Aires: Nueva Visión, 1999.
- CHAIM, Aníbal Renan Martinot. *A bola e o chumbo: futebol e política nos anos de chumbo da ditadura militar brasileira*. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Departamento de Ciência Política, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. p. 149.
- CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, p. 97-113, 1994.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. 2ª ed. Lisboa: Difel, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- CHAVEAU, Agnes (Org.). *Questões para história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- CHIARONI, Bruno; KROEHN, Márcio. Onde o esporte se reinventa: histórias e bastidores dos 40 anos de Placar. São Paulo: Primavera editorial, 2010.
- CHINEM, Rivaldo. *Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*. São Paulo: Ática, 1995.
- COMISIÓN Nacional sobre la Desaparición de Personas. *Nunca más*. Buenos Aires: Eudeba, 1985.
- COUTO, Euclides de Freitas. *Jogo de extremos: futebol, cultura e política no Brasil (1930-1978)*. 317 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- COUTO, Euclides de Freitas. A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978). *Recorde: Revista de História do Esporte*, [S.l.], v. 3, n. 1, jun. 2010. ISSN 1982-8985. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/744/685>>. Acesso em: 10 mar. 2016.
- COUTO, Euclides de Freitas. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

- COUTO, Ronaldo Costa. *História indiscreta da ditadura e da abertura*: Brasil: 1964-1985. Rio de Janeiro Record, 1999.
- DA MATTA, Roberto et al. *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1982.
- DEVOTO, Fernando; FAUSTO, Boris. *Argentina – Brasil: 1950-2000: um ensayo de historia comparada*. Buenos Aires: Sudamericana, 2008.
- DOSSE, François. *A história em migalhas: dos annales à nova história*. Ed. rev. Bauru: EDUSC, 2003.
- DOSSE, François. *A história*. Bauru: EDUSC, 2003.
- DOSSE, François. *História e ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2004.
- Dossiê Ditaduras de Segurança Nacional no Cone Sul. *Anos 90*, v. 19, n. 35, 2012.
- DRUMOND, M. da S. Futebol e política na era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (Org.). *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2006.
- DRUMOND, M. O futebol e a política esportiva de Vargas e Perón: um estudo comparado. In: ARMUS, D.; RINKE, S. (Org.). *Del football al fútbol / futebol: histórias argentinas, brasileiras y uruguayas em el siglo XX*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vrevuert, 2014.
- DUHALDE, E. L. *El Estado terrorista argentino*. Buenos Aires: Colihue, 2013.
- DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.
- ELIAS, Norbert. Introdução à Sociologia. Lisboa: Edições 70, 2008.
- FALCON, F. História e Poder. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). *Domínios da História: Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p. 61-89.
- FEATHERSTONE, Mike. A globalização da complexidade: pós-modernismo e cultura do consumo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 32, 1996.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FEBVRE, Lucien. *Combates pela história*. Lisboa: Presença, 1977. 2 v.

- FEIERSTEIN, D. (Org.). *Terrorismo de Estado y genocidio en America Latina*. Buenos Aires: Prometeo, 2009.
- FERRERO, Lia M. Reflexiones acerca del Mundial de Fútbol 1978. In: FRYDENBERG, Julio; DASKAL, Rodrigo. (Org.). *Fútbol, Historia y política*. Buenos Aires: Aurelia Rivera, 2010.
- FERREIRA, Fernando. *Hechos pelota: el periodismo deportivo durante la dictadura militar 1976-1983*. Buenos Aires: Ediciones Al Arco, 2008.
- FICO, C.; FERREIRA, M. de M.; ARAUJO, M. P.; QUADRAT, S. V. (orgs.). *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- FICO, Carlos. Além do Golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- FICO, Carlos. Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.
- FICO, Carlos. Violência, trauma e frustração no Brasil e na Argentina: o papel do historiador. *Topoi*. Revista de História, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 239-284, jul./dez. 2013. Disponível em: <www.revistatopoi.org>. Acesso em: 25 jun. 2014.
- FICO, Carlos; FERREIRA, Marieta de Moraes; ARAUJO, Maria Paula; QUADRAT, Samantha Viz. (Org.). *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- FILHO RODRIGUES, Mário. O negro no futebol brasileiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- FLAX, J. *Psicoanálisis y feminismo: pensamientos fragmentários*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.
- FLORENZANO, José Paulo. Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2008.

- FRANCISCHINI, Sandro Luis Montanheiro. *Campeonato brasileiro de futebol e a esportificação do futebol profissional (1971-1979)*. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FRANCO, Marina. Derechos humanos, política y fútbol. *Entrepasados*, ano 14, n. 28, p. 27-46, Buenos Aires, 2005.
- FRANCO, Marina. *El Exílio: argentinos en Francia durante la ditadura*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008.
- FRANCO, Marina. *Un enemigo para la nación: orden interno, violencia y “subversión”, 1973-1976*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.
- FREITAG, B.; ROUANET, S. P. (Org.). *Habermas: sociologia*. São Paulo: Ática, 1993.
- FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2007.
- FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FRYDENBERG, Julio. Prácticas y valores en el proceso de popularización del fútbol. *Entrepasados*, Buenos Aires, n. 12, 2007.
- FRYDENBERG, Julio; DASKAL, Rodrigo. (Org.). *Fútbol, Historia y política*. Buenos Aires: Aurelia Rivera, 2010.
- GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GASPARINI, Juan. *Montoneros: final de cuentas*. La Plata: De la Campana, 2008.
- GASPARINI, Roberto; PONSICO, José Luiz. *El director técnico del proceso*. Buenos Aires: El Cid, 1983.
- GASTALDO, Édison. *Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.
- GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni Lahud. (orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIGLIO, S. S.; SPAGGIARI, E. A produção das Ciências Humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). *Revista de História*. São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010.
- GILBERT, Abel; VITAGLIANO, Miguel. *El terror y la gloria: la vida, el fútbol y la política en la Argentina del Mundial 78*. Buenos Aires: Norma, 1998.

- GILLESPIE, Richard. *Soldados de Perón: los Montoneros*. Buenos Aires: Grijalbo, 1998.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GINZBURG, Carlo; CAROTTI, Federico. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GOMBRICH, E. H. *Arte e ilusão, um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- GOMBRICH, E. H. *O arsenal do cartunista*. In: _____ *Meditações sobre um Cavalinho de Pau e Outros Ensaios sobre a Teoria da Arte*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1999.
- GONÇALVES, José Esmeraldo; BARROS, J. A. (Org.). *Aconteceu na Manchete: as histórias que ninguém contou*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2008.
- GOTTA, Ricardo. *Fuimos Campeones: la dictadura, el Mundial 78 y el misterio del 6 a 0 a Perú*. Buenos Aires: Edhasa, 2008.
- GRAMSCI, Antonio. *Observaciones sobre el folklore*. In: *Literatura y vida nacional*, Buenos Aires: Lautaro, 1961.
- GRIGNON, Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Dominomorfismo y dominocentrismo*. In: *Lo culto y lo popular. Miserabilismo y populismo en sociología y en literatura*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.
- GRIMSON, Alejandro (Comp.). *Pasiones nacionales: política y cultura en Brasil y Argentina*. Buenos Aires: Edhasa, 2007.
- GUEDES, S. L. *De criollos a capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil*. In: GASTALDO, E; GUEDES, S. L. (Org.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niteroi: Intertexto, 2006.
- GUTERMAN, M. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.
- HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HABERMAS, J. *O conceito de poder em Hannah Arendt*. In: FREITAG, B.; ROUANET, S. P. (Org.). *Habermas: sociologia*. São Paulo: Ática, 1993.
- HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- HABERT, Nadine. *A década de 70: Apogeu e crise da ditadura militar brasileira*. São Paulo: Ática, 1996.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

- HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da história*. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.
- HELAL, R. Como “eles” nos vêem: futebol brasileiro e imprensa argentina. *Contemporânea*, n.5, p.69-82, 2005.
- HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de Massas no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HOBBSAWM, Eric. RENGGER, Terence (Org.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOBBSAWM, Eric. *Sobre história: ensaios*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HOROWICZ, Alejandro. *Las dictaduras argentinas: Historia de una frustración nacional*. Buenos Aires: Edhasa, 2012.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- HUNT, Lynn (Org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martin Fontes, 1995.
- IGAL, Diego. *Humor Registrado: nascimento, auge y caída de la revista que superó apenas la mediocridade general*. Buenos Aires: Marea, 2013.
- JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2007.
- KOSSELEK, R. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EDUERJ : Contraponto, 1999.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Página Aberta, 1991.
- LAMBERT, Peter; SCHOFIELD, Phillip. *História: introdução ao ensino e à prática*. Porto Alegre: Penso, 2011.
- LE GOFF, Jacques (Org.). *A história nova*. São Paulo: Martins fontes, 2001.
- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.
- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Org.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. 2ª ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011. p. 133-161.
- LEVÍN, Florencia. *Humor político em tiempos de represión*: Clarín, 1973-1983. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2013.
- Libro de oro del Mundial 78*. Künzelsau: Sigloch Edition; Buenos Aires: Bonafide, 1978.
- LLONTO, Pablo. *La vergüenza de todos: el dedo en la llaga del Mundial 78*. Buenos Aires: Ediciones Madres de Plaza de Mayo, 2005.
- LÖWY, Michael. Por um marxismo crítico. *Lutas Sociais*, São Paulo, v. 3, p. 21-30, 1997.
- LUBENOW, J. A. A esfera pública em Jürgen Habermas: para uma reconstrução autocrítica. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, São Paulo, v. 10, p. 103-123, jan. 2007.
- LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- LYOTARD, J. F. *A condição pós-moderna*. 8.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2004.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. 221 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- MALHARRO, Martín; GUISBERTS, Diana López. *La tipografía de plomo: los grandes medios gráficos en la Argentina y su política editorial durante 1976-1983*. La Plata: EPC, 2003.
- MARCZAL, E. S. “O Caneco é nosso”: futebol, política e imprensa entre 1969 e 1970. 347 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martin Fontes, 2001.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2007.

- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, Karl. O 18 de brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, vol. 13, n. 1, p. 133-174, jan./jul. 2005.
- MENAZZI CANESE, Luján. Ciudad en dictadura. Procesos urbanos en la ciudad de Buenos Aires durante la última dictadura militar (1976-1983). *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. [On line]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 10 de febrero de 2013, vol. XVII, nº 429. <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-429.htm>>. [ISSN: 1138-9788]. Acesso em: 20 abr. 2016.
- MOGLIMIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- NAPOLEÃO, Antonio Carlos; ASSAF, Roberto. Seleção Brasileira, 1914-2006. Rio de Janeiro: Mauad X, 2004.
- NAPOLITANO, Marcos. História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.
- NEGREIROS, Plínio. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 39, 2003.
- NORIEGA, Mauricio. *Oswaldo Brandão: libertador corintiano, herói palmeirense*. São Paulo: Contexto, 2014.
- NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina: 1955-2010*. Buenos Aires: Siglo Veinteuno Editores, 2011.
- NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. *A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: do Golpe de Estado à Restauração Democrática*. São Paulo: Edusp, 2007.
- O'DONNELL, G. *El estado burocrático autoritário*. Buenos Aires: Prometeo, 2009.
- ORTIZ, R. A Escola de Frankfurt e a questão da cultura. *Revista Brasileira de Ciências sociais*, São Paulo, v. 1, n. 1, 1986.
- PANZERI, Dante. *Dirigentes, decencia y wines*. Buenos Aires: Sudamericana, 2013.
- PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimentos, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, fundação Getúlio Vargas, n. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

- PROCHASSON, Cristophe. Emoções e política: primeiras aproximações. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 305-324, jul. 2005.
- PUGA, Lidia. El Mundial y la ditadura em los medios gráficos. In: MALHARRO, Martín; GILSBERTS, Diana López. *La tipografía de plomo: los grandes medios gráficos en la Argentina y su política editorial durante 1976-1983*. La Plata: EPC, 2003.
- QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. O Pasquim: embates entre a cultura política e a contracultura. *Revista Eletrônica Cadernos de História*, vol. VI, ano 3, n. 2, p. 218-235, dez. 2008. Disponível em: www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria. Acesso em: 5 ago. 2010.
- QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. O Pasquim: um jornal que só diz a verdade quando esta sem imaginação (1969-1991). *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 31, p. 229-252, jul./dez. 2004.
- QUEIROZ SOARES, Renata Ribeiro Gomes de. Sobre o conceito de história em Walter Benjamin. *Vértices*, Campos dos Goytacazes/ RJ, v. 14, n. 1, p. 93-102, jan./abr. 2012.
- RAFFIN, M. *La experiencia del horror: subjetividad y derechos humanos en las dictaduras y postdictaduras del Cono Sur*. Buenos Aires: Editores del Puerto, 2006.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Ed34, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. *El malestar en la estética*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2011a.
- RANCIÈRE, Jacques. *El espectador emancipado*. Buenos Aires: Manantial, 2011b.
- RANCIÈRE, Jacques. *El reparto de lo sensible*. Buenos Aires: Prometeo, 2014.
- REIS FILHO, D. A.; RIDENTI, M.; MOTTA, R. P. S. (Org.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014a.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. (Coord.). *Modernização, ditadura e democracia: 1964-2010*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014b.
- REIS, José Carlos. *História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- RÉMOND, René. O retorno do político. In: CHAVEAU, Agnes (org.). *Questões para história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 51-60
- RÉMOND, René. Uma história presente. In: _____ (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro; Editora UFRJ, 1996. p. 13-36.

- REVEL, Jaques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- RIBEIRO, Luiz Carlos (org.). *Futebol e globalização*. Jundiaí, SP: Fontoura, 2007.
- RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol e ditadura na América Latina: a experiência do C.O.B.A. *XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e dialogo social*, 2013, Natal. Anais eletrônicos. Natal: UFRN, 2013. Disponível em: <<http://www.snh2013.anpuh.org/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 1 jun. 2014.
- RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol: por uma história política da paixão nacional. *História: Questões & Debates*, Curitiba, Ed. UFPR, n. 57, p. 15-43, jul./dez. 2012.
- RIBEIRO, Luiz Carlos. O futebol no campo afetivo da história. *Movimento*, Porto Alegre, vol. 10, n.3, p. 99-111, set./out. 2004.
- RICOEUR, Paul. *História e verdade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1968.
- RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- ROIZ, Diogo da Silva. A reconstituição do passado e o texto literário: a resposta dos historiadores à 'virada linguística'. *Diálogos*, Maringa, v. 13, n. 3, p. 587-624, 2009.
- ROLDÁN, Diego. La espontaneidad regulada. Fútbol, autoritarismo y nación en Argentina '78. Una mirada desde los márgenes. *Prohistoria*, Rosario, Argentina, ano XI, n. 11, p.125-147, 2007.
- ROLLEMBERG, D.; QUADRAT, S. (Org.). *A construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina*. Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- ROMERO, Luis Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina (1916-2010)*: tercera edición revisada y actualizada. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.
- SABORIDO, Jorge; BORRELLI, Marcelo (Coord). *Voces y silencios: la prensa argentina y la dictadura militar (1976-1983)*. Buenos Aires: Eudeba, 2011.
- SALVADOR, Marco Antonio; SOARES, Antonio Jorge. *A memória da copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. Campinas: Autores Associados, 2009.
- SANTOS, Cecília MacDowel; TELES, Edson; TELES, Janaína de Almeida. (Org.). *Desarquivando a ditadura: memória e justiça no Brasil*, vol I. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores, 2009.

- SANTOS, Daniel Araujo dos. *Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol*. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2012.
- SARLO, B. *Tempo passado*. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.
- SAZBÓN, Diego. “No podía dejar de ir”: el Mundial de 1978 en la perspectiva de los hinchas. In: FRYDENBERG, Julio; DASKAL, Rodrigo. (Org.). *Fútbol, Historia y política*. Buenos Aires: Aurelia Rivera, 2010.
- SCHIAVINATTO, Iara. Henri Berr: a história como vida e valor. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 105-120, ago. 1992.
- SCHINDEL, Estela Carina. *La desaparición a diario: sociedad, prensa y dictadura: 1975-1978*. Villa María: Eduvim, 2012.
- SEBRELI, Juan José. *La era del fútbol*. Buenos Aires: Debolsillo, 1998.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (Org.). *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2006.
- SINGER, Paul. O processo econômico. In: REIS FILHO, D. A. (Coord.). *Modernização, ditadura e democracia: 1964-2010*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- SIQUEIRA, André Ike. SIQUEIRA, André Ike. *João Saldanha: uma vida em jogo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964-1985*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SLOTERDIJK, Peter. *O desprezo das massas: ensaios sobre lutas culturais na sociedade moderna*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- SOARES, Antonio Jorge. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*, Buenos Aires, v.1, p.145-162, 2003.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- TARDE, Gabriel. *La opinión y la multitud*. Buenos Aires: Taurus, 2012.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. São Paulo: Paz e Terra, 1987. 3 v.

- THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2012.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- THOMPSON, Edward Palmer. Lucha de clases sin clases. In: *Tradición, revuelta y conciencia de clase*, Barcelona: Cátedra, 1981.
- ULANOVSKY, Carlos. *Paren las rotativas (1970-2000)*. Buenos Aires: Emecé, 2011.
- VASCONCELLOS, Douglas Vanderley de. *Esporte, poder e relações internacionais*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.
- VEZZETTI, H. *Pasado y presente: guerra, dictadura y sociedad en la Argentina*. Buenos Aires: Siglo Veinteuno Editores, 2012.
- VILAR, Pierre. História marxista, história em construção. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. p. 146-178.
- WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 23-48, 1994.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- WILLIAMS, James. *Pós-estruturalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- YALLOP, David A. *How they stole the game*. Londres: Constable & Robinson Ltd, 2011.
- ZIRALDO. *Zirado n'O Pasquim: só dói quando eu rio*. São Paulo: Globo, 2010.